

**António Lobo
Antunes
Eu Hei-de Amar
uma Pedra**



OBRAS DE António Lobo Antunes

MEMÓRIA DE ELEFANTE, 1979 OS CUS DE JUDAS, 1979 CONHECIMENTO DO INFERNO, 1980 EXPLICAÇÃO DOS PÁSSAROS, 1981 FADO ALEXANDRINO, 1983 AUTO DOS DANADOS, 1985 AS NAUS, 1988 TRATADO DAS PAIXÕES DA ALMA, 1990 A ORDEM NATURAL DAS COISAS, 1992 A MORTE DE CARLOS CARDEL, 1994 O MANUAL DOS INQUISIDORES, 1996 O ESPLendor DE PORTUGAL, 1997 LIVRO DE CRÓNICAS, 1998 EXORTAÇÃO AOS CROCODILOS, 1999 NÃO ENTRES TÃO DEPRESSA NESSA NOITE ESCURA, 2000 QUE FAREI QUANDO TUDO ARDE?, 2001 SEGUNDO LIVRO DE CRÓNICAS, 2002 BOA TARDE ÀS COISAS AQUI EM BAIXO, 2003 , 2004

ANTÓNIO

Obra Completa
Edição *ne varietur*,

ANTUNES

Romance

Estabelecimento do texto por
Graça Abreu
* Edição *ne varietur* de acordo
com a vontade do autor
Coordenação de Maria Alzira
Seixo



Publicações Dom Quixote

Rua Cintura do Porto
Urbanização da Matinha Lote A 2.
C
1900-649 Lisboa Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em
vigor

© 2004, e Publicações Dom
Quixote

Design: Atelier Henrique Cayatte
com a colaboração de Rita Múrias

Revisão: Clara Boléo

1. edição: Outubro de 2004

Depósito legal n. 217 847/04

Paginação: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Guide -
Artes Gráficas

Romance
1.^a edição

**Estabelecimento do
texto por**
Graça Abreu

**Comissão para a
edição *ne varietur***
Agripina
Carriço Vieira
Eunice Cabral
Graça Abreu

Coordenação
Maria Alzira Seixo

PRIMEIRA FOTOGRAFIA

Tenho dois anos e estou ao colo da minha mãe: é um retrato de estúdio assinado Photo Royal Lda a letras em relevo, caprichadas, a cadeira onde nos sentaram servia para os clientes todos, majestosa, de veludilho gasto e cunha de cartão na perna direita, tão alta que os sapatos da minha mãe não alcançavam o soalho

(pés rígidos, quietos, de enforcado)

mudavam o telão do fundo

(uma cena de circo, uma praça de toiros, uma floresta com jibóias e zebras não mencionando as camisolas sem pessoa dos gorilas penduradas nos cabides das árvores por um único braço)

e a cadeira continuava, o telão que desta vez encostaram à parede atrás da gente

(por sinal ficou torto de maneira que metade a desfocar-se)

representava o castelo da Bela Adormecida no pico de um monte, janelas em ogiva, ameias, a Princesa de laçarote no cabelo remando num barquinho de pescar limos no Tejo, existia a marca de um polegar no meu ombro, o empregado

- Qual marca?

16

- Não vejo marca nenhuma

a esfregar com um pano mentindo de novo

- Nem se nota

e a notar-se mais, pintaram de cor-de-rosa o laçarote e de azul os meus calções, um pingo azul no meu joelho, outro no barquinho que parecia nascer-me da orelha

(se a coçasse tirava-o)

cabos eléctricos no chão e a haste do reflector ao canto, imaginava--se alguém a fazer sinais ou a dizer não sei quê junto à câmara porque a boca da minha mãe

- Perdão?

a Photo Royal Lda do Beato e a sua montra de noivas alternando com bebés nus em almofadas, diante do mesmo castelo e do mesmo lago que nós mas num formato maior e sem polegar, com o tempo decifravam-se mal as nossas caras, a boca para os sinais já não

- Perdão?

não boca ainda que a Princesa continue a remar, o pingo no meu joelho dissolvendo-se

(dissolvi-me)

ficou parte da gola e o telão uma névoa, suponho que a Photo Royal Lda uma névoa também, uma névoa o empregado de mãos amarelas dos ácidos que nos arrumou na cadeira, uma névoa o espelho com uma escova e um pente de acertar carrapitos, melenas, o Beato mudado, prédios e prédios a esconderem o rio que o tempo dissolvia igualmente, eu a escorregar da minha mãe e o empregado ajustando lentes, invisível a seguir as caixas, arcos voltaicos, panos, a desordem de porão dos bastidores

-Agente-o madame

na parte do bairro em que morávamos hortazinhas, quintais, adivinhava-se a chuva pela

exasperação das gaivotas, lamentos que procuravam navios e encontravam gasóleo, tinha a certeza que eram as noivas

17

algerozes catando algas das asas, os bebés de nariz para cima e as noivas a enfiarem-lhes pedaços de peixe na goela, sacudidas, grasnando, iam e vinham à tarde sobre os telhados arrastando grinaldas, florinhas brancas, véus e a montra da Photo Royal Lda deserta, as molduras somente, o empregado roído pelos ácidos chamava-as em vão da soleira, os bebés arreganhavam-se de fome nas almofadas de cetim dos ninhos, lembro-me da tarde em que o hidroavião

(ou um albatroz?)

caiu, vinha a planar direito a Cabo Ruivo espreitando alforrecas e nisto a carlinga a arder, as noivas encolhidas de medo no petroleiro persa que se decompunha na margem, passeava-lhe no convés e um eco antigo no qual parentes muito idosos estremeciam

Pimpolho

ou seja senhoras a erguerem-se bengala acima de camarotes na penumbra apontando chávenas de chá

Tu és filho de quem?

perfumes estagnados, escalfetas, novenas, um cacho de bebés na chaminé reclamando os mexilhões da vazante, o empregado da Photo Royal Lda trotava no pontão, o albatroz inclinou-se a suspirar, perdeu um flutuador, uma hélice, topavam-se os passageiros nos vidros de goela aberta e nariz para cima se calhar a agitarem-se por comida também, um rastro de gasolina avançou no lodo incendiando os caniços, Cabo Ruivo um deserto de charcos em cujas ervas se escondiam patos bravos e andorinhas do mar, suspeitava que Alcochete para além do silêncio, uma noiva roçou-nos a janela e logo as parentes muito idosas que escutavam a missa pelo rádio nos camarotes do petroleiro persa

O que é isto?

oliveiras de província que a cidade esquecera, relógios de ponteiros ao longo do corpo desinteressados do tempo, o hidroavião reconheceu um caranguejo porque tombou de unhas de fora numa nódoa de rio despindo-se de sacos, malas, roupa que a enchente trazia e as noivas em torno da roupa provocando-se, discutindo, rasgando tecidos no

18

tirado o retrato num telão assim, quer dizer o petroleiro, as gaivotas e o jipe da Guarda a afugentar os pássaros, o empregado da Photo Royal Lda

- Aguenta o pimpolho madame que lhe escorrega do colo

e de facto eu a descer para o tapete que os sapatos da minha mãe não alcançavam, toda a noite à cabeceira da cama, desabitados, ela cabelo e lençóis e eu percorrendo os lençóis

- Que será feito dos seus pés mãezinha?

ombros que protestavam ao mudar de lugar, talvez olhos debaixo das madeixas mas onde param os olhos, um deles veio a custo do travesseiro até mim desembrulhando-se de pestanas

- Não se pode dormir Jesus Cristo?

principiou a desfocar-se e dúzias de pálpebras, sobrepondo-se, levaram-no, os ombros não protestavam sequer, ancorados

- Tornou-se o petroleiro persa mãezinha?

(o motor dos pulmões a trabalhar em surdina)

qual motor, o petroleiro sem motor, uma camioneta estrangeira desmontou-o, meteu-o na arrecadação e portanto não o motor dos pulmões, cardumes que entravam nela e a deixavam, o empregado da Photo Royal Lda acabando de regular as lentes

- Sente-se bem madame?

o lago, o castelo, a Princesa a remar no barquinho, uma das noivas da montra desatou a sorrir, imensa, no caixilho, pedi-lhe (eu uma fita de líquen)

- Não me coma

as que se mantinham no Tejo abandonaram o pontão e ocuparam a loja, o primo Casimiro pegava-me pela cintura, erguia-me no ar, fazia-me cócegas, zangava-se

(cuidava eu que zangado)

- Estás a rir-te de quê?

depois de o meu pai se ir embora a afastar-nos

- Trambolhos

19

- Não te sujes pimplho

instalava-se no lugar do meu pai a explorar a terrina, a distribuir o almoço, ralhava à minha mãe Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

e Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

o meu pai em casa de novo, à mesa connosco apesar de não ter colher, não ter prato, no sítio onde a minha mãe o interrogava

(ela nesses momentos duas palmas nas bochechas, os olhos iguais às lentes do fotógrafo)

- Porquê?

ao passo que o meu pai não ombros nem olhos, cotovelos que desdenhavam

- Trambolhos

o que ficou dele foi o pincel da barba no lavatório com espuma seca nos pêlos, cruzetas que a minha mãe remexia no armário a questioná-las

- Porquê?

as cruzetas baloiçavam no varão motivos que ninguém entendia, fechávamos-lhes a porta e calavam-se, a minha mãe acabou por deitar o pincel da barba no lixo, gastou eternidades a limpá-lo

(não precisava de ser limpo)

e a pedir-lhe desculpa, imaginava o meu pai a tossir nas tardes de junho e afinal um cano, qualquer coisa na rua, o estalar da mobília, o primo Casimiro devolvia a garrafa ao aparador, as palavras não ganhavam força na boca, pingavam, recolhia-as no lenço que depois de falhar

a algibeira se preocupava no interior do casaco

(o lenço, visto que o primo Casimiro mudo)

- Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

introduziu o cachaço no buraco do telão da Photo Royal Lda com jibóias e zebras, surgiu no retrato a matar uma onça mas o capacete colonial não coincidia com a cabeça, o corpo pintado agachava-se num tronco, uma das pernas gorda e a outra magrinha, o primo Casimiro

20

Magrinha uma gaita pimplho

havia uma rasgadura num lombo de zebra e pela rasgadura os trapezistas do circo, no buraco do segundo caçador, desocupado, um indiano de turbante equilibrava espadas no queixo

(as noivas abandonaram à uma a varanda do engenheiro, num ruído de papel pardo quando um pacote silvou)

no que sobrava do buraco do primo Casimiro uma porção de circo igualmente ou seja uma nesga de foca a jogar com uma bola, qualquer coisa de coelho no focinho da onça, a delicadeza, os dentinhos, a garrafa ergueu-se do aparador indecisa mas com esperança

- Estou bem em África não estou?

nos dias sem clientes o empregado das mãos amarelas, ajudado por uma lata de tinta e uma brocha, dromedários, rinocerontes, carregadores com uniforme de ascensorista de hotel que transportavam baús, o empregado, didático

- É a selva madame

talvez o baú da nossa casa

(com quem dentro?)

que a madrinha da minha mãe ofereceu, visitávamo-la num segundo andar do Jardim Constantino longíssimo do Tejo, sem hidroviões nem noivas, onde a madrinha da minha mãe, ou seja mantas e xales, oculta numa poltrona entre sombras de plantas ou de cantoneiras dado que as cantoneiras se movem também, devagar, à tardinha, um brilho de faiança, sempre o mesmo

(uma terrina presumo eu)

a espreitar-nos ora aí ora acolá, agudo, furtivo

(afirmo que a terrina)

e a afastar-se de nós

(a terrina ou um gato?)

a madrinha da minha mãe uma sombra igual às outras, as mantas sombras, os xales sombras, a voz sombras, uma sombra emergiu das sombras, tornou-se indicador ao encontrar-me, retraiu-se de imediato

ao

21

pedirem uma lata de biscoitos, de sílabas confundidas nas migalhas, no açúcar

- O pimpolho cresceu tanto este ano

(quem morava no nosso baú acontecia achar-me, eu minúsculo no sofá

-Não)

na vizinhança da terrina um castiçal de piano oscilou um momento e adeus, a minha mãe abria o baú e toalhas, fechava-o e uma pessoa que não gostava de mim revolvendo-se na alfazema a desordenar os vincos, os biscoitos pegavam-se às gengivas impedindo-me de respirar, eu encostado de embaraço à minha mãe a pisar-me e a pisar-me

Não me agradeces pimpolho?

para me sentir a mim próprio, certificar-me quem era, não uso as botas do meu pai, uso sandálias

(- Trago calções reparem)

de crescer tanto este ano tornei-me adulto e não me apetece ser adulto, não me conhecerem no Beato

- Não pertences ao bairro

o do baú não sufocado por biscoitos que eu bem o entendia através da alfazema

- Ajuda-me

e se não pertenço aqui a solução é dormir com as noivas na Photo Royal Lda ou nos armazéns do rio, perseguir numa fúria a espuma das traineiras, alimentar os bebés nus, de garganta para cima, que nascem de ovos de tule, a criada do engenheiro a expulsar-me da varanda

- Estragam-me tudo rua

e o castiçal do piano com as falhas de metal a crescerem, discos de ópera em que o tenor e o soprano, amparados a violoncelos, se ameaçavam aos berros lançando um ao outro clarinetes e tubas, as sombras interromperam-se um instante quando o vento bisbilhotou nas cortinas e dei com os arbustos do Jardim Constantino lá fora, o talho carneiros tão despidos nos ganchos, os parentes da camilha em cercaduras

22

Sempre Querido

por baixo a decidirem de mimO que lhe fazemos cunhado?Metemo-lo no baú?Roubamo-lo? acendia-se o candeeiro e eles mascarados de pessoas de dantes, inofensivos, aprisionados no vidro, apagava-se o candeeiro e um frenesim de gabardinas

- Roubamo-lo?

o papel de parede a descolar-se e sob o papel de parede um segundo papel mais escuro, mais na trama, a descolar-se também, retirando-o Lisboa isto é uma senhora a massajar o tornozelo num banco entre árvores, pombos, quer dizer noivos para cá e para lá de mãos atrás das costas, à espera enquanto as gaivotas coscuvilhavam cheiros de vazante no Beato, o lábio da água franzido ao retirar-se e uma franja de detritos penso que muito usada dado que enfeites de caravela, mastros, barricas, as fortunas da índia que não valiam um chavo, no telão que eu mais gostava punha-se o queixo no rebordo de maneira a acertar com um pulôver de ciclista

(o empregado a orientar-nos

- Um palmo para a esquerda cuidado com os pregos)

e pedalava-se uma bicicleta vermelha a caminho da meta com um dos pneus oval à medida que a assistência sem membros nem feições, desenhada a trouxe-mouxe

(uns riscos e pronto)

aplaudia, pedalar para longe na noite em que o primo Casimiro e a minha mãe não existiam, existia o seu joelho, um pé descalço de frente e o primo Casimiro a respirar de costas

(ou o Beato inteiro que fungava por ele, um galho de laranjeira inchando e desinchando, os tropeços do Tejo)

com a gravata aos quadradinhos pendurada da nuca, os objectos estranhos, da mesma cor, do mesmo feitio e estranhos como se não

23

sala para me magoarem, me fazerem mal, a miniatura da Estátua da Liberdade, a jarra, o Santo Expedito que prevenia

Não olhes

e não olhes porquê, aconselhava

Não compreendas

(pedalar muito depressa na bicicleta vermelha) e não compreendas porquê, se lhe perguntasse Não compreendas porquê?

ele a teimar Não compreendas ponto final não posso dizer-te

eu de nariz no guiador, a assistência desenhada a trouxe-mouxe a aplaudir, o empregado da Photo Royal Lda

Ninguém te apanha pimplinho

o sofá fora do lugar, o tapete enrugado e o sofá e o tapete Não compreendas

que mania, eu a aceitar Acabou-se a conversa não compreendo deslarguem-me

ou

-Acabou-se a conversa para que me deslarguem dado que tudo gritava apesar do silêncio e mistérios, segredinhos, cochichos A tua mãe O vosso primo

eu A minha mãe e o nosso primo o quê?

em lugar de me responderem, conversarem comigo, soslaio de condescendência, de pena, isto não unicamente a Estátua da Liberdade e o Santo Expedito, umas notas que a jarra prendia e as notas

A tua mãe rica já viste?

a casa inteira cheia de movimentos, gestos (ela sempre tão quieta, alheada das marés)

a tentar explicar-me alínea por alínea o que eu recusava saber, apetecia-me a bicicleta do telão. a minha cabeça a acertar no o niniver

24

eu lhe tocava, o pé imóvel, não semelhante ao dela e no entanto seu, o galho de laranjeira de que comecei a contar as laranjas na mira que a árvore sem inchar e desinchar, tudo regressado à normalidade de dantes

- Não preciso da bicicleta obrigado

ao passar de seis para sete laranjas o primo Casimiro imóvel por seu turno, uma pupilazinha a dar por mim, espantada primeiro e alerta depois

(continuar com as laranjas, nove, dez, onze) focando-me do vértice da gravata, eu empanado no doze

- Após o doze?

e vazio, atirem-me o número após o doze que coisa, não dezasseis, não dezanove, a laranjeira a auxiliar-me

- Treze

e embora ouvisse

- Treze

quase a alcançar o

- Treze

e a safar-me, eu

- Não consigo

voltar à Photo Royal Lda, declarar ao balcão

- Reflectindo melhor preciso da bicicleta senhor Querubim desculpe

no momento em que o cérebro se me desimpedia e

- Treze

os meus lábios radiantes -Treze

o pé da minha mãe a alargar-se no tapete, felizmente o pé dela (nessa época conhecia-lhe melhor os pés do que a cara) e com o pé o joelho, o resto do corpo a ganhar espessura a partir do joelho, a pupila que faltava ao primo Casimiro a juntar-se à primeira assim Ae ran esnuisitos

25

a gravata não na nuca, direita

(a mãozinha a assegurar-se que a gravata direita)

os objectos não estranhos, nossos

(olá mesa, olá jarra)

um bater de solas aproximando-se rápidas e por azar eram as bielas de uma corveta na margem, não o meu pai que voltava, não me recorde só de

- Trambolhos

recorde-me de canas de pesca na marquise, de tempos a tempos ele para a minha mãe

- Anda cá

e o joelho, e o pé, o meu pai a respirar de costas para mim

(ou o Beato inteiro que fungava por ele)

os objectos diferentes mas menos diferentes que com o primo Ca-simiro, uma parte nossa e uma parte não, o empregado sugerindo-me a bicicleta e eu a hesitar

- Vamos esperar um minuto

o meu pai afastava-se conforme na capoeira da minha avó em Condeixa os galos se afastavam das galinhas sacudindo a papada, nem a miniatura da Estátua da Liberdade nem a jarra

- Não olhes

ocupadas consigo mesmas, naturais, distraídas, o meu pai solitário no pontão com as canas de pesca

(o fumo do cigarro maiorzíssimo que ele)

e a minha mãe a livrar-se da calça e da terra copiando as frangas mal os galos chautinho, examinava-lhe a saia e nem calça nem terra e sem calça nem terra a livrar-se de quê, eu para a franga que se limpava ainda

- Está a livrar-se de quê?

o primo Casimiro um par de pupilas e a gravata direita, um galo de Condeixa sacudindo a papada, eu

- Após o doze?

26

- Treze

sem dificuldade, sem pensar

- Treze

o primo Casimiro a avaliar o dinheiro entalado na jarra e a desistir do dinheiro afiando os esporões, vinte e uma laranjas isto é treze mais oito, nunca mais esqueço, treze, até hoje, se me vem essa noite à ideia, eu

- Treze

sem me fazer cócegas, me pegar ao colo

(tenho dois anos e estou ao colo da minha mãe na Photo Royal Lda)

- Estás a rir-te de quê?

o empregado a espanejar o castelo, desconfiando de mim

- Estás a rir-te de quê se ainda não comecei?

quando não me lembro de rir, lembro-me que sentia medo dos gorilas e das jibóias pintadas, dos crocitos das noivas a invadirem a montra adejando grinaldas, dúzias de noivas porque se calhar a minha mãe e eu uma mancha de gasóleo no Tejo, uma suspeita de enguias, quem me garante que as zebras e os equilibristas indianos não trocaram o cenário pelo reposteiro destinado a impedir a janela, o empregado a sossegar-me

- Nenhuma zebra não vê?

mas as riscas do estore no sobrado, ora brancas ora pretas, disparavam a galope mal o reposteiro ondulou, a traça inventou um olho no tecido e o olho a esverdear-se do Tejo arregalado para mim, o empregado deixou cair o reposteiro procurando enganar-me e ao deixá-lo cair o estore encabritou-se de raiva, o senhor Querubim ciente que a zebra

permanecia na loja

- Qual zebra pimplinho?

a minha mãe tentou ajudar-me e o empregado crucificou-a no espaldar com as mãos amarelas

- Não me estrague a pose madame

27

cabeceira que aumentam na insónia, os ponteiros abertos perdoando, a auréola o círculo dos números, se a minha avó desse por ele em Con-deixa não via as horas, rezava-lhe, até ao degolar a criação continuava a rezar, as caudas abanavam-se eternidades contra o avental, as patas imóveis, os crânios imóveis e as caudas

zuca zuca

tão velozes quanto o moinho da rega, os cabos dos holofotes jibóias vivas à espera ou enguias que as noivas cobiçavam com o baton dos bicos, o primo Casimiro emigrou para a América e chovia, julguei que lágrimas e não lágrimas, chuva no bigode, o perfume de verbena da loção

- Um dia destes volto pimplinho

comigo a pensar volte se lhe der na gana e entretanto seque a chuva com o lenço senhor, dava-me nervoso a tremurazinha do beijo, o não achar a mala, o facto de a poisar quando a achou e as sobrancelhas vibrando

- Juro que um dia destes volto pimplinho

a dirigir-se não a mim, à minha mãe através de mim, fez menção de me pegar ao colo, me fazer cócegas, se espantar

- Estás a rir-te de quê?

buscando engolir a chuva antes que a chuva no queixo, a minha mãe não

- Porquê?

como sucedia com o meu pai, a escapar-se de um abraço que não chegou a abraço, as mangas do primo Casimiro dançaram um momento, vacilaram, desistiram, uma delas roçou na minha mãe, gague-jante, tímida, desceu em espiral, sem acreditar em si mesma, para o cimento do cais

- Jurei que um dia destes voltava

(e eu a amolecer de piedade)

em que pinças desajeitadas de gruas só médio e polegar (a pinça do açucareiro da madrinha da minha mãe assim)

28

naus esquecida num telheiro, justamente a que transportava os condenados à força em Belém, o povo de Portugal, coitado, a sonhar Goas, Brasis, a minha mãe com vontade de voltar para casa seguindo as gaivotas e a propósito de gaivotas o vestido de noiva dela no baú sob fronhas, lençóis, desejando libertar-se de tanto aroma antigo, tanta recordação

(laços, fitas, violetas)

a suplicar

- Pimpolho

eu sem força de abrir o baú e valer-lhe

- A chave do baú mãezinha que o seu vestido pediu-me

a minha mãe arrependida do joelho, do pé, a seguir as gaivotas, faça-me cócegas se o alivia primo Casimiro, não me importo, consinto, corrija o bigode, tire essa gota com o punho da camisa

vá

pergunte de que me estou a rir, não chova, se ao menos a minha mãe uma simpatia, uma mostra de interesse, por exemplo

- Porquê?

um jeitinho mãe tenha paciência, não comece a levar-me, repare nele fingindo que me faz cócegas a assobiar num murmúrio

- Estás a rir-te de quê?

a pegar finalmente na mala no modo como me pegava ao colo e eu pesado, eu grande, ainda magro mas grande, eu isto, as borbulhas do acne, a voz que falha o degrau dos graves e me atraiçoa ao deslizar num agudo, os meus traços incompletos e o castiçal do piano a concordar

- Tu isto pimpolho

deixei de sentir o perfume de verbena e vi-o no portaló esticando e encolhendo os dedos num último belisco, os lábios impossíveis de entender derivado às caldeiras dos barcos, ignoro se

- Estás a rir-te de quê?

se

29

- Tu isto?

em chegando ao Beato mãe não quer pôr o veuzinho, a grinalda, esvoaçar pontão fora na ânsia que o meu pai com o cigarro e as canas de pesca, você desejosa de uma razão

- Porquê?

o primo Casimiro nunca escreveu da América a censurá-la

- Trambolho

não existia sequer, nunca existiu pois não mãe, oferecia-lhe pacotes de broas, ovos de chocolate sem bebés de goela aberta trepidando de fome a romperem a casca, ele a matar uma onça num telão desbotado e a minha mãe, sem pegar no retrato, a observar o meu pai que descia as escadas, que não vai ordenar

- Anda cá

consoante não me apertava o guardanapo ao pescoço nem se ralava comigo, você nenhum aceno para a vigia do pacote mãezinha, o retrato do primo Casimiro na gaveta da lista dos telefones do ano passado, do martelo que se quebrou, das lâmpadas fundidas

- Hei-de atirar fora estas tretas

entregue-o ao senhor Querubim orgulhoso da sua

- Bela obra não acham?

prendendo-o com um polegar que os ácidos roeram, a assinatura Photo Royal Lda caprichada, em relevo, o perfume de verbena do primo Casimiro permanecia em Alcântara entre a sujidade, os vapores, se ao menos pacotes de broas, trotes na escada aos domingos, o bigode feliz

- Ora viva

o dedo da madrinha da minha mãe a emergir comovido das sombras

- O Casimiro é assim

e a terrina

(ou o gato?)

de acordo com ela, se a beijava à despedida um gostozinho porreiro,

30

Sempre Querido

por baixo, em lugar da poltrona a camilha junto aos outros finados, não digaO pimplinho cresceu tanto este ano

madrinha, digaO que lhe fazemos cunhado?Metemo-lo num saco?Roubamo-lo?

se o candeeiro aceso você xaias, rugas aflitas a piscarem na luz, uma pagela em que o rei de uniforme, quase nada portanto, se o candeeiro apagado o escuro a pregar-se de tosse que se despenhava em mim enquanto o castiçal do piano flamejava ternuras

- Pimplinho

o rei não se compreendia onde derivado ao pigarro modificar a posição dos objectos, deu-me ideia que o perfume de verbena connosco e o primo Casimiro a surgir da terrina

- Cucu

para a minha mãe enfadada, o segundo andar do Jardim Constantino cubículos e cubículos nas trevas, o halozito pálido do que seria a cozinha, uma torneira algures

(mais perto, mais distante)

sem se fixar nunca, escutava-se uma gota e ficava-se em pulgas, contando os segundos a suplicar a próxima, a próxima

plac

mais espessa que um figo esmagado descendo de origens inimagináveis muito acima do tecto, ganhando volume enquanto a gota seguinte, lentíssima, principiava a formar-se, o dedo da madrinha da minha mãe vagueava perdido designando sombras

- A vista falha percebes?

a proteger-se com elas amontoando-as sobre os xaias e as mantas

- Cresceu tanto este ano o pimplinho

Apre! a minha mãe

mais alto que o castiçal, o castiçal em baixo ou então com o girar dos meses os móveis sumindo-se devagar no soalho, uma máquina de costura ao fundo passajando o silêncio num compartimento de arrumos

(uma despensa, uma copa?)

o som da máquina quase pegado a nós apesar da distância, monótono, nítido, alinhavando a terrina

(o gato?)

e a uni-los à gente, a madrinha da minha mãe a anunciar

- A minha filha coitada

tão fugidia, tão nervosa

(Quase nem vai à rua sabias?)

no instante em que outra gota e portanto alinhavam a torneira igualmente, a filha com o seu guarda-chuva e a sua malita usada no receio que a mandasse embora porque desde a morte da madrinha da minha mãe eu o responsável, o tutor, eu o dono, a mandasse embora a ela que não morou senão nesta casa em sessenta ou setenta anos de Lisboa

(quase setenta, sessenta e oito anos de Lisboa)

e em sessenta e oito anos de Lisboa se manteve não a costureira em que se tornou depois mas a camponesa de um lugarejo a onze quilómetros de Arganil que não deixou de ser, vestida como uma caricatura das senhoras da cidade para as quais trabalhava

(se é que persistiam senhoras na cidade que lhe dessem trabalho)

a roupa de luto provavelmente oferecida

(ia apostar que oferecida)

e não bem negra, cinzenta ou outrora negra e que o tempo acinzentou, por ter acinzentado lha ofereceram

Toma

e à qual substituiu os botões de madrepérola que faltavam por botões de massa, o brochezinho em forma de coração que lhe cerrava a gola

(talvez presente em estampas remotas e que ninguém traz hoje em

uma caricatura das senhoras da cidade no cabelo dividido ao meio, nos modos

(ademanos delicados de figurinha de consola que se topavam nos balcões de penhores moldando o ar vazio com palmazitas de loiça)

a filha que a madrinha da minha mãe expulsou para o compartimento de arrumos com um postigo de trinco soldado pelo óxido e pelo pânico dos gatunos

(- Nem sonhas a quantidade de ladrões nesta terra pimpolho)

a que faltavam árvores, telhados, somente vidros sujos

um único vidro sujo e após o vidro sujo uma ausência suja também em que alguns melros

sujos em setembro iluminando uma cama

(o empregado da Photo Royal Lda

- Não mexeriques na ficha)

uma espécie de cama, vamos dizer um colchão numas tábuas, a roupa oferecida pelas senhoras da cidade num armariozito sem porta, eu o responsável, o tutor, eu o dono a pensar Não devia ter entrado aqui

a pensar Peço-lhe desculpa por ter entrado aqui?

a decidir Não lhe peço desculpa por ter entrado aqui vou vender esta casa

e ao decidir Vou vender esta casa

a assistir-me a informar a filha

- Até ao fim do mês tem de sair de cá

ela de pé à minha frente com o seu guarda-chuva

(- Seque a chuva do bigode primo Casimiro)

e a sua malita usada, não surpreendida, não furiosa, quando muito tocando no broche a tentar adivinhar quanto dariam por ele no ourives, ciente que nem uma nota, moedas, repetindo no interior do seu espanto

ou seis moedas meu Deus

33

- Ao fim de tanto tempo a pobre

concordando comigo, respondendo que sim, submetendo-se porque o notário na semana anterior, preocupado com um dente que se entendia pelo movimento da língua no interior da bochecha, o universo de repente parado avaliando a gengiva, substituiu a língua pela caneta, solicitou

- Um momento

para a bater no siso de palma adiante da boca

- Um segundo andar no Jardim Constantino faça o favor de assinar nesta linha

enquanto a língua regressava ao trabalho, a caneta se achatava numa cruz a lápis

-Aqui

e a bochecha diminuía no meio de cadernos e pastas semelhantes na textura e na cor ao papel de parede sobre papel de parede da madrinha da minha mãe, o escritório do notário uma divisão de poltronas e sombras em que

(era evidente)

uma máquina de costura

(ou de escrever?)

numa despensa ou numa copa com um postigo de trinco soldado pelo óxido e pelo pânico dos gatunos a que faltavam árvores, telhados, somente vidros sujos

um único vidro sujo uma ausência suja igualmente onde alguns melros sujos em setembro se

é que setembro, se é que melros

- Um segundo andar no Jardim Constantino faça o favor de assinar nesta linha a comprovar o nome que escrevi no papel semelhante (na textura, na cor) ao papel de parede sobre papel de parede da madrinha da minha mãe
- Assinou?

34

começava a funcionar, se percebia que qualquer coisa mudara pela inquietação dos pássaros, a filha interrompia a bainha, fitava-me e um brilho de terrina nos olhos dela

(de terrina ou um gato?)

o empregado junto ao telão da bicicleta

- Não te mexas nem um milímetro agora

a filha um desses frangos ou galinhas ou patos ou noivas que a minha avó em Condeixa afogava nas pernas, saias

(ou caudas?)

contra o avental enquanto o perfume de verbena do primo Casi-miro desaparecia de Alcântara e eu deixava de o sentir, ao colo da minha mãe na Photo Royal Lda, eu dissolvido no postigo em que nem uma árvore, um telhado, somente vidros sujos, um único vidro sujo no qual nenhum mindinho

- O pimpolho cresceu tanto este ano
escreveria o meu nome.

SEGUNDA FOTOGRAFIA

O primo Casimiro teimava que não matou uma onça no retrato que ofereceu à minha mãe: na opinião dele tinha caçado um leão e desafiava qualquer pessoa a garantir que não se tratava de um leão verdadeiro mas de um bicho pintado de cenário de fotógrafo, desafiava qualquer pessoa a sugerir por maldade

- A prova que é pintado está em que nem sequer fizeram as zebras como deve ser quando as zebras perfeitas

(três zebras, uma grande e duas pequenas)

a galoparem com mais patas do que se esperava

(a zebra grande seis)

no capim desbotado, proibia a conversa que uma rasgadura na zebra grande visto que se notava logo

(para quem entende de animais)

não passar de uma listra no lombo, zangava-se com o primeiro que afirmasse que só a cabeça dele autêntica não acertando com o chapéu nem com o corpo, sobrava-lhe buraco à volta, o segundo explorador

- O meu ajudante um rapaz corajoso um herói)

nem cabeça possuía, o buraco apenas e uma das mãos o desenho de três dedos em lugar de cinco, argumentos que apenas mostravam desconhecimento de África, lugar que devora sem piedade os brancos por intermédio de mosquitos, água choca e a intolerância das hienas, a minha mãe habituada ao Tejo e a quem estas noções faltavam designava-lhe uma jibóia na película

- O senhor Querubim enfiou enguias aí?

e esquecia a fotografia na bancada da cozinha, sentíamos as gaivotas na varanda do engenheiro aguardando a maré, algumas, mais distantes, no Bairro da Madre de Deus ou na Calçada do Grilo, dizia-se que deixavam os ovos nas palmeiras do Ateneu e mentira, os ovos nas rachaduras da muralha de forma que à noite, quando o primo Casimiro se despedia da gente, guinchozinhos de criança quase a subirem da água e as fêmeas num rebuliço de asas protegendo-os dos ratos em que o lodo se transforma no escuro, eu guinchozinhos também se me pegava ao colo, mesmo antes das cócegas

(guinchozinhos achava ele, eu nem um guincho, mudo)

e o primo Casimiro a fingir-se espantado

- Estás a rir-te de quê?

a minha mãe nenhum rebuliço de asas, nenhuma curiosidade por nós, a enchente cobria devagar a margem, mais próxima da porta a cada avanço, o primo Casimiro a suspeitar o primo Casimiro com a certeza que a minha mãe a pensar no meu pai, o som da água apagava o dos legumes nas hortas, havia ocasiões em que se me afigurava que uma pessoa (um de nós)

a chorar, atentava-se melhor e afinal o vento no casco do petroleiro, ninguém, um gato ao comprido do muro, as patas mindinhos cautelosos, arredondados de sono, uma andorinha do mar demorou-se no parapeito da marquise olhando para dentro, emitiu uma palavra que

e evaporou-se a desprezar-nos na direcção dos caniços enquanto a minha mãe, de cara numa gota coagulada (uma gota a balbuciar silêncios) continuava

(na impressão do primo Casimiro e pode ser, sei lá) a lembrar-se do meu pai, mal lhe perguntou

- Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

as sobranceiras quase uma sobre a outra a fitarem-no, o resto das feições longe do primo Casimiro, surdas, ele convencido que as sobranceiras o detestavam procurou a garrafa no aparador, ao poisá-la no naperon as sobranceiras no lugar

(um par de cardos)

e a minha mãe a raspar com a unha uma nódoa da blusa detestava-o menos, o primo Casimiro não percebia se a unha raspava a nódoa ou o raspava a ele

(raspava-o a ele)

as sombras refugiavam-se nos quintais com o início do escuro apagando os galhos da laranjeira embora os frutos permanecessem na luz, sete da tarde nos ramos e meio-dia nos frutos, mesmo com os candeeiros acesos um resto de sol ia tremendo neles e continuou a tremer lá em baixo à medida que a minha mãe desdobrava a toalha, o primo Casimiro, para se fazer perdoar, ajudava com os talheres e eu a mirá-la, a mirá-lo, a ter medo do que não vou confessar e contando as laranjas a apontar-lhes o garfo, chegava ao doze e interrompia-me porque a partir do doze um desespero, uma agonia, o garfo suspenso se por acaso dava com as canas de pesca do meu pai contra a parede do fogão onde uma moldura de noiva, igual às da Photo Royal Lda, se recusava a desvanecer, de braço dado com o meu pai que partiu há dez anos no comboio dos emigrantes de Paris e nem uma carta, um postal, o vizinho declarou que o meu pai a sacudir-nos nas escadas

- Trambolhos

não as escadas para o Tejo, as das traseiras, sem corrimão, de que

38

além do qual quintaizinhos, oliveiras, o lugar onde o criaram, primo Casimiro, a ruína da sinagoga lembra-se ou seja um arco e uns calhaus, o meu pai sem se despedir, numa vozita maçada

Trambolhos

e o chapéu a afastar-se no beco, não o casaco que não se distinguia o casaco nem a bagagem, a laranja do chapéu num galho invisível na direcção do eléctrico e da insígnia da pastelaria, o vizinho relatou ao primo Casimiro que a minha mãe de cabelo por alinhar repetindo a meio da escada

Porquê?

vestida de noiva no caixilho da parede, junto às canas de pesca, embrulhada em cetins que lhe atenuavam o espanto não mencionando eu

(o pimplinho)

a somar frutos, a esbarrar no doze, a tentar ultrapassar o doze regressando ao princípio de laranja em laranja, sete, oito, nove, dez, a enervar-me

E agora?

danado comigo na certeza que se chegasse ao treze o meu pai no Beato, na nossa casa ou a fumar no pontão cercado de crocitos, bicos, patas e tudo normal, tudo bem, o Santo Expedito, a Estátua da Liberdade, a jarra de que o primo Casimiro mudava as flores com o meu pai a vigiá-lo e eu a vigiá-los a ambos, substituía a água, aparava caules, dava um retoque às folhas e os móveis da sala menos riscados, mais caros, ao passo que se o fazia depois da recordação do

Trambolhos

e do chapéu no beco dúzias de riscos no verniz e o preço dos móveis o mesmo ou seja continuava a pegar em mim, a fingir que se admirava

Estás a rir-te de quê?

embora nenhum de nós com calma suficiente para acreditar, nesse Zonido.

39

sempre presente a empalidecer-nos a alma, de vez em quando um chuvisco ou o relógio da igreja do Beato a anunciar quartos de hora, o telefone da inválida da cave a batalhar com o silêncio, a ser vencido por ele, a calar-se, a gente igualmente calados num quarto de hora sem fim, eu de boca cheia pegando na lapela do primo Casimiro a anunciar

Treze

e por mais que anunciasse

- Treze

e espreitasse da cortina outras pessoas na rua, nunca o chapéu e a bagagem, outras canas de pesca, ainda que o primo Casimiro se ocupasse da garrafa no aparador percebia a minha mãe a vigiar o pontão como eu, manchas no rio se calhar algas ou decalques de nuvens, a igreja, graças a Deus, decidia-se por um quarto de hora alheado, a garrafa chamava o primo Casimiro e para contrariar a garrafa era ele quem levantava os pratos a observar o arco da sinagoga e o ângulo de parede que os calhaus formavam, recordava-se de oliveiras mais antigas que estas e de haver encontrado uma coruja no orifício de um tronco de expressão aumentada por óculos de que se não viam as lentes e uma espécie de orelhas com pêlos alerta para si, ao entrar na sala esfregando as mãos nas calças

(e detergente, gordura)

julgou entrar numa sala diferente, muito tempo antes, em que a tia pendurava tranças de cebolas em ganchos, um senhor impreciso, de corrente de aço no colete

o avô?

(recordava-se das mãos, não se recordava dos traços)

comia uvas num tripé, a língua da cadela áspera e dura quando lhe lambia as palmas, ao entrar na sala por causa da garrafa no aparador

(o telefone da inválida uma baforada de zanga)

eu de imediato

-Treze

40 I

Alhandra assanhava as gaivotas e o pontão deserto, a muralha deserta, o petroleiro persa sem nenhum albatroz na chaminé, o avô a estender--lhe as uvas do seu canto ou seja bagos minúsculos, o cacho depenado

- Não há maneira de ganhares corpo Casimiro

uma delas, acabadinha de nascer, um ponto verde e eu

- Treze

a defender a minha mãe como se o

- Treze

a salvasse não entendia de quê, isto é pela maneira de me colocar entre eles a desviá-la do primo Casimiro que desde a ida do meu pai nos pagava o aluguer e entalava notas na jarra, diga ao seu avô que ganhou onze quilos de corpo ainda que não pareça, obrigue-o a reparar nas marcas da fivela no cinto, o primo Casimiro não se dando conta que o avô falecido lá atrás no passado, envenenaram a cadela quando você fez oito anos, encontraram-na deitada de

banda nos tomateiros a transpirar cansadíssima, a sua tia chamou-a e reconheceu-vos sem se levantar, a cauda bateu uma ou duas pancadas nos apoios do feijão, escutava-se o comboio pela vinha do francês e o primo Casimiro

- O bicho vai morrer não vai?

não acreditando que alguém, nem mesmo um bicho, morresse em agosto com a serra de Arga azul, borboletas sobre as couves e o moinho parado, não telefonaram ao veterinário, não avisaram a sua avó, esperaram que a cauda batesse de novo e a única coisa que sucedeu foi um pedaço de mandíbula crescer entre os beiços, a pele das costelas retraía-se e dilatava-se sem um ritmo certo, uma borboleta verde

uma borboleta roxa entre borboletas brancas distraiu-o da cadela e cambaleou na vedação, a sua tia picou o animal com uma varinha

(há ocasiões em que nos devíamos picar com uma varinha não é?)

e a varinha, embora não lhe tocasse, contra o seu umbigo também, eu obrigando-o a galgar lustros ao rodear a minha mãe com o braço

Treze

as asneiras avivaram-lhe a memória e ergueuas conforme perdeu-as.

41

(faltavam quatro pás no moinho)

perdeu a cadela, a tia

(devia picar-se com a varinha mais vezes)

a serra de Arga que a ausência do avô apagava, você com a garrafa do aparador na mão e a suspeita que em qualquer ponto da sala onde o candeeiro não chegava o meu pai a reparar-lhe nos gestos na indiferença com que reparava nas canas de pesca, empoleirado num rolo de cordas a fumar, devolver a garrafa ao aparador com o gosto das uvas na boca, não uvas adultas, cor-de-rosa, ácidas

(qual quatro, faltavam cinco pás no moinho, você a descobrir que faltavam cinco pás no moinho)

e o rolo de cordas do meu pai deserto, o casco do petroleiro adornando com a maré num som de ferros doridos, escapei ao tentar pegar-me ao colo, apertar-me a barriga, fingir que se admirava

- Estás a rir-te de quê?

e eu

(ou o meu pai, eu o meu pai)

a abraçar a cintura da minha mãe vigiando-o

-Treze

apesar de nos pagar o aluguer, nos entalar notas na jarra, a sua cauda bateu uma ou duas pancadas no chão, um pedaço de mandíbula cresceu entre os beiços

(ao outro dia moscas, moscas)

as sobrancelhas da minha mãe quase uma sobre a outra a fitarem--no numa expressão de

coruja aumentada por óculos de que se não viam as lentes, no retrato do casamento não na sua companhia porque, quem lhe muda a água das flores, lhe levanta a mesa, se atormenta por ela, a sua tia para o bicho, ao dar fé da mandíbula

- Estás a rir-te de quê?

a pegar-lhe no cachaço não zangada, um sentimento diferente

- Estás a rir-te de quê?

envenena-se uma bola de carne, uma bolacha, a tigela de arroz,

42

- Estás a rir-te de quê?

afigurou-se-lhe que a tia chorava no lagar, se você soubesse de Lisboa nessa altura um petroleiro persa adornava com a maré tal como, depois de eu me deitar e você sozinho com a minha mãe o seu corpo ferros doridos, desistir da garrafa

(a cadela castanha com uma malha cinzenta, na época imaginava-a grande e hoje reconhecia que não grande, uma cadela média

menos que média, uma cadela insignificante, acabou-se)

via-se a colcha da cama quase sempre por compor no compartimento vizinho, o colar que a minha mãe costumava usar na época do meu pai e depois do comboio no puxador da cómoda, o colar para você, com o seu fecho oxidado

- Não sou autêntico pois não?

laranjas nítidas no galho avermelhando o silêncio, o primo Casimiro levantou-se para se ir embora (ou a maré levantou o soalho) decidiu

- Vou-me embora

ao dar com o retrato da noiva na parede, demorou

- Vou-me embora?

lembrou-se que era altura de pagar a renda e sentou-se de novo planeando como tirar o dinheiro da carteira de modo que a minha mãe pudesse simular não ver, foi separando notas tentando perceber--lhes o valor pela espessura, o tamanho e a enganar-se na quantia receoso que eu acordado, à escuta, pronto a abraçar a minha mãe e a recusá-lo

- Treze

à medida que falanges a mais dificultando a escolha

(onde arranjou tantas falanges?)

a mão que não procurava na algibeira perfeita, a mão que você não via uma dúzia de tentáculos independentes de si, extraía-a do casaco para verificar o caso e fora do casaco igual à outra isto é cinco

43

apoiou-a no ombro da minha mãe o ombro logo duro, não a aceitá-lo nem a recusá-lo, quieto, a perna a escapar-se sem mudar de sítio, o tronco a recuar permanecendo imóvel, um botão que se negava, cedia e apesar de ceder continuava fechado, era a pele do retrato que lhe

apetecia tocar, não a da minha mãe, a grinalda, o vestido branco, as flores em lugar da blusa de xadrez do meu pai demasiado grande na fralda, da toalha nos rins a servir de avental, a suspeita que a blusa o vigiava num rolo de cordas com as gaivotas em cima, uma alcofa e duas canas de pesca arrumadas contra a parede nesta casa que apenas existia quando a chuva a obrigava a confessar

Estou aqui

e logo o algeroz, as janelas, o som de arca da laranjeira que se dobrava no vento

(ou eu no meu sono

Treze)

o rio a cauda de uma cadela que os ciganos envenenaram a bater na muralha, a tia para o bicho

- Então?

os caules dos melões de repente tão negros, as vinte falanges da mão direita convergiram por fim a entalar o dinheiro na jarra e a minha mãe à espera no sofá sem ser você que esperava, esperava o chapéu no beco a quem ela

- Porquê?

e um cigarro a abandoná-la, esperava a surpresa do cigarro de volta, o chapéu no cabide ordenando

- Anda cá

e eu não aflito, não

-Treze

não a rodear ninguém com o braço, calado enquanto a chuva tornava os caixilhos presentes, a janela para nós com receio que não acreditássemos no que nos garantia

Sou uma janela não vêem?

44

dos pingos, não grande, diminuto, ora do tamanho de uma pantufa ora do tamanho de uma gota, por vezes uma moeda ou um pires que rodava a direito e a seguir em círculos demorando a achatar-se

- Sou o tecto parei

e o tempo, até então desatento, recomeçava com demasiada pressa envergonhado de se distrair nos quartos de hora da igreja, ao separar-se da minha mãe os olhos dela abertos para lá do primo Casimiro num tempo a que você não tinha acesso senhor, Esmoriz por exemplo onde os pardais, da cor das pedras, se misturavam com elas ao ponto de não se destringar quem pulava na rua, olhos que não o conheciam

nunca o tinham conhecido

(Nunca te conhecemos palavra)

a despedirem-se de si no paquete em Alcântara, esses apitos dos navios que arranham por dentro, essa gente

(esses pardais que borbulham)

e ninguém de chapéu no meio deles, tudo muito pequeno, muito ampliado, muito pequeno de novo, motores que lhe lembravam a casa da cunhada da sua tia no Jardim Constantino com a máquina de costura pie pie ao fundo, um piano adensando sombras

(um dos castiçais quebrado)

que não tocava, a enfeitar, a cunhada para a filha

(a máquina de costura imóvel, um vultozito entre portas)

- O Casimiro é assim

o vultozito evaporou-se das portas e a máquina de costura a suturar-lhe a alegria

- O Casimiro é assim

unindo-a a uma bainha, uma fronha, escutava a cunhada da sua tia mastigando de palma sob o queixo a amparar as migalhas

(você a imaginar que ela indicador apenas e afinal a palma inteira a amparar as migalhas)

ao engolir o xaile deslizava dos ombros e subia outra vez, proibia-o

45

o castiçal ia e vinha no escuro de modo que a casa inteira respirava através dele, isto é a camilha, as fotografias, uma segunda pagela do rei com uma espingarda e um boné de almirante diante de um telão que não representava fosse o que fosse salvo fracturas, manchas, uma legenda impossível de ler, não

Sempre Querido

outra frase mas qual, no quarto da filha

(não bem quarto, um compartimento de arrumos)

o postigo vazio sem telhado nem árvores, talvez melros em setembro numa dessas nuvens com que o verão ao crepúsculo vai desmontando o calor, às quintas-feiras a filha entregava a roupa às clientes e a mudez da máquina de costura aproximava os objectos, tudo melancólico, púido, a terrina a imitar chinesices, o tapete desprovido de franjas, o primo Casimiro sem cumprimentar ninguém nos retratos

(uma rapariga de tranças, um grupo de padres, um cavalheiro de gabardina)

consoante não o cumprimentariam a ele se desembarcasse da América, Alcântara mudada, o Beato mudado, o petroleiro que as marés arrastavam peça a peça

(o casco, os camarotes, os depósitos ociosos)

na direcção da foz, pode ser que as gaivotas idênticas e as andorinhas do mar girando sobre ervitas de pântano tal como se voltasse à serra de Arga um deserto de pinheiros e calhaus que não resistiam ao vento, o que porventura sobrasse da vinha ou da casa

(uma empena, uns azulejos)

junto aos tomateiros secos, o primo Casimiro a apostar que o avô, de colete, a erguer o cacho de uvas

Não há maneira de ganhares corpo Casimiro

pode ser que desembarcando da América as gaivotas e as andorinhas do mar mas provavelmente as gaivotas

(se é que gaivotas ainda)

mais acima, em Cabo Ruivo, e as andorinhas do mar na Trafaria

46

- Estás a rir-te de quê?

o primo Casimiro julgando que uma máquina de costura apenas, onde não podia vê-la, a persistir no escuro, excepto às quintas-feiras quando o segundo andar do Jardim Constantino desabitado, a filha a entregar a roupa as clientes e eu

não eu, um homem que não se lembrava dele sentado na poltrona da sala sem se atrever a mover-se apesar de agora o responsável, o tutor, o dono, observando as silhuetas da minha mãe, do meu pai, encontrando a fotografia que o primo Casimiro ofereceu

(Photo Royal Lda a letras caprichadas, em relevo)

com você a matar não uma onça, um leão e desafiando qualquer pessoa

(- Seja quem for pimpolho)

a dizer-lhe na cara que não se tratava de uma onça

que não se tratava de um leão de cenário

(- A prova que é um cenário está em que não desenharam as zebras como deve ser)

três zebras, duas grandes e uma pequena ou uma grande e duas pequenas

(compreensível que passados tantos anos não se recorde primo Casimiro)

a galoparem na savana até ao fim da imagem e que não lhe viessem com a conversa de uma rasgadura nas zebras grandes

(na zebra grande)

remendada por trás com adesivo e cola

(o senhor Querubim a remendar por trás com adesivo e cola

- Ninguém dá fé Casimiro)

porque se entende logo para os que entendem de animais que nem adesivo nem cola, uma listra do lombo

(as zebras são assim)

a fotografia que a minha mãe não viu, deixou na bancada da cozinha sujeita a espirros de molho com os seus macacos e os seus gorilas autênticos, o ajudante do primo Casimiro sem cabeça a prevenir de

47

Não se chegue demasiado patrão

ele do outro lado do cenário onde mais telões, mais cabos, em cima de um caixote a fim de alcançar o buraco enquanto o senhor Querubim verificava o conserto da zebra

- Não me digas que não parece viva Casimira

o rio a tingir a muralha de limos, devagarinho, lá fora, o leão

(a onça)

o leão

(vá lá)

arremelhado por um foco assustava-o, se você tentasse correr as suas pernas pintadas, que amoleciam num tronco, não se moviam apesar de uma jibóia a aproximar-se gulosa, no caso de pedir

(é um supor)

à minha mãe

- Livra-me desta

a minha mãe nas escadas para o beco sem o ouvir

- Porquê?

a ralar-se não consigo, com um chapéu que a deixava, talvez eu a encontrá-lo primo Casimira, agora que está longe, morreu e não sei que morreu, nunca saberei que morreu, a demorar-se na fotografia, a dar com o seu ajudante

(- Um óptimo rapaz dedicadíssimo a mim)

o leão, os macacos

(disse um leão, reparou?)

e a voltar a moldura no sentido da tarde em que telhados mais modernos alteraram Lisboa depois da sua partida, eu

- Quem é este?

o galho da laranjeira, o meu risinho de surpresa

(- Estás a rir-te de quê?)

ou nada disto, uma voz nas escadas

- Trambolho

e um cisco de cigarro a aguardar no pontão

você morto, a minha mãe morta, se me falasse deste assunto primeiro,

48

Não me lembro não sei

e não me mencione o meu pai que não sei dele também, qual cigarro, qual pontão, não vejo nenhum retrato com uma paisagem de África, vejo imagens desmaiadas que o fotógrafo retocava

(as bochechas, os olhos)

a cor-de-rosa e a azul, tinta da China a inventar sobranceiras e não melros no postigo, as gaiotas do Beato senhor porque do Beato

(os mecanismos da memória, caprichosos)

recordo-me, dos patos numa ilha de caniços, do indicador da madrinha da minha mãe a emergir das sombras

- Cresceu tanto este ano o pimpolho

portanto suba à vontade para o caixote, deixe que o fotógrafo lhe torça a cabeça

- A onça acolá Casimiro mostra que não tens medo sorri

o senhor Querubim viúvo, sempre com um fumo de luto, à tarde, de saquinho de restos de polvo, convocava os gatos

- Bssss bsss

e mal eles se chegavam perseguia-os com um pau

- Detesto-vos

você um retrato entre tantos retratos no segundo andar do Jardim Constantino primo Casimiro, você então

Sempre Querido

você novo percebe, seque o bigode, não chore, de que serve chorar, descanse que não falo mais de si, adeus, se calhar estas marcas de polegares, estas nódoas nas películas são a gente a querer dizer e não pode, você tentando despedir-se da minha mãe e incapaz de abraçá-la, pegar na bagagem

- Não consigo tocar-te

poisar a bagagem a pedir sem palavras

- Deixa-me tocar-te

a minha mãe a afastar-se de si ainda que parada, igualmente sem

49

de modo que você a pegar na bagagem e tão pesado tudo, havia noites

(não sabe explicar bem não é?)

em que ao voltar do Beato o travesseiro, palavra de honra, uma lágrima enorme, a cunhada da sua tia, alarmada

- Não ganhaste corpo Casimiro?

não se lhe percebiam os olhos nem o nariz nem a boca, percebia-se o indicador a preocupar-se consigo, comparando-o com o rei

- Não ganhaste corpo Casimiro

o rei de espingarda também a olhar para acolá porque a manga do senhor Querubim autoritária, firme

- Para acolá majestade

e a majestade a obedecer que remédio, perguntando pelo caminho da boca

- É desta maneira que pretende caro amigo Querubim?

com a ideia no saquinho de restos de polvo e nos insultos aos gatos, o senhor Querubim a esconder-lhe uma prega, a corrigir-lhe a calvície

- Essas costas para trás essa barriga encolhida aprume-se majestade

se houvesse um cacho de uvas por ali aceitava, o inverno em Alcântara e a minha mãe a

arredar-se mais depressa que Lisboa do pacote, não escreveu

(para quê escrever?) garantiu

- Juro que um dia volto pimpolho

e a mala uma lágrima, não você, nenhuma chuva no bigode, a recordação do senhor Querubim perseguindo os gatos com um pau a ordenar-lhe das lentes

- Mostra que não tens medo sorri

você em cima do caixote com receio que uma ripa se quebrasse, de cabeça no buraco do telão notando as zebras, as jibóias, um hipopótamo que se lhe afigurava um sapo, você cego pelas luzes a avançar o

50

(consinto que leão)

a assustar-se e apesar de assustado a encarar um colete que lhe acenava do escuro, provavelmente baloiçando um cacho de uvas depenado de que sobravam bagozitos cor-de-rosa, pontinhos ácidos, verdes, você para o fotógrafo

- Assim?

o fotógrafo contente

- Não perdes com o rei Casimiro

à medida que as gaivotas lá fora, juntando-se à entrada da loja, comiam o seu nome e ao comerem o seu nome o que restava de si, procurar um homem de corrente de aço nos telões do Beato, achá-lo na latada a emendar suportes

- Não tenho nome avô

o seu avô que não sabia escrever e portanto não dava pela falta das letras que as gaivotas levaram, uma consoante, um arabesco de vogal

- O teu nome o quê?

costumava sentar-se no degrau a limpar a testa num pano e nisto veio a carreta dos funerais e pronto, ficaram uns baguitos secos onde o seu avô esteve, um vestígio de sola, você para o vestígio de sola

-Avô

se a sua tia no degrau indignava-se, agarrava-lhe a saia

- É o meu avô não pise

a sua tia a erguer o tornozelo e somente terra em baixo

- Não piso o quê palerma?

a perdigueira farejava a sola, demorava-se um instante, ia à vidinha a trote convocada por um cheiro

(de codornizes, de lebres, de raposas?)

que a mudança do vento trazia, quando a minha mãe veio de Tomar para o Minho você a vê-la correr

(nunca correu para si)

aceitava ameixas, maçãs, não agradecia

51

golpe ou então gostava dela porque esmagava tudo, casca, miolo, a casa da sua tia a três azinhagas da nossa, quer dizer a da sua tia junto à varanda do engenheiro onde as gaivotas dormiam, o Tejo entrava-lhe no sono e afogava o seu avô, você a preveni-lo

- Cuidado com as ondas senhor

e ele desentendido das marés a boiar com os detritos, o seu avô um peixe, uma anémone, um pedaço de petroleiro a soltar-se de banda

- As ondas o quê?

se precisava de escrever pedia que escrevessem por ele, palavras desajeitadas a mancarem no papel, trabalhou na Alemanha e de quando em quando dinheiro, uma notazita estrangeira que tentava alisar sem sucesso

(às vezes sinais do ferro das camisas nela)

a sua tia a pasmar para a nota

- O que se faz com isto?

a deixá-la no envelope, a perdê-la, o primo Casimiro roubou uma delas para a minha mãe

(as palavras inseguras, a lápis, não se compreendiam já, aquelas que não lograva ler não falavam de você

foi o seu nome que as gaivotas levaram)

- Toma

e julgo que a minha mãe teria dito

- Obrigada

se não fosse um chapéu a esperá-la no pontão, o mesmo das fotografias dos noivos junto às canas de pesca, a cunhada da sua tia para si

- Casimiro

o som da máquina de costura tão forte que não lograva ouvi-la, para quê falar se não lograva ouvi-la, você enervado com a poltrona, as mantas

- Não insista estou bem

o indicador a recolher entre sombras, os móveis, se caísse na asneira.

52

(Photo Royal Lda na assinatura impressa pelo senhor Querubim com uma espécie de carimbo)

Casimiro

num dó amarelado que felizmente a máquina de costura anulava, se o fotógrafo com ele uma ordem das lentes, um aceno imperial

Para acolá rapaz

um foco vindo ignorava-se de onde a atravessar-lhe a inexistência das pupilas
(já perdi as pupilas)

Mostra que não tens medo sorri

claro que não tinha medo, os caçadores não têm medo das jibóias, das zebras e por
consequente sorria, o buraco do telão uma corda de enforcar, o senhor Querubim

Uma corda de enforcar como?

e ainda bem que a máquina de costura impediu o senhor Querubim de dar fé do que você
disse primo Casimiro, ainda bem que anulou a chuva em Alcântara, quem por acaso
compreendeuUm dia volto pimplho

enganou-se, qualUm dia volto pimplho

não volta conforme o seu avô não voltou, viajam, andam por fora, nunca têm saudades, de
tempos a tempos

(ou seja quase nunca)

uma nota estrangeira, uma carta, palavras desajeitadas a afirmarem comprei uma casa, montei
um negócio, não tenho tempo de pensar em vocês, no caso do pimplho

supondo que o pimplho

imaginando que o pimplho

apesar de não acreditar no pimplho mas no caso de

(supondo, imaginando que o pimplho)

Primo Casimiro

faço de conta que a máquina de costura ao fundo não permite impede. não nesse cartão, não
me chego a ti, não te pego ao

53Estás a rir-te de quê?

eu não a mangar, sinceroEstás a rir-te de quê?

dado que não me interessas consoante a tua mãe não me interessa, por favor não me lembrem
a cadela nos tomateiros ou um cacho de uvas cor-de-rosa, minúsculas, que não me interessam
também, moro nas traseiras de um restaurante italiano entre gorduras, relentos, um Coliseu de
gesso, caixas de cartolina

(Joe's Pizza)

vazias, metade da insígnia iluminada, a outra metade apagada

(às vezes promete acender-se, foge, regressa, torna a fugir, desiste)

o aquecimento do quarto a estalar em fevereiro toda a santa noite, o rosário que o cozinheiro
antes de mim deixou preso na cama, um compartimento semelhante ao cubículo de arrumos
do Jardim Constantino com um postigo demasiado alto, de trinco soldado pelo óxido e o
pânico dos gatunos

(tão distante do mar)

em que nem telhados nem árvores, não comprei uma casa, não montei um negócio, penso em
vocês acho eu, oiço garças às vezes em Cabo Ruivo, nos pântanos, vejo-as erguerem-se de

pescoço estendido, algumas quase brancas, lilases, castanhas, roçando as asas no lodo, uma delas com uma rã no bico a engolir a rã à medida que sobe, vejo pargos que flutuam de barriga para cima, camarões, lavagantes, se eu de chapéu no pontão, à tarde, sozinho, a mãe do pimpolho correndo para mim a sorrir, eu espantado

- Estás a rir-te de quê?

e ela a ir-se embora ofendida

- O Casimiro que coisa

não dinheiro português, dinheiro americano que hei-de entalar na jarra, cartas com palavras desajeitadas, linhas que se sobrepunham, torciam, o nariz junto à mão a procurar guiá-la, tão hábil para achar a garrafa no aparador e tão aselha com as frases, não apenas o nariz junto.

54

músculos a doerem do esforço, se ao menos conseguisse escrever caprichado, em relevo, depois da última letra um traço que se ia tornando mais grosso a sublinhar as restantes

Photo Royal Lda

o senhor Querubim a mandar-me descer do caixote, a entregar-me o retrato

- Caçaste o teu leão Casimiro

não uma onça pimpolho, que onça, um leão, a juba encarnada e azul

- Um daqueles do deserto conheces?

incisivos como os hamsters e portanto um leão tal e qual, depois de o matar bateu uma ou duas pancadas da cauda, a mandíbula aumentou, a minha tia a picá-lo com a varinha

- Isto um leão?

devia tê-lo entregue no segundo andar do Jardim Constantino para que abaixo da cercadura oval

Sempre Querido

se recordassem de mim e o pimpolho agora o responsável, o tutor, a interrogar-se intrigado Quem és tu?

como se perguntar Quem és tu?

igual a perguntar Quem sou eu?

quando o que ele era tão simples, uma criança de cinco ou seis anos a surgir na sala e a contar laranjas num galho, a voz quex principiava baixinho cada vez mais alta, nove, dez, onze, doze e no doze, de repente, silêncio, nenhuma água nas vidraças

(chuva ou enchentes ou vazantes ou acontecimentos do género)

nenhuma máquina de costura, nenhum pacote a largar para

a América, a casa do Beato calada, eu calado visto que o senhor Que

L:

55

invisível no centro dos cenários, eu a fitar o leão apoiando os joelhos num tronco pintado a carregar a espingarda, a cunhada da minha tia, orgulhosa

- O Casimiro é assim

o Casimiro aqui na América sem a envergonhar senhora, um dia destes rico, casado, não com este avental, bem vestido, gordo

(um fato novo garanto-lhe)

a entrar na Photo Royal Lda para minha admiração não pomposa, modesta, descem-se dois lances e bafio, odores de canos rotos, eu sem olhar para as noivas e os bebés das montras, não

- Senhor Querubim

apoio o cotovelo no balcão sem dar graxa ao empregado

- Você

(você ou tu?)

-Você

eu nem sequer grave, displicente, uma criatura de mãos roídas pelos ácidos a surgir de uma portinha lateral onde tinas e frascos, negativos pendurados de molas, a criatura

- Senhor Casimiro

respeitosa, humilde, não a propor-me a paisagem de África e os seus bichos mal amanhados, idiotas, a desenrolar-me o cenário do rei, isto é o que me pareceram

(não me pareceram, eram)

os armazéns de Alcântara na manhã da partida, a chuva no bigode que sequei com a manga a olhar para acolá porque o senhor Querubim

(o meu vassalo Querubim)Para acolá majestade

ou não exactamentePara acolá majestade

antesPara acolá D. Casimiro com mais orgulho chega

acolá onde barracas, uma mulata a pedir esmola, a miséria de Lisboa.

56

Os fins do mês são difíceis D. Casimiro)

o Beato talvez, o petroleiro persa, adornado no lodo erguendo-se com as correntes, eu, que regressei da América, atracado no pontão numa coroa de gaivotas e andorinhas do mar à medida que o pimpolho chegou ao fim do ramo

-Treze

ou o pimpolho não

- Treze

o pimpolho

Acabou-se

comigo nas traseiras deste restaurante italiano entre gorduras, um Coliseu de gesso, caixas de cartolina vazias, o pimpolho, maior que eu, a levantar a cabeça da camilha cheia de

fotografias

(Sempre Queridos)

- A sua vida acabou

o radiador a estalar na parede, a metade iluminada da insígnia aclarando a cama, o meu casaco no chão, o que a cunhada da minha tia infelizmente não viu, ela para a filha, contente comigo

(uma sombra que se tornava indicador, uma sombra entre sombras)

O Casimiro é assim

de forma que antes da máquina recomeçar pimpolho peço-te que lhe expliques que eu bem, com saúde, mais gordo, escrevo esta semana sem falta ou para a semana ou para o mês que vem ou para o ano, seco a chuva do bigode ao assinar o nome, letras desajeitadas

não, letras caprichadas, em relevo, Photo Royal Lda, um estabelecimentozinho que não existe já consoante a mãe do pimpolho não existe, desaparecendo por seu turno onde as calhas do eléctrico se dobram no sentido do rio e de qualquer forma

(disso tenho a certeza)

existe o senhor Querubim

57

os vendo, eu sem os ver, via contornos, auréolas, circunferências de luz, depreendia pelo som que o senhor Querubim a transportar um escadote ou uma cadeira, fosse o que fosse que resistia, protestava, se aquietava finalmente, adivinhava-o dispondo um telão adiante do meu

(um restaurante italiano)

com remendos, agrafes, o alfinete de fralda de um dos bebés da montra dado que um brilho de metal

(um brilho de metal?)

um brilho de metal, uma cintilação rápida que surgiu e desapareceu a entrar-me no corpo

(uma lâmina?)

a tornar a entrar, a aleijar-me, a desaparecer outra vez ou seja a faca do ajudante de cozinha procurando o dinheiro que não havia na almofada, nos meus bolsos, na bagagem sob a cama, a que trouxe de Alcântara, a mãe do pimpolho nem sequer

- Adeus

distraída de mim, eu de regresso ao Beato onde o empregado de mãos roídas dos ácidos

- Enfia a cabeça no telão Casimiro

mas qual telão, um espaço branco, todos os focos acesos, não dois, três quatro cinco que convergiam, aumentavam, me impediam de procurar a origem da luz, a origem da lâmina que me aleijava nos rins, na barriga, no peito, o senhor Querubim a aconselhar-me ao ouvido

- Mostra que não tens medo sorri

e portanto eu, pimpolho, a sorrir no retrato, eu um cordeiro de matadouro, eu um boi de

pESCOÇO erguido, cabeça para acolá, ambas as mãos na cintura

- Parece quase o rei Casimiro

enquanto as gaivotas comiam letra a letra o meu nome, esta consoante, esse arabesco de vogal, o ajudante de cozinha do restaurante

58

(ou a máquina de costura do Jardim Constantino?) me aleijava e aleijava e eu para ti, como sempre - Estás a rir-te de quê? a fingir-me zangado.

TERCEIRA FOTOGRAFIA

Nesta fotografia demasiado pequena, demasiado turva, feita durante a guerra em Bissau e que envelheceu mais que as outras

(deve ter permanecido meses a oxidar-se na máquina)

sou o oitavo a contar da esquerda diante do muro do quartel, não se percebem as caras nem as mãos, percebe-se a sombra de uma árvore ao centro

(quase ao centro)

camuflados, cartucheiras, adivinham-se botas, sou o oitavo a contar da esquerda porque na barriga uma cruz a tinta que envelheceu também, não azul, pálida, mais vincos que tinta

(apenas um restinho onde os vincos se tocam)

se continuo a olhá-la a sombra da árvore aumenta e engole-nos, escutam-se camionetas, vozes, os ditongos de um pássaro, mesmo que não hajam morrido em África afigura-se-me que todos no retrato, a começar por mim, mortos agora, esconderam-lhes os braços atrás das costas, endireitaram-lhes os corpos na rigidez dos defuntos, não se escutam apenas as camionetas e as vozes, escutam-se os tiros, o helicóptero que nos recolhia o espanto de confusões de arbustos ou mareens

60

cinco, somos três, sou o próximo a ir-se embora do muro com a sombra da árvore a comer-me os tornozelos, ficam os vincos da cruz a tinta no meu lugar, sozinhos, quem folheasse o álbum a apontá-los isto é a designar a parede do quartel se é que existiu um quartel

- Não está ninguém aqui

e nem quartel talvez, veio um morteiro e sobram as folhas da árvore e os ditongos do pássaro, o dono de um dos quintais do Beato estudava a horta, zangava-se, trazia a espingarda de chumbinhos, visava os legumes e erguia do chão cartuchitos de penas ensanguentadas, sem cabeça

(nós)

esmagava-os vingado

- Já não me estragam as alfaces agora

entregava-os ao capelão, aos maqueiros e felizmente que a fotografia demasiado pequena, demasiado turva, nem aproximando a orelha se entendiam os canhões sem recuo, a fotografia

em silêncio, nada salvo os murmúrios do cacimbo ou do Tejo mas o que era o Tejo em África senão umas canoas, umas ervas, a espingarda de chumbinhos na arrecadação, coisas sem importância alguma

(e por não terem importância alguma as recordo tão bem) como por exemplo a minha mãe quando o médico lhe devolveu as radiografias e chamou outro doente

- Porquê?

a censurar as canas de pesca e a chuva em lugar do meu pai no pontão, tudo isso passado com estranhos, sem me dizer respeito, o que me dizia respeito era o vizinho a matar-me e eu tentando permanecer no retrato, tirei a máquina fotográfica ao colega mal ele um cartuchito de penas que a árvore do muro do quartel dissolveu, o tenente ou o dono dos legumes para mim

Estás a roubá-lo tu?

pronto a disparar a espingarda de chumbinhos na minha direcção

61

de joelhos, uma cabra a empinar-se, mais cubatas que se afundavam na água, a minha mãe descalça comigo ao colo, o senhor Querubim (ou um sargento)

- Segure o pimpolho madame

e nem sequer um tiro, um instante de magnésio e qual de nós dois caiu primeiro, qual de nós dois de olhos abertos

- Porquê?

num telão que representava soldados, galinhas esparvoadas, labaredas, gritos, o palácio da Bela Adormecida uma casa negra de explosões, sem telhas, em cuja ausência de portas uma cabra assoma a balir, as lâmpadas da Photo Royal Lda mudando todo o tempo de posição na loja, acendiam-se e apagavam-se derrubando gente, palhotas, a minha mãe que tornava a levantar-se e cujos cotovelos moles desistiam de se apoiar num valado, os dedos dela, pretos, amarrotaram um ângulo de pano, soltaram-no, um cabo a que faltava metade do peito a sorrir, o senhor Querubim aprovando

- Aumente esse sorriso um minutinho nosso cabo

eu debruçado para a minha mãe a ajudá-la embora não sei porquê não me respondesse, não visse, o tenente

- Carrega no lança-chamas estúpido

e o palácio da Bela Adormecida a tingir-se de vermelho tijolo a tijolo, dúzias de pássaros sem cabeça

Sempre Queridos

incapazes de estragarem as alfaces, a maré principiou a descer e não aqui, na Guiné

(na Guiné ou aqui?)

os passageiros do hidroavião enrodilhados na areia, as noivas

ou a tropa

ou as velhas do Beato

a despirem-nos aos puxões entre bicadas, unhas, procurando explosivos, mapas, armas, enquanto a cabra continuava a manquejar com um grumo de saliva baloiçando no queixo, se eu pudesse levantar o nariz como os bebés da montra e prasnar para esta

62 |

(às vezes na primavera os comboios de Santa Apolónia chegavam até nós à noite)

se voltar a página do álbum nenhuma tropa, nenhuma aldeia, esqueci mesmo que os comboios de Santa Apolónia

(ou um rebocador em outubro, de palma na cintura, a queixar-se das costas)

me queiram lembrar, ainda me acontece pensar no Beato, não pensar na Guiné, e o Beato (como será hoje em dia?)

mais remoto que África, a cabra vinha sem pressa de pata doente no ar até esfregar-se em mim, o tenente

- Não gastes balas com a cabra

o animal os olhos da rapariga que trabalhava na modista

(não a gorda, a aprendiz)

à janela, a pata da cabra a tremelicar, a garupa a tremelicar, claridades de magnésio mas sem importância, inocentes isto é o senhor Querubim atrás da máquina a garantir

- Estamos quase no fim

a pedir

(componham os uniformes, juntem-se mais)

- Um aspectozinho descontraído se me fazem favor

os últimos passageiros do hidroavião de bruços na picada, ao irmo-nos embora a cabra a balir, viúva, nos torresmos das palhotas coxeando para nós conforme no dia seguinte à partida do meu pai eu a tropeçar no pontão, nenhum chapéu lhe pertencia, nenhuma cana de pesca era a sua, na camioneta de regresso a Bissau deu-me ideia que gaivotas e andorinhas do mar em vez de morcegos de mangueira em mangueira e dos insectos da tarde, restos de povoações, miséria, mais cabras ou seja as raparigas da modista, a gorda e a aprendiz

(fora do estabelecimento menos vistosas, mais feias)

rindo-se de mim a caminho do eléctrico

| 63

hora do almoço no telheiro dos barcos as raparigas dois cartuchitos de penas ensanguentadas, sem cabeça, o furriel a pisá-las

- Foste tu?

o oitavo a contar da esquerda diante do quartel de Bissau neste retrato demasiado pequeno, demasiado turvo, sem letras caprichadas, em relevo

Photo Royal Lda

no canto, percebia-se por um quadrado mais pálido e os vestígios da cola a fotografia maior que tirei a canivete do álbum e não eram as palmeiras da Guiné nem um feriado com as minhas filhas na praia

(eu magro, com cabelo)

nem a minha mulher na época em que nos conhecemos

(- Perdeste o retrato que te dei não foi?)

as palmeiras da Guiné ao vento e nós cabras que mancavam, nós balindo, se o primo Casimiro comigo

- Estás a rir-te de quê?

ele que não ria nunca a pedir esmola à minha mãe com os olhos, talvez eu não uma cabra a mancar, eu em Portugal a salvo, não no Beato nem no Jardim Constantino, no quarto que aluguei na Baixa, a mala com a roupa no vão e a porta a bater contra a cama, não se via o Tejo, viam-se estátuas de loiça

(líquen nas órbitas vazadas pingando)

as plantas e as florinhas amarelas, sem nome, que crescem nos telhados, a minha mulher a enteada da senhoria, comia à mesa com elas, escolhia-me a pescada, cheiros de jornais antigos, móveis espessos recusando o sol, o abajur cujas borlas se emaranhavam trocando-se logo que uma visita subia os degraus, a enteada deixava-me um bombom no travesseiro, no Natal os botões de punho do pai aposto que achados por acaso na cómoda do corredor

(- Há quanto tempo estavam vocês na cómoda digam-me?)

a fotografia dela

- Perdeste o retrato que te dei não foi?)

64 |

a fotografia não conte à minha madrastra pela sua saúde, uma ocasião encontrei-a a beijar uma camisa minha na marquise com um ladrilho solto, o ladrilho

- Cuidado que eles dois aqui dona Céu

a cara do primo Casimiro na cara dela

(- Se a minha madrastra sonhasse)

a amarrotar-se de aflição, a manquejar, a balir, o grumo de saliva, a perna doente e nisto, não apenas na marquise, casa fora, restos de povoações, miséria, as metralhadoras de súbito, as pessoas a fugirem, a deixarem de fugir, a fugirem de novo, o senhor Querubim girando lentes a fazer-nos sinais

- Voltem a disparar por favor

tantos cartuchitos de penas ensanguentadas, sem cabeça e não era a fotografia dela no álbum antes deste retrato demasiado pequeno, demasiado turvo, a madrastra poisava-se a si mesma nos patamares juntamente com as compras, um saco, dois sacos, ela, tudo bambo, sem vida, demorava séculos a reconciliar-se com a asma até voltar a apanhar-se, uma das mãos pegava no próprio corpo e a outra nos sacos

- Vamos lá

não se sabia se um pêssago ou o coração da madrastra a rolar nos degraus, ia lá baixo apanhá-

lo

- O seu coração ou o seu pêssego tome

o pêssego que pulsava, o coração com uma penugem roxa, impedir a enteada de o descascar à sobremesa

- Atenção

a madrastra negociando com os pulmões incapaz de palavras conforme a gente no dia em que cercámos uma povoação e nos surgiu da mata aos arrancos, sem acertar com a picada, o jipe com uma pedra no acelerador e o nosso coronel morto a dançaricar no assento ultrapassando-nos ao ultrapassar um riacho, vacilante, teimoso, até um tronco o impedir e as rodas a trabalharem em vão, o coronel um único orifício de revólver no pescoço que o colarinho escondia, ao desligarmos o

ruído seco ensurdecedor

65

- Perdão?

os sacos das compras corações e corações amontoados na despensa, a certeza que o coronel entre eles sem que eu adivinhasse qual era, examinava-os um a um buscando ecos de minas, tiros, um jipe que emudecia, cabras

- Não é este

o pai da enteada uma cigarreira, um alfinete de gravata, uma escova e a partir da cigarreira, do alfinete, da escova eu a compor um homem às pancadinhas na lâmpada do abajur quando o soalho oscilava

- Decides-te ou não?

ao apagar-se Lisboa imensa lá fora e o quinto andar inexistente, havia as nossas vozes, não havíamos nós, as luzes de outros prédios, néons, escutávamos os taipais da pastelaria distante que o empregado colocava a dois metros de mim, a lâmpada de regresso e o quinto andar somente, nem pastelaria nem néons, o pai da enteada nenhuma pancadinha, nenhum

- Decides-te ou não?

às escuras no meu quarto sentia-o a verificar o trinco, a fechar melhor as torneiras, o meu coração um pêssego a rolar por mim mesmo, o coronel sentado no jipe sem que ninguém lhe tocasse, tive medo que outro jipe vagaroso, de faróis nos máximos e comigo dentro a nascer da mata, a sombra da árvore no meu lugar no muro, a fotografia demasiado pequena, demasiado turva, deserta, sentia as molas da cama da enteada através do tabique, se ao menos remasse num barquinho, de laçarote no cabelo, no telão do Beato, a madrastra pulmões que sugavam e expeliam a casa retraindo ou abaulando paredes, pretos que ajoelhavam diante das metralhadoras sem tempo de pedirem o que quer que fosse, as chaminés da Baixa na janela ou as palmeiras de África

(não estou certo)

a minha vida alterava-se consoante o ruído de um cano, uma placa de calíça no soalho ou a máquina de lavar que pulava de surpresa

e aliviada por estar viva se incluía nas trevas, o médico não devia ter entregue a radiografia à minha mãe, devia tê-la deixado a balir, manca, entre cubatas a arder cuidando que eram o hidroavião ou o petroleiro persa em chamas e não consultas, tratamentos inúteis na esperança que o meu pai

- Trambolho

se o comboio de Paris e o chapéu no beco ao nosso encontro, o primo Casimiro

- Pequena

seque a chuva do bigode primo Casimiro, deixe-se de mariquices enquanto inventa optimismos, procura a garrafa no aparador e se calhar isso o amor não é, essa aflição, esse medo, esse beicinho que tenta combater a chuva engolindo-a

- A tua mãe pimpolho

ainda bem que você na América senhor sem nos incomodar com acanhamentos e cócegas, não diga nada, pegue na bagagem e desapareça-nos da vista, não prometa

- Um dia volto pimpolho

a espreitar o pontão no receio que o meu pai onde detritos, limos, não o quero aqui quando o jipe sair do quarto aos arrancos com a minha mãe a dançaricar no assento, a ultrapassar o tapete, continuando na direcção da cozinha até o baú o impedir de avançar e os pneus a girarem em vão neste cheiro de África, uma criança a fitar-nos

(eu?)

com o pêssego do coração ou uma raiz de mandioca na palma, acorada na lama e as noivas do Beato em torno, esses grasnidos de criaturas humanas meu Deus, essas grinaldas, essa falsa paz nas molduras, o senhor Querubim a compor-lhes o véu de cravo no casaco, a servir-se não da nossa garrafa, do espumante que lhe davam no portal da igreja

- Trato-te por menina ou por madame agora?

mas não foi o retrato da minha mãe que tirei com o canivete do meu primo as minhas filhas

| 67

(a mais velha de cotovelo em gesso)

e eu magro, com cabelo

(torne as ondas mais nítidas senhor Querubim, desenhe a ponte romana como deve ser, acrescente-lhe cor-de-rosa e azul, junte-lhe sereias gorduchas a tocarem harpa, peixes de boca aberta, gulosos)

nem o retrato da minha mulher na época em que nos conhecemos, a minha filha mais nova invejosa do gesso

- Quero um aparelho nos dentes

desliguei o motor da cama da minha mãe e nem um pêssego rolou nos degraus para amostra, julguei ver o meu pai no cemitério e mentira, um cavalheiro de vassourinha a espanejar uma campa, quando me aproximei não

- Trambolho

a vassourinha diante do peito no medo que eu viesse roubá-lo, o dístico da lápide

Sempre Querida

embora nenhum piano, árvores diferentes do Jardim Constantino, cheguei a pensar que a máquina de costura e afinal guindastes num edifício em construção, o muro não o muro do quartel, não sombras, tirei o retrato do álbum para que não

- Esta quem é?

o cavalheiro da vassourinha a assoar-se

- Venho aqui todas as sextas-feiras

as feições passaram-lhe da cara para o lenço, ficou uma espécie de sorriso

- Todas as sextas-feiras

orgulhoso ou a desculpar-se, não se entendia bem, nessa tarde visitei o Beato, haviam removido o petroleiro da margem e pergunto em que sítio as senhoras idosas escutarão o seu terço e os bebés de nariz no ar a trepidarem de fome, vizinhos que não sonhava quem eram, a igreja sem quartos de hora, muda, o cavalheiro arrumou a vassourinha na Pasta onde me pareceu que a marmita do almoço, suponho que se

68

Não pergunta à defunta se é servida?

(aposto que o primo Casimiro, tão cuidadoso, não faltaria a esse respeito com a minha mãe

- És servida?)

o cavalheiro a limpar-se no lenço e ao limpar-se no lenço nem o sorriso já, explicar à minha mulher fechando o álbum

- Um retrato da Guiné ninguém

e não estava a mentir, o quartel vazio tirando a sombra da árvore, tudo demasiado pequeno, demasiado turvo, sempre uma névoa nos pântanos, manchas

nós não camuflados, não armas, manchas, eu na praia com as minhas filhas uma mancha, qual magro, qual com cabelo, uma mancha, eu uma mancha, elas nítidas, uma senhora dois toldos adiante mais nítida ainda, a senhora sim, nítida, a cara, as mãos, vestida como no retrato que tirei do álbum com o canivete e ao tirá-la do álbum pessoa alguma

- Uma dessas paisagens da Guiné pessoa alguma

a senhora no sanatório em Coimbra onde não me deixaram entrar, as cartas sem resposta ao princípio e devolvidas depois

(mais carimbos, mais selos)

pessoa alguma, pinheiros e pessoa alguma, um parque e pessoa alguma, o jardineiro que nem sequer me respondeu a aparar buxos num escadote, as janelas fechadas, deu-me ideia que me espiavam mas um reflexo de cortinas, pessoa alguma, portanto uma fotografia da Guiné, o muro do quartel deserto tirando a sombra da árvore, tudo demasiado pequeno, demasiado turvo, o rolo que se oxidou durante meses na máquina, ao entregarem-mo na loja soldados de que não se percebiam as caras, eu o oitavo a contar da esquerda numa fila de pessoas algumas ou seja charcos, aldeias destruídas, pretos difíceis de separar das raízes que trotavam para nós ao cuidarem escapar, quantas vezes olhos que me obrigavam a fechar os meus, não se dava

por gente, dava-se
mais alto,

69

mudou a máquina de posição para enquadrá-lo no cenário das jibóias, das zebras, a sugerir o rei como exemplo

- Mostre-lhes que não tem medo não caia

o estrangeiro a endireitar-se, a apoiar-se num ramo e a mirar-nos do ramo, não caiu todo, caíram os braços, as costas, uma das pernas sustentava o resto e o resto a cair por seu turno, um camuflado melhor que os nossos, botas mais caras, postais, no blusão dele, da Suécia, por um instante julguei que não o estrangeiro, o primo Casimiro

- Estás a rir-te de quê?

apesar do primo Casimiro na América, se calhar rico, de anéis, sem se lembrar de mim, o indicador da madrinha da minha mãe a libertar-se do xaile vasculhando sombras

- O Casimiro escreveu?

e a ausentar-se desanimado para além do castiçal, da terrina, se ao menos a máquina de costura nos pregasse uns aos outros abolindo o tempo, nos cosesse contra o reposteiro, o piano, o papel de parede conforme o retrato da Guiné nos coseu contra o muro, postais da Suécia, uma pata de coelho que não lhe deu sorte viu, não ajudou em nada, um sueco a beber água choca e a comer grilos com os pretos, o depósito de gasóleo dos carros e um fósforo em cima para o queimar com os amigos, uma criança ergueu um dos pés e calou-se

(pregá-la com a máquina de costura também)

o cavalheiro do cemitério fechou a pasta, emendou uma jarra, estudou o efeito, emendou-a de novo, voltou-se uma ou duas vezes enquanto se ia embora

(os passos dele tão cómicos)

seis jarras, três à direita e três à esquerda, cada qual com a sua flor a embaciar-se dentro, nós uma jarra apenas onde o primo Casimiro entalava as notas de modo que a trouxe à campa da minha mãe na visita seguinte, um objecto lá de casa, uma companhia mãezinha

- Fica mais confortável na terra?

o sueco igual aos colegas Quando o gasóleo acabou,

70

Nunca houve um branco aqui compreendem?

conforme nunca houve outro retrato no álbum, qual retrato, a senhora não de fato de banho, vestida, mais nítida que as minhas filhas, que eu, todos os verões dois toldos adiante em Tavira, não se incomodava connosco, não nos falava, a minha filha mais velha a exhibir-lhe o gesso

- Parti o cotovelo sabia?

e ela assustada

(não se descalçava sequer)

a apressar o crochet, uma provinciana, uma estranha, pessoa alguma da mesma forma que o sueco e o primo Casimiro pessoas algumas, uns ossos escurecidos, um pacote para a América que as noivas desistiram de acompanhar a partir da foz, as cegonhas do Ateneu imóveis, mais de uma ocasião, no fim de agosto, ao regressar a Lisboa, víamo-la no banco da paragem do autocarro a esconder-se da gente piscando os olhos ao sol, a minha mulher

- A provinciana do toldo coitada

à noite encontrávamo-la no café, no meio dos ingleses, embevecida com as lanternas do mar conforme talvez no sanatório em Coimbra se entretinha com o jardineiro a aparar buxos em tesouradas que me doíam a mim, as lanternas do mar de Tavira uma constelação de África de que não sabia o nome

(não quero saber o nome)

crescendo para me aborrecer de lembranças na água do Algarve, a minha mulher

- Não estás aqui pois não?

e eu sem poder responder-lhe dado que viajava na estrada de Bissau a caminho da mata, terra grená, mandioca, não bem uma inquietação, outra coisa, o peito frio, gelado, frio e quente e gelado, as minhas pernas geladas, as minhas mãos geladas, palpava o coração e não tinha, eu uma coisa diferente, tudo diferente, conheço e não conheço

71

sentado nos lençóis Vou morrer

não Vou morrer

sentado nos lençóis Morri

à medida que a terra grená dos dois lados da estrada, vivendas coloniais a que faltavam paredes com a roupa colorida a secar numas guitas, a voz do primo Casimiro um martelo no andar de baixo e eu morto sem sentir as cólicas do mogno, os pregos, a seguir à estrada de alcatrão uma estrada no capim, ferramentas abandonadas junto a um caldeiro de britar, a minha mãe

- Estás a chorar porquê?

faltavam-lhe ganchos no cabelo, os botões da blusa desacertados, a cara esquisita, o primo Casimiro atrás, esquisito também, a gravata na nuca como sempre que uma só pupila, o joelho, o pé, ao largarmos de Bissau as coisas despediam-se da gente, até o mastro da bandeira, os emblemas dos batalhões em gesso que iam perdendo pintura, a pena das coisas tão óbvias

Vais morrer

do mesmo modo que se alguém desaparece os seus pertences maiores, uma dignidade e uma importância que ignorávamos terem, os pertences o defunto mas severo, ofendido

- Não te custa não ver-me?

até a roupa garanto, abre-se uma gaveta e as camisas acusam-nos, quanto mais bem dobradas mais hostis connosco, um cheiro zangado de perfume a repelir-nos

- Vai-te embora

não sei o quê de pele viva que permanece no quarto, o primo Casimiro

- Não vais morrer pimpolho
a palma quase na minha cabeça sem me tocar

72

os faróis da camioneta no trilho e logo arbustos monstruosos, o nevoeiro de gotas suspensas do primeiro rio, um gancho de cabelo da minha mãe escorregou para a manta sem que ela desse conta no exacto momento em que as metralhadoras começaram, deitei-me na cama antes que apagassem a luz, o primo Casimiro puxou-me o lençol para cima, quis pedir-lhe Espere Um momentoDeixem-me ficar um bocadinho com vocês por favor

e emudecido, aceitando, seguro que no pontão um rolo de cordas e o meu pai

- Trambolho

o chapéu não direito, de banda, a trocar-me, morri as lanternas do mar de Tavira fixas e no entanto seguindo-me, pescadores dizem eles, traineiras encandeando os cardumes, partiam ao fim da tarde a chocalhar bielas, a pergunta da minha mulher trazia-me de volta da noite do Beato onde o primo Casimiro, não corpo, não pupila, só o paviozinho da vozVais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

e sentava-me ao seu lado no café de TaviraNão estas aqui pois não?

o retrato da provinciana da paragem do autocarro no álbum, não Photo Royal Lda nem assinatura nenhuma, a imagem de uma menina em roupa de comunhão solene, o crucifixo, as mãos postas, sem cenário por trás

(o senhor Querubim com desprezo

- Nem sequer telão pimpolho não havia de dar uma noiva decente)

uma mesa de pé-de-galo com uma bailarina no tampo, a justificação aflita

Não tenho outra desculpe

a mesa de pé-de-galo de que engomavam a toalha o melhor móvel

da aldeia a onze qui

73

(tal como no Beato)

em que só um dos bicos acendia, bonecos de pano nas camas

(uma fadista, um marujo)

a mesa de pé-de-galo importantíssima, no exacto centro da sala, dava-se corda à bailarina

(- Podia dar-se corda à bailarina sabia?)

e ela a rodopiar empenada detendo-se no primeiro ressalto, com um toquezinho na base estremecia num pulo, entortava-se mais, continuava a girar, tinha a certeza que se a criatura carregasse na película a bailarina às voltas como tinha a certeza que o mecanismo, com o tempo, um engasgo enferrujado, o pai

(ou o tio ou o irmão mais velho)

uma gota de azeite a disfarçar e a bailarina um cambaleio, um impulso, o azeite que alastrava

na toalha, a mãe dela
(ou a tia ou a irmã mais velha)
a designar a nódoa
- E agora?
de forma que voltavam a nódoa na direcção da parede
(a bailarina de perfil)
a fim de que a desgraça escondida
(um sorriso medroso de desagradar-me
não desagradas
de embaraço

- O meu pai
ou o meu tio ou o meu irmão mais velho
manchou-a)
e não sei quem com uma máquina, ia jurar que antiga, barata
(não o pai nem o tio nem o irmão mais velho o padrinho talvez)
comprada aos espanhóis do contrabando
(- Japonesa muy cara)
o padrinho a mirar o aparelho
Isto carrega-se onde?

74

uma alavancazinha em lugar de botão, um rectângulo de vidro, espreitar pelo rectângulo

- Chega-te mais à mesa
e ela a chegar-se mais à mesa, a inquietar-se comigo

- Não gosta?
o retrato que antes de me casar substituí pelo muro do quartel em Bissau demasiado pequeno,
demasiado turvo, a sombra de uma árvore
(não palmeira)

a aumentar e a apagar-nos, se ao menos tivesse conseguido apagar a cola do álbum, a
bailarina e o vestido de comunhão solene que rasguei sem olhar e então a vertigem que me
impedia de adormecer em criança, sentado nos lençóis

- Vou morrer
consoante julguei que morreste no sanatório em Coimbra dado que as cartas sem resposta de
início e a seguir devolvidas, mais carimbos, mais selos, o jardineiro a aparar os buxos no
escadote, a freira que me abriu a porta misturando chaves no cinto
(não abriu a porta, uma corrente na porta e para além da corrente cheiros de remédios, um eco
longo de igreja

- Vá-se embora senhor)

e porque o povo de uma aldeia a dois ou três quilómetros do alcatrão, ainda antes da mata, se amontoou na igreja mais as galinhas e os cães

(nenhuma cabra desta feita)

isto é um barraco de madeira lá deles a imitar uma igreja, uma sineta num sonzito rachado que nem sineta era, uma lata com um badalo de pau, o tenente mandou que incendiássemos o capim nas traseiras obrigando-os a sair e a gente a disparar contra o fumo de modo que dúzias de bailarinas sem necessidade de um pinguinho de azeite a girarem tossindo

(Pode darse corda sabia?)

75

- Patrão

(se existissem palmeiras estalavam tanto no vento)

fazer de conta que na barriga dela uma cruzinha a tinta

(dois vincos)

e apontar à cruzinha, derivado à vertigem o primo Casimiro ajudou-me a deitar ou seja fez menção de deitar-me, decerto que o chapéu por ali visto que ele

- Não te toco descansa

o primo Casimiro

- Foi um sonho pimpolho qual capela quais tiros não morreste
percebes?

rasgar a fotografia, incendiá-la no capim, vê-la arder no cinzeiro, uma labareda aguda no vestido branco, na cara

- Patrão

o papel cor de pez, o papel cinzento, um cisco de película

(ou uma galinha ou um cão ou um padre mulato)

esvoaçou na secretária, desapareceu na alcatifa, o tenente a exigir

- Calca-a

o tenente não exigiu, não disse nada, calquei-a e não uma queixa, uma pergunta que se dobrava em si mesma, um murmuriozito tímido

- Achou-me ridícula foi?

não uma igreja que ideia, uma cabana, o que há na Guiné senão cabanas senhores, pretos calados se nos dirigíamos a eles, se não tivesse o retrato nem me lembrava de Bissau, passou-se há muitos anos, esqueci, o que é Bissau contem lá, talvez um dos telões da Photo Royal Lda, aquele do primo Casimiro com buracos de enfiar a cabeça e gorilas e jibóias e zebras

(uma das zebras rasgada)

o primo Casimiro a caçar uma onça

(um leão)

o primo Casimiro a caçar um leão com dentes de coelho e focinho de coelho, o empregado de mãos roídas dos ácidos

76

a cara não acertando com o chapéu e o corpo, a Guiné uma loja no Beato de molduras de gaiivotas na montra, grinaldas, almofadas de cetim, bocas de aguarela cor-de-rosa ou azul, descem-se três degraus e mais gaiivotas na parede, mais crias, um guarda-fiscal, um bombeiro de medalha e atrás Nova Iorque isto é um cenário de arranha-céus e discos voadores no qual o senhor Querubim, de Super-Homem, entre planetas, estrelas

- Também gostavas de ser o Super-Homem pimplinho?

voares de capa encarnada

(- Há-de haver aí tinta encarnada eu desenho-te a capa)

sobre a Guiné, sobre Tavira, na direcção de uma bailarina

(- Pode dar-me corda sabia?)

que ia girando a custo com montes verdes em torno, feno, eucaliptos, cercas de pedra

(algumas delas caídas)

que separavam quintas

vim de Arganil para Lisboa primeiro de camioneta e depois de comboio sozinha aos dezasseis anos antes da camioneta nem sequer nos despedimos porque não havia muita coisa a dizer

(dizer o quê?)

o meu pai a vinte metros da minha mãe e de mim e a minha mãe calada e partes da gente ao sol e partes nas mimosas e assim que a camioneta chegou

(não a camioneta ainda longe lá em cima)

o meu pai foi-se embora e a minha mãe demorou-se um minuto ou dois a não dizer nada e não me abraçou abraçou a minha mala e apesar de ser a mala que abraçava encolhi-me para que não me apertasse muito esfreguei logo o braço a retirar os seus dedos e se tive de retirar os dedos é claro que me abraçou a mim ambas sentimos que me abraçou a mim e mau grado largar a mala depressa arrependemo-nos de me haver abraçado

- Também gostavas de ser o Super-Homem pimplinho?

mimosas ao espiolharem nas partes escondidas.

77

que ninguém ouvisse conforme as ovelhas chamavam e os chocalhos partes escurecidas que me dava medo serem minhas e as quais afiançava

Vocês não existem

elas concordando um momento e chamando depois e exigências e pedidos ao tomar banho fingia não sentir e no entanto as minhas pernas e a minha barriga pronunciando o meu nome oferecendo o meu nome contra a minha vontade ao assobio do empregado do meu pai lá fora o assobio que me percebia

(o empregado graças a Deus não percebia)

mais agudo mais forte mesmo que fugisse dele a enxada a cavar e a cavar

(consigo explicar-me?)

não as minhas tripas outras coisas minhas que não eram tripas nem músculos nem carne à vista de todos e eu esquartejada exposta as minhas pernas expostas a minha barriga exposta o empregado e o meu pai cegos continuando a cavar de modo que pude sem que me vissem

(nunca contei isto a ninguém nem ao pimpolho a quem ofereci o retrato da comunhão solene depois)

ocultar-me na cama apertar a almofada na boca e afundar-me no colchão da janela da camioneta notava a minha mãe cravada na paragem

o chapéu do meu pai cravado no pontão apesar do vento e em Bissau as palmeiras que estalavam

enquanto os montes esses sim deslocando-se o feno os eucaliptos eu aos dezasseis anos na casa da antiga patroa da minha mãe a fim de tomar conta dela fazer-lhe o comer ler-lhe o jornal lavá-la e ninguém que as minhas partes escurecidas chamassem silêncio mesmo quando conheci o pimpolho silêncio passava diante do prédio demorava-se a olhar e silêncio apenas meses depois na altura em que

quando regressei ao Beato quase nenhuma gaivota no petroleiro persa, todas na montra a fitarem-me sacudindo as asas à espera, desci os dois degraus da Photo Royal Lda e o senhor Querubim agora de óculos alongando o pescoço, não me reconhecendo, mudando a posição

78

- Pimpolho?

não uma afirmação, uma pergunta porque quase nenhuma luz excepto a claridade do Tejo que eu trazia comigo consoante se traz frio e chuva no inverno

- Pimpolho?

os óculos a detalharem-me, a espantarem-se, não

- Cresceu tanto este ano

como a madrinha da minha mãe no segundo andar do Jardim Constantino

(e por um instante o castiçal do piano, a terrina)

a adicionar sombras às mantas e aos xailes e a refugiar-se nelas, o senhor Querubim rodeou o balcão, mais lento, mais curvo, com uma dificuldade nas articulações acho eu

(ainda terá um saquinho com restos de polvo, perseguira os gatos?)

- Pimpolho

um dos bebés ergueu o bico e começou a agitar-se, um albatroz

(não o hidroavião)

atravessou a imagem do bombeiro de medalha e planou sobre os lados de Alcochete onde pombos bravos, uma locomotiva que mergulhava na água, o senhor Querubim a necessitar de um pingo de azeite designando-me os telões

- Qual preferes pimpolho?

o muro do quartel de Bissau demasiado pequeno, demasiado turvo, o circo, o castelo da Bela

Adormecida com a princesa a remar num barquinho, almofadas de cetim para os ovos das noivas, os discos voadores de Nova Iorque e o senhor Querubim

- Ainda gostavas de ser o Super-Homem pimplho?

entre planetas com o nome por cima, Neptuno, Vénus, Crípton, isto na avenida de Chicago em que o primo Casimiro rico, sem se importar connosco

- Estão a rir-se de quê?

a canilir-me o cotovelo

79

a minha filha mais nova adormecida ao meu colo, a minha filha mais velha

- Não estás aqui pois não?)

voar através de África, de Tavira, ao encontro de uma bailarina vestida de comunhão solene

(- Pode dar-me corda sabia?)

girando numa mesa de pé-de-galo com uma toalha engomada e na toalha malmequeres bordados, uma nódoa que encostavam à parede a disfarçar defeitos

- E agora?

a mãe, sem a abraçar, a realçar uma manga tufada, uma renda, melhorando a fitinha da vela, o senhor Querubim a preparar as máquinas

- Muito bem muito bem

a Photo Royal Lda, outrora grande, acanhada, modesta, a cadeira onde me instalaram em criança desprezada a um canto, cortinas desbotadas pelas luzes e eu acima de África, de Tavira, cruzando a Via Láctea a caminho de Arganil

- Es o Super-Homem pimplho

montes verdes, eucaliptos, felizmente nenhuma cabra da Guiné, não tiros, julguei que um muro de quartel, soldados que a guerra ia dissolvendo um a um, um homem de chapéu a doer-me num beco e mentira porque

(- Não tenho pai sou sozinho)

por sorte minha nenhum rio por ali, nenhuns quartos de horas de igreja, apenas poeira de cometas, cinzas de acaso, astros mortos e nisto alguém

(palavra)

que de início me custou perceber derivado aos focos do senhor que se preocupava comigo, disse

- Pimplho

e então o primo Casimiro com o fato dos domingos a subir as escadas mais o pacote de broas, a enralar dinheiro na jarra a prumo.

80 Estás a rir-te de quê?

não, nãoEstás a rir-te de quê?

o primo CasimiroCuidado

porque o dono de um dos quintais do bairro a estudar a horta, a zangar-se, a trazer a
espingarda de chumbinhos

(ou a metralhadora diante das palhotas, gente que corria para nós em lugar de fugir, o tenente

- Dispara)

o dono de um dos quintais do bairro a trazer a espingarda de chumbinhos, a apontar aos
legumes, a erguer do chão um cartuchito de penas ensanguentadas, sem cabeça

(eu?)

- Já não me estragas as alfaces malvado

a entregar-me ao capelão, aos maqueiros e por sorte o retrato do álbum demasiado pequeno,
demasiado turvo, nem aproximando a orelha se entendiam as minas, o retrato deserto salvo os
murmúrios do cacimbo ou do Tejo mas o que era o Tejo em África senão lama, barcaças, o
que julguei um homem a fumar

- Trambolhos

no seu rolo de cordas, o homem em França sem querer saber da gente caminhando noutro
pontão junto as marés de outro rio (nunca voltou de França) coisas antigas sem importância
alguma, o senhor Querubim

- Atenção

e na claridade de magnésio de um tiro isolado eu a olhar sem me ver

- Morri

enquanto a bailarina a cinco ou seis mesas da nossa no café de Tavira não me vendo também
lona q segue ao acaso.

81

dado que na película apenas uma cruz a tinta na barriga do oitavo soldado a contar da
esquerda

não, do sexto

não, do terceiro

não, do segundo

não, do único soldado do álbum

não, de nada no álbum excepto uma árvore

(a copa de uma árvore)

nada no álbum excepto a copa de uma árvore e a minha filha mais velha a mostrar-ma

- O que é isto?

sem notar uma cabra a balir sozinha entre torresmos de palhota coxeando para ela a pedir

- Ajuda-me.

QUARTA FOTOGRAFIA

Tive de pôr aqui a fotografia de nós dois a cortarmos o bolo de casamento com a minha mão sobre a sua na faca porque a minha mulher gosta, entenece-se, olha para além do retrato ou levanta a cabeça e olha para além de mim, a sorrir acariciando a película com a ponta do dedo, qualquer coisa só dela de que não faço parte e a que não tenho acesso ao compreender que o sorriso me exclui, às vezes à noite sorria assim quando acabávamos e via-a tão longe na outra almofada que apagava a luz para ficar sozinho a sério, quer dizer existia um corpo ao meu lado mas sem pessoa dentro, existia o sorriso, percebia-se pelo estore que o sorriso de perfil, percebia-se o dedo a acariciar a almofada, o sorriso e o dedo, vestígios de uma ausência, desaparecendo até que ninguém derivado à minha mulher noutro sítio, levantava-me a fim de procurar o pijama, beber água, sentir que vivia e a cozinha surgia à minha roda conforme o tubo do tecto ia e vinha antes de resolver

(- Acendo-me)

isto é chegava por um segundo a bancada com o lava-loiças e os pratos do jantar e sumia-se, chegavam os chinelos de tratar da casa,

84

(um deles de porta sempre aberta

falta-lhe a mola

o dos copos, copos de pé, copos normais, cálices, as canecas das minhas filhas com os nomes estampados que elas riscam com a unha ou melhor cada uma risca a caneca da outra

- Não moras cá os pais só me têm a mim)

e evaporavam-se os armários, chegava a bancada de novo, desta feita acompanhada pelo frigorífico e o pedaço de parede com a ilha de Madagáscar de humidade que pintei por cima

(a ilha mais atenuada mas presente)

tudo a interrogar-se, a vacilar, a comunicar-me

- Talvez fique talvez não

a desmaiar, a recompor-se trazendo a mesa com a tigela de laranjas para as constipações, metade da tigela primeiro e a outra metade a juntar-se-lhe num pulo

(- Cá estou)

o tubo perfeito, sem zumbir, normal, a cozinha inteira anunciando

- Pronto estás contente?

os meus pés descalços lá em baixo duas raízes torcidas, se a minha mulher comigo em lugar do sorriso

- Enquanto não apanhares uma pneumonia não descansas pois não?

eu surpreendido que a cozinha tanta coisa que serenava a brilhar, torneiras vasos potes, o frasco de detergente com a tampa levantada

- Usa-me

abrir o frigorífico e uma claridade branca

(margarina, fiambre, pacotes de leite)

que se derramava no chão aumentando-me os pés

- Apetece-te mesmo adoecer não é?

os prédios ímpares, velhos inimigos no lado oposto da rua, aperfeiçoados a lápis num cuidado de desenho à vista, a chaminé que se interra,

desviada um milímetro, na vista,

85

folha de uma árvore que se eu respirasse com força estremecia de certeza, o nosso andar, todo presente no escuro, a poisar-me no ombro uma cabeça de sono, o quarto das minhas filhas, o outro de que tinham medo a que chamávamos escritório o que significa jornais, uma trela sem cão, a sorveteira avariada, eu de repente com medo do escritório também

(um gatuno escondido, um cadáver a caminhar para mim

- Anda cá)

e portanto de regresso à cama a desviar a cara de ladrões e de mortos fingindo que não me importava

- Posso bem com vocês

o interruptor extinguiu a cozinha de golpe mais o aparelho das tostas e a panela eléctrica que rebentava os fusíveis e os meus pés levaram logo sumiço, um senhor que lia no 25-B voltou-se para mim, não sei o quê na minha ideia porque eu

-Pai

e não era o meu pai, o meu pai da minha idade

(não, mais novo que eu agora e não lia livros, pescava)

permaneceu a chaminé desajustada por culpa do caixilho, a folha da copa que a falta de chinelos, azulejos e bancada dignificava tornando-a o umbigo do mundo, se me aproximasse o resto da árvore, a árvore seguinte, uma terceira árvore em que se pressentia o vento guardado lá no fundo à espera da manhã, movendo os braços a assustar os ramos

(e se calhar um gatuno e um cadáver também)

no espelho do lavabo eu adulto que sorte, capaz de entrar no escritório enfrentando de mãos nos bolsos

- Se pensam que as receei enganam-se

a sorveteira e a trela, o sorriso da minha mulher apagou-se da almofada, ela de volta sem mistério, a dormir, abandonando-me para se virar de costas a arrastar os lençóis, um dos meus joelhos frio, o outro a ocupar a tua cova numa guinada de ciúme

86

o ombro que me não responde, se torna agudo, me repele, há quantos anos nenhum bombom, nenhum envelope de estrelinhas e a enteada a espiar-me de longeApreciou?

a enteada Não se vai rir de mim?

aperfeiçoando o avental, nenhum sorriso, nenhuma gaivota a lembrar-me o que não quero lembrar, o saco da madrastra tombando no sofá cheio de pêssegos que se tornavam foles ciciando, zunindo, a pulsarem da asma, nunca vi pupilas tão estagnadas, narinas tão redondas Preciso de respirar ajudem-me

a enteada sem acreditar em mim Eu casar-me consigo?

não apenas as narinas redondas, a coxa a espalhar-se no assento, líquida, uma gotinha da testa encontrou a ajuda de uma ruga e seguiu pela ruga, quando a ruga acabou a gotinha parada, daqui a pouco endurecia e uma nova gotinha que não chega a formar-se endurecida também, seria que algum pêssego no saco a contrair-se ainda, um arpejo de pestanas em que o sangue vibrasse

não só as gotas paradas, os tornozelos coisas, a pergunta da enteada suspensa na sala

(a pergunta uma gota)

- Isso de casar comigo é a sério?

até o pescoço ou o coração da madrastra pulsar outra vez, dois batimentos, uma pausa, as narinas menores, os ponteiros ganhando convicção nos relógios a aproximarem-se de amanhã numa pressa cruel

(o amanhã quase ontem)

desejando que a gente envelheça, o saco a informar no divã

- Já passou

a reconhecer os objectos, a alterar-lhes o sítio a fim de se convencer que era capaz de alterar-lhes o sítio, a congratular-se

Estou bem

são nossos, difíceis, consigo

87

Mexo este vá lá tento mexer aquele

transportando as toneladas do saco, a voz colocava as palavras em meditações de dominó no intuito de não desarranjar nem uma sílaba

- Vão-se casar vocês?

a noção de casamento agitou as noivas no Beato, a Photo Royal Lda um frenesim de asas, a bailarina rodopiou acusando-me, tentei explicar

- Não me deixaram entrar no sanatório julguei que tinhas falecido

contornava o parque pelo lado de fora das grades e dava com uma

cadeira de inválido que parecia acompanhar-me tombada, onde quer que estivesse a cadeira, para onde quer que olhasse a cadeira, a cadeira para mim usando o alento das faias, os cochichos sem voz que através delas me chegam, segredos que a gente junta e ao juntar entende

- Faleceu vai-te embora

ninguém nas varandas, nenhuma luz à porta excepto o brilho dos troncos ou uma garrafa

esquecida, ao tornar à estação dos comboios um arquipélago de cães sei lá onde
(no pinhal?)

horários encaixilhados numa claridade de insónia, um homem num fardo ou num rolo de
cordas

(- Paizinho)

e reparando melhor não um homem, uma balança antiga

(a minha mãe pesava-me na balança da farmácia com um ginete empalhado a espreitar dos
xaropes

xarope disto, xarope daquilo, xarope de raiz de beterraba

o farmacêutico tomava nota no caderninho, procurava o meu nome virando as páginas com
um polegar de cuspo, animava-se ao achar-me

- Aqui está

fechava o caderninho num vagar pomposo

- Engordou seiscentas gramas o atrevido

oferecia-me um quadrado de penso para imitar um lanho

88

e lá fora o petroleiro persa muito mais gordo que eu

Quanto pesa o petroleiro senhor Gomes?

o senhor Gomes a emergir do caderninho, feroz

Levas um puxão de orelhas malandro

eu sem compreender, magoado)

a carruagem partia da estação cercada de cães comigo a lembrar--me da esposa do senhor
Gomes anunciando da porta com Laboratório escrito

A sopa está a ficar fria ouviste?

o farmacêutico a meter o caderninho na algibeira (- O que será feito de si senhor Gomes?)

diga-me o que será feito de si, quanto peso agora, quantas seiscentas gramas engordei, aposto
que me reconhecia ainda (não reconhecia senhor Gomes?)

O pimpolho

não havia de ordenar

Respeita a tua mãe meu corrécio

o corrécio a exhibir o adesivo na escola

Não posso pegar no giz dona Beta aleijei-me

os meus colegas solidários, graves, a dona Beta a arrancar-me o quadrado

Seu palhaço

o palhaço convencido que morreste dado que as faias (segredos que a gente junta e entende)

Faleceu

a madraستا poisava-se de patamar em patamar ajeitando o pêsego para o interior das costelas
a designar a enteada (- Isso de casar comigo é a sério?) a designar-me a mim, arrependido,
nervoso

A minha enteada tem noivo

89

a minha mão sobre a sua, no segundo andar do Jardim Constantino onde nem se suspeitava do
Tejo

(de tempos a tempos uma andorinha do mar transviada, em novembro)

a filha da madrinha da minha mãe

(- Escreveu o peso dela no caderninho senhor Gomes?)

a ajustar-me o casaco que o meu pai desprezou aproveitando entretelas Fica quieto pimpolho

a terrina desagradada Não acredito que tu

o castiçal do piano

(estava capaz de garantir)

quase com pena de mim, eu sem ninguém que me deitasse um pingo de azeite nos ossos para
evadir-me dali com o vestido da comunhão solene e a bailarina na ideia

(- A bailarina não pesava nada senhor Gomes)

enquanto um comboio a meio da noite não parava de arribar de Coimbra enxotando pinhais,
perseguido por cães invisíveis que desistiam

(só latidos, passinhos)

o sorriso da minha mulher na almofada em lugar do bombom, se o senhor Gomes o pesasse
na farmácia o ponteiro não se deslocava um risco, ele não acreditando

- E esta?

o laboratório não uma cozinha, balões, pinças, cápsulas, a esposa a impacientar-se de
almofariz ao lume

- Agora pesas sorrisos?

o sorriso na fotografia de nós dois com a minha mão sobre a dela incapaz de a sentir, escutava
as faias no sanatório desprovidas de garganta

- Ai pimpolho

90

pensando melhor, quanto pesa um sorriso senhor Gomes conte-me, quanto pesa uma bailarina
que não pára de me girar na memória, a madraستا comovida a esculpir gotinhas com o lenço,
bebés de nariz ao alto reclamando comida e as mães a enfiarem-lhes croquetes sacudidos na
goela, um velho perseguia-me com a ameaça de um rissol num palito

- Uma festa catita uma festa catita

distraído do rumor do Tejo que ia crescendo, crescendo, ao lado da minha mulher, com o rio a
afogar-me, ligava o abajur da cabeceira e o quarto de imediato ali, não no género da cozinha

que existe por fragmentos antes de existir toda, o quarto inteiro ali, os móveis do pai dela arrogantes, hostis, em cada armário não uma queixa de carvalho, uma fúria

- Quem é este cá em casa?

e a casa, por respeito aos armários, furiosa também, finja que não emigrou para a América e empreste-me a garrafa do aparador primo Casimiro, essa de que bebia para ganhar coragem, devo ser mais alto que você e portanto deixe-se de patetices, não me faça cócegas, não me pegue ao colo, diga que me desculpa, por estranho que pareça não imagina as ocasiões em que me lembro de si, se tivesse sido a Photo Royal Lda a ocupar-se do casamento entrava na loja, ordenava

- Pinte-a de cor-de-rosa se lhe der na gana mas tire-lhe o sorriso

senhor Querubim faça-me o obséquio

e a minha mulher séria como em Tavira em agosto, ora observando a criatura dois toldos adiante, sempre vestida, sem nos cumprimentar, sem olhar-nos, ora observando-me a mim

- Ia apostar que se conhecem

conforme poderia ter dito ia apostar que não só conheces a pensão onde fica, lá em cima, antes da praça, uma tábua escrita a tinta de caixotes

Rooms Chambres Habitaciones

e cubículos não oara o mar é claro, para um pátio deserto

91

as Rooms Chambres Habitaciones que ela não te deixava pagar recusando-te a carteira, as notas Não preciso do seu dinheiro

ou Não é pelo seu dinheiro que venho é por si

como ia apostar que a conheceste antes de morares na minha madrastra e me conheceres a mim, o sanatório em Coimbra, o jardineiro a interromper as faias, a descer do escadote, a apontar-te a estação dos comboios com a tesoura

- É melhor para si que se vá embora amigo

de modo que feche a boca da minha mulher senhor Querubim com um risco de tinta, faça dela uma noiva aguardando as fragatas na varanda do engenheiro, a minha mulher aquele bico alaranjado, aquelas penas baças, patas no corredor, um crocito a arrancar-me da sala

- Não vens deitar-te tu?

e eu endireitando a cauda a abeirar-me da colcha, eu para a minha mulher ou para a minha mãe adormecida, de onde quer que a olhasse só travesseiro, cabelo

- A sua cara mãe?

(não me recordo da cara, recordo-me da boca

- Porquê?)

e não a minha mãe, um sorriso, eu sozinho, tu sozinha teimando aposto que a conheceste antes de me conheceres a mim eu não Rooms Chambres Habitaciones, um papel na montra do talho, outro no quiosque das revistas

Aluga-se Quarto

isto depois da morte do meu pai porque a doença infinita, porque a asma da minha madrasta, porque dívidas, porque não conseguíamos, porque a gente a fingirmos que a casa grande e não era e por conseguinte tira-se a escrivadinha

(- Quanto darão por isto?)

mudam-Se as Cortinas, volta-se a dar-lhe na casa,

92

Quanto é?

o meu marido

Muito bem muito bem

contente de não ver o Tejo, o meu marido sei lá porquêGraças a Deus não há noivas

a emendarGraças a Deus não é o Beato menina

dado que o incomodavam as marés, os navios, os caniços no lodo, eu a deixar-lhe bombons na almofada e os olhos agradecidos

- Menina

parecia não reparar, não falava comigo e contudo (tenho a certeza) os olhos agradecidos

- Menina

visto que no dia seguinte a almofada vazia, levei semanas a descobrir que guardava os bombons na gaveta a tentar enganar-me como mais tarde me enganou em Tavira, eu apontando-lhe a criatura durante quase cinquenta anos dois toldos a seguir

- Ia apostar que a conheces

apesar de não se distrair do crochet os gestos dela diferentes ao chegarmos à praia, aperfeiçoava o cabelo, desamarrotava o vestido, não nos fitava nunca, quando a minha filha partiu o cotovelo e lhe estendeu o braço

-Tenho gesso repare

em ímpetos de bailarina a criatura uma tentação de dar-lhe corda primeiro, um embaraço depois

- Desculpe

e ainda que o meu marido parado o corpo a recuar no interior do corpo, as mãos a chamarem a nossa filha permanecendo inertes, a garganta apesar de calada

Chega aqui

„filha. o senhor a morar aqui, esquece de dança e a criatura a

93 Chega aqui

quase um grito Chega aqui

o meu marido a pegar-lhe ao colo ao pegar-lhe ao colo, vá lá saber-se o motivo

- Estás a rir-te de quê?

e pensando em casamentos sempre me intrigou que no álbum apenas a fotografia de nós dois

a cortarmos o bolo, nenhum retrato de mim com o véu e a grinalda como nas montras das lojas, a minha madrastra por exemplo substituiu a minha mãe, se é que podia chamar-se mãe a feições impossíveis de adivinhar entre borrões, palidezes, pela sua cara intacta na moldura, o meu pai a concordar em silêncio porque talvez para ele a minha mãe borrões e palidezes igualmente e portanto uma tarde, de volta da escola, dei com ele à minha espera na rua sem confessar que me esperava e a minha madrastra, que não vira nunca, a caminhar para nós com o avental que nem ele nem eu dependurávamos do prego, a encontrar de imediato o sítio das coisas movendo-se ao longo da bancada numa segurança tranquila, manobrando os caprichos das tampas das geleias e a calha da segunda gaveta, lembro-me de pensar

(não pensar, sentir)

quase agradada, feliz

- Afinal a minha mãe não são só aqueles borrões no vidro a minha mãe chegou hoje

a saber os lugares de cada um de nós, a escolher-me o prato que eu gostava, o do rebordo de peixinhos, a colocar-me de frente para a janela em que as árvores

(não amoreiras nem carvalhos, tipuanas)

diante da basílica iluminada, ora castanhas ora amarelas ora esbranquiçadas consoante as nuvens e o vento, e o castanho, o amarelo, o esbranquiçado iluminando-me as mãos

- Repare nas minhas mãos senhora

94 I

- Repare nas minhas mãos mãe

o meu pai julgo que com a fotografia da que chamava minha mãe na ideia não entendendo que a minha mãe esta que me despiu, me deitou, apagou a luz como se deve apagar a luz, não como o meu pai apagava, a errar o botão, a esmagá-lo, a embater na ombreira, demasiado cheio de frases para conseguir exprimir-se, esta que se foi embora como devia ir-se embora, não esmagando o botão, não embatendo na ombreira, não um saco ainda e apesar de eu na cama a casa viva que sorte, sons, vozes

(não vozes nossas, a dela)

a tábua do sobrado que costumava protestar com o meu pai, protestar comigo, aborrecida, azeda, a insistir connosco

- Não é assim

não protestou com ela, mesmo depois de doente não protestou com ela, voltou a protestar com o meu marido conforme o meu corpo protestou, quer dizer o meu corpo não uma tábua de sobrado, um sorriso, o meu marido para um sujeito de mãos roídas pelos ácidos, oculto sob máquinas antigas entre telões e focos

- Não consegue tirar o sorriso à minha esposa senhor Querubim?

o sorriso da minha esposa do retrato de casamento, da almofada,

do segundo andar do Jardim Constantino depois que eu para a filha da madrinha da minha mãe interrompendo-lhe a costura no cubículo do fundo

- Dou-lhe até ao fim do mês para sair de cá

visto que eu o responsável, o tutor, e portanto eu o dono, designando não apenas o cubículo mas os dois quartos, a sala, o reposteiro que afastei e apesar de afastá-lo as mesmas sombras, os mesmos xales e as mesmas mantas na poltrona deserta

- Dou-lhe até ao fim do mês para sair de cá

a filha da madrinha da minha mãe

(a madrinha da minha mãe,

a ,,,,,, berrar, do cerbro coitada)

95

bairro, outra casa dado que a mãe não lhe consentira conhecer outro bairro, outra casa, a mãe que lhe inventou a fraqueza do cérebro

(- Desde pequena uma fraqueza do cérebro coitada)

para que não se apercebessem

(e entendia agora as cortinas, a ausência de visitas, o escuro)

que ela sua filha, o pecado de uma filha sem

(- Não minha filha uma hóspede)

marido, a gravidez disfarçada, a vinda de noite para a cidade

(- Para a cidade tu?)

a filha a quem permitia que trabalhasse de costura

não permitia, ordenava que trabalhasse de costura a fim de conseguirem viver ocultando não só a filha

- Não filha hóspede

como a miséria do andar cercando-o de sanefas, descendo as persianas, afogando-se a si mesma sob mantas e xales, recebendo o dinheiro

(- Não filha hóspede)

como quem recebe um aluguer, aceitando a minha mãe e o primo Casimiro porque a minha mãe uma mulher sozinha igualmente e o primo Casimiro

O Casimiro é assim

tão infeliz quanto ela, a secar a chuva do bigode imagine-se

- Estás a rir-te de quê?

e a comprar pacotes de broas que ficava a dever na leitaria, a prova que não uma filha, uma hóspede, estava em que eu o responsável, o tutor, eu o dono

- Até ao fim do mês para sair de cá

a madrinha da minha mãe na esperança que eu, depois que ela morresse Até ao fim do mês para sair de cá

e ao ordenar Até ao fim do mês para sair de cá

filha alguma, não tive filha alguma, não ligue a falsidades, eu solteiro

(porquê, por quem?)

com as suas roupas de luto por si mesma, obediente, humilde

- Não sou filha sou hóspede

para a qual a madrinha da minha mãe se calhar

- Trambolho

(não só eu o trambolho)

para a qual a madrinha da minha mãe

- Continuas aí tu?

de forma que ao explicar-lhe

- Até ao fim do mês para sair de cá

concordando, aceitando, roupas de luto que as freguesas por pena

- Toma

pareceu-me que os parentes da camilha

Sempre Queridos

a desprezavam ou não davam por ela

a senhora da bengala, uma rapariga de tranças, um grupo de casais numas termas com os nomes

Ponciano Esther Alberto

oblíquos no peito procurando prevenir-me do que não me apetecia escutar, não como dantesO que fazemos com ele?Metemo-lo num saco?Roubamo-lo?

não indignados comigo, mais desfocados, benévolos, a senhora da bengala

- Pimpolho

e não um cumprimento nem uma censura, um aviso, pode ser que se lhe tivesse perguntado me explicasse, que chegando-me à camilha ela ou a rapariga das tranças ou os casais das termas me ajudassem a compreender impedindo-me, ao voltar na semana seguinte, de achar qualquer coisa de estranho no Jardim Constantino, um desassossego, atração um Desses que rolava no interior de mim,

medida que me avizinhava da casa, tive a certeza que o primo Casimiro inquieto comigo

- Ai pimpolho

não, que a professora da escola a retirar-me o adesivo do dedo

- Palhaço

também não, que a minha mãe a desviar a vista quando chamei por ela -Mãe a evitar responder

- istou aqui

a não querer responder Estou aqui

e em lugar onde Estou aqui

a censurar-me Porquê?

eu que não era o meu pai mãe, não a abandonei, ajudei-a a procurá-lo no beco, na Calçada do Grilo, na estação dos comboios e nunca ele entre a bagagem, o chapéu, o cigarro, as canas de pesca, agora que você devia estar comigo eu a empurrar a porta sozinho e a máquina de costura calada, nem um brilho de terrina nem o castiçal do piano e no entanto a terrina e o castiçal ali, a poltrona no lugar do costume, as molduras

Sempre Querido

então sim

- Pimpolho

apesar de eu o responsável, o tutor, eu o dono, a ausência da máquina de costura a tornar a casa sem fim, tive a certeza que os melros contra o postigo do compartimento do fundo ou então o meu receio que os melros ou então a chuva mas como chuva se julho ou então os meus dentes ou então o sangue na minha cabeça, em mim todo, se a bicicleta ao menos

98

mas o Beato tão longe, o senhor Querubim falecido, a Photo Royal Lda uma sapataria, um escritório, eu a chamar e ninguém

não, eu sem coragem de chamar, ao longo do corredor como nos camarotes do petroleiro persa em que os ecos se combinavam com os grasnidos das noivas e a inquietação dos bebés, os seus narizes ao alto, a sua gula de peixe, eu a cruzar o quarto da madrinha da minha mãe, um outro quarto, a cozinha, tudo limpo, arrumado, esperando-me

- Faça favor faça favor

nem um tacho ou uma colher por arrumar no escoadouro, as toalhas engomadas, o soalho esfregado, uma flor nova na jarra, esse cheiro de cera com que se recebe as visitas, tudo como a filha da madrinha da minha mãe imaginava que eu queria

(ela submissa, humilde)

de forma a que pudesse mudar-me, habitar ali, ocupar-lhe o andar, tudo excepto o que de início se me afigurou um vestido pendurado no varão do reposteiro por um arame de estendal e nenhuma nuvem, nenhum pedaço de céu, nenhum pássaro, um par de biqueiras que não roçavam o chão, o vestido afinal não vazio, fosse o que fosse dentro mas sem espessura de corpo, o vestido

- Ai pimpolho

não estou a exagerar, o vestido

- Ai pimpolho

no momento em que lhe tocava e ao tocar sim, um corpo, tive a certeza que um corpo no interior do algodão, o pescoço apertado no arame dobrando-se do colarinho sem que eu notasse as feições, afastar o cabelo consoante afastava em criança o cabelo da minha mãe na cama topando um queixo que embora dela não lhe pertencia, volumoso, inerte, sem respirar (quase sem respirar)

sem respirar, uma boca a imitar a sua e no entanto diversa, dentes
que ameaçavam morder-me e eu com a imensidade do Beato em
mar. as Drimeiras gaivotas, o que

99

volta ao aparador ou os suspiros da muralha se uma onda mais forte, eu a subir para a cama
afastando cabelos

- Mãe

eu o responsável, o tutor, eu o dono, o que cresceu tanto este ano, o que haveria de crescer
ano após ano até poisar a mão na mão da minha mulher na fotografia do álbum, eu
continuando a crescer no segundo andar do Jardim Constantino cujas árvores se engelhavam,
dobravam, davam a impressão de torcer-se no cubículo do fundo junto à máquina de costura
em repouso, eu em busca de uma tesoura para cortar o arame do estendal, em busca de um
colchão onde deitar o vestido e nisto o telefone

(não sei onde)

uma campainha não forte, diminuta, quase um balido de cabra a mancar na Guiné, quase o
terror de uma criança

-Mãe

quase um soluço de um bebé com fome

(e eu sem peixe para dar-lhe)

que principiava a tocar, que continuou a tocar durante horas, minutos, séculos, que segue
tocando às vezes sem que as minhas filhas o oiçam, elas surpreendidas comigo

- O que foi?

eu a levantar-me, a sentar-me, a pedir-lhes

- Um momento

a afinar a orelha na direcção de nada, a minha filha mais velhaPimpolho

nãoPimpolho

evidentemente que nãoPimpolho

(nunca soube do primo Casimiro nem da minha vida no Beato) a minha filha mais velha
(agora sim, está correcto)

100

a minha filha mais velha -Pai

julgando-me demasiado idoso, com as ilusões, os caprichos, as patéticas dos idosos, a fitar a
minha mulher, a perguntar-lhe em segredo

- Tem ido ao médico ele?

a perguntar, com o bico do lábio, à irmã

- Já reparaste no pai?

e elas a conversarem entre si que eu bem as entendia apesar de mudas, a minha filha mais velha tem setenta anos o pobre, setenta e um quase, a minha filha mais nova, de mão diante da cara, setenta, faz setenta e um em julho e portanto o raciocínio, a memória, as artérias, tudo aquilo que derivado ao tempo se estraga, repara como anda, como se interrompe a meio do caminho a ouvir não sei quê, garante ele que o telefone e o telefone moita, na semana passada jurava que a máquina de costura

- Não sentem a máquina de costura?

e máquina de costura uma ova, um dia destes endireitou-se a meio do jantar, quase ofendido (ou não ofendido, admirado)

a responder não sei a quem, muito sério

- Não estou a rir-me de nada

e agora

(por que razão meu Deus?)

atento ao quarto do fundo, a atravessar o corredor, a olhar a porta, a demorar-se, de mãos nos bolsos, para nós

Já vou

a tornar à sala murmurandoO arame do estendal

murmurandoO varão

e que arame de estendal, que varão se no quarto do fundo o lixo que desde eu pequena foram empurrando para lá, uma poltrona esfiampada,

se assemelha a um gato,

101

Como diabo é que um gato?

e apenas uma cintilação de terrina, que tonta, o piano a que faltava um castiçal, a pagela do rei, fotografias numa camilha

Sempre Querido

que nenhum de nós descobre quem eram, uma senhora de bengala, uma rapariga de tranças, um grupo de casais nas termas, a gente a mostrar-lhos

-Pai

e ele

- Não está aí

dado que a filha da madrinha da minha mãe sumida dos retratos, a filha da madrinha da minha mãe o que de início se me afigurou um vestido vazio e no interior do vestido os ossinhos de um braço, um pescoço tombado impedindo-me de notar as feições, afastar-lhe o cabelo consoante afastava o cabelo da minha mãe no Beato, eu aflito a sacudi-la

-Mãe

eu no cubículo do fundo tocando um queixo demasiado inerte, súbitos incisivos que ameaçavam morder-me, eu abraçando uma nuca

-Você

não abraçando uma nuca, abraçando um vestido de luto que as clientes lhe deram por esmola

-Toma

e ela humilde, submissa, concordando, aceitando

(- Desde pequena uma fraqueza no cérebro coitada)

e nisto o telefone não sei onde, uma campainha não forte, diminuta, quase um balido de cabra a mancar na Guiné, quase o terror de uma criança, quase o soluço de um bebé com fome empinando a goela

(e eu sem peixe para dar-lhe)

que principiava a chamar, continuou a chamar durante horas, minutos, séculos, segue chamando sem que a minha mulher oussa-mi

102

- O que foi?

sem repararem que deito o vestido no chão, me demoro a fitá-lo, tento cobri-lo com um pano e elas então sim

- O que é isso pai?

isso setenta anos que queres, setenta e um em julho e uma pessoa tontinha, é natural, repara que um dos olhos, o esquerdo, quase fechado, sem ver, em certas alturas as feições rígidas desse lado, os vincos mais fundos, a pálpebra que demora a mover-se, lembras-te

- O que está a fazer pai?

lembras-te de quando nos levava, ainda antes de ter carro, ao outro extremo de Lisboa que nos parecia nos antípodas, nem estátuas nem praças, prediozitos de dois andares, vivendas de telhado de ardósia a imitar francesas, ninhos de cegonhas no que ele dizia

- O Ateneu

onde cobras que julgávamos venenosas, um lagarto num tanque seco e ele feliz

- Um lagarto

como se o Ateneu lhe pertencesse, isto é uma moradia sem reboco de janelas desfeitas, ele infantil, tão contente

- A Calçada do Grilo

ele orgulhoso

-O rio

ou seja relentos de esgoto, barcos que não prestavam, furados

(e ele garantindo que prestavam)

uma espécie de sótão abandonado, uma lata de gerânios e o nosso pai diante dos gerânios que o bafo do Tejo queimava, a gente a fungarmos de troça e o nosso pai muito sério

- Morei ali sabiam?

como se fosse possível morar numa sacada e numa lata que não interessava às gaivotas sem

falar nos restos de um petroleiro que a maré dispersava, num pontão com um rolo de cordas onde um homem de ar

103

(qual a correr o pateta, ele pensando que corria para o homem) ele a correr para o homem a perder o fôlego, a garantir

- Não é nada

setenta anos, setenta e um em julho, as pernas que amolecem, o cansaço, os pulmões, a tornar a garantir, não a nós, a si mesmo, a convencer-se a si mesmo sem se convencer a si mesmo

- Não é nada

o homem do chapéu caminhando ao comprido do Tejo na direcção dos comboios no momento em que o senhor Querubim surgiu da Photo Royal Lda com um saquinho de restos de polvo destinados aos gatos

(nenhuma Photo Royal Lda, lá está o que eu afirmo, as artérias, setenta e um anos que horror, uma oficina ou uma loja de móveis mas quase de feira, mas pobres, mais buracos que oficinas ou lojas)

no momento em que o senhor Querubim a reconhecer-me, a alegrar-se

- Pimpolho

o desejo de entrar no que o senhor Querubim apelidava de estúdio

- Entra aqui no estúdio pimpolho

a máquina e os três focos apontando um telão acabadinho de armar, não o da caçada em África ou do palácio da Bela Adormecida com a princesa de laçarote no cabelo a remar num barquinho, um telão com buracos de enfiar a cabeça que representava um casal de noivos a cortarem um bolo

(e as gaivotas agora, calem as gaivotas agora)

de mãos por cima uma da outra na faca, um velhote com um rissol num palito

- Uma festa catita uma festa catita

e eu a obedecer, a subir para um caixote, a ouvir não, sem ouvir as minhas filhas (- O que é isso?

104

Desça daí antes que caia senhor)

porque ninguém haveria de impedir-me de introduzir a cabeça no buraco que o senhor Querubim indicava e de surgir no retrato ao lado de um sorriso

(tão distante)

que escarnecia de mim.

QUINTA FOTOGRAFIA

O quinto retrato não foi tirado num estúdio dado perceber-se que as árvores do fundo

verdadeiras, não pintadas, se fossem pintadas eram pequenas, com flores e todas juntas e estas grandes, separadas e sem flores nenhuma, nota-se ao longe uma senhora mais um cão, o que parece uma senhora mais o que parece um cão mas pode muito bem ser um cavalheiro com um saco de compras ou um empregado a varrer folhas para um balde, observando melhor apanha-se inclusive o movimento das copas dado que um bocadinho turvas como sempre acontece às fotografias no caso de uma das suas partes mexer, apanha-se a vida derivado à (exactamente como na vida)

‘i nitidez diminuir e cada folha várias folhas sobrepostas e imprecisas, portanto (dizia eu)

árvores, um lago com um tritão de olhos ocos no meio

(nunca pensei que os olhos ocos tão circulares, ocupando quase a Película inteira)

bancos de parque desertos, um deles com uma casca de tangerina

106

e uma garrafa de cerveja esquecidas, uma esplanada onde se distinguem pessoas, um criado de avental e bandeja de frente para a máquina, o criado da família do tritão uma vez que os olhos dele ocos também, logo um retrato não de estúdio nem de quem entendesse de enquadramentos visto que a gente não direitos, oblíquos, para além de que me falta metade da cabeça, a saia da minha filha mais nova e as pernas da boneca dela decepadas, devo ter dito às duas

- Deixem-se estar

a fim de explicar o aparelho à minha mulher que lhe pegava a medo afastando de si aquele rato defunto, segura-se desta maneira, espreita-se por este lado, carrega-se aqui, sosseguei-a Não é um rato defunto descansa

recomendei Não te mexas

voltei a trote para o canteiro, alisei as têmporas e coloquei-me de joelhos entre as minhas filhas, um preto de sapatos sem atacadores e barrete de lã atrás da minha mulher a fitar-nos, um soldado disparou sobre ele na Guiné e uma cubata incendiou-se numa chama instantânea, reparei numa criança numa vala, o preto foi-se embora a estalar os calcanhares no cascalho e criança nenhuma que alívio, a minha mulher que não reparou na Guiné anunciando da máquina

- Vou começar

e a criança de novo com um pedaço de mandioca abraçado no peito, afastei África com as costas da mão antes que as minhas filhas tombassem, o tritão, de concha ao ombro, vertia água no lago, receei que ele nu conforme os mandámos despir ao ocuparmos a aldeia mas por sorte o escultor cobria-lhe as vergonhas com uma espécie de toalha, o preto a mendigar um cigarro nas bombas de gasolina ao funcionário que vai molhá-lo de petróleo, vai chegar-lhe um fósforo e em lugar de uma labareda e uma camioneta a derrubar palhotas o preto agradecido

107

lido, o rolo a deslocar-se no interior do aparelho, nenhuma fita de metralhadora posto que nós

intactos, a esplanada intacta, o tritão ocupado com a bilha, afigurava-se-me que no lago
movimentos rápidos de catanas

(de peixes)

estacando de súbito na vibração das lâminas, um salgueiro cheio de dedos reflectido na água,
dedos, braços magros que não protestavam, desistiam, flutuavam um bocadinho poisados na
erva, manchas cinzentas

(de sangue?)

manchas cinzentas de nuvens, sujidade, terra, um pato quase de brinquedo a remar
afiançando-me que estou em Lisboa, estou vivo, árvores como deve ser, aquelas a que me
habituei e entre as quais cresci, a minha mulher desapareceu na espingarda

(na máquina)

- Para o caso da outra ter ficado mal ajoelha-te mais

ajoelha-te preto, cala-te e ajoelha-te, os automóveis na avenida de

imediato unimogues, camionetas, jipes, os passageiros na paragem do autocarro velhas
descalças à espera, alisar as têmporas, verificar a camisa, propor à minha filha mais nova que
enfiava a mão entre o colarinho e o pescoço

(- Uma formiga)

e eu a puxar-lhe o pulso enquanto a tropa ia rodeando as palhotas e um trio de reformados
baralhava dominós numa tábua

- Não te esfregues agora

os automóveis na avenida automóveis a sério, que estupidez estas

lembranças, estes medos idiotas, o indicador da minha mulher no botão

(no gatilho)

o estalido, o rolo a deslocar-se

- Pronto

eu a limpar as calças desse pó dos canteiros, a minha mulher com

108 [

(lilás)

- Importas-te de dar um jeito no colchete de cima?

encontrava sardas, um traço de unha, sinais, respirar-lhe o cheiro

da pele ao enganchar os arames, o cabelo da nuca mais íntimo, mais húmido, a minha língua
ali

(porque não a minha língua ali?)

os caninos onde o relevo de um osso, uma palma sobre o ombro a procurar-me às cegas

- Fazes-me cócegas pára

ela um esticar de cabeça referindo-se ao aspirador na sala que a adivinhar pelas mastigações
turbulentas engolia cadeiras, reposteiros, bules, uma das minhas filhas a desaparecer tubo

dentro, o abanar de cabeça

- Se a empregada entra já pensaste?

a empregada alongava o pé e o aspirador calava-se meneando o estômago numa espiral de sacões, com o tempo o vestido lilás no canto do guarda-fato, desprezado, a empregada recebendo-o sem entusiasmo Obrigadinha senhora

e por baixo do Obrigadinha senhora O que faço com isto?

o marido que se amanhe com os colchetes no buraco onde moram, vinha buscá-la de boné que permanecia na cabeça mesmo ao guardá-lo na mão, quedava-se no capacho a tropeçar timidez de bochecha arrepanhada por uma queimadura, um pedaço de fósforo viajava boca fora lutando por exprimir-se e nisto o fósforo num pulinho

- A Augusta?

por conseguinte a Guiné uma figa, o Jardim Constantino, por mais que enxotemos as recordações elas connosco, tenazes, a vergonha que a madrinha da minha mãe me designasse de repente

- Cresceu tanto este ano.

JA

109

de tempos a tempos as narinas da madrastra da minha mulher e o pêssgo no topo a meditar

- Caio ou não caio?

escorregando um centímetro, equilibrando-se a custo, nós

- Sente-se mal senhora?

as sobranceiras a responderem por ela visto que a garganta ocupada com as resistências do ar, as minhas filhas especadas diante da madrastra da minha mulher abrindo a boca também, a mais nova com a boneca suspensa pelo tornozelo desfalecendo no chão, interessadas no pêssgo que se contraía, oscilava, o retrato

(as árvores do fundo verdadeiras, não pintadas)

com demasiada luz no canteiro onde demorava a reconhecer-me numa névoa parda

- Sou eu?

ao passo que a casca da tangerina e a garrafa de cerveja no banco perfeitas, decifrava-se o rótulo, a marca, se a bailarina de corda não tivesse falecido no sanatório em Coimbra exhibia-lhe a névoa no dia em que me deixassem entrar, o portão aberto, o jardineiro a descer do escadote

- Essa porta aí em cima

senhoras de touca, velhotes que tossiam em camas muito antigas, essas luzes sem destino dos chalés abandonados a esperarem ignoro o quê de nós e de súbito, junto a uma mesa de pé-de-galo, tu de comunhão solene aguardando-me, esconder a aliança, esconder as minhas filhas cortando os lados do retrato, aproximar-me

- Sou eu

ou mandava a fotografia pelo correio e por baixo não Sempre Querido

por baixo, numa letra que me demorou a desenhar para que ficas-* bonita

- Lembra-se de mim?

não

110

não tinha confiança para

- Lembras-te de mim?

o que eu passava, à espera de encontrá-la

(e se por acaso a encontrava desviava a cabeça fingindo não ver) não no Beato, não na Calçada do Grilo, não na Madre de Deus, para lá na direcção do centro, deves ter demorado semanas a dar-te conta e dei conta que te deste conta dado que corria a escapar-me de ti, se a bailarina de corda não tivesse falecido no sanatório em Coimbra exibia-lhe a névoa

- Sou eu

com a mão esquerda no bolso tentando retirar a aliança com os outros dedos e devo ter engordado

(engordei, a minha mulher diz que engordei

- Engordaste sabias?)

porque a aliança presa, se não tivesses falecido tu que me tratavas por você, por senhor, por - Olhe a alongares-te no retrato, cerimoniosa, atenta, comigo a calcular

- Mesmo que tire a aliança fica a marca estou feito

mantendo todo o tempo a mão no bolso, impedindo-te de me de

volver a fotografiaÉ para ti

não, nessa épocaÉ para si

consciente dos pinheiros e do arquipélago de cães que daqui a pouco à noite, antes que eu

- Posso voltar para a semana menina?

ou seja a reunir coragem na esperança de conseguir

- Posso voltar para a semana menina?

sem reparar nos apeadeiros e nas passagens de nível, eu de testa no vidro enquanto a bailarina ia rodando, antes que eu

uma menina?

111

- A hora da visita acabou

de modo que no álbum a fotografia a que dobrei os lados, o da minha filha mais nova a esfregar-se, o da minha filha mais velha a evitar o sol com o braço, se por acaso tu interessada

(se por acaso a menina interessada)

mentir

- Não são minhas filhas

e portanto eu no canteiro sozinho apesar da sombra da minha mulher na relva, quebrada na cercadura de tijolos e continuando a dirigir-se a mim

- Não é a minha mulher é um desses pretos que não faltam em

Lisboa a pedir cigarros nas bombas

ou um estranho a quem expliquei como o aparelho funcionava

- Segura-se assim carrega-se neste botão assim

na Photo Royal Lda não botões, manivelas, cada impulso de manivela uma noiva na varanda do engenheiro, um bebé a trepidar exigindo o seu peixe, se mostrasse o Beato à minha mulher ela a afastar os pássaros com a carteira procurando penas nos ombros

- Vinhas aqui tu?

enquanto dentro de mim, depois que o primo Casimiro enxugou o bigode no lenço, se movimentavam Iodos de encontro à muralha, o único retrato com as minhas filhas que tenho, era sempre a minha mulher com elas, cada vez maiores, nas fotografias, quando muito a minha sombra nos canteiros a juntar-se às sombras da minha mãe e da madrinha da minha mãe no Jardim Constantino, a máquina de costura trabalhando unicamente para mim ao fundo e na volta do emprego eu calado, eu gordo, a aumentar nas almofadas

- O que tem o pai mãe?

tenho que o pêssago vai cair-me do peito conforme o hidroavião não cessa de tombar no rio, tenho que toda a semana, a seguir ao ano em que voltei a encontrar-te

- Em que voltei a encontrá-la menina

miradoiro e na janela uma trepadeira de que nunca soube o nome da mesma forma que esqueço os vossos nomes filhas, tento lembrar-me e não consigo, uma ruga no nariz que não consegue também (tive esperança que a ruga se lembrasse e enganei-me)

- Setenta anos setenta e um anos em julho

oito de julho, acho eu

(ou nove?)

no mês em que a trepadeira umas petalazinhas claras, quase nem pétalas, uns pontitos alegres, desde há quanto tempo nós às quartas--feiras aqui, se as minhas filhas

(é um supor)

me perguntassem demorava-me à procura, as minhas filhas que nunca sonharam, não haveriam de sonhar, se por acaso sonhassem eu

- Qual hospedaria da Graça que invenção mais palerma uma reu

nião na empresa

ao fim de um mês a dona que falava por um tubo na garganta só ditongos, só vírgulas a oferecer-me a chave

- O quartinho do costume senhor

mais alto que o miradoiro, as noivas, um sítio em que a minha mãe não poderia atormentar-me de corpo inclinado para diante a verificar o beco

- Porquê?

por vezes a meio da noite um comboio de Santa Apolónia mais forte que os barcos, a hospedaria da Graça o ventinho apenas mudando a trepadeira de lugar, escrevi-te pelo menos trinta cartas para o sanatório e por não me responderes

(agora sim, por tu)

tive a certeza que tinhas falecido, a chave, os números das portas

- Esta

e eu tão nervoso que não conseguia abrir, a trepadeira sem flores porque novembro, ao acender a luz tudo puído, feio, pensei

- Arranjo um pretexto qualquer e saímos daqui
as minhas filhas na carteira,

113

O que tem o pai mãe?)

palavra de honra que queria casar contigo mas passaram tantos anos percebes, se eu imaginasse que estavas viva juro-te que nunca a minha mão num bolo, nunca uma cozinha ora aqui ora ali a existir aos pedaços, nunca as minhas filhas, dobrei os lados da fotografia mas não fui capaz de mentir-te

- São estas

(- Arranjo um pretexto qualquer saio daqui não volto)

a lâmpada do tecto entristecia o quarto, gente no corredor, uma mulher

(julgo que uma mulher)

a rir-se, a dona do tubo na garganta soprava uma palavra hoje, uma palavra passados séculos e as palavras iguais às da minha mãe a vasculhar ausências

- Porquê?

a chuva embaciando tudo a humedecer-me por dentro, com esta chuva assim não consigo, devia estar no emprego ou em casa ou no Beato ou onde quer que fosse desde que longe daqui, sobretudo não estar aqui, juro que não volto aqui, não pensar em ir-me embora, ir-me embora de facto e ao decidir ir-me embora pedir senta-te ao pé de mim para te contar as coisas como deve ser, não tenhas medo, juro que não te toco, cruzo os braços olha, não consigo tocar-te com os braços cruzados, se ao menos um candeeiro na mesa de cabeceira, se aquele galho não insistisse nos caixilhos, se a mulher

(uma mulher, sim)

deixasse de se rir lá fora e depois estes pregos onde dantes estampas, a fronha cerzida, o senhor Querubim

(- Não repares)

a sugerir-me que te vista de noiva, o véu, a grinalda

- Não faça uma cara tão assustada menina

trazias um fio com uma cruzinha ao pescoço desses que nos colocam em criança

114

e a cruzinha comoveu-me, a criança um ou dois passos para nós sem consciência de caminhar para nós, se permitisses que mexesse na cruzinha era eu que me sentava a esconder-me nas palmas mesmo que o alferes

- Levanta-te

eu quieto mesmo que me dessem corda e um pingo de azeite nas juntas, mesmo que uma metralhadora a obrigar-me a dançar não rodopiava, ficava-me, mirava os orifícios das balas como se um arranhão no dedo, só me preocupou que uma jarra se despenhasse num quarto vizinho e cada fragmento um estilhaço de morteiro a doer-me, não apenas a cruzinha no peito, os teus sapatos a que faltava graxa comovendo-me também, se te fechasse uma nota na mão ofendias-te, as minhas filhas como se eu não pudesse ouvi-las o pai não tem setenta anos, que setenta, oitenta e dois em julho, o fígado que desiste, a análise do açúcar, o médico de indicador no processo oitenta anos não são oitenta meses amigo, a gente sossegados e nisto uma maçada, um problema quando o único problema era afastar as madeixas da minha mãe sem lhe encontrar a cara ou tu levantando-te da cama

(e o senhor Querubim agradado

- Aguenta essa expressão menina essa atitude dos braços)

tu encostada à parede em que do outro lado vozes, a cruzinha sumida na blusa a reaparecer

-Não

uma cicatriz num tornozelo que me comoveu também, aproximei-te o pescoço e o pescoço a recusar-me

-Não

isto é a bailarina girando para onde era impossível impedi-la de continuar a dançar, a tua voz como se um tubo na garganta igualmente, palavras quase só ditongos, vírgulas e enquanto as palavras a cara impassível, os lábios cerrados

- Não devia ter vindo

portanto não eras tu quem falava conforme não era a dona da hospedaria, em vocês sem relação com vós.

115

- O seu quartinho senhor

e os olhos noutro sítio, o pensamento noutro sítio, não era

-Não

o que tu querias dizer, não podia ser

-Não

e a prova que não podia ser

-Não

estava em que a cruzinha do pescoço consentindo que lhe mexesse, isto é tu

-Não

e a cruzinha, independente de ti, a concordar comigo, o riso da mulher mais forte e o riso de um homem com ela, a dona da hospedaria sempre séria

- Senhor

ao mexer na cruzinha eu para mim

- Fujo daqui vou-me embora

invento uma desculpa, uma mentira sobretudo agora que te sentaste na cama, que já não

-Não

o queixo no peito, as palmas nos joelhos, tu escondida no cabelo conforme a minha mãe ao dormir, arredar-te as madeixas e

-Mãe

arredar-te as madeixas e pingos de azeite, não lágrimas, não a cara impassível, não os lábios cerrados, as feições da comunhão solene ou seja uma miúda de oito ou nove anos cujas bochechas estremeciam

- Não abuse de mim

não por tu, por você, uma gotinha que preferi não ver no ângulo da pálpebra, a demorar-se no rebordo, a não cair, não chores, por favor não chores

- Não abuse de mim

não vou fazer-te mal, não chores, sou parecido contigo, vês aquele homem no pontão sobre um rolo de cordas, vês um garoto

116

a correr para ele, vês um sujeito a secar o bigode no cais, sou da tua idade não chores, quase todos os sábados eu no comboio de Coimbra, escrevi-te dúzias de cartas com as frases, por vezes

(apesar do meu cuidado)

a ultrapassarem as linhas e nas cartas

Menina

Sinto a sua falta menina

quando te pedi namoro num bilhete com uma cercadura de casais de rolas com fitas no bico

não noivas, não pedaços de peixe, rolas de cauda em leque com fitas no bico, disse se não aceita ter namoro comigo feche a janela e tive medo de ir ver, decidi não vou ver, eu na Madre de Deus, no Ateneu, na Calçada do Grilo Não vou ver

dia oito de agosto Não vou ver

eu a chegar aos prédios antes da igreja com tantos azulejos e tantos nardos no altar, eu na esquina para a avenida do rio seguro que não ia ver, posso espreitar as fachadas mas não o rés-do-chão do número vinte e seis e ao afirmar

- Não vou ver

a janela aberta, a janela aberta, ajanelaaberta, ninguém no peitoril, uns palmos de tecto, um canário de feltro numa gaiola cromada, tentei descobrir a mesa de pé-de-galo, a bailarina, quando a chuva parou na hospedaria da Graça a trepadeira calou-se, os ramos suspenderam-se à escuta, tu não

-Não

isto é, eu não

-Não

a consentir que o empregado do meu pai me sachesse por dentro da terra, me abrisse sulcos para a batata, o cebolo, parasse a verificar o cair e o meu oai sem se dar conta, não

117

- O seu quartinho

estava em Arganil perto do pomar, da vinha, deu-me ideia que uma mulher a rir-se no quarto ao lado, passou-me pela cabeça

- É a chuva que voltou

apesar dos galhos da trepadeira quietos e afinal a respiração do senhor, a cara como se me odiasse

- Odeia-me?

e não ódio uma espécie de sofrimento arredando-me o cabelo da cara, espreitando sob o cabelo

- Mãe

uma pressa que me fez pena

- Para quê tanta pressa?

e por me fazer pena a minha mão na cara dele

- Para quê tanta pressa?

eu ensinando-o que os sulcos não se abrem dessa maneira senhor, alongam-se um após outro, direitos, não enxugue não o sei quê na manga, não se inquiete com o hidroavião, as gaivotas, ninguém para siTrambolho

eu não disseTrambolho

não o mandei embora, estou aqui, hei-de voltar todas as quartas--feiras consigo, vejo o retrato das suas filhas, oiço-o

no sanatório, em Coimbra, os pinheiros toda a noite a falarem comigo prosas que não entendia e o senhor, tendo estudos, havia de entender

entende

não me deixava adormecer para que o arquipélago de cães não me espalhasse os ossos, a tesoura do jardineiro ia-me cortando os pulmões, quando alguém morria atravessava o corredor num lençol, um ombro a baloiçar fora da maca, unhas que continuavam a crescer, dedos de giz, da única ocasião em que o meu pai em Coimbra trouxe-me cenouras, uma galinha de patas atadas num cordel

as asas da galinha espanejavam em torno, o corpo do meu pai para trás e para diante,
embaraçado, medindo-me as fraquezas esquecido do

bichoAo menos dão-te de comer rapariga?

uma gravata que não lhe pertenciaQuem lhe emprestou a gravata?

a escorrer do colarinho

(a minha mãe contava que no verão um irmão dela enforcado antes de eu nascer vinha beber-nos a água do poço assim)

o casaco que parecia ao mesmo tempo faltar-lhe e sobejar-lhe, olhos que se escapavam, lábios perguntando ao tecto

- Tens a certeza que te dão de comer?

o enforcado vinha beber-nos a água do poço assim, a minha avó a apontá-lo à minha mãe, em segredo

- O Jaime

elas as duas num cachozinho de espanto, o corpo do enforcado para trás e para diante, a gravata que outro defunto lhe deu (a minha avó

- Nunca teve aquela gravata filha usam a roupa dos colegas)

demorava-se um momento a avaliar os limoeiros, ia embora sem

vontade, no dia seguinte sinais de botas nos coentros, a maçaroca de pano de alarmar os pássaros quebrada, o empregado do meu pai à espreita com a navalha e ninguém, ao cruzar-se comigo a mulher dele punha as feições no chão e murmurava, afigurava-se-me que a esposa do senhor em Tavira murmurava também, a filha do cotovelo em gesso

- Parti o braço olhe

o senhor a remexer-se, eu a entrar crochet dentro, a mãe logo

- Anda cá

pouco antes de morarmos em Lisboa o empregado a emagrecer de repente, umas vertebrazinhas, umas farripas, uns tornozelos de nada, uma criança quase, de mãos cruzadas no que tinha sido a barriga, à entrada de casa, com o guarda-chuva aberto a defendê-lo do sol, o

Hermano

o empregado uma espécie de gesto ou antes nem um gesto, a mão
a erguer-se

(parte da mão a erguer-se)

e a desistir devagar, a mulher ajudava-o a sumir-se arrastando sandálias no buraco da casa e isto com a terra do meu corpo pronta, zangada com ele a exigir aos gritos

(e eu a calá-la)

a batata, o cebolo, quem me arranca estas ervas, quem cava os sulcos agora, eu de boca na almofada e o colchão a indignar-se por mim que eu bem escutava a minha voz, todas as minhas vozes no recheio dele, eu à mesa com vergonha que adivinhassem, soubessem, a minha avó de colher no ar

- Perdeste o apetite?

e qualquer coisa nela a adivinhar, a saber, a espreitar o empregado antes de me espreitar a mim isto é uns pauzitos de ossos, umas vísceras bambas, a seguir ao funeral a mulher veio despedir-se da gente e cuspiu no chão ao ver-me, nessa noite o enforcado demorou mais tempo no poço sem se interessar pelos limoeiros fitando-me a mim, ao achar-me de manhã no espelho achava-o também, a cara dele e a do senhor na hospedaria da Graça a odiar-me

- Odeia-me?

e não ódio, uma espécie de sofrimento arredando-me o cabelo da cara, espreitando sob o cabelo

- Por favor não sorrias

ele de joelhos como no retrato com as filhas a pedir

- Não sorrias

as crianças na Guiné não sorriam, não se assustavam sequer, acocoravam-se junto aos cadáveres à espera, ficávamos numa aldeia três dias e ao terceiro dia a mesma garota junto à mesma criatura deitada a reder, partilhando moscas, lagartas, esses urubus que poisam nos finados sem se ralarem com a gente puxando pela carne e nós

120

entregou-lhe uma lata de conserva e não tocou na lata, há alturas em que me pergunto se uma aldeia realmente ou um cenário de aldeia, cubatas pintadas, labaredas de guache, cada soldado um traço de carvão, o jipe que a mina explodiu uns novelos de riscos, eu acocorada junto dele na hospedaria onde um operário a martelar um cano, a martelar-me num quarto de repente próximo como os cães por exemplo, de súbito vizinhos ao ladrarem ao longe ou certas vozes ou a mangueira de rega ou os sinos do meio-dia em outubro

(os sinos não vizinhos, no interior de mim)

o operário a martelar o meu corpo ou então o bater do meu sangue ou então a lembrança do empregado do meu pai

(sei lá)

que se pegava no sacho eu sentia-o, acocorada, à espreita, sentia os meus sulcos e torrões e pedras e as raízes da nespereira que apodreceu dos bichos e o meu pai cortou, ao cortarem-na o tronco

ia dizer que o tronco a gemer mas não gemeu, outra coisa, um som profundo de águas visto que deve haver águas no interior de tudo conforme sei que águas em mim, da primeira vez que eu mulher a minha avó a designar-me à minha mãe

- As águas da menina

e eu um liquidozinho roxo igual ao da nespereira, as cartilagens dela, os tendões, na hospedaria da Graça no topo da cidade, mais alta que os pavões do castelo, telhados, pombais, a trepadeira que eu não tinha coragem de perguntar o nome no caso de haver nome para ela,

se calhar só trepadeira, mais nada

- Chama-se trepadeira apenas

o senhor afastava-me o cabelo da cara, os dedos dele tão nervosos e eu Para quê tanta pressa?

eu Deixe-me ajudá-lo espere

como ajudei o alferes aue mandou parar a camioneta e me ordenou.

121

(a lata de conserva apertada na mão)

coloque fios de tropeçar na picada, armadilhe o capim, lhes conte onde estamos, desconhecem a gratidão, piores que os cães, esses ao menos ladram e os pretos calados, se a gente a empurrá-los ou a bater-lhes

- Não sei

os cães fogem, eles não, para ali empoleirados como o meu pai no seu rolo de cordas a detestar-nos

- Trambolhos

o alferes para o condutor

- Espera

as outras camionetas a seguir a nós, o cabo à procura do quartel no mostrador do rádio, acaba com a garota percebes antes que se ponha a crescer e acabe connosco ou desate a parir os que acabarão connosco, eu sem descer

(para quê descer?)

apontar não a ela, à lata de conserva, àquele brilho de metal e a garota habituada às larvas, às moscas, aposto que a aprovar-me, ela junto ao cadáver, quieta, ou seja primeiro quieta sentada e quieta de bruços depois, uma perna alongou-se um bocadinho e pronto, o alferes para o condutor, mirando-me de uma forma esquisita

- Acelera acelera

apertou a mão dos outros, não apertou a minha ao chegarmos, a que segurava a minha filha mais velha no retrato do parque e eu com medo que ela abraçada a uma lata de conserva quando a minha mulher disparou

- Segura-se na espingarda assim aperta-se aqui carrega-se assim

eu a verificar se tu uma lata de conserva apertada no peito filha, se

descalça, se uma blusinha suja, a minha mulher ofendida

- Suja de quê? Qual suja?

enquanto eu sempre a limpá-la

(pode ser que lama, pode ser que formigas)

122

Espera por amor de Deus espera

a colocar-me entre a máquina e ela, o alferes enojado de mim

- Vai-te embora

a lata de conserva nem sequer fez ruído no chão, continuou a brilhar, um de nós pensou em apanhá-la

- Já não lhe serve de nada

e o alferes de dentes ao léu furioso com a gente todos

- Acelera acelera

árvores verdadeiras, não pintadas, se fossem pintadas seriam pequenas e com flores, todas juntas e estas grandes, separadas, sem flores, observando melhor notava-se o movimento das copas dado que desfocadas como sucede às fotografias no caso de alguma coisa mexer, cada folha várias folhas sobrepostas ou seja a mesma folha cinco ou seis folhas simultâneas, não a preto e branco, cinzentas e portanto árvores não de telão, a sério, a minha mulher a aproximar-se um passo

- Vou disparar

não, a minha mulher na camioneta acompanhando o alferes, o joelho nas minhas costas, o cano a pesar-me no ombro, acabar com a minha filha antes que se ponha a crescer e acabe connosco, ela a espantar-se à mesa, a cobrir a pergunta com a mão

- O que tem o pai mãe?

tenho que não setenta anos nem setenta e um em julho, oitenta, onde vai ele às quartas-feiras senhora, onde vai ele na primavera aos domingos, o médico não mandou que repousasse, não fizesse esforços, não saísse de casa, lhe vigiassem o pulso, não respeitou a dieta, bebeu um cálice de vinho, repare que dá três passos e cansa-se, encosta-se à parede a fingir-se distraído, a disfarçar os pulmões, se lhe dizemos alguma coisa aceita por alheamento, concorda por cansaço, o tempo que ele demora a servir-se, a comer e depois esse cuidado a pentear-se, o perfume, o lencinho, qual almoço com os colegas senhora, quais colegas, ao despedirmo-nos no regresso da Guiné, já em Lisboa, o alferes

lá não fales

123

Não me fales

tu no quartinho do senhor

- O seu quartinho senhor

na hospedaria da Graça sob a chuva

- Desculpa a chuva

não, ainda por você, por menina

(Vou buscá-la longe da sua casa onde quer que vá buscá-la?)

Desculpe a chuva

a hospedaria da Graça em que não querias entrar e por causa do teu pai ou dos vizinhos ou de uma prima que continuava a tomar conta de ti fui buscar-te ao Beato, não queria falar no Beato, esqueci-o há que tempos, foste tu quem

- Conhece a igreja do Beato senhor?

nas imediações do Ateneu e da Calçada do Grilo, lojas onde às vezes a tua prima, tu e eu

- Sabe onde fica o pontão há-de haver um rolo de cordas no pontão

as noivas da Photo Royal Lda nos caixilhos da montra sem que o senhor Querubim

- Pimpolho

uma traineira, um pacote, o petroleiro persa que removeram há séculos e com ele as senhoras idosas que escutavam o terço nos camarotes afundados, os quintais substituídos por prédios de habitação, garagens, uma ou duas oliveiras com as suas borboletas e os seus pássaros de província, eu para ti

(não por tu, por menina)

- Sabe onde fica o pontão há-de haver um rolo de cordas no pontão

esperando como continuo a esperar, como hei-de continuar à espera de um chapéu a fumar, de duas canas de pesca (a minha filha mais nova a desculpar-me ~ A idade dele mãe)

124

- Trambolho

a sacudires-me com um gesto (- Chega-te para lá não me fales) tu Senhor

eu Senhor

visto que o sacho de regresso destruindo ervas, cavando, abrindo sulcos na terra, eu

- Senhor

e as águas do meu corpo a subirem, subirem

portanto infelizmente tu não

(não

- Tu não)

a menina não

- Trambolho

consoante não o vestido de comunhão solene, um vestido de mulher, nenhuma vela com uma fita, uma carteira de pessoa crescida, sapatos de mulher, não sapatos de bailarina a girarem, o comboio de Santa Apolónia comigo na carruagem a partir para Coimbra, eu não idoso, com trinta anos, menos idoso que vocês hoje em dia a decidir Vou-me embora

subo para o caixote Dá licença senhor Querubim?

tomo cuidado com os pregos para não aleijar o pescoço, enfio a cabeça no telão da bicicleta vermelha que deve estar na cave

(está de certeza na cave)

entre frascos de revelador, baldes, vou-me embora a pedalar e adeus pensando que no caso de aceitar uma lata de conserva e a apertar contra o peito alguém numa camioneta

(um soldado que um alferes desprezou)

me há-de ajudar a vir, eu pela primeira vez na hospedaria da Graça, a dona falava Dor um

tubo na garganta ainda não minha amiga.

125

- O seu quartinho senhor

a exigir-nos dinheiro adiantado desconfiada de nós, as portas numeradas, a suspeita que em cada porta o primo Casimiro para a minha mãe com receio que eu entrasse

- Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

a chuva na janela a desolar a tarde, uma pessoa que chamava

- Tadeu

pareceu-me que rolas mas como rolas no inverno, a pessoa que chamava uma oitava acima

- E para hoje Tadeu?

e no Beato a vazante a pingar mágoas de lodo, a muralha a descoberto, o pontão mais comprido, homens da minha idade, que surpresa, eles que sempre tinham sido maiores, um deles antigamente

- Pimpolho

e desta feita não

- Pimpolho

como se não me conhecesse, de calças pelos joelhos a recolher detritos, Alcochete mais vasto ou então o Montijo a brandir luzes, não luzes, reflexos de telhados, de chaminés ou isso, quando tinha quinze anos uma mulher num arco mais adulta que a minha mãe, mais forte

- Trazes dinheiro rapaz?

se eu fosse o primo Casimiro um pacote de broas, a pressa de agradar, sorrisos, a segunda pupila a juntar-se à primeira Estás a rir-te de quê?

e a mulherPerdão?

estás a rir-te de mim na hospedaria da Graça quando a chuva parou e a trepadeira calada, a rir-te da mão na minha cara, na nuca

- Porquê tanta pressa?

a ajudar-me explicando que os sulcos não se abrem dessa maneira senhor, segura-se desta forma na enxada e alongam-se direitos ao longo do corpo, não enxugue não sei quê na manga, não se inquiete

126 Trambolho

eu não disseTrambolho

não o mandei embora, estou aqui, hei-de voltar todas as quartas-feiras consigo, vejo o retrato das suas filhas, vejo-o, não acho que setenta anos, setenta e um anos em julho e as artérias, a memória que falha, julga que uma garota na Guiné com uma lata de conserva apertada no peito, julga que uma espingarda, um tiro e não houve tiros garanto-lhe como não houve o alferes

- Chega-te para lá não me fales

há o senhor, há nós dois, pode ser que uma mulher num arco

- Trazes dinheiro tu?

e que importa a mulher, você (posso tratá-lo por você senhor?)

você de punho redondo no bolso a mentir como se no casaco notas, moedas e o bolso vazio

- Trago dinheiro quer ver?

você sem barba ainda, com tanta infância na cara, a acompanhá-la a um resto de muro a seguir aos quintais onde a mulher

-Aqui

ou seja uma panela numas pedras e trapos no chão, ou seja um pedaço de lona em que devia dormir, ou seja a mulher

- Tens um cigarro ao menos?

e um comboio de súbito, de Paris ou Coimbra, a mulher uma bailarina que principia a girar até ao fim da corda, no fim da corda

- O dinheiro?

ela mais forte que o senhor (mais forte que você)

- O dinheiro?

e não pode fugir não é, fugir para que lado, não adianta fugir, ainda percebe o rio, a maré, ainda percebe o canivete

- O dinheiro?

127

-Pai

a sua filha mais nova

- O que aconteceu pai?

e você a amparar-se à mesa com essa coisa no estômago (supõe que no estômago)

que o impede de respirar, de mover-se, a responder (tão surpreendido)

- Não sei.

SEXTA FOTOGRAFIA

E aqui está o meu sogro penteadinho, grave, todo catita (percebe-se que fez a barba com mais cuidado, passa as costas da

mão na bochecha, a minha sogra com as minúcias habituais que não

sei como o pobre aguentava

- Espera

a endireitar-lhe o casaco, a limpar com a ponta do lenço o que não estava sujo na cara, a

recuar observando-o só boca franzida, só pálpebras, a inventar um traço que ninguém notou

- Saiu-me na rifa uma criança grande meu Deus

a molhar a ponta do lenço na língua e a esfregar o traço, a reparar nos sapatos

- Há uma coisa na gaveta que se chama graxa e outra coisa que se chama escova sabias?

embora os sapatos normalíssimos, limpos, por vontade dela engraxava a sola também)

portanto aqui está o meu sogro obediente, gorducho, depois de o melhorarem com a coisa a que se chama graxa e a coisa a que se deixa

ir.

ir

130

Não vais meter a perninha em cima da cadeira para me estragares o estofado pois não?)

no dia em que o promoveram na empresa, sempre que passamos por esta fotografia a minha mulher costuma contar pela milésima vez e por não ser pessoa de se repetir muito suponho que o facto a entenece, no caso de cair na asneira de perguntar

- Entenece-te?

um soslaio de zanga

- és tão parvo

de modo que por prudência eu calado a fingir interessar-me enquanto a minha mulher igual à mãezinha

(a velha história dos genes)

ela que embirra com a mãe, salva o retrato de um grão de poeira que mais ninguém percebe

(só lhe falta molhar a ponta do lenço na língua)

a contar-me que o pai

(não me conta a mim, conta-se a si mesma, não é comigo que fala, sirvo-lhe para se escutar, claro que se eu só sirvo para te escutares

um soslaio de novo Já nascestes assim tonto?

e um final de dia

mais a manhã seguinte

de respostas tortas, amuos)

consequentemente e abreviando para evitar o álbum fechado de estalo e partes gagas, cenas, sempre que passamos por esta fotografia a minha mulher a demorar-se numa espécie de sorriso voltado na direcção da infância

(não de mim)

que se enche de súbito de episódios aos quais não tenho acesso e que uma lágrima une

(continua a surpreender-me o número de recordações que se podem

o indicador a sair do sorriso e a insistir na película um dois três toques, ao terceiro toque o sorriso a desfalecer e os olhos dela em mim

(não olhos, duas lágrimas com os olhos dentro que desfaleciam também)

- Nunca entendi porque é que o meu pai quis tirar o retrato numa lojeca tão reles

ou seja uma cave na outra ponta da cidade junto aos fedores do rio que eu nem sonho onde fica, a minha sogra no automóvel

- A que miséria nos levas meu Deus?

a minha mulher e a irmã

(saiu-me uma boa peça a irmã)

a discutirem a propriedade de uma blusa

(ainda hoje discutem a propriedade da blusa que acabou há séculos no lixo)

gritando-se ameaças no banco de trás, a minha mulher e a irmã catitas como o meu sogro, penteadinhas, engraxadas, não sugiro que gorduchas para que

(inesperadamente de acordo)

se não engalfinhem em mim, a minha sogra a vigiá-las no retrovisor que o meu sogro inclinou para si conforme à noite negociavam com certeza, centímetro a centímetro, o cobertor da cama

- Pela vossa saúde não desengomem os vestidos meninas

à medida que Lisboa

(cidade estranha)

se transformava em subúrbios, quarteirões encavalitados, restaurantes à beira da estrada com mais cachorros que clientes, eu de testa no álbum a imitar curiosidade e o fio de lágrimas da minha mulher carregando aquilo tudo, os quarteirões, os restaurantes etc com o dedo do sorriso a insistir na película ou seja não sorriso, só dedo, um dos olhos quase a descer a bochecha, eu a lembrar-me da minha primeira esposa que me vencia quando os olhos lhe chegavam ao nariz e os fungava

I

(o que me consta continua por aí a fungá-los com um cretino qualquer)

felizmente o olho

(pouco

firme é verdade)

aguentou-se mais ou menos na pálpebra, regressou ao lugar e a minha mulher a repetir para

ela, não para mim que sou um verbo de encher

- Nunca entendi porque é que o meu pai quis tirar o retrato numa lojeca tão reles

e a prova que sou um verbo de encher consiste em que se iniciasse uma frase e a enxotasse com o desdém de um suspiro

- Tu não percebes isto

a coitada da frase a amarrotar-se para aí, logo gasta, amarela, uma cinza de ideia enquanto o meu filho

(um Átila em botão que nos há-de destruir a ambos mais cedo que se pensa)

martelava um brinquedo, as luzes ao acenderem-se na rua destin-gem para mim, eu essa palidez dos telhados, esse roxo das árvores, esses sons mais ténues que por um motivo que me escapa me doem, a voz da prima divorciada de regresso como nas tardes de gripe

- Pedrito

eu que não esperava uma destas a empurrar o olho para cima à socapa, a empurrá-la a ela

- Tenha paciência prima Diná não me leve a mal não tenho tempo agora

e com pena que se fosse, palavra, apetecia-me estar consigo, espreguiçar-me ao seu colo, sentir-lhe as molas da carne, adormecer nos seus cheiros, os meus pais recebiam a contragosto o amigo espanhol

- Um pianista Diná?

ralavam consigo a ignorá-lo, estendiam uma colher de açúcar para o chá com dois grãoszitos no fundo

133

tos da prima que costumavam contrariar o crepúsculo desistiam vencidos, eu a melancolia da rua, sons que doíam, doíam, a argumentar com o prato

- Não me apetece jantar

a água não num jarro, num frasco facetado em que as lâmpadas do lustre mudavam de cor, a prima um sinal sobre o lábio com um pêlo espetado

(o que eu gostei do sinal e do pêlo)

um dente um bocadinho fora do sítio

(não, dois)

que ainda hoje acho lindo

(dois ou um?)

desde então as gripes uma maçada solitária sem perfumes nem colos, puzzles incompletos, revistas a que faltavam páginas, o lixo que a minha mãe retirava da prateleira das doenças onde também um anão da Branca de Neve maneta e um apito que se reforma de apitar, soprava-se e cuspo, eu a amontoar-me de raiva nos cobertores Não quero

esperava que Pedrito

e em lugar de

- Pedrito

o silêncio da casa, a minha mãe sacudia o termómetro e eu a pensar, pela veemência do gesto

- Não pode ser o termómetro é um penso rápido que se lhe colou
apele

alojava-mo no sovaco, apertava-me o braço contra as costelas a contar quatro minutos no relógio de pulso

- Quietos

com a sombra das pestanas a aumentar-lhe a face, quase a prima divorciada graças ao abajur cor-de-rosa, sonhos confusos em que o pianista espanhol me arrancava acordes de tosse dos pulmões, a minha vinha do quarto dela meio a andar meio a ronecar.

134

(a pele sem viço, mole)

deitava-se comigo mas faltava-lhe o sinal sobre o lábio e eram os cheiros do meu pai, a desodorizante e a cerveja, que lhe encontrava no corpo

(se o meu pé roçava os seus joelhos de certeza que não iria falecer)

a minha mulher contemplando uma franja torta no tapete que não sei porquê se lhe afigurava decisiva, mantendo o dedo na fotografia

- Nunca entendi porque é que quis tirar o retrato numa espelunca
tão reles

e por baixo do meu sogro, gorducho, catita, todo importante, sério, Photo Royal Lda a letras caprichadas, em relevo, a que faltava o doirado, isto na outra ponta da cidade, longe da foz do Tejo na qual, entre caniços e charcos, vão morrer os navios, o meu sogro ao longo de muros de tijolo, colmeias vazias, uma oliveira quase defunta a pular de um baldio

- Como isto mudou
se calhar uma dúzia de recordações penduradas num fio de lágrima igualmente
(a velha história dos genes)

episódios a quem a gente agradece por continuarem connosco mesmo desbotados, vagos, amontoando-se numa caixinha de que cerramos a tampa com medo que se evaporem, visitamo-los em segredo protegendo-os com a mão

- Não me roubem o que fui
missas do Galo, patins, rebuçados a que o papel se colava, o sinal sobre o lábio que me persegue

- Pedrito
no chichi a meio da noite quando horas improváveis (se eu acordado não existem, existem horas a sério que podemos contar)
rir, nem OUâXO. trinta C

135

tudo tão misterioso, tão grande, o próprio ruído do chichi um arame de gotas a verrumar o

silêncio, a claridade do quarto de banho irreal, um sujeito de cabelo no ar que me encara do espelho a coçar a cabeça

(ele canhoto)

com os botões do pijama nas casas erradas espantado comigo e eu com ele, o sujeito a voltar para a cama

- Volta para a cama sujeito não preciso de ti

dado que talvez a prima divorciada à minha espera na sala e eu a espreguiçar-me ao seu colo, a adormecer nos seus cheiros, mora em Salamanca

(disseram-me)

e se soubesse o endereço, palavra de honra, escrevia-lhe, ainda tenho gripes sabia, dores nos ossos, momentos em que por assim dizer necessito de si, derivado aos candeeiros da rua eu telhados, eu árvores, esses sons mais ténues que mesmo hoje, não calcula, magoam, a minha mulher a fitar os candeeiros, a fitar-me

- Que tolíce

quando tenho a certeza que a magoam também, se a gente aceitasse o colo um do outro, nos pendurássemos lado a lado como as recordações de uma lágrima e em lugar disso, para não dar parte fraca, o dedo a narrar que o meu sogro na outra ponta da cidade, um lugar de mendigos a que chamava Beato onde a roupa a secar enxugava desgostos com a ajuda do vento, o meu sogro pisando um regador amolgado nas pedras

(a prima divorciada sem ligar ao regador ou a mim)

- Era por aqui acho eu

ou seja o rio de súbito, passarada, não a habitual em Lisboa que não ofende ninguém, esses maiores que se a gente não se acautela vêm Por aí abaixo e nos comem, armazéns, isto é uns barracos inclinados para a água se pode chamar-se água a um pedaço de concertina a bater na muralha, um oontão de pescadores com um rolo He

136

(como sempre prima Diná, como sempre)

a abandonar o retrato, a compor o olho, em acabando de compor o olho

- Adivinha o que o meu pai foi fazer ao pontão?

(procurei Salamanca no globo do escritório mas na Espanha, verde

Espanha verde, a França azul, Portugal amarelo

só uma circunferência com uma bolinha ao centro e Madrid, Salamanca mentira, mentiram-me, porque me mentiu mãe, Salamanca não existe pois não?)

e o que o pai da minha mulher foi fazer ao pontão podia tirar-lho da sua lágrima ou de tanto a escutar incluí-lo na minha, narrá-lo de cor ou seja um convés de petroleiro, fragatas sem motor, os tais pássaros, a minha sogra

- Vais sair do automóvel tu?

e o catita, o gorducho a trotar no pontão a caminho do rolo de cordas, a minha mulher no

vagar dos sonhos, com a bolhinha de uma frase a escapar-se da boca e a subir à tona

- Parecia-lhe que um homem de chapéu a fumar

o meu sogro a chegar-se e nem suspeita de homem é claro, a minha sogra para a minha mulher e para a prenda da minha cunhada, esquecidas da blusa

- Ficou totó não está bem

enquanto ele a passar a mão pelas cordas, a regressar ao automóvel, a instalar-se ao volante, decepcionado

- Ia jurar que o meu pai

e também um fio de lágrima com remorsos pendurados, quem podia supor imagine-se, o dedo da minha mulher a ascender do retrato a fim de mostrar Paris localizado num ponto algures entre o reposteiro e uma gravura modernaça com uma pêra às pintinhas

- O meu avô pescava naquele rolo de cordas antes de emigrar para

França

isto é o homem do chaoéu Drimeiro a fumar no comboio e depois

137

que o inverno não pára, a minha mulher por reflexo a encolher-se no vestido, o meu sogro abismado no Jardim Constantino fixando vidraças, dava-me ideia que a olhar as copas e a enternecer-se

(a velha história dos genes)

não faço a menor ideia com quê, a zangar-se de se enternecer receando que o houvéssemos acompanhado sei lá onde e desvendado sei lá que segredos, a tornar, batendo asitas, num saltinho de ganso, a minha sogra a espiá-lo

- Onde é que estavas tu?

e o meu sogro a comer mais depressa, a ocultar-se no prato como se o prato vertical, a escondê-lo, ao limpar a boca limpou a cara toda na mira de limpar da cara o que eu ia jurar

(não destrinchava bem)

ser um galho de trepadeira ou assim

- Estava aqui

para a direita e para a esquerda segundo a chuva de outubro e quase garantia

(sem poder jurar)

que uma mulher com ele, o meu sogro a afastar-se do pontão que a enchente ia levando bloco a bloco conforme levava o Beato inteiro no sentido da foz, demorou-se nos edifícios de um beco que uma distração da gravidade ia mantendo de pé, varandas, janelicos, um sujeito com um pacote de broas a espantar-se para um garoto invisível

- Estás a rir-te de quê?

ou a minha mulher para mim, desconfiada, alerta, a compor-me o casaco, a transferir para o cinzeiro uma linha ou um cabelo (a tal história dos genes) o que ela desejava uma linha, um cabelo

- Estás a rir-te de quê?

logo adiante na bainha da margem, espremidos por capelistas, escadinhas, caves, dois degraus
que a avaliar pela espessura das trevas

Onde ao rentrem nutrem.

138

numa caligrafia idêntica à do retrato do meu sogro mas envelhecida, riscada, com

o querubim é maricas

a carvão por cima, com

elisa adora beto

a giz sobre o carvão, um pénis suponho que das grutas de Altamira que talvez pertencesse ao
beto e a envolver a elisa, o letreiro não horizontal, de viés porque um dos pregos caiu

(provavelmente o despeito do beto que não teve ocasião de aperfeiçoar o trabalho)

o meu sogro para a minha sogra, para a minha mulher, para a peça da minha cunhada a largar
o automóvel

- Chegámos

contra rebotalhos de tapetes, cadeiras, o lixo que o dia descobre nos passeios sem lhe
conhecer a origem e me fez sempre sonhar

(às vezes um azulejo com cercadura de ferro forjado e a argolinha do parafuso

a minha casa é o meu mundo

eu convicto que a prima divorciada

Pedrito

as molas da carne, o colo e a minha gripe feliz, quando a vida é difícil palpo o sinal do lábio,
sinto a companhia do pêlo

o pêlo basta-me

repito-lhe o nome no mais privado de mim, elimino com o ciúme do queixo

- Some-te

o pianista espanhol, afianço-lhe

- Vossemecê não existe

e sossego, a minha mulher

- O que estás a fazer com o queixo

eu a recuar o queixo temendo que o pianista de volta, a roubar-ma

139

divorciada, reavê-la, suportava o roxo das árvores que me obriga a empurrar à socapa o olho
para cima e continuar a viver)

com a emoção deste paleio

(há coisas que são fundas)

perdi-me, acho que íamos no cartaz e no elisa adora beto

não, íamos no momento em que o meu sogro largou o automóvel contra o lixo do dia

(Diná, prima Diná)

anunciou

- Chegámos

e as escadinhas, as casas, os tais degraus que conduziam ao centro do universo

(Salamanca onde fica?)

a avaliar pela espessura das trevas, o letreiro Photo Royal Lda

(como se viaja a Salamanca, de avião, de comboio?)

de viés porque um dos pregos caiu

(de carro senhores, hei-de ir de carro um dia)

uma montra de noivas e bebés nas prateleiras poeirentas, qualquer coisa de gaivota nas noivas e de crias nos bebés e agora imagine-se por um momento tudo aquilo a remexer-se, a ferver, a voar, a minha sogra de cotovelo ao alto

- Tens a certeza que não há perigo tu?

inquieta com a passarada de pescoço esticado que planava no rio, albatrozes, patos bravos, andorinhas do mar, um sujeito nos degraus para o meu sogro

- Pimpolho

e a minha mulher

(- Pimpolho que engraçado)

balançando entre o querubim que era maricas e o beto da elisa, toais molduras de talha, mais noivas e mais crias, entre as noivas um toagala, um padre, famílias dispostas por tamanhos que estudavam a gente e em cada uma Photo Royal Lda na caligrafia em relevo com a

140

bim ou o beto com um fato no género do meu avô Ismael aos domingos a orgulhar-se da fazenda, nenhuma elisa e por conseguinte o querubim

(não o beto)

com um saquito de restos de polvo e uma espécie de mocaO que temos pimpolho?

a minha sogra a ecoar

Pimpolho?

desconfiada da higiene das vitrines experimentando-as com o mindinho indeciso, perscrutando o mindinho e deixando-o no ar enquanto a minha mulher e a prenda da irmã a sujarem-se por ali roçando no balcão, o querubim que tinha a chave de acesso ao passado

(Diná, prima Diná, Diná Diná)

a adular o meu sogro

- A tua mãe uma mártir pimpolho

por azar nenhum fio de lágrima em que pendurar memórias de modo que a prima divorciada teria ido e vindo à vontade não me apertando no colo

(- Adeus sinal adeus cheiros)

no compartimento depois de uma cortina meia dúzia de máquinas, focos, um lavatório de manchas castanhas com uma tampa de pipa de vinho e um pente gorduroso de embelezar melenas, a minha sogra alarmada

- Afastem-se do pente

a minha mulher numa voz de criança vinda estou para saber de onde e que me fez sonhar

(Pode ser que a gente os dois ainda seja possível) transformando o indicador num leque extasiado

- Tantos telões a um canto

não apenas a voz, a atitude do corpo, fosse o que fosse de bicho desprevenido, pequeno no modo como a cabeça dançaricou pelos ombros, eu quase um beijo sabias, quase a mão no teu braço, Salamanca

141

Pedrito

mais os puzzles dele, os livros das gripes, de capa vermelha, que aumentavam a febre, move o cabelo outra vez tem paciência, deixa-me farejar o teu cheiro, sentir as molas da carne, esses telões de feira ridículos por muito que o teu pai goste deles, um palerma o teu pai, um pobre diabo do Beato e que pepineira o Beato, um gorducho catita no horror do Jardim Constantino, não te incomodava esse velho, não te aborrecia o saloio, tão grave, tão banana, tão escravo da tua mãe, tão pronto a aceitar tudo, encantado com buracos de enfiar a cabeça, praças de toiros, bicicletas, circos, tu igual a ele

(a velha história dos genes)

nas preferências, nos gostos, tu uma pobre também

(compreendes?)

a espreitares dos buracos feliz de ser toureira, ciclista, caçadora, a tua irmã ao menos

- Não quero

conforme não me quis a mim

(uma boa peça, uma prenda)

mal o meu joelho no seu abriu a porta da rua

- Vai-te embora

ficou junto à porta de beicinho a pular com os olhos fechados

- Não me apareças mais

antes que o elevador chegasse a fechadura três voltas, o que me pareceu um copo a quebrar-se no chão, o meu receio que te fizesse queixa, ela ao telefone

- O Pedro

e não fez queixa é óbvio, quem acredita numa pega sem marido, numa mulher sozinha, se a

cumprimento por educação em casa dos teus pais um silêncio enervado, o pescoço grossíssimo, a minha sogra sem entender ora em mim ora nela, a tua irmã

Enxaqueca

tu a debruçares-te na alcofa preocupada.

142

a tua cara lá dentro e

(exagero meu, sem dúvida, exagero meu)

a respiração mais depressa, um músculo nas costas a contrair-se, a contrair-se, ao tornares a pegar no garfo a tua cara morta mas regressando ao que interessa e deixando a prenda da minha cunhada em paz no outro extremo da cidade, a Photo Royal Lda e os seus telões pintalgados, um deles mais gasto, sem buraco, um castelo e uma menina de laçarote a remar, o catita do meu sogro redondinho, grave

- É este

a desencantá-lo entre tripés avariados, latas de tinta, escadotes, a medir o compartimento verificando distâncias, repetindo uma cerimónia encontrada numa lágrima

(no fio de uma lágrima)

limpando a lágrima para ver melhor e

(tendo visto)

a desembaraçar uma parede de frascos e cacos, a encostar-lhe o telão, a anunciar

- Quero aqui

trazendo uma cadeira de veludo a que faltava um dos braços

(podia tê-la descoberto na manhã de um passeio juntamente com funis, painéis, um azulejo com uma vivendinha

a minha casa é o meu mundo

e a argola de pendurar o meu mundo na sala)

a quem ele e o querubim depois de lhe aplicarem uma vassourinha destinada aos cadáveres de insectos que permaneceram no damasco

(mais damasco que veludo)

escoraram uma das pernas com a lista telefónica, o meu sogro para o querubim

- Nota-se a lista?

o querubim

(lógico que querubim, não beto, sem idade para elisas) a preparar os focos, a mudar uma lente

143

esquecendo a minha sogra de mindinho no ar, ambos num tempo

diferente em que se adivinhava

(ou sou eu que imagino ou o julgando

que devo imaginar a fim de que o romance melhore)

em que se adivinhava uma rapariga com um garoto ao colo ou não com um garoto ao colo, na escada para um beco (é desta maneira que está certo, na escada para um beco) a rapariga Porquê?

e o Porquê?

dirigido a um chapéu e um cigarro longe dela, nos carris do eléctrico, o querubim para o meu sogro que se agrupou na cadeira

- Estás pronto?

os dois alegres porque um petroleiro persa e o terço no rádio, um concerto de sapos em caniços de pântano, o querubim (senhor Querubim) o senhor Querubim de mãos roídas dos ácidos

- Como na época de dantes um sorriso pimpolho

e a Photo Royal Lda de súbito nova, as molduras perfeitas, o balcão envernizado, as noivas a alisarem os tules com o bico na varanda do engenheiro aguardando a maré, as almofadas desertas dado que os bebés numa cova da muralha a piarem de gula, uma garrafa que não sei quem poisava num aparador Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

o meu sogro a melhorar-se na cadeira Este sorriso serve?

competente, direito, mais digno que o magala, o padre, as famílias, a espingarda ou o aparelho apontado ao coração

- Aponte-me ao coração senhor Querubim

144

(qual o motivo de palavras destas me saírem sem mais nem menos da boca, quantas vezes sem dar por isso te chamo pelo nome da prenda da tua irmã e lá vem a decepção da tua cara morta, o músculo das costas a contrair-se, a contrair-se)

não um tiro, um clarão de magnésio e o meu sogro congelado no álbum com a menina a remar atrás dele, o querubim

o senhor Querubim a compor-lhe as feições com um pincelzito de tinta da China

- Ainda não acabámos pimpolho

a trazer os guaches de uma gaveta de desperdícios, a corrigir as bochechas a cor-de-rosa, a ajardinar-lhe a calvície

- Dás ares do teu pai pimpolho

e um movimento do meu sogro na direcção do pontão em que as gaivotas gritavam, dúzias de gaivotas no rolo de cordas, dúzias de penas que tombavam na loja, tantas que não se distinguiam o Montijo, Alcochete, as chaminés das fábricas contra o branco do céu, distinguia-se o senhor Querubim a embalsamar o meu sogro diminuindo-lhe a barriga ao mesmo tempo que as noivas principiavam a inquietar-se na montra tufando os vestidos, o magala e o padre desfraldavam-se como os albatrozes em ganas de partir, a Photo Royal Lda um charco onde a passarada fervia, famílias dispostas por tamanhos empurrando-se, escapando-se, o meu sogro sem atentar nos bichos a esperar-se para o senhor Querubim

- Dou mesmo ares do meu pai a sério?

como se um chapéu e um cigarro, como se duas canas de pesca, uma palma a evitá-lo

- Trambolho

uma malita entre hortas, quintais, escutavam-se os sapatos, não se escutavam os sapatos, percebeu-se

- Trambolho

e no silêncio a seguir a minha mãe

minha mãe uma ova. a minha mãe uma senhora, não vestida dessa

145

Porquê?

ou seja exactamente a pergunta que espero da minha mulher durante os almoços de domingo no pavor sombrio do Jardim Constan-tino quando a peça da minha cunhada o corpo todo rígido, os olhos fechados, a bochecha que se furta ao meu beijo, a pergunta que a minha mulher nunca faz debruçada para a alcofa do miúdo a compor o que não necessita de arranjo, um ângulo de lençol, a coberta, guizos cretinos que tilintam, ao surgir da alcofa não

- Porquê?

calada consoante a mãe do meu sogro calada na primeira fotografia do álbum igualmente com o castelo e a menina a remar, penso que o meu sogro convencido até ao fim que um castelo e uma menina a sério, a mãe na cadeira em que o meu sogro agora, o empregado de mãos roídas dos ácidos

- Cópia a tua mãe pimpolho

à medida que as gaivotas se multiplicavam a soluçar na loja embatendo nos cenários, nas cortinas, no tecto, andorinhas do mar, patos bravos, uns compridos, escarlates com uma penugem no alto

(não um pêlo no sinal sobre o lábio, uma penugem no alto)

e cujo nome não sei

(- Diná?)

o senhor Querubim a quem as gaivotas não incomodavam entalou a fotografia numa prensa

(hoje que sou grande posso tratá-la não por prima Diná, por Diná, por tu)

premiu o carimbo e Photo Royal Lda na margem do retrato, passava-se o polegar e sentiam-se as letras, o senhor Querubim para a minha sogra

- Passe o polegar madame que até um cego as lê

o polegar para a direita e para a esquerda

(nunca na minha nuca dessa maneira, nunca na minha orelha) lento, sedoso e eu a crescer em mim. se a prima Diná checasse He

146

(e o riso dela meu Deus, o riso dela na entrada)

- Boa tarde

aquele colo, aqueles cheiros, as sobancelhas depiladas e eu a apostar que autênticas, pedia-lhe

- Experimente a marca prima Diná que até um cego a lê

polegares lentos, sedosos e dado que eu um espírito sensível que

reage aos estímulos as minhas pernas mais duras, o meu ventre maior, a minha mulher e a prima divorciada uma de cada lado no sofá a pretexto do álbum, o senhor Querubim inclinava o retrato a verificar os guaches, embrulhava-o em papel de seda num envelope em que Photo Royal Lda igualmente mas sem relevo, normal, entregava-o ao meu sogro

- Ora aí tens pimpolho

difícil de ouvir derivado às gaivotas, a um motor de arrastão, a qualquer coisa que insistia na muralha lá fora

(eu a tocar à campainha da prenda da minha cunhada, ela a empurrar a porta e eu

- Tens coragem de me deixar aqui?)

qualquer coisa na muralha lá fora, o meu corpo talvez, de braços abertos, que a maré trazia e levava, tentei chamar a prima divorciada e a garganta faltou-me, ela cumprimentando os meus pais sem

- Pedrito

nessas conversas sem fim dos adultos, esmagar uma loiça um cristal, para que desperte, me veja, o senhor Querubim surpreendido com o meu sogro

- São tuas filhas pimpolho?

como se o meu sogro uma criança

(o meu sogro para ele uma criança)

a loja a encolher de tamanho e não loja, uma espécie de porão com um reflexo do Tejo, um brilho de águas densas a correr tecto fora, a seguir ao beco um quintal de uma só couve, um borrego num intervalo de prédios, eu que podia ter casado na família de um doutor,

147

Constantino, edifícios baratuchos, uns arbustos sem graça, a minha mulher designando uma varanda com uns vasos nas grades não de barro, pretensiosos, de cobre

- Moro ali

em cada lance de escadas ampolazitas fracas porque temos de poupar não é, bilhas de gás nos capachos, nenhum sol santo Deus, tudo feio, modesto, um cachorro a lamentar-se numa marquise ou num pátio, a tua mão tacteando a minha e eu a tirar a mão, se os meus pais vissem isto, se os meus pais me vissem, te vissem

- Onde arranjaste esta Pedrito?

se lhes entrasses na sala a tua blusa percebes

(não percebes)

os teus anéis, os teus brincos, os modos, eu a alcançar-te no segundo andar do Jardim Constantino

velhas de perna ao léu a secarem maleitas, uma camioneta de barris de cerveja atravessada na

rua, tu de chave na porta e eu a avisar-te calado

(com os olhos dos meus pais nos meus olhos via melhor quem tu eras, que parvoíce a minha, que estúpido)

- Se julgas que me caso contigo tira daí o sentido

sons de coisas arrumadas à pressa, esses frenesins do povo sempre pronto ao exagero, ao barulho

- O noivo da tua irmã Raquelinha

e a minha sogra no vestíbulo

(como se pudesse não reparar na casa)

às voltas com o fecho do colar, móveis por aqui e por ali que o mar abandonou meio enterrados na areia do chão, uma estampa do reij o piano um candelabro que emergiu a lamentar-me

- Pedrito

como se pudesse não reparar na casa, papel de parede sobre papel de parede, o lustre pingando lágrimas que choravam por mim, como Se pudesse não reparar no meu sogro todo pinoca a ascender do seu

148 [

- Espera

a minha sogra

- Vais receber o senhor engenheiro nessa figura tu?

a corrigir-lhe o casaco, a retirar o lenço da manga, a limpar o que não estava sujo na cara, a inventar um traço que ninguém via

- Uma criança grande meu Deus o senhor engenheiro perdoe

a molhar o lenço na língua e a esfregar o traço, a atentar nos sapatos

- Há uma coisa na gaveta que se chama graxa e outra coisa que se

chama escova sabias?

e o senhor engenheiro não reparava minha senhora, o senhor engenheiro perdoa minha senhora, o senhor engenheiro a avançar um passo ao acaso, outro passo, a estacar, o senhor engenheiro

(O que é que eu faço agora?)

com um ramo de flores na mão esquerda e uma garrafa de espumante na outra

(felizmente o senhor engenheiro compreendeu que não valia a pena champanhe, um espumante qualquer)

aperfeiçoando um sorriso que custava a formar-se

(a boca resistia)

a conseguir não bem um sorriso, uma careta amável, a oferecer-te a careta

-Toma

por cima da qual os meus olhos procurando um alçapão, um baú onde pudesse esconder-me
dado que a minha sogra me impedia o caminho para a rua com a sua gratidão agitada

- Mas que flores tão bonitas que flores tão bonitas

qualquer coisa tua, de que preferi não dar conta, principiava a descer cara abaixo e nisto o que
me interessavam o alçapão, o baú uma vez que a tua irmã no limiar do corredor, não gorducha
como vocês, elegante, a tua irmã

(uma rica prenda caramba. •

149

só que na época eu crédulo, um anjinho)

a tua irmã ia apostar que de sinal sobre o lábio com um pêlo espetado a chamar-me

- Pedrito

o seu colo, os seus cheiros, as suas molas de carne, um dente um bocadinho fora do sítio

(não, dois)

que ainda hoje acho lindo a proteger-me dos meus sogros, do Jardim Constantino, de ti
conforme em criança me protegia dos telhados, das árvores e dos candeeiros do crepúsculo
que doíam, doíam.

SÉTIMA FOTOGRAFIA

Eis agora um retrato de Photomaton e eu arremelgado, assimétrico, tão pouco parecido que
demoro a compreender que sou eu, mandaram-me sentar no interior de uma caixa, giraram o
banco rotativo até que o meu nariz à altura da câmara, fecharam a cortina de modo que apenas
via os sapatos do empregado

- Fixe a cruzinha e não pisque os olhos amigo

enquanto um clarão dois clarões três clarões me iluminavam não o corpo, o esqueleto a jogar-
se contra as paredes metálicas

(- Estão a assassinar-me aqui)

a cada clarão eu cego a lutar com a cruzinha

(- Não pisque os olhos amigo)

ossos fosforescentes, azuis, com um casaco por cima que se iam transformando em cinza, ao
quarto clarão um silêncio, um sossego, uma penumbra de túmulo, a cruzinha apagada

(- Morri)

os sapatos do empregado, um deles com o atacador a quebrar-se, encolhendo a cortina

Pode sair amigo

Serei capaz de me levantar do banco, de andar?)

os sapatos do empregado lá em baixo sem lhe pertencerem, ele um fantasma que me amparava o ombro evitando que eu tombasse de mim mesmo nos meus ossinhos azuis

- Sente-se bem amigo?

cá fora, no mundo a que tornava a pertencer devagar, uma rapariga escutava um cliente, uma criança desistia de dar cambalhotas na loja para se interessar por mim entendendo que eu defunto sem se aperceber que entendia, esquecendo-se de entender para dar cambalhotas de novo

- És capaz de fazer isto também?

quando a minha especialidade consistia em assobiar com as falangetas na boca, no mundo cá fora uma senhora de idade a instalar-se no banco, quis preveni-la

- Atenção

mas antes que eu

- Atenção

fecharam logo a cortina proibindo-me de a ajudar, coladas na caixa tiras de fotografias de cadáveres inclinadas em diversas direcções

(presumo que dispersas pela máquina)

num mostrador de vidro, inchados, disformes, mais um minuto e eu no meio deles, a senhora de idade com a sua roupita barata no meio deles igualmente, o empregado que dava a sensação de desconfiar de mim pronto a ameaçar-me, a expulsar-me

- Fixe a cruzinha e não pisque os olhos madame

uma pausa horrível na caixa sem um arrepio na cortina embora eu com a certeza que a senhora de idade alongando o braço para mim

- Ajude-me

a rapariga distraída do cliente a fitar-me, a boca dela

- Não interrompa

a criança despeitada

- Então assobia lá para eu ver:

na cara

153

(quem duvida?)

o corpo da senhora de idade desistindo de lutar com a cruzinha

(- Não pisque os olhos madame)

no chão, na mala aberta um frasco de comprimidos, chaves, não reparavam nela, não se incomodavam com ela, fingiam não a ver, a minha mulher no Jardim Constantino desconhecendo que eu morto, a criança a preparar uma cambalhota final desprezando-me

- Não assobias nem meia

(em dúzias de ocasiões assobie para o meu pai na esperança que ele escutasse, numa das tardes da hospedaria da Graça em que nem sequer nos despíamos, ficávamos para ali diante da trepadeira, da cidade, assobie e tu vaidosa de mim com uma pinta de sol no sorriso, tu bonita

- Parece mesmo um cachopo

tu bonita, a gente os dois radiantes, o meu pai connosco) e apesar disso a criança na Photomaton a acelerar as cambalhotas reduzindo-me a um aselha, um inútil

- Não assobias nem meia não és capaz

comigo a ofender-me porque ninguém assobia como eu, sou capaz só que não estou para aí virado meu parvo, o empregado retirou uma tira da caixa e quatro eus em fila, arremelgados, assimétricos, entregou--os à rapariga que os cortou com uma tesoura

(usava anel no polegar)

a minha vontade de perguntar-lhe

- Estou muito morto não estou?

e contive-me, usava anel no polegar e qualquer coisa na vista esquerda, uma névoa, se calhar defunta também (vontade de perguntar

- Desculpe o atrevimento mas está defunta também?)

a estender-me as fotografias numa bolsa de papel com um espaço rectangular em que um dos eus de bochecha mais acima e os lábios pendentes, um dos soldados da Guiné com terra no cahelo. na

154

(quer dizer um a segurar as pernas e um a segurar os sovacos)

íamos despejando nas urnas

(não queria ver, não os via, despejava-os apenas)

o anel do polegar uma cobra de prata com uma pedrinha amarela a fazer as vezes da língua, talvez derivado à cobra o polegar imenso, a articulação, a unha, tudo aquilo a mexer

(- Se eu não aceitar a bolsa dos retratos o polegar vai matar-me menina?)

pensei em pedir-lhe

- Ajude-me a entornar a senhora de idade na urna

dado que a caixa sem clarões, a cortina cerrada, uma mudez de mau agoiro dentro, um cigano tocava acordeão na paragem do autocarro com um macaquinho sobre o instrumento segurando o copo das esmolas na boca, a música a remexer melancolias que eu julgava seguras, acontecimentos que regressavam sem aviso e de que me custa falar, a minha avó doente em Condeixa

(- Bela manhã pimpolho)

a verificar feições que se confundiam com a almofada não se achando nelas

- Bela manhã menina

a cortina aberta, o banco rotativo à espera, a cruzinha com uma aparência inocente, o cigano cocou para mim num idioma que ninguém excepto nós dois traduzia, onde terá aprendido a minha vida, onde soube da hospedaria da Graça, dos verões em Tavira, dos passeios na primavera em Sintra

(a minha mulher

- Trabalhar aos feriados que estranho)

quando as acácias floriam, apanhava-te nos plátanos da estação dos comboios para que não dessem por nós, o macaco muito quieto sobre o instrumento, com o copo das esmolas vazio, a narrar às pessoas na paragem do autocarro, farão Hos comboios parar ou não.

155

a dentadura postiça maior que as gengivas, não a encontro com mau aspecto senhora foi a sua voz que mudou, uma desistência entre suspiros, uma interrogação lenta e a criança às cambalhotas sobre si, sobre mim, a calcar-nos, a minha mãe com uma pêra cozida e ela a recusar o garfo ou seja a minha avó submersa, só fronha, a fronha a recusar o garfo

- Deixa-me dormir pode ser?

na tal voz que me intrigava vinda de uma zona que prosseguia ainda misturada com a vinha ou o soluço da tarde no meloal

- Bela manhã pimplho

não a minha avó em Condeixa, eu a pagar à rapariga do polegar imenso que me entregava os eus defuntos e a impressão que a senhora de idade fora da caixa, viva

não bem nos plátanos, num banco junto a um muro, tu no mesmo banco durante cinquenta anos de crochet nos joelhos, de repente tão frágil

(e o acordeão a explicar que tão frágil)

oculta pelo pudor das folhas, obrigar o cigano a sentar-se na Pho-tomaton, correr a cortina, um dois três clarões e matá-lo, o bicho sem um protesto aguardando que uma moeda por fim, eu de bolso em bolso até descobrir o dinheiro

- Toma a esmola palerma

não a minha avó a noite inteira a gemer, as plantas ao rés da terra quando a lua entre duas árvores antes de se esconder na casa, não era você avó, você curada, um pouco magra mas curada, eram rabanetes, coentros, as calhas da rega, examinei-a com atenção e eram as calhas da rega a seguir à janela sem que eu compreendesse o motivo de as calhas não se levantarem da cama, trabalharem na cozinha, pedirem à minha mãe que as ajudasse na copa, disse

-Avó

e nada nos lençóis, você não no colchão, você distante, no colchão Uma criatura ciue nor não saber auem era me recusei a olhar.

156

não tinham o direito de me obrigar a beijar uma dureza fria, a minha avó não se arranja assim, não se veste de noiva com uns farrapos não brancos, amarelos, que retiraram entre bentinhos e jornais da arca, uma grinalda que não logravam ajustar e ainda que ajustassem se entortava de novo, umas flores secas nos dedos, as flores o mesmo ruído que o limoeiro do poço

reflectido na água

(não os galhos verdadeiros)

a aproximar-se da gente, o empregado da Photomaton que o acordeão quase me impedia de ouvir apertando-me a bolsa de papel nos dedos

- Não gostou dos retratinhos amigo?

e a minha avó a recuar de imediato, inofensiva, acenei para ela

- Bela manhã senhora

sem que o meu aceno

(já estava à espera)

alcançasse Condeixa, o cigano do acordeão levou-a às costas, junto com o instrumento, até ao clube recreativo onde ignoravam quem a minha avó era, quando muito

- Bela manhã pimpolho

mas um cochicho tão sumido que ninguém dava fé ou se dessem tomariam pelas frases sem nexos que a região do cérebro, desperta nos sonhos inventa recombina a memória, a gente perplexos

(- Onde fui buscar isto?)

a admirarmo-nos com o tamanho da vida, os retratos da Photomaton destinados ao passaporte de ir a França procurar o meu pai, Paris um pontão como no Beato, rolos de cordas, gaivotas, uma casa igual à nossa só que muito mais casas, vários petroleiros persas oblíquos no lodo e quantos homens

(pergunto eu)

de chapéu e canas de pesca a rumarem em baixo, a minha mulher para mim

157

Ao estrangeiro?

na janela a cerca do hospital e um edifício que não acabavam de construir

(não acabariam de construir julgo eu)

com guias e andaimes, a única coisa que o meu marido disse foi Não se vê o Tejo senhora?

(não menina, senhora Não se vê o Tejo senhora?)

alongando o pescoço a fim de espreitar sobre as casas sem um olhar à cama, à colcha nova, ao reposteiro, desiludido porque não pássaros sujos que gritam, não vazantes e enchentes a perturbarem a noite

(que para isso as árvores do hospital me bastavam a insistirem comigo és tão feia E solteira Nunca te há de casar)

eu

Ao estrangeiro?

e o meu marido a dobrar uns nos outros os cordéis dos dedos dando-lhes nós e desfazendo nós

como no dia em que alugou o quarto à minha madrinha e a mim, aquilo que o ouvi perguntar ao aliviar-se da bagagem

(dois sacos

não, uma espécie de arca e um saco)

não foi Quanto é?

nem Posso usar a banheira?

a única coisa que o ouvi perguntar esmiuçando o prédio em frente (o da Junta em que às vezes uma orquestra, bailes, homens a beberem cerveja à entrada

- Nunca te hás-de casar)

158 I

(eu para as árvores

- Calem-se)

a única coisa que o ouvi perguntar foi

- Não se vê o Tejo senhora?

a dobrar uns nos outros os cordéis dos dedos em nós que não iria conseguir deslaçar falando-me do rio, eu para as árvores depois de me certificar que a minha madrinha alinhando geleias na despensa

- É melhor calarem-se que nem sequer vos compreendo percebem?

e um riso de galhos a escarnecer de mim apontando-me rugas na opinião deles, eu no espelho

- Que rugas?

cabelos brancos onde cabelos brancos o tanas, os galhos

- Fizeste vinte e sete anos em março não foi?

enganaram-se, não março, qual março, dezanove de abril, os cordéis dos meus dedos uns nos outros em nós que não iria conseguir deslaçar, a minha madrastra pelo vértice da boca a poupar na asma

- Casares-te com o hóspede?

o espanto na testa somente a fim de que o pêssago permanecesse tem-te não caias no saco, o resto das feições concentradas em si mesmas a procurarem viver, o peito ascendeu na direcção do tecto porque o ar menos espesso, mais fácil

- Estou melhor

com outras feições a admirarem-se para além da testa, as orelhas por exemplo, uma cicatrizinha da pálpebra

- Isso de casares com o hóspede foi a brincar não foi?

e não era a brincar madrinha eram as rugas, as articulações

(sobretudo o joelho esquerdo)

que antes da chuva um desconforto, um peso

- Não admira vinte e tantos em março

e o meu marido sem encontrar o Tejo no bairro, sentia-o levantar--se à nãire numa ilusão de ondas, esnreitar, desistir, quase desejava Dor

159

pedaço de lodo a pingar-lhe do bico, estendia-se ao meu lado sonhando navios, esses mugidos sem origem dos vitelos afogados e os olhos dos vitelos

(Tomem conta da gente)

que o nevoeiro dissolve, quando das últimas cheias na terra da minha madrasta vi bichos mortos assim, uma mulher que morava no arrabalde e a corrente levou, as coxas sem vestido a embaterem na margem

(uma delas sangrava)

imobilizando-se um instante, continuando a ir, no dia do casamento as minhas coxas iguais, apesar de conhecer o andar

(sempre morei aqui)

nevoeiro a toda a roda impedindo-me de escutar o meu marido ora perto ora longe, um ombro dele, nenhum ombro

- Desculpa

eu sem entender

- Desculpa?

sem entender porquê

- Desculpa

desculpa de quê se ninguém culpado desta chuva, esta lama, sangue na minha coxa, os olhos

- Tomem conta da gente

eu sem relação com os meus olhos a pensar

É isto

a pensarNão é mais do que isto

a pensar quando a enchente parou

Acabou-se

limpando-me com o lençol da chuva e da lama a compreender o que significa sozinha, a palavra sozinha, o horror de sozinha, mesmo depois das minhas filhas eu sozinha, embora sozinha o meu marido cuidando-se comigo a perguntar pelo Tio e a arrenegá-lo, tio a rir.

160

Desculpa

ele que não sangra, não chove, nenhum lodo para amostra

- Desculpa

as árvores do hospital

(que remédio)

serenas dado que o meu corpo parado na margem

(o meu corpo sozinho, eu sozinha)

não És solteira

não Nunca há-de casar

serenas, olmos plátanos tileiras um salgueiro a crescer, eu sozinha, apercebia-me das minhas filhas em mim, movendo-se, aumentando, repetindo o meu nome Mãe

comigo a pensar Quem sou eu? Quem é o eu que diz que sou eu?

eu que antes do meu marido não necessitava de perguntar quem era dado que eu era eu, nenhuma porção minha fora de mim como agora, nenhuma porção

-Mãe

e eu

- O que é mãe?

num segundo andar do Jardim Constantino que avançava um candelabro, uma terrina (um gato?) a afirmar

- Não pertences aqui

enquanto alguém ocupava a poltrona, eu para o meu marido

- Conheces?

e ao espreitar melhor a poltrona deserta embora eu com a certeza

161

de costura ao fundo e apesar de máquina de costura nenhuma eu com a certeza que o meu marido

(pelo modo como interrompia um gesto)

a ouvir, se lhe apontasse o quarto dos arrumos ele Não dei por nada

ou Uma furgoneta na rua

ou O Jardim

ele com tanto medo

ia dizer medo mas não medo só que não me surge a palavra e por conseguinte à falta de melhor fica medo, o meu marido com quase tanto medo quanto eu, não medo das coisas de agora, de pessoas que moraram aqui e cujas fotografias

(as que não couberam nas gavetas)

permaneciam na camilha, uma senhora de bengala, um almoço no campo em que um homem de boné para trás mostrava uma garrafa e um cesto, não o pai dele, não o avô, um parente ou talvez nem parente, da família de quem ocupava a poltrona se não atentávamos nela, eu para o meu marido

- Ao estrangeiro?

a minha mulher para mim quando lhe mostrei o retrato da Photo-maton arremelgado, assimétrico, tão pouco parecido que demoro a reconhecer que sou eu

(eu defunto)

a minha mulher ignorando que o meu pai em Paris à minha espera num Beato maior, com
mais hortas, mais oliveiras, mais becos

- Ao estrangeiro?

um carvalho branco

(como pude esquecer o carvalho, que coisa)

antes da colina, uma ocasião tentei escrever o meu nome na casca conseguir que a lâmina, ou
seja a lâmina romba e nem um enta-

162

nome algum, não existo, não eu morto, não é esse o problema, não cheguei a existir, não fui a
Paris porque tu na hospedaria da Graça ou no banco de Sintra

(na hospedaria da Graça)

- Tenho de falar consigo

confundida com o ramo da janela para a direita e para a esquerda em outubro de forma que
não posso afirmar se tu ou o ramo

- Tenho de falar consigo

sempre cerimoniosa, por você, por senhor às vezes, fosse o que fosse em que preferi não
reparar, em que reparei e

- Não chores

eu quase a transtornar-me

- Proíbo-te de te pores a chorar

e não apenas os olhos, fosse o que fosse na garganta que não parava de engolir e eu no pânico
que ao engolires desaparecesses de mim

- Não engulas

tu que sim com a cabeça, não se transtorne comigo, não me ralhe e eu a pedir sem dizê-lo

- Não desapareças de mim

com vontade de gritar-te e incapaz de gritar ou a gritar

- Acaba de abrir e fechar a mala que gaita

porque me enerva o estalinho, porque me enervas tu, essa cara, esses modos, a forma de
segredar como se pedisses desculpa

- Tenho de falar consigo

sabendo que não iria desculpar-te ou tendo receio que não te desculpasse, sob oTenho de falar
consigo

outro cochicho, outro segredoVai-me desculpar não vai?

ninguém no corredor da hospedaria da Graça, a trepadeira apenas, uma cegonha crucificada
entre dois ventos

I 163

em Condeixa, a minha avó

- Não é fêmea as fêmeas não

e o resto da frase os castanheiros comeram

- Não é fêmea as fêmeas não

um ouriço a tombar, um segundo ouriço a tombar, se eu tivesse uma pedra esmagava-os)

ninguém nas escadas, nos quartos, nenhum som de torneiras, uma cúpula de mosteiro, outra cegonha quieta

(como é que o vento as segura?)

na altura do equinócio as acácias de Sintra iam perdendo as flores, uma ocasião em janeiro saímos à procura, não encontrámos nenhuma e nisto a tua mão no meu braço

(a única vez que a tua mão no meu braço)

- Devemos estar velhos não é?

eu sem coragem de pôr a minha mão nos teus dedos a entender de repente que um dia destes há alturas em que falo demais, ponhamos

(e é tudo)

que eu sem coragem de pôr a minha mão nos teus dedos e os dedos a irem-se embora de mim, nenhuma flor em Sintra, as esplanadas desertas, os arbustos do inverno a aumentarem na tarde, na tua pele pintas castanhas, sardas de modo que devemos estar velhos de facto, pintas castanhas na minha memória igualmente apagando acontecimentos, pessoas, o primo Casimiro

(por exemplo)

largava-me no chão

Estás a rir-te de quê?

mas não consigo lembrá-lo, lembro a garrafa no aparador, não ele, lembro a manga que segurava a garrafa, não me lembro da cara, pacotes de broas

Vais ficar a pensar nisto,

e a seguir um espaço em branco e a seguir

164

lembro-me do primo Casimiro secar a chuva do bigode em Alcântara, da trepadeira na hospedaria da Graça e tu não sentada na cama (se eu ordenasse

Senta-te

sentavas-te sem largar a malinha, não me ajudavas a tirar-te o casaco, a desabotoar-te o vestido)

tu não sentada na cama, confundida com os ramosTenho de falar consigo

ouTenho de falar consigo senhor

é difícil passados tantos anos

(- Um dia destes nós)

esclarecer neste momento, esclareço que os estalinhos do fecho, a garganta que não deixava de engolir, de engolir-se, recordo-me de um brochezito

(um búzio, acho eu)

com uns enfeites verdes, tu não em voz alta, em segredo como se me pedisses desculpa

(pedias desculpa, repetias baixinho porque pedias desculpa)

- Tenho de falar consigo senhor

e derivado à hospedaria da Graça em silêncio a tua voz tão forte, um dos enchumaços deslocado do sítio, a gola não sei de que tecido, com brilho

(ao princípio quando tentei dar-te dinheiro a voz mais baixo ainda, as pupilas ofendidas dois cães que não ladravam evitando-me, recuando a babar-se

- Quer ofender-me porquê?)

a palma do vento equilibrava as cegonhas na cúpula do mosteiro, os ninhos delas em Condeixa carrapitos de arame na chaminé do advogado

(Bela manhã pimpolho)

„ a trepadeira ao desligar-se

165

Não

tu não comigo, na parede lá fora, um cansaço nas bochechas, na boca, tu no alarme da minha mulher ao dar-se conta que nós

que ela

ao dar-se conta que a minha filha nela porque nenhum sangue, nenhuma coxas nuas a embaterem na margem, somente o corpo a crescer

de modo que eu sentado na cama à falta de um rolo de cordas, um pontão

- Trambolho

e fosse o que fosse em que tentei não reparar, em que reparei e

- Não chores

não quase furioso, furioso

- Proíbo-te de te pores a chorar

embora tu não lágrimas, mãos que abriam e cerravam a mala, o peito para diante e para trás, eu

Trambolho

e arrependido doTrambolho

euPerdoa

nenhuma flor nas acácias de Sintra, a tua mão que procurava o meu braço sem apertar o meu braço, o búzio do brochezito que devo ter arrancado porque o brochezito no chão, porque o meu sapato a esmagá-lo

- Não o apanhes

não consinto que o apanhes porque o meu sapato de novo e não era o broche que eu esmagava, sabias que não era o broche que eu esmagava, sabias quem eu esmagava ao calcar os enfeites, o metal

- Engravidaste como a minha mulher tu?

fosse o que fosse nos olhos em que tentei

(preferi)

não reparar e nesse instante sim, zonzos a cheirarem, trotezinhos

166

Mais respeito

passos, uma gargalhada de mulher no corredor

Edmundo

um homem que forçava uma maçaneta, ordenava

Vem cá

não eu para ti, eu a segurar-te o vestido, a desabotoá-lo sem dar fé que desabotoava, eu Engravidaste tu?

eu apenas Engravidaste tu?

não o homem que ordenava à gargalhada da mulher

Vem cá

outros passos, outros risos, a dona da hospedaria

Mais respeito

eu a sentar-me na cama de novo

Varre o broche depressa

tu de joelhos no soalho a engolires-te e graças a Deus que a trepadeira da janela me impedia de ver

graças a Deus que a trepadeira da janela impedia o senhor de ver o meu corpo que lavraram, plantaram

(a batata, o cebolo)

daqui a nada uma folhita a erguer-se da terra e não foi o empregado do meu pai, não foi o sacho lá fora, a minha boca na almofada não a protestar nem a pedir, apenas

- Tenho de falar consigo

apenas

- Se quiser mande cavar em mim e arranque-me a batata o cebolo

antes que a tal folha e o meu pai sua cabra e o primeiro murro o pri

meiro encontrão antes que a mulher do senhor e as suas filhas

tu sem te engolires a ti mesma com o vestido desabotoado e os pedacitos que restavam do

broche na palma
rionia normhas crucificadas, traumas,

167 Não vou prejudicar a sua mulher e as suas filhas senhor fico
consigo ajude-me
(as cegonhas crucificadas, tranquilas)
o fecho da mala pendente, nunca exigiste que vivesse contigo, nunca aceitaste dinheiro
Não me ofenda
ficavas dois toldos adiante em Tavira sem um protesto, um pedido, sem anunciar
Estou aqui
dado que não precisavas de anunciar Estou aqui
dado que Não peço nada não o incomodo pois não?
tu em Sintra à minha espera nos plátanos tu Senhor
enquanto eu pedia com a minha mão nos teus dedos sem que a minha mão nos teus dedos

Não me deixes nas acácias sozinho
nenhuma acácia na praceta fora de Lisboa em cujo rés-do-chão me proibiram de entrar
(- Aguenta um instantinho lá fora)
não prédios, um morro
(dois morros)
de vivendinhas baratas construídas com restos de vivendas caras completadas com sobejos de
andaime, folhas de zinco, papelões, qualquer coisa do Beato mas sem gaivotas nem água,
gatos que o senhor Querubim não perseguia de pau atrás das costas com o saco de polvo
- Venham cá venham cá
o rés-do-chão em que me proibiram de entrar
- Aguenta um instantinho lá fora
um rumor nos teus olhos que não quis perceber e a garganta a engolir de novo, iuleuei aue o
meu nome

168
não uma voz de mulher, uma voz de criança, a seguir à voz de criança é que a voz de mulher
- Desculpe
os olhos afinal secos, a garganta firme, o fecho da mala cerrado e por conseguinte se calhar
nunca disseste o meu nome, supus, inventei, provavelmente não falaste sequer, exprimiam-se
por ti, por exemplo o sujeito da boina basca que grelhava peixe cá fora e eu para os olhos do
peixe Não chorem
quase a zangar-me

(a zangar-me)Proíbo-vos de chorar entenderam?

olhos brancos, com medo, a suspeita que os meus olhos idênticos aos dele, brancos, com medo, a gola do vestido de onde te arranquei o broche amarrotada, rasgada, os teus olhos não de peixe, tranquilos

(aposto que a trepadeira tranquila igualmente na hospedaria da Graça, nem um raminho a afligir-se, tudo imóvel, eterno)

o sujeito de boina basca ou a criatura que resolvia o problema a abrir-nos a porta e ao abrir-nos a porta metade de uma mesa de vivenda cara com uma Santa de gesso, a criatura que resolvia o problema a espiar-te, a espiar-me

(mais a avaliar-nos que a espiar e nisto dei conta de uma palmeira direita ao céu num ímpeto entre uma azinhaga e um talude)

o sujeito de boina basca ou a criatura, não sei qual ao certo

(não a Santa da mesa, o que lhe importava, à Santa)

- Aguenta lá fora um instantinho

faça de conta que está em Sintra, passeie, distraia-se, verifique por aí na azinhaga, no talude, no que lhe parece o Beato, onde lhe der na gana compadre

(não senhor, compadre)

se primavera, se maio, se as acácias em flor, distraia-se da gente e omite a rararias. se nela a si mesmo

169

não sinta isso, não chore e agora a trepadeira

(ou o meu sangue)

a oscilar quando a porta se fechou, eu encostado à porta, um sino em qualquer ponto jurando que meio-dia

(devia jurar que meio-dia às onze horas da noite)

mulheres surgindo das janelas em veniazitas de cucos, o fumo do peixe

(se assim me posso exprimir)

o fumo do peixe ou a gordura do peixe ou os olhos do peixe

(não a chorarem, secos)

ou as faúlhas do carvão pegavam-se-me à cara, escorriam-me da cara

(não lágrimas

- Proíbo-te que chores

não lágrimas)

e ao esfregar-me com o braço não lágrimas, evidentemente que não lágrimas, evidentemente que nada, a minha cara limpa à medida que a palmeira continuava a subir, um tordo

(acho que um tordo)

surgiu de um telhado num círculo rápido e afundou-se nas sardinheiras além, em Sintra não

sardinheiras, plátanos, fetos, acácias claro, centenas de árvores de que não aprendi o nome sem contar os arbustos, as trepadeiras

(não a da hospedaria da Graça que nunca vi outra no género, de corolas tão recortadas, tão bonitas)

eu em Sintra sem ti porque tu no rés-do-chão da praceta

tu

(suponho eu)

deixando-te despir, tu nua, inerte

(não bem inerte mas é difícil explicar)

conforme se eu te despia tu com outro homem noutra cama noutro lugar noutro tempo

170

enquanto o sacho do empregado ia cavando a terra para a batata, o cebolo e o almoço por fazer, o frango no alguidar, a minha mãe a chamar-me e não escutava a minha mãe

(eu sem lugar para a minha mãe no meu corpo)

escutava o que dentro de mim tomava forma e crescia, antes de entrar no rés-do-chão notei uma palmeira direita ao céu entre a azinhaga e o talude, fosse o que fosse nos olhos do senhor e o senhor

- Não chores

apesar de não ser eu quem chorava

(o meu pai morreu e não chorei, a minha mãe morreu e não chorei, se penso nisso acho que não sei chorar, sei que um suor como lágrimas e não lágrimas nunca, mesmo que fizesse força não lágrimas nunca, na tarde em que me feri com a navalha designei a palma ao meu pai

-Aqui

e não lágrimas nunca)

o senhor zangado por chorar

- Proíbo-te que chores

o senhor quando eu na hospedaria da Graça

- Tenho de falar consigo

porque não posso dizer

-Tu

poderia dizer -Tu

ao empregado do meu pai se o empregado do meu pai comigo e se o empregado do meu pai comigo eu

- Sim

não a pedir, a comandar

- Sim

ele com receio do meu pai a espreitar em torno sem coragem, parado, não era eu, era a terra

em mim

I 171

- Não quero problemas menina

e parado, se eu tivesse a vergasta da carroça erguia a vergasta, obrigava-o, o senhor na hospedaria da Graça no alto da cidade onde me envergonhava ir porque quem quer que levantasse a cabeça em Lisboa dava por mim e toda a gente sabia ainda que evitando a janela ou refugiada na parede, o senhor mal eu

- Tenho de falar consigo

igual ao retrato da Photomaton no álbum, arremelgado, assimétrico, tão pouco parecido que demorei a reconhecer que era ele, mais baixo que eu, mais gordo, com as mãos melhor tratadas, quase como os sobrinhos do droguista que se riam de mim, a partir de eu fazer treze anos deixaram de se rir, suspendiam-se a olhar-me curiosos, amáveis, entregavam-me papelinhos na missa, acotovelavam-se, cochichavam-se sérios

- Nunca supus

o meu pai fazia menção de lhes largar os cães, o droguista para o meu pai

- O que é isso?

e o meu pai

(logicamente)

a pedir desculpa porque o droguista nos alugava a courela e derivado a não termos dinheiro o meu pai atrasava a prestação, o droguista para o meu pai a demorar-se em mim, a apontar-me o jornal

- Atrasaste a prestação

de modo que no fim do mês a minha mãe me passou a ferro a blusa, me estendeu a escova

- Penteia-te

e mandaram-me ao estabelecimento com um cabaz de damascos, o meu pai diz que entrega o dinheiro no dia quinze sem falta senhor e o droguista acabando de aviar uma freguesa a designar-me com o queixo à medida que vertia uma garrafa para um frasquinho comprido

- A filha de um rendeiro meu

172

- Espera

e eu à espera enquanto ele a fazer contas num papel

- É tanto

o lápis a escorregar um bocadinho obrigando-o a enganar-se

- Esta aritmética

a corrigir a soma, a cliente torcia a cabeça para a corrigir com ele estudando cada parcela antes de se ir embora, eu a aperceber-me de uma queimadura de ferro na blusa e disfarçando a queimadura, o droguista estendeu-me ao acaso um dos damascos

-Toma

desceu a persiana da montra sempre sem me dar atenção só que os gestos sacudidos, rápidos, o bigode dele amarelo, mais idoso que o meu pai, mais grisalho, do tempo do meu avô penso eu visto que sob o queixo uma espécie de pele que oscilava, dava ideia de encher-se como a goela dos pássaros, se crispava vermelha, colocou na maçaneta da loja um cartão

Encerrado

e o cartão a dançar, não me apetecia o damasco, não vou comer o damasco, o droguista do tempo do meu avô, a perna esquerda mais lenta, a garrafa com que entornava o líquido no frasquinho comprido cheirava a terebintina, nas traseiras fardos, volumes, um postigo para a igreja e uma única camioneta vazia, o droguista a respirar-me no pescoço e eu

- Não me estrague a blusa senhor

no momento em que o telefone principiou a tocar e durante todo o tempo, mesmo ao deixar de ver a igreja e de tombar um volume o telefone a tocar, tão forte que se o droguista

- Espera

não poderia entendê-lo conforme não entendia o meu corpo preocupada em segurar o damasco, se a minha mãe comigo apostou que a chocalhar-me

- Agradece o damasco idiota

de maneira nenhuma, eu com o cheiro da terebintina no nariz e outro

173

Obrigada

as minhas costas contra uma prateleira, uma segunda prateleira, um armário, tenho a certeza que a minha mãe, não o droguista, a chocalhar-me

(- Não criei uma filha para ser mal educada com pessoas de respeito)

a fim de que eu de novo

- Obrigada

tomando cuidado para que o damasco não me manchasse a roupa distanciando-o de mim, vendo a igreja (parte da igreja) e a camioneta da fábrica no postigo outra vez

- Obrigada

eu na praceta a lembrar-me da minha mãe e por conseguinte dirigindo-me ao sujeito da boina basca

- Obrigada

e lá estavam a palmeira, a azinhaga, o talude (não as acácias de Sintra, não o banco nos plátanos) lá estava o senhor sem piscar os olhos (- Fixe a cruzinha e não pisque os olhos amigo) à medida que um clarão dois clarões três clarões iluminando-lhe o esqueleto, ossos fosforescentes, azuis com um casaco por cima que se iam transformando em cinza, ao quarto clarão uma penumbra de túmulo, a da hospedaria da Graça no inverno, às seis horas, quando nuvens de chuva, o senhor para me alegrar, de falangetas na boca

- Ninguém assobia como eu ora vê

e por instantes quase um beijo, quase um braço no meu pescoço, o beijo a arrepender-se, o

braço a arrepender-se e não fazia mal

- Não faz mal senhor

não precisa de pôr o braço no meu pescoço para que eu me sinta feliz.

11

OITAVA FOTOGRAFIA

Isto não é uma fotografia como as outras é um desses postais de pacotilha a preto e branco que se compram em Sintra com o Palácio da Vila ou Monserrate ou o Castelo

(no caso a estrada de Seteais e umas acácias num muro)

que o meu pai não sei porquê meteu no álbum que me emprestou num domingo em que fui ao Jardim Constantino para evitar que a minha mãe continuasse a sarrazinar-me o juízo ao telefone na choradeira habitual, não queres saber de nós, não nos visitas, não nos ligas nenhuma, eu a suspirar de nariz no tecto com o aparelho afastado do ouvido, a estender o braço o mais longe que podia

(ao menos faço exercício)

e mesmo assim continuando a escutá-la, eu quando te calarás minha chata e uma pausa nos lamentos, a minha mãe intrigada, o anzol de uma pergunta que não mordi

(conheço-te as manhas de cor espertinha)

Disseste alguma coisa tu?

eu que tenho o rabo pelado e ando a pau com armadilhas a aproximar o aparelho, a apagar o cigarro e a soprar uma réstia i

176 Deve ser o noticiário não disse nada senhora

Deve ser o noticiário não disse nada senhora

a enrolar-se em volutas, a estirar-se num bocejo, a desaparecer no ar, um soluço ou uma fungadela exagerados

(topo-te à légua percebes?)

na outra ponta do fio ou seja a minha mãe iniciando a todo o vapor o seu famoso número da desditosa com os ingredientes completos, a velhice, os achaques, o abandono das filhas e nem isso é verdade senhora, que teatro, que drama, há-de lembrar-me para lhe dar um prémio, tem sempre a guarda de honra da minha irmã com o criança e o parvalhão do marido que há coisa de um ano, cheio de salamaleques e dedos, me fez uma parte gaga aqui em casa, a arrulhar descendo a manga do sofá para as minhas costas

- Cunhadinha

enquanto o joelho me ia entrando em retóricas com a perna

(a ausência de subtileza dos homens há-de desapontar-me sempre, tão imbecis, tão primários, denguices de carneiro mal morto que só à bofetada, piadas de pano encharcado nas trombas a que ninguém salvo eles acha graça, carícias

carícias uma ova

que fazem cócegas em lugar de excitarem, o soslaio aos compinchas

- Tenho a gaja no bolso)

e eu que me fartei de dar para esse peditório no tempo em que acreditava que os meninos vinham de Paris na cegonha e hoje em dia não ando neste mundo por ver andar os táxis, a auxiliá-lo a tomar nota dos azimutes do capacho no patamar

- Fora

as denguiques de carneiro mal morto substituídas por um sorriso quase heróico que lhe devia pesar arrobos na cara.

a pináspira dos lábios a aguentarem-no a custo)

177

(- Olha que te cai a mão no tapete apanha a mão que se parte) o joelho activo mas a perder energia, a amolecer, a murchar e a

minha perna livre, o arrulho engrenando sem transição protestozinhos

magoados

- Fora?

ele indignações, surpresas, capaz de vencer, ou pelo menos dar réplica, à minha mãe nos teatros (tiro-lhe o chapéu por isso) ela nas lágrimas a tactear lenços Apanho uma trombose e tu nem dás por nada

ele atestadinho de inocência a fazer-se de lucas Fora?

quando em lugar de

Fora?

(e eu a vê-lo poisar) uma oscilação de medo (tão cobardes os homens)

- Não me vais estragar a vida cunhadinha não vais contar à tua

irmã pois não?

a família de súbito importante, a letra do carro, a vidinha, se fosse capaz de ter pena teria pena dele mas com aquilo que os anos me foram dando ressequi-me por dentro, areia, pedras, cacos de emoções, nada inteiro a mexer, nem uma folha viva para amostra e as pessoas não reparam, não sonho ou sonho restos de sonhos, fragmentos que me inquietam, alguém que não distingo

(tento distinguir, não distingo e não distinguir aflige-me)

a inclinar-se para mim

- Raquelinha

e a ir-se embora antes que eu Espere Tenha paciência espere Deixe-me vê-lo um momento

178

(quem será?)

isto não propriamente quando durmo, a partir da meia-noite ao dar-me a fraqueza na sala,

esses instantes em que o corpo ora não existe ora existe, eu sem membros, sem cabeça, a bexiga a pesar afirmando

- Sou eu

uma tosse que me não pertence e ao sobressaltar-me é minha, o corpo a formar-se de novo a partir dos disparos dos brônquios, de um molar em desacordo com o dentista e não bem dor, a resvalar para a dor e a quedar-se à bordinha sem a atingir realmente, apenas

- Eis-me aqui

a bexiga e o molar

- Eis-nos aqui

e com o molar a língua

(tenho língua)

contrariando as minhas ordens sem cessar de explorá-lo

(o chumbo, uma aresta)

e a seguir tenho pés, tenho rabo

(diz-me o sofá que tenho rabo, ossos no rabo a necessitarem de mudar de posição, cansados)

olhos cegos que esbarram numa parede tornada quadros, mobília, o saxofone num prego

(por que carga de água o comprei?)

que julgava divertido e não me diverte mais, muito maior que ele mesmo acolá a maçar-me, a náusea dos objectos, o gato na mesinha marroquina, aspirando a bibelot, que desperta em unísono com o molar, o gato a estirar-se no soalho e o molar queixo fora, as unhas à molar a magoarem-me a carne, as do gato no parque, ambos parados fitando-me Raquelinha

e afinal o Raquelinha

não era uma pessoa a salvar-me, a levar-me consigo não importa

179

coisas vivas desta casa e latejando-me as duas, enfadando-se de mim, adormecendo de tédio, deixei de ter boca, ceguei outra vez, o gás da caldeira, defeituoso, assobiava na marquise e a Raquelinha, sem viço

(- A minha filha mais nova sempre tão respondona tão rebelde não há marido que se interesse por uma mulher assim)

desistindo de esperar

(esperar o quê?)

- Tenham pena de mim

sem que, rezo eu, o parvalhão do meu cunhado topasse, a Raquelinha tão respondona, tão rebelde, a comer com os pais ao domingo num segundo andar escuríssimo, a casa a cair de velha de que nunca gostou e em que os móveis se assemelhavam a despojos de cerco

- Olha o que parece um louceiro o que parece uma cómoda

nem o destroço de um piano faltava, carregava-se numa tecla e si

lêncio, carregava-se numa segunda tecla e um gemido humano

- Aleijaste-me

como se o martelo do dentista a bater no molar, árvores aparentadas com o piano a que faltavam gemidos ou com gemidos a mais se o vento, por desfastio, se distraía nelas antes de passar uma palma rápida no estendal da varanda um brilho de terrina ou uma poltrona deserta onde se me afigurava que um indicador

- Cresceu tanto este ano

a exhibir-me num júbilo vacilante às fotografias da camilha, uma senhora de bengala, uma rapariga de tranças, um grupo que almoçava

(garrações, charutos)

numa orla de pinhal com automóveis de filme antigo na clareira ao lado, nomes a apagarem-se da película e um

Sempre Querido

inapagável em letras de metal, a Raquelinha a aborrecer-se entre os mortos não mencionando a humidade do papel de parede

(dois papéis de parede a descolarem-se um por cima do outro)

desbotando para mim o seu mau gosto e o seu bolor apesar dele,

180

momentos de maré, e que fomos obrigadas a visitar quando o promoveram na empresa a fim de que ele posasse diante de um telão de feira com umas pinturices quaisquer, à altura do papel de parede, para um cria-turo emocionado pela sua presença

(há gente para tudo)

que tresandava a polvo manejando focos inseguros a falar-lhe no pai dele, a chamar-lhe pimplho e o meu pai, para não ficar em dívida, a emocionar-se também fitando um rolo de cordas num pontão, fitando as gaivotas, a mostrar-nos umas escadas com vasos de begónias que o ar do Tejo comeu

- Morei ali sabiam?

caixilhos sem vidraças, um abandono sujo, ele saudoso dos caixilhos

(há gente para tudo)

percebia-se pela expressão que a entrar lá dentro

(à procura de quê?)

sem subir as escadas e aposto que um aparador com tampo de oleado e uma garrafa em cima, o meu pai com cinco ou seis anos, já indeciso, já gordo, nisto uma voz a amedrontá-lo

- Estás a rir-te de quê?

um vulto tão pálido como os Sempre Queridos, fugido da camilha a secar promessas no bigode

- Um dia destes volto pimplho

e o Beato um telão de feira também, caniços de aguarela, barcos desenhados, uma ilhota com

andorinhas do mar e tudo esborratado, miserável, mais as luzes de uma vilória sem nome duplicando o horizonte

(se enfiássemos a cabeça num dos buracos do cenário voávamos como as andorinhas do mar)

a minha mãe a admoestar cachorros levantando a sombrinha, a minha irmã à procura de cobras nuns calhaus com ervas, o meu pai a regressar sem nunca ter saído e eu a compreender que voltou

181

porque os olhos se alteraram, o criaturo emocionado endireitava uma tabuleta com as mãos que os ácidos dissolviam

- Agora que és importante nunca julguei que te recordasses de nós

o meu pai

(há alturas em que dou por mim a pensar incrédula

Este é o meu pai que improvável

este é o meu pai, esta é a minha mãe, esta é a minha família imagine-se, há quantos anos não digo

-Mãe

não digo

-Pai

digo

-Você

digo

-Olhe

não por rancor, por aborrecimento, eu oca, oca, não culpa de nenhum homem que homem?

não culpa de ninguém, é o meu feitio, sou eu, um dia destes tiro o saxofone da parede, jogo-o no contentor, ao jogá-lo no contentor é a minha vida que deito fora e pronto, passa bem Raquelinha)

o meu pai podia não se lembrar mas não vou esquecer a água na muralha ora acima ora abaixo, repare-se na quantidade de lixo que se nos pega à memória sem que a gente dê conta, andei séculos por exemplo com a imagem de um homem a embalar um carrinho de bebé sem bebé algum no Jardim Constantino e a pedir silêncio aos vizinhos, não propriamente a imagem do homem, a aflição dele se barulho, o dedo na boca

- Caluda

um sapato castanho, o outro sapato branco, de repente a cara sem palavras

Façam de conta que acreditam em mim

continua a suceder-me comparar os olhos dele com os meus. a

Façam de conta que acreditam em mim

um dia sumiu-se do Jardim Constantino mas à cautela, se me aproximava do banco, falava sempre mais baixo, disseram-me na capelista que uma furgoneta atropelou o carrito, uma das rodas soltou-se e continuou sozinha, muito direita, até ao fim do passeio, eu a interessar-me pelo bebé inventado

- Faleceu?

o dono da capelista supondo que eu brincava com ele

- Ensinaaram-te na escola a brincar com as pessoas crescidas palerma?

até me reparar nos punhos duros, nas lágrimas, a capelista desfocada ou seja metade do balcão imenso, a metade que sobrava encolhida, o dono a meio de um gesto

- Palerma

não a afirmar, a perguntar

- Palerma?

e eu a correr para casa com a mochila dos livros que me esporeava ao bater-me nas costas

- Mais depressa

(nunca usei rabo de cavalo, a minha mãe não deixava, apertava-me a toalha de banho ao pescoço, surgia com a tesoura

- Rabo de cavalo nem sonhes

e o meu cabelo na toalha, pegava-lhe e desfazia-se-me nos dedos, sem peso, por essas e por outras não gosto de si mãe)

correr para casa onde agora só vou

(e o menos que posso)

para que não me moa os ouvidos, pelo menos deixei crescer o cabelo, mudo-lhe a cor, pinto-o, faço-lhe o que me apetece, puxo-o daqui, puxo-o dali, o mês passado uma trança e a denguiço do parvalhão do meu cunhado a crescer que eu bem o notava a afagar a gravata, a minha irmã arrebitando as antenas com as dez unhas de fora, a minha mãe

a reprovar-me sem ralhos (era o que me faltava ralhos) de labiozinho franzido

- Que tal o meu penteado senhora?

e ainda que o lábio mais franzido

(Diga o que pensa vá não se atreve a dizer?)

a tesoura em paz na gaveta dos papéis de embrulho, das bolas e das luzinhas de cor da árvore de Natal que se acendem e apagam

(quatro ou cinco desligadas da sua tarefa de alegrarem a gente, aplica-se uma pancadinha e ressuscitam)

palpitando grinalda fora numa pressa cardíaca, o carneiro mal morto que só à bofetada a estender-me um frasco insignificante numa caixa enorme

(o frasco representava uma mulher nua, sem cabeça como o parvalhão as aprecia, no lugar da cabeça o pulverizador prateado, experimentei-o no pulso, sacudi o pulso e um fedor de tombar)

- Um perfume quente para uma mulher quente só te falta um sinalzinho com um pêlo

quase pegado a mim a querer cheirar-me o pulso, o meu pai que não reparava

(não reparava em nada, nunca reparou em nada, se ao menos ele

não vou entrar por aí)

a minha irmã que depois do parto engordou da cintura para baixo e se desespera em natações, massagens

- Pedro

não alto, uma súplica ferida e no interior da súplica a vergonha da celulite, dos tornozelos papudos

- Engordei tanto não foi?

a inveja de mim a alastrar como um cancro, o lábio da minha mãe a culpar-me o cabelo

(essa trança, essa trança)

Estás a ver?

as mesmas explicações,

184

- Uma pancadinha senhora

o bacalhau triste, o espumante triste, a meia-noite tristíssima, o meu pai noutro sítio, se ao menos ele

(não vou entrar por aí)

chamávamo-lo e voltava a trote, sem necessidade de mover-se, numa espécie de despertar surpreendido

- Perdão?

o meu pai se calhar no Beato, saudoso dos caixilhos sem vidraças e dos vasos de begónias que o Tejo comeu, compreendendo que afinal não perto do rio, no Jardim Constantino e deu-me ideia que a cumprimentar, cerimonioso, a poltrona vazia, vontade de estar com ele a sós

(nunca estivemos a sós)

perguntar-lhe como é a sua vida senhor e no entanto conforme ainda agora disse não vou entrar por aí, como é a sua vida, o que gostaria, o que quer, semanas antes da história do coração ou o que foi, e seja o que tenha sido o carneiro mal morto a dizer-me, isto é contando os factos por ordem, ainda não saíra do elevador e a malvada da campainha do telefone a chamar aos guinchos, meter-lhe uma chupeta como ao filho da minha irmã para aceitar calar-se, se calhar cólicas, a fralda molhada, o primeiro incisivo a romper, o telefone uma boca desmedida, solitária, que gritava, tossia, gritava, eu à procura das chaves que todas as tardes se escondem debaixo de óculos escuros baton-pastilha elástica etc a mangarem comigo, o telefone não na sala, nas minhas orelhas, eu surda, põe a chupeta no teu filho, põe a chupeta

no telefone mana, obriga-o a adormecer, pega-lhe ao colo, impede que o teu marido pomposo, solene, com a voz das desgraças, isto é uma pausa, nem

-Olá

nem

- Ora viva

185

e pausa de novo, se a minha mãe assistisse roía-se de inveja (- O seu genro é melhor actor que você)

até que por fim, uma oitava abaixo, cada sílaba precisa, exacta, e em cada uma delas a imitação perfeita do desgosto, do luto (Você e ele mãe que parelha)

O coração do teu pai Raquelinha

e a minha casa

(não é curioso?) igual, eu igual a pensar

- O que é que sinto?

a sentir que um dedo do pé desconfortável no sapato e o desconforto do dedo tão presente, tão vivo, a minha casa um cenário como o do Beato onde se eu enfiasse a cabeça o meu pai

- Também habitas por cá?

o meu pai coitado a indicar junto ao rio os seus vasos, os seus caixilhos, satisfeito, gorducho

- Morei ali

e nisto o coração e não morou ali, não mora em parte alguma excepto numa caixa, de fatinho engomado, com um pano na cara, a minha irmã ao lado da minha mãe na capela, dois ou três colegas do emprego, já arrastando bocados, aqueles com quem depois da reforma se encontrava às quartas-feiras, a cumprimentarem o carneiro mal morto

- Ninguém cá fica doutor

o carneiro mal morto, tão amigo dos contactos, desta feita

(a incongruência das pessoas)

a acenar que sim tentando soltar a mão a espreitar-me e por um momento as pestanas compungidas a darem com a urna, a decidirem esquadrinhando-me

- Quando o enterro acabar

velas que cheiravam a flores, solinhas novas num ruído de gonzos, uma penumbra que me dava sono, o segundo andar do Jardim Constantino com crepes nos espelhos, a caneta dos problemas de damas do

186

(as brancas jogam e ganham)

assente no jornal, parecia-me que alguma coisa de você a continuar na caneta, pegava na caneta para pegar em si e uma caneta somente, um bocado de plástico, perdi-o senhor, não lhe sobra nem isto e não é que me faça diferença, não me faz diferença, intriga-me, semanas antes

da história do coração o meu pai que nunca falava comigo

-Anda cá

uma mão travessa menos alto que eu de forma que lhe notava a falta de cabelo em cima que ele disfarçava mudando o lugar da risca ano após ano a aproximar-se da têmpora

(a risca na têmpora)

um truque que me afligia por significar para mim a vizinhança da morte e vá-se lá entender a razão

(tanto mais que no que diz respeito a afecto entre nós estamos conversados)

a morte do meu pai perturbava-me

(levou-me ao circo em pequena, ainda me lembro hoje)

provavelmente porque a minha a seguir e dessa sim tenho medo, como será, quando será, de que forma, uma doença comprida, uma coisa de repente, eu assim muito tranquila a cozinhar ou a ler ou a decidir abrir a porta ao parvalhão do meu cunhado porque de tempos a tempos, para não entrar em parafuso, tenho de abrir a porta a alguém e pumba, nem sequer uma tontura, uma trabuzanada instantânea, acabou-se, o parvalhãoRaquelinha

e para quêRaquelinha

se o meu pai não envelhecesse, e sempre achei que a culpa de envelhecer era dele, a mesma distração, a mesma falta de amor (quanto ao amor entre nós estamos conversados) se o meu pai não envelhecesse eu não morria nunca, a minha mãe é como o outro, uma trombose que a limpe e chazinho, agora ele, não sei porquê. macava-me. levou-me ao circo em pequena, ainda me

187

(mais mulherzita que senhora)

que costumava estar sozinha perto de nós em Tavira, por um segundo deu-me ideia que entre ela e o meu pai

(nunca os apanhei a olharem-se)

um entendimento que me escapava

e

(claro)

não podia ser, fantasia minha, os pais das minhas amigas talvez, não o meu pai, que raio de suspeita o meu pai, na época havia em mim a certeza

(custa-me confessá-lo e no entanto continua a haver em mim a certeza)

que o meu pai era meu, é meu, se ao menos ele

(se por um milagre ele)

- Raquelinha

eu tão contente

(e isso irrita-me)

que daria uma trabalhadeira fechar as glândulas a cadeado para não me desfazer em lágrimas,

levou-me ao circo, agarrei-lhe a mão com medo dos palhaços e o meu pai não retirou a mão, apertou-ma três vezes e eu apertei-a três vezes, apertou-ma cinco vezes e eu apertei-a cinco vezes, apertou-ma vinte, não, vinte e uma vezes

vinte e uma vezes

e eu apertei-a, a contá-las, vinte e uma vezes também, apertámos a mão um do outro vinte e nove vezes ao todo e à mulherzita de Tavira

(não só à mulherzita de Tavira, a nenhuma mulherzita do mundo)

não lhe passou pela cabeça que a gente vinte e nove vezes ao todo até os palhaços acabarem e eu me distrair com os cavalos, se por hipótese

(senti isso com tanta intensidade palavra, continuo a sentir) se por hipótese o homem dos cavalos, melhor que o meu pai, mais elegante, mais magro, me tentasse apertar a mão uma vez que fosse

188

eu não queria, queria a sua paizinho

(afinal herdei da minha mãe a vocação das cenas trágicas, dos grandes lances, do teatro) que estupidez

- Queria a sua paizinho

que aldrabice, o que me interessava a sua, papuda, redonda, eu mentirosa como o meu cunhado, um pantomineiro, um falso, devo estar pímulas, ando pímulas de certeza, a Raquelinha tão independente, tão sem ligar a ninguém, toda imbecil, toda pieguices Queria a sua paizinho

ela que nunca Paizinho

que tonteira, que tratamento imbecil

- Paizinho

não tonteira, pura estupidez

- Paizinho

a Raquelinha que eu conheço, a normal, a voltar costas ao careca, ao velho, ao gorducho

- Vá à merda paizinho

esquecida das mãos apertadas, dos palhaços, do circo, telefonar ao meu cunhado, permitir-lhe que venha, ele desconfiado

- A sério?

cuidando que uma dessas armadilhas da rica prenda da tua irmã que não é flor que se cheire, aquele nariz empinado, aquele desprezo, uma falta completa de amizade por ti, notaste-lhe a indiferença quando o vosso pai faleceu, deste por alguma lágrima, algum sinal de desgosto, disse uma única frase

- Pare com as cenas mãe

e sentou-se a um canto com o jornal do vosso pai (o vosso pai nem sequer frio no caixão)

distraída de tudo, sem mágoa nenhuma, a acabar de resolver o problema das damas como se o problema das damas a coisa mais importante.

-Acaba-me o problema Raquelinha as brancas jogam e ganham e a presunçosa da tua irmã convencida que ganhava por ele, que o teu pai lhe agradecia, que aquilo que o teu pai mais precisava naquele momento, esticado como um bacalhau, era que as brancas ganhassem, se as brancas ganhassem ele ganhava também, as visitas a acompanharem a gente e a tua irmã sem dar por elas a experimentar este lance, aquele, não respondendo, não falando, as pessoas a cumprimentarem-na por educação e a rica prenda de palmazinha no ar

- Um momento

entretida com as damas por quem nunca se interessou, as damas o único assunto importante da vida

- Descanse que eu acabo-lhe o problema paizinho

as visitas foram-se embora e a tua irmã nem um aceno ali as voltas com o jogo, lembrás-te da tua mãe a contar que a malcriada só dobrou o jornal depois das três da manhã, pôs-lhe a caneta em cima, anunciou para ninguém à frente dela salvo os móveis, o piano, as árvores que me bolem com os nervos a repetirem-nos o nome

(que pretendem elas de nós?)

e a tua irmã, vitoriosa, a arrumar as pedras na caixa, a arrumar a caixa no armário, a aproximar-se da janela como se o teu pai o vento nas árvores, o teu pai

- Raquelinha

e a tua irmã supondo que o teu pai nas copas ela que detestava o pai, nos detestava a todos, nem um pinga de sangue a correr-lhe por dentro, só rochas, cimento, desdém, ela

- Acabei o problema não viu?

e acabado o problema telefonar ao meu cunhado, permitir-lhe que venha

- É o que te apetece a partir da altura em que começaste a namorar a minha irmã não é?

desde que não me aperte a mão e nem palhaços nem cavalos nem a mulherzita umas filas à esquerda, ordenar-lhe logo de entrada, a de

Serve-te

isto é o parvalhão de flores em riste no capacho, as denguiques de carneiro mal morto, o braço pronto a descair como por acaso do sofá para os meus ombros, a apertá-los, um polegar ansioso por me fazer cócegas ao comprido da nuca, o soslaio para os compinchas que não havia

- Tenho a gaja no bolso

e eu a cortar-lhe os cochichos, as cócegas, de pé no meio da sala a facilitar-lhe o trabalho, poupando incómodos de fechos e elásticos, nua

- Não percas tempo serve-te

as flores a descerem coitadas ao comprido do fato, tão rosas à altura do peito, tão legumes ao alcançarem os joelhos, um passo não para mim, para o lado, não era só o ramo que descia, era a cara também, quer dizer olhos, boca, uma parte do queixo, outro passo para o lado

(e as flores de roxo no chão sem que ele se apercebesse, sem que eu

- Olha as flores de roxo no chão)

a procurar o uísque e eu a impedir-lhe o uísque não com um gesto, imóvel

- Não és capaz de te servir cunhado?

as flores coitadas a varrerem o parque, a verdura que acompanhava as flores a deslizar
soltando-se, umas folhas, uns laços, não me perdoe ter-me distraído com os cavalos e as
mudanças de luzes e retirado a mão pai, diante da minha casa não árvores como no Jardim
Constantino, prédios novos, varandas, cada varanda um compincha do meu cunhado a espiar-
nos

- Já tens a gaja no bolso?

os cavalos de penacho colorido que galopavam à roda, o chicote do artista de farda de
alamares estalando compridíssimo e o carneiro mal morto a deter-se, a mudar de direcção, a
galopar de novo, o branco do olho apavorado, uma espécie de baba no freio, a certeza que a
mão do meu pai à espera na plateia e eu

I

191

ou seja o abajur aceso

(por sinal com um buraco de queimado)

o carneiro mal morto a limpar a baba do freio sem despir o casaco, desejando dez casacos
difícilísimos de despir a protegerem-no de mim, as flores no chão e ele a calcá-las sem notar
que as calcava, um bilhete com um coraçãozinho impresso agrafado ao laçarote e ele a calcar
o bilhete

(- Está quase pai daqui a nada já aperto os seus dedos)

patinhando a suar, o abajur iluminava-lhe as narinas, a crina, o meu cunhado nãoRaquelinha
quando lhe pergunteiNão te despes tu?

(nem um minuto pai, menos de um minuto, isto é o fim do número)

o carneiro mal morto não uma resposta, um relincho

- Cabrona

a caminhar para trás buscando a maçaneta, a achar o louceiro e suponho que a aleijar as
costelas na esquina, a achar a parede e eu

- Galopa

ele sem compreender

- Perdão?

e a maçaneta por fim que não girava, que girou, o capacho e o pontinho do botão do elevador
alternando o vermelho com o pálido enquanto um som de ferros e cabos se avizinhava a
assobiar em meneios, suspiros, eu no capacho com o carneiro mal morto

- Estás certo que não te apetece cunhado?

e mais cara que descia, mais branco do olho, mais baba, ele quase um boneco a rebentar em pedaços por um excesso de corda, que me lembre o meu pai nunca me viu nua, nunca assistiu ao meu banho, perguntava qualquer coisa à minha mãe do corredor, não se atrevia a entrar, por que motivo não era você a tirar-me o sabão dos olhos

192

mão no circo uma tarde há trinta anos bastou, que emprestar um álbum de fotografias

-Toma

a verificar em torno que nem a minha mãe nem a minha irmã viram bastou, uma dezena de retratos e um postalzeco de Sintra, desses que se compram nos mostradores das capelistas por dez réis de mel coado e nem sequer o Palácio da Vila, Monserrate, o castelo, um postalzeco com umas acácias num muro e você orgulhoso das acácias como se as tivesse feito a designar umas vírgulas mais claras

- Estão em flor Raquelinha

estão em flor Raquelinha, gostas de acácias Raquelinha, da primavera em Sintra Raquelinha e para mim Sintra uma canseira de veredas todas iguais sufocadas de plantas onde a gente se perde, sobem e descem mas para mim sempre a subir, a matarem-me, de vez em quando no meio do nevoeiro a esmola de um solzito acanhado, apressamo-nos para o sol e ao chegarmos lá não existe substituído por um chuvisco vago, eu para o meu pai

- O que faz aqui o postal?

o meu pai com receio da minha mãe e da minha irmã a chegar-se ao piano como se o piano um lugar à prova de som ou assim, um confessionário, um abrigo

- As acácias

sem me tocar, é evidente, sem me apertar a mão (também para que queria eu que me apertasse a mão, ando parva) a desejar que percebesse o que não podia perceber, o que não percebi (não é verdade, agora percebo)

- As acácias

com o dedo nas copas e nas vírgulas mais claras, aqueles dedos redondos que graças a Deus não herdei

- As acácias

isto é os plátanos junto à estação dos comboios, um banco meio oculto na pedra, o meu pai a apear-se do comboio puxando os cabelos

193

(tão engraçado)

na camisa, a avançar para o banco e no entanto para mim apenas

- As acácias

e o dedinho redondo com a unha mal cortada porque os gestos lhe escapam, envelheceu senhor, o coração, os diabetes e eu envelheço consigo, envelheça você, mate-se à vontade, estenda-se no colchão que lá hão-de estar a minha mãe e a minha irmã para lhe botarem crisântemos em cima e deixe-me em paz, sossegada, o dedinho redondo a acertar por fim

(já não era sem tempo)

com o postalzeco enquanto eu pensava nunca me falou em Sintra, nunca me disse nada de Sintra, não me recordo de irmos a Sintra enquanto morei consigo, íamos a Cascais ou ao Estoril ou à outra banda no navio da carreira, os pássaros a grasnarem sobre nós atormentando-me agora Sintra népia quanto mais as acácias, se a minha mãe porventura

- Podíamos passear em Sintra nas férias

o problema das damas, de súbito complicado, a chupá-lo para o interior do jornal, um musculozito que não sabia que tinha a pinçar-lhe a narina

(aperte-me nove vezes a mão)

e vai na volta ia a Sintra clandestino, sozinho, sem me convidar, comprava postais, passeava mas como se não saía de casa ouvindo o rádio sem ouvir o rádio, de olhos fechados, não a dormir que eu bem via, a minha mãe

- Não façam barulho que o vosso pai está a descansar

e descansar uma ova dado que uma frinchinha nas pálpebras, a boca a mastigar pensamentos, ideias, a frinchinha em mim

(não na minha irmã, em mim)

ia jurar que a sua mão a apertar-me duas vezes, seis vezes, onze vezes sem pedir a minha e contudo mesmo afastada de si eu sentia-o compreende, sentia-o, gordo, penteadinho, miúdo, nem sequer bonito

194

que atirava ao ar quatro bolas e nenhuma caía, quatro chapéus, quatro pratos, com uma ajudante loira de vestido de baile cujo trabalho, que se me afigurava sublime, consistia em passear atrás dele e sorrir e contudo

(tão imbecil não é?)

não consigo descobrir a razão

(não razão, idioteira minha)

mas não os trocava por si, de que modo os postais de Sintra

(interrogo-me eu)

se não saía de casa atento às árvores no Jardim Constantino e as árvores

- Cresceu tanto este ano

(referindo-se a quem?)

excepto em certas semanas ao domingo (domingo ou sábado?)

para almoçar com os colegas, uma frasezinha casual ao serão sem olhar para a gente

Almoço com os colegas domingo

(sábado?)

a avaliar-nos à socapa à medida que o castiçal do piano vogava por ali, que o brilho da terrina se apagava, que um som como de máquina de costura a embainhar não sei quê, talvez a minha vontade de ser adulta depressa, ir-me embora, em certas noites na cama, ao resvalar para o

sono, vinha-me um esticão as pernas, alegrava-me

- Sou grande

acendia o candeeiro para me verificar no espelho e igual, onze anos sempre e os arbustos a gozarem à minha custa

Onze anos

isto durante a noite, durante o dia arbustos somente para onde as pessoas atiravam latas, papéis

(e eles aguentando com paciência)

o mês a um jardineiro com uma tesoura e um balde aparava

195

Onze anos

a minha irmã O que foi?

e eu Os arbustos

a minha irmã parecida com o meu pai, as vacilações, a gorduchice, a cara, o carneiro mal morto esperava-a na rua, via-se o automóvel do tio dele da varanda, um cotovelo no rebordo da janela ou a pressa das unhas a rasparem a chapa enquanto a minha irmã espalhava vestidos na colcha

- O das aplicações Raquelinha?

dividida entre o das aplicações e o de lã, colocava-os diante do corpo, desiludia-se, remexia cabides, trazia do armário uma blusa amarela

- Esta blusa?

o carneiro mal morto a acelerar o automóvel, a buzinar, a desligar o motor, a ligá-lo de novo, a buzinar outra vez

- O das aplicações?

o dos enfeites mas o fecho a meio das costas recusando subir de forma que o de lã com um botão inseguro

- Dá-se um jeito com a agulha

o de lã que pertenceu à minha mãe, cheio de mariquices, doirados

(uma pinderiqueira pegada)

e que a apertava no rabo, os sapatos com um salto assim assim que era preciso cuidado, descia as escadas a consertar a franja, a colocar os brincos lutando com a rosca, o cotovelo do carneiro mal morto desaparecia ao abrir-lhe a porta sem sair do carro e contudo parecia-me que as unhas continuavam a tocar piano na chapa, o automóvel começou a andar com uma perna da minha irmã de fora, o das aplicações e a blusa amarela abandonados na colcha fizeram

(sei lá porquê, elucidem-me)

sentir-me órfã dela, peguei no vestido a ver se melhorava e nada, a

Orfandade idêntica, as árvores

196

pressão de não acabar nunca, o inquilino de cima a arrastar qualquer coisa pesada

(o frigorífico?)

que estremecia o prédio, uns sinaizitos de vida

(cozinhas acesas, um homem de pijama na marquise ao lado)

que me não diziam respeito, os passos do meu pai a quilómetros de mim e no entanto próximos, continuando a afastar-se para o outro lado do mundo e eu deste a contá-los, cento e onze, cento e treze, afagando um vestido vazio

(cento e dezoito)

o meu pai que principiava a perder

(- O coração Raquelinha)

dirigindo-se, julgo, na direcção das acácias porque não o vi numa caixa, não o vi na capela, não está no cemitério, o meu pai não é esse magro, de bochechas cavadas com um dos olhos a abrir-se

(não uma frinchinha, a abrir-se)

o meu pai é o que me aperta a mão e a quem aperto a mão oito vezes, catorze vezes, cinquenta vezes se nos apetece, ao meu lado no circo e nem a senhora

ou seja nem a mulherzita de Tavira dá fé consoante a minha mãe e a minha irmã não dão fé, o meu pai caminha no interior de um postal

(cento e quarenta e um passos)

passando o dedo no verniz a mostrar-me os ramos sobre os muros, as flores

- Nascem com a primavera Raquelinha

e se alguém na companhia dele não é uma mulher sou eu, esperei-o com esta blusa amarela, o vestido das aplicações, o colar de pacotilha árabe que roubei à minha irmã sob os plátanos da estação dos comboios, não veio no primeiro, não veio no segundo e eu que em matéria de teatro também não ando mal

Não me morra paizinho.

morrer, se não me apetece morrer

197

e a prova que não morre

(cento e dezanove passos)

é que o meu pai no terceiro comboio, não juntamente com os restantes passageiros, depois, a demorar-se perto dos táxis até que ninguém, a certificar-se que ninguém dado que as pessoas já se sabe mexericos, conversas, de modo que quando ninguém no largo o meu pai no sentido dos plátanos e eu não no banco, eu

(oito, nove, dez passos)

a trotar para ele

não trote algum, qual trote, eu digna, compassada a ir-me chegando ao meu pai, não preciso de lhe resolver os problemas das damas

(as brancas jogam e ganham)

ou de gastar a noite na igreja a assistir ao carneiro mal morto a encarregar-se dos pêsames, a perseguir o meu peito, as minhas pernas, onze

(doze)

doze saltos e estou consigo quer dizer estamos juntos neste postal baratucho a preto e branco no álbum

(Spring in Sintra)

que se compra por dez réis de mel coado em qualquer loja do centro, estou consigo nesta travessa perto de Seteais penso eu, você para mim

- As florínhas Raquel

o menos alto de nós dois, o gorducho, o contente, o que apontava uns caixilhos no Beato

- Morei ali

e as ondas na muralha, as gaivotas, um sujeito a surgir de uma cave com um saquito de polvo a demorar-se em si, a reconhecê-lo, a pasmar

- Ora viva pimpolho

e o meu pai para ele, andando sempre (duzentos e setenta e sete passos)

Descole senhor, nu

198

a mão que me apertava a mão uma vez e eu apertava uma vez, me apertava seis vezes e eu apertava seis vezes, me apertava treze vezes e eu apertava treze vezes, a mão que não cessava de apertar a minha, as flores sobre o muro quase roçavam em nós e pode vir o homem dos cavalos, podem vir os russos do trapézio, pode vir o cavaleiro que tira pombos e echarpes e a bandeira nacional de uma página de revista que antes nos mostrou dos dois lados, vagaroso, didático, anunciando

-Vazia

que eu não lhe largo a mão, invento mais acácias

- Mais acácias ali

e a gente

(seiscentos e dezasseis passos)

sumindo-nos no álbum dado que acabamos de alcançar o outro lado do mundo.

NONA FOTOGRAFIA

Este retrato de Tavira, a praia, toldos, o homem dos bolos de bivaque

senhor Alfredo

a caminhar para nós com o cesto

foi a minha filha mais velha que tirou: não queria emprestar-lhe a máquina dado que por princípio não empresto coisas valiosas a crianças que não descansam enquanto não as estragam, pifam a parte eléctrica com água ou deixam entrar areia lá dentro, ela a pegar naquilo ao contrário

(o que se espera de uma catraia de sete anos?)

- Prometo que só uma pai

(não se trata de uma questão de preferência, é verdade, a irmã com cinco metia-a num chinelo)

e o resultado aí está, apareço de costas ou nem sequer de costas, o angulo de um ombro e um bocadinho de nuca que tanto podem ser meus como de outro homem qualquer, nota-se que sou eu apesar do excesso de luz porque a minha mulher a discutir comigo

(presumo que a defender a miúda

200

sempre pronta a defender a miúda)

a minha mulher sim, nítida no anel que usava junto à aliança, inclusive na cicatriz da vacina no braço e se coleí a fotografia no álbum não é por nenhum de nós nem pelo senhor Alfredo todo torto devido ao peso dos bolos mas porque tu de perfil, sumindo-te no crochet com uma madeixa no ar dois toldos adiante

(a tua madeixa a única coisa viva no álbum)

na cadeirinha de lona que trazias da pensão e gosto de olhar-te percebes, gosto de olhar-te, mal começo a passar da poltrona para a janela no Jardim Constantino abro a gaveta da escrivaninha, encontro a madeixa, tranquilizo-me imaginando que continuas comigo, tocas, num intervalo do crochet, o colar que te dei e daqui a pouco graças a Deus quarta-feira, ao pedir-lhe a máquina a minha filha mais velha fechou-a nos braços

- Não dou

enquanto ia apertando o botão

pie pie pie

até ao fim do rolo, no Algarve não existem cães como no Beato, preocupados, de cabeça baixa, a falarem sozinhos, na Guiné vinham depois de nós farejar os mortos, mesmo dentro dos caixões eles de focinho contra a madeira na atitude de quem recebe mensagens, se me aproximava a escutar os defuntos calavam-se ao darem por mim, quando muito uma desculpa

- Eu não fui

(a partir do terceiro dia, à hora do calor, borbulhavam de febre conversando uns com os outros do que tinham passado

Sucedeu isto sucedeu aquilo)

assim que o último pie a minha filha jogou o aparelho no chão

Não me apanhas

e desatou a fugir, acho que nunca

(Mesmo depois de trinta anos o meu pai nunca me perdoou

história do rolo

201

dignar-me e a seguir a cada pie um soluço, um trrr de quem engole imagens, o aparelho recomposto, a convidá-la provocando-me a mim

Aperta o botão outra vez

de modo que acho que nunca lhes perdoei a ambos, se vem almoçar cá a casa com o marido e a alfofa faço de conta que não sinto nada mas sinto, ela aposto que esquecida

-Pai

de boca na minha bochecha e eu rígido, pensando em como estas coisas se pegam a um homem, teimam, ficam tal como o passado continua a acontecer em simultâneo com o presente, a minha filha mais velha

-Pai

e na verdade ela não grande, não casada, não

-Pai

com sete anos e já pata-choca, sem graça, a escapar-se

Não me apanhas

o marido que de joelho traçado ocupa espaço que se farta a fitá-la e a fitar a irmã no seu lugar da mesa acolá, a irmã com uma tanguinha verde buscando búzios na areia e o joelho traçado a demorar-se-lhe na perna

- Cunhadinha

que se afasta ao mesmo tempo em Tavira e no Jardim Constantino, a minha filha mais nova por quem eu

de quem eu

(- Sempre a preferiu a mim diga a verdade pai)

talvez por me recordar a minha mãe

(tanto quanto recordo a minha mãe)

em certas atitudes, certos gestos ou no modo de olhar, a minha mãe viva na minha filha que igualmente, embora não me perguntasse nada, não se ralasse comigo, não se interessasse por mim me soprava

Porquê?

Sem au menos desse isso. sem rir. ela lesse «com o

202

aborrecimento e a impaciência, a sua voz tão antiga, não para mim ou para um homem a fumar que caminhava num beco, para nós todos, para si mesma

- Porquê?

ela no retrato de Tavira

- Porquê?

e tu ao fundo, já não muito nova, de perfil a espessar-se

(os teus lábios diferentes, o teu pescoço diferente)

numa cadeirinha de lona já não muito nova também, ao tentar dar-te dinheiro na hospedaria da Graça

(devia ser dezembro atendendo a que a trepadeira sem folhas, um visco de humidade a escurecer os lençóis)

para uma cadeira decente, as notas

(o vento atravessava os caixilhos rendilhando-me os ossos)

sobre a cama cujo espaldar para cá e para lá na parede do quarto vizinho após um sapato

(um único sapato)

ter caído no soalho de mistura com arrancos, suspiros, um segundo sapato e a cama mais forte, uma espécie de tosse, o espaldar muito depressa, um sujeito

- Meu Deus

(a impressão que o meu genro e claro que não o meu genro)

e o espaldar tranquilo, a impressão que com o meu genro a minha

filha mais nova, os sapatos dela no chão

(fomos ao circo uma tarde e acho que nem uma frase para amostra

entre nós, agarrou-me nos dedos com medo dos palhaços e julgo que

para a acalmar

- Por que outro motivo?

não retirei os meus, é possível que lhe tenha correspondido apertando-os mas não acredito bem nisso, não sei)

a trepadeira sem folhas uns ramitos no vidro e óbvio que não os

vi ali.

203

(claro)

portas que saltavam, gritos, a dona da hospedaria vogais indignadas no tubo

- Está cá o senhor respeitinho

um fulano

(não o meu genro, este moreno, de óculos) a aconchegar a gravata

- Perdão

a minha filha mais nova graças a Deus não ali, nenhum receio dos palhaços, nenhuns dedos, cabelos pintados mas não seus, ela a fazer um buraco na areia para cobrir os pés

- Não tenho pés já viu?

os pés de outras mulheres, a da cama cujo espaldar para cá e para lá na parede ao passo que a

minha filha mais nova uma criança a apertar-se na toalha, quando chegarem os palhaços ela assustada ajudem-na, não divertida, a chegar-se a mim numa aflição de pavor, tu a varreres as notas da colchaDesculpe mas este dinheiro não me pertence não é meu

e a mesma cadeira de lona sempre, quase o mesmo vestidoFico consigo se não me der nada moravas com o teu pai e a irmã do teu pai, o teu pai na varanda de pijama e um dia destes eu idêntico, de barba mal semeada, no Jardim Constantino, vestirem-me, empilharem-me no banco, ordenarem-me

- Segure as urinas senhor

e eu trocando gestos, remoendo nada, pálpebras que engordavam de água sem que a água caísse, a minha filha mais nova uma intrusa que me chamava na orelha

-Pai

e eu a pensar

- Conheço-te

ou seja julgo que te conheci, diz-me o teu nome, auxilia-me, uma das pálpebras a dobrar-se, vermelha, a calcar coisa a inchar-me na

204

-Pai

a cansar-me de reflectir, a esquecer-me, numa zona brumosa da minha cabeça Tavira, uma senhora a chegar à praia com uma cadeira de lona, a desembulhar o crochet sem me dar atenção, eu zangado com a senhora

-Tu

e não sei quem, que me costuma abotoar, alegrando-se para a minha filha mais velha

- Olha para ele a rir coitado conheceu-te

a praia, toldos, o homem dos bolos, de bivaque (senhor Alfredo, ia jurar que senhor Alfredo) a caminhar para nós com o cesto, chamar o homem e quem me costuma abotoar

(a roupa dantes apertada e agora larga) a segurar-me as costelas

- Obriga-o a ficar sentado que quer ele?

o senhor Alfredo

(Alfredo?)

um cesto coberto por um pano, tirava os bolos com a pinça, a minha filha mais velha que não sabe senão pedir

- Chegue-me uma moeda pai

quem me abotoava ou seja uma criatura da minha idade eternamente a queixar-se para onde eu não via

- Não queres saber de nós Raquelinha não visitas a gente

(Raquelinha?)

a aproximar-se enervada

- O que se passa com ele?

e a intrusa que me chamava na orelha a adiantar

- Parece que pediu uma moeda ou assim parece que chegue-me

uma moeda pai

madeixas oxigenadas, a boca escarlate, anéis, os dedos no circo sem anel algum e por conseguinte a Raquelinha não, uma pessoa diferente,

205

- Não mostres isto à tua mãe toma

os olhos do meu genro dois bichos moles que se lhe enrolavam nas coxas dificultando o andar, os anéis direitinhos ao retrato que a minha filha mais velha tirou

- Conhece esta?

e felizmente o castiçal do piano a safar-me respondendo por mim, como sempre nessas ocasiões eu escondido no Beato até as gaivotas me ensurdecem porque um navio passou, até não poder falar porque os albatrozes gritavam, o castiçal do piano ou a terrina por mim

- Salvo erro é a mulherzita da cadeira de lona dois toldos adiante

e os anéis, sem me acreditarem, desviando-se do álbum, não a mulherzita dois toldos adiante pai, a sua amante pai, a que encontrou antes da minha mãe nessa ponta da cidade onde você morava, um logradouro de pobres pai

(e o seu pai a fumar

Trambolho

o seu pai

Pai

que não parava de fumar nas tintas para si)

oliveiras que não serviam para nada senhor, petroleiros defuntos com o terço no rádio, patos bravos que o Tejo reunia e dispersava e reunia de novo, a sua amante

pai

não bem na ponta da cidade, mais para cá, menos longe, num rés do chão depois da igreja duzentos ou trezentos metros

(quinhentos)

a seguir à Calçada do Grilo, ao Ateneu, à palmeira, uns prédios que você considerava novos e não eram senhor, barbeiros, merceariazinhas, já pardais, não gaivotas e no entanto o rio próximo, um som de pranchas que abanam, cuida-se que pranchas, vai-se ver e o rio, sobrados a deslocarem-se, copos uns nos outros na cristaleira, nós intrigados o que terá dado aos copos, vai-se ver e o rio, nos prédios, você

206

amante, sua amante depois, na hospedaria da Graça que não existe no álbum e de onde o carneiro mal morto acabou por trazê-lo dado que o coração, os diabetes, a sua idade senhor, a

sua amante nessa época um retrato de comunhão solene de província, uma mesa de pé-de-galo, uma bailarina, uma vela, você a espreitar o rés-do-chão à distância com vinte ou vinte e um anos senhor, uma primeira carta, uma segunda carta, o sanatório de Coimbra mal ela respondeu à sua terceira carta e depois carta nenhuma, ela finada, pinheiros que à noite se diria um apenas, o comboio de Lisboa na estação e então a minha mãe, o casamento, a minha irmã mais velha, o Jardim Constantino a partir da altura em que expulsou a filha da madrinha da sua mãe que a madrinha da sua mãe escondia não por ser doente mas por não ter pai, nunca se perguntou por exemplo

pai

onde estaria o pai dela conforme se perguntava

(continua a perguntar-se)

onde está o seu pai, você a decidir que o seu pai em França

- Um dia destes vou a França

com receio que ele num outro Tejo qualquer empoleirado num rolo de cordas a despedi-lo

- Trambolho

e ainda bem que não arrasto esses problemas, é-me indiferente, se a minha mãe

- O teu pai

não ligo, o meu pai de volta da cozinha ou do quarto, de jornal dobrado no problema das damas

- O meu pai o quê?

o meu pai que expulsou a filha da madrinha da mãe dele para um lar sei lá onde

(- Tem até ao fim do mês para sair de cá)

juntamente com a máquina de costura e o brochezinho que não valia nada, ainda a visitou por uns tempos

207

e lhe pagou o quarto antes de se esquecer dela, uma camponesa não é verdade pai, acostumada a amochar da mesma forma que você amochado agora, com receio que a minha mãe ou a minha irmã ou o carneiro mal morto nos oiçam e não ouvem descanse, digo-lhe isto com os olhos, você escuta-me com os olhos e portanto não ouvem nesta mudez dos feriados no Jardim Constantino com tudo deserto em volta e os

Sempre Queridos

da camilha desatentos de nós

você

pai

convencido que a bailarina defunta até dar com ela por acaso na rua

(quem irá contar isto?)

e então as quartas-feiras à tarde, então Sintra na primavera, então Tavira dois toldos adiante ano após ano a fim de poderem olhar-se, ela descanse que fico consigo senhor, não lhe peço nada, ninguém dá por nada, Tavira sim, Sintra sim, as quartas-feiras na hospedaria sim, o pai

dela e outra parente idosa

(não a mãe)

de quem tomava conta, para o mês de agosto no Algarve tinha de contratar uma pessoa, pagar-lhe mas não com o seu dinheiro

Não me ofenda senhor

aquele com que você tentava desculpar o facto de não ser um homem pai, a minha mãe por meias palavras, pausas, as meias palavras

O teu pai

eu como se não percebesse Não quero saber

eu Cale-se

e no entanto

O teu pai

208

O teu pai

a incomodar-me, a mulherzita em Tavira a fazer-se de lucas igualmente, vontade de perguntar-lhe

- Não tem ninguém às escondidas você?

uma tarde segui até à pensão a sua amante da cadeira de lona e do embrulho de crochet e homem algum, sozinha, dali a pouco um ângulo de primeiro andar aceso, uma dessas lâmpadas de tecto penduradas de um fio que não iluminam as coisas, as empalidecem apenas e como podia acontecer que um homem

(eu a imaginar

- Que homem?)

chegado antes dela à sua espera no quarto

(da idade do meu pai, mais novo, mais velho?)

atravessei um cubículo de azulejos em que um alguidar de ervilhas, um avental num prego e nem um resto de sol no mar, ondas roxas incapazes de moverem-se idênticas aos penedos e a estes pássaros que nunca dei com eles noutro lado, não gaivotas, mais pequenos, não sei dizer o nome, fazendo ninho na ponte

(também me sucede não saber dizer o meu nome e nisto uma descoberta, Raquel, sou Raquel, que nexo entre Raquel e eu, se teimo Raquel

oRaquel

não um nome, um som e já que estamos em nexo que nexo entre esse som e eu?)

pássaros que nunca dei com eles noutro lado e devem fazer ninho na ponte, suponho-os escondidos nos buracos dos pilares, os pássaros

- Raquel

e o som pegado a mim para sempre, Raquel, Raquelinha, dona Raquel

(dona Raquel no emprego, as pessoas, à séria.

209

vossê o cubículo de azulejos a escutar os tacões da Raquel no chão e continuei a escutá-los afirmando a cada passo dona Raquel dona Raquel dona Raquel, proclamando aqui vai a dona Raquel meus senhores, trabalha numa companhia de seguros, mora sozinha, toma um comprimido a fim de suportar a noite

(e mesmo assim sabe Deus)

está finalmente disposta a receber o cunhado

(o carneiro mal morto)

porque a ajuda do comprimido não chega, se ele no patamar

- Cunhadinha

a dona Raquel ao contrário do que se calculava a mudar os brincos, a erguer o penteado, Entra não

Rua

não Serve-te

a dona Raquel sem desafio algum

Entra

mas por enquanto não, por enquanto em Tavira a subir as escadas menos sujas que eu julgava ou pelo menos não tão sujas quanto eu julgava, um candeeiro no primeiro andar que era um cântaro com a ampola no interior a avermelhar portas e presumi que a do fundo porque na rua o ângulo do primeiro andar aceso e vou encontrar a sua amante com um homem pai, não um homem como você senhor, um homem a sério capaz de ser homem com ela

(a minha mãe meias palavras, pausas

- Se conseguisse contar-te que o teu pai

enquanto eu apertava dezanove vezes nenhuma mão a não ser a minha, eu a apertar a minha mão direita com a minha mão esquerda com tanta força

não Calculava nil vezes, que tivesse tanta

força.

210

e não hesitei, não esperei, não bati à porta para evitar que a amante do meu pai e o homem separados, girei a maçaneta e a maçaneta ofendida comigo

(com as zangas das maçanetas posso eu bem)

- Dona Raquel

a procurar impedir-me ou talvez nem a procurar impedir-me, um suspiro de escândalo

- Dona Raquel

o meu chefe sem tirar nem pôr quando lhe respondi que não jantava com ele e a indignação, o

despeito

- Dona Raquel

por consequência girei a maçaneta e uma cama barata mais estreita que a minha em criança, a mala aberta no chão e quase nada na mala, um retrato de Photomaton que demorei a descobrir ser de você pai

(você fora da nossa casa que inesperado, acho que ciúmes

não ciúmes, para existirem ciúmes seria necessário que eu e eu não, o que me rala a sua vida pai, você não um homem, o carneiro mal morto apesar de tudo e contra o que eu esperava, depois de algum encorajamento da minha parte que também ali estava para isso, aproximadamente um homem)

como ia dizendo a cama mais estreita que a minha em criança, a mala aberta no chão e quase nada na mala, a sua amante na cadeira de lona que ocupava na praia

(um dos pássaros da ponte passou rente à pensão

ou pode ser que uma coruja

e adeus)

a comer uma banana ou uma pêra, eu a segurar a maçaneta

(apertar dezanove vezes a maçaneta e talvez a maçaneta responda)

- Desculpe

e a mulherzita a olhar-me sobre a banana ou a pêra, de palma horizontal sob o queixo amparando migalhas, quantas noites eu na cozinha assim, encostada ao lava-loiças corada uma bolacha ou isso, surtida•• a migera trabalhava a dias

211

Isto é meu?

na esperança que a bolacha me aperte a mão, me serene, a amante do meu pai igual a mim, a atitude, os olhos

(se o carneiro mal morto uma hora por semana ao menos) e eu para a amante do meu pai, eu para nós

- Desculpe

ela na cadeira de lona a observar-me apenas, não me convidou a ficar, não me mandou embora, a palma horizontal sob o queixo, o embrulhito do crochet no colo, um cabide onde um casaco morto

(não baloiçando, morto)

e eu a pensar no meu pai e em mim

- Porquê isto?

os palhaços filha chegavam a seguir aos leões, ainda não tinham desarmado as grades quando a orquestra isto é quatro ou cinco pino-cas num estrado, quase todos velhos excepto um garoto magrinho no tambor

(um ruivo com sardas, os ruivos cheiram a leite coalhado)

principiou a tocar e atrás de uma cortina passos

(estrondos de passos)

bofetadas, gritos, a cortina franzida de repente, um grupo desses monstros que nos atormentam nos sonhos, nos perseguem, nos levam, a gente

-Não

eles sem sentimentos, ferozes, a minha filha mais nova

-Pai

e eu sem poder valer-lhe dado que botas enormes às cambalhotas na pista esbarrando umas nas outras a cumprimentar a assistência

- Meninos meninos

ela apertando-me a mão a sossegar-me uma duas três vezes, a minha filha a tomar conta de mim

- Não se assuste

e os dedos seis vezes, os palhaços afinal não

212

os palhaços

- Esteja quieto senhor

de bata à minha volta, difíceis de entender derivado à orquestra (quase só o tambor agora) mais cambalhotas, mais pinos e eu sentado com a minha filha, eu deitado, a mão dela onze vezes

- Estou aqui pai

enquanto um dos palhaços me experimentava o pulso, me aplicava uma espécie de açaimé

- Não é açaimé é oxigénio pai

comigo a calcular que se conseguisse erguer-me

(me deixassem erguer-me)

alcançava o Beato num instante e no Beato eu a salvo, conheço um armazém antes das hortas em que se guardam coisas sem préstimo do mar

(bóias de cortiça, barricas, cabos)

e onde posso ocultar-me sem que dêem por mim, uma ocasião um albatroz no armazém, os olhos amarelos, as penas amarelas, as asas amarelas mas de algas, de lodo, se eu agitar os braços como ele para cima e para baixo não conseguem pegar-me, um dos palhaços prendeu-me os cotovelos

- Que é isso?

o vento ao rodar para norte afugentava os pássaros, espanejavam-se na igreja, alinhavam-se antes da chuva na crista dos telhados, a minha mulher que eu bem a ouvia gritar

a minha mulher baixinho

(enganei-me, trinta e duas vezes, quarenta e três vezes, um dos anéis da minha filha a

beliscar-me ela que no circo não usava anéis)

- Desmaiou?

não cortinas, um biombo e paredes que não terminavam nunca, uma janela em cujos caixilhos
nem céu quanto mais árvores, nada e no nada uma voz

213

eu para eles o que quer dizer diabetes, o que quer dizer minha senhora

- O que quer dizer minha senhora?

eu juntamente com as andorinhas do mar, muito alto, espiolhan-do os barcos, segurem-me
nos cotovelos se quiserem e digo se quiserem porque não me apanham

(a minha filha mais velha em Tavira

o que quer dizer filha?

- Não me apanham)

não me apanham, eu voo, lembro-me perfeitamente deste retrato de Tavira, a praia, toldos, o
homem dos bolos, de boné

- Senhor Jorge

não Jorge, senhor Alfredo

- Senhor Alfredo

a avançar para nós com o cesto, nunca lhe fazias sinal, nunca comias bolos, trazias uma
garrafita de água, qualquer coisa num papel, limpavas-te não a um guardanapo, ao teu lenço,
o senhor Jorge

senhor Alfredo

o senhor Alfredo não te cumprimentava sequer, mal te via

(mal te via?)

tinhas de recuar a cadeira quando ele passava com o cesto

(fazia de propósito, via-te)

a minha filha mais velha

- Ela não tem dinheiro não é?

e a minha mulher com dó de ti

- Cala-te

a minha mulher a espreitar-te e uma garrafita de água, qualquer coisa num papel, tu em
Tavira porque te disse, à procura da carteira no casaco Quero que tu em Tavira

nãoGosro

214 Tenho saudades tuas

e o que significaGosto de ti

o que significaTenho saudades tuas

o palhaço que mandava nos outros

Está a voltar a ele

e eu sem que a minha filha me apertasse os dedos

- Voltar a ele o que é?

à procura da carteira no casaco

- Quero que tu em Tavira

as paredes normais, o biombo pouco maior que uma pessoa, tu a recusares-me a carteira e um vinco na tua bochecha em que não atentara, um dente mais escuro em que também não e por insólito que pareça apreciei esse dente

(havia uma travessa na Graça sempre, fosse a que horas fosse, metade ao sol e metade à sombra, em que nunca encontrei tanto gato)

- Não preciso da sua ajuda senhor

e mentira que eu bem notava nas sandálias, na roupa e apesar de
mentira

(dúzias de gatos, um deles de cauda branca e o resto listrado) não aceitavas que eu, não admitias que eu, recusavas-me a carteira

sem um gesto, com os olhos

- Não preciso do seu apoio senhor

se tivesse adivinhado que não morreste em Coimbra eu contigo garanto-te, apertava-te a mão uma duas três vezes, deitava um pingo de azeite na bailarina e ela a girar, a girar

(- Repara na bailarina a girar)

morávamos não no Jardim Constantino, no teu rés-do-chão quase junto aos comboios e pode ser que o meu pai no que vinha de Paris, velho é claro mas aposto que decidido a uma tarde no pontão à pesca em Tavira nem em Sintra, a assistirmos aos pombos da esquina,

215

diferente da minha filha mais velha, a nossa filha mais nova igual à minha filha mais nova quase a chamar-me que lhe percebo os modos e eu homem contigo, palavra de honra que eu homem contigo, não ficava na borda da cama a baloiçar uma peúga ao ritmo da trepadeira, não precisavas de ter pena de mim, consolar-me

Quer que dê corda à bailarina outra vez?

o palhaço às cambalhotas na pista, exagerado, feroz, de fundilhos pendentes a cumprimentar-me Menino menino

não, não Menino menino

o médico para mimPodemos melhorá-lo se controlarmos os diabetes

a bailarina torta que rodava aos soluços, o vagão de Paris e o meu pai a desdenhar-me

- Trambolho

a bailarina imobilizava-se com os cotovelos erguidos, de lado para mim, tu igualmente de lado para mim a mentires-me

- Não me vou embora não chore
e não estou a chorar que patetice, estou bem, a minha mulher à mesa no Jardim Constantino

- Não te apetece comer?
a minha filha mais velha com a alcofa, o meu genro a alastrar no canapé, a minha filha mais nova
(não sei porquê)
a fitar a irmã, a evitá-lo, a esquecer-se da irmã e a deixar de evitá-lo, pela atitude dos corpos estava capaz de sugerir que um joelho, uma perna, o grupo da camilha a sorrir-me

- Não nos vamos embora não chores
de repente inquietos prestando-me atenção, um dia destes quando menos espere dou por mim no retrato com eles a dissolver-me, a apanhar-me!

216

um sorriso perpétuo, mesmo que se diluam há-de ficar o sorriso

Sempre Querido

e olhos pálidos que me não pertencem, de outro, continuando a olhar, aqueles com que eu para a minha mulher, a dobrar o guardanapo na argola

- Chega aqui

o quarto da madrinha da minha mãe não para o Jardim Constantino, para uma rua de lojas de tecidos, pneus, chineses, cedros, não tipuanas, cedros, tantos anos sem me ter apercebido que uma rua de cedros, a minha mulher que não dobrava o guardanapo na argola, o trazia consigo

- O que foi?

e eu a fechar a porta

(a ver-me fechar a porta)

a caminhar para ela

(a ver-me caminhar para ela)

- Não sou homem eu?

a segurar-lhe a cintura e qualquer coisa a rasgar-se Diz-me na cara se não sou homem eu?
tal como gostaria de perguntar ao meu pai Diga-me na cara se não sou homem eu?

de quem nem as canas de pesca conservei, deixei-as no Beato, esqueci-me, as canas de pesca, o cesto dos robalos, a garrafa do aparador que agora me fazia jeito conforme fazia jeito ao primo Casimiro

- Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

e o bigode para cima e para baixo, o primo Casimiro um bigode que insistia

- Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?

cedros no quarto do Jardim Constantino, a mobília cedros, o reposteiro cedros, o crucifixo

cedros, eu para a minha mulher, para ti

- Diz-me na cara se não sou homem?
incrível, a falarem-me

217

-Pai

(e o que é

-Pai

o que significa

-Pai

o que me interessa

-Pai

se me apertares a mão uma duas três vezes eu não aperto a tua, fica sabendo que não aperto a tua, a seguir aos palhaços vêm os cavalos, deixa-me)

a minha filha mais nova contra a porta em silêncio com medo do circo, perdoa não te pegar ao colo Raquelinha

(saiu-me o teu nome viste?)

não sou pessoa de conversas, de colos, não dou troco a vocês, resolvo os problemas de damas do jornal

(as brancas jogam e ganham)

arrumo-me a um canto, fico mudo na sala, se porventura a minha irmã

- Não dá atenção ao seu neto pai?

o que ele supunha interesse, o que ele supunha um sorriso, o meu pai nas fotografias da camilha, não no sofá connosco, olhos pálidos que não lhe pertenciam, de outro, continuando a olhar para nós, onde foi

- Onde foi buscar esses olhos senhor?

aqueles com que esbarro neste retrato de Tavira, a praia, toldos, o homem dos bolos

(não estou certa mas senhor Hugo parece-me)

de camisa branca e calças brancas para a gente pensarmos

(acho que não senhor Hugo, senhor Álvaro)

que a higiene dos bolos, não micróbios, cuidado e assim, não apenas camisa branca e calças brancas, uma espécie de bivaque branco também e depois os dedos sujos. e a

218 |

(senhor Aníbal, senhor Afonso, não, senhor Alfredo, de repente lembrei-me)

e não era o meu pai que o chamava, era a minha mãe

- Chegue aqui

a levantar o pano e a espreitar para dentro, mais nova que eu agora e na minha opinião velhíssima, trinta anos para aí

(ou cinquenta ou sessenta porque cinquenta ou sessenta a mesma coisa que trinta, eu a pensar

- Durou tanto tempo que já não devia estar viva que horror)

um dos dedos do pé

(o pequenino)

a que faltava a unha, a envelhecê-la mais, mudava-nos a roupa e nós envergonhadas, nuas, toda a praia ia reparar que nós nuas

- Olha aquela

(quanto mais parecia que não mais as pessoas reparavam como quando a minha mãe

- Não se repara nos coxos

e a gente a reparar à socapa começando por ela que se voltava na rua

- Tão coxo meu Deus)

nós a colocarmos dúzias de cotovelos e joelhos à frente, nós pior que coxas, que cegas, enroladas na toalha, a minha mãe marimbando-se para a vergonha

- Não te mexas que chata

e só nessas alturas me dava ideia

(não posso afirmá-lo)

que o meu pai a espreitar a mulherzita dois toldos adiante e a mulherzita

(dava-me ideia também)

a espreitá-lo a ele e digo dava-me ideia porque a acontecer uma

coisa rápida, uma questão de segundos, sentia os corpos de ambos

mais tensos, uma mudança na expressão que não seria capaz de definir

a minha mãe acabava de

| 219

o senhor Alfredo tornava a passar com os bolos, o senhor Alfredo que me aprendeu o nome

(se calhar a praia inteira aprendeu-me o nome à custa de me ver nua todos os dias)

- Raquelinha

eu a apanhar uma ponta de cigarro da areia para que me cumprimentasse com respeito

(- Perdoe se fui indelicado senhora dona Raquel) ao perceber que eu crescida, a fumar, a minha mãe

- Larga imediatamente isso

e a senhora dona Raquel que remédio (não me deu outra alternativa mãe, sinto muito) a

apontar-lhe a pistola do indicador e a matá-la, a minha mãe apesar de morta ou ignorando que morrera

- Não te mandei largar isso?

(os que ignoram estar mortos são os piores de aturar) e o resultado foi o senhor Alfredo, num primeiro tempo admirativo que se lhe notava na expressão

(- Afinal enganei-me é tão crescida que fuma)

a mudar o cesto de braço

(duas gaivotas)

e a desconsiderar-me

- Uma ponta de cigarro que porcaria Raquelinha

duas gaivotas no parapeito do restaurante a observarem com inveja um alguidar de marisco, uma nuvenzita redonda encalhou num telhado e ficou a aguardar que uma alma caridosa decidisse tirá-la, eu para evitar conversas

(- Ajuda-me

e tal e coisa que bem lhes topo o feitio)

alertando a nuvem a que ninguém dava atenção

- Comigo não contes

à medida que as gaivotas se iam chegando ao marisco, já que estamos a pensar

220 |

- Qual a diferença entre uma gaivota-rapaz e uma gaivota-rapariga mãe?

eu de cigarro nos dentes disposta a deixar de fumar em troca de esclarecimentos à séria, a mulherzita dois toldos adiante, que continuava a arrepender-me não a ter morto com o dedo também, afundando-se no crochet, o empregado do restaurante em vez de elucidar-me

- As gaivotas-raparigas

pegou numa vassoura, expulsou-as e o resultado foi o cachorro de uma cliente horas a fio a ladrar-lhe feito parvo até descrever uma curva sobre si mesmo

(qual a razão da curva sobre si mesmo?)

antes de se deitar

quantas ocasiões, à noite, continuo a pensar nisto, cheguei ao ponto

palavra

de descrever uma curva para compreender, o carneiro mal morto estendido na minha cama

(- Tenho a gaja no bolso)

- O que estás a fazer cunhadinha?

não preocupado com as horas porque até às sete podia

- A tua irmã foi com o criançao ao médico vem cá ao patrão maroteca

e o mindinho em gancho a encolher e a esticar, dobrava tudo pelos vincos num cuidado lento

- Aguenta aí não me abrases

nunca descalçava as meias, à saída procurava cabelos no casaco, esticava o peitilho,

beliscava-me a bochecha abanando-a

- Tanto tempo a fazeres-te de cara para quê cunhadinha?

se o meu dedo ainda uma pistola ele de braços no chão mas com o tempo essas virtudes perdem-se, aponta-se, dobra-se o gatilho do médio e nem pólvora molhada seque, o dedo sem préstimo

| 221

de forma que o carneiro mal morto, vivo da costa

- Anda cá

como se calhar o meu pai em Tavira, como se calhar nesse domingo no Jardim Constantino (Deus sabe o que detesto o Jardim Constantino, aquele rectângulo sem graça, aquelas árvores) quando dobrou o guardanapo na argola a ordenar à minha mãe

- Chega aqui

quase a tratá-la mal, a minha mãe acompanhando-o a estranhar

- O que foi?

uma volta de chave na porta do quarto, um silêncio e no silêncio

- O que foi?

o vento a mudar de leste para norte arrastando o sol consigo, o Jardim Constantino, sem sol, da cor da insónia e da angina, as sombras no interior da casa aumentando a sombra lá fora, os cedros das traseiras a escurecerem o quarto, qualquer coisa

(um frasco, um solitário)

que tombou a rolar, uma das molas da cama, outra mola, a minha mãe não

Não te mexas que coisa

não

Não te mandei largar isso?

calada, eu

-Pai

julgo que eu

-Pai

sem entender porque eu

-Pai

eu apenas

-Pai

aflita como quando os palhaços no circo e a música aos gritos, eu

ao seu colo sem estar eu

222 |

-Pai eu

- Paizinho

e logo que eu

- Paizinho

a gaivota-rapaz e a gaivota-rapariga voltaram ao restaurante com uma gaivota-rapariga com elas, mais feminina, mais dócil não sei se por causa do marisco se por causa da gente e digo gaivota-rapariga porque se aparentava a mim, a forma de caminhar, o cabelo pintado, o modo de pedir

-Pai

as gaivotas-raparigas do Beato paizinho por cima de você no pontão, um senhor a fumar, de chapéu, num rolo de cordas, um petroleiro que até hoje nunca vira a adornar nos caniços, a gaivota-rapariga contra a porta do quarto no Jardim Constantino

(as sobancelhas a lápis, o cabelo pintado)

enquanto frascos e solitários a rolarem no chão e você

(acho que você, uma gaivota-rapaz)

- Diz-me na cara se não sou homem eu

uma gaivota-rapaz mas difícil de perceber dado que de costas no retrato que a minha irmã tirou

(- Prometo que só uma)

e no retrato um ângulo de ombro e um bocadinho de nuca que tanto podia ser dele como de outra gaivota qualquer, uma fotografia de praia de máquina barata ou seja areia, toldos, as ondas nem sim nem não, antes concebidas que vistas como nos telões do Beato

(faltava-lhes a menina a remar)

acinzentando-se ao fundo, o senhor Hugo

o senhor Álvaro

o senhor Alfredo a caminhar para nós com o cesto dos bolos, a caminhar para nós uma força de expressão porque eu uma gaivota-

| 223

(cinco anos no máximo)

a abrir uma cova até ao centro do mundo na qual coubessem o Jardim Constantino, a minha mãe, a minha irmã, o carneiro mal morto, o crioulo, a mulherzita que fazia crochet sem olhar para a gente, se alguém crescido perguntasse

O que estás a fazer?

respondia logo

Estou a abrir uma cova até ao centro do mundo

e podem rir-se à vontade que não me perturba, eu sei, sei que todos na cova até ao centro do mundo, sobrávamos cá em cima o meu velhote e eu e não preciso de lhe apertar a mão quinze nem sete nem uma vez sequer dado que os palhaços acabaram, estão a chegar os cavalos e eu sem medo nenhum, sem necessitar de você, eu sozinha no meu lugar em paz, eu serena, à medida que os penachos passavam por mim num galope feliz.

DÉCIMA FOTOGRAFIA

Esta é a fotografia num restaurante da Baixa dos cinquenta anos de casados dos meus pais: tem seis meses se tanto e lá estamos nós à mesa, a minha mãe e o meu pai de súbito tão velhos que me custa reconhecê-los

(apesar de tudo quando se mexem repara-se menos na idade, existe alguma vida dentro)

o meu pai de colher na mão, a minha mãe, consciente do retrato, a endireitar a gola

(dedos diferentes dos seus, magros, torcidos e que no entanto lhe pertencem

a aliança dela, o anel dela

apesar da dificuldade em achar o vestido)

a minha mãe e o meu pai sentados e nós de pé à volta, a minha irmã, eu, o meu marido, o meu filho, o empregado com a travessa à espera, um quadro que se distingue mal

(o mar?)

fui eu que trouxe a máquina, a estendi ao primo.

226

(em miúda roubava a do meu pai em Tavira e fugia a apontá-la às ondas, aos vizinhos de toldo, ao homem dos bolos

senhor Alfredo

que de dez em dez metros poisava o cesto a descansar, lembro-me das costelas muito depressa e que à noite, sem calças brancas nem camisa branca, com uma roupa como a nossa em mais usado, o encontrávamos no balcão da esplanada, de narinas ferozes, a beber aguardente com o mindinho em argola

se calhar teve estudos

consoante me lembro de tentar compreender o que faria no inverno)

a boca do gerente sob a máquina

(a cara do gerente apenas boca)

- Apertem-se para não ficar ninguém de fora

o meu pai a perder sopa pela colher inclinada, a minha mãe que não entendera e julgava que a censuravam

- Tenha termos

o meu marido, cujo cabelo diminuía, contra a minha irmã, ultimamente o fígado (ou pelo

menos ele

- Ultimamente o fígado

e a palma na barriga a seguir a comer, cautelosa, explorando) ultimamente o fígado amolecia-o no cadeirão onde se escutava a si mesmo contando e recontando as vísceras em silêncio (os lábios

- Quatro cinco seis)

no pânico de faltar alguma, se suspeitava que eu iria falar-lhe guardava as que já tinha separado

Não me interrompas

e recomeçava a soma a partir da vesícula ou do baço (Dez onze doze)

com os ovos estrelados

227

metia tudo no corpo, alinhava um rim ou a aorta na atenção com que se corrigem molduras, acompanhava o trabalho das glândulas, do sangue, da medula dos ossos a acertar-se pelos ponteiros de relógio em punho, sentia-o de olhos abertos na cama porque o pâncreas

(a tiróide?)

o chamavam e ele que nunca se debruçou para o filho debruçado para o pâncreas

(a tiróide?)

- O que há?

ele um cão de rebanho conduzindo aquelas ovelhas esponjosas ao comprido dos dias, um homem sem nome substituiu o senhor Alfredo na indústria dos bolos até um bar na praia o substituir por seu turno, os vizinhos de toldo mudaram excepto a mulherzita que chegava de camioneta na tarde em que chegávamos, enfiada mais as agulhas no interior do crochet, nunca pensei que um naperon pequeno escondesse uma pessoa inteira e escondia, a minha irmã já não vinha connosco, o meu marido ficava a somar duodenos em Lisboa e a aumentar as pálpebras no espelho da barba calculando anemias enquanto eu, vinda do sono em peças separadas sem nenhum papelinho a explicar, aparafusava articulações, trocava cotovelos e vértebras difíceis de encaixar no lençol da manhã

(- Este pé em que sítio este joelho onde fica?)

a impressão que me faltavam polegares e sobejavam tíbias ao caminhar no quarto, a cabeça a desequilibrar-se porque me enganei num músculo, a rótula tomada por engano

(se calhar do meu marido)

obrigando-me a mancar, ele e a minha irmã juntos na fotografia, o meu filho e eu do lado da minha mãe e o empregado da travessa entre nós, não a fixar a objectiva mas fosse o que fosse nas costas da minha irmã, exactamente a curva de quando a minha mãe lhe acariciava a nuca a apresentá-la às visitas

A minha filha mais nova

- Dá comichão largue-me

ao passo que no caso do meu pai embora não me recorde do meu pai nos beijar quanto mais, tinha a certeza que ela obediente, deixando, portanto visto que a minha mãe sentada e o meu pai a entornar a colher restavam o empregado e o meu marido para lhe acariciarem a nuca, o empregado não derivado à travessa e à surpresa na cara de modo que o meu marido um dedinho

(ou a palma inteira)

devagar na pele dela, o meu filho

(um espevitado de dezoito anos que o tempo passa na mecha, ainda há segundos outubro e outubro outra vez)

a fazer-me cornichos de troça, o vestido na primavera largo e no outono já não, o dedinho qual dedinho, a palma na cintura da minha irmã, no rabo, o pescoço mais curvo, ela a desviar-se

- Dá comichão largue-me

e falso, erro meu, a consentir, quando comecei a namorar olhava o prédio da rua e a minha irmã na cortina a cocar-nos, despejava o meu perfume, escondia-me o baton, se me queixava à minha mãe e a minha mãe lhe ralhava o meu pai a interromper os ralhos

- Já chega

ele que nunca interrompia nada, nem sequer dava por nós, se lhe abria a porta na volta do emprego eu em bicos de pés

-Pai

e uma bochecha que se ia embora antes de conseguir alcançá-la, eu a insistir

-Pai

e palavra alguma, silêncio, se a minha irmã lhe abria a porta a bochecha ia-se embora também, silêncio também e contudo achava-me pronta a afiançar que um entendimento entre eles apesar da minha irmã a evitá-lo, durante as otites por exemplo

- Não o quero aqui

a zanga de gostar do meu pai e a detestá-lo por isso, um fio de voz que comandava

- Proíbo-o de entrar no quarto senhor

e ele para meu espanto caminhando na direcção da sala a submeter-se à vozinha, a errar a solução do problema das damas

(as brancas jogam e ganham)

a regressar se ela dormia para a acompanhar de longe no pretexto de um objecto qualquer de que não precisava no armário do quarto, o meu pai de caneta ou chave de fendas ou manipulo de torneira na mão e a caneta, a chave de fendas, o manipulo de torneira eram a minha irmã que eu bem via pela maneira de pegar-lhes, de os manter na palma demorando-se neles, de

fazer de conta que os esquecia continuando a segurá-los, a minha mãe a agarrar na caneta (ou na chave de fendas ou no manipulador de torneira)

- O que faz isto aqui?

e o meu pai a defendê-los de repente eriçado, abrigando-os com o braço

- Deixa estar

atravessava a casa iluminada pelos candeeiros do Jardim Constantino ou seja escamazineiras pálidas ao comprido do tecto para a ver dormir, de punhos nos bolsos a impedi-los de saltarem do casaco e se ocuparem dela, não dava pela minha cama mais próxima que a da minha irmã e eu não Não o quero aqui

eu calada ou seja Venha

o meu pai sem atentar em mim (não existo pois não?)

não existo para si consoante não existo para o meu filho, para o meu marido

(existo para alguém?)

230

Ultimamente o fígado

e não existo ou existo para ninguém, dissolvo-me nos trastes, sou uma coisa a um canto, as vezes descobrem-me na sala a consertar roupa ou assim, botões quase soltos, meias, o meu marido

- Estás aí?

a enfiar-se no escritório, não uma pergunta, um enfado, do nosso apartamento o Casino à noite, as peónias do Estoril, uma nesga de mar, o cheiro das peónias comigo o tempo inteiro, tão presente que quase uma pessoa viva pronta a receber-me, à espera

(as peónias um homem que não se desgosta de mim, não se aborrece se eu falar, me aceita à sua beira)

quis morar neste sítio pelo cheiro apenas, tão intenso depois da chuva, a descobrir-me, eu deitada para que o cheiro descubra em mim o que o meu marido não sabe por não lhe interessar saber e o que eu não sabia que sabia, os meus dedos o cheiro, a minha mão o cheiro, um cheiro não de homem, de mulher

(se conhecesse uma mulher)

os dedos dessa mulher o cheiro, as suas mãos o cheiro, a professora de geografia do liceu esse cheiro, mais velha que a minha mãe, sem pintura, os olhos dela a medirem-me, olhos de professora e de repente outros olhos, vontade que me medisse fazendo-me distraída, nessa época o cheiro dos jacarandás, não das peónias, a minha irmã O que estás a fazer?

e eu não Estou com o cheiro dos jacarandás

como explicar-lhe Estou com o cheiro dos jacarandás?

eu

Nada

o que julgava outros olhos olhos de professora afinal, não me medindo, desprendidos de mim, quando muito

231

outros olhos, olhos de professora somente, os jacarandás enganaram-se, a minha irmã

- Estás a chorar porquê?

e ainda que quisesse responder não conseguia, se lhe contasse das árvores

- Os jacarandás

não acreditava em mim, ria-se

- Chorar por meia dúzia de árvores onde já se viu?

essas florinhas delas que hoje detesto, amarrotá-las, rasgá-las

- Enganaram-me

não tinham o direito de me enganar e enganaram-me, o marido que faleceu em África, a professora de geografia não se incomodava comigo

- Não te posso dar senão uma negativa no teste

topei-a uma ou duas vezes a sair do cinema com um senhor de forma que se passava por um jacarandá não lhe sentia o cheiro, os jacarandás não existiam conforme eu não existo, o meu marido a enfiar-se no escritório

- Estás aí?

surpreendido, a esquecer-me, eu a consertar roupa ou assim

(botões quase soltos, meias)

felizmente que as peónias em baixo embora não acredite que se inquietem comigo, tão mentirosas quanto os jacarandás, em começando a anoitecer a nesga de mar transparente, risonha

(os das caravelas, lá no tempo deles, uma vida de santos)

ganas de telefonar à minha mãe e ela surda

- O que é?

até descobrir que sou eu e começar com os lamentos, nem Como estás filha?

nem O que se passa filha?

queixinhas, a tua irmã não se lembra de nós.

232

quartas-feiras em almoçar com os colegas, felizmente que tu o teu marido, o teu filho, sem imaginar que eu nem marido nem filho, o consolo das peónias e é tudo, se me deito o cheiro, que possuí uma pele

(uma pele mesmo)

a roçar-me na pele, dedos que guiam os meus

- Por aqui por aqui

chegando primeiro a mim mesma e ajudando-me a chegar

- Por aqui

depois da chuva mais lentos, mais certos, o seu cuidado comigo, as suas atenções

- Por aqui

demoram-se nas ancas à minha espera, levam-me consigo, encontram-me, tenho-as neste prédio, no prédio a seguir, na primavera passada nos canteiros do Casino

(se conhecesse uma mulher)

se agora, aos quarenta e oito anos, conhecesse uma mulher que ao enfiar-se no escritório não uma pergunta, um enfado

- Estás aí?

cujos olhos se transformassem noutros olhos ou em partes suas que não fossem olhos e no entanto me compreendessem e por conseguinte me vissem reconciliando-me com os jacarandás da Praça da Alegria, do Jardim Botânico, daquele sítio de Lisboa que não recordo o nome

(seria Campolide?

Campolide não me parece)

e de que lembro os edifícios, as ruas, o prédio em que a professora de geografia morava porque a vigiei às escondidas, ficava no vestíbulo a abrir a caixa do correio e eu cá fora senhora, com o teste a que não podia dar senão uma negativa não era

(enganei-me nos fusos horários, nas ilhas dos Açores)

enganei-me de propósito dado que tinha a certeza que com uma em mim. eu cá fora enquanto você em lugar de respeito.

233

sem pressa, a publicidade, as cartas, passava a da frente para trás e continuava a estudá-las sem as riscar com a caneta como riscava o que eu escrevo e na margem

Incompleto

na margem

Errado

quando

Incompleto

por amor e

Errado

por amor, repare em mim, não presto, consoante o meu pai reparava na minha irmã que não prestava também

- Não o quero aqui

e ele ficava, a professora de geografia sentada no degrau a ler uma das cartas, a mirá-la do outro lado, a tornar a ler e se calhar

Incompleto

se calhar

Errado

eu com pena de si quase a atravessar o passeio para o caso de lhe agradar um consolo, uma ajuda

- Não puderam dar-lhe senão uma negativa senhora?

você a abanar a cabeça sem dar por mim

(que desfeita)

a separar a carta, a subir as escadas mais devagar que o costume, a erguer, aos arrancos, o estore do primeiro andar

(você com óculos agora)

a permanecer contra o vidro sacudindo o envelope batendo-lhe com as chaves e eu numa aflição, comovida, se hoje no Estoril lhe mostrasse as peónias talvez se distraísse da carta, colaborasse com os botões, as meias

(Faz assim faz assado)

me ensinasse os factores de erosão

234

os rios de Itália, o mistério dos ventos, a nesga de mar enegrecia sem luzes, a insígnia do Casino ia azulando a sala, o meu marido sem dar por si

- Não ligas o candeeiro?

e não ligava o candeeiro visto que se ligasse o candeeiro o cheiro das peónias evaporado, a fugir-me

(a fugir-nos)

e você a fugir-me igualmente da memória, acho que o cabelo castanho ou preto

(preto talvez)

não me recordo das feições, recordo-me da maneira de colher o giz, anunciar

(um círculo sobre cada palavra no quadro, a ponta do giz a teimar pac pac, a roupa que nunca se lhe ajustou flutuando nas nádegas Não sou má em costura eu ajudo-a

e ela sem me ouvir Ora cá temos os factores de erosão)

quando os factores de erosão são o corpo que não pára de espessar--se, os artelhos que engrossam, eu incapaz de correr em Tavira

- Não me apanham

e por consequência eu numa cadeirita de lona como a vizinha dois toldos adiante, os factores de erosão são o meu marido, que não me procura há um ano, no extremo oposto da cama enquanto eu às voltas com as peónias que mesmo sem chuva se dilatam, me mexem, me conduzem a mão, eu prestes a pedir-lhe ajuda

- Pedro

para que me defenda das flores, acho que acredito em Deus

(devo acreditar em Deus)

mas não me vale nunca, as plantas uma espécie de febre, o colchão infinito e o meu marido perdi-o, quer dizer se eu fora da cama notava que o colchão pequeno, se lá dentro não acabava palavra, quilómetros.

235

as peónias tornaram tudo tão incompreensível, difícil, estes dedos lá em baixo que deixam de ser meus, os meus não tão firmes, tão agudos, a desencantarem uma saliência, a insistirem na saliência, eu

- Acredito em Deus acredito em Deus

e derivado à saliência eu do tamanho da cama, maior que a cama e, mal o nervo da saliência me abandona, a cama a caber no Estoril primeiro e no apartamento depois, Deus resolveu interessar-se e nenhuns dedos, nenhum nervo

(não

- Acho que acredito

acredito, tive uma medalhinha de Nossa Senhora em miúda, um dia não a senti no pescoço, espero que Deus não se zangue)

na nesga de mar uma claridade cinzenta, por um instante o calcanhar do meu marido e a professora de geografia esquecida, nunca fui ao Casino, escutava a música, os carros, via as pessoas na entrada, procurei a medalhinha no travesseiro, no chão

(Nossa Senhora de Lurdes)

e em vez da medalhinha ganchos de cabelo, um alfinete, uma moeda onde no lugar da santinha República Portuguesa e um homem de perfil, o meu pai quase de perfil no retrato dos cinquenta anos de casado a escorregar juntamente com a sopa do interior da colher, a cada visita ao álbum tem uma idade diferente, ontem por exemplo a idade em que levou a minha irmã ao circo, não dizia o meu nome mas em duas ou três ocasiões escutei-o

- Raquelinha

não afectuoso, tentando que o

- Raquelinha

uma palavra sem importância a tombar-lhe da língua por descuido, a minha mãe Não levas a outra?

e o

Não levas a outra?

sem mim

236

(não achei a medalha mas achei a pergunta

- Não levas a outra?)

suspenso de um espaldar, faltavam-lhe letras

Não as trago ponto de interrogação, o til, quando a pergunta intacta

Não levás a outra?

o meu pai a despedi-la com a mão (não o braço inteiro, a mão, a pergunta uma mosca) no sentido da varanda, por sorte o castiçal do piano onde ficou enredada impediu-a de sair de forma que o

Não levás a outra?

uma chamazinha de vela, o meu pai para a minha irmã num tom de ralho, zangado

(as árvores do Jardim Constantino não cheiravam a nada) mandando-a trazer o casaco

Vais ao circo percebes?

(passado um bocadinho uma corrente de ar e a pergunta extinguiu-se)

as árvores do Jardim Constantino nem as árvores cheiram, quando muito cheiro de cola, papel de seda de folhas, cartolina de galhos que uma tesoura canhota recorta ao acaso, um som de enciclopédia nas copas com o friozinho da tarde, reflectindo melhor sei lá se acredito em Deus, julgo que não acredito, no caso de me encostarem à parede

-Acreditas em Deus?

e me obrigarem a ser sincera eu calada, suspeito que se estiver com otite acredito mas a otite dá-me sono, interpõe um encolher de ombros entre mim e o resto, o aspirador da empregada, uma oitava mais grave, engole o apartamento de mistura com Deus, deve ter comido as peónias porque não dou por elas, no fim do jantar o meu pai estudava na sala dobrado sobre o tampo de cotovelos em cima, sem maneiras embora não um garfo, lapiseira, levava a lapiseira à boca com a gramática. „ „ Que o velho, alinhava.

237

(- Acredita em Deus pai?)

ou sublinhava as folhas das árvores do Jardim Constantino que cheiravam a livro a tomar nota delas em cadernos e as árvores em outubro, dava-me conta dos dentes

(dois dentes, uma falha no meio)

quando as repetia em silêncio, ao ficar doutor levou-nos à outra ponta da cidade a tirar o retrato, umas hortas junto ao rio que a minha irmã achava feio e eu bonito

(- A sério que bonito pai)

- Morei ali

(um dia destes mando-o buscar o casaco e levo-o ao circo comigo, eu zangada a ralhar-lhe isto é a afogar coisas no interior de mim que prefiro não reviver, que disfarço Vais ao circo comigo)

você Morei ali

um degrau, uma janela sem vidro, um pontão com um rolo de cordas ao fundo, você

- O pontão

no pontão um homem de chapéu a fumar preparando canas de pesca, a minha mãe para o meu pai

- Qual homem?

que incompreensível a minha mãe não ver, a gente víamos pai, você a aproximar-se dele a dar fé que eu notava, a estacar maçado comigo por lhe impedir o homem

(Quem é o homem paizinho?)

e então uma cave com focos, telões, cenários de meter a cabeça de que os Iodos da vazante iam roendo a pintura, o Tejo a acotovelar as paredes e um sujeito a nascer de uma máquina e a valsar-nos em torno com um saquito de polvo

- Pimpolho

designando uma cadeira de veludo que ia limpando com a escova e apesar de limpá-la cuida

238

Senta-te aí onde a tua mãe contigo ao colo pimpolho

(afinal não obscuras)

à medida que os focos se acendiam a custo revelando inutilidades, jornais velhos, mais poeira (se me encostassem à paredeAcreditas em Deus?

respondiaAcredito

pelo sim pelo não prefiro acreditar em Deus, não me faz mal nenhum, a gente diz

- Acredito

e Deus, que remédio, aceita que acreditamos e ocupa-se dos Seus negócios que na minha perspectiva devem ser uma lufa-lufa pegada com toda a gente a interrompê-lo o tempo inteiro coitado e a pedir-Lhe milagres, só doentes nos hospitais não é, apavorados com a morte, a importunárem-no. as dúzias)

jornais velhos, mais poeira, um sapato sem atacadores, ao contrário

(foi o rio que deixou?)

detritos de naufrágio que o tempo abandonava, a minha avó, que não conheci, na cadeira

(a minha mãe e a minha irmã não perceberam)

a agitar-se

- Porquê?

e o meu pai para mim ao notar que eu escutara a pergunta, não em voz alta, a fingir-se calado (e para a minha mãe e a minha irmã calado)

- Não lhes contes

se caísse na asneira

(não caio na asneira)

de lhe falar na mãe atirava-me logo

- Não tive mãe sou sozinho

resposta pai, como você quiser, como lhe der na gana, se decidir que sozinho é como acreditar em Deus, não me apetece discussões, aceito, não teve mãe, é sozinho e estamos conversados pai, parece-lhe que andorinhas do mar e andorinhas do mar, sejam andorinhas do mar, não comento, ao ponto a que chegámos concordo com tudo, não teve mãe, é sozinho, o sujeito da Photo Royal Lda

- A tua mãe contigo ao colo pimplho

e não falou em mãe nem em pimplho descanse, mania minha, inventei, morou ali, na janela sem vidros, sozinho, uma barraca semelhante a esta cave que se inclina ao afundar-se no Tejo, um telão com uma menina a remar, as cotoveladas das ondas, o sujeito a emocionar-se

- Olha onde tu chegaste pimplho és doutor

como se o meu pai fosse doutor por ele igualmente ou pelo bairro inteiro e bem vistas as coisas se calhar era mais lógico que não pimplho mãe, o meu pai não um bebé de montra como esses aí, um adulto

(em Tavira a mulherzita dois toldos adiante

havia alturas

não tenho a certeza)

a fitar o sujeito que aperfeiçoava os focos não como um pimplho é óbvio, um cavalheiro, um doutor

- Endireita-te como os doutores pimplho faz uma cara de gente

havia alturas

(não tenho a certeza)

havia alturas, não me perguntem como, em que me dava o pressentimento que a mulherzita e o meu pai uma intimidade entre eles, não se cumprimentavam, não ligavam um ao outro e no entanto ia jurar mesmo não tendo a certeza

(eu mais segura disso, salvo seja, que da existência de Deus)

que um não sei como se exprimia entre eles do tipo da professora de geografia

- Não DOS

olhos, estou certa agora, aos quarenta e oito anos, que se demorava de propósito no vestíbulo a examinar o correio e examinar o correio era a sua forma de chamar-me

- Anda cá

ao aparecer à janela com a carta insistia

- Moro no andar assim assim anda cá

se tocasse nem uma pergunta naquelas ranhuras abaixo das campainhas nas quais as vozes nos interrogam ordenando entre estalos

- Quem é?

portanto se tocasse

(quarenta e oito anos para aprender isto, que idiota) o fecho eléctrico logo aberto
(plic)

e eu para mim Foste tão estúpida tu

plic ou seja Entra

a porta que desanda antes de se chegar ao capacho e eu surpreendida com a casa, quem me dá
negativas nos testes não pode morar entre móveis mais escuros que os do Jardim Constantino,
consolas, escrivaninhas, jarrões, devia ter um apartamento cheio de globos terrestres, mapas
(o sujeito da cave a regular a máquina

- Levanta-me esse queixo pimpolho

e só então reparei que as noivas davam ar de gaivotas, quatro ou cinco de grinalda
desfraldando os seus véus a espadanar no pontão)

e nem globos terrestres nem mapas, cómodas como nós, uma criatura de idade com um frasco
de detergente que a tratava por menina, um homem numa moldura

(o marido da guerra)

comportando-se com ela à maneira do meu pai com a mulherzita

dá três mostras de conhecê-la e vai

241

(exactamente dessa maneira, zás, não entendemos mas entendem, vendo bem era isto e tudo a
articular-se, episódios que não faziam sentido tão fáceis agora)

a professora mais idosa que a minha mãe, sem pintura, os olhos a medirem-me, antes que
outros olhos a moldura do homem e outros olhos nenhuns, o cheiro dos jacarandás a
evaporar-se de súbito e adeus florinhas brancas

(no Jardim da Estrela penso que há e contudo o que me ficou do Jardim da Estrela era o rapaz
que se aproximava, abria a gabardina

Tomem

tornava a fechá-la a soluçar palavrões e desaparecia a correr) os olhos da professora nunca
outros olhos, vacilava, apercebia-se da criatura de idade com o detergente

Menina

e acho que derivado à criatura de idade, não ao homem da moldura, um soslaio à criatura, um
soslaio ao homem, o soslaio a regressar à criatura, não era a mim que media era a ela até que
um sopro cansado

é melhor ires-te embora

quando a professora dava aulas o nariz movia-se-lhe, a minha colega de carteira o mesmo
com as orelhas, concentrava-se, fixava o quadro preto

Repara

e as orelhas afastando-se e juntando-se ao passo que o nariz a alargar-se e a afilar-se sem a
professora atentar, de tempos a tempos a meio da aula a intuição que me observava, um
cheiro que eu não sabia o que era e hoje sei, peónias, as peónias depois da chuva, tão
presentes quanto uma pessoa viva, à espera de me receberem consoante a mulherzita dois

toldos adiante

(perdoe dizer isto mãe)

à espera de receber o meu pai, a minha mão que principiava a prender as minhas pernas, a minha barriga e eu espantada com a mão,

242

erreí quase tudo no último teste e no entanto a professora a inclinar-se para mim

- Não é uma negativa descansa

não a voz do liceu, um suspiro rápido, a colega das orelhas

- O que se passa com ela?

não precisamente um suspiro rápido, esses guinchos de prédio

- Quem é?

só que em lugar de

- Quem é?

um segredo entre silvos a furar-me o ouvido

- Não é uma negativa descansa

a professora a dirigir-se à secretária dela

(se eu conhecesse uma mulher)

isto no fim do último período e no ano seguinte um cretino dissertando no estrado sobre a deriva dos continentes e a origem das monções, no prédio da professora ninguém, a caixa do correio lacrada, a janela vazia, toquei e o fecho eléctrico mudo, a porteira que varria os degraus

- E uma das afilhadas dela você?

e eu a trotar para casa, não me apetecia respirar, não me apetecia comer, a minha mãe

- O que foi?

a minha irmã peva, passou-me pela cabeça que tinha adivinhado e odiei-a

- Odeio-te

o facto de não falar deu-me a certeza que adivinhava, sabia, as árvores do Jardim Constantino

- Sabemos

prontas a contarem à minha mãe, eu antes que lhes viessem ideias

- Não sabem nada vocês

só reencontrei a professora no Estoril com o cheiro das peónias se as árvores do jardim Constantino sin

243

Só te posso dar uma negativa no teste

os canteiros tão presentes que uma pessoa viva a conversar comigo, sobretudo depois da

chuva eu em casa da professora outra vez, arcas de cânfora, louceiros, coisas que se herdam dos parentes e os parentes a anunciarem sem feições, sem corpo, dos intervalos das tábuas ou do empenado de um gonzo

- Julgavas que falecemos não era?

os parentes um alfinete de gravata na cristaleira, um selo com a rainha, um pedaço de fita Não falecemos garanto-te

e no entanto se nós Venham cá

retraíam-se, tornavam-se esses climas lilases que continuam a desprender-se das caixinhas de costura e dos boiões de brilhantina vazios, a professora de geografia nem caixinhas nem boiões, peónias, os meus dedos parados na barriga, ansiosos

(Deus é um ser onipotente criador do Céu e da Terra, acredito nele., juro pelo meu filho que acredito nele)

e a cama sem aumentar, o meu corpo fechado, a minha mãe sozinha desde novembro no Jardim Constantino, surgia-me na cabeça que apesar da poltrona sem ninguém a qualquer momento o meu pai com o problema das damas

(as brancas jogam e ganham)

não, o meu pai antes de sumir-se de novo, desatento do problema das damas Fiz o que pude filha

pela primeira vez Filha

o meu pai nunca

Filha

não vou garantir mas pode ser que para a minha irmã

Filha

244

mãe reparasse, de jornal a escapar-se-lhe do colo quando ele se levantou, se dirigiu ao corredor e os passos cada vez mais leves dado que de súbito o corredor compridíssimo, portas de um lado e outro e abrindo as portas os nossos quartos primeiro e depois os parentes de quem herdámos a mobília e deixámos sem nada, às vezes aflige-me que os defuntos tão pobres, procurar uma nota na carteira e entregar-lhes

Tomem

os parentes que não entendiam o dinheiro moderno a mostrarem--na uns aos outros duvidando de mim, se abrissemos as portas do corredor lá estavam eles

(camafeus de porcelana, fraques, sombrinhas)

anunciando por intermédio dos intervalos das tábuas ou do empenado de um gonzo

Julgaste que falecemos não foi?

e na realidade ainda ali estavam, de polainas, pince-nez, cabelo dividido ao meio

(os boiões de brilhantina vazios) ajeitando os cravos da botoeira, eu curiosa

O que comem vocês?

cabazes de piquenique, um serviço antigo, rachado (pratos com monograma, desenhos, canecas sem asa que perderam o verniz do rebordo, vê-se o barro por baixo

É por aqui que bebem?

num fundo de armário descobri luvas, carimbos roxos de loja

(Almeida & Lima, Pharmacia)

que não carimbavam, os tristes, porque a tinta secou, aplicavam-se num papel e o Almeida somente, o Lima e o Pharmacia um borrãozinho rosado, eu a informá-los

Acabou-se o negócio

e apesar de acabado o negócio os parentes com acanhamento de aceitarem a nota, lá vinham por fim uns dedos em cujos anéis, no lugar, a miniatura libra os canchinhos ou a

245

Hinghins Manchester

sem ponteiros nem vidro, de mostrador de esmalte (acredito na Ressurreição da Carne, na Comunicação dos Santos, na Vida Eterna, Amen)

os passos do meu pai que por fim terminaram

- Fiz o que pude filha

a professora de geografia a par dos países todos, das cidades, dos golfos

(a par do Beato?)

há-de ensinar-me onde ele está, foi o meu marido que telefonou

- O teu pai

o coração parece, numa dessas quartas-feiras em que ele e os colegas

(um café ou isso)

embora nenhum colega no velório connosco, a minha irmã sem ocupar o banco da capela junto à minha mãe e a mim, encostada à parede de mãos sumidas no casaco com o lábio nos dentes e nisto, sem motivo algum, veio-me à lembrança o postal do álbum de fotografias com as acácias de Sintra num muro enquanto a minha cabeça tentava entender, às voltas e às voltas, o porquê das acácias, uma ocasião, num desses sábados em que se reunia com os amigos

(às vezes aos sábados, na primavera, reunia-se com os amigos)

trouxe queijadas para a minha irmã, quer dizer ao cruzar-se com ela deixou-lhe o pacote na mão como se não desse por isso, nemUma prenda

nemSão para ti

deixou-lho na mão, sério, aborrecido com ela, e unindo as pontas soltas a noção de que princípio a entender, quem avisou o meu marido que o meu pai

- Quem te avisou que o meu pai?

(quando tive a certeza que não podiam notar-me levei o álbum

Para a palermice, nocturna.

246

Fiz o que pude filha

entendi)

acredito nos Inimigos do Homem, Mundo, Demónio e Carne, nas Almas do Purgatório e na Misericórdia Infinita, trouxe a cola da secretária, apliquei uma gota em cada canto, guardei o álbum na estante e dei com a minha irmã a encarar-me de lábio nos dentes, o lábio mudo

Não contes à mãe

acho que foi a única conversa que tivemos na vida, de mistura com os arbustos do Jardim Constantino e o meu filho

(Este é o meu Filho em quem pus toda a Minha complacência)

na alcofa a chorar, apetecia-me

(- Fiz o que pude filha)

acreditar com toda a força em Deus, acreditar que um dos colegas das quartas-feiras no escritório do meu marido

O seu sogro coitado

e no entanto as acácias de Sintra, as iniciais, a data, a mulherzita dois toldos adiante com quem o homem dos bolos

(senhor Alfredo)

não só não perdia tempo como não a cumprimentava sequer, oculta no naperon de crochet, vontade de me chegar a ela, agarrar-lhe no ombro

- São as suas iniciais confesse lá?

e contudo a minha irmã

Não contes à mãe

contudo o meu marido que ignorava os colegas do meu pai

- Um colega do teu pai no escritório a informar-me

no retrato dos cinquenta anos de casados lá estamos nós a meio do jantar, o meu pai de colher na mão, a minha mãe a endireitar a gola sem acabar o gesto, nas alturas em que o meu marido mente é quando deixa de fitar-me continuando a fitar-me

(Um colega do teu pai no escritório)

,,, narrara. ao chegar.

247

Chatices com um cliente

e eu

(que posso fazer?)

aceitando Chatices com um cliente

a pensar nas peónias, digo Dói-me a cabeça

digo Não dormi nada esta noite

digo Estou exausta desculpa

e na cama uma nesga de mar, o Casino, os canteiros e com a luz apagada as peónias o tempo
 todo comigo, tão presentes que quase uma pessoa viva pronta a receber-me, as peónias um
 homem

ou antes as peónias uma mulher que se não desgosta de mim, não se aborrece se me estender
 ao seu lado, não se espanta

- Estás aí?

não me aconselha

- E melhor ires-te embora

o cheiro das peónias nítido depois da chuva, se por acaso o meu marido

(embora não haja perigo que o meu marido)O que estás a fazer?

eu para ele nãoEstou com o cheiro das peónias

(como fazer-lhe verEstou com o cheiro das peónias)

eu

Nada

e a minha mão o cheiro no pescoço, na barriga, nas pernas, tão certa, tão sábia, a
 desencantar uma saliência, a insistir na saliência,

248

e à medida que o cheiro me abandona nenhuma mão, nenhum nervo, a sensação que o meu
 pai a endireitar-me o cobertor e a sair do quarto caminhando lá naquele sítio onde morou

(e eu

-Adeus pimplho)

direitinho ao rio.

dois: as consultas

PRIMEIRA CONSULTA

Doente de 82 anos, sexo 9, idade aparente coincidindo com a real. Orientada no tempo e no espaço, alo e heteropsiquicamente, memória conservada de acordo com os parâmetros etários, contacto adequado, sintónico embora retraído, com dificuldade em verbalizar o motivo da consulta

(«não sei porque vim, se calhar não sou capaz de dizer nada, etc)

ao responder-lhe que isto é um hospital, não uma clínica privada e tenho outros pacientes à

espera

(sempre gostava de saber o motivo de me transformarem em burro de carga)

olha na direcção da porta e faz menção de levantar-se. Além da carteira acompanha-a um saquito de crochet e a enfermeira conta que passou o tempo na sala de espera sem comunicar com quem quer que fosse a aperfeiçoar um naperon. Lembra-me não sei que pessoa há lustros e lustros, na época em que fui criança

(ou adolescente, não consigo precisar)

e a recordação, a alisar de confusa, aflóra-se-me agradável mau

252

(sorrisos, cheiro de sabonete, uma palma na minha cara, coisas dessas)

de modo que lhe sugiro que torne a sentar-se

(na janela do gabinete uma ambulância, um internado com princípios a abrir uma laranja e a guardar as cascas no bolso, regra elementar que por exemplo o pessoal não cumpre, sujam tudo, devia apresentar-lhes o internado como modelo

Tomem nota)

e por respeito aos tais sorrisos, ao tal cheiro de sabonete, à tal palma peço-lhe que me desfie as suas queixas enquanto desenho uma estrela paciente no bloco de receitas, a seguir à estrela um quarto minguante, a seguir ao quarto minguante uma casinha com uma chaminé a deitar fumo, a meio da espiral de fumo percebo que a doente, mesmo não olhando para ela, está a interessar-se pela casinha e a imaginar varandas, porta, cortinas o que me leva a voltar o bloco ao contrário, articula

(nunca este verbo foi tão bem empregue)

uma frase que não entendo

(extraordinária designação, articular, se aplicada à voz, que espertalhaço a inventou confessem-me, articular palavras como se os ditongos dobradiças, gonzos, um boneco articulado aceita-se, um braço articulado vá lá, agora articular palavras

encaixá-las umas nas outras, dobrá-las

santo Deus)

a doente a quem privei da casinha

(e já agora do quarto minguante, da estrela)

um murmúrio de novo, coloco a tampa na caneta para impedir o bico de devaneios plásticos, mudo o calendário de posição

(esses calendários de argolas em que cada folhinha um dia, acaba o dia, e passa-se a folha nos anéis cromados

Não há-de regressar)

vinde a horas a menos e paira, quantos milhares de fugas.

de crochet também, irrecuperável, a doer-me, mudo o calendário de lugar distanciando-o de mim

(some-te da minha frente com os teus dias passados, infeliz)

interrogo a doente

- Perdão?

sem me atrever a observá-la porque existem assuntos que mesmo que não se queira vão mexendo com a gente, episódios que ferem, a minha primeira mulher

(para mencionar só um)

uma bela tarde, sem mais nem menos, chego do consultório e ela não me dando sequer tempo de poisar a pasta

- Deixei de gostar de ti

exactamente desta maneira, não acrescento nem tiro, deixei de gostar de ti, e eu com a argola das chaves a baloiçar do indicador, eu parvo, a voz do costume, a entoação do costume, tudo igual, a perninha cruzada, o cigarro, só que em vez de olá

- Deixei de gostar de ti

e a mala em cima da cama à espera, o secador desaparecido da casa de banho, exceptuando o secador não faltava nada e no entanto se desse um passo o soalho abria-se até ao centro da terra e engolia-me, as chaves, mais leves que eu, a baloiçarem atrás de mim no vazio, eu caindo, caindo, a furar os apartamentos sob o nosso, décimo primeiro, décimo, nono, onde os vizinhos comiam sem que nenhum se preocupasse, nem um adeus ao menos, uma curiosidade, um espanto Olha aquele

uma amostra de dó Lá vai o médico do décimo segundo coitado

a ambulância foi-se embora na janela mas o internado da laranja enfiava as grainhas no bolso também

(um paroquiano e pêras meus irmãos em Cristo, se mandasse metia-o numa vitrine a educar os portugueses)

enquanto eu tentava identificar quem seria a pessoa que a doente me lembra,

(há momentos em que a gente por muito forte que seja)

o monte dos dias passados maior que o dos dias futuros no calendário da secretária e o que fiz desses dias, como consenti que partissem, quantos faltam ainda, de repente no meio deles

(um dia igual aos outros e porquê esse dia?)

acabou-se, depressa

(ou seja a dar por isso e a cessar de dar por isso no instante em que dava por isso)

ou devagar com tratamentos e seringas e dores, acabou-se e por se ter acabado os sorrisos por favor, a palma depressinha, o cheiro de sabonete

(em Castelo Branco?)

e eu feliz

- Cheiro de sabonete obrigado

(em Castelo Branco não, ou antes ou depois)

porque no cheiro um conforto, uma paz, eucaliptos sim, as bagas dos eucaliptos, um triciclo com um guiador cor de pérola, um terraço e aonde, o internado contava as grainhas com o indicador minucioso, o terraço em Almada, uma muralha de granito, a delicadeza de um gato quase não tocando na pedra, cada pata uma falange de pianista em cuidados sem peso, tomando atenção percebiam-se as notas, pequeni-ninhas, lentas

(Almada ou Eivas em que muralha ao certo?)

a doente de 82 anos, sexo 9, idade aparente coincidindo com a real a dar um nó no saquito do crochet prendendo o polegar que passou a fazer parte do nó

(as asneiras que nos impingem na Faculdade, o que é idade real?)

- Não durmo senhor doutor

quase nunca dormem, sempre a mesma cantiga, devem julgar que eu durmo, o senhor doutor estende-se no colchão, vira-se de barriga para baixo, deseja

- Até amanhã.

255

(- Vai falhar vai falhar)

com ganas de acender a luz porque de candeeiro aceso, na companhia da mobília

(a mobília protege e é a obrigação dela, comprámo-la, trouxemo-la da loja, pusemos-lhe porcarias em cima, convertemo-la em parte da casa, ajudámo-la)

na companhia da mobília que está ali para isso os pavores diminuem, receito aos doentes comprimidos que não tomo porque se os tomar o coração sei lá, tenho de permanecer desperto a vigiar-lhe o ritmo, a impedir-lhe os caprichos, a tomar conta dele e mesmo tomando conta dele atraíça-me, dispara, cala-se e o meu arranjo de átomos não de pijama, esticadinho, de gravata, sobre a colcha, a doente orientada no tempo e no espaço

(outra asneira da Faculdade, que tempo e que espaço, orientada no tempo em relação a que tempo

o dos relógios, o da infância?

e orientada no espaço que ninguém elucida em que consiste, mudando constantemente de feitio e sentido)

contacto adequado, sintónico embora retraído, com dificuldade em exprimir-se, safou o polegar do nó, quedou-se a mirá-lo, eu a perceber que ela hesitando

(- Fará parte do nó ou fará parte de mim?)

a resolver que o polegar fazia parte de si porque o encolhe e estica, a articular

(lá voltamos ao mesmo)E depois a tristeza

quandoE depois a tristeza

não se articula, diz-se, vontade de voltar à casinha e ao fumo, cobrir a estrela com uma nuvem, transformar o quarto minguante em árvore, acrescentar o sol com uma segunda nuvem ao lado, que raio de sina a minha, escutar aí para onde entrei a mesma

256

e dessem fé do que perderam, do que perco, não vinham, contentíssimos, aborrecer-me com tristezas, ontem, por exemplo, vinte e nove de maio e adeus vinte e nove de maio, não te recupero mais, em criança punha-me a olhar o relógio de parede um minuto inteiro sentado no tapete

- Afinal um minuto é isto

surpreendido por um minuto ser isto, um espacinho, um vácuo, o ponteiro no traço seguinte e o minuto que é dele, a minha dúvida acerca de se o recuperaria ou não no caso de andar com o ponteiro para trás, quantas vezes seria preciso andar para trás de maneira a chegar antes de ter nascido e ao chegar antes de ter nascido o que sucederia ao dedo que empurra o ponteiro, tentei expor estas elucubrações à minha mãe, ela entre portas, com um cesto de roupa

- Tenho mais que fazer

e todavia passado um bocado, isto é passados uns tracinhos, não muitos, dei com o cesto de roupa no chão e ela a rodar o ponteiro com um dedo diligente, julgo que na esperança de livrar-se dos meus irmãos e de mim, ela solteira, nova, quase da minha idade e eu aflito com uma mãe mais insignificante que eu, incapaz de cozinhar, de engomar, o cesto abandonado, a gente só com camisas sujas

- Mãe

a minha mãe não aqui, em Castelo Branco com a mãe dela, três assoalhadas minúsculas, o limoeiro, no inverno, toda a santa noite a queixar-se

- Os meus joelhos senhores

(o limoeiro ou o meu avô?)

e os doentes com a lata de me contarem tristezas, não consigo trabalhar senhor doutor, choro por tudo e por nada, trago um calhau no

peito, rombos na garganta, uma coisa cá dentro, o que eu devia propor-lhes, em lugar de medicamentos, era que andassem com os ponteiros para trás até aos limoeiros deles e agora recomecem sem fazer as Viagens, lhes anunciem de

257

Deixei de gostar de ti é só isso

e à medida que vocês tombam de andar em andar um vizinho para a filha, pegando-lhe no braço e obrigando-a a acenar-vos

- Lá vai o médico do décimo segundo coitado a cavar-nos um buraco no estuque diz-lhe adeus Beatriz

que simplicidade

- É só isso

a existência inteira não matéria importante, só isso, a minha primeira mulher de repente

considerável, a perninha cruzada no divã gigantesca, o dedo no ponteiro a alcançar a tarde na qual ela, a desligar o telefone ao sentir-me

- Não te esperava tão cedo

isto é a largar o auscultador não no descanso, no cinzeiro, os gestos demorando a achar as feições, a distribuírem-nas pelos lugares que lhe competem na cara quase pedindo

- Chega-me essa aí

os músculos necessários para compor um amuo

- Assustaste-me

a bochecha a desviar-se num beijo desbotado, o ombro a mirrar-me na mão, colocar o ponteiro em seis meses antes, oito meses e contudo há oito meses já o beijo desbotado, já o ombro a mirrar, se tornasse a encontrá-la

(nunca nos encontramos)

perguntar-lhe por desfastio apenas

(qual desfastio, mal desse por mim lá estava eu a cair e diz adeus ao médico com a tua mão Beatriz)

- O é só isso começou em que altura?

portanto não me venham com tristezas, insónias, calhaus no peito, lérias, não são mais que eu, aguentem-se sozinhos conforme cá o rapaz se aguenta, quase dava pelo perfume das cascas de laranja do internado do banco a coçar-se no pijama, quando alguém se coça pega-me logo a comichão em lugares a que as unhas não chegam, encolho-me, dobro-me.

258

janela, no sítio do internado, uma casinha com a chaminé a deitar fumo, ignoro se a minha actual mulher deixou de gostar de mim mas ao menos calada, pelo sim pelo não tento não balançar as chaves ao entrar-lhe na sala, às vezes ao jantar, durante a sopa, se uma sobranceira num lugar diferente da testa tenho medo que a colher quieta, a sobranceira a fixar-me

Deixei de gostar de ti

mas não doze andares, acautelei-me, escolhi um rés-do-chão alto, não furo senão a cave da porteira ao cair e depois da cave e das garagens estou no centro da terra entre fios eléctricos, canos, o entulho de colunas que os romanos deixaram, volta não volta a Câmara põe cá fora uns pedaços de mármore sem utilidade alguma, arruma-os em círculo por ordem de tamanho e envaidece-se deles, se a minha actual mulher

Deixei de gostar de ti

nem uma menina a acenar-me, é nessas alturas que se compreende a falta que nos faz um adeus, a gente um membro para cada lado e a misericórdia de uma frase a acompanhar-nos, não bem misericórdia, o orgulho de mostrar que a menina aprendeu, é capaz

Não cumprimentas o médico Beatriz?

a Beatriz a pasmar para o buraco no parque

Era o doutor rapariga

a doente de 82 anos, sexo 9, idade aparente coincidindo com a real, debruçada para o buraco

mais a insónia e a tristeza, segurando o saquito do crochet

(para além do crochet a revista de bordados de onde copiava o na-peron)

vestida de luto, enfeitada por um medalhão de esmalte com o retrato de um homem, mal cheguei aos fios eléctricos, aos canos e ao entulho do fundo ela antes que me limpasse da poeira

Não podia ir ao velório nem ao funeral percebe?

rime da mulher

259

a puxar a mala na direcção do elevador, a prova que tinha rodas estava no facto de imprimir na alcatifa um rastro de borracha que me caberia a mim

(a empregada de férias até onze de julho)

esfregar com detergente e uma esponja, vontade de perguntar-lhe mostrando o detergente

- Não fica uma auréola espero?

à medida que a mala

(uma das rodas chiava)

a sumir-se no elevador, junto com a mala uma mochila de companhia de aviação que eu supunha não servir para nada e servia para se pôr ao fresco, além da mochila a promessa

- Sexta-feira quando estiveres no hospital venho buscar o resto

e então compreendi que existia outro centro da terra sob o centro da terra e me cabia em sorte despenhar-me mais, a cunhada da minha avó apanhava-me no quintal, pegava-me ao colo, beijava os arranhões

- Com um beijinho meu já não pode doer

porém a cunhada da minha avó há que séculos nas folhas do lado esquerdo da agenda e com milhões de folhas em cima, uma campa de cemitério, uma gaveta de ferro no meio de gavetas de ferro em que nenhum beijo cabia, talvez uns limos de ossinhos

(não me venham com tristezas, desamparem-me a loja) e por consequência garanto que os arranhões doem, gastei um terço do detergente a apagar a borracha e com que detergente se apaga o detergente ensinam-me, nódoas cada vez maiores, a alcatifa careca, em Castelo Branco a minha mãe a rir-se, o que tenho mais presente, para além das bagas dos eucaliptos numa cafeteira e a gente a aspirar o vapor é a minha mãe a rir-se, sempre que ela se ria os calendários quietos, o cinco de agosto ou o vinte e três de outubro ou o dezoito de janeiro congelados, o meu pai para ela a zangar-se

- Não cresces.

260

(não consigo o quê?)

ela a rir-se no quarto, pedia

- Não sejas tonto anda cá

sons do meu pai penso que no enxergão e ela a rir-se de novo, cessou de rir em Almada, depois de imensos ponteiros, na época em que a minha irmã adoeceu, ficava num banquinho no escuro, perto dos frascos de xarope, a tomar nota da febre num papel, durante mais de uma hora não permitiu que lha tirassem para a vestirem como deve ser, a calçarem, a levarem numa caixa, e então não era o riso que me surpreendia, eram os olhos dela amarelos, perguntem-me Que cor tinham os olhos da tua mãe?

e eu depois de esclarecer Castanhos

demoro-me um bocado no assunto, emendo

- Durante uma semana amarelos

quando o meu pai a obrigou a largar a minha irmã a minha mãe, furiosa com toda a gente, bateu-lhe, uma bofetada no meu pai, uma segunda bofetada e fugiu a correr, abraçou-se ao limoeiro, na tarde do funeral ela abraçada ao limoeiro, o meu pai foi chamá-la

(os olhos do meu pai castanhos, perguntem-me Que cor tinham os olhos do teu pai?)

e eu depois a esclarecer Castanhos

demoro-me um bocado no assunto, emendo

- Durante três ou quatro dias metiam medo amarelos)

acabado o funeral o meu pai foi chamá-la, tocou-lhe nas costas e ela para o limoeiro

(os olhos do limoeiro amarelos também)

- Desculpa

o meu pai um limoeiro, o meu pai uma árvore, o meu pai de gravata, ela para o meu pai

61

anos, sexo 9, idade aparente coincidindo com a real é a palma da minha mãe na cara dele

- Desculpa

não uma lembrança que não consigo precisar, tudo claro

- Desculpa

e o sorriso e o cheiro de sabonete depois, assim que ela

- Desculpa

os olhos do meu pai não amarelos, castanhos (não trocem de mim, a minha primeira mulher troçava de mim, das minhas manias, de lhe contar que os olhos do meu pai amarelos

- Ninguém tem olhos amarelos palerma

e sei que tem, eu vi, de maneira que por favor não trocem de mim)

os olhos da minha mãe castanhos, os do meu pai castanhos, ponham a palma na minha cara durante um traço de ponteiro que não lhes peço mais prometo, assisti ao levantarem a tampa, à minha irmã na caixa, ao fecharem a tampa, assisti à terra na caixa e os meus olhos nunca amarelos, castanhos

(Ninguém tem olhos amarelos palerma)

não me abracei a nada, ia espiar a minha irmã e só choupos, abetos, pardais a trocarem de lápide, o meu pai tirou o berço dela do quarto

(uma chaminé com fumo, um quarto minguate, uma estrela)

transportou-o até ao ângulo do quintal em que não se cortavam as ervas e havia sapos e isso, quebrou as tábuas com o martelo, rasgou os panos, abriu uma cova, escondeu-o, não trocem do meu pai que era magro, moreno, adoeceu do pâncreas, fui visitá-lo na Unidade e ele mudo, dedos

(esses sim amarelos)

que não cumprimentavam ninguém, deixem a gente em paz, no hospital não pardais, o internado da laranja a conversar sozinho, o condutor de uma furgoneta lendo o jornal ao volante enquanto retirava,

262

mover-se depois da morte do meu pai e creio que continuarão a mover-se a seguir à minha, se não tomasse cuidado e não a segurasse a caneta, mesmo sem eu dar ordens, recomeçava a desenhar ainda que não ficasse parecido

(e não ficava parecido)

uma criança, um berço, a Beatriz a acenar-me à medida que caio, em lugar do desenho escrever, debaixo do nome, morada, filiação

(filiação pior que articular raios parta, que fenómeno desencantou estes termos?)

doente orientada no tempo e no espaço, memória conservada atendendo ao grupo etário e à diferenciação cultural, contacto sintóni-co, adequado embora retraído, dificuldade em exprimir o motivo da consulta, após uns engolires pensativos, essa forma que os velhos têm de raciocinar com a boca

(a língua a passear ideias de gengiva em gengiva)

adiantou o medalhão com o retrato de um homem

Não podia ir ao velório nem ao funeral percebe?

e a língua a prosseguir o seu trabalho na bolsinha dos lábios, acabam de falar para nós e continuam a conversar para eles mesmos deduções de saliva, o queixo alonga-se, encurta-se, as pálpebras não cor--de-rosa como as nossas, exibindo o forro, vermelhas

(pálpebras ou algibeiras gastas?)

tudo mostra o forro nos velhos, se choram não são lágrimas de agora, são águas sujas, antigas, desgostos que permaneceram esquecidos e voltam à tona por uma questão de leis da física, não de sentimento algum, os sentimentos farrapinhos sem nexos num espaço rarefeito, o braço tenta juntá-los

O que será isto?

(um regador, um cão doente, os velhos nem curiosos, pasmados

O que será isto?)

e perdem-nos

(filiação, calcule-se)

263

- Os ponteiros

e a cabeça ausente vagueando entre o regador e o cão, repetiam Os ponteiros

e mal repetiam Os ponteiros

animavam-se O cão?

ou seja um bicho de há centenas de calendários e por conseguinte já nem bicho, ervazitas, raízes, que de tempos a tempos, anónimo, de focinho à procura, galopava na memória lá deles, sumia-se na esquina do tanque, não o percebiam mais

- Viste o cão?

dentro de vinte anos no máximo eu assim, a minha actual mulher a dizer-me seja o que for e as palavras farrapinhos sem nexos que se juntam a outros farrapinhos sem nexos

(o meu pai na Unidade, o episódio do berço, um vizinho

- Lá vai o médico do décimo segundo a caminho do centro da

terra Beatriz)

para vogarem, dispersos, num espaço rarefeito, a minha cabeça que os encontra e que treme, eu

-Hã?

e lágrimas antigas, sujas, que devia ter chorado há séculos e como de costume

- Agora não tenho tempo choro isto outro dia

colocando de lado, adiando juntamente com outros desgostos numa pasta qualquer, a maçada das lágrimas a importunar-me quando não devia, eu descansado, de férias no estrangeiro ou num prédio dos arredores de Lisboa, a cem metros do mercado

(a minha fotografia no almoço do Serviço a embelezar a cómoda)

com uma enfermeira

(à minha esquerda na fotografia, de penteado trabalhoso)

Que figurava ter inconvenientes, para mim.

2641

(se ao menos substituísse os abajures

menos rendas, menos folhos

se ao menos não aqueles cavalos a galope obrigando-me a galopar também e a perder o fôlego e a cansar-me na moldura da sala, dúzias de cavalos esgazeados, sem forças)

e as lágrimas a despropósito Então e nós?

comigo a enxotá-las Não me aborreçam sumam-se

a enfermeira a reparar nelas, a apiedar-se de mim, a ajeitar-me o casaco

(detesto que me ajeitem o casaco)

aproveitando os estremecções de um autocarro na estrada, que me chocalhavam contra ela, para passar da zanga à ternura, fixava-me nos folhos e nas rendas a fim de me impedir de tocar-lhe mas o galope dos cavalos

(cavalos inumeráveis, pardos, brancos, alguns pretos, malhados)

obrigava-me a correr ultrapassando vedações numa desordem de crinas, eu de brônquios nas amígdalas incapaz de deter-me

- Onde arranjaste este quadro?

uma reprodução numa esquadria a imitar talha com um dos vértices rachado e sem verniz devido à pressa dos cascos, um sofá de almofadas de tricot por baixo do quadro, mesas de bambu, prateleiras de bambu

(uma sucursal de Pequim)

um pierrot com carinha de loiça a amolecer entre potes, as lágrimas postas de lado, sem a noção das conveniências, a picarem-me, a doerem-me

- Então e nós?

um camião que não partiu, se demorou em manobras desengonçando os bambus e esquartejando o pierrot, eu convencido que disraí;i as lágrimas e ahrandava os cavalos

I 265

Onde arranjaste este quadro?

a seguir ao prédio um recreio de escola com um campo de basquete e no campo de basquete um papel às cambalhotas com que o vento brincava, a enfermeira de roupão

(- Em casa gosto de andar à vontade)

e uma madeixa oblíqua a atravessar-lhe o nariz, ao falar a madeixa ganhava vida, desenrolava-se, era a madeixa que gritava comigo

- Eu em tiras com o problema do teu filho e vens-me com cavalos caramba?

um dos bambus perverso, bicudo, do partido dela, a lacerar-me a nádega, a cama de bambu também, por este andar o toucador de bambu um búfalo abanando a papada no arrozal da sala, o vento aborreceu-se do papel, preferiu moitas que saracoteavam discordando de mim e as cambalhotas cessaram mas o galope continuou e eu com ele, saltei uma barreira, uma sebe, um arbusto, enruguei o tapete, entortei o rádio, quase tombei um banquinho, a enfermeira a proteger o ban-quinho, de madeixa a regressar-lhe ao nariz

- Não és capaz de estar quieto?

o roupão deslaçou-se e um pedaço de barriga que vibrava, tremia, ela a fechar o roupão num meneio apressado (ela a galope também)

- Não tens emenda tu

estava a pagar o apartamento, o automóvel, a máquina de lavar, só não estava a pagar o anel que lhe dei comprado a uma funcionária da secretaria que vendia oiros para amaciar o ordenado, a enfermeira a observá-lo no espelho, de mão no peito, avançando ora a metade esquerda ora a metade direita para que a pedra brilhasse

- Uma safira não é?

não seria safira mas possuía ambições de safira e nos arredores de Lisboa isso basta, não se discutem miudezas, a primeira vez que a convidei para almoçar apareceu-me sem bata e, desprovida do encanto do

limoeiro.

266

- Que horror

e a enfermeira toda falanges redondas a debicar talheres, óculos escuros puxados para cima segurando o cabelo, os caroços das azeitonas depositados na lâmina da faca avançando o pescoço numa espécie de beijinho, eu arrependido Meto-me em cada uma

eu E agora?

a planejar retiradas, uma desculpa, um pretexto

Tenho o consultório mais cedo

vergonha dos colegas no restaurante a notarem a blusa, o gerente tratando-a com uma reprovação benévola, as mulheres das outras mesas sem falanges redondas, porque não a loira com uma amiga gorducha que lhe dava a ler um telefone na agenda

(Roubei-o ao Crisóstomo)

e o baton perfeito, a blusa discreta, as unhas tratadas e nisto, obrigando-me a olhá-la, a pergunta da enfermeira amortecida pelo queijo na boca, o turbilhão de uma migalha que me aterrou no prato

- Ao menos não é casado doutor?

eu tentando separar a migalha com os préstimos do garfo e a migalha a esconder-se nas batatas, nos brócolos, minto-lhe, não lhe minto, se lhe minto perco-a, se não lhe minto descobre e acusações e cenas, uso a estratégia que acabo de aprender com a migalha escapando-me, iludindo, um desses gestos vagos com que se adiam as crises mas eu já a galope sem me dar conta, já de dentes ao léu a sacudir as crinas, a começar a entender

- Nunca mais paro agora

não vou a tempo de parar, acabou-se, a primeira barreira, a primeira sebe, o primeiro arbusto, ultrapassa-os, salta, continua a correr, pedir ao cheiro de sabonete e à palma na minha cara que me ajudem e não ajudam nem meia

267

as falanges redondas em guarda, o defeito do baton atento, o caroço, em equilíbrio na lâmina, a examinar-me, a estudar-me, a agrupar--se com os anteriores na beirinha do prato, os óculos escuros, que seguravam o cabelo, apontando o candeeiro do tecto que era uma lanterna de alpendre, nas paredes rodas de carroças, janelicos de azenhas, uma mó de moer comigo a pensar nada disto é verdade, felizmente que nada disto é verdade, a enfermeira, o almoço,

tranquiliza--te, sossega, estás no interior de um documentário sobre a vida no campo, vão aparecer um açude, um pelourinho, bezerros, daqui a pouco os sinos

(tranquiliza-te)

as vindimas

(sossega)

uma dança de tamancos no adro da igreja com acordeões, pandeiretas, a procissão da Senhora da Glória, um funeral de anjinho ou seja a minha irmã numa caixa, pardais a mudarem de lápide, a minha mãe no quintal, de olhos amarelos

(os frutos do limoeiro insignificantes, verdes)

o meu pai comigo pela mão a ver fecharem a tampa, a ver a terra na caixa, a enfermeira muito ao longe

- A minha pergunta incomodou-o doutor?

a alongar-se na direcção da faca

(o pescoço dela um telescópio, que horror)

e um beijinho, um caroco, se lhe roçar o joelho, se quando pegar no copo os meus dedos no seu braço

(o relógio com dois mostradores para quê?)

espero que a minha irmã não me aflija, estas lágrimas sujas, antigas, regressem à infância e não me embrulhem as pestanas, se galopar depressa, me desviar dos choupos, dos bambus, do roupão

Eu em tiras com o problema do teu filho e tu vens-me com cavalos que é isto?
e encurtando a história, ,,

268

Vem cá

e a quem custou lembrar-se, o médico de família ao qual as hor-monas obedeciam

- Então?

e a glândula a bater a mão na testa, a tornar ao trabalho, a apressar os ovários

- Desculpe

por um instante o galope adiado, o ponteiro quieto, o vinte e três de julho eterno, basta verificar a folhinha, o pierrot quase aceitável, os bambus agradáveis, os olhos dos meus pais castanhos, a minha mãe a rir

(o som das gargalhadas cristaizinhos coloridos e tudo a arranjar-se senhores, o berço inteiro, a gravata de luto no mostrador da loja, qual morrer, qual velório)

- Ria outra vez mãe

comprei uma pulseira com um coração suspenso à funcionária dos oiros, a enfermeira, apaziguada, a mostrá-la às colegas

- E esta?

obrigando-as a estudarem a perfeição da corrente, a confirmarem o peso, um soslaio
agradecido para mim e eu a recuar o colarinho derivado ao baton, dezenas de cavalos a galope
que me atropelavam, pisavam

- Tão querido

o roupão pendurado num cabide de bambu (de que é que havia de ser?)

a cicatriz da apendicite a alegrar-me porque a enfermeira um passado

(um regador, um cão)

lágrimas como as minhas que às vezes

- Continuamos à espera

tentavam assomar, recolhiam numa careta, se resignavam ao fundo

com importância e inclinação; avanssá-se O brilho

269

Operaram-me em Bragança aos seis anos

e o brilhinho mais próximo

Como eras tu aos seis anos?

uma gaveta de cómoda que demorou a puxar, ela a indignar-se com a gaveta

(- É sempre a mesma coisa)

porque no verão um inchaço da madeira ou quejando, um envelope de fotografias entre ligas
e cintos, a enfermeira mais barriga que eu supunha, as primeiras estrias, só uns risquinhos por
enquanto porém vão crescer, vão crescer, porque não te apaixonas por um interno, um
maqueiro, um parente, não me dizes

- Deixei de gostar de ti

e eu aceito, eu mais leve, as estrias não risquinhos, já sulcos, a glândula que se distraiu para
meu azar cheia de escrúpulos, demasiado empenhada, em vez de

Deixei de gostar de ti

a tua mão na minha perna, a minha perna a pedir

- Larga-me

dado que a barriga a amanteigar-se, um joanete imprevisto, a cintura mais grossa, tu a
esconderes os retratos

Tenho vergonha

numa expressão vinda do lugar onde se ocultam as lágrimas e que me fez esquecer por um
instante as cortinas transparentes com laçarotes de gaze miudezas prontas a quebrarem-se
(elefantezinhos, gatinhos)

um galhardete de Famalicão num mastro cromado, eu a interrogar em silêncio

- Sentes-te menos sozinha com esta tralha aqui?

antes que as lágrimas se movessem, a cunhada da minha avó a arrumar-me no colo e eu uma
dificuldade em falar, o teu retrato de adolescente magrinha apoiada a uma velha hostil de

narinas infelizes

A prima Nívea coitada
que decerto a rosar-me.

O meu pai na tropa em Abrantes
e em que descobri, surpreendido, o teu queixo, tu no meio de cem alunas de enfermagem, na
penúltima fila
(lá estava o queixo do soldado)
embiocada também, não se distinguiam a espingarda e as polainas porque as restantes
tapavam, tu a acenares adeus na praia com um chapéu de palha que engolia as feições de
magala, um rapaz contigo
(na minha opinião demasiado próximo)
que cumprimentava igualmente e a fotografia da praia desapareceu de imediato, uma outra
com o mesmo rapaz no que se me afigurou um baile
(uns manjericos, uns balões, Sociedade Recreativa,)
e que

Esta não interessa)
levou sumiço também, se calhar o mesmo rapaz com quem a minha primeira mulher a
desligar o telefone ao sentir-me
- Não te esperava tão cedo
isto é a largar o auscultador não no descanso, no cinzeiro, os gestos a demorarem a acertar nas
feições, distribuindo-as pelos lugares que lhes competiam na cara, ela a coleccionar os nervos
necessários para fabricar um sorriso Chega-me esse tendão aí
e o sorriso difícil Assustaste-me
a cara a desviar-se num beijo desbotado, o ombro a mirrar-se na palma, pensava que já tinha
caído tudo quanto tinha a cair e afinal lá vou eu
- Diz adeus ao médico com a tua mão Beatriz
neste prédio sem elevador dos arredores de Lisboa
(automóveis baratos, pracetas sem canteiros)
com um papel às cambalhotas no campo de basquete da escola, o vento a trocar, aborrecido
dele, por uns cartazes, uns buxos, não

271

à medida que as fotografias na gaveta e a gaveta demorando a fechar, encalhou, avançou
empenada

E sempre a mesma coisa
eu de olhos amarelos a levantar-me da cama dando conta que a nudez tira dignidade ao

ciúme, a procurar a roupa sem achar uma das meias

(tão cómico o doutor, Beatriz, a vasculhar nos lençóis)

a encontrar a meia, a vestir-me aos arrepelos, o doutor embaraçado nos atacadores, nos botões de punho, na braguilha, enquanto caminhava vigiando o sobrado como se no sobrado um buraco e o centro da terra ameaçando levá-lo

(fios eléctricos, canos, inscrições em latim)

a enfermeira no patamar, descalça, a boca como se uma azeitona e não azeitona, um suspiro

Porque é que estás zangado comigo?

lágrimas sujas que não chegam a vir, estagnam atrás dos olhos embaciando as escadas, apoiar-me à parede tacteando os degraus, não procurei a varanda para não dar com a enfermeira lá em cima e ela não lágrimas sujas, lágrimas novas, limpas, não tiveste uma irmã, não te enterraram um berço, não gastaste tantos calendários ao comprido dos anos, tanta folha da direita para a esquerda, vinte e sete de outubro, trinta e um de maio

(dúzias de vinte e setes de outubro, de trinta e uns de maio) não me sobra um centímetro no coração onde não haja uma ferida, atinar com a auto-estrada entre ruas inacabadas, sem saída, restos de quintas, andaimes, chegar a casa, deitar-me, a minha actual mulher a ascender do travesseiro, preocupada comigo

A reunião correu bem?

um pijama descosido na axila com a noiva do rato Mickey estampada a arregalar-se para mim mas a razão (não me mintas) do telefone do escritório à cabeceira da cama

272

Qual o motivo do telefone do escritório aqui?

doente de 82 anos, sexo 9, idade aparente coincidindo com a real

(o que é idade, o que é real?)

apresentando-se de luto, orientada no tempo e no espaço

(mesma conversa)

memórias recente e remota conservadas nos parâmetros normais

(mesma conversa)

raciocínio adequado a uma inteligência média

(desisto)

contacto retraído com dificuldade em exprimir o motivo da consulta, queixas de depressão sem irritabilidade nem sequelas psicomotoras que atribui ao falecimento de uma pessoa chegada ocorrido há três meses, em companhia da paciente, num hotel

numa pensão

numa hospedaria de Lisboa cujo nome e localização não refere, relacionando o dito falecimento com o início dos sintomas não apenas pela morte em si mas pelo facto de não haver podido participar, como era seu desejo e por razões que não aduz, no velório e no enterro, limitando-se a assistir às cerimónias fúnebres distanciada da família como se visitasse outra campa qualquer

(olhos amarelos, não castanhos)

e apesar de outra campa qualquer, mais campas, jazigos, pardais a mudarem de lápide e uma chuvita sem peso viu fecharem a tampa da caixa, viu a terra na caixa, não uma cruz ainda, um número, de forma que talvez, nesse lugar do cemitério, ninguém e portanto olhos não amarelos, castanhos, graças a Deus um engano, nós vivos, eu para a minha actual mulher

- Trouxeste o telefone do escritório para o quarto para falares com
que pessoa?

a doente a alegrar-se

- Nós vivos

enquanto uma estrela, um quarto minguate que transformei em nuvem e chilreavam para mim. ocultavam O

273

(não trocem da gente)

o saquito do crochet no rebordo da secretária e a doente a mastigar ideias, pálpebras não cor-de-rosa como as nossas mostrando o forro, vermelhas

(tudo mostra o forro nos velhos)

sexo 9, 82 anos, idade aparente coincidindo com a real, a língua de gengiva em gengiva

- O senhor doutor compreende?

perdi o internado da laranja e o condutor da furgoneta lendo o jornal ao volante

(dois sujeitos retiravam grades de garrafas pela parte de trás) e lá vai o médico do décimo segundo, Beatriz, a galope num quadro mais os restantes cavalos nos arredores de Lisboa, o crochet a animar-se

- Ficava ao lado da família dele em Tavira senhor doutor nunca
trocámos uma palavra nunca nos cumprimentámos se me achassem
no cemitério o que iriam pensar?

falando comigo como se eu pudesse escutar e não escutava conforme não escutava o limoeiro ramalhando toda a noite no inverno, nem o meu pai a quebrar tábuas

(de quê?)

com o martelo, a escondê-las no chão

- Onde arranjou essas tábuas paizinho?

(as tábuas do berço a que rasgou os panos)

não a escutava derivado à minha actual mulher a pretender enganar-me

- A reunião correu bem?

de pijama descosido na axila com a noiva do rato Mickey estampada a arregalar-se para mim, argumentando que o telefone do escritório porque a mãe dela doente quando estava na cara que um amante, um homem, o dos retratos da enfermeira, o que anos antes da enfermeira me obrigou a cair. Beatriz

274

a minha actual mulher

O que é isto?

a defender-se com os joelhos, o braço, a minguar na cama

- Vais bater-me?

e a gente, a doente e eu

(82 ano, sexo 9, idade aparente coincidindo com a real)

continuávamos a falar de Tavira, de um sanatório em Coimbra, de quartas-feiras num hotel numa pensão

numa hospedaria de Lisboa e então desliguei o telefone lá em casa, cortei o fio, abracei-me ao limoeiro dado que os sinos de Castelo Branco mais fortes

(os sinos tão fortes)

dado que o meu pai, falecido do pâncreas, enorme nesse tempo

(você não era enorme, pai)

a apertar-me o cotovelo quando tudo acabou e mais ninguém connosco a não ser os pardais.

I

SEGUNDA CONSULTA

A doente que continua de luto com o retrato do homem no medalhão refere que os sintomas se mantêm

(adoram sofrer os camelos)

- A tristeza não esmorece

e lá estão eles com a tristeza, a mania da tristeza, a felicidade da tristeza, depois da morte do meu pai a minha mãe um medalhão idêntico, a mesma fotografia que na mesinha da sala, sempre com flores ao pé, enquanto da minha irmã nem fotografias nem flores, ao enterrarem-lhe o berço nunca houve irmã no passado, ficou o limoeiro alguns anos mas os limoeiros esquecem e num outono qualquer a moléstia da árvore, a princípio não se dava por nada, passava-se-lhe pela sombra sem notar que mais difusa, mais rala, nesses momentos depois da chuva em que as coisas nos surgem tais quais são, lavadas

(- Afinal era isto?)

percebia-lhe o sofrimento não por contorções nem por queixas

(sempre digno, o limoeiro)

Dela. moleza

276

aumentavam, desistiam, olhavam de quilómetros, mesmo chegados a nós, com expressões tão

antigas, ausentes)

se por um capricho de junho o vento nas folhas escutava um son-zinho de musgo em lugar da voz da minha mãe com que aprendeu a falar, o riso por exemplo, a admiração

- Ainda agora nasceste e quase adulto meu Deus

(durante muito tempo a minha mãe não infeliz, contente)

à noite a árvore tingia o quintal com o seu silêncio, deduzia-se pela cor do silêncio que renunciara a aguardar a manhã, os dias tinham deixado de importar-lhe, um único limão, que não nos soube a nada, amadurecendo por hábito a despedir-se de nós, não sumo, uns pinguitos aguados, a minha mãe deitou o limão no balde e com o estalo a minha irmã a falecer outra vez, não me recordo de a ouvir chorar, recordo-me dos cabelos que se agarravam à testa, da cara que me afligia por não acusar ninguém, pegava-se-lhe no pulso e o pulso

(ela toda o pulso)

tombava, a solenidade do farmacêutico

- Têm de preparar-se

e o nó do papillon dele apertava-me a mim, nunca pensei que um nó me sufocasse tanto, as cartilagens bem tentavam resistir coitadas, o meu pai

- Ai sim?

a alargar o colarinho com o dedo, à força de sermos comuns ninguém se assemelhava à gente e pela primeira vez na vida uma certeza de naufrágio, águas vindas não sei de onde

(isto em Castelo Branco, cidade a que o mar não chegava) cerrando-se num atrito de alçapão sobre a minha cabeça e não era a minha irmã que definhava, era eu, a minha irmã uma boneca no chão, se lhe perguntávamos fosse o que fosse, de boca junto ao travesseiro, o meu avô estagnado, há alturas em que continuo a ensinar-lhe

- Respire comigo avô

e nada, um pulmão a despertar, um halitozinho!

277

esperava que o meu nome no hálito e nome algum, ele oco (saberia quem somos?)

- Sabe quem somos você?

algo que concordava, não concordava, uma cortesia

(foi sempre um homem educado, levantava o chapéu às noqueiras, o prior apontava-o como exemplo na missa)

dirigida a outra pessoa invisível para nós, com uma foice, a mesma que procurou o meu pai na Unidade ao tirarem-lhe os tubos da garganta, da bexiga, do soro

e de ambas as vezes, no instante em que a pessoa os levou, juro que a boneca da minha irmã no chão, de madeixas não loiras, grisalhas, unhas comidas pelos anos, rugas, quando chegar a minha altura joguem-na pela janela, não a deixem aqui, a propósito de janela na janela do hospital uma empregada de touca subindo a ladeira com o carrinho do almoço em que

tilintavam panelas

(não me agradaria que tivessem notado a boneca, Castelo Branco, cheiros de mato que me embalsamavam de amoras)

a empregada curvada na ladeira, a doente

(82 anos, mais cinco meses e 83, com que é que uma criatura de 83 anos se preocupa, contem-me?)

a destapar um ângulo do medalhão

- Encontrei-o aos dezassete senhor doutor

encontrou-o aos dezassete porque lhe patrulhava a porta a vigiá-la (quer dizer um relance, o passinho apressado e eu a fingir que ouvia acrescentando uma espiral de fumo às espirais de fumo da casa, a aperfeiçoar a estrela com um dos bicos rombo)

pequeno, tímido, já redondo e a doente enternecida com a redondez

- Gorducho

isto num lugar onde os pântanos do rio, não mencionou gaivotas

talvez porque gaivotas é o que não falta em Lisboa, o homem do medalhão.

278

nos quais os barcos que vão partir nos ensurdecem ao passo que no sítio onde moro o mais que pode ensurdecer-me são as ambulâncias à noite não desistindo de transportar o meu pai para uma clínica entre frésias e não posso valer-lhe, a doente vestida de comunhão solene a apoiar-se na mesita sobre a qual uma bailarina empenada

(uns pingos de azeite para soltar o mecanismo)

ia girando, girando, o carrinho do almoço sumiu-se na esquina do balneário carregando consigo o ruído das panelas que me lembrava a tropa em Elvas, o aqueduto, os diversos cheiros de agosto, à noite telefonava à minha primeira mulher do quartel e a sua voz um fiozinho reticente com a tosse do irmão

(do irmão?)

por trás

(nunca dizia que gostava de mim)

enquanto na messe de oficiais se percebiam os candeeiros de Espanha, a mania, mesmo aqui na consulta, que se levantar o auscultador a tosse e a voz lá dentro, para tirar peneiras levanto o auscultador e nada ou então, da Central

- Diga doutor

e o doutor desiludido, nunca voltei a Elvas onde a geada de novembro ardia nos caixilhos (cristais violetas, azuis)

o homem do medalhão uma carta, outra carta, eu a cocar de esguelha o telefone na esperança que me chame e não chama ou se chamar é a enfermeira a medo

- Podes falar agora?

e os bambus formando no gabinete prateleiras, mesas, tento evitar o quadro dos cavalos

embora sinta em mim um início de galope, a doente ocupada com a resposta à segunda carta lutando com o alfabeto

(tantas letras)

de mão desajeitada, sem ler palavras me desobedeceriam,

279

(como será o Beato?)

vontade de perguntar à doente enquanto o meu avô sorria e o sorriso dele me assustava

(- Pela sua saúde acabe com isso avô)

- O Beato como é?

talvez a enfermeira conheça, talvez ao vir para a cidade com a ajuda dos pais, que venderam uma terra ou uns bezerros, haja morado num quarto de aluguer num sítio do género mais o rio na muralha e navios podres e tal, os pais que de vez em quando lhe mandam chouricitos, ovos, batatas, a preocupação deles

- Tens dinheiro filhinha?

a mãe esteve cá o ano passado e extasiou-se com o gosto da casa, os cortinados, as borlas, os anjitos de madeira pintada sobre a cama (asas de verniz, bocas vermelhas, o pé que lhes faltava)

- Tão lindos

uma camponesa que achou a enfermeira cavada nas bochechas, bateu armários sobre o lava-loiças

- Vou fazer-te uma gemada filhinha

na fotografia do quarto dois saloios chapados, a enfermeira orgulhosa

- Não são simpáticos diz lá?

iguais aos infelizes que esperam horas na consulta vestindo-se para o médico em luxos de baptismo, uma garrafa de uísque no Natal a agradecer a indiferença

- Desculpe a modéstia da lembrança senhor doutor

quando olho o retrato dos pais da enfermeira

(Os teus brônquios sempre foram fracos filhinha) tenho remorsos de lhe mentir, não gostar dela, a sua aflicção para agradar-me

- Explica-me como te apetece que me arranje como queres o cabelo

280

- Não te penteies dessa maneira não vistas isso que feio

não são apenas as azeitonas na faca, o pão no molho em movimentos de quem desinfecta um lanho com tintura de iodo, a batuta de maestro do garfo ao conversares, coisas que me recordam o que de Castelo Branco preferia esquecer, na altura do pâncreas tratavam o meu pai por tu na Unidade e indignava-me

(não indignava a minha mãe, para a minha mãe natural, os médicos pessoas importantes, ricas, ela com o seu uísque em papel de seda

- Desculpe a modéstia da lembrança senhor doutor

o senhor doutor colocava o uísque numa prateleira secundária, eu furioso com ela e com o médico

- Hei-de vingá-la mãe

e não vinguei, não presto)

a doente de 82 anos, sexo 9, idade aparente etc etc (as tretas do costume, para quê escrever isto?) e o homem do medalhão um namoro de cartas entre o Beato que a enfermeira afinal, na última ocasião que a gente os dois nos bambus

- Não sei bem onde fica

a estação dos comboios para o estrangeiro que essa sim, não há quem não diga o lugar, cheia de altifalantes, pressas, nódoas de chuva

(quem me explica porquê?)

mesmo durante o verão

(se calhar não nódoas de chuva, óleo, os horários das partidas a insistirem

- É tarde

e as nódoas de chuva a trazerem-me à ideia o recreio da escola) a doente vestida de luto que há-de oferecer-me também

- Desculpe a modéstia da lembrança

o seu uisquizeiro de Natal se a cisma das tristezas e das insónias lhe durar até lá, para além do saquito do crochet o saquito da garrafa, o homem do medalhão que eu pensava mais ou menos como ela vai.

mulherão. nessa ténra

idade.

281

(eu que não fiz mal a ninguém a aturar o relato destas vidas minúsculas)

estudos depois, a doente libertou duas ou três andorinhas do mar e uma palmeira ao referir-se ao bairro em que o homem habitava, encheu-me o gabinete de quintalecos, hortas, sobejos que nos miram na insistência do remorso, o meu pai a despertar-me tocando-me no braço

- Sou o teu pai

e eu a tentar recordar-me enquanto ele se esfumava

- Em que é que o desiludi pai?

apesar de esfumado o cheiro dos cigarros, vontade de tranquilizá-lo à medida que acordo, me descubro adulto e ainda que adulto, com quarenta e um anos

- Como prefere que eu seja senhor?

o meu pai não com o fato das semanas, o das riscas de que a minha mãe se orgulhava, ela de mão à frente da boca Para quarenta e um anos não está mal pois não?

(nós dois com quarenta e um anos já reparou senhor?)

a minha primeira mulher um resmungo na almofadaQue conversas são essas?

colocando uma porção de tempo impossível de transpor entre o meu pai e eu e detestei-a por isso dado haver contas a resolver pela gente, mal entendidos, mentiras, a minha primeira mulher

- Falas sozinho agora?

a minha actual mulher sem coragem de desagradar-me, aceitando,

calando, a enfermeira que por estranho que pareça me dava vergonha

envergonhar-me dela, a certeza que das três a que o meu pai preferiria

se o pâncreas consentisse, nunca passou de fiscal da Câmara o pateta

tínhamos o limoeiro, a casa que não valia dez réis de mel coado e o cachorro a adivinhar-nos antes de nos adivinharmos a nós mesmos, não

morreu como a minha irmã, farejou um horizonte de perdizes, empinou-se, teve a certeza que sim, foi-se embora, a minha mãe que assobiava melhor duque ninguém,

282

(teria preferido a enfermeira igualmente?) chamava-o

(por que razão pergunto, sei perfeitamente que sim) e afinal um bicho manco ou de pêlo comprido ou mais escuro, esse ao menos não me visita à noite

- Sou o cão

deixa-me em paz, deve caminhar pela serra investigando buxos, abri a janela do gabinete e enxotei as andorinhas do mar, quanto à palmeira as empregadas da limpeza que a varram quando a doente

(o que me interessa isto, mais insónias, mais tristezas)

saía à rua escoltada pelos alarmes de uma tia

(o que me interessa realmente isto?)

e o homem do medalhão atrás, se estacavam voltava-se de costas tentando dissolver-se numa montra, o reflexo no vidro, que espreitava à socapa, recomeçava a andar obrigando o homem a apanhá-lo e a ser um de novo, palavras que lutavam umas com as outras cartas fora inventando promessas respeitadas, de tempos a tempos a enfermeira depositava-me um envelope no bolso

Não leias agora

pétalas autênticas dentro, ondinhas a tinta azul em que um coração escarlate de baton

(o baton ultrapassava os contornos)

naufragava, não lhe respondia às perguntas, desabotoava-a pressa

(Tenho duas horas)

embora ela

Espera

pedia-me um fim-de-semana, uma noite, um feriado, ao cabo de alguns meses não pedia nada, um dia destes sem que eu espere

Deixei de gostar de ti

e qualquer coisa empurrada pela delicadeza do anular a fim de que a pálpebra se não manchasse, despedir-me dos bambus, dos cavalos,
ferro velho apesar de novo trazido das férias.

283

(Esse doutor)

Marrocos diapositivos de chapéu de palha diante de edifícios sujos ou seja isto aqui em mais descalço, mais confuso, mais miserável e mal o

- Deixei de gostar de ti

comichões esquisitas na barriga, no peito (- Vai dar-me alguma coisa?)

um peso com o qual não contava a obrigar-me a ajoelhar, as lágrimas adiadas

- Não precisas de nós?

remexendo-se no lugar onde escondia a minha irmã, o meu pai, eu para a enfermeira

- Se já acabaste de consertar a pálpebra empresta-me o anular

agora

a vizinha com quem esperava casar durante a instrução primária e a meningite roubou, eu surpreendido de a ver depois de tanto tempo, com um bibeiro de xadrez, a mostrar o gato que lhe deram nos anos

- Não esperava que continuasses comigo Isabel

o que vamos juntando sem reparar santo Deus, até um bibe (lembro-me tão bem dos botõesinhos nacarados) a Isabel queria ser pianista

- Vou ser pianista

de maneira que suponho nascer dela essa toada nas ervas à noite, a professora um discurso acerca da precariedade da existência que nenhum de nós calculava o que fosse, apontou-nos o lugar na aula, colocou-lhe uma flor

(acho engraçado o nome miosótis)

endireitou a pálpebra também, o andar nos arredores de Lisboa a apequenar-se na direcção do passado, impedir a enfermeira de se unir ao sorriso do meu avô, ao cachorro, a tantos acontecimentos que latejavam doendo

284

um feriado conforme te dei o anel e a pulseira e gostaste do anel e da pulseira não foi, aceito as azeitonas na faca, não evito mostrar-te nos restaurantes que exagerei, a sério que tenho orgulho em ti, gestos que me irritavam pensando melhor comoventes, a tua cara, ao despedir-se, tão desamparada, tão só, o trinco da porta enterrava-se-me no estômago ao fechar-se, a cada volta mais impiedoso, feroz, não deixaste de gostar de mim confessa, deixa-se de gostar devagarinho, de desilusão em desilusão, não assim, na janela do hospital nada salvo umas árvores claro, a mania das árvores, a chatice das árvores, oficinas, as ambulâncias na garagem

sem desenrolarem as sereias do pânico, a doente o sanatório em Coimbra derivado aos pulmões, a tia a despedir-se à porta e a convicção de

- Vais morrer

no seu beijo, tudo a insistir

- Vais morrer

balanças de pesar ossos sob a pele porque não existiam músculos nem tendões, ossos vá lá e não de osso, de barro, nenhuma lágrima que não cabem lágrimas no medo, o espanto ocupa o mundo com as suas botijas de oxigénio, os seus algodões, os seus pensos, o corpo a transformar-se noutra coisa, a mãe da Isabel pegava-lhe nas mãos, alinhava-as sobre a mesa exibindo evidências

- Dedos de pianista não se nota?

e de facto desde a meningite as ervas, se tomarmos atenção, uma valsinha contente, pegar na mão da enfermeira como se a mão da enfermeira a mão da Isabel e a garantia de ir pensar no divórcio

(não penso no divórcio, não é uma questão de amor, habituei-me)

a doente contacto adequado, sintónico, alguma reticência no que concerne a sua vida pessoal, dois anos em Coimbra, noites demasiado vastas em que um empregado do pai lhe sachava não o ventre, as costelas impedindo-a de respirar, a desconfiança que o homem do medalhão baixinho)

| 285

ge, a mão da enfermeira a consentir, quase líquida, a professora da flor exaltando-se comigo

- Prometeste que te divorciavas não foi?

(não me censure dona Luzia nunca aldrabou você?) e no caminho da escola para casa o celeiro onde a gente ia às escondidas com duas mulheres lá dentro, a surda-muda e a prima, a sur-da-muda percebia-nos pela vibração das tábuas e vinha ao nosso encontro numa espécie de gritos, a prima para a gente

- Os caramelos dela?

e a surda-muda nuns fardos, tranquila, a mastigar, a prima disciplinava os clientes de machadita em riste

- Tu aí mais depressa

(vi o meu pai sair de lá uma tarde, quer dizer não tive a certeza que o meu pai, investiguei-lhe o casaco e um caramelo ainda)

os que tinham acabado de uma banda, a darem conta dos grilos

(- Não dás conta dos grilos?)

a prima enrolava o dinheiro num plástico, dobrava-se para o chão

- Não olhem agora

sumia-o nos barrotes, fixava-se num de nós ao acaso a ameaçar

- Tu viste

e a machadita para cima e para baixo a crescer, fiquei a olhar o caramelo no bolso do meu pai detestando-o, quis deitar fogo ao celeiro com jornais velhos, palha mas os fósforos que prometiam arder espirravam uma chamazinha, apagavam-se, um lagarto ou qualquer bicho da terra assustou-me, julguei que o meu avô vindo do cemitério com um lenço na cara a acusar-me, as feições dele um buraco

- Não me aborreça avô sacuda essas raízes do fato essas folhas

(como se sentiria com a chuva no inverno?)

a enfermeira enquanto lhe procurava o fecho éclair do vestido afinal não nas costas, de lado

(o que as modistas inventam)

- Repete que te divorcias então

286 |

(qual delas?)]

um sinalzito no ombro, outra uma verruga pequena í

- Ajuda-nos com o fecho anda

não vos posso beijar porque uma de vocês, tu ou tu, a minha mãe < ■ e se o meu pai sonhasse matava-me, a minha primeira mulher de nariz demasiado próximo

(foi sem querer mãe)

Paraste de repente o que se passa contigo?

o corpo da minha mãe, o ventre, as axilas

Não se passa nada uma dor

não foi culpa minha mãe, foi culpa do meu pai, se não fosse ele não me atrevia juro, nem me surgia na ideia que horror, sou seu filho, mas quando estive com a surda-muda, depois do caramelo no casaco, foi consigo que estive, os seus modos, a sua maneira de olhar

- Aconteceu alguma coisa tens febre?

a sua boca no meu pescoço, os calcanhares no meu rabo apertando e largando

(não tarda nada Deus vem por aí abaixo e mata-me) o meu pai chegado do cemitério também a retirar o lenço da cara, julguei que uma censura e silêncio, raízes e folhas penduradas do fato, não zangado comigo, zangue-se comigo ao menos para que eu, a calçar as meias à pressa

- Desculpe lá o mau jeito paizinho

a minha primeira mulher a abanar-me interrogando o tecto

- A sério que eu não gosto de brincadeiras o que se passa contigo?

por sorte não pensava na minha mãe, pensava nas amigas, a sócia

da loja casada com um velho, a das saias apertadas que se divorciou em outubro, só quando a minha primeira mulher no quarto de banho entre torneiras raivosas o meu pai se ia embora a sacudir-se de lixos, comigo a pau no receio que o vissem

- Não o tratam bem no céu paizinho?

Ao

mesmo tempo porque a construção barata, discussões, correrias, um perfurador que se interrompia e começava de novo, divorcio-me

(o tanas, divorcio-me agora)

mas infelizmente as coisas não se fazem como nos apetece, partilhas, dinheiro, advogados brandindo códigos que não se entendem, demoram, o apartamento em Cascais, a quinta de Castelo Branco

(não havia apartamentos, não havia quinta alguma)

na família há que séculos e os pais da minha actual mulher, não tanto a minha actual mulher, os pais

(a dona Eduarda e o senhor Medeiros que não fazem mal a uma mosca com as orelhas a arder)

sem direito algum exigem

- Senhor Medeiros perdoe

o carro deles um caco de que o senhor Medeiros se envaidece e onde a dona Eduarda mal cabe, suspiram por um neto e à conta do neto servem-me primeiro que a filha, o cachimbo do senhor Medeiros e a dona Eduarda a arejar-me com o leque

- Não o incomoda o tabaco?

portanto os divórcios complicadíssimos já vês, papelada, juizes, e depois o teu corpo, sejamos objectivos

(a criança do piso de cima ajuda à objectividade, não há melhor que uns pezinhos no tecto para que eu me torne impiedoso)

mais um ano e pifou que essa pele não engana

(não se apoquente dona Eduarda hei-de continuar a ir à sua casa as sextas-feiras)

da varanda deste prédio só prédios, os azulejos da cozinha cestos de fruta impressos, de cinco em cinco quadrados um faisão a olhar-me, por trás dos prédios tipuanas que não lograram vingar, uns caulezitos sem cor onde nem os cães urinam, tu com orgulho imagine-se

- A minha casa

comigo a pensar na doente de 82 anos, sexo 9, os dedos dela não de pianista, inchados, o naperon no piano. seria

(não um bibe de xadrez

- Não sabia que continuavas comigo Isabel

fazendo vénias no quintal para uma assistência invisível

- Obrigada obrigada)

ainda direita, digna

(outra palavra que me diverte)

o sanatório em Coimbra entre pinheiros, as grades da cerca altíssimas e a seguir às grades talvez os choupos da minha irmã, do meu pai, não só choupos, ciprestes, de regresso a Lisboa o homem do medalhão não se desdobrava nas vitrines, não a seguia na rua, julgou vê-lo no Beato, teve a certeza que ele, aproximou-se e não ele, um desconhecido, uma sombra, acontece-me com a minha mãe tantas vezes, eu muito sossegado no automóvel por exemplo ou a ler e a minha mãe

(não a minha primeira mulher, não outras mulheres, a minha mãe)

pedindo-me que a auxilie com o fecho, de costas para mim, a verruga pequena, o sinal

- Desencrava-me isto garoto

o cotovelo da enfermeira no meu estômago admirada

- Chamaste-me mãe tu?

na janela do hospital uma ambulância de Beja de pára-choques quase a arrastar no chão que consertaram com guitas, a doente no Beato, no Bairro da Madre de Deus, na palmeira do Ateneu, em Marvila, não mencionando as gaivotas

(nunca me falou de pássaros)

um fotógrafo surgiu de uma cave com retratos de noivas

(- Dúzias de bebés e de noivas senhor doutor)

com as mãos desfeitas dos ácidos

-Conheceu o pimpolho?

e a doente, confusa

-O pimpolho?

(em vez de transformar o quarto minguante em árvore vou escrevendo ao acaso à medida que a ambulância de Beja se dirige ao

| 289

pavilhão e a perco)

o fotógrafo a mostrar-lhe películas e o homem numa delas ao colo de uma mulher embelezada de timidez, a mão dos ácidos espalmou-se-lhe em cima

- O pimpolho

o pontão onde o fotógrafo lhe contou que o pai do homem fumava antes de embarcar para França, a mãe sem entender

- Porquê?

a impressão que o Tejo se retirava do mundo conforme fazem os galos antes da chegada da noite, quietinhos na capoeira a pensar na manhã, de quando em quando movia uma anca de rebocador e serenava outra vez, os bambus da enfermeira acalmavam-se no escuro, os cavalos paravam, despedia-se de mim sem uma queixa, uma prega na boca que me não censurava, entendia, se conseguisse dizer amo-te

- Amo-te

sentar-me no banqueto em que deixas a roupa

(não te estrago a roupa descansa)

beijar-te a testa preparando-te o sono dado que o perfurador mudo, o trote da criança cessou e a amargura

(tristeza, lamentam-se eles)

a impregnar os objectos, podia morar contigo em instantes assim até que um estremeço na parede, um ralo a sorver espumas e o vento de Sintra, a tua cabeça no peitoril ao ir-me embora

(única cabeça viva no bairro)

o bracinho que se junta à cabeça para dizer adeus e não acaba o adeus, demora-se na pálpebra a amparar decepções, se adivinhasses o que é cair doze andares como eu caí há anos e a Beatriz a ver-me sem se maçar comigo, o corpo continua a doer em partes que ninguém dá por elas e é em nome da dor

(ora aqui tens a verdade)

que não fico, não posso ficar e contudo não aborreço as pessoas com tristezas, insónias, aguento conforme hei-de aguentar a Adélia.

290 |

- Como se acha pai?

e ele um olho na gente, um olho no biombo, mais olho no biombo que na gente e calado, a minha mãe com um pão-de-ló numa caixa Não experimentas ao menos?) ganas de perguntar

- Dava-lhe arranjo o limoeiro mãe?

no corredor à saída tentou pegar-me no pulso e recusei-lhe o pulso antes que o olho na gente

- Não me toque

comemos o pão-de-ló do meu pai à sobremesa, a minha mãe a necessitar do limoeiro de facto

- Gostava tanto do bolo

aposto que a boneca da minha irmã acolá mas não quis vê-la, fugi, eu já médico nessa época a aturar pessoas como esta de idade aparente coincidindo com a real, lúcida, calma, aspecto cuidado, atenção mantida, discurso coerente, que tropeçou no pimpolho dez anos depois

- Há cinquenta e três senhor doutor

e por conseguinte boa capacidade mnésica, numa praça da Baixa, ele casado, mais gorducho, mais calvo e a propósito de calvície a quantidade de cabelo que me fica no lavatório, no pente, o barbeiro sugeriu-me ampolas, colocou um segundo espelho e uma auréola de santidade na moleirinha, o barbeiro, compassivo

- Disfarço?

e a partir de então os encontros às quartas-feiras numa residencial numa pensãozita

numa hospedaria da Graça, um espasmo no saco do crochet, uma pausa, o crochet a hesitar

- Era virgem senhor doutor

não deu com a surda-muda, desconhecia o celeiro, era virgem, o que eu poderia dissertar sobre a virgindade meninos, a etimologia, o sentido, portanto a hospedaria no alto da Graça às quartas-feiras, um galho de trepadeira para cá e para lá, um cavalheiro sempre

a pensar que devia ser a Henriqueta

- Lá vai

e eu senhor doutor tão aflita

(aflições, tristezas, insónias, um sufoco aqui, vão à fava) a hospedaria da Graça às quartas-feiras, Sintra na primavera quando as acácias floriam, Tavira dois toldos adiante

- Olhava para ele chegava-me

recusava-lhe o dinheiro porque o amava senhor doutor, 82 anos, sexo 9, raça caucasiana, instrução rudimentar, escolaridade quase nula, estado civil solteira, antes do homem do medalhão o ajudante do pai a sachar

- Menina

e a lata da doente igual aos outros doentes que só sabem mentir, eu que lhes ature os caprichos

- Era virgem senhor doutor

enquanto o do sacho cada vez mais largo, mais fundo, lhe dividia o corpo abrindo sulcos, regos, pelo menos quanto a virgindades a enfermeira sincera, ficámos conversados, um bancário cujo nome esqueci

(não esqueci)

e a quem um separador de auto-estrada

(obrigado separador)

pôs dois traços por cima

(tenho a certeza que o retrato dele numa gaveta aí)

na cauda do bancário e isto contado meses depois a seguir a vários

-Tenho acanhamento em dizer

a vários

-Promete que não te zangas comigo

de revista à frente da cara

-Não olhes para mim senão não tenho coragem

a afastar a revista

-Acho que não vou dizer não sou capaz de dizer.

uma Enciclopédia de Mulheres Famosas com Joana d'Arc e uma actriz americana que estou farto de conhecer e não me lembra o nome na capa, se não fosse a meningite a Isabel ali, a mãe separando-lhe os dedos a comandar

- Separa mais os dedos songamonga

apontando à minha mãe dedos vulgaríssimos, curtos

- De pianista não são?

e se calhar eram porque as ervas da campa, no caso da gente atentos, um estudo, um prelúdio, a enfermeira muito depressa

- Após o Marcelo

(Marcelo?)

tentando parar mas era difícil parar, a confissão apesar dela

- Após o Marcelo um mulato

e eu, é natural, a vacilar com o mulato, dêem-me doze andares para cair de novo até ao centro da terra, fios eléctricos, canos, pedregulhos latinos, o meu pai a vogar nas redondezas, a surda-muda e os seus assopros de ganso quando alguém mais corajoso que eu

(a minha mãe?)

incendiou o celeiro, vi a minha mãe sair do quintal com jornais, uma braçada de palha, o meu avô a dar corda ao relógio do armário

- Não fales disto às pessoas

eu, nos arredores de Lisboa, décimo primeiro, décimo, nono, procurei a Beatriz sem achar a Beatriz (- Nem um boa viagem Beatriz?) eu sozinho

- Um mulato?

os arredores de Lisboa tão feios, tão porcos

(- Tu feia porca um mulato)

a revista a avançar para mim embaraçada

- Eu bem tinha a certeza que não devia contar

com o vento de Sintra os cavalos iniciaram o seu galope na moldura. Ha sala e eu neles. não locrava mover-me

293

e no entanto eu com eles, a minha mãe mais palha, mais jornais, um fósforo, eu a designar o teu prédio

- Este sítio aqui mãe

e agora se quiseses tenta abrir a porta, escapar-te, nem sequer calcei as meias, guardei-as no bolso, não lacei os sapatos, um dos joelhos contra o barzinho que gaita, a enfermeira a recuar no divã

- Bem tinha a certeza que não devia contar-te

o trinco automático da porta da rua que se negava a saltar, a minha mãe curvou-se com os jornais e a palha, eu a correr em Castelo Branco a caminho de casa, o meu avô suspendendo o relógio

- Não ardeu celeiro algum qual celeiro?

a minha mãe na cozinha a cortar cenouras, lombardo, a enxotar-me com a faca

- Não me empates garoto

e portanto a enfermeira viva, a surda-muda viva, eu vivo, posso calçar as meias, laçar os sapatos, descer o vidro do automóvel para a cara lá em cima a endireitar a pálpebra que diminuiu aos poucos, desvaneceu-se no ar

(se eu

- Amo-te

tu agradecida apesar de não acreditares em mim) e regressando à consulta doente de 82 anos, sexo 9, raça caucasiana, educação rudimentar, escolaridade quase nula, estado civil solteira, durante cinquenta e dois anos senhor doutor às quartas-feiras na hospedaria da Graça, agosto em Tavira, refere que ele queria-me perto de si, que um mês de ausência um do outro era muito tempo percebe, discurso coerente embora repetitivo, ideação pobre, personalidade submissa, contentava-se com as acácias de Sintra

As acácias de Sintra senhor doutor em maio

eu que desconheço o que sejam flores nas acácias, dois velhos na estação dos comboios em horários diferentes, ela primeiro, a aguardá-lo num banco, o remoolho mais tarde, nem u note

294

atento ao coração, aos diabetes, às artérias do cérebro, dirigindo-se no sentido de Monserrate a examinarem as copas, a instalarem-se num cafezinho, a enfermeira e eu uma primavera destas em Sintra também, eu para a enfermeiraAs acácias

ela exultanteAs acácias

explicar à minha actual mulher que uma urgência no hospital, um problema na Clínica, o pedido de um colega

A esposa dele que maçada

o meu coração, os meus diabetes, as minhas artérias do cérebro e mau grado o coração, os diabetes, as artérias do cérebro, muito remoto (dez ou doze quilómetros) adivinhava-se o mar, a gente hesitando a observarmos um jardim

Serão acácias isto?

sem o mulato na lembrança dado que no rodar do tempo fui esquecendo o mulato consoante esqueci a minha mãe, o meu pai, a minha primeira mulher, esta doente de luto mais o crochet e a tristeza, dado que no rodar do tempo a única coisa de que me apercebo são o limoeiro do quintal, a minha irmã no berço, o cachorro que perdemos, o peso do compadre do meu pai no meu ombro a propósito de uma caixa

(qual caixa?)

e da terra na caixa

- Tens de preparar-te garoto

não precisa de recomendar que me prepare senhor Barbosa, eu a postos, não oiço os sinos vê, o discurso do padre, adivinho o mar (dez ou doze quilómetros) para além das acácias, se a minha actual mulher

- Que tal foi?

amontoo-me na poltrona eu que costumo sentar-me, inclino a cadeira, embora encostado na almofada

ou antes não lhe respondo

Foi bem

adormeço enquanto o mar se aproxima da gente, não é a minha actual mulher, é o mar que se aproxima de mim, traz uma manta para os joelhos, vai-me cobrindo com a manta, segreda seja o que for para si mesmo e eu então

- Foi bem

julgo que

(não estou seguro)Foi bem

suponho que euFoi bem

dado que o mar, aliviado, descansado comigo, retira o crochet do saquito para continuar o naperon.

TERCEIRA CONSULTA

E aqui estamos nós outra vez que seca, eu numa cadeira de braços deste lado da secretária e a senhora numa cadeira de braços, mais pequena, do outro, na qual de tempos a tempos me apetece sentar para falar comigo, o eu preocupado dirigindo-se ao eu que mal o escuta, finge que o escuta, não o escuta de facto, arruma papéis, torna a arrumá-los, muda de sítio um carimbo, a caneca das esferográficas sem tampa

(porquê sem tampa sempre?)

verifica uma falha da parede na desilusão de um cabelo branco

(até os hospitais envelhecem senhores)

a chicotada de um pombo na janela assusta-o, recorda-lhe outras janelas, outros medos, outras chicotadas não de pombos nem de penas, mais fundas, que gostava de contar e não é capaz de contar e o eu que mal o escuta distrai-se consoante me distraio de si, não me levanto nem estendo a mão quando chega, designo com a caneta a cadeira sem braços não a olhando sequer enquanto termino a ficha do sujeito

parecido com o eu preocupado diante de mim, tilintando recordações no bolso da memória sem coragem de mas oferecer

(não o limoeiro, não a minha irmã, outras coisas mais secretas, mais intensas)

ou seja doente de 42 anos, sexo Cf, idade aparente

(ai de mim)

superior à real, uma idade se assim me posso exprimir de jacaré ou tartaruga, dando ideia que

orientado no tempo e no espaço ou seja, como os médicos afirmam, alo e heteropsiquicamente e contudo não orientado no tempo e no espaço, à deriva entre Castelo Branco e Lisboa e caindo, percebe, para além de todos os centros da terra, até um lugar em que nem ele se encontra, no género da adega sem luz onde acompanhava a criada e o corpo da criada, respirando no escuro, desumano consoante acontece quando alguém que não vemos respira ao nosso lado

(tão perturbador uma pessoa viva não acha, cada víscera a existir sozinha, roupa que murmura mal um gesto e no interior da roupa uma voz que nos conhece o nome a chamar-nos)

eu na cadeira de braços deste lado da secretária a designar a cadeira sem braços com a caneta e apesar de quieto tombando, mal dando conta que você de luto

(- Vai usar luto até que altura?)

com o saquito do crochet, as suas queixas, a sua história e que finalmente quase me olha

(que finalmente me olha)

e ao olhar-me não é a si que vejo, é a criada a entregar-me garrafas antes de descermos à adega, o primeiro degrau ainda claro, os seguintes invisíveis e a minha mãe lá em cima onde as pessoas continuam a ser, se pudesse tocar-lhe no medalhão para me sentir acompanhado e a certeza que se avançasse a manga você recuava conforme recuou sem palavras ou com demasiadas palavras e portanto sem palavras.

299

(o resto das feições não lhe fazia impressão mas a ameaça da boca) vontade de pedir-lhe

- Não respire senhor

seja uma pedra, não respire, não tussa, fique sossegadinho aí, o empregado com o sacho a assobiar lá fora e eles os dois, o empregado e o homem, vão esquartejar-lhe os ossos, abrir-lhe regos no corpo, a sua mãe assim certas noites, o seu pai na cozinha depois e se você entrasse no quarto

-Mãe

ela deitada como as vitelas amolecidas no estábulo mal os bois se afastavam

Que foi?

não bem a sua mãe por enquanto, uma criatura que se ia aparentando à sua mãe, uma espádua sob o lençol

- Que foi?

afinal a espádua dela com a omoplata que o médico operou a aguçar-se na pele, a sua mãe igualzinha à criada na adega a deixar de ser ela, a ser ela de novo, ao não ser ela cada víscera a existir sozinha, um suspiro que atravessava grutas e grutas antes de o acharmos no ar, você para o homem, na esperança que a trepadeira

(a trepadeira sim, o chicote de um ramo)

a protegesse

(ou o lavatório, ou o cabide)

- Espere um bocadinho senhor

do mesmo modo que hesitava em contar-me, discurso adequado embora reticente, demoras, circunlóquios, evasivas, lá entendi que durante cinquenta e três anos as quartas-feiras à tarde, «das duas às cinco e meia, eu saía primeiro

(transcrever, sempre que possível, o discurso do paciente) e de tempos a tempos, da parte dele, não da minha, silêncios, enfados, não se despia sequer, tomava os comprimidos do coração, dos diabetes, mirava a rua dão duarte.

300

e esquecia-se, mirava em torno a custo a enrugar-se

- Não sei

e você do outro lado da secretária, na cadeira sem braços, suponho que igualmente

- Não sei

um desconforto idêntico de silêncios, enfados, no seu lugar que me diria a mim, que se diria a si mesma, ainda antes do pâncreas o meu pai em silêncio, foi com ele que aprendi o caminho da adega, dei fé que não apenas eu porque demasiados passos, uma tábua de caixote a avisar-me

- O teu pai o teu pai

um gargalo a rolar, nessa época um postigo rente aos canteiros, eu ajoelhado à escuta e no postigo duas respirações desumanas, se acordo a meio da noite a minha actual mulher dessa maneira

(estou deitado com quem?)

acendo a luz e a minha casa, os meus móveis, não a adega, nenhum postigo, eu crescido, a minha actual mulher um soluço

(conversa com quem, pensa em quem?)

e continua a dormir, ela na adega com o meu pai pisando tábuas de caixote, desalinhando garrafas, pergunto-lhe ao ouvido

- Era com o meu pai que tu estavas?

e pés a despontarem na coberta ao fundo, a doente mais o medalhão e o luto na cadeira sem braços

- Não entendi senhor doutor

ou na hospedaria da Graça com o empregado do pai, não com o homem, você não em Lisboa, num cubículo de província da mesma forma que não uma trepadeira nos caixilhos, o pomar, a vinha, se a criada da adega continuar viva a sua idade acho eu, tinha filhos crescidos, o marido na Alemanha, umas cabras, aproximava-me da cancela e logo as cabras a rirem, não me tratava por menino nem por senhor, o meu pai por senhor, com respeito, a mim por tu, divertida, a doente a

301

cinquenta e três anos à espera das quartas-feiras à tarde, dos domingos em Sintra, de Tavira em agosto ao passo que eu teria ido a sua casa

(um quadro de cavalos também, os bambus, o pierrot) demorava-me consigo, oferecia-lhe uma pulseira, mentia-lhe, quando o meu pai adoeceu desci à adega por ele, a criada a manganhar comigo

- Achas que tens idade tu?

mais novo que os filhos, quase neto, eu cego, podia vê-la se descobrisse o postigo ou acendesse a luz e no entanto cego, os meus gestos cegos

- Espere

a voz cega também que tacteava

- Espere

achando uma nádega, o pescoço, uma gargalhada de bicho

(as cabras)

consentindo, apiedando-se, não me mandando embora

- Cheiras a leite tu

o meu pai na Unidade alheado de nós, a minha mãe entregou na recepção

(- É melhor ir trazendo a roupa dele compreende?)

envoltos na toalha da mesa

(Porque não um jornal mãe?)

os sapatos

(os sapatos num jornal para que a graxa não enodoasse a camisa)

o fato, a gravata, por causa dos sapatos, do fato, da gravata eu a tactear

- Espere

apercebendo-me que tacteava e detestando-me pelo meu pai, pela minha mãe, pelo fato que aguardava

(um dia, uma semana, duas semanas ainda?)

o momento de o vestirem lutando com a resistência dos membros

302 |

pela criada que se não ralava com o meu pai, brincava à minha custa

- Cheiras a leite tu

sem perceber que era a única forma de o manter vivo, que talvez o meu pai a agradecer-me por isso

- Filho

a aceitar a água que lhe serviam não num copo, com um lenço molhado

(- Chupe o lenço)

e escorria do queixo, era o senhor que eu não queria encarar pai, não a criada, os olhos

mortos, o nariz morto, não bem uma distância da gente, se tentava alcançá-lo você impedia-me, o pulso magríssimo abandonado na colcha, a cabeça ignoro onde ou cabeça nenhuma sabendo que os sapatos, a gravata e o fato, tão largo agora, na Unidade à espera com os vincos no lugar, os botões apertados e eu em busca da criada, entre garrafas, para impedir que lhe calçassem os sapatos sem peúgas, os tornozelos demasiado pálidos a pedirem-me ajuda e eu

- Calcem as peúgas do meu pai por favor

à cata na toalha sem as achar, a camisola interior sim, os calções sim, sacudir a criada até os dentes dela, as cartilagens dela, garrafas que tiniam e os dentes de novo

- Se o meu pai morrer mato-te

eu a sacudir a criada sacudindo a minha mãe

- Que é das peúgas do pai mãe?

proíbo-a que o meu pai descalço, o meu pai não vai descalço ouviu, a criada já não

- Cheiras a leite tu

uma velha da idade da doente e a doente uma resposta a medo a certificar-se do medalhão como se o medalhão a defendesse de mim

- As peúgas do seu pai senhor doutor?

percebia-se o vento de Castelo Branco em outubro, os ramos do limoeiro, o quadrado de terra em que a minha mãe balsaminas e um raminho a afugentar os pássaros. observava-as à tarde sorrindo.

303

- As minhas flores

como se as flores rostos felizes, amigos, a minha irmã com a gente, a minha mãe nova e assim, irritava-se com os pássaros

(arrei aos tentilhões tantas vezes)

perseguido-os pelas balsaminas, a criada um caniço de trapos, o trapo da blusa, o trapo da saia, o trapo de uma segunda saia, a criada um espantalho, a doente um espantalho, eu a interromper o desenho no bloco

- Diga-me que cheiro a leite atreva-se

rasgar os trapos, rompê-los, um cabaz na adega, um alambique antiquado, a mão encontrou a cara dela, uma orelha

- Diga-me que cheiro a leite vá

uma coxa a desviar-se de mim, a segunda coxa, cabelo inesperado entre ambas

(uma ocasião, tempos antes, tinha-me parecido que a minha mãe igualmente, não quis acreditar e era verdade mãe, não imaginava que as mulheres)

e fiz isto para que amanhã ou depois você apresentável, calçado, na nossa sala pai, com os panos negros, os castiçais, os lírios, sem envergonhar a gente diante das visitas, as palmas da

criada na minha cintura, nas costas dado que eu

- Põe as mãos na minha cintura nas costas

não por você, por tu, eu à criada por tu, pelo ruído dos insectos esfregando navalhinhas lá fora
adivinhou-se a noite, costumava ter medo da noite e não tenho percebe, não tenho, trato-a
por tu notou, trate-me você por senhor, a minha primeira mulher Tratar-te por senhor estás
doido?

a libertar-se de mim Cuidadinho com o vestido não rasgues

a endireitar-se a tremer O que é isto?

Visitava-a.

304

Achas que tens idade tu?

respeitosa, a motorizada do marido decompunha-se no tanque, o fogão demasiado grande que
o meu pai lhe ofereceu

(se calhar a doente um fogão demasiado grande que o homem lhe ofereceu)

uns trastes, uns baús, a roldana do poço, isto fora da cidade e na cidade hoje em dia, uma
fábrica, bairros, a minha primeira mulher

- Não me sacudas que coisa deixa-me a gola em paz

e apesar dos meus esforços o médico do meu pai no corredor, não na Unidade Pronto
escusava de ter dito Pronto

visto que a expressão dele Pronto

nós parados e Pronto

as peúgas na algibeira do casaco afinal, um arranjo nas lapelas, a gravata perfeita, o excesso
do casaco e das calças disfarçado com flores, você que não pôde disfarçar o homem do
medalhão, ocupar-se do velório, despedir-se dele quando há uns sete meses

(seis ou sete)

a trepadeira suspensa na janela ou pelo menos você a lembrá-la suspensa, sem folhas derivado
ao inverno e na sua ideia folhas, um ramo insignificante e você capaz de garantir que grande,
pensava que silêncio na hospedaria e no entanto

(como supor de outra forma?)

o ruído dos clientes, não apenas homens com mulheres, homens com homens, homens com
rapazes, mais esquivos, mais aflitos, escondendo-se de vocês, acreditava que silêncio e qual
silêncio, respirações desumanas, o prédio inteiro acossando-me também a mim que a escuto
na cadeia.

305

mim coitado, tal como você eu a dar com a trepadeira que batia no vidro ainda que na

realidade não batesse no vidro, com a cama, o cabide, as duas estampazitas na parede, numa delas um casal de frades a beberem, na segunda uma menina nua abraçada a um coelhinho e ambas gastas, riscadas, com legendas em francês que você não percebia e eu percebo mal

(tanta consoante escusada e a impressão defeituosa)

não mencionando o reflexo do vidro que juntando-se ao pó dificultava a leitura, por consequência, e regressando ao mobiliário, a cama, o cabide, as estampas e respirações desumanas, não silêncio, a doente e o homem do medalhão chegados uma hora antes

(uma hora e vinte minutos antes)

por um instante lembrou-se de Sintra e do que ele designava de acácias e você a emendar dentro de si

Mimosas

por um instante lembrou-se de acácias ou mimosas ou o que fosse em Sintra sobre pedras escuras

(sempre pedras escuras recorda-se?)

e esqueceu-se de Sintra porque qualquer coisa com o homem, uma espécie de sacudidela, de aviso, o seu nome ele que nunca pronunciava o seu nome e o nome não baixinho, numa voz clara, espaçada, você surpreendida por ter nome, há dúzias de anos que ninguém o seu nome

(- Que esquisito o meu nome)

você curiosa do nome

(- Afinal tenho nome)

a avaliá-lo, a medi-lo

(- O meu nome)

o empregado do seu pai

- Menina

o único que

Menina

o seu pai e a sua mãe uma alma me barria num ramo.

306

Aqui

nunca o nome, as palavras desnecessárias, sem sentido e nisto, na hospedaria da Graça, o seu nome e com o nome a madrinha, uma tia, um passeio a Lamego por via de uma promessa e a doente enjoada na camioneta a rezar Ave Marias com medo de morrer enquanto não sei quê por dentro remexia torcendo-se da mesma forma que aldeias tortas no caminho, campanários tortos, carroças tortas, bicicletas tortas junto de uma farmácia tortíssima e não só a paisagem torta, as cores mal pintadas ultrapassando os objectos, não o medo de morrer, a certeza de morrer, a cara da tia dois narizes

- Não desmaies

à medida que a doente se expulsava de si mesma e não um vômito, memórias, cheiro de feno em abril, missas das almas, a perna de metal da avó encostada à máquina de costura, a

madrinha a tapar-lhe a boca com o lenço

Não nos envergonhes aqui

o som da perna de metal diferente da outra, não caminhava, ia esmagando o soalho em estrondos repetidos, o corpo rodava ao movê-la jogando-a para diante e a doente pasmada

- Ande mais um bocadinho avó

a inveja de poder deslocar-se pela casa numa autoridade de gigante, respeitada, admirada

Sente-se bem senhora dona marquesa?

até os cães se afastavam em círculos diferentes à medida que o metal trucidava o passeio, quando a avó faleceu a perna ao lado da urna, o empregado da agência a desenganar a família

Não se levam pernas para a terra

de modo que se colocou um sapato sem nada junto ao sapato com pé, devolvemos a prótese à máquina de costura até ver mas tropeçava-se nela e conforme o desgosto se diluía

- Vendemos esta coisa não vendemos o que se faz a isto?

onde quer que se colocasse a perna lá estava ela a empatar, o óxido

307

- Tira-me isso da frente

e a perna não saía da frente, tenaz, a estorvar-nos, o meu tio acabou por deixá-la na capoeira com os frangos, ao construírem a capoeira maior foi na carroça de mistura com as estacas, os poleiros, a rede, ficaram as marcas no sobrado que nem esfregando com cera nem afagando a madeira, o eco dos estrondos atenuou-se, desapareceu e depois do eco nada embora provavelmente aquelas guinadas de setembro fossem ela de volta, os pobres dos defuntos tão ocupados a esquecerem a morte

- Gostávamos de viver como vocês que azar

desejosos de ajudar, enxugar loiça, levantarem a mesa, a gente a senti-los de um lado para o outro pelo ventinho que fazem, obstinados, activos, em contrapartida o homem na hospedaria da Graça ventinho nenhum, a doente e ele cada vez mais, às quartas-feiras, silêncio, horas de silêncio diante da trepadeira, das estampas e sem atentarem na trepadeira, nas estampas, num espaldar contra a parede, num rapaz que chorava, nisto o homem uma espécie de sacudidela, de aviso, no fim da sacudidela o seu nome, há dúzias de anos que ninguém o seu nome

(- Que esquisito o meu nome)

você curiosa do nome

(Afinal tenho nome)

satisfeita do nome, a avaliá-lo, a medi-lo

- O meu nome

a compreendê-lo melhor ao notar que o homem sem mover-se, não propriamente quieto, não diria quieto, de novo por um instante

(quase nem um instante)

Sintra, pedras escuras

(acácias, estátuas de lago não brancas, verdes)

arbustos, fetos, o homem do medalhão uma perna artificial tombando devagar, afigurou-se-lhe que o seu nome ainda, a alegria de ter nome

308

responder reconhecida, contente, quase a pegar-lhe no braço

- Senhor

e ninguém, você sozinha no quarto embora acompanhada por qualquer coisa de sobretudo e boné, não uma pessoa é evidente, as pessoas não assim, qualquer coisa incómoda por enquanto não em busca de carrinhos de linha, tesouras, desejoso de ajudar, tentando explicar-lhe que podia fazer isto e aquilo, se ocupava do que fosse preciso

- Gosto tanto de viver como tu

por enquanto não insatisfeito de estar morto, a examinar-se

- Não entendo o que aconteceu o que foi?

sem dar fé que você a olhar o chão dado que o homem no chão

- Estou no chão?

e então sim, não antes, então sim o silêncio, ninguém a subir ou a descer a escada, nenhum rapaz que chorava pedindo

- Tenha paciência senhor

a dona da hospedaria a entrar, quer dizer não a entrar, a demorar-se à entrada

- Estamos feitos

um fulano, outro fulano, o gordo em mangas de camisa que se ocupava dos quartos de modo que aqui estamos nós outra vez que seca, nós vivos

(o gordo

senhor Onofre

de fósforo na boca mudando-o de lugar com a língua)

eu na cadeira de braços deste lado da secretária e a doente a escutar-me na cadeira sem braços, mais pequena, do outro, conforme escutou o homem em Sintra, conforme assistiu na praia à esposa dele, as filhas, conforme na última tarde na hospedaria da Graça escutava não os fregueses mas os pinheiros do sanatório em Coimbra ou as ondas na pensão do Algarve a alisarem a areia no modo que as mãos dos velhos nos parques vão alisando os joelhos e em qualquer ponto de Tavira.

309

homem, as duas filhas, o genro, o seu pai assim, no verão, ao deixarem-no na latada depois de ter cegado, apontando lá em baixo

(- Não sentes?)

o esqueleto da mula que ia surgindo da terra e a doente a escutar o Beato, quer dizer não as casas

(tão poucas casas meu Deus, hoje prédios no sítio onde hortas, quintinhas, restos de pombais desertos)

não a igreja, o Tejo, um desconhecido no extremo do pontão recusando um miúdo com o desprezo da manga

Trambolho

o fotógrafo que assomou de uma cave a hesitar

Pimpolho?

a compreender que você não a esposa à medida que o homem teimava que a doente numa espécie de trono diante de um telão com um castelo e uma menina de laçarote a remar num barquinho, a acender ele mesmo os focos de um compartimentozito em que mais telões pelos cantos

(uma bicicleta, uma caçada em África, uma cena de circo)

e cortinas, frascos de revelador, poeira, sobretudo poeira, o Tejo contra a muralha e poeira, provavelmente andorinhas do mar, gaivotas de que você não me fala e poeira, nunca se refere a pássaros

(nota ao Serviço de Psicologia Clínica: como interpretar o desinteresse por pássaros?)

os restos do que se presumia um petroleiro e poeira

(uma chaminé, um depósito)

sobrando entre panos que boiavam, detritos, o homem de braços antes de o estenderem na cama com o desenho do seu nome

(- Afinal tenho nome)

na boca, cada sílaba do seu nome e os dentes mordendo-as, os do seu avô também ao apontar o esqueleto da mula no termo da quinta

Não sentes?

310

uma orelha à outra juntamente com a roupa a secar entre a arrecadação e o poste, o seu nome e você agradada com o nome

- Todos sabem quem sou

o homem a habituar-se à morte sem um resmungo sequer, a esquecer

(é uma questão de tempo)

o caminho da volta, não procurando uma chave de parafusos, uma lâmpada que substituísse a lâmpada fundida, limitando-se a calcular a própria ausência, você intimidada no Beato com os telões, os focos, a suspeita que o rio, em mudando a maré, os afogaria a ambos, o que teria acontecido à bailarina que girava, girava, na hospedaria da Graça o galho da trepadeira imóvel, tudo imóvel, nem uma respiração para amostra, o rapaz que chorava calado, a dona da hospedaria com receio da polícia

- Estamos feitos

o senhor Querubim emergiu das lentes para corrigir a pose, rodou as lentes de novo

- Um instantinho madame

(você não a esposa dele, a amante e o senhor Querubim escandalizado)

o homem ao lado do senhor Querubim

- Pareces a minha mãe

e o escândalo do senhor Querubim a crescer

- As pessoas não se comparam pimplho

preocupado que a mãe do homem aborrecida com eles, a máquina um estalinho e o mundo, liberto do senhor Querubim, principiou a andar, nunca trouxeram a fotografia do Beato

(se calhar permanece, a desditosa, lá na tina dos ácidos)

na qual você sem criança ao colo de mãos apertadas esperando, consoante nos agostos de Tavira esperava o homem que não veio nunca, vinha o empregado do seu pai mais o sacho e principiava a cavar. lanternas de garras

311 a noite colocava-as no horizonte sem que se desse fé e a claridade que antecede a manhã estendia o braço e retirava-as, se pudesse contar ao homem as vezes que o empregado do seu pai consigo consoante eu com a minha primeira mulher, não com as outras e aos fins-de-semana o buraco no soalho, doze andares e adeus, evito o bairro, acho que consigo não localizar onde fica, um quarteirão recente com boutiques, esplanadas, vizinhos que nem sonho quem sejam passeando cães e eu

(já se sabe)

décimo primeiro, décimo, nono, ninguém que me puxe para cima, me ajude, a Beatriz, empoleirada numa cadeira para atingir a mesa, entretida com a cópia da escola, o pai que se me habituou às passagens nem um soslaio compassivo, a criada na adega a recusar-me auxílio

- Rasgaste-me o avental aleijaste-me

o meu pai a adiar o pâncreas num impulso de recusa cada vez menos forte, a doente para mim

- Depois dele morrer ainda fui ao Beato procurar o fotógrafo

mas deixara de existir a cave, ruas diferentes, garagens, não mencionou os pássaros

(no que se refere ao problema dos pássaros o Serviço de Psicologia Clínica propõe testes de personalidade e avaliação global)

mencionou que desapareceram o pontão, os fragmentos de petroleiro, o desconhecido a fumar e enquanto a doente falava

(contacto menos reticente)

eu, apesar de aperfeiçoar a casa no bloco, caindo, caindo, sozinho na pensãozita em Tavira, na praia dois toldos adiante, no comboio de Sintra a espreitar as acácias, eu às quartas-feiras na hospedaria da Graça

(uma cama, um cabide)

sem olhar a cidade, a enfermeira magoada comigo

- Encontramo-nos numa hospedaria como se eu fosse uma qualquer é isso?

mim, por exemplo um telefone que não acerta com o descanso, uma perna cruzada, uma vizinha tranquila

Deixei de gostar de ti é só isso

a trepadeira nos vidros sem que eu repare na trepadeira como não reparo num freguês descalço que abre uma porta de repente a subir os suspensórios e alguém nu

(um rapaz?)

a espreitar-lhe do ombro, não bem homens, homens vestidos de mulher com cabeleira postiça, a enfermeira a diminuir no colchão

Desagrada-te a minha casa confessa

e os bambus a cercarem-me

(uma lágrima nas pestanas do pierrot)

um barzinho de espelhos onde o quadro dos cavalos, multiplicado por cinco, sacode as crinas, galopa, o retrato do pai, o retrato da mãe Tratam-te como deve ser filhinha?

um primo que morreu em África Aos vinte e três anos

num acidente de caça e cujo relógio guardaste, ao mostrares-me o relógio

O relógio do meu primo coitado

o primo não na moldura, connosco, vá lá que não hostil, compreensivo, a minha dúvida

Um primo?

a comparar malares, o formato da testa, mas a fotografia pouco nítida, as feições diluídas, o primo devolvido à prateleira, um sorriso ao relógio e o relógio num armariozito chinês nacional em que bibelots, álbuns, um embrulho com uma fita

é a tua prenda de anos não olhes

e como o embrulho comprido uma lapiseira ou uma caneta acho eu, qualquer coisa que possa usar (Pensaste nisso não foi?

313

tinha, uma camisola não, um cinto não, não gravar o nome na lapiseira, não juntar bilhetes com flechas e ursinhos

(o urso-macho de gravata, o urso-fêmea com baton)

a enfermeira a espanejar decepções Meu ursinho

e o Meu ursinho

não alegre, não esperançoso, uma farsa que se destinava à fotografia dos pais, ao primo cuja espingarda

Fez-lhe um buraco de um palmo ao explodir

se desentendeu com ele e o primo, embora pouco nítido, a confirmar na estante

Desentendeu-se comigo

um turbilhão de folhas ergueu-se da terra e devorou-lhe a barriga à medida que eu, inteiro, vou descendo, descendo

(nono, oitavo, sétimo)

se a surda-muda ao menos e a surda-muda a refugiar-se entre assopros num ângulo do celeiro, a prima para mim

Quiseste fazer-nos mal tu

de maneira que sexto, quinto, quarto, no quarto o ginecologista casado com uma bailarina, os movimentos dela no elevador sempre longos, de metros, metros para pegar no saco, achar as chaves na mala, arranjar o cabelo e o queixo altivo, à procura, a distância entre as caixas do correio e a porta, que julgávamos curta, infinita, dedos que desapareciam numa espécie de voo sobre as nossas cabeças, alcançavam o tecto, regressavam à mão, eu pasmado, sem coragem de pedir

Outra vez

e o ginecologista de olhinho duro em mim, uma filha de tranças espetadas carregando nos botões todos, determinada, feroz, com o olhinho duro do pai, o elevador a desconjuntar-se, a parar e ela um pulo a pés juntos para fora e um pulo para dentro estremecendo o prédio, a gente a fingir que achava piada e por dentro da piada uma garra que ignorávamos ter a sair Ha manca, terrível nela priferiam.

314

Não é minha afianço-lhe que não é minha

e a garra a fechar-se no pescoço da filha e a sufocar as tranças, duas órbitas juntavam-se até que uma só órbita aguada, os braços patas de frango que pendiam e acabaram-se os botões e o prédio a oscilar, chegando ao quarto piso a bailarina desenrolava um braço de vinte jardas, espiralava sobre si mesma

(a cara ora perfil ora frente, ora perfil ora frente, ora perfil ora frente)

e transportava o cadáver mais o saco das compras, o homem sobre a cama a habituar-se à morte sem repetir o nome da doente, dando ideia que a vê-la por um ângulo de pálpebras, o mesmo com que examinava as acácias em Sintra ou aperfeiçoava a risca antes de se ir embora, a enfermeira um pulôver há alguns Natais, por sinal menos feio que eu temia, antecipando-se ao meu embaraço

- É para usares aqui

enquanto eu pensava no relógio do primo paralisado nas seis horas da tarde, em chegando a minha altura os ponteiros nem uma atenção hão-de ter, para mais estes relógios modernos que não se detêm nunca, na época dos meus pais havia um na sala a que era preciso dar corda com uma chave de despenseiro que se enganchava num anzol nas traseiras da caixa, um mecanismo de coração precário atrasando-se constantemente um ou dois passos em relação à vida, tudo se antecipava a ele, almoços, galos, crepúsculos, a minha fome anunciando

- Meio-dia

e o relógio num trotezito de gordo, com o pêndulo a oscilar nádegas culpadas

- Meio-dia menos dez não consigo perdoa

o meu pai aperfeiçoou parafusos com uma turquês, comparou com o pulso, aperfeiçoou mais, desistiu

- Ele bem queria e não pode o infeliz

de forma que aqui estamos nós minha senhora que seca, eu numa cadeira de braços deste lado da secretária, você numa cadeira sem braços.

315

(que monótono o eu preocupado, a tristeza, a insónia) dirigindo-se ao eu indiferente que mal o escuta, finge escutá-lo, não o escuta de facto, acena a cabeça a pensar noutra coisa

- Não me dizes adeus Beatriz?

arruma papéis, torna a arrumá-los, muda um bloco de receitas

(o da casa e da espiral de fumo)

verifica uma falha da parede na desilusão de um cabelo branco inesperado

(até os hospitais envelhecem, as casuarinas da entrada grisalhas)

a chicotada de um pombo na parede que o assusta, lhe recorda outros medos, outras chicotadas não de asas nem de penas, mais fundas

(tão fundas)

que gostava de contar, não é capaz de contar e o eu indiferente a seguir-nos à medida que caminhamos, você e eu porque eu consigo, a cair e todavia consigo, em Sintra, em Tavira, na Graça

(em Tavira não, em Tavira encontrávamo-nos na praia quando chegávamos ao toldo e a minha filha mais velha a tentar roubar-me a máquina

- Não me apanha)

tu dois toldos adiante com o teu naperon de crochet que não terminava nunca, a agulha prosseguia e o naperon igual

(como é possível que o naperon igual?)

sem me veres

(sei agora que sem me veres realmente, era o empregado do teu pai quem vias a afastar-se de ti, a afastar-te

- Menina

com receio da tua família, da esposa dele, do cão que ladrava sem se aproximar e todavia mais perto)

nós na hospedaria da Graça não juntos, separados

(da mesma forma que em Sintra não juntos, separados para o caso

316

- Por que motivo não havemos de ir um com o outro para casa

não tens orgulho em mim?

eu à tua espera no quarto, a cama, as estampas, o cabide, a pensar (não bem pensar mas é difícil dizer de outro modo) que a minha obrigação era voltar ao sanatório, procurar-te, casar

contigo em lugar desta trepadeira na janela, da minha filha mais nova que não me responde,
da minha filha mais velha a embalar o criança, nós dois no Beato compreendes e talvez um
comboio de França, o meu pai a acender um cigarro no pontãoTrambolho

e apesar doTrambolho

eu bem disposto, a enfermeira a forçar-me a olhá-la

Estás doente?

eu não nos arredores de Lisboa entre bambus (e o pierrot a entender-me acho eu

não é uma questão de achar, percebia-se na cara que a entender-me

- Obrigado pierrot)

eu não nos arredores de Lisboa nem deste lado da secretária no gabinete do hospital a
acrescentar um limoeiro à casinha do bloco, eu na hospedaria da Graça onde num quarto
próximo um rapaz chorava, onde um freguês no corredor, onde uma criatura maior que eu, de
cabeleira postiça, passa por mim com uma carteira de verniz

- Velhote

onde tu agora ao meu lado, sem medalhão, sem luto, doente de 82 anos, sexo 9, idade
aparente coincidindo com a real, lúcida, orientada no tempo e no espaço, personalidade
reticente, contacto reservado, eu sem responder à enfermeira

- Estás doente?

dado que inútil responder, não estou doente, não saí daqui pois prefiro ficar.

A mala,

317

eu sem responder à enfermeira visto que o coração, os diabetes, uma artéria do cérebro, o
médico para a minha mulher

As artérias do cérebro

me impediam de falar, isto é

(embora não esteja bem certo)

julgo que disse o teu nome

(nunca dizia o teu nome)

e com o nome a madrinha, uma tia, o passeio a Lamego derivado a uma promessa, tu enjoada
na camioneta, com medo de morrer, a rezar enquanto não sei o quê dentro de ti fervia, torcia-
se, aldeias tortas no caminho, campanários tortos, carroças tortas, bicicletas tortas junto a uma
farmácia tortíssima, não só a paisagem torta, as cores mal pintadas ultrapassando os objectos,
não o medo de morrer, a certeza de morrer, a cara da tua tia

- Não desmaies

à medida que escorregavas não no banco, no interior de ti mesma, eu de novo o teu nome, a
enfermeira que não lograva ouvir

- Não me chamo assim

afianço que tentei ouvir e não lograva ouvir conforme tentei ouvir a empregada da consulta

- Senhor doutor

localizar a sua voz entre tantas vozes na hospedaria da Graça, os clientes, o gordo, uma criatura de roupão, a empregada da consulta Tem seis pessoas à espera

a abeirar-se de mim Há azar senhor doutor?

quase a sacudir-me o ombro, a tocar-me nas costas e eu de braços no soalho a ser capaz do teu nome, talvez que nenhum som e no entanto o teu nome, provavelmente não completei o teu nome

(- Completei o teu nome?)

o teu nome ou o nome da minha filha mais nova, a que receava os palhaços, a aonde me amarrava.

318

Senhor

endireitando o medalhão no vestido de luto a conversar com o médico de tristezas, insónias (a doente refere que tristezas, insónias)

e não importava que eu tivesse falecido, chamassem o meu genro

(a minha filha mais nova

- O palerma do meu cunhado)

para que a minha família julgasse que morri com os colegas do emprego

(- Estão fartas de saber como ele é exagerou no vinho não respeitou a dieta)

não importava que eu no Jardim Constantino ou na capela entre flores

(balsaminas?)

não importava porque a gente em Sintra

(a enfermeira

Ema a dares-lhe com Sintra)

a gente em Sintra na primavera onde as copas

(dúzias de copas deitando sobre um muro)

nos protegiam, nos escondiam dos outros, nós quase de mão dada

(de mão dada, pela primeira vez de mão dada)

nós de mão dada nas tintas para o que pudessem dizer, dois velhos de mão dada como nos casamentos verdadeiros caminhando azinhaga acima num turbilhão de acácias.

QUARTA CONSULTA

De manhã encontrei o meu marido sentado à mesa da cozinha diante da torrada intacta, não vestido, descalço, de pijama, com uma nódoa de barba mais grisalha que eu supunha amarrotando as bochechas e os olhos, grisalhos também, na janela, não observando nada, apenas pegados ao vidro despedaçando o prédio em frente numa espécie de raiva, perguntei-lhe se estava com gripe

- Estás com gripe?

e respondeu-me com o dedo que não enquanto ia arrancando aos vizinhos, num ódio minucioso, algerozes, varandas, perguntei-lhe se ia fazer a consulta do hospital e ele calado, mais um algeroz, uma varanda, no óculo da máquina de lavar camisas suas às voltas, percebia-se que palpava um dente porque a cara toda do lado esquerdo concentrada no queixo, percebia-se que continuava a examiná-lo uma vez que as sobrancelhas

(uma direita e a outra oblíqua)

apontadas às gengivas à medida que desenhava, na página de caderno em que eu escrevia as instruções à empregada, uma casa com circulozitos de fumo a saírem da chaminé e uma mulher abraçada a

320

barquinhos, duas barracas de praia com listras, na primeira barraca aranhaços de criaturas disputando um aparelho fotográfico, na segunda barraca um único aranhaço numa cadeira de lona com um naperon de crochet num saquito, o meu marido interrompeu-se para levar as sobrancelhas ao dente, de olhos a regressarem ao lugar distraídos do prédio enquanto ia engolindo a lagartixa do mindinho que se remexia a desfolhar molares, quis avisá-lo

- Vais ficar sem mindinho e depois?

mas as camisas estacaram no óculo da máquina, soprando espuma, a falarem por ele, engraçado como este apartamento conversa, a cantoneira que pertenceu ao meu avô, por exemplo, a enternecer-se comigo

- Minha cadela negra

a julgar que continuamos nos Açores observando as ondas a seguir aos antúrios, tinha a Virgem do Perpétuo Socorro à cabeceira numa esquadria de pano

- Minha cadela negra

o meu avô sem me afagar, me beijar (não aflagava nem beijava ninguém)

chorou quando me vim embora, nunca sonho com ele, sonho com os antúrios, os antúrios

- Repara nas ondas a seguir a nós

isto nas alturas em que menos me convém, eu longe de Vila Franca do Campo, da ilha, esquecida das gaiolas dos pássaros, dos morangueiros pasmados, das gardénias e vai na volta os sinos que nos mandam rezar, eu em Lisboa na rua, no emprego e pumba, o arquipélago, já me sucedeu inclusive na cama com o meu marido e então seco-me de propósito enchendo a garganta de calhaus e areia, tomo-me cardos, rodeio-me à pressa de uma coroa de escarpas

- Não julguem que me comovo diante de ninguém

e embora eu avise um perfumezinho de charuto, depois do perfumezinho de charuto

- Minha cadela negra

a susseder-se, de pescoço

321

Não sentes o cheiro?

a mão para cá e para lá, sem dar com o interruptor, na ideia de acender a luz para vê-lo, perguntar ao cheiro o que quer, eu com medo que me peça explicações dos antúrios

- Onde arranjaste essas flores?

e felizmente antúrios nenhuns nem charuto nem ondas, Carcave-los, a minha cadela negra não com dez, com trinta e cinco anos e ancas que vão desistindo de modo que por este andar daqui a uns tempos não uma cadela, uma coisa, o meu irmão padre no Canadá a fechar o sacrário sumindo a chave na batina, a minha irmã Goretti no Luxemburgo onde chove o ano inteiro sem alciões nem milhafres, deve restar uma cinzazita de tabaco na ilha deserta incapaz de

- Minha cadela negra

a desfazer-se na terra, eu apesar dos meus pais tão sozinha aqui, não é bem o meu avô que me falta, nem sequer me despedi dele

(para quê se tinha um retrato meu pegado à Virgem do Perpétuo Socorro?)

são assuntos que eu cá sei e vou guardando às escondidas, a lagoa é claro, posso mencionar a lagoa, o resto não que me transformo em cardo, ao meu marido foi a primeira esposa, acho eu, que lhe secou a alma, acompanhei à consulta a minha mãe que pingava suspiros no fogão, arrastava nos tapetes tristezas, insónias e o médico do outro lado da secretária, numa cadeira de braços maior que as nossas sem braços, a escapar-se para os caixilhos do gabinete onde uma ambulância ou um internado que descascava laranjas, a certa altura escapou-se na minha direcção de olhos pegados a mim e eu nua, por sorte a minha mãe ocupada a retirar o lenço da carteira a fim de enxugar tristezas que se alojavam em narinas sucessivas

(contei cinco)

após a última narina o médico trocou-me pela minha mãe de forma que apanhei a roupa da secretária

(sem contar uma palavra deslizou para o chão)

322

os olhos dele a insistirem mas segurei a blusa a mãos ambas, a impressão que desta feita a minha mãe entendeu, exibiu o meu retrato em criança entre o bilhete de identidade e o cartão do metro, as narinas diminuíram

(só duas)

e o lenço por ali perdido sem consolar ninguém, a mão do médico na minha garganta a pretexto da medalhinha da Virgem do Perpétuo Socorro que se aproximou para ver, a outra mão na minha mão

(por sinal morta no joelho)

ao virar a medalha ao contrário

- E deste lado?

deste lado a pombinha do Espírito Santo e a marca dos meus dentes, o meu avô a oferecer-me a medalha

- Minha cadela negra

a cadela negra submissa dado que o polegar na minha palma para diante e para trás, o médico, sem secretária, um homenzinho qualquer, eu a tranquilizar o meu avô por se me afigurar que

o charuto indignado comigo, os antúrios indignados, uma onda no ilhéu indignada igualmente

- É um homenzinho qualquer

no retrato que a minha mãe exibiu a medalhinha enorme, reparando melhor quase se nota o mar, a minha irmã Goretti cuja fotografia a minha mãe trazia debaixo da minha por vergonha dos óculos com uma lente tapada, as pessoas curiosas da lente e a minha mãe a agonizar de embaraço

- O estrabismo

a minha irmã Goretti zangada com a Virgem derivado ao defeito, perdeu a medalha dela no Luxemburgo, na fotografia uma ramada de ginjas bicadas pelos pássaros e durante o jantar (o primeiro jantar)

o médico brusco também a bicar-me a orelha, aleijou-me no brinco;em em família. revistas de insónias e

323

anos de óculos com a lente coberta não corrigiram estrabismo nenhum, o meu avô para mim Minha cadela negra

e para ela Cegueta

(lembraste-te do avô e deitaste a medalha fora Goretti, não a perdeste pois não?)

a noite inteira no apartamento do médico a pensar no estrabismo, a pensar no iogurte, o meu avô a designar-me as ondas

- O Canadá por ali

um sítio de que chegavam primos no Natal com nomes absurdos a falarem inglês, bonecas de toilettes mais caras que a minha gaguejando soluços estrangeiros e das quais por não as perceber não podia ser mãe, não lhes pegava ao colo no receio que ordenassem

Deslarga-me

o médico adormeceu primeiro e eu a massajar a orelha, acabei por me levantar, vir à sala, comer o resto do iogurte a assistir aos faróis na auto-estrada segura que a Virgem do Perpétuo Socorro, com uma auréola de estrelinhas, a decepcionar-se comigo, o meu irmão padre afastou as revistas para se instalar no cadeirão

Pecado

o apartamento assim no escuro ruínas, há dois anos nos Açores quis mostrar a casa ao meu marido e ruínas, o quintal ruínas, um mar velho, sem graça, julguei que uma das bonecas canadianas às gargalhadas na erva e afinal o vento num cano, quase o som dos faróis na auto-estrada isto é um assobiozinho e adeus, a cadela negra trotando daqui para ali à procura na ilha, o meu avô guardava os charutos no arroz, nas bolachas, na copa do médico apenas um terço de um pacote de café, fechado com uma mola de roupa, um dos primos tentou encontrar-me no interior da sala e fugi, o médico apertou-me os braços e nódoas brancas de dedos

- quantos homens antes de mim, conta lá?

324

(nunca mais me lembrei?)

passou por mim sem me ver e sem que o médico o visse, eu a mentir

Nenhum

o Urbano a fingir que não me conhecia e por conseguinte nenhum, a minha irmã Goretti tirava os óculos e sem óculos uma intrusa, veio de onde, como se chama, porque é que mora connosco

- Quem és tu?

colocava os óculos, o olho desviado sumia-se na pala e a minha irmã de novo, só se relacionava com a metade direita do mundo pelos vistos aquela em que o Urbano existia dado que os achei uma tarde onde os alciões punham ovos e de início não era a Goretti, era a intrusa sem óculos, que asneira tê-los posto, se os não tivesses posto não me zangava contigo, a minha mãe a enrugar-se

- Não se falam vocês?

o Urbano a explicar aos meus pais que um emprego no Luxemburgo e eu na despesa a escutá-los, abri a torneira com força e as bocas nem pio

(- Não são noivos que a torneira não deixa)

apesar da torneira a igreja, a palma do meu avô na minha nuca

- És a minha cadela negra não liguês

e por não ligar estive o casamento inteiro calada, não sei se com o Urbano a minha irmã ou a intrusa porque os óculos somente para cortar o bolo, até a voz mudava ao despir-se das lentes, gestos que gastavam tempo a aceitar com as coisas e ao acertar demorando a aprender-lhes o uso, por não poder garantir se era a minha irmã que ia morar no Luxemburgo não fui ao avião despedir-me, o Urbano a entrar no táxi

- Somos cunhados não é?

o charuto do meu avô aumentou de súbito, arrependeu-se, encolheu, reparei que a ponta toda mordida, os lábios amarelos, restos de

325

e à falta de charuto permaneci nos antúrios até contar trinta ondas, quebrei os ovos dos alciões com uma pedra, um pescador numa arriba, sessenta e sete ondas

não, setenta e a ideia que o pescador me via, a furgoneta abandonada com uma espécie de algodão a sair dos estofos no lugar em que o Urbano e eu, ofereceu-me a carrapeta da alavanca das mudanças e eu comovida com a prenda

- Obrigada

tinha-a na gaveta juntamente com fitas de cabelo, búzios, postais, nos búzios um halitozinho salgado, às cento e cinquenta ou às duzentas ondas vertiginosas gaveta inteira no caixote dos sobejos, a carrapeta de esquema das velocidades gravado tombou primeiro no fundo

Adeus Urbano

se não tivessem roubado os pneus à furgoneta cortava-os com um prego e à falta de pneus risquei-lhe mais a pintura, ainda hoje se topo uma furgoneta arrependo-me de não trazer pregos na mala, a minha irmã Goretti dois filhos, eu nada

(Quantos homens antes de mim conta lá?)

isto na manhã de sábado no apartamento do médico, não faróis na auto-estrada, carros autênticos

(nenhuma furgoneta)

a caminho da praia, ao erguer os estores uma desarrumação maior, a embalagem de iogurte devido ao sol espevitá-la

Bom dia

as pernas do médico que não imaginava tão magras, gestos iguais aos da minha irmã sem óculos experimentando, tacteando, embaciados de sono, pés sem forma de pés que aprendiam a andar e então dedos, unhas, canelas, ele a transformar-se em pessoa, pensei

Oxalá o roupão não se abra

no interior do roupão o que não me apetecia encontrar, a furgoneta sem pneus no meio dos carros, ela que nunca se moveu nos Açores,

Com O Urbano ao volante o raminho Ao rosto,

326

(o único de Vila Franca)

do vizinho que morou na América e punha a bandeira deles à entrada da casa levantava o focinho da aveia observando-me, eu a desculpar-me logo

- Não fiz nada

(não tive coragem de quebrar os óculos da minha irmã Goretti porque a Virgem do Perpétuo Socorro

Atenção ao inferno)

o médico sem uma palavra de olá em busca de comida nos armários no meio de chávenas, copos, um tubo com um desenho de um insecto no rótulo

(manter fora do alcance das crianças)

em que se apertava a tampa, saía um fuminho e os mosquitos grelhados, eu quase com pena dele

Servimo-nos de um bocado de fuminho senhor doutor?

o esquentador que detestava acender-se, um estalo, uma faísca e nada, o médico a desesperar-se que se percebia no engordar da nuca, um estalo, uma faísca, uma língua verde a ponderar

- Fico não fico

a resolver ficar e a nuca emagreceu, metade dos buracos do chuveiro entupidos, água oblíqua, avarenta, ora escaldando-me ora demasiado fria, o sabonete

(da cor do esmalte o bandido)

escorregou-me num pulo para o outro extremo da banheira, obriguei-o a subir com o tornozelo, peguei-lhe e escorregou de novo, secar-me com a toalha minúscula

(- Não tem por acaso uma toalha senhor doutor?)

mais molhada que eu, comigo nestes preparos a porta aberta de golpe, o médico

(o roupão vai abrir-se, abriu-se, não repares cadela negra, não olhes

327

- Quantos homens antes de mim conta lá?

o Urbano a fingir que não me conhecia, a carrapeta da alavanca há séculos no lixo, desde que mudámos para Lisboa quase não voltei aos Açores

(se calhar o cavalo coxo a manquejar nas arribas)

e por conseguinte eu para ele e para a minha irmã GorettiNenhum

e sob oNenhum

eu com a toalha pendurada dos rins que me não tapava sequer

- Feche o roupão senhor doutor

essas abas que lhe dançaricam em torno, de bolso descosido, se repetirNenhum

e repetiNenhum

talvez se feche sozinho, o meu avô ofendido

- Eu em Lisboa estão doidos?

de modo que ele antúrios agora, uma recordação de charuto que me acompanha um momento, quase uma palma na minha nuca, tento prendê-la e esvai-se, um apartamento maior em Carcavelos isto é ondas mas não alciões, não ovos, cuidei que o ilhéu e graças a Deus não ilhéu, um farol, que alívio, um castelito com uma luzinha encarnada a tilintar à noite, o meu marido para o gerente da imobiliária ao mesmo tempo que os nossos passos enormes nos compartimentos vazios que os móveis encolheram e acabaram os ecos

-Não quero um andar muito alto

e logo queNão quero um andar muito alto

o meu marido para mimNão insistas em tratar-me por senhor doutor que mania

à medida que perguntava ao gerente

328

se no prédio uma rapariga que via pessoas caírem do tecto, rentinho ao lustre, e se chamava Beatriz

- Décimo segundo décimo primeiro décimo

um orifício nas tábuas até ao centro do mundo, estive o meu casamento inteiro na esperança que o meu avô

- Es a minha cadela negra não liguês

e quando muito um arrepio de goivos na igreja em lugar dos antúrios, um milhafre

(ou um serafim?)

vogando no retábulo de um altar lateral embrulhado num roupão como deve ser que não se abria nunca, não sei se foi o médico ou o Urbano a colocar-me a aliança, as mãos do Urbano desabotoando-me num instante

(oitocentas e quarenta e nove ondas)

sem repuxarem o brinco, verifiquei melhor e o médico no lugar do Urbano

(- Quantos homens antes de mim?

- Nenhum

a Virgem do Perpétuo Socorro há-de perdoar julgo eu) empurrando-me o anel pelo dedo, o pavor que o roupão a imitar um fato se deslaçasse e não deslaçou felizmente, não viajámos numa furgoneta sem vidros a partir de uma escharpa e mil e cinco ondas, um ventinho de chuva a desorientar as grazinas, eu não no banco de trás a compor-me, ao lado do senhor doutor com os antúrios

(com os goivos no colo chamando-lhe antúrios em segredo)

- Antúrios

no apartamento de Carcavelos o farol dava ares do ilhéu, lá estavam as vacas de São Miguel mugindo na humidade, o meu irmão padre a abraçar-me na sacristia, a cumprimentar o senhor doutor, muito sério

- Felicidades

nunca sorriu a nenhum de nós, ia inundando a casa de gaiolas de

329

- Não será luxúria filho?

lá estava o caminho para casa sempre oculto nas ervas, o meu pai de colete a examinar sementes, eu para o meu marido

- Não fiz de propósito saiu-me senhor doutor perdoa

o gerente da imobiliária a contemplar o tecto sem buracos à medida que rubricava papéis

- Este primeiro andar serve?

e para mim servia porque não se dava pelo ilhéu, pelas ondas, quando o senhor doutor

quando o meu marido no consultório os meus pais de visita, não terminavam de esfregar as solas no capacho, cerimoniais, a medo

- Não queremos incomodar não te incomodes não incomodamos
pois não?

contemplavam com fervor um boneco de bata e estetoscópio que se empurrava com o dedo e baloiçava a barriga num vaivém importante, um comboio à distância ou uma corrente de ar estimulavam-lhe as opiniões

- Engula inteiro não mastigue com meio púcaro de leite morno a
seguir ao jantar

os meus pais dava ideia que percebiam o

- Meio púcaro de leite morno a seguir ao jantar

porque graves, de acordo, o Urbano doente no Luxemburgo, uma coisa no fígado, biópsias,

dietas, na carta da minha irmã Goretti uma gota no nome, outra gota na segunda página visto que a frase manchada

- Estavas com sede ao escreveres?

se não tomamos cuidado acontece, um pingo por descuido a apagar as notícias de modo que não decifrei a palavra grave nem a parte em que dizia não garantem nada antes da operação, esses dois bocados impossíveis de ler, tentei uma porção de vezes, cuidei que

leve

330

(quem pensaria que

grave

não é?)

a desistir como qualquer um desistia, a linha da operação

(não garantem nada antes da operação)

proibida também, claro que rasguei a carta por via dos pingos, respondi

cumprimentos ao Urbano

acrescentei

continuação de boa saúde é o que vos desejo

sem me passar pela cabeça evidentemente que lágrimas, não descobri motivo para lágrimas, os dois com emprego, os dois bem, se o senhor doutor

se o meu marido e eu de férias no Luxemburgo

(não vamos ao Luxemburgo, não me apanham no Luxemburgo por nada desta vida, que raio de tretas existem no Luxemburgo que possam interessar-me?)

não se esqueçam de nos visitar no hotel que depois mando-lhes a morada, saudades, abraços, a partir da carta mal a pergunta

- Quantos homens antes de mim?

declaro de consciência tranquila sem indignar a Virgem do Perpétuo Socorro

- Nenhum

se o meu avô desiludido comigo

- Minha cadela negra

nem oiço, você morreu avô, não é nada, a cinza do seu charuto ao Deus dará nos Açores sem ninguém se ralar, não me mace, passeie até à praia sozinho se lhe der na gana

(onda número três mil quatrocentos e noventa e três) divirta-se com os alciões, quem quer saber de si, tire-me a pata do ombro, tome o partido da Goretti, que diferença me faz, ainda outro

Ai a minha vida.

331

isto na casa deles, um par de assoalhadas na Rua da Palmeira onde os vizinhos só pretos e a dona Cidália a zunir com as artrites, na minha não se atrevem por temor do boneco para a frente e para trás ordenando

- Engula inteiro não mastigue com meio púcaro de leite morno a seguir ao jantar

a minha mãe que apanha os sentimentos na atmosfera, ela sim a cadela, não eu

- Tens alguma coisa contra o meu pai tu?

não tenho nada, faleceu, por mim junte os defuntos todos senhora, os seus pais, os seus cunhados, a tropa fandanga que você colecciona

(lembro-me de um que tocava na filarmónica, Agnelo ou Angelo, casado com uma ruiva toda a arder de sinais)

regale-se com eles, impinja-os às visitas

- Este é o Agnelo casado com a Laurinda toda a arder de sinais empanzine-se de recordações, não os quero, o meu pai incomodado

- Filha

eu que não suportava a ideia do Urbano doente e eles mesureiros com o meu marido, cheios de bicos de pés, de nove horas (Não quero o seu pai mãe não os quero a vocês) gratos pelo meu casamento, a tralha que visto, o dinheiro, não sonhando, os pobres, que se o roupão se deslça um pássaro a bicar e eu de cara na parede a pensar nos antúrios, deixem-me os antúrios a mim que não preciso de mais, experimentei-os num vaso mas reguei-os sem lágrimas ou dão-se mal com o clima, saudosos das escarpas, começava por arrancar folhas, esta folha, essa folha, à força de arrancar folhas depenava tudo, destruía caules, raízes, vontade de os enrolar num trapo, entregá-los na Rua da Palmeira, tomem, fiquem também com os antúrios que eu vou-me consolando a mirar o farol, à noite iluminavam

a raia e em fim.

332

furgonetazinha sem motor com o recheio dos estofos à vela, dava-me jeito o Urbano mesmo com o fígado em iscas, não me perguntou quantos homens, não me perguntava nada, à terceira vez a porta da furgoneta aberta, uma chuvinha branda, eu sozinha, se escrevesse nesse dia a alguém, por falta de cuidado, pingava água na carta

(a gente quando está com sede distrai-se)

ainda a semana passada o meu marido com medo dos buracos no soalho

E nos Açores conta lá?

e nos Açores eu à espera, o meu avô (Tome o seu pai mãe leve este empecilho daqui) foi a única criatura que veio, não dei por ele ao longe, apanhei-lhe a cabeça, com dó de mim, na porta aberta, a chuva presa nas sobancelhas antes de tombar no nariz

(Escreveu uma carta como a gente avô?)

o charuto que rodava nos dentes, eu minúscula contra o volante com gotas de água na blusa e ele apesar de eu minúscula a segurar-me o braço, não aleijando-me, manso

Anda comigo até ao mar cadela negra não vale a pena ficares

o mar da cor do fumo do charuto, das gotas de água na blusa, não sei como dizer-te mana mas

o caminho, embora não inclinado, tão difícil de andar, o meu avô

(Pegue lá o seu pai mãe)

a ajudar-me, percebia-lhe a atenção, o cuidado e irritavam-me a atenção, o cuidado, os olhos dele gotas igualmente mas presumo que tabaco, nunca mostrou ternura comigo, me agarrou, deu um beijo, se eu falava distraía-se, no meio da distração Cadela negra pateta

e se calhar Cadela negra pateta

o beijo que ele imaginava dar-me, pegue lá o seu pai mãe, misturem-nos,

333

desampare-me dele, quantos milhares de ondas, dezenas de milhares de ondas, centenas, e não chegam para me proteger dos alciões à minha roda aos gritos, a Goretti e o Urbano tiveram dois filhos parece-me

(não parece-me, sei, a Virgem do Perpétuo Socorro que não brincava em serviço, implacável

- A mentira é pecado mortal)

dois filhos, começaram o primeiro na furgoneta que me pertencia (dois filhos, eu nenhum, o mais velho de óculos com uma pala igualmente, a única órbita, aumentada pelas dioptrias, em mim, a casa em Vila Franca ruínas, os canteiros ruínas, a hortazinha ruínas, mesmo as nuvens de São Miguel não inteiras, fragmentos, pedaços, tentei juntá-las e nada)

era minha porque foi ali que o meu sangue, o meu corpo dividido a fechar-se de novo, pensei que os meus pais notassem

(eu notava, não acredito que Ponta Delgada em peso não notasse) e os meus pais não notaram, eu a querer mostrar-lhes furiosa com eles

- Estão parvos?

o meu avô notava e silêncio, o charuto a apontar-me em silêncio, no interior do meu embaraço uma espécie de orgulho (outro pecado mortal) que me enervava não verem, eu a desafiá-los

- Que saloios não verem

não verem o nadinha de sangue nos estofos que limpei com um trapo, eu com dezassete anos e mulher, atentem em mim que eu mulher, qual o motivo de o charuto em silêncio

- Não me diz nada avô?

e o charuto a apagar-se, o charuto apagado, os olhos dele apagados, os dentes não furiosos, amargos, que mordiam, mordiam, a minha irmã Goretti a surgir com a travessa, o mesmo desafio nela.

334

a mesma forma de andar de pessoa importante e os dentes, mais rápidos, continuando a morder, o meu avô para o Urbano Some-te da minha frente malvado

não um grito, um cochicho Malvado

e durante uma hora os dentes que tremiam, o bigode a respirar perdigotos

(o meu avô uma foca)

a minha mãe a encará-lo e o bigode

Não é nada

os dedos que tremiam à procura do relógio no bolso em que não havia relógio, para a minha mãe nem um pio, para mim a mão quase na minha nuca e mão alguma, um soslaio aos antúrios, um soslaio ao ilhéu, o bigode de regresso ao ilhéu

- Cadela negra pateta

dois filhos no Luxemburgo, eu nenhum, o mais velho de óculos com uma pala igualmente, a única órbita, aumentada pelas dioptrias, em mim, a casa de Vila Franca ruínas, os canteiros ruínas, a hortazita ruínas, mesmo as nuvens de São Miguel não inteiras, pedaços, tentei juntá-las e nada, o céu dismantelado

- Existe alguém por aí que me componha este céu?

metade da carripa mas sem bancos, volante, umas ervas, umas corolas peludas no lugar do motor, eu para o meu marido

- Nenhum homem antes de ti descansa

e não mentia garanto, neste momento mais de vinte e duas mil

ondas desde que comecei a contar, as ondas de São Miguel e as de

Garcavelos a seguir à varanda, na máquina de lavar as camisas à roda

em cotoveladas de adeus jogando espuma no óculo, cada camisa dúzias de mangas, o meu marido um polvo, alguns braços num vagar de

aquário aleijando-me o brinco, tudo o que em mim não era brinco

confundido com os navios no penedo do farol e quase os Açores, São

Miguel, o sítio onde com o meu avô o mar, o meu pai a chegar. onde

335

- Está menos torcido o olho não está?

e talvez não torcido, mais acima que o outro, as metades da cara que não sei quem separou ajustadas à pressa, o meu avô não

- Cadela negra

se necessitava de chamá-la

- Menina

a cadela negra era eu que trotava a farejar, me sujava de terra, sentava nos degraus sem atender aos meus pais, ajudava o meu irmão padre

(João João João João João)

a mudar as tacinhas de barro nas gaiolas, a verter a comida de um cartuchinho de sementes que não sabiam a nada tal como o casamento não sabia a nada isto é conversava com a empregada, maçava-me, à primeira corrente de ar ou guinada do estore o boneco inevitável, pomposo, a badalar a barriga

- Meio púcaro de leite morno a seguir ao jantar

demorando a calar-se, sempre que passava por ele a empregada estendia o dedinho e a bata de imediato

- Engula inteiro não mastigue

nas suas vénias enérgicas, uma mudez excessiva na mobília, nos quadros, que o assobio do elevador ao interromper-se aumentava, o telefone agachado pronto a um salto de campainha e campainha alguma, uma espessura de objecto, marcava o número das horas para me sentir acompanhada e uma mulher monótona a cortar o tempo em segundos, o meu marido desconfiado vigiando o soalho

- Quem era?

comigo a hesitar entre o senhor doutor e o tu, ele sem acreditar que era o tempo cortado em segundos, a operação no Luxemburgo os ventrículos que falharam, coágulos, máquinas a substituírem a gente, um tracinho horizontal no mostrador do aparelho e ao ler isto o que sobrava da furgoneta, que alguém empurrou da escarpa, a desfazer-se.

336

Em cima dado que a minha irmã não se preocupava com as garrafas, pingos também ao mencionar o funeral no estrangeiro e portanto se calhar não coágulos, não funeral, não Luxemburgo, percebi tudo ao contrário, enganei-me, o Urbano com ela, o charuto do meu avô que rodava nos dentes

Não vale a pena afligires-te

só não entendia por que motivo a furgoneta na praia a vogar com as marés, girou sobre si mesma, pareceu regressar e antes de afundar-se um alcião pesou nela um momento, em Vila Franca o mar não devolve afogados, em criança apanhei uns murmúrios acerca de uma parente da minha mãe e de uma boina na areia mas ao animar a conversa a Virgem do Perpétuo Socorro preveniu-os e os murmúrios cessaram, joguei a carta no balde porque um exagero, um engano, foi o olho da minha irmã Goretti sem que ela desse fé

(gosto tanto de antúrios)

que alterou as palavras

(hei-de pedir à minha mãe que me ajude com os vasos)

o comboio do Estoril quase sem ruído, o sobrinho da viúva

(dona Glória)

fumava às escondidas na arrecadação do prédio, as árvores desassossegadas como em toda a parte

(qual a razão?)

com a chegada da noite

(penso que têm medo conforme, apesar de negá-lo, tenho medo do escuro)

o meu marido

(não disse senhor doutor)

a largar as chaves na mesinha de laca sem atenção ao verniz, o desassossego das árvores na voz dele, um agitar de folhas, a mesma angústia nos ramos

Não conheces Tavira?

uma raia onde nunca

337

(vi num desdobrável de turismo, num cartaz parece-me)

o meu marido mais idoso, mais curvo, com um fato antiquado

que o meu avô usaria

(Minha cadela negra)

eu na ilusão que as marés trariam a furgoneta dos Açores a Carga

velos

(ao menos um pára-choques, o manipulo, o pedal da embraiagem) e nada salvo algas, alcatrão, uma alforreca que tomei por um antúrio, um seixozinho rosado, se eu

Urbano

um brilhazito de areia, nada salvo o meu pai a voltar do trabalho e a minha irmã Goretti na cancela, ajudava a minha mãe com os coelhos, uma pancada e pronto, um pingo

(não de água, vermelho)

nos focinhos lilases, o meu avô para uma sombra que fugia

Devia matar-te malvado

e a sombra campo fora

(se me provassem que era o Urbano não acreditava) a desaparecer no pomar, desde que o meu avô uma luzita de isqueiro ao acaso na ilha não há uma pessoa que se preocupe com a cadela negra, se interesse, a cadela, igual à cinza, de focinho rente ao chão por aí nos antúrios, buscando, sem dar com ele, um fiozito de cheiro, uma presença, uma voz quando a única voz que chegava era a do boneco de loiça

Engula inteiro não mastigue com meio púcaro de leite morno a seguir ao jantar

não o meu avô, não o Urbano, não a Virgem do Perpétuo Socorro

Pecado pecado

o pateta do médico meneando a barriga a insistir

Leite morno

não o meu irmão padre que introduzia alface nas gaiolas de regresso da areia. um milhafre a fianfarme.

338

Adeus cadela negra acabou-se

a cauda um segundo e depois da cauda zero e vai daí, na varanda, em lugar de Carcavelos e

da lanterna do farol que se repetia no mar um rectângulo de árvores, prédios antigos, o senhor doutor

(não o meu marido, o senhor doutor)

a indicar-me a varandaO Jardim Constantino

pensei que Engulia sem mastigar com meio púcaro

e não, o senhor doutor O Jardim Constantino

isto é uma tabacaria, um armazém, um mendigo aos sobejos e lá dentro uma camilha, um piano, uma terrina na sombra, o meu irmão padre, o único que me sobrava, a expulsar-me das gaiolas

Não preciso de ajuda

onde os pássaros andam de poleiro em poleiro, esses bichos de feltro a que se dá corda e um trinado sem alma

(umas palhetas que eu vi)

interrompendo-se de súbito, os pássaros espantados

(Fui eu que cantei?)

não carecem de alface nem de sementes, imóveis como eu imóvel agora enquanto o meu marido

O Jardim Constantino

telhados, sótãos, mais telhados, mais sótãos, gente desconhecida na atitude dos defuntos nos retratos antigos, o senhor doutor no outro lado da secretária numa cadeira de braços, a minha mãe e eu em cadeiras mais pequenas, sem braços, nos caixilhos um sujeito que descascava laranjas, ambulâncias, um edifíciozito

Farmácia

com um alpendre de ripas em que uma planta de que não sabia o nome ia deitando gavinhas, o meu marido da cadeira de braços, ou inteira no rio Ai. uma rama, uma colcha

339

cabides, rapazes de cabeleira postiça, alguém

(que não era eu)

a chorar, nem na tarde em que a minha irmã Goretti casou um pingo de água, uma lágrima, sou um cardo, uma pedra, uma cadela negra, não choro, dedos que me aleijavamQuantos homens antes de mim conta lá?

a Virgem do Perpétuo Socorro a exaltar-seNão mintas

e visto que o Urbano faleceu no Luxemburgo eu sem medo de ninguém, sentada na cama ao lado do senhor doutor

- Nenhum

talvez o primo estrangeiro que tentou encontrar-me no interior da saia e fugi, por lhe ter fugido nenhum, é o senhor doutor o primeiro

(Não rode o charuto avô)

a casa de Vila Franca do Campo ruínas com uma nuvem feita de propósito em cima, o quintal ruínas, o mar ruínas, julguei que uma das bonecas canadianas às gargalhadas na erva e afinal o vento num cano, o atrito das piteiras que alongavam a cerca, os sinos davam as horas e fosse o mês que fosse um novembro longo nos sinos, o Beato no limite da cidade a embuçar-se no rio, o meu marido

O pontão

ou seja um corredor de cimento paralelo à margem, um ou dois barcos, gasóleo, eu a ladrar para as ondas

(quarenta e sete mil ondas)

vilórias onde se percebiam cais de embarque, o que supunha uma fábrica, a cadela negra

(Minha cadela negra)

Não fazes a consulta hoje?

e o meu marido

(continua a sair-me senhor doutor às vezes)

na mesa da cozinha diante da torrada intacta, não vestido, de pijama, com uma nódoa de barba mais grisalha que eu pensava amarrotando.

340

(o meu avô

- Minha cadela negra minha cadelinha negra)

despedaçando o prédio em frente numa espécie de raiva, perguntei-lhe se estava com gripe

- Estás com gripe?

e respondeu-me com o dedo que não enquanto ia arrancando algerozes, varandas, umas plantas em vasos

(não antúrios, ainda bem que não antúrios, haverá antúrios em São Miguel hoje em dia?)

perguntei-lhe se ia fazer a consulta do hospital e ele mais um algeroz, umas plantas, um ângulo de empena, no óculo da máquina de lavar camisas suas as voltas, percebia-se que palpava um dente porque a cara toda do lado esquerdo concentrada no queixo, percebia-se que continuava a examinar o dente uma vez que as sobrancelhas

(uma direita e a outra oblíqua)

apontadas às gengivas à medida que desenhava, na página de caderno em que eu escrevia as instruções à empregada, uma casa com círculos de fumo e uma mulher abraçada a uma árvore, anulou a árvore e a mulher com dúzias de riscos e principiou o mar

(quantas ondas, digam-me quantas ondas que lhe perdi a conta)

ou seja duas barracas de praia, numa das barracas aranhaços de criaturas disputando um aparelho fotográfico, na segunda barraca um aranhaço com um naperon de crochet num saquito, o meu marido interrompendo-se para se concentrar no dente, de olhos a regressarem ao lugar distraídos do prédio, o meu marido para mim

- Engula inteiro não mastigue com meio púcaro de leite morno a seguir ao jantar

no instante em que as camisas se interromperam no óculo, soprando espuma, a responderem por mim, engraçado como apesar dos anos o apartamento continua a falar, a cantoneira que pertenceu ao meu avô, por exemplo, a enternecer-se comigo

- Minha cadela negra.

341

(ao meu marido)

- Anda cá

eu que nunca com o Urbano

- Anda cá

esperava na furgoneta onde o Urbano e eu, com a carrapeta da alavanca das mudanças na mão, sentia os grilos, as ervas, de quando em quando uma lebre, esses suspiros da terra, eu para o meu marido

- Nenhum homem afianço-te

para o meu marido

- Juro pela Virgem do Perpétuo Socorro que antes de ti nenhum

homem

ajudando-o a esquecer Tavira, a hospedaria da Graça, o Beato, eu uma cadela negra que lhe lambia as mãos, o seguia como as cadelas nos seguem e lhe lambia as mãos, podes magoar-me no brinco, apertar-me nos braçosAperta-me nos braços

exigir-me explicações dos antúriosOnde arranjaste estas flores tão esquisitas?

podes adormecer que não consinto que um buraco no soalho, não consinto que caias, estou contigo percebes, quase gosto de ti, podes abrir o roupão, aproximar-te, ordenar

Anda cá

e nem um corpo estendido na cama de gravata e casaco, tu a respirares, tu vivo já que uma cadela negra (posso garantir-te) não lambe as mãos a um morto.

QUINTA CONSULTA

Como acabarei de dizer isto antes de me calar para sempre, como explicar o que se passou nas consultas da doente de 82 anos, sexo 9, idade aparente coincidindo com a real agora que me é difícil falar porque tombei até ao centro do mundo, mais abaixo que os cabos eléctricos, os esgotos, os destroços romanos em que leio mensagens de que não entendo o sentido

(que pretendem dizer-me?)

quem lá em cima onde vocês existem entre décimos segundos andares com um buraco no soalho, mulheres que garantem

- Deixei de gostar de ti é só isso

meninas que nos vêm cair sem se preocupar connosco e um limoeiro ao qual nenhuma mãe se abraça, quem lá em cima, pergunto eu destas raízes que me bebem e esquecem, falará de mim a um pierrot numa prateleira de bambu ou a uma cadela negra farejando antúrios nos Açores, ambos sem me acharem na memória

- Qual médico

e qual médico de facto se o gabinete do hospital deserto, na meta,

344

para que o deixem em paz e sem ideia nenhuma, a cadela negra perseguindo cinzas e ondas, eu a pedir

- Busquem-me em Sintra

e talvez dêem por mim numa ladeira qualquer

(em maio, não era?)

a medir as flores nas acácias, caminhando com cautela derivado ao coração, aos diabetes, a uma veia do cérebro que ao secar levou dois terços das lembranças consigo, a doente

- Senhor

ao meu lado, a minha actual mulher

- Senhor?

ela que não deu pelo buraco no soalho e talvez continue à minha procura em casa, não aflita com a minha ausência, intrigada, provavelmente repetindo o meu nome, ao pronunciá-lo dava-me ideia que um nome diferente, de um camponês lá das ilhas que não adivinho quem seja, casámo-nos há cinco ou seis anos

(seis anos quase, estranha coisa o tempo, a parte esquerda do calendário cheia de páginas que gastei não sei como, dias de que não recordo nada ou se limitam a episódios que pertencem a outro visto que eu assistindo sem emoção alguma a Castelo Branco, à minha irmã, ao granizo no limoeiro, surpreendido que o outro chorasse uma árvore defunta, eu pouco atreito às lágrimas

- Choras por uma árvore tu?

e a cara dele a minha, ou antes a que afiançam ser a minha numa moldura nos arredores de Lisboa e decerto não minha conforme o limoeiro não meu, o granizo quebrou-nos dois vidros através dos quais o vento nas cortinas molhadas, quase seis anos de casado e quantos homens antes de mim conta lá, não me mintas, aqui ou num apartamento qualquer, às escondidas, à tarde, tu agradecida, contente, a trotares para eles)

a cadela negra à minha procura e eu no centro do mundo incapaz

345Meio púcaro de leite morno a seguir ao jantar

ela sentindo-se acompanhadaEstavas cá afinal

quando a falar verdade ignoro onde estou, se na cadeira de braços deste lado da secretária, com uma nuvem nos caixilhos

(duas nuvens)

e a tripulação das nuvens

(subindo cordas, descendo cordas)

a guiá-las para leste, uma ambulância não de Beja, de Faro, que não se destrinça bem se chega ou se parte, a doente acolá na cadeira sem braços não me referindo tristezas nem insónias, a mirar nas minhas costas o que era um defeito da parede e ela

(essas coisas das pessoas)

julgando que um ramo de trepadeira numa hospedaria da Graça até que nem gabinete nem eu nem o ruído dos pacientes, a trepadeira apenas, a minha actual mulher

- O que há aí na varanda que te interessa tanto?

uns vasos com antúrios que não cresceram nunca, a praia de Carcavelos, o farol ou seja nada, eu a assistir sem tristeza nem insónia às páginas que se acumulam no lado esquerdo das argolas distraído da doente

- Perdão?

sem me dar conta que retirava o naperon do saquito

- Perdoe a modéstia da oferta senhor doutor é para si

e portanto

(ajudem-me)

como acabarei de dizer isto antes de me calar para sempre, como explicar o que se passou nas consultas agora que tombei até ao centro do mundo, mais abaixo que os cabos eléctricos, os esgotos, os destroços romanos em que leio mensagens de que não entendo o sentido, a doente

- Estou menos triste senhor doutor já durmo

não de luto, de cinzento, convencida eu.

346

Com licença

da porta quando toda a gente um compasso de espera

- Dá licença?

e eu a fitá-los sem reparar neles antes de acenar que sim conforme os gatos fazem olhando para nós a pensar na sua vida, toda a gente

- Dá licença?

e eu com vontade de saltar da secretária, ir-me embora (eu um gato)

deixando-os ali, o gato que tínhamos em Castelo Branco desapareceu uma semana inteira a seguir ao funeral do meu pai, a minha mãe

- O gato?

tal como os doentes para a empregada da consulta

- O senhor doutor menina?

a minha mãe chamando-o em barulhinhos de boca, a inquietar-se Onde se terá metido o idiota

do bicho?

quando deveria perguntar Onde se terá metido o teu pai?

a esquecer-se do meu pai, a não contar com ele para o almoço, a sorrir, uma tarde encontrei-a a pentear-se no espelho procurando o frasquinho de perfume

(o único que havia)

- No fim de contas tenho só quarenta e três anos sabes?

às vezes a porta do quarto fechada, percebia-se que eles dois lá dentro não por passos ou vozes ou gorgolejos de mobília, unicamente porque a casa mudava, a casa para mim

- Os teus pais

e eu ofendido com a casa, um indicador em cada orelha e mesmo assim ouvia, eu no pomar e o perfume alcançava-me, eu para o pomar, para a casa

(principalmente para a casa)

- Não me interessa escutá-los.

347

ofendido com a casa e ofendido com eles, o meu pai a abotoar-se

- O que estás a fazer nesse banco?

e o cheiro da minha mãe nele, ao acabar de abotoar-se já não sentia o perfume mas endireite o cabelo pai, desamarrote a camisa, gestos

(onde foi buscar esses gestos?)

que demoravam a tornarem-se seus, você com a surda-muda ou a criada na adega, não insinue que a minha mãe, não acredito, fique com a surda-muda ou a criada se lhe apetecer, tire-me as patas de cima, não simpatizo consigo, o meu pai a segurar-me os pulsos e ao segurar-me os pulsos mais perfume, deu-me ideia que a minha mãe a cantar na despensa ou então o rádio, loiça, a vassoura nos ladrilhos, a minha mãe não canta, o que é que você lhe fez, o meu pai

- Queres bater-me garoto?

a erguer a mão para mim, a desistir, a ir-se embora, a perguntar no corredor onde graças a Deus o perfume se dissolvia na janela aberta

- Sucedeu alguma coisa ao teu filho?

a doente não de luto, de cinzento, convencida que eu lhe aceitava o naperon, sentando-se sem esperar que lhe indicasse a cadeira (odeio que se sentem sem esperar que lhes indique a cadeira)

- Estou menos triste senhor doutor já durmo

consoante a minha mãe meses depois do funeral do meu pai e quando escrevo meses quais meses, cinco ou seis semanas se tanto e o perfume de volta, as palmas sobre um vestido cor-de-rosa

(- Que é feito desse luto mãezinha?)

a avaliarem a cintura, os olhos desafiando-me

- Tenho quarenta e três anos sabias?

parecida com a surda-muda e a criada na adega, para quem é que você se perfuma confesse, o gancho na nuca, as rodela de pó nas bochechas, os joelhos cruzados

(Descruze os joelhos senhora)

o gato de novo na sala fixando-a sem a ver conforme as pessoas dos retratos.

348

Lembra-se de mim pai?

não se lembra porque apesar de observar-me não existo, não sou, a doente

- Perdoe a modéstia da prenda senhor doutor é para si

igual à minha mãe dado que se lhe acabou o luto, a tristeza, Tavira, Sintra, a hospedaria da Graça

(- No fim de contas tenho só oitenta e dois anos sabia?) que se lhe acabou a insónia, se o homenzinho voltasse

- Deixei de gostar de si é só isso

sem culpabilidade nem dó, ou seja não me importo que caia doze andares, que o pai de uma menina

- Não cumprimentas o senhor doutor Beatriz?

de forma que talvez por esse motivo o meu pai calado na Unidade, não nos saudava, não se despedia da gente, os dedos compunham o lençol em lugar de agarrar-nos e pregueavam-no mais, as bolachas na cabeceira juntamente com os sumos, passada uma semana o médico

- É melhor levarem isso daqui

a sua boca aberta pai e eu a dar-me conta que lhe faltavam dentes, você não mais que boca senhor, a minha mãe a avançar sobre a cama

- Perdão?

comigo a pensar se é que pode chamar-se pensar a um ressentimento antigo

- Não aproveita para se trancar no quarto com ela não a desabo

toa porquê?

com a falta do meu pai o portão que não fechava, o quintal por tratar, a gente com receio dos gatunos à noite, a minha mãe encostou a caçadeira à cómoda mas em que parte se metem os cartuchos filho, como se dispara isto, morávamos onde a cidade acabava, para a banda da serra na qual as chuvas tinham início em novembro, histórias de relâmpagos que matavam pessoas

(ossos feitos carvão)

349

um rapaz a espreitar a água das cortinas, a assistir aos sulcos nos canteiros que arrastavam folhinhas, a deslizar com as folhinhas aos tropeços, rodando, a enfermeira

- Parece comovido tu

se tivesse coragem de contar será que a doente entendia, eu que peguei no naperon, o abandonei na secretária, tornei a pegar-lhe e nisto ela à espera das quartas-feiras num rés-do-chão que não sei onde fica, perto da estação dos comboios, presumo, quando as carruagens se imobilizam a vida mais depressa que quando se deslocam, pessoas até então paradas num frenesim repentino, bagagens que principiam a andar, a clarabóia do tecto a empardecer de cegonhas, um rés-do-chão a cem ou duzentos metros da estação dos comboios, vibrações de gonzos que interrompiam o sono, às quartas-feiras o homem na hospedaria, de tempos a tempos o corpo e detestava ter corpo, a maior parte das ocasiões o homem vestido, o corpo felizmente tranquilo, silêncio, os rapazes de cabeleira postiça, ainda que vizinhos, longíssimo, o empregado do pai longíssimo também sem lacerar a terra onde ela estava aguardando-o, deixando de aguardar e uma espécie de paz (uma bailarina de corda girou um instantinho e parou) horas de sino à tarde, uma debandada de rolas e eu no centro do mundo a aperceber-me das asas, a minha primeira mulher mirando-me centímetro a centímetro comigo a pensar

- Andas farta de mim

em Castelo Branco não respondia à minha mãe, a cara dela como se me ouvisse, encontrava uma raiz no quintal, apontava a raiz

- Que árvore foi esta?

e a minha mãe abraçada ao limoeiro durante o funeral da minha irmã fazendo parte do tronco, as árvores do hospital plátanos a que ninguém se abraça

(vergonha de me abraçar a um plátano e à medida que a vergonha aumentava percebia as vozes na sala de espera, um rádio, o telefone)

a minha primeira mulher pensa.

350

- Não imaginava que tinhas tido uma irmã

mas poderá chamar-se irmã a uma criança num berço, o galinheiro sem galinhas que se encostava ao alpendre, a caliça onde dantes frangos arrepelando a tarde, engolindo-a, quando a minha irmã faleceu o meu pai vestiu-a com roupa por estrear ainda embalada na arca, eriçada de alfinetes que não podiam doer-lhe e não doeram dado que a minha irmã serena, entalou-a numa cadeira, chamou o fotógrafo

- Tire o retrato

o fotógrafo inquieto

- Não será pecado?

a enganar-se no tripé, a minha mãe aos círculos no quintal encerrada no interior de si mesma pela chave de um desespero sem lágrimas, a cabeça às vezes na janela entre a capoeira e o tanque, regressando, partindo

(a minha mãe uma cadela negra então)

o meu pai para o fotógrafo

- Espere

a colocar flores junto à cadeira

(diospiros, acho que se chamam diospiros)

a minha primeira mulher inclinada para o aparador onde a minha irmã de olhos abertos, de

início sem acreditar em mim e depois de mão na boca, com medo, o meu pai mandou-me abrir o reposteiro a fim de aumentar a luz e na luz a minha mãe que pegava numa pedra, a jogava contra a capoeira deserta e a rede a amolgar-se, frangos que não existiam a esvoaçarem fugindo, o meu pai para o fotógrafo num remoinho de poeira, de penas

- Tire o retrato agora

de modo que estando a minha irmã de olhos abertos não tenho a certeza se não a enterraram com vida, a minha primeira mulher

- Cala-te

a detestar o meu pai e a detestar-me a mim, se lhe pegava no braço. afastá-lo. a minha mulher, enfando.

351

e no entanto a enfermeira aceita-me, a prova que me aceita está em que as feições se alongam, quando me vou embora, os objectos descem um degrau invisível, mais baratos, mais feios, os pais da enfermeira Tens a certeza que te tratam como deve ser filhinha?

e eu para eles Desculpem

porque a filha sozinha entre bambus, acenando-me do peitoril sem que eu tomasse conta dela, me preocupasse com correntes de ar, problemas de dinheiro, a obrigasse a engordar Não consintas que não te tratem como deve ser filhinha

assegurasse aos pais Trato-a como deve ser descansem

a enfermeira aceita-me, a minha actual mulher aceita-me embora me dê ideia de não ter saído da ilha, aquieta-se na varanda escutando um outro mar, descobrindo presenças que não vejo, a cara de súbito redonda

Não sentes o fumo do charuto?

e eu palpando e não sinto, sinto a cera da empregada, o detergente na cozinha, vejo a marca de um pé no sobrado

(de quem?)

demoro-me na marca, quem esteve aqui, quem veio, nunca pensei que as minhas mãos tão grandes prendendo um enchumaço de blusa Quantos homens antes de mim conta lá?

a seguir ao meu pai a minha mãe Tenho só quarenta e três anos sabes?

e o perfume de volta, a mobília mudada de lugar

- Pega nesse lado da mesa e ajuda-me a trazê-la para aqui

uma toalha do enxoval retirada pela primeira vez do armário, a minha mãe aos círculos como na tarde do limoeiro com a diferença que não jogava pedras a ninguém do mesmo modo que não desesperada, risonha, falando alto demais uma vez mais.

352

mês e a minha irmã então sim, defunta, não lhe valia de nada abrir os olhos nos retratos

(Para quê mana?)

dado que o senhor da Covilhã mais importante que a morte, enxotando-a com o braço do

cigarro para o caixote das inutilidades esquecidas onde o meu pai e eu a aguardávamos de mistura com uma embalagem de pregos, pontinhas de lápis, um porta-moedas rasgado, a minha mãe sozinha com o senhor da Covilhã, nós não somos, eu no caixote a indignar-me com o riso dela

- A sério?

compreendia que xícaras, a tampa que não pertencia ao bule a oscilar-lhe por cima, som de líquido nas xícaras, no interior do líquido a voz da minha mãeA sério?

e noA sério?

a minha mãe que se aproximava do senhor da Covilhã aperfeiçoando os caracóis à medida que o perfume se expandia (nunca aperfeiçoou os caracóis para nós)

- No fim de contas tenho só quarenta e três anos sabe?

era de certeza com ele que a minha primeira mulher ao telefone

- A sério?

e a minha actual mulher antes de mim nos Açores

(- Conta lá)

o senhor da Covilhã de guardanapo na gravata e mão espalmada no guardanapo a beber com cuidado, os joelhos unidos por educação, respeito, a enfermeira impressionada

- Um cavalheiro não é?

um cavalheiro que a trataria como deve ser, não se ia embora às sete, a minha actual mulher

- O meu avô chamava-me cadela negra

e os cães

353

perseguido-a, quantos cães antes de mim conta lá, tu a trotares nos Açores de cabeça baixa, consentindo, e um rastro de cachorros detendo-se para urinar e acuando-te de novo, o senhor da Covilhã um latido que borbilhava mais abaixo que a boca, na garganta, a minha mãe desta feita não

- A sério?

uma pausa de cadela que não foge, se curva num canteiro, aceita, a queixada pendente, as patas que vacilam, o senhor da Covilhã de garupa arrepiada apoiando-se nela, o meu pai para o fotógrafo sem coragem de olhar a minha irmã, desmontando a máquina

- Quero o retrato já

uma rola no telhado da capoeira vazia, a minha actual mulher de lombo na minha direcção, à espera, a minha primeira mulher observando o tecto onde nenhuma rola, não um frasco de perfume e colares e anéis

- Não estou para aí virada

um cotovelo sobre a cara, o outro ao comprido do corpo sem pertencer a ninguém lembrando-me o meu pai na Unidade, a mão que faleceu antes dele, aquela com que martelava, consertava fechaduras, comia, um objecto agora, carne a fingir carne, unhas a fingirem unhas, ossos de cartolina não ossos, as minhas mãos hoje assim na cadeira deste lado da secretária e

acolá a doente, não triste, não com insónias, a estender-me o quadradinho de crochet que os meus dedos falsos não conseguiam reter

- Perdoe a modéstia da prenda senhor doutor

eu tentando desenhar uma casa, uma árvore, uma campainha a chamar não sei quem e mesmo que me chamasse não me dizia respeito a enfermeira e a minha actual mulher não me dizem respeito visto que tomei até ao centro do mundo, mais abaixo que as fundações dos prédios, os cabos eléctricos, os destroços romanos

(colunas, um arco, vestígios de uma espécie de sala mas sem bambus nem metros.

354

(a quem mais se eu sozinho?)

e de que não entendo o sentido

(o que procuram contar-me?)

e portanto em saindo do hospital depois de escrever

Quinta Consulta: Alta

na ficha da doente de 82 anos, idade aparente coincidindo com a real, apresentação cuidada (ou relativamente cuidada?)

orientada no tempo e no espaço, contacto sintónico se bem que reservado

(reservado ou reticente?)

contacto sintónico se bem que reticente, sem alterações significativas da memória nem actividade delirante, em saindo do hospital e sem que me dê conta eu na hospedaria da Graça de que não conheço a morada, sei que uma trepadeira na janela, rapazes de cabeleira postiça vestidos de mulher, um último piso

(um sótão?)

em cujas escadas discussões, ameaças, fosse o que fosse

(uma garrafa, um copo)

pelos degraus abaixo, uma parente nossa neste bairro

(tia Violeta)

recebendo-nos de pés num alguidar de borato, cantou ópera em nova de modo que vestidos de escrava egípcia num gancho, discos de manivela e um paviozito de gritos à beira de extinguir-se, apoiava-se em trombones e recomeçava a tremer o seu azeite comovido que não ligava com o borato, a tia Violeta

- Sou eu

isto é uma agulha de gramofone a saltar nas espiras mergulhando na frase palavras adiante, nomes italianos de maestros, tenores, afogados trágicos lançados à praia no final de um acto com o público aplaudindo os cadáveres ensopados de mis, o marido flautista que a corrente de uma ária entrelaçou com uma soprano francesa

T

355

- Não te apoquentes

eu a acotovelar o velhote que buscava o relógio no bolso sem relógio

- Ela quantos homens antes de mim conte lá

e uma rapariga com uma pala na lente esquerda dos óculos a mentir-me

- Nenhum)

o marido da tia Violeta depositado pela ária num teatro em Bordéus, sobraram uns trapitos de roupa que se entrega sempre à família a atestarem-lhe a morte conforme eu morto, sozinho, aqui no centro do mundo

(como acabarei de dizer isto antes de me calar para sempre?)

aceitando o naperon sem me despedir da doente

(não cumprimento os doentes)

deixei-o ficar na secretária entre blocos de receitas e a agenda onde as páginas dos dias passados

(num qualquer deles o fotógrafo a entregar o retrato da minha irmã ao meu pai e na janela aberta a capoeira, o muro)

cresciam à esquerda das argolas

(há séculos que não existe o muro, Castelo Branco aumentou)

sair do hospital, encontrar-me com as ambulâncias e o carrinho do almoço no pátio das traseiras

(bancos de pedra, arbustos)

pouco antes do pâncreas o meu pai começou a construir um pombal, vieram-lhe as dores

(o espanto dele

- O que é isto?)

experimentou a barriga

(- Nunca tive isto o que é isto?)

enquanto as ferramentas no chão, qualquer coisa a apertar-se de terror em mim ao olhá-lo -Pai e a pele morena, branca. o não acreditar, na dor.

356

(ele tão solitário com a dor)

a cara em mim na ideia que fixando-me completaria o pombal, agarrei numa tábua, tentei martelá-la mas sem cuidado, à pressa, o meu pai sobre a caixa das ferramentas aberta

(o nivelador, o serrote)

a notar que a tábua torta, o serrote, mais que os dentes dele

- Não ficou bem a tábua

levei um mês a mentir-lhe na Unidade

- Já lá tem o pombal

enquanto a caixa das ferramentas à chuva, o frasco de perfume rolhado, nenhum cheiro na casa, a minha actual mulher a cirandar nos Açores, a enfermeira com o primo da caça sei lá onde, duas cadelas sem governo que se não ralavam comigo, abre-se um buraco no soalho, a gente buraco adiante e nem vêem, ficava-me a criada na adega a perguntar entre degraus

- Não descemos senhor?

ou seja outra cadela de cabeça baixa, aceitando, no caso da minha primeira mulher, para não ter de enfrentá-la, apagava a luz a fim de lhe apagar a existência, ao apagar-lhe a existência o perfume

(não o da minha mãe)

apagava-se igualmente, eu um latido que borbulhava mais abaixo que a boca, na garganta, no estômago, de garupa arrepiada apoiando-me nela, expulsar a minha mãe que perguntava

- A sério?

não me aborreça mãe, vá-se embora, o latido que se engasgava tropeçando de pressa a ordenar não te mexas cadela, e o corpo obediente, as patas que vacilam

- Disse não te mexas não disse?

além do perfume um cheiro quase áspero, mais denso, mais vivo, tento pronunciar o teu nome e arrancos sem nexo, uma aflição confusa, morder-te os quadris, as orelhas, a cauda que me escapa

- Não te mexas.

357

- Não queres dizer adeus ao senhor doutor Beatriz?

enquanto atravesso o estuque, a mobília, o sobrado e não é a Beatriz que me acena, é a cadela da minha primeira mulher no décimo segundo

- Good-bye

ou a cadela que procurei na hospedaria da Graça de que não sabia a morada, sabia a trepadeira e os rapazes de cabeleira postiça, o serrote ou os dentes do meu pai

- Não ficou bem a tábua

o pombal desarticulou-se aos poucos com as febres do inverno quando a encosta lançava pinheiros e amoras bravas para cima de nós, o inverno ou o homenzinho da doente

- Por favor

a minha mãe a quem os pinheiros assustavam encolhia-se na cozinha

- Meu Deus

o meu pai sob a terra, a minha irmã no retrato, os olhos iguais aos das cadelas quando a gente

- Não te mexas

e elas submissas, à espera, não

- Deixei de gostar de ti é só isso

à espera, eu para os pais da enfermeira tão ansiosos na moldura

- Vejam a cadela da vossa filha à espera

vejam as minhas unhas a agarrarem-lhe a cintura, a minha barriga a pesar-lhe nas costas, eu o inverno de Castelo Branco, eu pinheiros que chicoteavam a casa, a minha mãe escondendo-se nas mangas

- Meu Deus

eu para os pais da enfermeira preocupados com o frio, as bronquites, a nossa filhinha sem ninguém em Lisboa, mandamos-lhe ovos, cebolas, enchidos, algum dinheiro às vezes, envelopes já com os selos e a morada e não escreve, não telefona, promete visitar-nos no Natal, não

Vieram.

358

vejam a cadela da vossa filha com um homem casado que não deixa a cadela da mulher, uma cadela negra dos Açores a ladrar para as ondas

- Quantos homens antes de mim conta lá?

e a cadela negra a mentir porque as cadelas mentem, todas vocês mentem

- Nenhum

e talvez porque a cadela negra

- Nenhum

a sofrer não por um homem casado, por um cão tombando andar a andar sem que os vizinhos se importem dado que ninguém se importa com um bicho

ele

(o cão)

a sair do hospital farejando as esquinas da Graça, perguntando, insistindo, uma hospedaria com uma trepadeira se não se importa menina, uma pensão barata

(tenho a certeza que barata)

onde se alugam quartos por uma hora ou duas senhor, um cão bem vestido, não um rafeiro, um médico, a informar as pessoas

- Sou médico

num latido que borbulhava mais abaixo que a boca, na garganta, no estômago, com um único dia à direita no calendário de argolas, onze de julho, sexta-feira, hoje, a que horas

(pergunto)

o hoje do lado esquerdo também e fim do calendário, eu sob as fundações dos prédios, os cabos eléctricos, os destroços romanos onde as mensagens que se me destinavam apagadas por fim, se ao menos um limoeiro no quintal

- Deixe-me abraçar o limoeiro mãe
a mão do meu pai quase a alcançar-me, havia momentos em que
me queria a mim.

359

Mas, com a criada na adega, tenho a certeza que você ciente que eu na adega com ela, de
ventre a arrepiar-se, desajeitado, a tentar, tenho a certeza que lhe dizia O meu filho
me apontava O meu filho

e ela comigo porque você mandava senhor, fingia não dar conta para que eu pensasse que me
vingava, o derrotava e o meu pai a designar-lhe a adega, a designar-me

- O meu filho

a estender para mim uma coberta nas lajes enquanto a cadela negra atravessando escarpas nos
Açores a caminho de uma furgoneta sem rodas, o que lembro dos Açores são nevoeiros,
pedras de pássaros que tombavam na água, umas flores monstruosas a que a minha actual
mulher chama antúrios, ondas a cobrirem os degraus de uma igreja, ela mostrando um
camponês com um charuto

- O meu avô

e camponês nenhum

- Qual camponês?

camponês nenhum, esses fumos do chão, experimenta-se com a palma e cinzas a moverem-
se, torrões escuros, vapores, a hospedaria da Graça não mais que um sótão antigo junto ao
miradoiro, um largozito, telhados, a dona com um tubo no pescoço que lhe transformava a
alma num silvozinho infeliz

- É da polícia você?

e uma trepadeira de facto, não mentiu a doente (uns ramos, umas folhas, umas gavinhas
pálidas) eu mais baixo, mais gordo, mais velho (o coração, os diabetes)

não, eu como no tempo da surda-muda na esperança que não se percebesse que nem trazia
dinheiro, a dona da hospedaria a procurar.

360

e a Beatriz um gesto contrariado regressando de imediato à cópia
da escola)
a dona da hospedaria

- Não traz uma mulher ou um homem ao menos?

à medida que eu lhe explicava

(não explicava, um latido borbulhando mais abaixo que a boca, na garganta, no estômago)

lhe explicava que uma doente de 82 anos, idade aparente coincidindo com a real, orientada no tempo e no espaço, discurso adequado embora reticente à minha espera no quarto dado que o meu pai, cuja mão não chegou a alcançar-me, a indicar-lhe

- O meu filho

(a mão no hospital um objecto de calíça e arame que não toquei também por medo que eu de calíça e arame igualmente

- Morra você pai não me leve consigo)

uma varanda, quartos, nenhum rapaz de cabeleira postiça, deu-me ideia que o perfume da minha mãe mas se calhar enganei-me, isto é apostado que me enganei, Castelo Branco tão distante e nenhum frasco de perfume há que tempos, um dia completo o pombal mãe prometo, sento-me na sala consigo, fixo-lhe aquela porta que bamboleia no gonzo e encontro-a amanhã a pendurar roupa nos movimentos de sempre, você sem reparar em mim, em bicos de pés e de braços erguidos, prendendo camisas e toalhas nas molas, a minha irmã no berço, o meu pai a encontrar uma maçã na cozinha e tudo isto em silêncio palavra, em silêncio, se penso na minha infância

(é curioso)

julgo sempre que ruído e vai na volta silêncio, nenhum insecto, nenhum atrito de passos, uma lentidão que me não parecia estranha nas coisas, todas as páginas no lado direito do calendário, milhares de páginas porque não ia morrer, ninguém morria, que história é essa de morte, aguardando que as usasse uma a uma e no fim da agenda, rama a primeira frase,

361Cumprimenta o senhor doutor enquanto ele cai Beatriz

e a menina nuaAdeus senhor doutor

à medida que eu nono, oitavo, sétimo, à medida que eu para ela

- Adeus

a enfermeira no peitoril lá em cima

(e o pierrot, os bambus)

conforme entro no carro, desço o vidro, finjo que lhe mando um beijo e são apenas dedos

(um beijo que tolíce)

a imitar um beijo, fazê-la supor que um beijo eu que evito beijar, não beijo cadelas

- Quantos homens antes de mim conta lá?

eu dia onze de julho, sexta-feira, de pé ao lado da cama em que no interior da coberta de damasco ou a imitar damasco

(a imitar damasco)

lençóis que não mudaram, uma almofada com cabelos da cadela anterior e o silêncio que aumenta, o da trepadeira no caixilho, o dos compartimentos vizinhos, o das escadas desertas, cuidei por um instante que um relento de vinagre e a criada a chamar-me da adega porque o

meu pai

- O meu filho

(agradeço-lhe sinceramente pai, não estou a brincar, agradeço-lhe) ou a minha actual mulher a regressar dos Açores enganando-me, cercada de antúrios e ondas a afirmar Nenhum

como se Nenhum

me importasse consoante não me importa o trabalho no hospital nem a doente de 82 anos, idade aparente etc, nem a minha primeira mulher, nem que terceiro segundo primeiro rés-do-chão, nem a última.

362

como se alguma coisa me pudesse amedrontar com a minha mãe lá fora a estender roupa e este sossego, esta paz, o meu pai a acabar a maça no degrau calculando se chuva pela origem das nuvens e sei que pouco a pouco eu no centro do mundo

(eu o centro do mundo)

no qual existe um limoeiro a que posso abraçar-me, vinhas acolá, a capoeira vazia, a minha mãe que regressa do estendal com o cesto, me observa da porta e nem sequer necessito de comprimidos para a tristeza e a insónia, basta-me esta garrafa

(amarela com um rótulo azul)

que entorno no cálice ao mesmo tempo que as cadelas se avizinham, me procuram, me lambem, de patas a tremer, agachadas, submissas, afastando-se a contragosto, ciciando despeitos, quando a criada me vier acordar.

três: as visitas

PRIMEIRA VISITA

Não sei há quanto tempo o pimpolho me mandou embora do segundo andar do Jardim Constantino, vinte, vinte e cinco anos, trinta, nem o que querem dizer vinte, vinte e cinco anos ou trinta para mim que desconheço os que tenho. Se por acaso pensar na minha idade o mais antigo que lembro são cavalos afogados junto à casa rodopiando na água, o Tejo ultrapassava os campos e chegava ao quintal, notavam-se vimieiros lá em baixo girando também, um boi contra um choupo quebrando as patas no tronco e os cavalos tão gordos, o mais antigo que lembro é o meu tio para a minha mãe

- Não te queremos aqui

e a insónia dos cavalos defuntos toda a noite a afligir-me

(quem lhes ouvia o galope?)

os barcos dos bombeiros desciam a rua de lanternas acesas, as mulheres e os cães choravam no corredor, tinha a certeza que a água ia ultrapassar os móveis da cozinha, apagar o fogão e

levar-nos consigo, recordo-me de imaginar

- Se apagarem o fogão a casa morre-lhe.

366

os insectos aumentam na parede até não se ver senão caliça e formigas, as costelas bem tentam continuar a existir e o ar a fugir-nos, os sapatos, que julgávamos nossos, deixam de nos pertencer, subitamente dignos, unidos, bicudos na extremidade da colcha em que nos deitam, se derem corda aos ponteiros sentamo-nos na cama admirados da roupa nova e do lenço no queixo, sabíamos que chegava janeiro não pela pressa das nuvens sem atenderem aos choupos mas pela inquietação dos cavalos que o rio amedrontava e os candeeiros da cidade apagados ao longe, sabíamos que chegava janeiro porque as oliveiras, despidas de raízes, partiam uma a uma de mistura com esqueletos de ovelha na direcção de Lisboa, passos correndo aos gritos nos quartos a trancarem cadeados enquanto as vinhas recuavam mugindo para o interior da sala e frangos sem pescoço, que nenhuma faca degolara, bicavam os caixilhos procurando entrar

(nunca supus que em cada um deles tantas asas) à medida que os toiros cravados na terra nos seguiam imóveis, ensurdecidos pelo nervosismo dos grilos, o mais antigo que lembro é um gato numa chaminé que o lodo derrubava, um dos relógios a recordar-se de uma hora qualquer de um dia muito velho, a compreender

- Enganei-me perdoem

e a emudecer de novo, nunca entendi por que motivo os dias de antes de eu nascer volta e meia regressam, ainda ontem, por exemplo, eram as cinco e doze da época dos meus avós no refeitório de modo que senhoras de touca e um cavalheiro com um anel de sinete em cada gesto educado, mãos que floriam em dedos

- Boa tarde mademoiselles

a empregada acotovelando-o sem dar por ele ao entregar-me a sopa

- Come

e o cavalheiro, que remédio coitado, procurando o lenço numa tossezinha ofendida, a sumir-se por fim na direcção da copa desiludido

367

pendurado da algibeira sem me dar ocasião de perguntar-lhe quem era

- Pertence à minha família você?

ou seja aqueles que o Tejo ao subir transformou em cavalos, de tal modo que mesmo hoje lhes sinto o cheiro das crinas ao acordar de manhã mais os dentes enormes e as narinas redondas, eu

- Pertencem à minha família vocês?

porque a minha família, reflectida no poço igual às nespereiras entre o pátio e o celeiro, se deixasse cair uma pedra as caras deles estilhaçavam-se de forma que puxando o balde nem um nome me vinha, apenas campos em que o rio imprimia caligrafias de lama, as vacas lentas da tarde e rolinhas de algeroz, o mais antigo que lembro são os sapos durante a lua nova ameaçando a gente e a minha mãe

- Fecha a porta depressa

ainda não sombras nem um piano de castiçais no segundo andar do Jardim Constantino, eu no cubículo do fundo sem recordar os sapos nem o ourives a comer pêssegos à entrada da loja, o tubo que engastava na órbita para examinar filigranas subido contra a testa, os óculos dele

- És servida?

e a minha mãe a puxar-me o braço arredando-me do pêssego, em certas tardes de agosto mandava-me sentar numa pedra depois das japoneiras

- Não saias daí

e não era a minha mãe nem o ourives que eu escutava além de um pedacinho de muralha, eram as vespas num charco furiosas comigo, o ourives surgia das japoneiras a esfregar pêssegos na manga

- És servida?

qualquer coisa nos óculos que se descuidava, parecia comover-se e endurecia logo, arrependida, o filho do ourives lançava-nos pedras

- Vão-se embora malvadas

uma das nedras aleijou a minha mãe,

368

Não foi nada

por um instante deu-me ideia que os salgueiros coxeavam connosco e enganei-me, era o modo como o sol atravessava as folhas entretidas a jogar xadrez com o vento, o rio tranquilo, pequeno, um cavalo contra os juncos sacudindo melenas, o meu tio acompanhou-nos à estação

- Não te queremos aqui

e os parentes levantaram as cabeças à uma, desgostosos, homens que regressavam para jantar trazendo a lua as costas embrulhada em figueiras antes de a prenderem num arame a enfeitar a latada, lembro-me na estação das carruagens de gado numa linha entre as ervas ao longo da qual os abetos iam juntando os fungos de silêncio necessários à noite, se nesse momento me interrogassem

- O que se passa contigo?

eu nada, conforme eu nada quando a minha mãe e eu no banco do apeadeiro separadas pela mala, ia jurar que o ourives a espreitar-nos do balcão onde se compravam bilhetes, os óculos não na minha mãe, em mim, tremendo mais que os pingos das telhas, de tubo de comprovar filigranas atarraxado à testa, se a minha mãe permitisse não me ralava de lhe estender a mão visto que a dele macia ao enxotar as vespas e eu a recordar-lhe a palma no comboio de Lisboa, com a mala sempre a separar-me da minha mãe embora na janela, durante os túneis, o meu perfil nascesse do seu perfil e nos bastasse um olho para espreitar o caminho, não bois, não toiros, não água, aldeias, carroças, igrejas que as pedras do filho do ourives não alcançariam nunca, o mais antigo que lembro são as mãos do ourives vacilando nos óculos ao endireitar a armação

- Como se chamava o ourives senhora?

e as mãos da minha mãe vacilando igualmente sem acharem a saia, apesar de não existir

nenhum pêndulo quieto ela incapaz de respirar, não sei o quê no nariz
(se eu fosse tonta julgaria que do tamanho de lágrimas e não jurava

que nenhuma manga aliviava, o ourives que nunca foi importante para mim
(porque haveria de ser diga-me cá?) evaporou-se-me da memória até hoje

- És servida?

conforme se evaporaram as cabeças dos parentes levantadas à uma, desgostosas, quase do tamanho das cabeças dos bois que o sogro do meu primo empalhava no escritório e nisto nem aldeias nem carroças nem igrejas, fábricas, casas de costas para a gente, eu julgo que adormecida a assistir as cegonhas no chalé de Santarém onde o provedor morava, a minha mãe

- Lisboa

comigo a tentar imaginar o que buscam as galinhas quando cavam na capoeira com as patas, pela primeira vez o Jardim Constantino, arvorezinhas, arbustos, no Ribatejo a égua do lavrador a escapar-se ao almocreve pisando os morangueiros, se a minha mãe me segurasse assim deixava de saltar, acalmava os desesperos e juntava-me a ela enquanto no Jardim Constantino um inválido de muleta a convocar os pombos com um cartuchinho de grãos
(milho acho eu)

morámos ali muitos anos as duas, eu diante da máquina de costura no cubículo do fundo e a minha mãe na saleta à medida que os retratos de não sei quem aumentavam na camilha

Sempre Queridos

isto é os parentes que levantavam as cabeças desgostosos de nós, às vezes a lama deixava-nos um ou outro quando depois do rodopio dos vimieiros o Tejo ia embora e as copas despontavam na água, eram os cães que nos avisavam sem se atrever a mordê-los, de focinho estendido

- Olha acolá um náufrago

experimentavam com uma pata prudente, desistiam, espirravam, davam a sensação de recuar e contudo mais próximos, no escuro mesmo invisíveis em quintas distantes quase jurava que me roçavam a cara.

370

mas, isto antes do Jardim Constantino é evidente, no Jardim Constantino nenhum vimieiro, nenhum toiro, o mar ou o que lhe faz as vezes a quarteirões daqui, nem sequer uma nesga entre dois prédios, esses intervalos das esquinas em que as tipuanas se arredondam na ilusão de crescerem com a mudança da luz, afigura-se-nos que uma espécie de avenida, vai-se a ver e pombos, lojas, nunca achei o ourives na camilha, se me interessasse por ele a minha mãe

- Cala-te

apagando as japoneiras com o braço conforme eu apagava
(apago ainda)

um nome de homem que escrevia nos vidros, o pimpolho que você diz ser seu pai visitava-nos na Páscoa, escutávamos a mãe dele no patamar

- Vê lá como te portas

não, antes do patamar porque o último degrau depois, aquele da tábua descolada que ninguém conserta, a gente surpreendidas dado que o degrau um protesto de pessoa viva que se exalta, lamenta, o pimplinho contemplando as próprias solas a tentar entender quem se exaltava, lamentava, o pimplinho

- Os meus pés

a mãe do pimplinho a recordar-lhe com as sobrancelhas

- Vê lá como te portas

cumprimentando a minha mãe que envelheceu e perdera o ourives embora ninguém me diga que não permanecia nela

- És servida?

tal como o homem de que escrevo o nome nos vidros permanece em mim, desenho as letras com o dedo e ele vivo nas letras não adivinhando sequer que lhe conhecia o nome, se necessitava de linhas de costura procurava entre as caixas da prateleira, entornava-as num cartuchinho e vendia-mas sem dar por mim, esquecia-me de propósito do troco para que ele

- O seu troco

- O seu troco

a recolher as moedas enquanto o homem a atender outro cliente ou a observar o Jardim Constantino da montra, quer dizer não observava o Jardim Constantino, observava fosse o que fosse dentro dele

(acho que dentro dele não sei, coisas remotas, um pátio de sardinheiras, um irmão com sarampo)

não atendendo aos arbustos nem às árvores, o pimplinho não nos observava também, limitava-se a esperar encostado a uma cadeira que lhe pusessem o boné

- É tardíssimo

como se a culpa de as horas passarem fosse sua, no caso de lhe entregarmos um álbum não mudava a página, olhando

(traineiras, o pimplinho traineiras)

o que não existia para a gente e então veio-me à cabeça o rio a ultrapassar os campos numa pernada rápida e a chegar ao quintal, só dei fé que dizia

- Se apagarem o fogão a casa morre

ao sentir medo que a lama afogasse os móveis e nos levasse consigo, a mãe do pimplinho espreitando uma escada que ignoro onde fica

(as escadas ocultas das pessoas)

na esperança de alguém ao seu encontro que não ia voltar, a mãe do pimplinho

- Porquê?

e durante um momento o ourives a exhibir o pêssego

- São servidas?

sem que felizmente o notassem conforme não notaram as japoneiras, as vespas, um restinho de muralha derivado às sombras e ao ângulo do piano, o barco dos bombeiros com o meu tio entre eles a descer a rua de lanternas acesas, a minha mãe receosa que eu me aproximasse do ourives a procurar-me o braço, obrigando-me a correr ao seu lado na banda dos choupos ela que na época do pimpolho deixara de se mover da poltrona salvo à noite quando a ajudava a deitar-se

(- Ajuda-me a deitar-me)

372

no sótão as rolas, não os grilos de Santarém, a proibirem o sono medida que para lá das portas que não me atrevia a abrir não sei o que me esperava, cavalos afogados penso eu, guizos de ovelhas, besouros inquietações minúsculas que coalham o silêncio, a minha mãe da

cama

Até amanhã

porque continuava a acreditar nos amanhãs, a pobre

(há quem acredite nos amanhãs e invejo-lhes a fé)

nos vimieiros primeiro foscos e depois nítidos junto à margem do rio, nas galinhas enervadas com o mundo a trabalhar em solavancos de máquina durante muito tempo parada, tudo vagaroso de início, os minutos, as recordações, as pessoas, os borregos lá se decidem a trotar no quintal onde uma folhinha de cenoura se desfaz em tremuras, a minha prima abre a janela inaugurando os campos, um dos relógios

(por sinal o da cómoda)

aborrecido com a lentidão do tempo, adianta-se aos restantes ampliando o dia, no estabelecimento do ourives

(vamos supor)

sete e dez e os colegas de imediato sete e dez também no instinto dos rebanhos seguindo o primeiro bicho que decide deslocar-se deste talude para aquele, a mesma coisa com as perdizes de azinheira em azinheira ou os gansos do merceiro que não se libertam do bando, lá vão eles de pescoço ao alto a buzinar, no Jardim Constantino, antes de o pimpolho me mandar embora, eram as tipuanas a inclinarem-se à uma apesar de nem chuva nem vento, a minha mãe a chamar-me, eu convencida que ela nova, com as botas e o avental de trabalhar na terra e ao erguer o estore, em Lisboa, uma senhora de idade cuidando que japoneiras e uma manta entre os troncos porque vi o meu tio entrar na cozinha a mostrar-lha não numa fúria, em voz baixa

(e portanto numa fúria compreendo-o agora)

- O que é isto?

cortando a manta com a faca e tombando numa cadeira a seguir, a

(o que sobrava da manta)

que a minha mãe trouxe consigo para o Jardim Constantino e depois da sua morte encontrei numa arca mais um anel que nunca lhe vi no dedo

(tive pena de não servir no meu, as articulações dela mais finas)

e um pedaço de brinco embrulhados num jornal em que também um botão de colete e um frasquito vazio, sem qualquer cheiro dentro tirando o álcool da essência mas enfraquecido, ténue, como Santarém enfraquecida, ténue, uma ilusão de castelo, a esposa do meu tio debruçada para o tanque, um derradeiro cavalo a fitar-me e a partir daí Lisboa, o pimpolho de início acompanhando a mãe e nas últimas visitas sozinho, crescido, impaciente, a máquina de costura a ensurdecer o andar com a agulha

(tic, tic, tic)

imitando os relógios, o pimpolho à entrada do cubículo, nos intervalos da agulha

- Tem até ao fim do mês para sair de cá

o que não me preocupou dado que o homem de que escrevia o nome sempre ausente da loja, a senhora dele, tão solitária quanto eu, a suspirar ao balcão pedindo desculpa de se enganar nas linhas, a procurar nas algibeiras o lenço que trazia nos dedos, a sorrir-me ao descobrir o lenço numa alegria desditosa, exactamente o sorriso

(presumo eu)

que acharia na minha mãe se lhe exibisse a manta, o que será feito dos choupos, dos grilos, do cemitério antigo cercado de mimosas, aqui onde habito dá-me impressão que o mar, ondas que não consigo ver mas cujo som adivinho, estevas rasteiras, chorões, o que talvez sejam penedos a seguir a um muro, a mãe do pimpolho entrava na saleta e os retratos da camilha

- Esta quem é?

uma descendente, uma vizinha, a neta de um empregado nosso, o arrieiro, o cortador, o que se ocupava dos porcos ou então uma órfã do pensionato das freiras, uma antiga aluna da catequese na igreja, uma

374

mulher sem marido porque não usa aliança, percebia-se que se penteava e mudava a roupa na ilusão de agradar-nos, que penteava e mudava a roupa ao pimpolho, a minha mãe Um biscoito?

a ordenar-me Chega aí a lata

e o pimpolho, proibido pela mãe de aceitar, dividido entre a gula e o receio, a mãe do pimpolho antes que a gula vencesse

- Ele não tem fome madrinha

e a lata fechada a regressar ao armário com o pimpolho, ainda que parado, saindo de si mesmo a acompanhar-lhe o trajecto, lembro-me dele quando o meu corpo acompanha as marés para além das estevas, dos chorões, dos penedos, lembro-me da insónia dos cavalos toda a noite a fitar-me e não me lembro há quanto tempo o pimpolho me mandou embora do Jardim Constantino, vinte, vinte e cinco anos, trinta nem o que querem dizer vinte, vinte e cinco anos ou trinta para mim que desconheço os que tenho se pensar na minha idade, suponho que setenta ou oitenta na tarde em que o pimpolho

(porque era tarde, era verão, recordo-me das nuvens, não muitas, duas ou três de leste para oeste no sentido da água, o pimpolho desinteressado das nuvens e eu quase sem escutá-lo derivado a que uma delas de bordos rosados, não a via desde Santarém, no ano em que o solicitador faleceu)

- Tem até ao fim do mês para sair de cá

enquanto continuava, como desde criança, a examinar o armário onde fechávamos os biscoitos sem coragem de prová-los, ele a falar comigo e eu a pensar que devia pegar-lhe ao colo, brincar com ele, distraí-lo, perguntar-lheApetece-te os biscoitos?

não, perguntar-lhe Continua a apetecer-te?

375

cordas num pontão sob as gaivotas na mira que o pai um dia destes ali, afiançar-lheO teu velho vai chegar

sem me ralar que eleTem até ao fim do mês para sair de cá

porque não era este segundo andar do Jardim Constantino que ele queria, era um comboio voltando de França, um gesto nem que fosse a enxotá-lo

- Trambolho

e o pimpolho que você diz ser seu pai contente, sossegado, a trotar na direcção do capacho quando alguém se aproxima, toma um biscoito da lata, aproveita, mastiga, a mãe dele não

- Vê lá como te portas

visto que ele adulto, sem mãe, barcos que não me incomodavam há séculos principiaram a descer a rua de lanternas acesas, a minha dúvida sobre se eram os cães ou as mulheres que choravam, reflectindo melhor nem cães nem mulheres, os arbustos do Jardim Constantino na chuvinha de outubro, um vendedor de hortaliça, apeteceu-me escrever o nome do homem nos vidros ou erguer a tampa do piano e experimentar uma nota

(aguda, grave, que me ralava a mim)

para que qualquer coisa connosco, uma nota ecoando muito tempo até se aparentar às ondas que suspeito existirem para além das estevas, hoje por exemplo antes de você chegar uma arvêloa, que é sinal de água, empoleirada naquele cacto

(o único que existe)

com a florinha azul, nevoeiros, baías e tudo isto, se assim me posso exprimir, na arvêloa poisada no cacto com uma flor azul, há alturas em que espero a semana inteira por ela, chego a queixar-me à minha colega de quarto, apontando-lhe a flor deste lado do muro

(há outras por aí)

376

(não me atrevo a jurá-lo)

que mais arvêloas a seguir ao rebordo de pedra, a minha colega trocou os óculos de perto pelos óculos de longe

(e por um instante os óculos do ourives a comer o pêssego, um instante mais fugaz que em geral os instantes levando-me a admitir que inclusive as recordações nos vão abandonando uma a uma, pergunto-me o que ficará quando todas se tiverem ido)

a minha colega com os óculos de longe e servindo-se dos óculos de perto a fim de designar o cacto

- Arvêloa?

não acreditando que alguma vez as ondas a quatrocentos ou quinhentos metros de nós, amarelas, brancas, vermelhas, cor de lama quando afogavam cavalos, giravam, vimieiros e um boi abraçado a um tronco que protestava no vento, a minha colega que não sabe nada de barcos

(o que ficará quando todas as recordações se forem, até o nome do homem que vou escrevendo com o dedo, em momentos de desânimo penso que o nome errado, comparo o nome escrito com o nome que lembro e decido aperfeiçoar uma vogal como se aperfeiçoando uma vogal aquele nome de facto)

a minha colega que não sabe nada de barcos, ignora os sapos, as cheias, os frangos que bicavam os caixilhos procurando entrar, a substituir os óculos de longe pelos óculos de perto e com os óculos de perto

(lá está o ourives de novo, não tenho culpa, é assim)

os olhos dela enormes, veiazinhas, saliências mas nenhuma lanterna que descesse a rua, um quarteirão qualquer de Lisboa

(não o Jardim Constantino, esse conheço-o bem)

onde prédios de azulejo, varandas antigas

(quase Santarém palavra, onde quer que vivamos pouco muda não é?)

377

me meteu na ideia ter morado ali antes da cama mesmo ao lado da minha, aos domingos passeios com a família na praia

(porque há-de haver uma praia, areia, desperdícios, um sítio onde as arvêloas ninhos)

aposto que um almoço na esplanada

(o que eu não dava por um almoço na esplanada)

e ela feliz com os reflexos, as cores, essas coisas no género

(paquetes por exemplo)

que não consigo ver reduzida a um cacto com uma florinha azul e à arvêloa que ultimamente tem andado arredada, em certas alturas, de manhã sobretudo, quando a coluna me incomoda menos, se calha demorar-me à janela informo a minha colega

- Voltou

referindo-me ao pássaro, atendendo às circunstâncias a que poderia referir-me, eu segura que a arvêloa

- Voltou

nós duas como namoradas de cabecinhas unidas e vai na volta um galho de avelaneira que nunca vi com avelãs, promessas de botões que desistem, se esfarelam e pronto, um papelito ou uma folha a dançaricar sem descanso entre a janela e o cacto, peço desculpa à minha colega

- Enganei-me dona Ofelinha toda a gente se engana

a minha colega desiludida porque um pássaro, seja qual for, é uma novidade na monotonia em que estamos, pequeno almoço, quarto, almoço, quarto, missa, quarto, jantar, quarto, confissão à sexta-feira e arroz-doce ao domingo, a minha colega volta a substituir os óculos de longe

pelos óculos de perto e eis os olhos enormes, o tapume escondendo os restos do que antigamente uma casa, as tais pedras, os tais barrotes, a tal chaminé que teimava

- Habitou aí dona Ofelinha?

canos ao léu, ervas ruins, um alguidar ao contrário, quem me garante que o Jardim Constantino não uma miséria também oculta pela

floração. ai a arte rara

378

(mesmo que não arvêloa, um papelito, uma folha) que traz consigo a ideia do mar, barcos com lanternas rua abaixo, uma mulher abraçada aos vimieiros num grito parado, há ocasiões em que acordo de noite, dou conta do silêncio à minha roda, do meu tio

- Cala-te

e imagino que esse grito o meu grito, o meu tio

- Cala-te

enquanto não sei o quê acontece e logo a empregada

- Queres assustar as outras velhas tu?

empurrando-me contra o colchão como o meu tio me empurrava, o mesmo aviso na minha orelha

- Cala-te

o mesmo queixo no meu pescoço

- Cala-te

o mesmo corpo no meu que doía, julgava que ia chorar e não lágrimas, um cão a morder-me a barriga, deixava de doer e afinal eu inteira, doía de novo porque o cão, porque dedos, não mandíbulas, dedos

- Cala-te

(durante o dia nenhum cão, o meu tio Sai daí

e no Sai daí

uma pressa idêntica ao

- Cala-te

eu sem entender

- Você é um cachorro ou uma pessoa senhor?

comia como eu, falava, ao piorar do sangue a expressão dele tão ansiosa

- Não vou morrer Mariana?

e portanto você uma pessoa senhor)

379

- O teu tio

o ourives um anel ou o pedaço de um brinco, o meu tio

- Sai daí

a empregada a soltar-me

- Estou farta de vos aturar carcaças

doze ou quinze carcaças de cavalos afogadas na sala de estar, demasiadas bochechas, demasiadas orelhas de súbito alerta escutando o que não há, mandíbulas que não cessam de insistir em perguntas sem voz, uma delas amarrada à cadeira por tiras de lençol e a empregada

- A professora de francês

que de quando em quando anuncia por uma fracção da boca

(do que terá sido a boca)

-Je crois en Dieu

alguns queixais, a língua

(não bem a língua mas uma língua)

e se afunda de novo, a professora de francês moendo verbos, pronomes até que um músculo ou um tendão no pescoço se cansava e calava-se, não família como a minha colega, uma irmã que se plantava à sua frente arrastando um tripé

- Não me conheces Adélia?

numa decepção zangada, exhibia-lhe um retrato (parentes que levantavam as cabeças desgostosos)

- Diz-me quem é este Adélia?

o nariz da professora de francês desviava-se para longe, aborrecido, uma melena decidia existir de repente na testa morta e escapava-se do gancho, a melena enérgica e a professora de francês, com os seus verbos e os seus pronomes, insignificante ao lado, a irmã tomando-nos por testemunhas

- Nem o paizinho lhe importa

num ressentimento sem fim, se me mostrassem o retrato do ourives.

380

tenho uma carta dele para mim que a minha mãe rasgou, tentei unir os pedaços e em lugar de palavras dinheiro, duas notas numa página em branco, julgo que não vou esquecer a minha mãe a fitar-me, a insónia dos cavalos defuntos que me olhavam, olhavam

(quase lhes escutava o galope)

os cavalos tão gordos girando

-Mãe

quis agarrá-la

-Mãe

e ela a furtar-se

- Larga-me

dando ideia que o ourives em mim, eu que não tinha um pêssego, não lho estendi

- E servida?

eu catorze anos se tanto, nunca passei nas japoneiras consigo senhora, nunca estendi uma manta no chão, lhe ordenei

- Cala-te

conforme suponho que os homens, corpos tão pesados que susto, cães que mordiam, mordiam, arrancavam pedaços e dor, depois não dor, depois dor, não mandíbulas, dedos separando, rasgando, o aviso na orelha

- Cala-te

repare que não é o ourives mãe, é a sua filha, sou eu, o pimpolho a trotar para um rolo de cordas no pontão na esperança que um sujeito de chapéu a fumar enquanto eu que não espero nada a não ser o mar numa arvéloa aqui, não com aquele cujo nome escrevo nos caixilhos, aqui, a ocupar-me de você, a fazer-lhe o comer, a limpar-lhe o andar, a ajudá-la senhora, um dia destes viajamos a Santarém prometo e espreitamos a casa, as oliveiras partindo uma a uma, de mistura com as ondas, na direcção de Lisboa, os toiros que nos seguiam imóveis, deitados na erva, com aquela cara deles que conversa connosco sem

4

381

- Vão matar-nos não é?

vão matar-vos depois da corrida nas palhas urinadas dos chiqueiros, onde vocês os não vêem, com um martelo e um espigão na nuca consoante o pimpolho me matou, o piano acho que com pena de mim

(quem vai matar o piano?)

Cuidado

logo que a fechadura zac zac, a porta a abrir-se sozinha, a máquina de costura suspensa

(julgo que menos preocupada que o piano)

o brilho da terrina ora no sofá ora na cómoda ora na camilha dos finados, eu

(que idiota)

devia ter percebido, adivinhado, opor-me a que entrasse, chamado em meu socorro os parentes das molduras

Sempre Queridos

a fim de que expulsassem o pimpolho na direcção do capacho mas não por tu, por vossa excelência, na época deles respeitos, educações, cerimónias

Se nos permite a opinião não desejamos a presença de vossa excelência a importunar-nos por cá

e o pimpolho, que remédio, a obedecer açudado por bigodes, bengalas, sobrecasacas solenes

mas infelizmente para mim os parentes calados, a porta abrindo-se sozinha e os colarinhos com goma indiferentes, a nota do piano, intimidada por eles, a calar-se

- Não era nada enganei-me

a terrina em sossego fazendo que não via, a serenar-me, a mentir

- Não é nada descansa

e o pimpolho junto à poltrona como se a mãe a acompanhá-lo e ele dois ou três anos diante do telão que representava a princesa do laçarote no cabelo a remar num barquinho, a mãe do pimpolho

Ele não tem fome madrinha

382

Este quem é?

um descendente, um vizinho, o filho de um empregado nosso e que empregados senhores, o arrieiro, o cortador, o que se ocupava dos porcos

(uma faca no pescoço e eles suspensos no alguidar a sangrarem gemidos)

um órfão do pensionato, um antigo aluno da catequese na igreja

(São Mateus, São Marcos, São Lucas, São João)

em todo o caso filho de uma mulher sem marido porque não traz aliança, percebia-se que se penteava e mudava de roupa na ideia de agradar-nos e não nos agradava, uma pobre

- Não nos agradas és pobre

nós terra, gado, criação, nós cavalos ainda que inchados de água e com os artelhos no ar, a insónia deles toda a noite a espiar-nos

(ouvia-se-lhes o galope na lama dos campos, isso que escutas não são vimieiros, não entendes nada de bichos, são os cavalos que voltam)

podia pegar no pimpolho ao colo, brincar com ele, distraí-lo, perguntar-lhe mostrando os biscoitos

- Apetece-te?

mesmo agora que ele o dono do segundo andar no Jardim Constantino e eu a inquilina, a hóspede

- Continua a apetecer-te rapaz?

ajudá-lo a não se afligir com um rolo de cordas no pontão sob as gaivotas na esperança que o pai um dia destes no Beato O teu velho vai chegar

não me aborrecendo que ele Tem até ao fim do mês para sair de cá

porque não era este apartamento que ele queria, a noite desde as três horas no inverno, este bairro, estes trastes (quem pode querer estes trastes?) era um comboio voltando de França e um cotovelo a enxotá-lo

383

pontão, não a minha mala na escada, os teus dedos no meu braço, o cego do primeiro andar

calculando o capacho

- Boa tarde

os passos do pimpolho, os meus passos, eu

Um biscoitinho, menino?

de forma que não tenhas pressa, aproveita, mastiga, a tua mãe já não

- Vê lá como te portas

uma vez que a partir de certa altura as mães desistem ou perdem-se algures, tanto faz, e continuamos sozinhos, na loja do homem de que escrevia o nome

(se calhar não o nome dele, o nome do ourives, desculpe senhora, não fiz por mal, foi sem querer, saiu-me o nome do ourives)

na loja do homem de que escrevia o nome o homem a olhar-me

(nunca me olhara antes)

eu a entrar para a ambulância

- Como te chamas tu?

euDiz-me o teu nome depressa que esqueci como te chamas

euQuero escrevê-lo como deve ser como te chamas depressa

o homem continuou a olhar-me ao fecharem a ambulância, o pimpolho ao lado do chofer, um sujeito de bata branca comigo e isto há vinte, vinte e cinco anos, trinta, contem-me o que significam vinte, vinte e cinco anos, trinta eu que ignoro os que tenho, o mais antigo que lembro são vimieiros a rodopiarem na água, um boi quebrando as patas num tronco, folhas na boca, caniços

(- Como te chamas tu?)

o rio que ultrapassava a vinha numa pernada e alcançava o quintal, não sei se eram os cães ou as mulheres ou eu quem chorava no corredor

(eu não, nunca choro)

384

e levar-me consigo, se apagarem o fogão a casa morre conforme na ambulância o segundo andar do Jardim Constantino morreu e conforme nos sucede morrer se os relógios se calam visto que se alguém impedir o movimento de um pêndulo nenhum de nós respira, as costelas bem tentam e o ar a fugir-nos, o sujeito de bata brancaÉ para seu bem madame

nãoCala-te

não um aviso na minha orelha, um gestozito maçado

- E para seu bem madame

e um portão, uma rampa, narcisos, o pimpolho para a empregada

- Aqui está a sua prenda

não japoneiras, não vespas, não metade de um pêssego

- Es servida?

aqui está a sua prenda apenas e a empregada a receber-me a bagagem

(pode chamar-se bagagem?)

a certeza que o mar pelo cheiro do vento, eu para o pimpolho, eu com esperança

- E o mar?

dado que só podia ser o mar, as ondas acolá depois do cacto no muro, os gansos do merceeiro de pescoço buzinando, a professora de francês

- Je crois en Dieu

e a desaparecer em si mesma, não me incomodava a professora, não me incomodavam as colegas, não me incomodava a empregada, o quarto, as duas camas, o sujeito de bata branca

- É para seu bem madame

não me incomodava o arroz-doce dos domingos com as iniciais em canela, as que escrevo no vidro e são o nome do homem da loja que não me doeu nunca, não reparava em mim e no entanto eu para o

385

e de certeza o mar derivado a que junto ao mar as arvéloas, fazem ninho nos penedos, chocam os ovos numa cova, não cantam, há vinte, vinte e cinco anos, trinta

(não interessa)

que a arvéloa ali, eu ali, o pimpolho a conversar com a empregada, a empregada impaciente comigo

- Não morres?

e não morremos nunca nós que o Tejo ao subir não transformou em cavalos, aqui está o cheiro das minhas crinas ao acordar de manhã, os meus dentes compridos, as minhas narinas redondas, hei-de reconhecer os janeiros

(dúzias de janeiros prometo)

pela pressa das nuvens, chegue comigo à janela, dê-se conta, perceba, se tivesse uma lata de biscoitos estendia-lha

- É servida?

o seu pai havia de gostar que eu para si

- E servida?

embora nunca me fale das filhas, fala-me de Sintra, de Tavira, de uma hospedaria na Graça, por vezes a cara dele mudada Não a pus aqui por mal acredite

e um embaraço, um aceno ao acaso Não a pus aqui por mal teve de ser compreende?

o pimpolho coitado no Jardim Constantino mais a esposa e a sua irmã e você, ultimamente não sei onde pára, não me visita, esqueceu-se, não faleceu, era o que faltava, deve estar no pontão em que um petroleiro persa, albatrozes, infelizmente para ele não o mar dado que o mar um cacto com uma flor azulinha, uma arvéloa, o mar não mais que um cacto, uma flor azulinha e uma única arvéloa

(uma arvéloa basta)

o mar a seguir ao muro e um dia destes o pimplho e eu sentados na praia sem necessitar de confidências, conversas, sem necessitar de mais nada senão permanecermos os dois, se fôssemos mais novos

386 (

junto a uma rocha a ver-me

- Cumprimenta esta senhora rapaz)

tentando um sorriso, conseguindo um sorriso e escondendo-o, de imediato, na timidez da manga.

SEGUNDA VISITA

Já agora, e se é mesmo seu pai, por que motivo o pimplho deixou de repente de me visitar diga lá? Nem uma carta, uma explicação, uma palavra, o banco que trazia do corredor para conversar comigo, esse onde você se senta, vazio, por mais que o olhe vazio, decido fingir que me distraio, observo o cacto, oiço o mar, não dou pelo pimplho que entretanto abriu a porta, avança em bicos de pés como se eu a dormir

(para me fazer uma surpresa coitado)

espera em silêncio, quietinho

(porque ele uma criança, tão tímido)

que eu repare na sua chegada

(nós ao mesmo tempo aqui e no Jardim Constantino)

reparo

(com pena de não haver uma lata de biscoitos, toma)

para lhe fazer a vontade

(- Vieste há muito tempo pimplho?)

e ninguém, a porta fechada, eu sozinha, as ondas se calhar ondas

nenhumas, vem numa tábua.

388

dado que me detestam conforme detestaram a minha mãe Nas japoneiras com o ourives que horror

não me querem feliz Deixaste-nos ficar mal desiludiste-nos

(no Jardim Constantino o ruído da máquina de costura quase imitava a água a retirar-se e a crescer, o assobio dos penedos)

às vezes ao entrar no quarto penso em ocupar o lugar do pimplho, dizer-me

- Boa tarde

para sentir que nós dois juntos na sala, a mãe dele e a minha

(Sempre Queridas)

falando não sei de quê sem atentarem na gente, o pimplho um catraio

(- Vê lá como te portas)

e eu que a minha mãe preferia esquecer desculpando-se aos parentes

- Minha filha essa?

na ideia de convencê-los

- Uma hóspede

os defuntos a levantarem em silêncio as cabeças desgostosas, a minha mãe

- Precisava de uma empregada que me ajudasse na casa

e as cabeças censurando-a, a fotografia de um senhor de panamá enriquecido no Brasil, procissões de que se percebiam anjinhos, andores e o resto uma mancha cinzenta, o pimpolho e eu neste quarto aguardando que a arvéloa, anunciava-lhe

- Daqui a pouco uma arvéloa

e você que não se preocupa com pássaros a quem eu igualmente

- Daqui a pouco uma arvéloa

a recusar a arvéloa com o enfado dos ombros, você não parecida com ele, não preocupada connosco

389

- Conte-me de uma criança

a trotar sem destino sob a pressa das gaiivotas num bairro de hortazinhas, traineiras, eu com vontade de perguntar-lhe, de costas para a janela, quase de costas para si

- Nunca lhe falou de nós o pimpolho?

e calada, não na mira de uma arvéloa e ondas, sem esperar seja o que for e fazendo de conta, até para mim mesma, que espero, sabendo que um dia destes eu uma moldura na camilha, pequena, atrás das outras, a única sem nenhum

Sempre Querido

por baixo, em relação à qual ninguém

- E essa aí quem era?

e portanto o segundo andar do Jardim Constantino deixando de existir ainda que habitem nele (habitarão nele?)

os móveis outros móveis, os azulejos da cozinha mudados, as cortinas diferentes e não o segundo andar do Jardim Constantino, uma casa que não conheço e me não conhece, outros arbustos, outras árvores, nenhum cavalo morto a fitar-nos, nenhuns telhados submersos, você

- Conte-me do meu pai

para que lhe fale de si, você como se não soubesse

- Conte-me da mulher com quem o meu pai se encontrava

para conseguir entender quem são os homens que encontra, ou se

já o marido da sua irmã

- Cunhadinha

seja o economista do emprego a quem você

- Não me levas ao circo a assistir aos palhaços?

e o economista deixando de vestir-se, surpreendido

-Ao circo?

por não poder dar conta que o pimpolho de nariz escarlate e cabeleira ruiva entre eles, sempre o último da fila, o mais apagado, o mais tímido, você indignada com

390

que talvez só eu e a mulher com quem se encontrava aceitássemos conforme aceitávamos o comboio de França e o pimpolho na estação continuando connosco, aceitávamos que espiolhasse as carruagens, sem tempo para nós, mesmo na hospedaria da Graça ou em Tavira ou em Sintra, receando que o pai dele

- Trambolho

conforme você sem palavras nos almoços de domingo

- Trambolho

e o seu pai a escutá-la dado que apesar de não escutar a sua irmã a escutava a você, o pimpolho de caneta no jornal

(as brancas jogam e ganham)

lembrando-se, ao ritmo de uma máquina de costura que não trabalhava já, de uma lata de biscoitos, lembrando-se de mim a quem a empregada ajuda à tarde a instalar-se na cadeira

- Agora ficas aí

e o cacto e o muro e o homem de que escrevia o nome

(ainda que tivesse esquecido de como se chamava, ainda que com

letras erradas era o nome certo que eu escrevia)

pela primeira vez, agora que estava morto, a acenar-me da loja,

uma tarde em que nenhum cliente eleEspere

(ou euEspere?)

uma tarde em que nenhum cliente não estou certa se o homem se eu, acho que eu

Espere

quando se afastou do balcão eu (estou certa que eu)

Espere

e o homem

Perdão?

391

o Tejo lá em baixo, guizos de ovelhas à saída da vila, cheiros que se demoravam nas coisas ao

demorarem-se em mim, o armazém da loja não a seguir ao balcão, ao lado do que deveria ser a casa onde vapores de fritos e a esposa dele, eu que nunca tive forças para mandar fosse em quem fosse, continuo a obedecer à empregada, às empregadas Levanta-teSenta-teCome

e levanto-me, sento-me, como, eu a apontar-lhe o armazém isto é uma espécie de arrecadação na qual volumes, facturas, eu para o homem

- Acolá

(esse pássaro no muro não uma arvéloa, um estorninho, a arvéloa mais tarde, antes da noite, quando as sombras da parede aumentarem deste lado com a sombra de um abeto a oscilar em cima)

o homem sem mover-se, cansado

- Esqueceu uma moeda do troco senhora

(dúzias de estorninhos e não distingo a árvore em que moram, um carvalho, uma olaia, dizem-me que uma dúzia de olaias que são sinal de mar)

a moeda do troco no balcão e eu a desprezar a moeda, a ordenar-lhe

-Acolá

consoante o seu pai

consoante o pimpolho para a mulher na hospedaria da Graça

(não é isto que lhe interessa, saber que o seu pai a preferia?)

-Acolá

no seu caso nunca

- Acolá

a mão que não se atrevia a pegar-lhe a começar o movimento, a desistir e ele a impedir-se que um sorriso, um convite, a impedir-se o

392

era isto confesse, o pimpolho para a mulher

- Acolá

e acolá uma colcha torta, a trepadeira nos caixilhos a aumentar com o vento, não um hotel, não uma pensão, uma hospedaria barata no alto da cidade e não se via o castelo nem o rio, viam-se larguinhos, escadas, o seu pai às quartas-feiras a hesitar, a esconder-se

(durante cinquenta e dois anos a hesitar, a esconder-se)

e mal você distraída a entrar, a mulher que ele conheceu antes de conhecer a sua mãe, julgou ter morrido no sanatório em Coimbra

(o pimpolho fora do gradeamento

- É aqui)

onde o não deixavam entrar, uma freira no topo dos degraus

- Vá-se embora

chamando um maqueiro e o maqueiro

- Quer adoecer amigo?

a freira ou o fantasma de uma freira

(o terço à cintura, o crucifixo)

uma campainha algures a convocar os mortos

Sempre Queridos

obrigando-os a sair de uma dúzia de camilhas e a caminhar corredor fora erguendo as cabeças desgostosas, todos eles com os meus olhos, o meu tio, o ourives, crianças de vestido antigo com sorrisos quase intactos de velhos

(quando faleciam em Santarém a idade delas mudava trazendo a lama das cheias no pescoço, na boca)

de tempos a tempos um cordeiro à deriva, uma oliveira sem raízes na direcção de Lisboa, senhoras de gola de renda surpreendidas com o pimpolho

- Sabes o nome deste Clotilde?

a pressa mole das vacas, águas de sombra percorridas por barcos de lanternas acesas enxotando o seu pai.

393

- Vá-se embora depressa

eu na cadeira perto da janela e ele nesse banco onde você se senta vendo-os passar um a um, o que nos pareceu a mulher da hospedaria da Graça com eles

(ainda não da hospedaria da Graça nem de Tavira nem das acácias de Sintra, uma rapariga ou nem uma rapariga, uma menina de vestido de comunhão solene encostada à mesa de pé-de-galo em que uma bailarina de corda girava)

e o pimpolho neste mesmo quarto

- Ela não

o pimpolho

(não uma ordem, o seu pai a pedir-lhe)

- Não te separe de mim

e por consequência a mulher com pena dele

(o seu pai achava que com pena dele)

todos os agostos dois toldos a seguir ao vosso em Tavira conforme duas ou três mesas

(ou quatro, ou cinco)

a seguir à vossa na esplanada à tarde, as ondas do Algarve menos ásperas, mais claras, não as minhas ondas em que você não acredita dado que este bairro

(na sua opinião)

demasiado longe do mar, o mar no outro extremo da cidade e não bem o mar, o rio, ou seja o convés de um petroleiro a vibrar ecos e ecos, bebés abrindo as goelas de fome

(dêem-lhes peixe cru e assim)

as pedras e a terra

(não areia, terra)

protegendo os esgotos, o mar evidentemente que não um cacto nem uma florinha azul com uma arvêloa em cima, o mar juntas de bois na praia, marinheiros parecidos com a dama de espadas falando um latim de lápides de igreja a que faltavam letras e o rei à espera deles.

394 Estás a rir-te de quê?

quando ninguém se ria de nadaEstás a rir-te de quê?

e a secar-se na manga, a chuva apenas na cara dele, não em nós, o barco afastava-se a tossir e o primo Casimiro lá em cima entre dúzias de primos Casimiros secando-se na manga

- Estás a rir-te de quê?

quando eram eles que se riam, não com a boca, a boca séria

- Vais ficar a pensar nele a vida inteira pequena?

os dentes rindo sozinhos, dentes de cavalo de quando o Tejo subia, o meu tio

- Cala-te

e dor, depois não dor, depois dor, esse cheiro de abrirem a goela do porco feito de berros, tigelas de sangue, pedaços que tombavam na selha, eu vestida desse cheiro, eu esse cheiro e como eu esse cheiro eu para o homem de que escrevia o nome nos caixilhos mostrando-lhe o armazém

- Acolá

o homem cujo nome nem lembro embora continue a escrevê-lo letra a letra no vidro

- O seu troco

sem me escutar ao ordenar-lhe

- Acolá

ou então segredando ao pimpolho que eu

- Acolá

e o pimpolho a ambulância, o sujeito de bata

- é para seu bem madame

este muro com o cacto, a arvêloa e portanto o mar, mesmo sem a janela aberta dá-se fé das ondas, um sonzinho de cacaracá no entanto nítido, óbvio, eu para a minha colega de quarto

- As ondas

395

Ai sim?

e mesmo que não acreditasse o mar, a linhazinha do horizonte com um pacote ou isso, no pacote o primo Casimiro

- Estás a rir-te de quê?

porque não era ele quem secava a chuva da cara, quem tentava sorrir sem conseguir sorrir
(- Vais ficar a pensar nele a vida inteira pequena?) era eu, a empregada para você, sem me dar atenção

- Não lhes dê atenção que inventam coisas com a idade sabia?

inventou por exemplo que a senhora em lugar de assistente social
(assistente social?)

a filha do sujeito que a trouxe

- E para seu bem madame

e faleceu há uns meses o pobre, provavelmente nem casado nem filhas, umas latas de biscoitos, uns mimos, se por acaso um comboio interrompia-se à espreita, mal o comboio

- Então chau

desculpava-se para mim afastando o ar com a mãozinha

- Que tolice perdoe

aturava-lhe as fantasias, interessava-se por ela e a internada

- Pimpolho

como se ele um parente, um afilhado, um sobrinho e se calhar um afilhado ou um sobrinho dado que a internada lhe conhecera a mãe, lhe estava a par da infância, se preocupava

- Não voltaste ao Beato?

mentionando fotografias de noivas numa loja qualquer, noivas ou gaivotas que surgiam da montra, num bando de grinaldas, aos círculos no tal Beato, remexendo na margem a enodoar os vestidos, o sujeito paciente como se concordasse com ela

(embora atento às carruagensQue tolice perdoe)E verdade

396

(moraria?)

e lá vinham um piano, terrinas, a mãe dela numa poltrona entre xales abismada com o sujeito

- Cresceu tanto este ano

lá vinha o Ribatejo

(ela que eu apostava ter nascido em Lisboa)

sob a forma de uma aldeia perto de Santarém onde os sinos a prevenirem das cheias até a água os calar, vimieiros em que se empoleiravam cabrinhas, soalhos baloiçando, o tio dela
(outra invenção, tudo inventado garanto-lhe)

- Cala-te

a empurrá-la contra o travesseiro conforme você deveria fazer (conforme eu faço) espaçando-lhe no ouvido (tão surda com a idade)

- Cala-te

à medida que a arvéloa em que nunca acreditei no fim de contas ali, na flor azul do cacto, provavelmente coincidência

(coincidência de certeza)

mas a arvéloa ali, não me encare dessa maneira dando a entender que não nota olhe que a arvéloa ali, não me diga que um papel ou uma folha dado que nem papel nem folha, a arvéloa ali, o resto mentira mas o idiota do pássaro a sério, cinzento ou castanho repare, com uma caudazinha espetada

(a arvéloa ali)

tudo o resto imaginado é evidente porém a arvéloa ali, imaginou a vida dela e a vida do sujeito, a esposa, as duas filhas, o Jardim Constantino, o homem que escrevia o nome nos vidros

(ela que escreve um nome que não se entende, feito de letras ao acaso, com a teimosia do dedo)

inventou a mulher com quem o sujeito às quartas-feiras numa

397

(a cabeça tão estranha)

acácias numa azinhaga de Sintra e um toldo em Tavira, o sujeito sem a contrariar, por educação ou por dó

É verdade

eu para que me deixe em paz que tenho a professora de francês à espera e Deus do lado dela, desconfiado de mim

É verdade

a ouvi-la, ao afastar-me, continuando a sua história para a colega do quarto

(a arvéloa mudou-se para o muro numa espécie de pulinho, ainda que não haja o mar a arvéloa autêntica)

de forma que não acredite, não lhe dê atenção, faça o seu trabalho de assistente social, vá-se embora antes que as águas principiêm a subir, lhe alcancem os joelhos, a cintura, os ombros, você a mudar de quarto e as águas perseguindo-a, a esconder-se na cozinha e na cozinha um ourives com um pêssago na mão

És servida?

(não bancadas, não loiças, japoneiras) você cujo pai faleceu há dois ou três meses (o marido da sua irmã ao telefone não Cunhadinha

não Esta tarde passo por aí cunhadinha

não quase a troçá-la, solene e vocêO que se passará contigo?

o marido da sua irmãO teu pai)

você não gostava dele, suportava-o porque a gente não é, porque a vida não é, porque em certas alturas (detestamos confessá-lo) suportamos qualquer coisa tanto faz, você demorando a perceber

-Não você

- Está a vingar-se de mim é mentira

da sua indiferença, da sua irritação, do modo como se despedia de cara na parede

- Some-te

enjoada do marido da sua irmã e de si, enjoada de si, do médico a insistir em radiografias, exames, acompanhando-a à porta

- Não vale a pena assustarmo-nos antes dos resultados tudo o que

lhe posso dar são hipóteses

e a cólica de tempos a tempos, nem sequer uma cólica, mais impressão que cólica, você a dormir e a impressão -Olá pensava

- Uma cólica

acordava e cólica alguma, você desperta no escuro procurando com a palma

- A minha cólica?

e moita, mais um mal estar que uma náusea, um sabor azedo, um langor, você para o marido da sua irmã

- Some-te

(- Antes dos resultados)

e as pernas sem lhe pertencerem, uma incomodidade na espinha e logo a seguir incomodidade alguma, para quê as ameaças do médico, uma biópsia insiste ele, se estou bem, somente as digestões um bocadinho

(disse um bocadinho)

mais lentas, desde que me conheço os intestinos de quando em quando ou a vesícula ou o fígado, zonas nossas que protestam sem motivo

(caprichos)

li,

o coração, os diabetes, ignoro o quê nas artérias, eu bem e no interior do sono uma inquietação, uma agonia, sentar-me na sala às escuras, vigiando-me

- Estou bem

os ruídos da rua que me dão medo, passos

(- Um gatuno?)

onde não passos que alívio, não me vão roubar, eu de joelhos na boca movendo os dedos dos pés, eu dez dedos que fazem o que quero mesmo o pequeno que a calista tratava, colocou-lhe um adesivo porque uma feridinha, arranco o adesivo e a feridinha sarou, o mal estar desvaneceu-se, o médico desvaneceu-se, au revoir médico não necessito que me trates, estou

bem, digo ao marido da minha irmã que sim dado que em determinadas alturas, não sempre, em determinadas alturas

(odeio confessá-lo)

seja o que for a agarrar-me o pescoço, a suspender-me no ar consoante a cozinheira suspendia um pato ou um frango, a abanar-me o corpo morto, a largar o trapo em que me tornei no sofá e tirando essas alturas eu trapo algum, eu bem, o baton disfarça, a maquilhagem disfarça, a blusa nova disfarça, ao mudar de roupa o corpo muda igualmente, faltar à consulta, para quê a consulta se eu bem, trazer um copo de água, aproveitar, distrair-me, pegar numa revista, numa segunda revista, aborrecer-me das revistas, ligar a música e a música entristece, fico baça, turva, houve uma época em que me alegrava e agora entristece-me, mais baça, mais turva, o que existirá na música que me entristece, memórias que destingem para dentro, a preto e branco, me custam, desligar a música, eu bem, sei lá por que carga de água a música a trazer a voz do cretino do marido da minha irmã, não divertido, solene

O teu pai

eu a chegar do trabalho e uma espessura na voz dele, um exagero de teatro, uma indulgência comigo

400

conforme o médico daqui a uns tempos uma espessura, um exagero de teatro, uma indulgência comigo, a aliança no meu braço

- Um problemazinho desagradável parece-me

e cavalos afogados e ovelhas e bois, dúzias de cães a ladrarem lá fora até me dar conta que são os meus nervos que ladram

- Vão-se embora cachorros

e os olhos dos cães comovidos comigo

- A infeliz da Raquel

não, os olhos deles preocupados comigo, tentando decifrar as indulgências do médico

- O que tens tu Raquel?

esses olhos compreensivos, com pena

- A infeliz da Raquel

o marido da minha irmã para a minha irmã num exagero de teatroA Raquel

nãoO teu pai

que o meu pai acabou-se, o meu pai torrões, lixo, dado que o coração, os diabetes, uma veia do cérebro, o marido da minha irmã

- A Raquel

e não pelo telefone que não telefonava para casa (os lábios dele no meu ombro, o peito nos meus rins, o cigarro a falhar o cinzeiro, o marido da minha irmã

- Nunca telefono para casa cunhadinha não habituo mal a tua mana)

durante as notícias da televisão a minha irmã inquieta

- Aconteceu-te alguma coisa?

e o marido da minha irmã a soltar os talheres, a procurar o guardanapo, a preparar-se porque o apartamento um palco e por conseguinte cuidado com a entoação, o ritmo, o marido da minha irmã

401

eu distraíndo-me deles a pensar numa árvéola e pensando numa árvéola logicamente o mar, o meu pai a esquecer o problema das damas ele que não esquecia o problema das damas

(as brancas jogam e ganham)

o meu pai vivo e a prova que vivo consiste em que o meu pai

- Raquelinha

o meu pai que jamais Raquelinha

desta feita Raquelinha

comigo no circo, os cavalos de penacho na cabeça a galoparem na pista, não os cavalos de Santarém a girarem no lodo, com folhas e raminhos e terra nas crinas mas cavalos amestrados que estacavam, mudavam de direcção, galopavam de novo, ajude com os seus dedos pai, aperte onze vezes os meus, se apertar onze vezes os meus o médico

- Nenhum problemzinho desagradável parabéns tire umas férias

descanse

de maneira que dispenso a árvéola

- Podem ficar com a árvéola

cesso de ouvir a internada a falar do pimpolho na hospedaria da Graça, nas acácias de Sintra, em Tavira embora a sua vida me intrigue senhor, porquê uma mulher e qual mulher e onde, o marido da minha irmã a vingar-se de mim porque lhe furtei o joelho e lhe disse que não apesar da gente por vezes, o marido da minha irmã dias depois do funeral, numa espécie de desdém

(a água de colónia dele meu Deus, o suor dele meu Deus, o pânico que eu grávida dado que me atrasei dois dias, uma vertigem ao levantar-me, a cintura a inchar) O teu pai não morreu no escritório nem num almoço de amigos

procurando a camisa, a gravata e a minha garganta logo Espera

um

402

mais rápido que eu, eu ainda a pensar e a garganta

- Espera

até que o resto do corpo alcançasse a garganta e ao alcançar a garganta eu a prender-lhe o pulso, eu mais baixo

- O meu pai morreu como?

demasiado baixo ou tão baixo que o marido da minha irmã quase arrependido

-Hã?

os lábios no meu ombro outra vez, o peito nos meus rins, o marido da minha irmã a molhar o indicador na língua para retirar a cinza do lençol e os elevadores do prédio estalando às guinadas, a cortina da varanda a engordar com o vento, o pó na mesa de cabeceira que a empregada não vê, no candeeiro, no abajur, pó em mim

(- Espaneje-me Helena)

um pó tão sujo em mim, não apenas da rua, outro pó muito antigo

(- Tem de lavar-me Helena de maneira que saia)

os lábios do marido da minha irmã a teimarem-me no ombro e nisto as pernas para cima e para baixo, qualquer coisa num dos pés que arranhava, insistia, afasto-o com o calcanhar, não o afasto com o calcanhar, não o afasto com o calcanhar porque eu tão esquisita de súbito, preciso que me digas

- Era mentira não lighes

o marido da minha irmã num fiozinho

- Era mentira não lighes

e o pó a crescer em mim, o pó tão sujo em mim, pó de há imensos anos, desde pequena no Jardim Constantino a pensar em fugir, a não responder aos meus pais, a esconder-me na copa, a porta deles fechada, a minha mãe a sofrer que eu bem a entendia pelas lamentações do espaldar numa cadência de relógio em que o pêndulo tac tac na intenção de enfurecer-me, o pêndulo tac tac de propósito até que a

403

e mal a minha mãe

- E se as miúdas percebem?

um atrito de roupa, a minha mãe

- Atenção

e os passos do meu pai devagarinho no soalho

(pensando melhor não me importo que o marido da minha irmã

- O teu pai)

a minha mãe escandalizada

- Não vestes o pijama ao menos?

passando hesitante, a medir-me, com uma toalha na mão, de cabelo molhado nas orelhas, na testa, um vestígio de incisivos no pescoço

- Conseguiu morder-se a si mesma no pescoço mãe?

e a expressão dela fora da cara, em mim, desconfiada ou medrosa (não sei)

a expressão em mim, se me deixassem levantava a tampa do piano e uma nota, outra nota, cada nota

- Porquê?

o piano a defender-me e mal se aperceberam que o piano a defender-me três homens

agarraram nele e levaram-no, o piano indignado

- Não quero

ao baterem-lhe a tampa numa esquina, devem tê-lo morto com uma faca, um garrote, uma seringa, o veterinário matava os gatos doentes com uma injeção na barriga de forma que o piano, atado a uma mesa, estremeceu e pronto, o ajudante do veterinário pegou-lhe por um dos castiçais, fê-lo oscilar um momento e entornou-o no balde

- Tinham mesmo que entregar o piano ao veterinário mãe?

o piano com um banquinho

(o filho dele)

cujo assento rodava, empoleirava-me no banquinho, dava impulso

com o bico dos sapatos e andava à volta, à volta, eu um cavalo de circo

a correr na pista.

404

qualquer tecla é evidente que nada, havia uns rapazes no Jardim Constantino que atormentavam os bichos e os nossos móveis coitados, cheios de roupa e de loiça embrulhada em jornais mal podiam correr, se eu para as fotografias da camilha

De quem herdámos vocês?

os parentes embaraçados, mesmo os militares que se habituam ao exagero dos tiros evitando responder, fitavam-se de moldura em moldura

(Sempre Queridos)

lembro-me de uma menina da minha idade, muito séria com um arco

(podíamos ter sido amigas, juntarmo-nos contra os meus pais)

Dizemos-lhe?

uma velhota de avental e saias compridas decidia que não dado que o queixo dela a mover-se e os militares a contragosto, porque desejavam ajudar-me

Desafortunadamente são ordens

a menina tentou explicar-me pelo cantinho da boca sem que os outros percebessem mas nos lábios dela, apagados, iam faltando palavras, quer dizer umas frases sim outras não e as frases sim confusas, o nome na margem da película

Adelaide

ou seja para a minha querida

(e um espaço)

com um beijinho grato da Adelaide, os algarismos da data impossíveis de reconstruir, apeteceu-me que

para a minha querida Raquel com um beijinho grato da Adelaide

muitos laços, muitos folhos, um penteado em canudos, uma pulseira que se me afigurou a que a minha mãe usava e eu a invejar a minha mãe

Dás-me a pulseira Adelaide?

405

nos laços, sobretudo sem atentar no arco e tudo estava no arco, bastava dar com o arco e entendia-se, a minha mãe a quem essas coisas escapam, por exemplo nunca compreendeu que com sete anos eu grande

- Deixe-me ajudá-la dona Adelaide espere um bocadinho cuidado
e a Adelaide

(não dona Adelaide)

a recusá-la, a Adelaide para mim

- A tua mãe não muda

e é verdade, não muda, por mais que me esforce não muda, aí está a porta dos meus pais fechada de novo, ela esquecida que tinha sofrido a sofrer outra vez

(há pessoas que não aprendem e pronto)

as lamentações do espaldar numa cadência de relógio

(tac tac, tac tac)

no intuito de me fazer perder a paciência e indignar-me com ela, o

tac tac

de propósito, o meu pai a tossir, a minha mãe desiludida

- Acabaste?

e o

tac tac

outra vez, com menos ímpeto, a perder-se, a minha mãe a acusá-lo

- Acabaste

o atrito do pijama, os passos do meu pai numa lentidão de derrota, uma desculpa humilde

- Não me sinto bem hoje

cabides no armário, mais passos, o alívio do colchão de quando a minha mãe se erguia, o primeiro chinelo, o segundo chinelo que demorava a descobrir

- Está para nascer o dia em que te sintas bem tu

se ao menos se sentisse bem às quartas-feiras pai na hospedaria da

406

um galho de trepadeira informou-me a internada, rapazes de cabeleira postiça, a dona da hospedaria a comunicar por um tubinho hálitos difíceis em que boiavam ordens, a mulher para o meu pai, nunca por tu, por senhor, num cochicho compassivo

(lembro-me dela em Tavira)

- Aguentamos uns minutos e vai ser capaz acredite

(as brancas jogam e ganham)

o meu pai a assoar-se e no momento de assoar-se se tivesse uma arvéloa dava-lha, lembro-me da mulher em Tavira numa cadeira de lona dois toldos a seguir ao nosso, ao fim de alguns anos cumprimentava a minha mãe num acenozinho modesto e esquecia-se de nós (- Aguentamos uns minutos e vai ser capaz acredite) desembulhando o crochet, um naperon acho que verde, não me recordo bem, que não acabava nunca, perguntar à internada

- Conhece-a?

e a internada a escrever um nome na janela impossível de ler Por que motivo o pimpolho deixou de me visitar diga lá?

a enfermeira endireitando-a a arredar-lhe o cabelo da testa A partir de certa idade inventam tudo não ligue

consoante eu invento esta cólica nem sequer uma cólica, mais impressão que cólica, eu a dormir e ela no interior do meu sono, decidia

- Vou acordar

movia os braços para cima onde existia o escuro, a lâmpada acesa a transformar a minha aflição em quarto, nenhuma cólica afinal, procurava com a palma

- A minha cólica?

e a cólica perdida num ponto qualquer onde a minha mãe, nova, e a minha irmã, pequena, continuam a viver num tempo que já foi e no qual vivo com elas, um segundo andar no Jardim Constantino que não encolheu ainda, eu com sarampo ou experimentando uma camisola que não entrava na cabeça e sem conseguir respirar, afogada na lã,

407 Claro que não arde não fujas com a perna que é isso?

se ao menos o médico em lugar de Um problemazinho desagradável parece-me

pegasse em mim à força, me empoleirasse numa mesa de metal branco rodeada de prateleiras de almofarizes e xaropes, me entregasse um rebuçado para as anginas

- Vai chupando isto garota

retirasse o algodão de um pote, entornasse no algodão uma garrafa que dizia álcool, ou antes não dizia álcool, dizia ál ol e o resto da tinta uma mancha castanha, aplicasse o algodão na minha cólica

- Claro que não arde não fujas com a vesícula que é isso?

uma espumazita cor-de-rosa a ferver, eu curada e portanto sem necessidade de me sentar na sala de joelhos na boca movendo os dedos dos pés um a um, eu aliviada por os dedos me obedecerem hoje

(obedecerão amanhã?)

e nisto uma aspereza nas costelas, uma incomodidade, uma náusea, procurar na casa de banho o algodão, o álcool, ralhar comigo

- Claro que não arde o que é isso?

e curar-me dado que mesmo que não cure, mesmo que o marido da minha irmã para a minha irmã numa espessura lenta, um exagero de teatro

- A infeliz da Raquel

continuarei a viver num tempo que já foi

(cada vez mais já foi)

em que uma internada me pergunta o motivo de o meu pai nem uma explicação, uma carta, uma palavra, o banco que trazia do corredor para conversar com ela vazio, o meu pai

(o pimpolho como ela o trata, o pimpolho)

que há-de abrir a porta, avançar com cuidado

(para lhe fazer uma surpresa, que amoroso)

e esperar em silêncio

(ee uma criança.

408

há-de haver biscoitos por aí, sempre tivemos biscoitos, o que não falta nesta casa graças a Deus são biscoitos e apesar da mãe dele

- Vê lá como te portas

a internada e o meu pai na esperança que a arvéloa (a internada

- Daqui a pouco uma arvéloa)

e com a arvéloa o mar ou seja não bem ondas, não bem penedos, não bem paquetes, uma mudança de vento ou nem vento, qual vento, uma alteração da luz, uma agitação distante, a internada para mim

- O mar

e devia ser o mar, era forçosamente o mar visto que uma mulher

(- Como se chama a mulher diga-me o nome dela vim aqui para que me dissesse o seu nome)

uma mulher de que me não diz o nome dois toldos a seguir ao nosso numa cadeira de lona

(uma cadeira barata, não tem vergonha que a sua amante numa cadeira barata pai?)

a retirar o crochet de um saquinho

(a agulha, o naperon, o novelo)

sem olhar para nós, entretida não com as gaivotas, as ondas, o vendedor de bolos

(senhor quê?)

entretida

(não estou a mentir, é assim)

com uma florinha azul, uma insignificância, uma pétala quase invisível que

(vá-se lá adivinhar porquê)

estremecia num muro.

TERCEIRA VISITA

Por culpa da empregada e das histórias que lhe deve ter impingido a meu respeito até a que se dizia filha do pimpolho deixou de visitar--me de modo que quase nada sobeja nesta casa para além do quarto, das duas camas, da minha colega que desistiu de responder-me quando a chamo a pretexto de qualquer coisa aí fora

(já me esqueci do mar)

e ela finge que não me escuta, não vem, por vezes fala sozinha numa voz de mimo, com o gato que a proibiram de trazer para cá e no entanto se lhe dobra nas pernas, um lombo que a minha colega julga acariciar a contrapelo ao acariciar o nada, é a sua mão que modela o bicho e ao modelá-lo sinto que o animal me espreita, desconfiado, hostil, conforme o meu tio ao afastar-se de mim depois do

- Cala-te

e da mão na minha boca

- Se contares a alguém arrependes-te

cada gesto seu, a maneira de comer por exemplo, insistindo

- Arrependes-te

410

mudança das estações, o da filha do pimpolho que apesar da janela aberta continua no ar agarrando-se às coisas, o da urina do gato a quem a minha colega chamava a companhia de uma vida o que se me afigura um exagero porque os gatos duram menos tempo que qualquer pessoa, dez, doze anos

(vá lá)

e aí estão os achaques, a companhia de uma vida quase sem ossos, o caixote da serradura seco, a tigela da comida inteira, sepultam-nos não esclarecendo bem se defuntos se vivos, uma cova

(mais buraco do que cova, dois ou três golpes de enxada)

e adeus gato sem ossos, na minha família os buracos em torno da nespereira que se alisavam com os pés e uma porção de gatos no fundo, em abril o restolho no tom que era o deles à época em que as companhias de uma vida cirandavam por cá, a suspeita de garras aproximando-se da superfície a experimentarem o mundo com prudência, cada pata um dedito que verifica a temperatura do banho, se caísse na asneira de alertar a minha mãe designando-lhe o chão

- Olhe os gatos mamã

mostrava logo as folhas da nespereira e respondia

(quanto vale a aposta?)

que gato nenhum, o vento que eu associava às japoneiras nas alturas em que a minha mãe se escapava comigo pela cancela mentindo-me

- Vamos ao baldio às ovelhas

e em lugar de baldio um fragmento de muralha, uns troncos, o ourives ofendido, de nariz no relógio

- Já não temos tempo atrasaste-te
dando conta de mim e a fitar-me como o meu tio me fitava antes do
- Cala-te
quer dizer o beijo a vibrar

411

(duzentos)

pelos tendões das mãos, o modo como o relógio falhava a algibeira antes de engordar nela,
aquilo que a minha mãe denominava vento

(pois sim, vento)

trazia-me motores de camioneta na estrada, o malho de um vizinho a corrigir a cerca,
presenças insignificantes

(de insectos?)

as presenças insignificantes dos gatos nas suas covas

(Olhe os gatos mamã)

solas deslocando-se pela casa, gente, ao passo que neste quarto nem o som do mar hoje em
dia

(terá acabado, o mar?)

substituíram o cacto por plantas de que desconheço o nome e desistiram depressa enredando-
se no muro, fazendo parte dele de tal forma que nem sombra possuem ou no caso de a
manterem inclinando para a terra os caulezitos pálidos, em momentos de desânimo

(terá acabado, o mar?)

interrogo-me se o mar terá acabado e se tiver acabado acaba toda a esperança que pus nele
outrora, que continuaria a pôr, ainda que insensata, se o soubesse comigo, eu de início
surpreendida por tanta liberdade, tanto sol e depois a correr na areia, de chapéu de palha com
cerejas de feltro, estacando para examinar um desperdício, um seixo, ondas só minhas, a
espuma que crepita e se evapora, o tesouro de um pedaço de corda e uma caixinha vazia,
guardar a caixa e a corda num rochedo e esquecer-me delas distraída pela vaidade do chapéu
de palha ou a preocupação que alguma cereja se desprenda, lembrar-me da caixa e do pedaço
de corda amanhã, ao acordar numa convicção de falta sem perceber o que falta, remexer
episódios em vão, cavalos afogados, vimieiros e nisto o milagre de um postigo a abrir-se na
memória

- A minha corda e a minha caixa senhores?

consoante me acontece

O pimpolho e para mim?

412

(isto é a que parte minha)

terei ido buscá-los para me sentir menos só, a minha mãe e o segundo andar do Jardim
Constantino esses existiram, não precisei de criá-los, o piano, a terrina, etc, tudo verdadeiro,

limitei-me a acrescentar umas sombras e a lata de biscoitos dado que à minha mãe lhe proibiram os doces, transformei o alfaiate em ourives

(o alfaiate ofendido, de nariz no relógio

- Já não temos tempo atrasaste-te)

nem sequer casado, viúvo, com esse cheiro dos viúvos feito de muitos cheiros melancólicos acumulados numa infinidade de serões, a mesma camisa vários dias, o desleixo da barba, nenhum filho que nos jogasse pedras, uma filha penso eu, de que não tenho ideia mas a minha mãe recordava Era gorda

e ao explicar Era gorda

as bochechas redondas, os braços afastados, uma filha emigrada na Bélgica

(porque não a Bélgica se me agrada o nome?)

portanto emigrada na Bélgica

(Alemanha?)

emigrada na Bélgica e pouco reconhecida ao pai visto que o alfaiate para nós

- Nem me manda um postal dona Adélia

(para nós é como quem diz, para a minha mãe, eu de fora)

numa tarde em que nos cruzámos junto às japoneiras, a minha mãe e eu de regresso do baldio das ovelhas, ele com uma almofada de alfinetes e agulhas na lapela

(afirmei que na Bélgica, parem de insistir com a Alemanha não me confundam mais)

a exhibir-nos um embrulho de jornal

- O faro Ho senhor tenente dona Adélia

413

(acharmos parece melhor)

o acharmos fora do seu cubículo de alinhavos e entretelas onde tantas vezes o alfaiate não a trabalhar, num tamborete ou isso, acrescentando o cheiro de mais um serão melancólico ao seu conjunto de cheiros e a queixar-se em silêncio

(por não haver uma companhia a quem pudesse queixar-se em voz alta)

ia dizer que abanando a cabeça mas não caio num lugar-comum tão grosseiro, a queixar-se em silêncio, de cabeça bem firme, da ingratidão da filha, não na Alemanha

(que teimosia)

que desgaste para mim obrigarem-me a repetir que na Bélgica, que esforço idiota, e não em Bruxelas nem em Bruges

(tão pouco caio nessa)

em Gand, que isso contaram ao alfaiate

(com a história de lhe terem contado resolvo a questão)

ele no seu tamborete de serão melancólico

- Gand?

agora sim a abanar a cabeça por lhe sugerir mais um estampido que um nome
(terá de facto acabado o mar, confesso que volta e meia, por motivos que me impeço de
adiantar, desconfio que não)
transformei o alfaiate em ourives e acrescento que o verdadeiro ourives doente desde há anos
(esse casado, com um filho engenheiro que morava em Lisboa
não, uma vivenda em Albarraque)
e o estabelecimento fechado, no verão, a conselho do doutor, a esposa trazia-o para a janela a
fim de aproveitar os milagres de agosto e lá estava ele, só olhos severos, vazios, tanto quanto
é possível a olhos vazios tornarem-se severos ou então severos porque vazios
(para mim dá igual)

414

e mal as copas do largo principiavam a tornar-se mais densas a esposa removia o ourives para
os fundos da casa onde continuava quase seguramente a oscilar nas trevas garantindo da sua
severidade, do seu vazio

- Completei setenta e cinco em novembro

transformei o alfaiate em ourives, fi-lo encontrar-se com a minha mãe nas japoneiras, de nariz
no relógio, aborrecido com os atrasos e a oferecer-me pêssegos, ele que nunca me ofereceu
fosse o que fosse

- És servida?

(tinha posto

nunca me ofereceu fosse o que fosse na vida mas tirei o na vida

para impedir as rimas, nunca me ofereceu fosse o que fosse na vida és servida, como é difícil
contar) incluí o meu tio e o

- Cala-te

por dois motivos, primeiro por existir nesse episódio

(mais que um episódio, vários)

uma fracção de probabilidade e segundo por a violência e o pecado constituírem

(apesar das aparências)

o essencial da minha natureza, hão-de comprová-lo no que falta do livro quando a estima que
entre nós vai crescendo

(crescendo ou aumentando: nenhuma das formas me satisfaz, talvez surja uma terceira a
salvar-me, acreditemos em milagres)

quando a estima que entre nós vai me permitir

(e há-de permitir)

revelar

(não me agrada também)

o carácter perverso com que me rechearam debaixo desta pele,

415

consistia em beijos porventura demasiado insistentes e acompanhados de carícias porventura demasiado demoradas incluindo ocasionalmente um dedinho

(a propósito de dedos nunca vi os dedos do ourives, só os olhos)

- Isto o que é minha filha?

cuja resposta eu não sabia mas me levava a sorrir com agrado por uma espécie de prazer confuso que o tempo e outros dedos (não excluindo os meus)

foram aperfeiçoando, até o prazer se extinguir nesta miséria em que qualquer arvêloa

(por falar em arvêloas nem uma para amostra) me contenta e alegre de uma expectativa nunca realizada (parágrafo aceitável, haverá quem pense o contrário, continua) de ondas, a lembrança do meu tio aplicado, sério, a investigar-me

- Isto o que é minha filha?

e eu apertada nos joelhos dele, ao pensar na infância o meu tio, o gosto de alisar pratas de chocolate e o chapéu de palha com cerejas de feltro

(se descontarmos o medo de o perder e o elástico que me beliscava o queixo)

são os factores que me encorajam a suportar a doença

(estarei num quarto de hospital, num asilo, numa clínica e já agora por que motivo a empregada que se ocupa de mim usa touca?)

entendendo por doença esta dificuldade nos membros, o problema dos rins, o que fui e me escapa, o que sou e duvido, a minha mãe na véspera de morrerO que se passa comigo?

encucada com as horasQue horas são menina?

arregalando-se para o mostradorCinco e dez dizes tu?

”

416

agitava-se de novo

- Quantos minutos passaram?

(no segundo andar do Jardim Constantino, no bengaleiro do dentista, nos esgotos do Tejo como tudo o que envelhece) eu respondia

Cinco

ou

Três ou Um

na mira de a tranquilizar, dentro em breve serei eu para a empregada sem que ela me dê a mão como fiz com a minha mãe à qual os

Cinco

ou

Três ou Um

não acalmavam, espero sinceramente que naquilo que me respeita o mar volte, me acalme e eu corra na praia sem que a areia me canse, correr mais depressa que a morte não a deixando apanhar-me, a morte a distanciar-se sem fôlego, vai bater numa pedra, cair, tornar-se um líquen roxo que o primeiro pássaro levará no bico engolindo-o em contracções rápidas do pescoço que se dilata e encolhe à medida que sobe, o chapéu de palha foi perdendo a cor, amolgou-se e no entanto o que eu gostava dele, mais que amor, uma cumplicidade de matrimónio antigo, uma ternura de mágoas partilhadas, um hábito, se mo entregassem neste momento

(afirmo-o sem exagero)

comovia-me, ao declarar à minha mãe que sete menos seis quedou-se a meditar, estremeceu num balido

Que hora tão improvável.

417

ser somente eu que apertava, se o alfaiate ali estivesse havia de tirar o panamá e cumprimentar-me com respeito, as horas sempre as mesmas isto é sete menos seis a noite inteira no Jardim Constantino, os móveis subitamente austeros, o piano com uma dignidade que não lhe imaginava, as fotografias da camilha

(creio que me referi a elas e de diferentes maneiras no decurso desta história, têm-me sido úteis, agradeço-lhes)

a cumprimentarem-me também

- Sabemos como é já passámos por isso

pela angústia com as horas, pelo soluçozinho a atenuar-se, pelas saudades do mar

(às vezes, ao correr na praia, outra pessoa corria paralela a mim com um chapéu de palha idêntico)

e foram, suponho, as saudades do mar que me levaram a trazer o Beato para aqui

(demorei semanas a escolher esse bairro que aliás mal conheço, pelo menos um terço de Lisboa

não exagero

uma cidade estrangeira, travessas incompreensíveis num novelo de esquinas, fumarada de passarinhos fritos, uma luz de corvos, branca e preta, à tarde)

trouxe o Beato para aqui, presenteei-o com um pontão

(não o presenteei, tinha ideia de um pontão naqueles lados)

e um petroleiro persa que me custou a imaginar, comecei com um navio grego, mudei-o para a Turquia, para o

(a filha do alfaiate na Bélgica, Alemanha nem sonhem, apetece-me conceber reflexos a tremerem na chuva, cores líquidas que se sobrepõem, se derramam, se afastam)

para o Panamá até que a Pérsia me divertiu

(pode chamar-se divertimento a isto?)
gosto da palavra, desafiei-me a mim mesma
Porque não persa?

418

(personagem que não me entusiasmou desenvolver nem me interessou por aí além)
que o pimpolho surgiu
(não o contrário)
mais as noivas da montra, o primo Casimiro, a mãe dele, tudo isso que aperfeiçoei sempre a
voltar ao início
(Gand)
os telões por exemplo, a cena de caça, a bicicleta vermelha, o senhor Querubim e o seu saco
de polvos, recordo-me de vacilar
O senhor Querubim solteiro?
de resolver que o senhor Querubim não era mais que eu com quem ninguém casou,
apareceram um ou dois pretendentes fugazes, vagas propostas, beijos numa escada
(nem lhes chamaria beijos de tão nervosos, tão rápidos)
meia dúzia de cartas, uma delas em verso, escrita a tinta sobre linhas a lápis que uma régua
escorou e com pétalas dentro, o interesse
(pareceu-me)
de um vizinho do Jardim Constantino que me cumprimentava a medo
(se me encontrasse nas escadas beijos nervosos, rápidos?)
via-o aquecer o leite ao jantar, sem tirar o casaco, no fogão da marquise até que uma noite,
meses depois, um pote de jacintos na mesa, cortininhas de xadrez, uma senhora a aquecer o
leite por ele, o vizinho em mangas de camisa à espera, os cumprimentos cessaram e foi então
que lhe dei um nome qualquer
(a ele, não ao dono da loja)
e principiei a desenhá-lo no vidro unindo letras ao acaso, apagava--as com o cotovelo,
experimentava outras letras
(beijos nervosos, rápidos na escada: nem isso sequer)
tal como a partir do homenzinho que fumava fui compondo o pimpolho, entreguei-lhe uma
esposa, duas filhas, o jornal que o vizinho deixou.

419

em que o meu tio se ocupava infinidades a torcer o lábio com o indicador e o polegar,
espreitando a solução vencido, na página dos anúncios a cuidar que eu não notava, quer dizer
torcia-se à socapa porque a solução ao contrário e ele a fingir que se coçava ou massajava o
pescoço, emergia do problema anunciando

- Já está

numa voz que supunha vitoriosa quando na realidade a indecisão

- Serei estúpido?

tentando o

(as brancas dão mate em cinco lances)

de xadrez para enchumaçar o amor-próprio mas como na página dos anúncios a solução do xadrez da véspera e a promessa

solução do problema de hoje no próximo número

(saberiam dos truques do meu tio?)

a evidência que era estúpido amarrotava-lhe a alma por mais que a minha tia

- Não te atormentes não és

nesse tom de piedade falsa

(achava ele)

com que se consolam moribundos

(a filha do alfaiate em Bruxelas, perdão, em Gand, detesto ter de voltar ao assunto)

e com que a empregada me consola a mim trazendo almofadas para a coluna

(Ficamos melhor não ficamos?)

e aumentando o mal estar, para além de impedir o trabalho dos glóbulos que bem os sinto parados, nenhuma vibração, nenhum atrito, o mecanismo dos órgãos fiéis que não me abandonaram

(deverei sentir-me grata?)

e funcionam aos tropeços ainda, pequeno número de soldados que vão desertando um a um, presumo que me resta uma parte do cérebro

(calculo eu)

420

(uma aurícula, duas aurículas?)

alguns músculos

(satisfazia-me com um ventrículo)

subsidiários e lentos prosseguindo por hábito, entreguei ao pimpolho uma esposa, duas filhas

(a sua irmã e você)

o segundo andar do Jardim Constantino onde moro ou antes onde morei com a minha mãe e a seguir sem a minha mãe antes de me trazerem para aqui, junto ao mar que teima em esconder-se mas continua próximo como próxima a rapariga de chapéu de palha com cerejas de feltro segurando a copa com a luva

(uma luva)

como próximos os meus tesouros

(o pedaço de corda e a caixinha)

encorajando-me no seu rochedo, hei-de ter ocasião de chamar a minha colega de quarto

O mar voltou

e nós a escutarmos as ondas, mesmo que a empregada

E uma camioneta senhoras

a escutarmos as ondas, um som parecido com o dos pinheiros quando não existem brisas, delicado, tranquilo, com um pouco de sorte escamazinhas que surgem e desaparecem no tecto, o sifão de um penedo, arvêloas

(disse arvêloas não disse uma arvêloa, várias)

entreguei ao pimpolho o meu segundo andar no Jardim Constantino onde cada gaveta um gemido diferente

(não mencionando as fechaduras dos armários e os trincos das varandas)

ao ponto de as reconhecer pelo som, se alguém abrisse uma delas adivinhava de olhos fechados

Foi a de cima da cómoda

ou

421

(querida casa perdoa se em algum destes anos fui injusta contigo)

e o pimpolho desobedecendo-me com ingratidão a envelhecer em silêncio, a calvície, os diabetes, a enganar-se nas datas

(não tanto como eu por enquanto mas lá irá, lá irá)

desejando que o pai

(a asneira de permitir por ingenuidade que o homenzinho das canas de pesca seu pai)

se apeasse de um comboio de França

(não da Bélgica nem da Alemanha, da França)

em que não tinha pensado

(para quê um comboio?)

e recusando-o de novo consoante o recusava em criança

- Trambolho

o que me fazia sofrer dado que com o tempo me acostumei a ele e mantinha

(continuo a manter, o que me fica se o perco?)

uma amigável cumplicidade

(fica-me o corpo destroçado que medem, retalham, maltratam, um corpo que tenho de aceitar como meu e detesto)

mantinha uma amigável cumplicidade, uma ponta de ternura, o desvelo natural para com aquilo que construí no intuito de me ajudar nos intervalos da febre e ele atento aos comboios, empurrado nas plataformas

(qual a razão de serem sempre cinzentas, as gares?)

por viajantes, bagagens, funcionários de uniforme

- Desande

e todavia teimando com o pontão na ideia

- O meu pai

(querida casa que me receberia como uma intrusa hoje em dia,

querido soalho que esqueceu os meus passos, defeitos da parede que

sabia de cor e aos quais a família do pimpolho foi acrescentando outros,

422

rei de vós, o da minha mãe suspenso, os das minhas diversas idades que reconheço e me saúdam mostrando a quantidade de pessoas que fui sendo no percurso da vida, as simpáticas, as de que mal me lembro, as que preferia não recordar nunca, tirando o médico e o cobrador do gás nenhum homem na casa a não ser um primo idoso com um pacotinho de broas que me fazia cócegas

- Estás a rir-te de quê?

eu que fui feita para o casamento, a dedicação, a alegria todos os dias renovada de uma tosse conjugal no capacho, entregar a outro os melhores bocados de rosbife, contentar-me

generosa e satisfeita da minha generosidade, pensando

- Não é isto o amor?

com a parte pior assada, a mais dura, querida casa perdida abandonada ao pó, aos gatunos, aos insectos que proliferam no bafio dos espaços cerrados, na sujidade e no recato, poderás perdoar-me?)

o pimpolho, desobedecendo-me, em busca do pai que ele tinha receio que não viria nunca e no entanto detendo-se, mesmo longe de Lisboa, se uma suspeita de carruagens ou uma locomotiva a chamar, gritos de vapor ao crepúsculo que nos dão saudades

(dessas à beira das lágrimas)

ignoramos de quê, carris invadidos pelo capim desde o tempo da infância, apeadeiros secundários que deixaram de servir, a iminência de partida comum ao cais e às malas gastas, sim, regozijar-me-ia com a parte pior assada da carne se um marido, um amigo, alguém que por dó calasse os gritos de vapor ao crepúsculo, os meus gritos que nem eu mesma oiço e todavia presentes, os da alma que protesta, aterrada, pede socorro, se cala, recomeça a pedir, se conforma, sem forças, com a ilusão do mar

(Bélgica, em especial Gand, perto ou longe do mar?)

apertando os próprios dedos, comprimindo as gengivas, lutando por um sorriso

(tão pobres os sorrisos)

nisto que se foi.

423

(que infantil)

ou fiz menção de acreditar, julgo que acreditei porque apesar de tudo o tempo cheio de amanhã nessa época, tinha planos, dizia No ano que vem

dizia Em chegando a primavera

dizia No próximo Natal

e tudo isso ao meu alcance sem esta dificuldade nos membros, estas nódoas na pele, nenhuma guinada salvo um dente manso lá atrás e as glândulas a funcionarem, percebo isso hoje que a comida custa, mudo-a de bochecha para bochecha sem coragem de engolir

(ia jurar, e não sou pessoa de juras, que o comboio de Paris na estação, viajantes, abraços)

enquanto o pimpolho no meu segundo andar retirando a caneta do bolso, a desenroscar-lhe a tampa para o problema das damas que observava desde há minutos sem tocar na caneta pelo que o facto de desenroscar a tampa levou a esposa e as filhas

(duas no sofá e a terceira de pé arrumando xícaras no louceiro)

a imaginarem que descobrira a solução, uma das filhas casada, a outra solteira que nem sempre visitava o Jardim Constantino aos domingos

(apesar de preferida pelo pimpolho evitava visitar o Jardim Constantino aos domingos, arredia, brusca)

e preocupava a mãe, quanto a preocupar o pai só podemos intuir dado que o pimpolho não comunicava, preferia recordar-se de ir com a filha ao circo, dos cavalos com um penacho branco, dos palhaços que a assustavam mais os narizes redondos, as bocas pintadas sobre as bocas autênticas, pálidas, os sapatos sem fim

(querida casa abandonada ao pó, aos gatunos e aos insectos que proliferam na sujidade e no silêncio poderás realmente, no mais secreto

424

chovia, as ruas sem lantejoulas nem focos afiguravam-se turvas ou seja um cenário deserto depois de uma representação sem sucesso, edifícios de cartolina, arvorezinhas de tábuas, folhas de papel de seda a desprenderem-se murchas, a suspeita do pimpolho que a vida dele assim, a suspeita do pimpolho, com a filha pela mão, que a vida que o esperava dentro da vida dele assim, os sapatos de ambos sapatos de palhaços pelo eco que produziam no tal cenário deserto, algumas montras acesas onde os manequins os seguiam na atitude da Nossa Senhora da mesa de cabeceira do lado da esposa, fosforescente nalgumas pregas do manto e compelindo-o a apagar o candeeiro para um abraço rápido sob as chispas azuladas da Virgem

(será coincidência que a flor do cacto azul?) abraço cujos estremecimentos sem ruído diminuía de frequência com os anos, um calor pálido, um sacão de travagem, uma espécie de desgosto, ligava o candeeiro incomodado pelas chispas azuladas que me traziam à memória os gatos junto à nespereira transformando-se em restolho, o montinho da esposa à sua esquerda apenas com uma das mãos e o cabelo de fora, apressava-se a apagar o candeeiro que foi meu, de abajur cor-de-rosa

(deu-me mais problemas do que julgava escolher o tecido) amedrontado pela magreza da mão e embora não a visse (via as chispas azuladas e uma manchinha de água vertical, sempre mudando de lugar, que concluiu ser o espelho)

o medo que a mão a aproximar-se dele, a filar-lhe o cachaço, a conduzi-lo para a gruta que os lençóis disfarçavam e à qual a esposa pertencia já, activa mas defunta, arrastando-o com ela, o seu rosto orifícios na mancha de água do espelho a suplicarem Salva-nos

à medida que os cavalos de penacho na cabeça (os castanhos, os brancos, um deles preto,

maior) giravam no circo e pergunto-me se falo dele ou de mim, a arvéloa

425

há-de vir despedir-se antes de eu fechar a janela, uma aparição de segundos, um círculo sobre o muro bastam-me, não tenho coragem de lhe pedir que poise, não me atrevo a tanto e depois fecho a janela e deito-me alheada do mar

(querida casa, querido mar)

que me ajudou mais do que ele sonha estes meses, digo à empregada

- Quero o meu chapéu de palha com cerejas

e acho que se depreende de feltro, porquê especificar, não de plástico que não havia plástico quando era nova, de feltro, em todo o caso a fim de que me não apresente o chapéu errado acrescento

- O das cerejas uma delas meio solta da aba

coloco-o na cabeça, seguro a copa com a palma e se os meus pulmões corresponderem

(não lhes peço mais esforços, prometo)

após inspirar uns segundos, a tomar balanço, desato imediatamente a correr, as articulações obedientes tanto quanto a minha idade permite, os artelhos soltando-se sem dificuldade da areia evitando essas pranchas quase submersas em que pregos cruéis, não pranchas de navio, domésticas, de cadeiras, de telhados, sulcadas de irregularidades, fendas

(oxalá não me canse nos primeiros metros, não me desequilibre, não tombe, Deus Nosso Senhor auxilia-me)

correr não por mim, que me interessa correr, pelo pimpolho coitado a quem imaginei agradar entregando-lhe a mulher, uma mulher dedicada, sub

(ia dizer submissa mas não submissa, seria um erro, não submissa como eu a quem o sujeito da bata ao qual a empregada obedece

- Vire-se para a esquerda

e eu viro-me para a esquerda

- De costas para lhe palpar o apêndice

426

hipótese que não encaro

o apêndice congestionado, sensível)

uma mulher dedicada, quase uma menina, vestida de comunhão solene, apoiando-se numa mesa de pé-de-galo em que uma bailarina de corda desistiu de dançar, esteve doente num sanatório em Coimbra

(espero que sanatórios em Coimbra

não Gand, Gand em Bruxelas, capital Bélgica, que parvoíce, Gand na Bélgica, capital Bruxelas, deixem-me em paz um momento)

esteve doente num sanatório em Coimbra, cidade que me informaram considerável e portanto,

como em qualquer sanatório

(foi para isso que os fizeram)

conheceu de perto, na própria carne e na alheia

(engraçada expressão)

a via sacra do sofrimento, da dissolução, da morte, torturaram-na com agulhas, pneumotóraxes, drenos, rasgaram-lhe duas cicatrizes do lado onde foi a chaga de Jesus e assim a devolveram ao mundo, uma mulher dedicada pimpolho, prometo que te há-de acompanhar às quartas-feiras numa hospedaria da Graça

(qualquer outra pessoa diria foi o que se pôde arranjar, decididamente esta língua diverte-me)

que os clientes

(senhoras e cavalheiros, não excluindo rapazes acompanhados por cavalheiros também, alguns vestidos de rapazes mas uma percentagem razoável

ou não negligenciável

de cabeleira postiça, maquilhados, com saia)

que pessoas tão dignas como tu

(vou ter mão nisso descansa)

frequentavam à hora, isto é uma cama, um cabide, duas pagelas, um galho de trepadeira nos caixilhos para te distrair, embalar, se eu tivesse um galho de trepadeira em vez do muro e narcisos

427

(qual acho, afirmo)

os momentos de febre mais suportáveis, mais fáceis, tu

(repara na diferença)

um galho de trepadeira, eu um muro a esfarelar-se na extremidade de um pátio ou seja o mesmo que nada, recapitulando que estas coisas querem-se por ordem e sempre fui amiga da arrumação, até as fotografias dos que faleceram antes do meu nascimento e aos quais pouco devo dispostas na camilha segundo os respectivos tamanhos, sem olhar a protestos, o sargento lá atrás, o bebé no seu caixão por muito que me impressione adiante, recapitulando toma a hospedaria da Graça, toma um toldo em Tavira, toma as acácias de Sintra na primavera aos domingos, toma uma espécie de amor no género daquele que senti aos trinta ou quarenta anos (não me dá vontade de mentir, aos quarenta e seis anos)

pelo vizinho do leite e que mesmo depois de acompanhado, e até aqui onde estou, continuei a oferecer-lhe, inquebrantável, a pensar nele, a desenhar-lhe o nome que não sabia no vidro e era o seu, era o seu, a minha colega de quarto que para me contrariar já conversava comigo

- Como é que afirma que é dele?

e todavia afirmo e continuarei a afirmar que embora apague e desenhe um nome diferente é sem dúvida o seu, o vizinho há-de enfiar, separar-se, retirar as cortinas, o pote, aquecer sozinho o seu leite, e mesmo que cada qual no seu andar

(cada qual no seu andar, é a vida)

nenhum obstáculo entre nós, beijos nervosos, rápidos, na minha escada um dia e eu apoiada no corrimão segurando os beijos com a palma, eu um cheiro a juntar-se aos demais na minha panóplia de cheiros, não de perfume nem de loção para a barba, o que nasce no interior de mim, alastra, me agrada

(a perspectiva de um filho não me contraria)

428

na direcção do pedaço de corda e da caixinha vazia que permanecem no rochedo intocadas, minhas e abraçarei contra mim embalando-as de leve, tratando-as por diminutivos carinhosos, trazendo-as para aqui e deixando de sentir, como até agora, a ausência das ondas, da arvéloa, dessas lanternas ora descendo ora subindo consoante as marés, não sei se me percebe você, a filha do pimpolho, quase a esmagar-me o cotovelo

Conte-me do meu pai

como se o seu pai lhe valesse, não vale, tire daí o sentido, não vale, tem de atravessar por si, sem ninguém que a ampare, de mãos estendidas e pernas cautelosas, o que lhe falta andar, se eu possuísse um segundo chapéu, e não possuo, emprestava-lho para as suas noites na sala, de joelhos na boca, na expectativa que a manhã a defenda quando as manhãs têm mais que fazer

(e muito fizeram elas)

que defender a gente, protegemo-nos nós se formos capazes, aguardamos que alguém na escada connosco, isto é não bem na escada connosco, alguém oculto num dos patamares que nos beija e nos foge e é isto a existência compreende, alguém que à primeira vista não reconhecemos

(ou não reconhecemos nunca)

que nos beija e nos foge deixando-nos na treva até subirmos os degraus a custo, vacilando, pensando, regressarmos a casa e a chave que não entra na fechadura porque nos enganámos, usámos a da porta de entrada, não a da porta de cima, a outra que não entra também, a do correio, à terceira chave o vestíbulo e nós sem energia, de nádega contra um móvel, a cozinha demasiado longe, o marido da sua irmã a alegrar-se no sofá

Cunhadinha

e não era ele pois não, para quê ele, tão imbecil, era o pimpolho (não imagina a trabalhadeira que o seu pai me deu, a trabalhadeira que

429

que adivinho comprida e eu cansada palavra, destranque um bocadinho a janela não pelo mar que desisti do mar, acabaram-se os sonhos, acabou-se, pela tarde somente

(contento-me com a tarde)

à tarde, neste mês, um ventinho quase agradável antes da chegada da noite, uma última nuvem aproximadamente vermelha, a sombra da árvore que nunca vejo a dobrar-se no muro antes da febre aumentar, uma harmonia, um socego

(a minha mãe, Deus a tenha, escreveria socego)

e é assim

socego

não sossego

que eu digo, digo que à tarde, antes da febre aumentar, uma harmonia, um socego

(reparou no socego, entendeu?)

e a mulher da hospedaria da Graça dentro de mim, quase inteira, não lhe conto do seu pai e do pimpolho através dela

(vai desculpar-me é assim)

e no entanto uma história alegre tranquilize-se, um romance de amor, gostaria de prometer-lhe que um final feliz e garanto-lhe esforçar-me para que um final feliz não apenas por si, por mim, não calcula como preciso

(tão cansada)

de um final feliz à medida que a claridade declina sem peso no muro acolá, a copa da árvore aumenta, aquilo que resistia no meu corpo

(uma porção de cérebro, uma aurícula, alguns músculos)

amolece, desiste

(não supunha que desistisse tão cedo e todavia desiste)

e tão difíceis as palavras, tão lentas, gostaria de prometer-lhe um final feliz, garanto-lhe esforçar-me para que um final feliz, heide conseguir.

430

(a minha mãe socego, que querida)

não cessa de aumentar e com ela a harmonia, o socego

(não acha querido, você?)

junte-me este pulso ao outro desculpe, se o colarinho estiver desabotoado abotoe, se me der um jeito no cabelo agradeço, gostaria

(escrever socego é bonito)

que retivesse de mim a imagem de uma senhora composta antes que a copa da árvore suba o pátio, a janela, se dilate no soalho a deslizar para a cama anulando no seu trajecto a botija de oxigénio

(a botija de oxigénio ou um jarão de Macau?)

os remédios nesse tempo

(não remédios, as fotografias da camilha)

anulando a camilha

(sejamos precisos)

o piano, a terrina, a poltrona, os armários, o meu segundo andar no Jardim Constantino a que finalmente voltei

(- Faça o favor de entrar)

antes que a copa da árvore que não sei como se chama

(não sei como se chama o vizinho, não sei como se chama a árvore)

antes que a copa da árvore que não sei como se chama
(beijos nervosos, rápidos)
invada a coberta, me engula e na marquise em frente
(não bem em frente, quase)
a caneca de leite a aquecer no fogão, não o vizinho, não a senhora que o acompanha, não você
(sobretudo não você)
na marquise em frente não mais que a caneca de leite que ignoro quem colocou, não me
interessa quem colocou, ninguém colocou, a aquecer no fogão e na minha febre que aumenta
uma harmonia, um sossego.

431

uma
(exprimo-me correctamente?)
serenidade, a caneca de leite que há-de embaciar os caixilhos nos quais um dedo sem pessoa
(o seu dedo espero eu, prometa-me que o seu dedo) alinhará o meu nome.

PRIMEIRA NARRATIVA

Com o tempo a gente que trabalhamos aqui acaba por se conhecer mais ou menos todos uns
aos outros, quer tenhamos um quarto alugado ao mês quer fiquemos com os clientes nos
cubículos de baixo destinados aos assuntos mais rápidos, às vezes a aguardar de pé no
corredor, calados

(o que é que havíamos de dizer?)

que alguém chegado antes acabe o serviço, a gente a ouvi-los e a calcular o tempo quase
encostados às portas

(bem podiam dar umas cadeiras ou uns assentos ao menos)

a colega lá dentro respondendo com a sua tosse a explicar os minutos que faltavam enquanto
ia apressando o contrato com uns elogios, uns carinhos, nada de agitações nem gritos porque
conforme diz a patroa isto não é o dentista, após os carinhos uma pausa para o cliente
esvaziar a alma, percebe-se a colega a retocar o baton no espelhinho da mala porque as
palavras dela sem lábios, os eléctricos da Graça, as rolas, uns tacões rápidos

(zangados?)

436

mutuamente afilando-se e engrossando, um mindinho ou um canto de lençol a remover uma
pinta do incisivo, uma conversa arrulhada acerca de gorjetas, a mão da colega a impacientar-
se na maçaneta da porta

- Pensas que o mundo acaba hoje tu?

o condutor do eléctrico travando na descida, o cliente da colega de cabeça baixa, com um dos sapatos deslaçado

(- Pensas que o mundo acaba hoje tu?)

a evitar-nos, a colega que finge não dar por nós a compor as roscas dos brincos, cheia de dedos, o irmão da patroa, de casaco sobre o casaco do pijama, voltando com um gargalo da despensa, desde que deixou a pesca do bacalhau passa os dias alinhando garrafas no balcão da entrada, a partir do segundo ou terceiro litro a hospedaria torna-se um convés difícil e lá vai ele ao comprido do navio tropeçando nos clientes, tropeçando na gente, encafundoando-se no quintal onde a tangerineira o aguarda a baloiçar constelações de frutinhas minúsculas, arruma o caixote contra o tronco e adormece de barriga ao léu cercado de formigas e moscas, como com o tempo a gente acaba por se conhecer mais ou menos todos uns aos outros, tirando os rapazes sempre a mudarem de roupa e cabeleira, via-se o irmão da patroa a cozer no quintal (às vezes dava ideia que morto)

e passava-se à frente, sucedeu-me uma ou duas ocasiões à noite, ao levantar-me a meio do ofício para fechar a janela, dar primeiro com o brilho das dalias, o brilho das garrafas e a seguir com ele, uns metros adiante, a estremecer a árvore no escuro, se o cliente, receoso da polícia, estendia o braço aflito na direcção da carteira O que foi?

elucidava-o É o último eléctrico

quando o último eléctrico há séculos, a minha filha sozinha e eu para ela, de tão longe

437 São os galhos da trepadeira descansa

avolumava o cabelo, compunha-me na cama Vamos lá

a roupa do cliente no cabide

(porque dobram a roupa)

a dar-me por momentos uma ilusão de matrimónio, de lar, um homem de manhã ao meu lado, não me ralava a identidade do homem desde que um qualquer de manhã ao meu lado, passos diferentes dos meus, uma respiração diferente, gestos para além dos que faço, a mobília, que o pai da minha filha levou, de regresso, a fotografia da gente não rasgada e no chão, na cabeceira de novo, ao juntar-lhe os pedaços, e apesar da fotografia inteira, a cara dele faltava de modo que eu de vestido branco e braço dado com ninguém, a camioneta da Câmara que recolhia contentores frente à hospedaria da Graça transportou-o consigo, os focos do tejadilho iluminavam a roupa no cabide ao iluminarem o quarto, a roupa no cabide a do meu marido (não a do cliente)

as feições dele que não vejo há tantos anos intactas acolá, abracei o cliente e o cliente que não tirava as meias a escorregar no colchão

- Já acabei boneca

uma voz que não sei a quem pertence, a vizinhança de um estranho, a minha filha connosco a subir para a coberta

- Quem é este?

quando a minha filha sozinha, a meia hora de táxi (vinte e cinco, vinte e oito minutos)
distráida com o gás, eu a abrir a torneira sem lhe chegar nenhum fósforo e uma moleza, um cansaço, o cliente a abotoar-se

- Adormeceste boneca?

eu a fechar a torneira sem que ele desse por isso palpando o ar às fungadelas

- Até parece que um fogão aqui

438

não o meu marido, um fulano com uma aliança que não era nossa e no entanto eu, que nunca os beijava, a aceitar um beijo, dedos no meu pescoço, patéticos assim, um chupa-chupa para a minha filha

- Pegue-lhe ao colo amigo

pegue em nós ao colo um bocadinho que seja, um chupa-chupa de morango

(dos pequenos, não é preciso ser caro)

que tire este gosto sujo da boca, nasci em Évora, depois da minha mãe falecer trouxeram-me para a Cova da Piedade e a minha tia criou-me, aos dezassete anos casei, quando o meu pai adoeceu mudaram--lhe a cama para a sala, perguntaram-lhe se queria que eu o visitasse e ele de barriga dilatada, aproximando o nariz da parede

- Não vale a pena

o cliente já vestido

(o cabide deserto)

em busca do meu pai no quarto sem o achar, a intrigar-se

- Perdão?

hesitando em acrescentar uma gorjeta, avaliando-me sentada na cama as voltas com o soutien de que um dos colchetes rasgado, não acrescentando a gorjeta

(estarei velha?)

nem um chupa-chupa de morango, nem dedos no meu pescoço, somente

(tal como o meu marido)

a pressa de ir-se embora e eu a puxar o fecho éclair da saia atrás dele enquanto a trepadeira, embora sem vento, mais alto que o meu pai

- Não vale a pena

e os focos da camioneta da Câmara, que giravam no largo, transformando os prédios num rodopio de esquinas, percebia-se uma cúpula de igreja que bailava também, o miradoiro, árvores que as luzes dis-

439

(pedir-lhe

- Espera por mim)

e no qual o cavalheiro rico

- Netinha

impedia-me de me despir, não se deitava comigo, ralhava-me ao ouvido

- Menina má menina má

quando o meu avô vinha de Évora ao médico por causa do aparelho no coração ficava connosco na Cova da Piedade e via-o, da janela, no banco da praça com o guarda-chuva aberto, jantava sem conversar com ninguém, a minha tia

- O que disse o doutor pai?

ele calado de boné na cabeça, o marido da minha tia

- A sua filha está a falar consigo senhor Fevrónio

e os olhos do meu avô no marido da minha tia até o marido da minha tia desistir, lembro-me dos junquinhos da entrada e de ter vergonha de morar ali, em novo o meu avô foi soldado de cavalaria em Chaves, mal as consultas terminavam o autocarro para Évora, demorava-se no primeiro degrau a ganhar fôlego impedindo os passageiros de entrarem, afastava-nos com o guarda-chuva se tentávamos ajudá-lo a subir, a minha tia a abrir os braços para as pessoas que esperavam

- Ele é assim desculpem

o meu avô à janela nem um adeus, indiferente, ao voltarmos a casa o cartuchinho dos doces que a minha tia gostava em cima da mesa com uma fita azul, o marido da minha tia a apontar os doces

- O teu pai

a cara da minha tia igual à cara do meu avô, se tivesse um guarda--chuva picava-nos com a ponteira

- Não lhes toquem

fechava-se, mais o cartucho, no quarto

(Não quero aqui ninguém)

e percebia-se que corria as cortinas, remexia gavetas, ao mudar-lhe

440

O meu pai

meia dúzia de cartuchos que nunca encetou ocultos sob a roupa, se dissesse à minha tia os olhos dela em mim até eu desistir, o cavalheiro a ralhar-me ao ouvido

- Netinha

de maneira que empreste-me o guarda-chuva do avô tia para enxotar este velho que mancha tudo com palavras, estraga tudo já viu, a minha filha não necessitava de falar comigo, bastava estar ali, enten-díamo-nos, o marido da minha tia a regar os junquinhos fitando-nos de banda como se a gente marcianos

- Vocês

se um pássaro que não pesa nada na nogueira o ramo a oscilar, abandonava-o e o ramo para baixo e para cima que tempos, a minha tia um prato a mais ao almoço, notava o engano,

tirava logo o prato, se eu a ajudá-la zangava-se comigo a enfiar o prato no armário

- Não me posso distrair?

são coisas assim que a camioneta da Câmara, ao vir à noite, me rouba, fica o galho da noqueira a baloiçar sem ninguém, juntem-lhe as tranças que me cortaram ao chegar do Alentejo, o cabeleireiro embalou num pano e me pareciam vivas, eu para o cabeleireiro, desconfiada

- Não deitam sangue?

juntem às minhas tranças vivas

(nodoazinhas vermelhas no pano)

a Cova da Piedade em janeiro com as grinaldas do Natal apagadas, uns fios, umas ampolas, uns ornatos torcidos

(homens no topo de escadotes, com uma alavanca, a quebrarem--nos)

tudo tão perto do rio e nem um sinalzinho de água, se a minha filha existisse nessa época e abrisse o gás eu deixava, conforme agora, no caso do irmão da patroa me oferecer da garrafa

- Um golinho boneca?

441

bebia, o meu marido uma tarde no bar com uma colega minha, só dei por ele ao oferecer-me espumante

- Uma taça para aquela

ao erguer o copo não o meu marido que alívio, este uma gravata que não lhe comprei, o nariz maior, faltava um dente de lado e o dente que não havia odiando-me

- À tua saúde sua puta

e talvez abrisse eu mesma, sem ajuda, a torneira do gás, talvez vedasse as frinchas com toalhas, jornais, a minha tia a desculpar-me enquanto as grinaldas do Natal iam tombando no chão, amontoavam as lâmpadas numa caixa, enrolavam os fios

- Empregou-se num restaurante não a maces

a minha tia a meditar

(um soldado de cavalaria em Chaves com capacete de gala ou antes nenhum capacete, uma espécie de gorro julgo eu, o meu avô com dezanove anos já distante, já mudo)

- É verdade?

a minha colega para o meu marido

- Deixa-a

o fio ao pescoço com a cruzinha do avesso, o lábio encolhido sobre o lugar do dente

(- O que sucedeu ao teu dente?)

continuando a encolher e gengivas, molares, como se descreve a cartilagem da garganta a correr sob a pele, minto, dando ideia de se atormentar sob a pele, como se descreve, auxiliem-me, a tremura de um queixo, a língua engolida e entre os lábios de novo

(o marido da minha tia cortando os junquinhos um a um, a minha tia a meditar

- E verdade?

as grinaldas do Natal que esqueceram no chão)

- Da próxima vez é a ti que pago descansa

442

(se lhe colocasse um dedo na palma a mão dela apertava-me) não abrir a torneira, não matar-me, não quero, chegar um fósforo

ao gás e aquecer a sopa, tenho vinte e sete anos, vinte e oito em abril,

ordenavam ao meu paiPinte-me essa parede a imitar madeira

e ele fazia, ouPinte-me essa parede a imitar mármore

e ele fazia, só experimentando com a unha se entendia que não madeira, não mármore, pinte-me tranças pai, pinte-me a gente novos, não pinte a mãe a tossir, não pinte a minha tia

- Num restaurante a sério?

nem pinte o marido da minha tia a retirar o que de mim num armário, uma gabardina, umas saias, a encafiar nelas o macaquito de loiça que lhes ofereci pela Páscoa

- Não queremos nada teu

nem lábios encolhidos sobre o lugar de um dente nem tremuras de queixo nem cartilagens a correrem na pele, se me emprestassem o guarda-chuva do meu avô abria-o dentro de casa, mesmo que desse má sorte, apesar das varetas soltas a furarem o pano, o macaquito de loiça às cinco da manhã nesta cómoda e a minha filha a dormir

(pinte a minha filha a dormir)

enquanto apanho a roupa da corda, me demoro na cozinha a comer e nenhum cheiro a gás, nenhuma vertigem, estou viva, o que recordo da minha mãe, fora a magreza e a tosse, é um lenço na boca, mandavam-me ficar junto à porta

(sentia a presença das árvores sem lhes escutar as folhas, loureiros julgo eu, um plátano, um salgueiro)

designavam-me à minha mãe, uma espécie de braço nascia da almofada e o lenço

- Filha

pessoas debruçadas para ela, uma mulher com um termómetro,

443

(não queria perguntar, saiu-me)Cheiro a árvore não cheiro?

o cliente a meio da camisaComo?

vestindo-se de novo a estranhar-me a mim ou à minha mãe que parou de tossir com as minhas tranças (o que podia ser mais?) a sangrarem no lenço, a mulher do termómetro agitou a mão

- Vai-te embora

e eu no pátio com as árvores, os loureiros, o plátano, o salgueiro, creio que um arbusto de incenso em qualquer ponto próximo porque recordo o perfume

(na Cova da Piedade um arbusto de incenso, depois de o cortarem o perfume permaneceu que tempos no bairro, ainda hoje se lá fosse dava por ele na rua)

conforme me lembro

(estacava de repente numa travessazinha, eu com dez, onze anos, não vinte e sete, não vinte e oito

- O incenso)

conforme me lembro da minha mãe com um corpete da minha tia, um penteado que não era o seu e um dos olhos aberto, a minha filha a dormir assim e antes que tosse e lenços e um braço acabar a sopa às cinco da manhã detestando que a minha mãe de volta e eu de branco entre gente de luto, não triste, aborrecida, eu com fome, eu a aquecer mais sopa, eu os primeiros carros na avenida, eu a tocar as pálpebras da minha filha, a sacudir-lhe o ombro, a agarrá-la

(não sacudi a minha mãe, não a agarrei dado que não a minha mãe, uma estranha)

eu para a minha filha

(pergunto-me se a minha filha não uma estranha, eu para a minha filha

444

(e o perfume do incenso de volta) eu

- Acorda

tal como há duas ou três semanas (faz quarta-feira que vem três semanas) eu para o senhor na hospedaria da Graça

- Acorde

não um cliente com uma colega minha, não o irmão da patroa, um senhor com a mesma senhora há mais de cinquenta anos todas as semanas aqui, a porta fechava-se e nem um estalo de tábuas, um ruído de conversa, a trepadeira contra a janela, silêncio, às vezes a ideia que gaiotas num pontão sei lá onde ou um comboio a chegar do estrangeiro

(a locomotiva, os travões das carruagens)

e engano meu claro, os comboios demasiado distantes e nem com a chuva as gaiotas por cá, quando muito rolas, os pardais que até na Cova da Piedade sobravam, uma cegonha entre duas nuvens em maio, na Graça nada de arbustos de incenso, vendedores de bugigangas, ma-caquitos de loiça iguais ao nosso

(- Não queremos nada teu)

ciganos, o cavalheiroMenina má menina má

e eu Cale-se

atenta ao quarto vizinho como outrora atenta aos meus tios e no entanto somente os desconfortos da casa, essa forma de existir dos objectos que falam de nós, fofocam, para além da casa as outras casas

Temos pena de ti rapariga

a Cova da Piedade aumentando no escuro, uma fracção do quintal iluminada logo que o marido da minha tia acendia o interruptor da cozinha e o bairro afinal de contas pequeno, o lustre de latão, o rou

445

(o que nunca tinha acontecido, não voltaria a acontecer)

quase junto a mim, trémulo, agudo, de Almada, de Cacilhas, de
um lugar do Tejo e no entanto perto, dando-me a certeza que podia
alcançá-lo

(e não estava adormecida, e alcancei-o)

o apelo de um barco, o marido da minha tia de pijama

- Com licença

no corredor onde uma colega e um cliente à espera, o arbusto de incenso visitou-me um
instante

(esfarelando-se as sementes o perfume aumentava)

e dissolveu-se no quarto

(não o meu quarto, uma cama, um cabide, duas estampazinhas em que nunca reparei)

eu preocupada com a senhora do saquito de crochet, com o senhor que demorava a subir as
escadas, via-o num arco a examinar o largo, o olho aberto da minha mãe a seguir-me, ainda
que lhe voltasse as costas o olho

- listou a ver-te

(- Largue-me da mão senhora)

mesmo atrás de uma cortina o olho dava comigo

- Filha

cadeiras não em torno da mesa, ao longo das paredes, a minha tia, engrossada pelas lágrimas,
com uma bandeja de cálices, a tropeçar no cavalheiro

- Acabou-se-te a ternura netinha?

(as minhas tranças sangravam, uma franja castanha, não loira como agora)

um rapaz arredondando no patamar a cabeleira postiça

- Ficou bem?

não loira nem castanha, ruiva, a patroa de tubo na garganta um gargarejo de brinquedo, uma
declaração confusa.

446

- Estou a ver-te

o olho não zangado, a perseguir-me apenas, nunca se irritou comigo, entornava-se num banco
a tossir, mais nova do que sou agora

- Não te chegues a mim

o senhor a ganhar coragem nos degraus, os olhos dele e o olho da minha mãe só que não

perseguido-me, à espreita, no quarto dos meus tios um relento de lãs antigas e alfazema seca, em novembro com o começo do frio a minha tia julgava sempre que a cadela fora, imaginava um raspar de unhas a insistir no capacho, enervava-se

- Deixem entrar o animal santo Deus

e ninguém salvo a chuva no alpendre, os junquinhos dobrados, folhas vindas da igreja a escurecerem o pátio, o senhor tentava um degrau na hospedaria da Graça, outro degrau, um dos rapazes de cabeleira postiça para o cliente, a endireitar-lhe a gravata

- Maroto

a minha tia levantando-se na esperança que a cadela no alpendre, em Évora ladravam por baixo da janela em que estávamos, adivinhavam, pressentiam, depois da época da caça matilhas a trotarem de fome nos becos atazanando carriças, o que recordo de Évora não é a minha mãe nem o meu pai, são latidos no inverno, o sacristão de opa vermelha a desferrolhar a capela, as espanholas da travessa, orquídeas, o senhor finalmente no quarto e nem um estalo de tábuas nem um ruído de conversa, a trepadeira contra a janela, silêncio e no entanto gaivotas num pontão sei lá onde

(apetecia-me correr na praia de chapéu de palha com cerejas de feltro)

um comboio a chegar do estrangeiro e os travões das carruagens, quando for velha eu com as espanholas na travessa depenando frangos

(acho que roubados)

mais elas, um saquito de crochet, eu sozinha ou com os outros cachorros em Évora desinteressada das carriças, apenas trotando de fome. a linpar o cavalheiro

447

não, o cavalheiro Mais quanto dizes tu?

não, o cavalheiro Casar-mo-nos?

ou seja alguém que abra a porta se eu raspar as unhas no capacho

- Deixa entrar o animal santo Deus

(correr na praia de chapéu de palha com cerejas de feltro na direcção de um rochedo onde um pedaço de corda, uma caixinha vazia)

ou então, antes de começar o frio, deem uma posta de carne para o quintal e envenenem-me

(não imagino de onde vem esta ideia de um pedaço de corda e uma caixinha vazia, a patetice de correr na praia de chapéu de palha com cerejas de feltro, talvez a minha tia, no meio dos seus trapos, guarde um chapéu de palha na arca)

não mexa na aliança, não me fale da sua esposa, não repita

- Casar-mo-nos?

incomodado com frenesins difusos que se transformam em gaivotas ao poisarem num pontão ganhando bicos, garras, uma maldade enérgica, ou com os travões das carruagens no quarto vizinho

(apenas comboio ao parar acorrido em si mesmo, declarando

- Sou um comboio)

ou então com a trepadeira que imitava gaivotas e comboios a juntar um galho a outro galho ao subir para o telhado onde eu supunha que flores dado que por vezes um cacho a baloiçar pedindo-me que o visse

- Eis-me

ao passo que os junquinhos da Cova da Piedade nunca

- Eis-me

acanhados de falarem, portanto as trepadeiras nos caixilhos, os rapazes de cabeleira postiça, os clientes e ainda não as cinco da manhã, a

filha a dormir,

448

- Menina má menina má

um sabonete, uma água de colónia que me fechava na mão

- Não me agradeças netinha

mais idoso que a senhora e o senhor, mais bem vestido, mais rico, podia ter impedido que me cortassem as tranças, que a minha mãe morresse, me deixassem crescer, ele não sentado lá fora de guarda--chuva aberto, a inquietar-se por mim Estás mais gorda estás mais magra

a preocupar-se comigo Não adoeceste netinha?

a prometer Um dia passa-me uma coisa pela cabeça e arranco-te daqui

esquecido do Casamento

sincero, quase comovido, orgulhoso da minha pessoa

Arranco-te daqui

a arrepender-se, a emendar

- Se pudesse arrancar-te daqui

com pena de mim no capacho ou rondando as janelas a ladrar sob a chuva

- Deixem entrar o animal santo Deus

e o arbusto de incenso a embalsamar-nos de perfumes (depois de o cortarem as raízes começaram a cheirar sob a terra) nenhum olho aberto a seguir-me, quando foi do desmancho alarmou-se, esperneou mangas

- Menina má menina má

(e eu a dar-me conta que tão inútil, tão gasto, se chamar lá de fora abro-lhe a porta sossegue, não o deixo em Évora de focinho a pingar, ossos pontudos sob a pele aguardando que o corpo falecesse também, ficava a voz a balir

- Menina má menina má

entre os papelinhos dos lábios)

449

(Não lhe faça mal não o expulse para a rua senhora)

Há um café lá em baixo
e o cavalheiro num pulinho de garupa
(daqui a uns anos eu assim, vinte e oito em abril, mal chegue a casa palavra abro a torneira do gás)
a recuar, a escapar-se em afirmações vagas
- Uma sobrinha minha
(acabou-se a neta, uma sobrinha minha)
obediente, apagado, uma das patas mais fraca e ele a disfarçar a pata obrigando-a a segurar o corpo, a continuar Sinto-me bem estou ótimo
no interior sinto-me bem estou ótimo
o cavalheiro anunciando Prometo ser um cão como deve ser não te aborreças comigo
e lá estava ele no café a apanhar com o cuspido do dedo as migalhas da mesa
(as espanholas de Évora depenavam frangos na travessa, nus, só cabeça e crista e as cabeças furiosas, alerta, enquanto elas brandiam um idioma de farrapos coloridos que se meneava, vibrava)
o cavalheiro um inchaço na coluna, uma das orelhas pulguenta, a mudar de perfil
Fala-me deste lado netinha
(acabou-se a sobrinha, sua neta de novo)
a dobrar-me notas na carteira sem acertar com o fecho, adejando à minha roda sobranceiras incertas
Não te fizeram mal pois não?
não me fizeram mal nenhum, não me doeue descanse, uma gaivota do Beato, não a parteira, a parteira
Está quase
encontrou um desperdício para mim e veio bicá-lo aos puxões, as restantes gaivotas a burrifarme piu.

451

o que continuava de mim no armário, uma gabardina, umas saias, entregando-me o macaquito de loiça que lhes ofereci pela Páscoa

Não queremos nada teu

e a gaivota engoliu, não um filho entre algodões num balde, evidentemente que não um filho, uma coisa que não terei de acordar, de vestir, de maçar-me com ela, seja um cão como deve ser senhor cale-se, não me peça que lhe fale deste lado, não me toque na carteira, não me entregue dinheiro, tantas ruas para farejar por aí reparou, tantos postes de iluminação, tantos troncos, tantos colegas seus a desventrarem pombos, deixe-me em paz comigo a medir o que me falta

(me tiraram)

me falta, o que recorde de Évora não é a minha mãe atrás de um lenço com as minhas tranças

lá dentro, é ter fome percebe e o que recordo da parteira não são as ondas jogando-me contra a muralha, são as gaivotas uma após outra a engolirem-me as tranças, a abandonarem--me na vazante dado que eu oca, entende, e a esquecerem-se de mim, eu um pedaço de corda, uma caixinha vazia, por muito que me afiancem do contrário ninguém corre na areia de chapéu de palha com cerejas de feltro

(salvo uma velhota a observar um cacto num muro

- A trabalhadeira que me deste pequena

eu que não a conheço

Quem é você senhora?)

correr de chapéu de palha, na areia, por um pedaço de corda e uma caixinha vazia, a parteira a esconder o balde (o meu desperdício num balde)

- Levanta-te

uma criança descalça

(parente dela?)

a seguir-me com um coelho de brinquedo

(ou um frango nu)

Mine mercado, a refilar, exprementar, deva II

451

(dado que penas, algodões, mais nada) no balde, o cavalheiro, desolado

- À direita não oiço netinha

e em Évora tudo branco mesmo no outono, as casas, os canteiros, o céu azul branco, os campos brancos, as magnólias branquíssimas, o meu pai branco na cama

(aproximavam-no da porta para se distrair com a alameda) um dos irmãos dele trabalhava de porteiro num cinema em Lisboa, conversava com o fiscal e o irmão do meu pai um sinalzinho disfarçado

- Podes entrar rapariga

eu de pé, junto à cortina, uma lanterna subia entre filas de cadeiras, achava-me no escuro, demorava-se a cegar-me, a lanterna uma gaivota que me bicava aos repêlões, não as minhas coxas, a minha cara, a minha blusa

- Não tens bilhete tu?

à medida que a parteira se esquecia de mim embora o coelho me estudasse a baloiçar, o cavalheiro feliz de eu estar viva

(mais tardes descanse até abrir o gás, dúzias de tardes ainda)

dedos vindos do nada que demoravam a ajustar-se-me ao ombro

(- Se ao menos eu pudesse arrancar-te daqui)

se embaraçavam que os vissem, desapareciam no bolso polidos pelo uso, fininhos

- Menina má menina má

dúzias de tardes ainda no cubículo a seguir aos senhores ou seja nenhuma trepadeira, metade de uma janela de rés-do-chão entaipada

(umas ripas de caixote, uns pregos)

na outra metade um pátio em que desperdícios, uma máquina de costura que a noite parecia entregar-me tornando-a íntima, minha, de forma que não deitada na cama consoante o cavalheiro julgava, eu a passajar na máquina sem dar por ele, eu vestida, ele de joelhos no soalho SÓ.

452

Por favor diz-me que estás a gostar netinha

e eu com dificuldade em responder derivado à minha atenção na agulha que por vezes não obedecia ao pedal, à roda que tinha de ajudar com a mão, a um gato que pulou na direcção de um buxo

(não de incenso, um arbusto sem nome, uns espinhos)

Não posso entortar a bainha desculpe

ou a correr na areia para longe dele

(a voz de não sei quem a ordenar-me)

Conta que de chapéu de palha com cerejas de feltro)

eu a correr na areia de chapéu de palha com cerejas de feltro, nunca tive um chapéu de palha com cerejas de feltro na vida mas a obedecer que remédio, isto pouco antes da filha do cavalheiro exigir à patroa no balcão da entrada onde se penduravam as chaves com uma árvore japonesa num vaso

O meu pai

na primavera, quando devia haver rolas, escutavam-se rolas e todavia nenhum pássaro ali, um ou dois corvos se tanto, lembro-me de uma colega minha

Os corvos

e eles três prédios adiante, de peito dilatado, a mangarem connosco, as penas negras, o bico negro, o papo negro, vestiram-me dessa forma quando o meu avô faleceu, a minha tia a procurar lutos no armário

O teu avô faleceu

e o guarda-chuva fechado, sem majestade alguma, no bengaleiro da entrada onde os dois bonés do marido da minha tia, o cinzento e o castanho, na sala da parteira uma rapariga de quinze ou dezasseis anos numa cadeira de vime que afirmava.

lembro-me do cabelo molhado de medo na testa, do nariz a estremecer, a estremecer, das ovelhas dessa maneira no Alentejo se por acaso

453

sem escaparem da gente, resignando-se, apenas o nariz a estremecer, a estremecer,

martelávamos um prego entre as vértebras logo abaixo do crânio, quando a rapariga deu por mim levantou-se da cadeira de vime e a cadeira

não para fugir, para se chegar ao prego, a rapariga uma ovelha com um estojozito de sarja, de mandíbula não a mastigar, para a direita e para a esquerda aplainando palavras

e a quem a parteira

Um momento

enquanto o focinho do coelho se despedia de mim, isto não na Graça nem no Poço dos Negros nem em Campolide nem nos Olivais, num bairro a seguir às Olaias

(não, na Calçada da Picheleira antes das Olaias para quem viesse de baixo)

prédios de dois andares, alguns com andaimes e pedreiros pretos

(uma cidade de pretos a nossa)

num intervalo de paredes, sem que se esperasse, o Tejo, o que parecia uma ilha

(uma ilha?)

e era uma mancha de algas ou uma sombra de nuvens

(uma sombra de nuvens)

a prova que o mundo tão grande apesar de um carrinho de hortaliça no passeio

(um triciclo a motor)

a estreitá-lo, ciganos

(uma cidade de ciganos a nossa)

com roupa sobre pedaços de lona estreitando-o mais ainda, um cego a calcular obstáculos com a pressa da varinha

(uma cidade de cegos a nossa)

antPé; ria o Ki

454

modo que eu alheada também, eu a correr na praia de chapéu de palha com cerejas de feltro sem entender a razão do chapéu de palha com cerejas de feltro e como não era eu que ali estava

(eu a dar de comer à minha filha)

não me dizia respeito a parteira lá em cima

(ou a gaivota)

a dizer não sei a quem

- Este não quer sair o parvo

e uma injeção não em mim visto que eu junto a um rochedo encontrando um pedaço de corda e uma caixinha vazia, no balcão da hospedaria da Graça uma árvore japonesa num vaso, igual às árvores grandes, a filha do cavalheiro sem atender a um rapaz de cabeleira

postiga nem ao tubinho da patroa nunca fizemos mal ao senhor professor minha senhora, nunca lhe faltámos ao respeito, nunca lhe roubámos nada, a filha do cavalheiro que não me podia enxergar

(o chapéu de palha escondia-me)

- Não tem juízo pai?

dedos polidos pelo uso, fininhos, sumindo-se no bolso, regressando do bolso, a apanharem com uma gotita de cuspo grãos de pó no balcão, as sobancelhas que procuravam entender (nada mais nele entendia)

a língua que vinha e ia nos papelinhos dos lábios, se eu fosse à filha deixava-o ficar comigo

(- Diz-me que estás a gostar netinha)

em vez de um cobertor nos joelhos, o solzinho na varanda

- Aproveite que é de borla

amarrar-lhe a cintura a fim de não andar pela casa a mexericar nas gavetas, insistente, tontinho, a procurar o porta-moedas sem achar o porta-moedas, notas estrangeiras

(de onde?)

documentos fora do prazo, o retrato da esposa que de vez em quando,

455

o cavalheiro um cachorro no quintal à chuva ladrando-nos de todas as janelas com esse instinto dos bichos, a inteligência que eles têm e não lhes serve de nada porque a gente não ouve, pressentem os terremotos, as doenças, a morte, enfiam-se sob os móveis recusando a comida, chamamos e não vêm, se lhes encurtamos a coleira procuram logo morder, o cavalheiro um cachorro no quintal à chuva, já de noite, raspando o capacho com as unhas

- Não há ninguém nesta casa que abra a porta ao animal por amor de Deus?

que o deixe, sem se encostar às pessoas nem nos lambar as mãos, apequenar-se no tapete a fitar a gente, ressentido, dando fé de um barulho na cozinha, urinando de pânico, se fosse filha dele entregava-lhe as chaves

- Veja lá como se porta eu confiei em si

ajudava-o a vestir-se, a cortar o empadão, a tomar cuidado com as nódoas, metia-lhe na algibeira um cartão com a morada, para o caso de não se lembrar senhor você vai, mostra o cartão

(o que está do outro lado não interessa, o canalizador, o dentista, letras impressas, não ligue pus-lhe uma cruz em cima, o que interessa é o que escrevi à mão, espere aí que eu sublinho, se tiver dúvidas com a morada tire-o da algibeira

esta algibeira, fixou esta algibeira?

pergunte seja a quem for que o ensinam)

e fim dos problemas, pronto, de modo que o cavalheiro na hospedaria da Graça comigo, unhas que me tentavam encontrar, perdiam, a cara dele não contente, nervosíssima

- Por favor diz-me que gostas netinha

às vezes na cabeça o seu passado todo, a vida inteira tão clara, Setúbal, o verniz das sempre-noivas que regavam de fresco, não sei quê na terra que o alegrava, quase o fazia cantar

(- Não sou um cão nunca serei um cão)

a estátua do jardim a que faltava um braço, o outro braço erguen-

456

- Posso contar com a sua discrição ao menos?

a amiga da avó

(- Quero dizer-te um segredo fedelho)

que o encontrava nos calções, o perdia

- Por favor diz-me que gostas de mim netinho

isto numa vivenda quase na estrada de Palmeia com um São Roque no alpendre, colchas de cetim sobre os móveis, a empregada a rir--se, a vida inteira tão clara

- Diz-me que gostas netinho

de modo que não preciso do cartão, a vivenda quase na estrada de Palmeia, simplicíssimo, o marido da amiga da avó agrimensor na índia, cartas que demoravam a chegar e ela decifrava em voz alta, de pin-ce-nez ampliando-lhe a fala, a enganar-se nas linhas, a abandonar o pince-nez e a carta

- Tanto faz

para o perder e achar

- Menino mau menino mau

enquanto o cavalheiro observava uma gota nas fendas do tecto a aumentar sem cair, pensava

- Vai cair

e a gota diminuindo no interior do estuque para aumentar de novo

(a vida inteira tão clara, o emprego em Moçambique, o sócio inglês que se enforcou no hotel enquanto as pás do ventilador giravam e o charuto aceso ia queimando o tapete, as pás do ventilador

disso lembrava-se

faziam rodar as solas dos sapatos novos

disso lembrava-se também

e nisto as recordações a misturarem-se, onde fica Palmeia, o que é Setúbal digam-me)

ele na hospedaria da Graça a caminhar para mim

Netinha

chegar, eu atenta ao quarto vizinho como dantes atenta ao quarto dos meus tios e nem um estalo de tábuas, um ruído de conversa, a trepadeira na janela, silêncio, dava-me ideia que um comboio a chegar do estrangeiro

(a locomotiva, os travões das carruagens)

e engano meu, os comboios demasiado afastados e nem com a chuva as gaivotas por cá, quando muito rolas, os pardais que até na Cova da Piedade apesar de pobre havia, uma cegonha entre duas nuvens em maio, eu para o cavalheiro

- Cale-se

(entreguem-me depressa o meu chapéu de palha com cerejas de feltro, não me impeçam de correr agora) um homenzinho a fumar no pontão

- Trambolho

ou as pessoas que aguardavam o comboio ao mesmo tempo que o senhor caía, eu para o cavalheiro

- Cale-se

dado que o senhor caía, a senhora que falava com ele

(ou eram as minhas colegas à espera?)

repetindo o seu nome acho eu

(ou a voz sobre as nossas cabeças que anunciava as partidas da estação?)

e os gritos dos pássaros que um sujeito com uma máquina fotográfica numa cave do Beato

- Pimpolho

me impedia de entender

(isto às seis e vinte, seis e vinte e um da tarde)

a porta do quarto vizinho aberta, a minha tia

- Alguém por amor de Deus abra a porta que coisa e deixe entrar

esse cão

a porta do quarto vizinho aberta e ao princípio não vi

- Não vale a pena

porque o senhor de costas no chão e para além das gaivotas albatrozes, rapazes de cabeleira postiça, andorinhas do mar, dúzias de comboios ao mesmo tempo, fumo, bagagem, tanta gente a empurrar-me, a acotovelar-me, a afastar-me da senhora

- Aguenta lá fora tu

(a minha mãe a tossir, um sinal acho eu)

cinquenta e dois anos às quartas-feiras na hospedaria da Graça onde com o tempo a gente que trabalhamos aqui acaba por se conhecer uns aos outros, o saquito do crochet na cama, o naperon quase completo, o novelo no fim, o genro do senhor

- Cunhadinha

não, o genro do senhor que fingia não dar pela senhora

- Um momento

o genro do senhor a dar por mim

- Um momento

e talvez, se ele der por mim, não necessite da torneira do gás, eu não em Évora com os restantes cachorros, trotando de fome nos becos, desaparecendo, voltando, eu que nunca os beijava pronta a aceitar um beijo, dedos no meu pescoço, patéticos assim, um chupa-chupa para a minha filha

- Pegue-lhe ao colo amigo

pegue em nós duas ao colo um bocadinho que seja, um chupa--chupa de morango ou limão ou laranja

(não é preciso ser caro)

que me tire o gosto do lenço da minha mãe na boca, se não lhe escutasse a tosse, se tivesse tido seis

(sete anos)

no hospital de Évora

(nem sete nem seis, três anos, a minha tia criou-me)

percebia, com seis ou sete anos limpava a casa, fazia os recados,

| 459

- Tu não sabes

uma ocasião vedei os espaços com trapos, toalhas, jornais, abri a torneira do gás mas senti o arbusto de incenso

(não sei porquê o arbusto de incenso)

e tive medo, fechei-a, a minha tia ao dar com os trapos, as toalhas, os jornais

- O que é isto?

dez ou onze anos julgo eu quando ela

- O que é isto?

uns sujeitos num carro levaram o senhor pelas traseiras da hospedaria da Graça, o genro do senhor a dar por mim outra vez

- Vocês nunca o viram está bem?

a fumar na extremidade do pontão das gaivotas onde as minhas colegas bicavam nos caniços, nos barcos, eu vestida de noiva na montra do fotógrafo, o genro do senhor para os meus tios

- Estão a rir-se de quê?

e os meus tios respeitosos

- Senhor engenheiro

de modo que hei-de dar-lhes um retrato em que o genro do senhor e eu diante do telão que

representa o palácio da Bela Adormecida com a princesa de laçarote no cabelo a remar no lago, uma máquina de lavar em condições, um frigorífico grande, levá-los um dia destes até junto das ondas para me verem correr na areia de chapéu de palha com cerejas de feltro ou debruçarem-se comigo de uma janela para um muro onde daqui a nada

(é uma questão de minutos)

vai poisar uma arvéloa que é a maneira que elas têm

(espertíssimas)

de anunciar o mar.

SEGUNDA NARRATIVA

Isto é uma casa decente para pessoas decentes, algumas vindas de longe

(não só do bar lá em baixo)

na certeza, de encontrarem o ambiente de família que nos hotéis mais caros não existe, o tacto e a discrição também porque consoante digo sempre à polícia que nos entra porta dentro como se a pensão lhes pertencesse, a incomodar os hóspedes com empurrões e perguntas, não se maçam clientes sérios remexendo-lhes nos bolsos a perguntar

- O que é isto?

obrigando-os a levantar da cama e tratando-os por tu aos gritos, sem consideração alguma, por vezes estrangeiros que levam para a terra deles uma ideia de Portugal que nos prejudica a todos ao deixarem o país

(que já não tem muito boa fama)

pelas ruas da amargura, eu a receber as pessoas com educação e

462

contentes há sempre e aos descontentes a minha mãe que nunca foi de modas

-Andor

os polícias deviam dar o exemplo a transtornarem o descanso de pessoas sérias, às vezes nuas, descalças, distraindo-se com uma rapariga alegre

(que é para isso que as mulheres existem)

das misérias da vida que faz que anda mas não anda e hipotecas, doenças, as pessoas a confraternizarem coitadas, uns pontos de vista, umas brincadeiras tranquilas, e nisto uma cáfila de brutos a maltratá-las sem razão, pistolas, algemas, ameaças

- Papéis papers quietinhos

aproveitando-se da minha dificuldade em protegê-las derivado ao tubo na garganta, tento falar e por mais que me esforce onde se esperam palavras

(onde julgo que palavras)

umas bolhas, uns silvos, o doutor que me operou

- Carregue o sobrolho deixe lá que quem se lhe puser à frente

compreende

e pela primeira vez dei-me conta do que sofre a trepadeira lá fora tentando conversar connosco e em lugar dos problemas dela o que escutamos são folhas, ramos que procuram libertar-se dos apoios de arame, um galho pensando que o nosso nome é afinal

-Dddd

contra os vidros, a trepadeira sem acreditar

- Não pode ser

e

-Dddd

de novo, mesmo com a ajuda do vento

-Dddd

umas gavinhas, umas lagartas, uns cachos, um moscardo por ela

- Não me ouvem?

463

- Não te preocupes mais

há alturas em que penso que o doutor devia ter pegado numa machadinha comigo em lugar de tratamentos e cortado ao acaso, para quê insistir, dá-se fé quando muito de um chocalhar de cartilagens, não de um argumento, há alturas em que se o doutor erguesse a lâmina

- Não te preocupes mais

agradecia, chocalhava reconhecida uma cartilagem qualquer

- Obrigada

e bastava-me esperar que amanhã ou depois os vizinhos varressem tudo, que mais não fosse pela poeira e o lixo, eu desde o hospital tão atenta à voz das plantas, das coisas, uma consola estala e compreendo, perco tempo com ela

- O que se passa agora?

fico-me a decifrar o silêncio, numa linguagem de estátua, da árvore japonesa no balcão, aqueles braços em ziguezague, aquelas pregas da casca, não consinto que a reguem, sou eu que trago a água num copo

- Se te apetece desabafa comigo

mais três doentes no meu quarto em silêncio também, as caras só narinas apontadas ao tecto à medida que iam perdendo orelhas, dedos, cinco de início, depois dois, depois um enrugando o lençol, depois o lençol vazio, depois nada, ao retirarem o biombo em torno do colchão logo outra doente ainda com dedos, acreditando ainda, mentindo-se ainda na manhã seguinte

- Acho que me recompus

embora os pés se afilassem, já não bem pés, só unhas, as narinas cá em cima, as unhas em baixo e no intervalo um vazio pardo a crescer, os dentes engolidos um a um sem dar conta, a

gente a mastigar-se, a comer-se, a comer o cancro, a comer as dores, a comer as visitas, cada parente que se aproximava de mim devorava-o, comi o meu passado inteiro, o que quis ser, o que fui, comi

464

as enfermeiras, o doutor, o hospital, sobra-me esta casa decente para pessoas decentes, não como a tangerineira por respeito à minha mãe (trinta e um anos aqui, ela gostava de dizer

- Uma vida

e ficava a olhar-nos zangada até concordarmos com ela, aliás sempre que acabava uma frase ficava a olhar-nos zangada até concordarmos com ela)

com o tubo na garganta e a questão das dores foi-se-me a serenidade, não é bem que me doesse, não me doía porque engoli o cansaço, o desconforto, a dor, de resto nem conheci a dor visto que devorei logo a primeira moínha conforme devorei a queda do cabelo, a magreza e o medo, as horas que me separavam dos remédios, o futuro, os amanhãs, os ontens, se por acaso me lembrava

(é um exemplo)

de um passeio a Estremoz engolia Estremoz e pronto, qual passeio, a minha fome limpou tudo, o autocarro, o almoço, os gansos da barragem soprando vírgulas, não acentos, não parêntesis, por tubos iguais ao meu na garganta, quando o doutor para mim

- Vou dar-lhe alta senhora

deixei as três mulheres no meu quarto a comerem-se, a comerem--no, lá estava a hospedaria da Graça onde os eléctricos curvam, a fotografia da minha mãe na entrada jurando

- Uma vida

a olhar zangada até concordarmos com ela

- Uma vida mamã

a minha mãe que continuava a mandar na pensão a partir do retrato

Quero assim quero assado

e as rugas fixas à espera, eu que durmo na cama dela sinto que é ao seu corpo que as tábuas respondem, não ao peso do meu, deito-me na sua cova, não numa cova minha, o guarda-fato resiste ao lutar com

465

a minha roupa a envelhecer para se tornar a dela, vestidos de viúva mais descuidados, mais largos, a não cheirarem a mim nos cabides, as gavetas trancando-se quando me aproximo, tenho de ameaçar

Eu como-as

para que os fechos rodem, à noite as tangerinas estremecem o soalho ao tombarem sem que eu distinga os frutos dos sapatos dos clientes ou da caliça do tecto, quando foi do senhor do 12 não prestei atenção, julguei que um fruto também, eu na entrada a receber e a distribuir as chaves pensando há quanto tempo ninguém se descalça ao meu lado, na enfermaria luzes distantes demais para que eu pudesse comê-las, elevadores que não paravam de subir

ultrapassando o edifício ou então hospitais por cima deste em que outra gente engolia, com dentadas às cegas, os intestinos, a próstata, há quanto tempo ninguém a chegar-se para mim

Ora viva

deve ter existido antigamente um homem, uma ida ao cinema, um passeio a Queluz, as visitas

Estás melhor?

e eu defunta, por que razão não me comem, por que razão eu intacta

Engulam-me

tenho ideia de um sorriso, de cartas, mas se calhar devorei a memória ao devorar-me a mim mesma ou devorei o homem na enfermaria juntamente com as palmadinhas de consolo, as flores e o dó, devorei o dó num instante sem o sentir no estômago

Vai-te embora

e quando se foi embora custou-me a mastigar-me ou nem sequer me mastiguei, pediEngulam-me

apenas, pediEngulam-me depressa

466

Engulam-me

entreguei-o a uma das raparigas da pensão, a rapariga a demorar-se no papel, a mirá-lo, a mirar-me, a devolver-mo embaraçada

- Não percebo

eu para a rapariga, dobrando o papel

- Em adoecendo percebes

mesmo que te mintas percebes, hás-de devorar-te um dia, papar o que puderes até não restar nem uma gotinha de ti, comer os doutores, as enfermeiras, o padre que há-de chegar por fim, engole o padre, devora-o, deve ter existido um homem outrora, desses do bar lá em baixo a acompanharem as mulheres ou os rapazes de cabeleira postiça, as mulheres à frente e eles calados atrás com a mão no bolso do dinheiro, indecisos

(porque não os engulo depois de me pagarem?)

assustando-se com as tangerinas no chão ou uns passos na escada por mais que lhes afirme que isto é uma casa decente para pessoas decentes, que durante meia hora não os chamo da porta quando nos quartos já nada, quase nunca nada nos quartos

- O seu tempo acabou

conforme nada no meu quarto no momento em que o doutor para mimVamos operá-la amanhã

aborrecido de eu estar viva e euVou comê-lo doutor não se deu conta que o seu tempo acabou?

não era o estar sozinha, não me ralava estar sozinha, era a tangerineira a oscilar, a vibrar, porções minhas que cessavam, esta perna, este órgão, criaturas diminuindo devagar e não sei quem são, sei, torno a não saber, pensando melhor nunca as vi (terá havido um homem?)

- Vamos operá-la amanhã
uma doente, não eu, tranquilizá-la, prometer-lhe

467

na hospedaria da Graça que herdei da minha mãe, uma casa decente para pessoas decentes onde se exige educação e respeito, cada quarto meia hora no máximo excepto a senhora e o senhor das quartas-feiras que desde eu criança toda a tarde no 12, o senhor que parecia trazer consigo as gaivotas

(cinco ou seis no largo)

que não se atrevem neste bairro que não simpatiza com o Tejo

(se tenho vagar aos domingos, desço ao miradoiro a espreitá-las)

a senhora com o saquito do crochet, provavelmente sempre o mesmo, que chegava antes dele

(nunca depois, antes)

se interessava por mim, me entendia os parêntesis, os acentos, as vírgulas sem notar as mulheres e os rapazes de cabeleira postiça ou se os notava interessando-se igualmente embora estivesse capaz de jurar que os não via, ambos, isto é a senhora e o senhor

(calculo eu)

sentados lado a lado na cama de frente para a trepadeira no inverno sem folhas, só arames, descobrindo os estragos da pintura, os tijolos, as pedras, a trepadeira cujo nome ignoro e não sei quem

(o primeiro dono?)

plantou, a senhora e o senhor de frente para o outono da janela deserta, o senhor

(terá havido um homem para mim e no caso de ter havido mastiguei-o, comi-o?)

com o seu jornalzinho na mão, dobrado na página do problema das damas

(as brancas jogam e ganham)

morava com a esposa e as filhas no Jardim Constantino

(lugar bonito, distinto)

e a senhora que morava sozinha ou com parentes mais idosos que ela

468

não entre memórias, ausências, da mesma forma que não entre vivos, entre poeira de mortos, num desses edifícios de Xabregas onde os hábitos dos falecidos permanecem

(uma cadeira articulada, um bule de chá, uma mesa de pé-de-galo com uma bailarina de corda)

exigindo que lhes obedecesse, cuidasse deles, os escutasse, continuava a justificar-se às quartas-feiras para as paredes vazias supondo que nas paredes desconfianças, uma censura talvez Pediram-me que ajudasse numa limpeza papá

ou Uma compra na Baixa papá

ouO que me esqueceu no mercado papá

pensando não no senhor mas nela, de boca no travesseiro na quinta dos pais à medida que o
sacho do empregado, abrindo a terra, a abria, ela e eu a darmos pelo sachó na hospedaria da
Graça e as vezes pergunto-me se o senhor o escutava, se era por causa do sachó que o
problema das damas

(as brancas jogam e ganham)

ela difícil de ouvir derivado ao travesseiro

- Fico consigo descanse

a senhora com pena do senhor, quase a sorrir, a tocar-lhe e sem lhe sorrir nem tocar, tocava a
trepadeira, os pinheiros de um sanatório em Coimbra, prometia

- Fico consigo descanse

e ele como se acreditasse nela, grato, fingindo que grato (as brancas jogam e ganham)

parado nos degraus da hospedaria dado que o coração, os diabetes, eu com vontade de
perguntar-lhe

- Quer que o engula você?

e o senhor a olhar-me das escadas enquanto um casal subia ou

469

volta um mal entendido nos preços e um cliente exaltado, os amigos das mulheres a forçarem
portas e ameaças, gritos, volta não volta uma faca, um sujeito a cobrir a mancha da camisa
com a palma até a palma desistir e a mancha maior, a garganta um tubo em que vírgulas,
parêntesis, os rapazes de cabeleira postiça a fitarem-no, se não fosse o reconhecimento que
devo à memória da minha mãe que me criou a pulso, sem ajudas, no Arco do Cego onde os
fregueses dela a apontarem-me no colchão

- E a criança?

recordo-me de conversas a acertar posições e dinheiro (a minha mãe

- Isso é pouco)

da luz de repente acesa, não a da mesinha de cabeceira, a do tecto que anulava as copas na
rua, as árvores invisíveis continuando os seus discursos e a certeza de compreender porque
nessa época compreendia as coisas

(não as compreendo hoje em dia)

as jarras, as garrafas, as tábuas, os cabelos na escova e a minha mãe a examiná-losO que se
passa comigo?

recordo-me de ordenarFecha os olhos depressa

e ao fechá-los as árvores de regresso, a vizinha a perseguir os perus com a navalha, a agarrar-
lhes o pescoço e asas, um salto, o pescoço a escapar-se, a mão que prendia uma pata, o peru
tombado de banda e a vizinha de joelhos sobre ele, a minha mãe para o freguês

- Não tens pressa?

e eu distraída dela a dialogar com as árvores, se me dirijo à trepadeira a trepadeira muda de
janela, não me responde, evita-me, a vizinha acertava com a navalha na barriga do peru, no

peito, o bicho trotava no quintal, escondia-se no lavadouro, reaparecia nos pimentos,

470

de pé, o freguês de pé e o cheiro, deitado comigo, a crescer, pedir ao cheiro

- Largue-me

as vozes dos homens que lavavam a rua não me lavavam a mim, apagavam a fachada do cinema e mais árvores, uma das moedas do freguês rolou no sobrado e a minha mãe, transformada em tornozelo, debaixo do colchão a apanhá-la

(porque me obrigam a contar isto, quem me obriga a contar isto senhores, que chapéu de palha com cerejas de feltro, que arvêloa?)

quando eu tinha doze anos mediu-me os ombros, as ancas Vais começar a ajudar-me

eu que é que você disse senhora?

e a minha mãe a demorar-se-me nas nádegas

Uma surpresa

isto de dia numa altura em que as árvores não existiam por enquanto, começavam a existir ao crepúsculo e antes disso, em lugar de árvores, alguém a bater tapetes, o papel de luto no vidro da capelista e o estabelecimento de repente importante, severo, no papel de luto o dono a ver para além da gente, igual aos almirantes nos bustos, eu com doze anos, uns tempos antes da Graça

- O que é que você disse senhora?

a minha mãe a estudar-me melhor, a comparar tamanhos

- Tu sabes

de forma que nessa noite ou na noite seguinte (julgo que na noite seguinte ou na noite depois da seguinte) a luz de repente acesa, não a da mesinha de cabeceira, a do tecto que tornava as sombras verticais, tão pequenas no chão, queríamos uma sombra e não tínhamos, ver a nossa cabeça, o nosso corpo e não víamos, apenas as feições mais cavadas, os ossos mais estreitos, os candeeiros lá fora sim, as árvores sim

- Olá árvores

471

- E a criança?

do mesmo modo que a minha mãe não

- Fecha os olhos

a agarrar-me o pescoço e asas, um salto, o pescoço a escapar-se, a mão que me prendia uma perna, eu tombada de banda e a minha mãe de joelhos sobre mim, recordo-me não dos ciscos, da poeira, da terra, mas de pratos e talheres e frigideiras no chão

- Queres que a gente morra de fome?

trotei um momento no sobrado, escondi-me no lavadouro ou no vão da janela onde a insígnia do cinema, a capelista fechada, eu de súbito imóvel, vencida e, consoante a vizinha fazia, depois tiram-se as penas, depois despejam-se as vísceras, depois separam-se os membros,

depois com a navalha vão-se limpando as cartilagens, os ossos, a vizinha enternecida
comigoEstás a ver?

agradada que eu ajudasseEstás a ver?

a ensinar-me a desarticular omoplatas, costelas

Estás a ver?

o peru despido, branco, tão magro afinal, mais magro do que eu pensava no espelho (o doutor

- Vamos operá-la amanhã)

e não me doía dado que engoli a dor tal como engoli os dentes um a um, a minha mãe de pé, o
freguês de pé a juntar notas, moedas, um cheiro que não era o nosso cheiro não no lençol, em
mim, pedir ao cheiro

- Não me maces

e apesar do cheiro nunca houve nenhum homem, nunca ninguém comigo, a vizinha a trancar
o forno

- Aprendeste?

472

a minha mãe em busca da moeda debaixo do colchão

- Aprendeste?

nenhum homem nessa época e nenhum homem até hoje, eu sozinha, eu de chapéu de palha
com cerejas de feltro

não, eu chapéu algum, com um tabuleiro de toalhas e fronhas pouco depois de mudarmos para
a hospedaria da Graça, ainda não dois andares, um apenas

(parte de um andar apenas)

ou seja quatro ou cinco quartos de uma casa decente para pessoas decentes, um homem que
nunca encontrara, um cliente achei eu, a conversar ao balcão com a minha mãe

(ao perguntar à minha avó pelo meu pai a minha avó

de repente veio-me à ideia a sombrinha da minha avó, uma sombrinha de xadrez, e
emocionei-me

ao perguntar à minha avó pelo meu pai é a sombrinha que continuo a ver)

um homem que nunca encontrara, um cliente achei eu, a conversar ao balcão com a minha
mãe

(não tínhamos a árvore japonesa no vaso conforme não este balcão, outro mais barato antes
deste)

um cliente achei eu, dali a pouco a minha mãe agarrava-me o pescoço e o pescoço a escapar-
se, asas, um salto, a mão que me prendia uma perna, a navalha na barriga, no peito, o cliente
já a aguardar na cama

(aquelas caras deles)

e em lugar da navalha a minha mãe

- O teu pai

a sombrinha da minha avó tão modesta, se continua a existir deve apodrecer na arrecadação não é, um dia destes talvez a encontre na sombrinha avó, sentada na salita a mostrar o reumático dos dedos

- Não te faz impressão?

473

mas aposto que se enganou dado que eu imensos pais mãe, este um cliente sem me chamar, sem me pegar no braço, nem deu por mim, foi-se embora, a minha mãe

- O teu pai

e ele uma espécie de contrariedade

(não bem contrariedade)

um aceno

(o que poderia ter sido um aceno e não era um aceno)

portanto não o meu pai, um cliente consoante o meu pai um aceno, não um homem, a lâmpada do tecto de súbito acesa, as árvores do Arco do Cego que não voltei a enxergar, o que aconteceu ao cinema, se penso na minha avó

(e praticamente não penso na minha avó)

a sombrinha, explicar-lhe que não gosto deste trabalho na hospedaria senhora, ao perguntar-lhe pelo meu pai mostrou-me o reumático dos dedos

- Não te faz impressão?

(o pai da minha mãe quem foi?)

se pudesse escolher preferia uma loja, um quiosque, o senhor que herdei da minha mãe a olhar-me sem força nas escadas onde um rapaz de cabeleira postiça desenredava colares, perguntar ao senhor Qual o motivo de todas as quartas-feiras aqui?

perguntar-lhe Porque não uma das raparigas do bar?

com ganas de propor agarre-me o pescoço, uma perna, não me deixe fugir, porque não eu no 12 enquanto você com o jornal (as brancas jogam e ganham) não falo, não aborreço, não incomodo, animo-o

- Notou aquela gaivota senhor?

quando nenhuma gaivota, não há gaivotas aqui, uns tordos, rolas, de tempos a tempos um corvo do castelo, não topei com a sombrinha

474

topei com uma gata que se desviou de mim a bufar, não a topei a si

- Onde é que foi senhora?

os defuntos não gente, gaiolas, chapéus, flores, latas de pastilhas para a tosse que a ferrugem impedia de abrir, chocalhava-as contra o ouvido e um eco de pedrinhas

(os defuntos pedrinhas)

as latas não tinham peso, tinham um eucalipto com uma cercadura doirada e as pedrinhas

afirmando o quê, pedindo o quê, parecia-me Solta-nos

parecia-me Não reparas?

ou outra frase que não interpreto bem, sentimentos que desaparecem ao exprimi-los, poisamos as pedrinhas e não existem, calam-se, ao calarem-se nunca afirmaram nada, nunca pediram nada, eu qualquer dia como elas sob um eucalipto também, olá flores, gaiolas, chapéus

(cumprimentem-me porque acabei de chegar)

portanto o senhor a olhar-me nas escadas à medida que um casal subia ou descia e mais casais no corredor à espera, mais ruído que num prédio novo derivado aos prédios velhos capazes de traduzirem o que tentamos calar, por exemplo a minha mãe

- O teu pai

e o cliente

(sou da opinião que um cliente)

a ir-se embora sem reparar em mim, não me lembro das feições dele, lembro-me de dar ideia que fugia de nós e eu com o tabuleiro das toalhas e das fronhas sem que me agarrassem o pescoço, uma perna, sem que um peru tombado de banda e a minha mãe de joelhos sobre ele

- Vais começar a ajudar-me

o queixo da minha mãe a engolir-se a si mesmo

475

(bem o sentia na forma como inclinava o corpo)

e a arrepender-se do passo, a cara dela à beira dos mil bocadinhos a que chamaria lágrimas se acreditasse em lágrimas

(não acredito em lágrimas)

isto é as feições a recomporem-se de um modo diferente que não era ela, tornavam a mudar de lugar e pelo menos uma parte da minha mãe ali embora distorcida sob uma agitação de água, quer dizer uma porção conforme a conheço e a porção restante o que a minha mãe foi um dia, suponho que há imensos anos, numa época em que havia espaço em si para algumas nuvens, algum ventinho nos arbustos, uma atitude

(se me é permitido o exagero e mesmo que não seja permitido permito-me)

de esperança, um triciclo que a podia conduzir a um lugar mais feliz, quando a memória do cliente se desvaneceu a cara da minha mãe

(com que vivi desde que sou eu e a que me habituei)

sem lágrimas, inteira, zangando-se comigo

- Não se trabalha?

(o chocalhar das pastilhas apareceu e sumiu-se

- Até qualquer dia avó)

eu com o tabuleiro a caminho do andar de cima esquecida do cliente a que chamaram meu pai e que no hospital, sem que eu projectasse fosse o que fosse, nem desejasse fosse o que fosse a não ser devorar-me desde que a doença e as pessoas à minha roda engolidas, aparecia de

visita junto a mim, não se debruçava, não sorria de pena, ia conversando com uma criatura cujos traços

(não lágrimas que não acredito em lágrimas)

se dispersavam em mil bocadinhos juntando-se um segundo para se dispersarem de novo, uma tarde antes que a dor se aproximasse

(lá estava ela à distância, fui aprendendo com o tempo a adivinhar-lhe os sinais)

476

pêra, um desacordo no patamar acerca de posições e preços, os clientes dos rapazes mais tímidos que os outros, mais receosos da polícia, de mão espalmada no peito

- Um engano um engano

vi um ou dois suplicando e apesar de não acreditar em lágrimas os olhos deles a tremerem, não os mil bocadinhos da cara, a cara intacta, eram os olhos que mudavam de forma, quadrados, triangulares, em losango, procuravam o lenço, quase o rasgavam nas mãos

(quase o rasgavam é exagero, iam-no torcendo nas mãos, somos poucos aqueles que não se deixam influenciar por um lenço)

ofereciam dinheiro, pediam, menos raramente do que se pode imaginar um dos polícias com um rapaz de cabeleira postiça, agarrando-lhe o pescoço com a mão da vizinha, o peru a escapar-se e as asas, o salto, isto num quintal pequeno mesmo para um quintal de província onde todos os verões se refazia o muro derivado à lama que descia o aterro ou a um freixo quebrado, o rapaz de cabeleira postiça acabava por aquietar-se vencido, retiravam-se-lhe as penas e a nudez, a magreza, portanto

(voltando onde estávamos)

o senhor que herdei da minha mãe nas escadas, a senhora à espera no 12

(primeiro andar, sexta porta)

o senhor que em tantas quartas-feiras e no caso de não haver mentido

(hipótese que não deixo de aceitar, vive-se na falsidade e no ludíbrio, não vale a pena discutir, eu pelo menos não discuto, é assim)

fui conhecendo aos poucos, morava no Jardim Constantino

(um género de praceta junto à Almirante Reis o que quer dizer o Bairro das Colónias próximo, onde um velhote amigo da minha mãe, um capitão todo cumprimentos, medidas)

a esposa, duas filhas, o genro, a filha sem genro, em criança, no circo com ele porque a filha agradavam os cavalos que o aborreciam.

”” ”

477

(Portimão?)

Tavira

(a suspeita que alguém já explicou isto por mim e consequente-mente abrevio)

a senhora que encontrara antes da esposa

(já explicaram isto também, não vamos repetir pormenores, adiante)

e com quem cinquenta e tal anos, mais do que a minha mãe chamava uma vida, na hospedaria da Graça, arrisco que por hábito por acreditar tanto no amor como acredito nas lágrimas, se um fulano para mim

- Amo-te

(felizmente não existe grande perigo que um fulano para mim

- Amo-te)

essa espécie de excrescência, de aleijão, de cancro, nem hesitava, comia-o, pode ser (concedo)

que haja momentos de fraqueza quando qualquer coisa se demora em nós num desses compartimentos que não me atrevo a espreitar com receio de pedrinhas numa lata ou uma gaiola onde uma pluma flutua sem destino, pode ser que haja momentos de fraqueza quando qualquer coisa desce

(não uma pluma, dúzias de plumas)

numa chuvinha mansa e a gente com uma espécie de dificuldade em

(não acredito em lágrimas)

uma espécie de dificuldade em continuar apesar das pessoas atrás de nós a empurrarem-nos para chegarem cá cima, pode ser que em momentos desses, graças a Deus menos frequentes agora, me não desagradasse que

- Amo-te

a fim de que o

478

apagasse as pedrinhas na lata e outras sensações

(chamemos-lhes sensações, é mais rápido e entende-se)

que

(detesto confessá-lo)

me custam conforme me custam certas manhãs, certos meios-dias que se encravam num ponto meu do qual os restantes pontos ou eu toda

(para ser mais específica)

dependemos, uma luz acesa de repente e não adianta fingir que dormimos, que a minha mãe

- Ela está a dormir não faz mal

visto que eu suspensa de mim, apetecendo-me cair e sem me permitirem cair, eu ora maior ora menor mas presente, se um sujeito

- Amo-te

(essa excrescência, esse aleijão, esse cancro)

pode ser que as rodas dentadas

(há horas felizes, temos que concordar que há horas felizes, o que seria de nós, respondam-me, sem uma certa quantidade, insignificante que seja, de horas felizes, não quero estagnar ainda, murchar, consintam-me uns passos mesmo que em círculo, vãos, uns passinhos minúsculos

eis o que peço

até que a minha mãe apague a luz bastam-me, não necessito mais do que a luz apagada, nós sozinhas, eu bem)

pode ser que as rodas dentadas a funcionarem de novo, os crepúsculos, as auroras, essas designações pomposas

(eu que nunca dei por um crepúsculo, uma aurora, dou por o dia acabar ou começar, ocorrências simples, é tudo)

o que tem um nome e se agita mas eu consigo engolir, mastigar, devorar, juntamente com (não acredito)

lágrimas

479

não lágrimas, pedrinhas numa lata com um eucalipto na tampa (aliás amolgada, riscada e com a etiqueta do preço) numa cercadura doirada, o que tem um nome como o senhor nos degraus a tomar fôlego para o último lance (a gravatinha, o casaquinho, ele pequeno)

a senhora que nunca o tratou por tu com o seu crochet no quarto ou seja uma história de amor, uma excrescência como a costureira que me inventou quer a fim de entreter-se na cadeira à janela, uma história de amor, decidiu, ponho-os a falar um a um, agora este, agora aquele, da minha história de amor, se calhar na esperança que a gente a visite cada um de nós com a tal excrescência. **Aí tem** Fique com ela

-Tome

e a criatura feliz porque uma companhia com quem possa dividir a minha vida e dar-me ânimo, patéticos do género, o que as pessoas concebem senhores, abanam a cabeça na mira de um chocalhar de pedrinhas, nunca dei com uma lata com um eucalipto na tampa, inventou-a olhou para o seu cacto e a sua arvéloa e como nem cacto nem arvéloa

(pergunto-me se terão existido)

decidiu ocupar-se, não há melhor que uma história de amor pensou ela, felizmente que em consequência da febre os episódios lhe escapam, resta-me alguma liberdade, apesar de tudo, quando a medicação

(ou o que ela julga ser medicação)

lhe confunde a cabeça, as ideias divagam e principia com a sua cisma do mar, ondas, areia, rochedos, uma praia em resumo, o que não falta nesta terra são praias para dar e vender e enquanto vai cismando com as praias

- Está a ver o mar dona Adélia?

no orgulho de quem exhibe uma propriedade sua

- Está a ver o mar dona Arlélia?

(nunca existiu um homem, alguém que me permita detestá-lo poupando-me o aborrecimento de me detestar, o doutor

- Cuidado com as emoções

e detestar uma pessoa que não sejamos nós apesar de tudo consola)

retomando a conversa a criatura não se lembrando de mim nem dos aborrecimentos que a morte do senhor trouxe a uma casa decente, logo para começar o facto de um cadáver no chão e a senhora nem uma lágrima

(o que lhe agradeço)

indiferente ou alheada não sei, a rapariga do cavalheiro que a tratava por netinha veio chamar-me isto é não me chamou, um sinal da outra ponta do balcão no fito de não alarmar os clientes, no caso dois clientes a dividirem uma mulher derivado à promoção no emprego Fomos promovidos no emprego

eUm descontentozinho madame

isto pelas seis da tarde quando fecham os escritórios e a roda viva começa, lá achei o senhor com uma das mangas no colchão e o resto no soalho, dir-se-ia aliás que não defunto, a examinar-nos comedido, sério, educado como sempre o achei, de roupa já alinhada o que poupa trabalho, eu

- E agora?

o cavalheiro que tratava a rapariga por netinha e cuja filha

- O meu pai

enervada, exigente, o cavalheiro repetindo

- Menina má menina má

numa voz que esmorecia ao principiar a entender, a trepadeira para um lado e para o outro sem se incomodar connosco, por que razão (ajudem-me nesta dúvida)

os minerais, os vegetais, os elementos até, distraídos quando nesse andar. uma palavrinha,

- A gente fica aqui

e não pedia mais, chegava-me, precisamente o que a senhora (ora aí está) garantia ao senhor

- Fico aqui

sem ligar ao saquito do crochet no peitoril

- Fico aqui

se tivesse havido um homem pergunto-me se eu

- Fico aqui

ou a esconder-me na cave onde a lata de pastilhas, os chapéus, a gaiola, a chuva de plumas brancas por toda a parte, esses pontinhos de luz nas varandas quase fechadas que tanto me intrigavam em miúda e julgava serem Deus, substanciazinhas sem matéria a bailarem, a

minha mãe

- Tens de ajudar-me agora

e não posso senhora, desculpe, corro o dedo no eucalipto da tampa, agito as pedrinhas, sinto a ferrugem do esmalte, não posso porque cheguei onde não se recomeça senhora, onde uma arvêloa num muro me traz sinais do mar, a que me inventou tinha razão, do mar, vai emprestar-me o chapéu de palha, as cerejas de feltro, o pedaço de corda, tão pequeno, de um último naufrágio, uma vontade pesada de agradecer, ajoelhar, daqui a pouco eu ajudo-a mãe, peço perdão, já vou, os senhores do 12 compreendem, aceitam, ao olhá-los palavra de honra que me senti em face dos meus últimos mortos e ao mesmo tempo a certeza de receber a vida através deles

(o tuberculoso que nos pedia esmola roía ovos cozidos encostado a uma palmeira)

a senhora que conhecia a família do senhor de Tavira

(ou Portimão ou Faro ou Silves, não insisto, uma cidade do Algar-ve cujo nome não fixei mas disseram com certeza antes de me passarem a palavra

- Nestas páginas tu

482

telefonou ao genro do senhor

(o tuberculoso no caixão sobre uma mesa escura, a tigela dos ovos cozidos na prateleira, lembro-me de uma embalagem de conservas meio aberta a ensinar-me que o universo maior do que eu julgava, muito grande, lá estavam vizinhos nossos a vaguearem na China

por exemplo

em busca do caminho do regresso, no interior da embalagem de conservas um bafiozito de azeite e os vizinhos, entre confúcios, até hoje por lá)

o genro do senhor obrigou-o a sair pelas traseiras amparado por funcionários seus, a cabeça bamba no peito, arrastando os sapatos, calças a sobrem da cintura e meias que pingavam tornozelos fora, um braço no ombro do primeiro, um braço no segundo, perdeu um dos sapatos no tapete, a rapariga do cavalheiro

- O sapato

e o genro do senhor, de sapato na mão, a dar por ela, pareceu-me que

- Cunhadinha

e enganei-me, em lugar de Cunhadinha

a prevenir Eu já venho

a senhora foi-se embora depois com o saquito do crochet sem ninguém a ajudá-la e o 12 tranquilo salvo as duas estampas e a colcha fora do lugar, ao verificar a colcha uma tristeza incómoda não por ele, por mim de forma que engolir-me antes que os mil bocadinhos da cara, atraíçoando-me

(não acredito em lágrimas)

mudassem de lugar e não mudaram, o genro do senhor ao balcão

(o cotovelo no balcão)

o sorriso e o cotovelo no balcão

483

e ao exigir

Quero a que estava aqui

fracções minhas que oscilavam, vibravam, engole-as depressa anda, sossega-as com a promessa do mar, o tuberculoso há-de roer ovos cozidos encostado à palmeira, os vizinhos perdidos na China chegarão a casa, nenhuma luz do tecto se acenderá a acordar-te, ficas, diante da árvore no vaso, hoje, amanhã, depois de amanhã, para a semana, escuta o eléctrico a atrapalhar-se na curva, a conseguir, a ganhar velocidade a caminho do centro ao qual nunca vais, tens alguns corvos, algumas rolas e chega-te, uma casa decente para pessoas decentes que a tua mãe deixou, o teu pai

(nunca se sabe, não é?)

a ir-se embora ou pelo menos um dos teus pais, o que mais se alarmava

- A garota?

e que tu, de olhos fechados, nunca chegaste a ver, tens os casais no corredor indignando-se com as horas, tabuleiros de roupa engomada para dobrar no armário, os domingos à tarde em que se limpa tudo, a senhora despediu-se de ti

(continuas a sentir-lhe a mão na tua mão)

se te aproximavas o tuberculoso escondia os ovos apertando-os na camisa, um deles escorregava para o chão e ele a apanhá-lo com o cabelo da nuca

(a nuca dois tendões)

a escurecer a gola, em acabando a limpeza fica-te

(alguma coisa te fica minha filha)

a companhia da tangerineira que o teu irmão trocou por uma garrafa, os frutos que nunca chegam a crescer, desprendem-se

(bagazitas verdes)

sempre antes, não procures a gaiola e a lata de pastilhas, permanece aí, no meio das ervas que não necessitam da tua ajuda para existirem.

484

Trrr trrr

contra o vidro o que significa na linguagem dela e embora não te vás

- Adeus

cachos altíssimos a aguardarem setembro, as árvores do Arco do Cego dantes invisíveis e que hoje destrinças, as letras do cinema apagadas, tu de frente para a tangerineira sem escutares o que a tua mãe te disse, se por acaso O que é que você disse senhora?

a tua mãe Não me lembro

e é natural que Não me lembro

visto que um cheiro, diferente do vosso cheiro, contigo, passando o quartel, no miradoiro,
Lisboa, as nuvens de maio do castelo ao rio, se calhar barcos e não te interessam nuvens nem
barcos, dobras-te para os pimentões que não existem já

(no sítio deles as ervas)

para essa espécie de penumbra que te cerca anulando a palidez das onze na qual uma
pequenina noite surge e se esfuma, a senhora na esquina com o seu passinho manso sem se
voltar para trás, sem olhar-te, a descer para o quarteirão onde mora, a chegar a casa, a
despensa à direita, a sala à esquerda, a cozinha em frente, a senhora a deliberar, a escolher a
cozinha, a senhora na cozinha

(um cestito de flores de pano sobre o frigorífico)

sem se engolir, sem se comer, a pegar num jarro, numa caneca, num copo, no fecho da
marquise que costuma resistir

(e resiste)

que costuma aceder em girar

(e gira)

a senhora que trocou o vestido por uma espécie de bata e prendeu.

485

tangerineira contigo, a procurar uma cadeira de lona no armário, a sentar-se dois toldos
adiante do toldo em que uma mulher, um homem e as filhas, a retirar o crochet do saquito, a
desembaraçar a agulha do novelo e não sei se a continuar o trabalho porque as plumas
brancas nasciam do tecto

(dúzias de plumas brancas)

e pode ser

(dá-me ideia, creio, presumo)

que uma lata de pastilhas para a tosse a tilintar pedrinhas e nós duas a admirá-la

(o que haverá dentro?)

encantadas com o som.

TERCEIRA NARRATIVA

Tinha de ser assim não era pai, de fazer os possíveis por me envergonhar até ao último dia,
humilhar-me, desejar não haver nascido, não ser sua filha, tinha logo de morrer de propósito
numa dessas espeluncas baratas que deviam proibir de alugar quartos à hora acompanhado
pela vizinha de toldo que a gente não olhava sequer, não cumprimentava, não percebíamos
onde arranjava o dinheiro para estar connosco e infelizmente

(tinha de ser assim não era pai?)

percebemos agora, uma mulher que não sabia vestir-se, não sabia comportar-se, comia qualquer coisa embrulhada num jornal, o vendedor de bolos que conhece os seus iguais e os despreza

(senhor Quê?)

quase a pisá-la de propósito fingindo que lhe deixava cair o cesto em cima a piscar-nos o olho, a vizinha assustada

(uma camponesa, uma sopeira)

protegendo-se com o braço

488

(se calhar tirei-lhe o retracto sem querer, se calhar a vizinha no álbum)

por que motivo me quis sempre magoar pai, ligava mais à minha irmã que a mim, não me respondia, não me dava atenção, por que motivo

(diga-me)

nos mentia, a desculpa que às quartas-feiras à tarde os colegas do emprego e em vez dos colegas uma hospedaria na Graça, o edifício ou prédio ou o que fosse a cair de podre

(bem se notava na inclinação das paredes, nos degraus que faltavam)

e que uma trepadeira, servindo-lhe de andaime, ia mantendo de pé, o meu marido de quem você nunca gostou que se lhe compreendia no silêncio

- Adivinha o que aconteceu ao teu pai

e uma espécie de alegria na seriedade dele, de vingança, a mão que nunca me procurava a poisar sobre a minha, os movimentos do polegar no meu pulso numa espécie de dóAdivinha o que aconteceu ao teu pai

o meu filho que chego a perguntar-meSerá normal?

enrolado a um canto distraído de nós com o seu jogo de armar, chamava-o e não respondia ou respondia

- Não quero

(existem momentos, Deus me perdoe, em que a pachorra me falta, sozinha podia ir-me embora, morar onde não me conhecessem, esquecer a minha mãe, a minha irmã, o Jardim Constantino, encontrar uma pessoa qualquer, tanto faz, abraçar-me a ela a dormir)

mas tinha de ser assim não era pai

(abraçar-me a alguém a dormir)

como você queria que fosse, como, sem o dizer

fatalmente a mim, não falava, lia o jornal. animava-se caso ele

489

exigia que fosse, o meu marido, vitorioso

- Adivinha o que aconteceu ao teu pai

a mostrar-me a hospedaria num largo onde um bar de desgraçadas

(a minha irmã entre elas)

desencaixava os taipais e miúdos de cabeleira postiça preguiçavam entre as árvores enquanto a mão ia insistindo na minha sem se voltar para mim

- E melhor que compreendas que vejas

o polegar para diante e para trás arrepiando-me o pulso ou não apenas o pulso, o corpo inteiro, arrepiando-me o corpo inteiro e eu surpreendida comigo

- Deixaste de interessar-me

nunca me tinha acontecido uma certeza tão forte

- Deixaste de interessar-me

não somente o meu marido, o meu pai

(um dos rapazes de cabeleira postiça tirou comprimidos do bolso, se ao menos conhecesse o nome das árvores do largo, podiam pregar umas placas com o nome nos troncos)

- Deixaram de interessar-me os dois

tudo como você desejava pai, como você planeou, sempre obedeci ao meu marido, aceitei o que ele queria

(nomes em português, não em latim, ou então em latim

parece ser costume

mas traduzidos por baixo, carvalho, abeto, cedro, explicar ao meu filho, daqui a pouco na idade atroz das perguntas

será normal, o meu filho?

- O que é aquilo?

eu a largar-lhe o braço e a aproximar-me da placa

- Um carvalho

além do carvalho em geral um tanque com os patos pequenos em fila atrás do pato grande, infelizes em bancos, as sombras que a tarde apanha e vai juntando sem pressa)

490

(seriam antúrios, o que são antúrios meu Deus?) no primeiro jantar lá em casa

(mudei terrinas de lugar, escondi bibelots na gaveta, a minha mãe ofendida

- Que é isso?

batendo-se para que a moldura do templo romano se mantivesse no gancho e o gorila de felpa na estante bocejando a anunciar

- Sou feíssimo

eu achando o nosso segundo andar indigno dele, as cortinas e o tapete mais gastos, a marca de uma sola que não tive tempo de esfregar, o piano a que faltava verniz com um castiçal apenas, no sítio do outro castiçal sinais de parafusos, os retratos na camilha diante dos quais, se julgava que não dávamos fé, o meu pai se plantava, num deles um sujeito que parecia

perguntar

- Estás a rir-te de quê?

e depois enfiava a cabeça num buraco de telão e caçava leões mal desenhados, torcidos, num segundo um sócio num pontão com duas canas de pesca próximo do que se assemelhava a um navio grande, um pacote, um petroleiro talvez)

a minha mãe em busca da jarra para as flores numa vivacidade inesperada, não agora conforme depois dos cinquenta anos, de gestos fáceis, magra, quase

(por assim dizer)

bonita, abrindo a torneira da cozinha, deitando água na jarra, eu sem acreditar

- Não pode ser

a minha mãe por momentos nascida a seguir a mim que engraçado, mais elegante que eu, de cabelo mais claro, o meu marido, sem reparar nela, espreitando a minha irmã que não espreitava ninguém, trancava-se no quarto, se eu rodasse a maçaneta

- Não entres

491

o meu marido a espreitá-la e a minha irmã a acabar de pôr a mesa sem ligar a nenhum de nós, a sentar-se, ela e o meu pai

(tinha de ser assim não era, de fazer os possíveis desde o início por me envergonhar, humilhar-me)

calados, quase de indicadores nas orelhas porque as flores da jarra gritavam de tal forma que não se compreendia a minha mãe e o meu marido, quer dizer as bocas respondiam, conversavam e não decifrávamos os sons à medida que a minha mãe se tornava mais lenta, engordava, adquiria amarguras e rugas, não somente a marca de uma sola no tapete, várias, uma nódoa junto à franja

(gordura, cinza?)

o piano por felicidade mudo, ele a quem de tempos a tempos vinham recordações misteriosas iguais aos sonhos dos bichos, coisas lá dele, manias, de modo que se concentrava, estremecia em bicos de pés e um sonzinho comprido que alarmava os retratos, não o sujeito do te-lão de caça, não o das canas de pesca, gente mais pálida, mais antiga, uma senhora de bengala, uma rapariga a apertar os lábios para não chorar

(eu?)

uma rapariga de tranças

(não usei tranças, não eu)

a apertar os lábios para não chorar, ao reparar nela dava por mim a apertar os lábios também (coisas minhas, manias)

a certa altura pareceu-me que o piano se concentrava, estremecia em bicos de pés, juntava as mãos mas por sorte consegui distraí-lo com a minha tosse, assim que me olhou eu

Por favor

e o piano afastou as mãos, desistiu, mesmo depois do meu marido se ir embora as flores

continuaram a gritar impedindo-me de dormir, ao atravessar a sala, descalça, para trazer um copo de leite o meu pai resolvia o problema das damas no jornal, a caneta suspendeu-se a meio

492

- Não dei por ti garanto-te

(- O que sente por mim pai?

e a caneta em silêncio)

a gente as duas, a caneta e eu, sem ninguém a incomodar-nos no Jardim Constantino

(as marcas do tapete não se notavam agora, o gorila de felpa dissolvido na estante)

porque não, assim a meio da noite, com a minha mãe e a minha irmã deitadas, convidar-me a sentar no sofá, ocupar-se comigo, a impressão que uma máquina de costura a trabalhar ao fundo, inclinei-me para o pie pie pie

(mais www que pie pie pie)

e não era, suponho que um besouro em redor de uma lâmpada, os arbustos em baixo, a impressão que um dedo a emergir da poltrona

- Cresceu tanto o pimpolho

e apenas uma alteração de sombras, o meu pai a fitar-me, cego, mastigando raciocínios a medir uma jogada, cessando de mastigar porque descobriu a jogada e os olhos, capazes de verem, submersos no jornal, nemNão posso

nemEspera um bocadinho

submersos no jornal, restava metade do meu pai no candeeiro, o que sobrava ignoro onde, se calhar no buraco do telão de caça que o sujeito deixara livre ou acompanhando o das canas de pesca, se calhar muito quietinho, junto à rapariga das tranças, a apertar os lábios para não chorar igualmente, apesar de me evitar você com o meu marido pai

(tinha de ser assim não era, de fazer os possíveis por humilhar-me até ao último dia)

na miséria da hospedaria da Graça.

493

Adivinha o que aconteceu ao teu pai)

não a mim, a vizinha de toldo que ao comprido dos anos nos decorou o nome a resistir, a não querer que soubéssemos, a decidir-se, a telefonar

- O seu sogro

o seu sogro que faleceu com os colegas do emprego senhor doutor, não comigo, levando-o daqui não faleceu comigo e o meu pai de cabeça bamba a arrastar os sapatos entre dois funcionários enquanto uma mulherzita de tubo na garganta soprava vogais para os clientes

(que enxovalho pai)

- Sentiu-se mal do vinho

realmente que enxovalho pai, você que nunca bebeu sentir-se mal do vinho, limitava-se a pasmar diante dos retratos que não o salvariam de si da mesma forma que a sua lembrança cá em casa não me salva de mim, nenhum arrastão, nenhum comboio, nada que me auxilie a partir tirando o piano em bicos de pés num sonzinho comprido, as mãos dele juntas a ampliarem a desafinação da voz, a minha mãe intrigada

- O que quer o piano?

não queria morrer, era isso coitado, mirando-nos do seu canto sem que o animássemos, bastava examinar o único castiçal para se entender logo

- Não me deixem por cá

pergunto-me se as árvores se apercebiam, tinham pena ou na falta das árvores o aparador, as cadeiras, o piano que a minha mãe vendeuUm trambolho

e mal elaUm trambolho

o meu pai a agitar-se, albatrozes, gaivotas, a professora de geografia que tanto desejei

- Já é tarde menina

e eu quase a desfalecer de medo dos pecados, do inferno, com o lençol fino.

494

igual às outras, mais pálida, mais poeira na alcatifa, uma abotoadura antiga, misteriosa, e uma boquilha que regressavam à tona dispostas a contarem-me as suas histórias que não fazia ideia quais fossem

(a velha da bengala remexia-se na moldura)

eu com elas na palma

- Vocês pertenceram a quem?

e como falavam ao mesmo tempo não cheguei a saber, guardei durante anos a abotoadura e a boquilha num envelope com uma margarida seca recebida não me recordo de que pessoa

(recordo-me sim senhor, recebi-a de mim, comprei-a) e que representava a professora de geografia a professora de geografia a professora de geografia até que o meu marido a exhibir-mas

- Que é isto?

as coisas na palma da mão dele sem importância, idiotas, eu quase a perguntar-me

- Serão minhas?

e só quando as jogou pela varanda, corri ao peitoril

(diospiros)

e me aleijei no vaso compreendi que eram, eu para o meu marido

- Porquê?

certa que a minha infância

(mais que a minha infância, a minha vida toda)

acabou nesse momento, o piano vendido, a professora de geografia perdida, apertar muito depressa os lábios para não chorar, pegar no meu filho ao colo e os protestos do meu filho empurrando-me a cara

-Não

(não sei qual das nossas caras molhada, se a minha, se a dele)

tentei um beijo e ele a rodear-se de braços

- Não quero

lembro-me de estar grávida, os tornozelos inchados, o cansaço, os enjoos, me deitar na cama evitando o meu marido

495

- Sou eu?

de modo que me percorria com os dedos, sentia os dedos, não sentia a pele, quer dizer sentia um queixo, umas bochechas e não eram minhas, não sou esta

- Não sou esta

desde que o meu marido jogou pela varanda a abotoadura, a boquilha e a margarida seca não sou esta, desapareci na rua com elas, se a professora de geografia comigo talvez conseguisse

(- Diz os rios de Portugal por ordem desde o norte ao sul) talvez conseguisse emagrecer, obrigar o meu marido a não sair à noite, não soprar para o tecto se eu falava, se calhava abraçá-lo o corpo dele tão hirto, pálpebras fechadas, rugas

- Não se pode ler a revista?

não me lembro do meu filho nascer, lembro-me da minha mãe para o berço num arrulho que não lhe conhecia, a separar as palavras

- Sou a avó sou a avó

que o meu pai não me visitou na clínica, ao entrar no Jardim Constantino com a alcofa

- Repare na criança pai

os olhos cegos no problema das damas, a boca mastigando jogadas, a minha mãe a arregalar-se para ele, a agitar-se em sinais, a caneta a dar fé dos sinais

- Muito bem

voltando de imediato ao jornal, o meu marido a sentar-se na cama verificando o relógio e assobiando zangas logo que o meu filho com fome

- Este concerto vai durar quantos meses?

não me lembro do meu filho nascer, talvez da enfermeira

- A cabeça está quase

eu perplexa à medida que os ossos se desajustavam, não sei o quê ia escorregando em mim

496

da frente, as patas de trás, a esfregar a cabeça que a enfermeira anunciava estar quase

- Faça força e acabou-se

as patas da mosca peludas, sujas, fios escuros na nuca

- Tens os cabelinhos castanhos

uma mosca gelatinosa, com crostas de gordura e de sangue a remexer-se balindo, não a mosca do tecto que me interessava mais, uma outra que não esfregava nada, e portanto não era assunto meu, embrulhada num pano, apetecia-me gritar porque o tecto vazio, pode ser que numa espécie de mesa com instrumentos cromados, debaixo da cama, numa toalha com nódoas, inclinei-me para debaixo da cama e a enfermeira de luvas

(não luvas como a gente usa, de borracha, rosadas)

- Não vai mexer-se agora

felizmente voltei a achar a mosca no frasco de soro, umas vezes no frasco, outras vezes na cânula e desta feita não esfregava as patas, limitava-se a umas voltas monótonas mudando de lugar, perguntei à enfermeira

- A minha mosca onde pára?

(quantas moscas haverá neste mundo?)

eu segura

(ainda hoje segura)

que a professora de geografia me respondia logo, a enfermeira calada, a prega na testa

- Perdão?

um comprimido num copinho

- Engula

e depois de engolir o comprimido chuva nos caixilhos, o vento, eu com cinco ou seis anos receosa dos ladrões, agarravam em mim sem os meus pais darem conta

Anda connosco menina.

497

moda para a ajudar a calçar-se e nem sequer lhe ralhou por baloiçar os sapatos

(ainda hoje, nas poucas vezes que almoça no Jardim Constantino, continua a sentar-se na cómoda e a baloiçar os sapatos)

o comprimido, verde com uma ranhura ao centro, demorou-se-me na garganta e principiei a tossir, o meu marido a apontar-me a hospedaria da Graça, janelas que não fixavam os estores, um rapaz de cabeleira postiça que se chegava a nós

- Que tal?

música no bar onde o porteiro à entrada, por enquanto sem uniforme, ia alinhando cartazes, tive medo que o porteiro e o rapaz de cabeleira postiça agarrassem em mim sem o meu marido dar conta

- Ande connosco senhora

moravam no quarto onde o meu pai faleceu e a vizinha de toldo, que a gente não olhava sequer, a levantar-se da cama em que deitaram o meu pai, comendo qualquer coisa embrulhada num jornal

- Queria explicar-lhe espere

durante anos seguidos o mesmo vestido em Tavira, o vendedor de bolos que conhecia os seus iguais e os desprezava

(senhor Quê?

devo estar a envelhecer porque os nomes me escapam)

quase a pisá-la de propósito fingindo que lhe deixava cair o cesto em cima a piscar-nos o olho, a vizinha assustada

(tão cómica)

- Queria contar à senhora

contar à senhora para que não pense mal de mim, nunca pedi nada ao seu pai, nunca aceitei um tostão, pagava o meu bilhete de comboio, aos domingos, a Sintra, tirando uma enxada a cavar-me, há muito tempo, tão longe, não conheci outro homem, a enxada que servia igualmente para enterrar machos velhos cujos ossos no inverno se confundiam com as pedras e por ossos entendo vértebras, costelas,

498

quando lhes batíamos arqueavam a coluna, encolhiam-se, colocávamo-los a lavar e eles experimentavam um trote que não vinha e desistiam coitados, o seu pai um macho velho senhora, quieto nas escadas, os dedos ossos que eu confundia com pedras, uma das tíbias dispersas a pedir-me a caçadeira ou a machadinha no pescoço, um espigão no ouvido

- Não sou capaz

(tinha de ser assim não era pai?)

e ele na terra por lavar suspenso das correias, um braço na colcha, o corpo no soalho e a mão do braço na colcha a abrir-se quase falange a falange, não direi que num adeus porque os defuntos não se despedem, ficam numa renúncia sem pressa enquanto a minha irmã empoleirada na cómoda

(ela que quase não nos visitava aos domingos)

ia baloiçando os sapatos, a vizinha parecida com a professora de geografia

a vizinha, sem qualquer traço em comum com a professora de geografia, num prédio da parte baixa de Lisboa não distante dos comboios

(eu que tanto gostaria de partir)

- Entre entre

uma bailarina de corda, um relógio barato, com óxido no mostrador, quieto nas sete menos vinte e cinco às três horas da tarde, pronto a discutir comigo, a teimar

- São sete menos vinte e cinco cala-te

e a manter dias seguidos esta certeza feroz, a vizinha que me dava ideia de concordar com o relógio

- Entre entre

não de igual para igual, numa humildade de criada, a limpar-me um banco com um paninho, a escolher um licor

- Entre entre

um cálice de rebordo doirado, limpo também no paninho

499

- É a vida

se soubesse o que sei hoje abria a carteira e entregava-lhe uma nota

- Aleije-a)

a vizinha que você preferia a mim para me envergonhar, humilhar-me, um balde que não teve tempo de arrumar na cozinha censurando-a a cada passo

- Não me arrumaste tu

o cesto do gato que não existia há séculos a imitar uma casa com telhado vermelho, chaminé e tudo, ninharias de que se orgulhava

(prendas suas, pai?)

uma miniatura de avião com a asa colada, um galhozito de acácia e a propósito de asa a mosca da maternidade, sem esfregar pata alguma, a atazanar-me o pescoço, tentei distinguir o meu pai no corredor

(uma espécie de corredor para uma banheira, um quarto, um biombozinho franzido em cujo vértice um chapéu de palha com cerejas de feltro

não, em cujo vértice um casaquito de malha)

e logo que a criatura

- Ele nunca vinha aqui

o meu pai a sair pela porta de trás

- A minha filha mais velha não deu por mim pois não?

eu a dar pelo encaixe da lingueta pai, botas prudentes numa escada invisível, você vivo, e se você vivo por que razão o meu marido

- Adivinha o que aconteceu ao teu pai

afinal não fez os possíveis para me humilhar, enganei-me, perdoe, toda a gente se engana, acontece, tome as suas gaivotas, os seus pontões, o petroleiro de que falava às vezes

- Costumava passear no convés

distraia-se, leia o jornal em sossego, heide achá-lo domingo, no Jardim Constantino onde árvores, que não eram as nossas, lembravam as de Sintra enquanto a minha mãe a dissertar sobre as suas artérias, o coração.

500

de longe em longe uma alegria sem motivo, a minha mãe a indignar-se

Estás a rir-te de quê?

e o meu pai atento à escada, quase a cantar, feliz

Lá vem ele

nenhuma tábuia a dar sinal, nenhum vizinho a subir e no entanto o meu pai como para um beco ou assim

- Lá vem ele

por um instante um albatroz sobre as copas, navios, solas que se aproximavam no convés do petroleiro quase alcançando o vestíbulo

- Lá vem ele

para diminuírem logo distanciando-se de nós, a cara do meu pai a apequenar-se, tudo a engelhar dentro dele, a vizinha de toldo empurrou o balde com o calcanhar na mira que desaparecesse e o balde entre nós duas com uma escova no fundo

- Tinha esperança que lhe chamassem trambolho imagine

o meu pai olhando para trás no momento em que a maré desistia, a vizinha alterou a posição do aeroplano em miniatura ou do galhozito de acácia

- Pode não acreditar mas havia ocasiões em que quase lhe pegava

ao colo

quase lhe pegava ao colo, o abraçava, instalava-se na cama ao seu lado vigiando a trepadeira mais rápida com o vento, garantia-lhe

- Fico consigo descanse

e um homenzinho, distante embora, de chapéu na cabeça

(não um chapéu de palha com cerejas de feltro)

um homenzinho de chapéu na cabeça a fumar no pontão, de manhã as ondas transparentes na muralha, limpas, os desperdícios vinham com a enchente encalhar nos caniços, lembro-me de um pato numa ilhota de lodo, com uma das ancas quebrada, a grasnar, no dia seguinte, com o fim da ilhota, o pato deve ter-se afundado ou então os ficaram numa cruz,

501

Fico consigo descanse

o grasnar diminuiu, acabaram-se os soluços da garganta que se abre e se fecha, a vizinha de toldo

- Não bebe o seu licor senhora?

o cálice numa bandeja com um guardanapo bordado, demasiado açúcar, um sabor de canela, o retrato do meu pai, desses de photoma-ton em que a pessoa engorda nuns sítios e emagrece noutros, sobre o aparelho de rádio à esquerda de um vaso de esmalte com um crisântemo ou isso e eu a dar-me conta que você morto de novo, a envergonhar-me de propósito, a humilhar-me apesar de ser preciso encostar o nariz para o reconhecer, notava-se que o meu pai pela curvazita do queixo, a vizinha numa satisfação melancólica

- Está mesmo ele não está?

e não estava mesmo ele é óbvio, estava o estranho que o meu marido encontrou num cubículo

da hospedaria da Graça

(aposto que nem sequer um quarto, uma toca de bicho, um buraco de ratos, as furnas dos pedintes em que trapos, gargalos)

e não sei por que bulas decidiu que o meu pai, pegou no infeliz

- Adivinha o que lhe aconteceu

e trouxe-o a arrastar as pernas pelo corredor da pensão, o mesmo infeliz que aos domingos (a vizinha de toldo

- Aos domingos íamos a Sintra senhora)

o mesmo infeliz que aos domingos em Sintra mais a vizinha de toldo, pasmando com as acácias

(a miniatura de avião, o galhozito de acácia, as ninharias de que se orgulhava, a pateta)

os dois totós aquecendo-se ao sol num banco de estação ou observando ramos nos muros

(cinquenta e dois anos a observarem ramos nos muros)

a vizinha a mostrar-me postaizitos de capelista tirados um a um da gaveta da cozinha, palavra.

502

- íamos a Sintra senhora

você que na nossa companhia um passeio ao Beato e já está, recorde águas paradas, uma montra de fotógrafo com bebés e noivas, o meu pai para a minha irmã a designar-lhe passarocos

- Olha as noivas a seguirem as traineiras Raquel

e vai na volta

(tinha de ser assim não era pai?)

ele todo galante em Sintra com a vizinha de toldo, este é o castelo dos mouros, este o palácio da vila enquanto para a família hortazinhas, um começo de província entre becos de pobres

- Morei aqui

o dono dos bebés e das noivas

- Pimpolho

um telão com uma bicicleta de rodas desiguais

(- Enfia o pescoço no buraco pimpolho)

que ninguém pedalava, a minha mãe a esmiuçar negativos onde fantasmas, não pessoas, com o branco e o preto ao contrário, feições pretas, roupas de aparição que flutuavam

- Não acredito nisto

se o dono das noivas me tirasse o retrato eu um espectro como o meu pai agora, o fato branco, as mãos pretas, ossos pretos também que regressavam à tona como os ossos dos machos, umas costelas, umas vértebras, seixos de tíbias, você, incapaz de um passo, suspenso dos varais a tremer, pedir à rapariga das tranças que me ensine a apertar os lábios para não chorar

- Ensine-me a apertar os lábios depressa
de maneira que fugi dos telões quando o dono dos bebés -Anda cá
a apontar-me uma máquina, as noivas, casadas nas fotografias e viúvas nos negativos,
ameaçando-me com os bicos
- Toma cuidado com a gente

503

minha mãe ela fez-lhe mal diga-me, a minha mãe a agitar as asas do
véu

- Toma cuidado comigo
depois da igreja com o meu marido eu aflita
- E agora?

isto num hotelzinho do norte, granitos, pinheiros, era o granito que ciciava, os pinheiros
calados, toda a noite o granito

que eu bem o entendia avisando, prevenindo, com brilhonzinhos de mica aqui e acolá conforme
as luzes na serra

(aldeias talvez)

o meu marido fechou a janela e o granito em silêncio, flores enormes, amarelas, numa pintura
do quarto, estranhava os tons, a mobília, a disposição dos objectos, o segundo andar do
Jardim Constantino remoto com os seus mistérios amáveis, ruídos sem maldade, sombras
minhas íntimas que conhecia de cor, a minha sombra, obediente, um cão com que eu
brincava, vai-te embora, vem cá, enrola-te nos meus tornozelos, passa para a frente de mim e
não a achava no hotel, se assobiasse

- Onde estás?

não a sombra a lambem-me os tornozelos, tranquilizadora, amiga, se ao menos a minha mãe a
discutir com a minha irmã no corredor

- Tão tarde

a furgoneta do que trabalhava no mercado às duas da manhã a caminho da loja, a buzina para
a esposa desdobrada em beijinhos cá em uma, o que me pertencia e a que me habituara, o que
me ajudava a viver e em lugar disso granitos, pinheiros, o tanquezinho de tartarugas na entrada
a fingirem-se coisas, se o meu marido

- Então?

sou uma tartaruga, não oiço, uma caixa com patas para ali a dormir

Não me acordes agora

504

Estou a dormir não vês?

e afinal tão simples palavra, o granito enganou-se, um assalto rápido, um estremeção e

pronto, não vale a pena apertar os lábios, estou bem, as flores enormes, amarelas, habituadas ao mundo, divertidas comigo

- Custou?

se tivesse falado com a minha irmã

(nunca falava com a minha irmã)

talvez ela consentisse em dizer no caso de pedir-lhe

- Por favor diz-me

não, tenho a certeza que a minha irmã

- Não tenho tempo agora

mais nova que eu, mais airoso, argolas nas orelhas que não me atrevia a usar, os gestos dela a dançarem, se a minha mãe Porque é que te pintas assim?

o nariz no tecto Não me aborreça deixe-me

pintava-se, acho eu, para esconder os lábios apertados como os da rapariga da fotografia, os meus apertados às vezes se tinha medo e tal, os dela apertados sempre Tens medo de chorar não é?

e a minha irmã Estúpida

descalçava-se antes de entrar em casa e o meu pai percebia porque a cama do seu lado uma guinada, um suspiro, mal a minha irmã no quarto e o fecho dela tuc tuc o meu pai na cozinha, de luz apagada, a agarrar na caneca pela qual a minha irmã bebeu água, tão velho, a sobrar-lhe pijama, a calvície do meu pai

(não merecia que me interessasse por ele)

a comover-me palavra, se tivesse coragem, se ele tivesse coragem* se tivéssemos coragem beijava-o

(a cretina da vizinha de toldo

505

ou não o beijava, que tolice beijá-lo, enxotava-o de mim

- Desapareça-me da vista senhor

o meu pai esquecido dos chinelos, descalço

(pés de martírio de santos nos painéis da igreja, só lhe faltavam os pregos, quer uns preguinhos você?)

a poisar a caneca na bancada, a encostar-se à marquise e o Jardim Constantino a subir para ele, isto é o vapor dos arbustos e das copas à noite, não escreveu nenhum nome no vidro, não desenhou um boneco, demorou-se de bochecha nos caixilhos a respirar com força, passou juntinho a mim sem me ver, a cama a tal guinada, o tal suspiro, as flores enormes, amarelas, do quadro do hotel, divertidas comigo

- Custou?

tão fácil, um assalto rápido, um estremeção e pronto, isto que a minha irmã com os amigos fácilimo, nada do que eu supunha, olha a proeza, também sou capaz, o granito

- Psss psss

e que me ralava o granito, as aldeias na serra a pulsarem comigo abrindo as mãos e fechando-as, o meu marido de mãos fechadas a tentar escapar-me, a espantar-se

- Outra vez?

fiquei na cozinha, depois do meu pai, a pegar na caneca da minha irmã com sinais de baton que o vapor das copas e dos arbustos do Jardim Constantino tornavam mais escarlate ainda, a colocar os meus lábios no baton

(- Porque te pintas assim?)

para que a minha boca vermelha também

(- Queres que as pessoas calculem que não te educámos é isso?)

e não se notasse que eu a apertava e apertava como a rapariga das tranças, pegar na caneca da minha irmã, recuar dos caixilhos onde a minha bochecha um ovalzinho mais claro

(quem se vai interessar por um ovalzinho mais claro, o meu pai

não, a minha mãe não, ninguém, nenhum dos meus ossos surge à tocada terra, vermelha.

506

pegar na caneca da minha irmã e deixá-la cair

(não bem deixá-la cair, jogá-la no chão)

pegar na caneca da minha irmã e jogá-la no chão, pisar os sinais do baton, não cessar de pisá-los, a cama do lado da minha mãe

(não do meu pai que não se interessa por mim)

uma guinada, um suspiro, a minha mãe no limiar da cozinha, tão parecida comigo

(- Hei-de apresentar-lhe a professora de geografia maezinha escreva os rios de Portugal de norte a sul por ordem com as cidades onde desaguem e os lugares onde nascem)

na lentidão, na gordura, a minha mãe a trazer a vassoura, os pedaços de baton cintilavam no escuro misturando-se com as folhas do Jardim Constantino que obedeciam ao vento e aos ossos da lua que volta não volta regressavam à tona, não vértebras, não costelas, uma caveira antiga, a minha um dia, a do meu pai que dentro em pouco, num intervalo de lápides, há-de principiar a surgir, não vou ao cemitério para não dar consigo na curva de uma álea pesquisando em torno, à procura

- Viste o problema das damas?

como se a caneta no bolso e os óculos no estojo, trouxe-os comigo depois do funeral, mostrei o estojo à minha irmã e ela

- O que vais fazer com essa tralha?

recusou a caneta, o relógio, o fio de oiro, a minha mãe toda desgostos e lenços

(- A sério que teve pena que o pai morresse mãe?)

- Não aceitas uma lembrança do teu pai menina?

(- Alguma vez ouviu falar na hospedaria da Graça na vizinha de toldo nos rapazes de cabeleira postiça?)

a minha mãe recolhendo os pedacinhos de baton na pá, perturbou-me a expressão dela

- Cala-te

507

(aperte os lábios senhora como a rapariga das tranças)

a alça da camisa a descer-lhe do ombro

(- Esconda o peito tenha modos mas não se encoste à porta não trema)

o ombro a tremer, o nariz a tremer, num telhado das redondezas um pássaro da noite que chamava ou então era a minha mãe a tremer

(era a minha mãe a tremer)

e eu durante anos tão injusta consigo, não esconda a cara, mostre-ma, quando era pequena e a achava a dormir sacudia-a, obrigava-a a olhar-me

-Mãe

com medo que só o corpo ali, você não, dedos quietos, pés sem vida, eu receosa de mexer-lhe dado que se calhar outra pessoa, quem me garante que não outra pessoa no seu lugar, você não esses dedos, esses pés, outra pessoa e a outra pessoa

- Queres apanhar menina?

portanto tenha paciência, dê um jeitinho, olhe para mim mãe, torne-se você de novo, pergunte-me as horas, inquiete-se a mudar de posição, a regressar sei lá de onde

- Tão tarde

de um sítio escuro porque as pupilas demoravam a descobrir-me, o braço não acertava no despertador da cabeceira (- Não aí mãe mais acima) o despertador que ajuda a segurar

- Espere antes que escorregue eu entrego-lhe

a minha mãe avançando e recuando o mostrador até enxergar os ponteiros, ao enxergar os ponteiros a enxergar-me a minha, à casa, à minha irmã na sala, cheiro de cigarro, música, a música e o cheiro do cigarro que só agora a alcançavam, a minha mãe sentando-se na cama a endireitar a alça e eu para comigo

- Ainda bem que teve termos vá lá

reconhecendo o quarto a surpreender-me com a fotografia da cómoda.

508

a minha mãe grávida de mim sem chapéu nenhum, o meu pai a

sorrir

(deve ser a única fotografia onde o meu pai a sorrir e nem lhe ficava mal, mais novo, mais bonito)

a minha mãe para a fotografia ou para o despertador ou para mim

- Tão tarde

ou seja a roupa por passar, as plantas que não vêem água há quantos dias diz-me, mais isto, mais aquilo, o médico do teu pai, a minha consulta do reumático, nem tenho reparado nos jacintos calcula, eu rego-lhe os jacintos mãe, aspiro-lhe a sala, não me dá trabalho algum, que história é essa de trabalho, fique aí quietinha a descansar os ossos para que não voltem tão depressa da terra, vá-se distraíndo com a fotografia da cómoda em que o seu marido sorri, um marido pinoca senhora, quase um garoto, um pimpolho, olha que sorte, parabéns, onde arranjou esse papo-seco, se eu fisesse um igual punha-o à rédea curta, não saía sozinho a não ser às quartas-feiras a seguir ao almoço com os colegas do emprego

(sempre é um entretém desde que se reformaram coitados, já velhotes, com achaques, é a gaiteirice lá deles)

num cafezito da Baixa, num restaurante em Almada, numa esplanada em Belém onde se vê o rio consoante ele gostava, barquinhos, gaivotas, um petroleiro talvez, o sujeito no pontão de chapéu de palha com cerejas de feltro

o sujeito de chapéu na cabeça

- Trambolho

encarrapitado num rolo de cordas, o meu pai e os colegas do emprego com as suas histórias da tropa, o dominó, as cartas, divertimentos do género e que outros podiam ter na sua idade, o coração, os diabetes, as artérias, o cérebro que confunde as pessoas, se esquece, se apercebe de nós de repente

- Perdão?

509

pedindo desculpa de não haver entendido, a descobrir Esta é a minha esposa esta a minha filha mais velha a reconhecer-nos às duas sem reconhecer a minha irmã, franzindo-se para ela

Lembra-me alguém pode ser não estou certo

de maneira que se o meu marido

- Adivinha o que aconteceu ao teu pai , trata-se

(acredite-me)

de uma piada, qual a sério senhora, ele não havia nunca de nos envergonhar, humilhar-nos, deixe-se ficar deitada, tem tempo, nem calcula o tempo que temos

(- Onde foi buscar a ideia que era tarde que teima?)

todo o tempo para lacrimejar com a fotografia da cómoda, você grávida de mim, ele a sorrir, mais novo, mais pinoca, quase um garoto, um pimpolho, se por acaso mencionei uma hospedaria da Graça, rapazes de cabeleira postiça, a vizinha de toldo, referia-me a uma pessoa diferente, um amigo, um primo do meu marido ou então enganei-me, u tem, enganei-me, deixe-se ficar deitada sem se incomodar com o re-ogio, não aperte os lábios senhora como a rapariga das tranças que um tempo antes de o pai em casa, não calcula o tempo que temos, as toras que lhe apeteça até que a chave na porta e quando a chave na forta a sala aspirada, a roupa que passei, os jacintos regados, quando o teu pai chegar

(e vai chegar, digo-lhe que vai chegar, o meu marido mentiu)

tudo em ordem, a mesa posta para a gente os três que ele não reconhece a minha irmã nem precisamos dela, nenhum cheiro de cigarro nenhuma música a tocar, a gente os três

satisfeitos, à mesa, você a a terrina, a servir-nos

(sempre gostou de servir-nos)

a tirar as batatas, a carne, a perguntar

- Mais

510

(praticamente novo, com um ano ou dois)

o anel da sua avó que eu experimentei em garota e me dançava no dedo, o cabelo apanhado com um elástico, um gancho

(o gancho de marfim

ou de osso subindo à tona da terra

que devia usar mais vezes porque lhe alegras as feições)

a gente os três à mesa mãe, lá fora os arbustos do Jardim Constantino e não ligue ao despertador visto que os ponteiros mudam e diante de nós

(juro pelo meu filho)

todo o tempo do mundo.

QUARTA NARRATIVA

O meu marido faleceu há dois meses junto aos colegas do emprego numa dessas quartas-feiras em que saía contra minha vontade e a vontade do doutor para um café nunca soube bem onde a reunir-se com os outros, Campo de Ourique, Baixa, Avenidas Novas, tenho ideia que uma ocasião me falou na Graça a propósito da doença de um deles, um problema na anca obrigando-o a ficar perto de casa visto que meia dúzia de passos e a perna prendia-se, ainda argumentámos, o doutor e eu, que um problema na anca não era nada comparado com o coração em papas e o açúcar do sangue, o doutor graças a Deus competente preveniu logo Lavo daí as minhas mãos não me responsabilizo

a minha filha mais velha a chamá-lo à razão O doutor lava daí as mãos não se responsabiliza ouviu pai?

e felizmente que a minha filha mais velha se preocupa dado que a irmã com o feitio que tem não nos liga nenhuma, semanas e semanas

Sem aparecer nem telefonar nem se ralar connosco isto morando todos

em Lisboa e como eu costumo afirmar o que seria se vivêssemos

em cidades diferentes!

512

nenhuns passos na sala, o cozido a arrefecer na terrina, o meu marido embora não dissesse nada sempre à espera da filha, a chegar-se à varanda fingindo que não se chegava à varanda, ia verificar o tempo, buscar qualquer coisa quando não havia nada a buscar, endireitar a cortina ele que nunca se preocupou com cortinas, tudo isto calcule-se, na mira de a ver no Jardim Constantino, explicava-lhe que uma injustiça em relação à irmã, mostrava-lhe que a

mais nova, desde pequena, uma pessoa sem alma e o meu marido ausente, perguntava-lhe

- De onde te vem essa paixão conta lá?

e ele a poisar o guardanapo na toalha em silêncio, a levantar-se, a passar por nós e eu um objecto, um móvel

- Não existo pois não?

o meu marido a olhar para mim sem olhar para mim, a olhar acho eu para um sítio do passado onde um homem a fumar sorria ao seu encontro e ele a sorrir também, mal o sorriso do homem desaparecia o meu marido de regresso ao jornal, a minha filha mais velha a aconselhar-me por gestos

- Não o exalte senhora o coração os diabetes

e quem se inquieta com o meu coração, os meus diabetes eu que desde o primeiro dia detestei esta casa, demasiadas sombras, demasiados retratos, a máquina de costura que em determinados momentos, sem que perceba como, vai picando o silêncio, aproximo-me e quieta, afasto-me e nas minhas costas o poc poc de novo, assusto-me

- Não dão pela máquina?

a minha filha mais velha a auscultar o corredor primeiro e a censurar-me depois

- Que máquina de costura mãe?

cochichando ao doutor enquanto o doutor guardava o aparelho de medir a tensão

(lembro-me do sol na fita de mercúrio, em nenhuma parte do arr dar salvo na fita de mercúrio)

513

e uma ordem para mim

- Não leve os dias fechada distraia-se madame

e realmente devia distrair-me porque desde o primeiro dia detestei esta casa, a convicção que pessoas que não conheço instaladas no sofá reprovando-me, por muito que argumentem que a saleta vazia uma velhota embrulhada em xales e mantas a admirar-se para uma rapariga de pé

- Cresceu tanto este ano o pimpolho

um sujeito que erguia um catraio no ar, lhe fazia cócegas, o largava no soalho a indignar-se com as mãos na cintura

- Estás a rir-te de quê?

uma mulher de chapéu de palha com cerejas de feltro protestando comigo

- Deste-me tanto trabalho

eu a dirigir-me à velhota, ao sujeito, à mulher, baixinho para que o meu marido e a minha filha mais velha não dessem por mim

- Deixem-me em paz vocês

ou seja o meu marido não que não lhe faz diferença, não se preocupa (alguma vez se terá preocupado?)

não se alarma comigo, circula entre fantasmas habituado a eles, daqui a pouco segundo o doutor que paninhos quentes não usa e é pão pão queijo queijo, um fantasma igualmente

- A lei da vida madame

esperando a filha

(sem confessar que esperava a filha)

na poltrona acolá, a dos xailes e das mantas, a filha que desde a sua toorte, sabendo-me sozinha no meio dos reposteiros, das arcas, das cachas que me não pertencem e bem tentam expulsar-me nem uma palavra, um recado, uma visitinha de cinco minutos

(não peço muito julgo eu)

Como tem andado senhora?

quantas discussões com o meu marido?

514

- Tens de ter mão na catraia

e em lugar de ter mão na catraia dava-lhe dinheiro às escondidas, convidava-a para o circo, passeava-a, não lhe ralhava se chegava tarde, sentia-o aflito na cama embora nem um som de molas, apenas dedos que torturavam o lençol e a boca redonda de pavorA minha filha?

sentia-o sem palavrasA minha filha?

a verificar o relógio não acendendo a lâmpada, girando-o na direcção dos estores na esperança dessa palidez que a noite traz consigo permitindo-nos entender os objectos numa claridade violeta, eu a pensar observando-lhe as manobras

- Quem sou eu para ti não me mintas quem sou eu para ti?

vivo contigo há tantos anos sem saber quem sou eu para ti ou melhor sabendo que não sou ninguém para ti, para ti as tardes de quarta--feira com os colegas, o Beato, as gaivotas, recordações de que não falas, nuncaA minha mãe isto

ouO meu pai isto

se me dirigia a ti o guardanapo na toalha, uma espécie de irritação que não chegava a irritação

(não te irritavas com ninguém, não te irritavas comigo)

as páginas do jornal voltadas devagar até ao problema das damas

(as brancas jogam e ganham)

que fitavas sem o resolver de caneta suspensa

(afinal irritavas-te porque a caneta suspensa)

às três ou quatro ou cinco da manhã um barulhinho na porta, a tua filha

(não minha filha, a tua filha, uma filha só tua)

a descalçar-se no patamar tomando cuidado com as tábuas, se eu pulo a figura desbotada, uma

515

dormia de luz aberta com medo dos gatunos e no entanto a fazer-se de forte

(eu aflita a fazer-me de forte, é verdade que tinha medo dos gatunos, é verdade que na escola ainda, deixava que me agarrassem

ordenava-lhes que me agarrassem, eu com dois ou três rapazes ordenando-lhes que me agarrassem e não sentia nada a não ser desdém, agarravam-me e fechava os olhos a pensar que um homem

não o meu pai, um homem, o meu pai apertava-me os dedos no circo, fazia o que lhe mandava e pronto, a pensar que um homem, o dos cavalos com plumas na cabeça à roda na pista e ele a corrigi-los com uma vara, eu a pensar que um homem a sério me agarrava)

a minha filha com medo dos gatunos, dos palhaços, do silêncio e no entanto a desafiar-me, a fazer-se de forte

- Bom dia

cruzando-se comigo quase a empurrar-me para beber água do jarro divertindo-se que eu Não se bebe água do jarro

eu Há copos no armário menina

a água

(tremia tanto, ela)

a descer-lhe do queixo, a derramar-se no chão, se quisesse bater-lhe prendia-me o pulso

- Vai arrepender-se mãe

mais alta que eu, mais forte, a cara insistindo

Vai arrepender-se mãe

uma criança quase, não quase, uma criança, há pouco tempo para um canto

Olhe isto

desde o primeiro dia detestei o Jardim Constantino, pessoas que conheço reprovando-me por muito que me demonstrem que a sabem.

516

quieta, afastava-me e nas minhas costas o poc poc a trocar-me, talvez que noutra casa a minha filha obediente, não a puxar-me para um canto

- O que é isto?

resolvendo a vida sozinha, não me lembro do que se passou comigo

(a irmã mais velha resolveu a vida sozinha)

quando ao olhar-me

- O que é isto?

não sonhava o que era isto, o meu corpo não mudara, comparava-me no espelho e não mudara, talvez uns centímetros, sem que me desse conta, nas ancas, no peito e contudo examinando melhor nem sequer nas ancas, no peito, enganei-me, exagerei, o meu corpo não mudara e se o meu corpo não mudou porquê isto, eu fechando-me com o meu segredo, tão assustada, tão tensa, sem coragem de pedir

- Ajudem-me a entender o que é isto

dobrando-me sobre mim mesma a medir uma gotinha de sangue, não mais que uma gotinha insignificante de sangue, se por acaso ao cair uma ferida na canela sangue também mas diferente, outra cor, outro cheiro e nenhuma ferida na canela, não sei o quê em mim, será que os animais também, as ovelhas, as bezerras, a gata que tivemos um pinguinho de meses a meses e ela agitada, impaciente, a roçar-se nas cadeiras, a minha filha agitada, impaciente, eu sem querer

- Não te roces nas cadeiras

não te agites, não te impacientes, não te jogues contra a porta para sair de casa, uma ânsia, uma febre, uma surpresa que te aumentava os olhos e me alarmava a mim

- O que é isto?

e a partir desse dia a descalçares-te no patamar, a tomares cuidado com as tábuas, se por acaso eu diante de ti com um chinelo apenas desprendendo-me do teu pai a sacudir-lhe o braço

517

um desafio quase em lágrimas, uma coragem que se dissolvia

- Vai arrepender-se mãe

ou seja mais um instante, uma questão de segundos e a minha menina de novo, a que tive, a de quem gostei, nas primeiras semanas o cabelo loiro, aos cinco meses um dente, eu feliz

Um dente

a passar-lhe o indicador na gengiva e ela a chupar a unha, a reconhecer-me que eu bem dava conta que me reconhecia

O meu bebé reconhece-me

a minha criança, a minha filha

Pegue-me ao colo mãe

ou seja repare no meu cabelo loiro, convoque as vizinhasO cabelo dela loiro notaram?

você orgulhosa senhora, contenteO cabelo dela loiro

nas pessoas ricas o cabelo loiro, nas pessoas pobres escuro, liso, sem caracol algum, os olhos não castanhos, verdes, não castanhos

Não eram verdes mãe

não teime que são verdes, não acredite que são verdes, são castanhos

Pode ser que castanhos com uma pintinha de verde

e nem uma pintinha de verde, pintas castanhas, não olhos de pessoa rica mãe, desculpe, mas faça-me à mesma um caracol com o pente, passe-me o indicador na gengiva

Um dentito

não se afaste de mim e embora a minha filha pedissePegue-me ao colo mãe

emboraNão o colo do pai mãe o seu colo

a beber água do jarro, fartei-me de lhe ensinar que há copos no armário, abres o armário, tiras

um copo, vertes o jarro no copo e então
sim.

518

no chão, a blusa torta, a pintura desbotada, uma gargalhada a emergir do embaraço, ela na
escola ainda, dormia de luz aberta com medo dos gatunos, dos palhaços, do silêncio e
contudo Não me aborreça mãe

até hoje Não me aborreça mãe

e suponho que o mesmo medo dos gatunos, dos palhaços, do silêncio, toda a noite os
candeeiros acesos porque toda a noite um palhaço que forçava a porta, entrava

(o meu genro

não vou falar nisso

que forçava a porta, entrava)

um palhaço de perna cruzada na sala, satisfeito de si mesmo

Cunhadinha

cada vez que o palhaço a alargar-se no sofá

Cunhadinha

o meu marido mais fundo no jornal

(as brancas jogam e ganham)

a cobrir os ouvidos com o problema das damas

Não dei por nada

e o segundo andar do Jardim Constantino sereno outra vez, a paz dos arbustos que em certas
alturas, no outono, me consolava de tanta desilusão, tantos anos perdidos, me ajudava a
acreditar um bocadinho que eu, que o meu marido e eu, que a minha filha mais nova

(a mais velha felizmente nunca me deu problemas, o meu genro sim, sem respeito por nós,
sempre pronto a troçar, a amesquinhar-nos, não percebo o que a minha filha mais velha viu
nele, quando a avisei explicou-me

Há de mudar mãe

e não mudou é lógico, instalava-se no sofá

Cunhadinha)

519

(como dizer?)

uma espécie de harmo

(harmonia não, outra coisa)

uma espécie de feli

(não felicidade tão pouco)

podíamos conseguir que os anos que nos falta viver não doessem, gostava de passear, distrair-me, irmos a Espanha por exemplo, a Paris comprovar o que encontro na televisão, nas revistas, o meu marido e eu de autocarro em Paris, um lugar sem gaivotas a bicarem a gente, daqui a pouco nem os meus tendões sobejam visto que a carne já foi, uma simples cartilagem que me console

- Sou tu

gostava de alegrar-me com os netos, que a minha filha mais nova casasse, Deus não me pode acusar de ser exigente pois não, de pedir muito pois não, apenas um lugar

(não tem de ser Paris)

onde as gaivotas, distraídas de mim, me deixassem viver, depois de arrumar o jarro e limpar a água do chão percebi que a minha filha mais nova no quarto, aposto que não deitada, a examinar ao espelho a blusa torta, a maquilhagem desfeita

- O que é isto?

o meu marido na cozinha comigo pareceu-me que prestes a falar, prestes

(não estou segura visto que com a luz apagada somente os globos do Jardim Constantino que não chegavam aqui)

a abraçar-me, descobria-se o halo que antecede a manhã nas chamimés em frente, a nitidez sem relevo dos objectos, um automóvel na esquina, o tempo que recomeçava a trabalhar, o tempo que não recomeçou a trabalhar desde que o meu marido faleceu há dois meses e o genro ao telefone numa gravidade esquisita

Não saia de casa antes de eu chegar.

520

um monte de roupa, enganando-me a mim mesma a fingir que me ocupo, o meu genro que até então dava ideia de troçar-me

(piscar de olhos, risinhos)

pausado, solene, tão próximo do telefone que fazia parte de mim, a voz dele não no aparelho, na minha cabeça

- Antes de eu chegar aí

isto às cinco da tarde

(às seis da tarde)

isto às cinco ou às seis da tarde porque nenhum relógio funciona como deve ser, mentem-me, prefiro guiar-me pelo comprimento das sombras ou o sol nas copas que me mentem também, isto às seis e onze da tarde

- Não saia de casa

como se uma senhora decente saísse de casa às seis e onze da tarde num andar em que os retratos me vigiam

- Quem é que pensas que és?

eu no banquito da marquise, onde as criaturas da camilha não podiam espiar-me, com um alguidar de favas, o telefone voltou a chamar, um hiato do outro lado, uma pausa

(a minha filha mais nova?)

e adeus

(ia apostar, não me perguntem o motivo, que a minha filha mais nova)

eu de aparelho ao alto à espera enquanto o punho do Jardim Constantino se apertava sobre mim, me prendia, tenho sessenta e seis anos e de súbito os sessenta e seis anos em cada uma das minhas vísceras, cada um dos meus gestos, o passado uma entidade confusa, a vista a enganar-se nas coisas, revii a minha madrinha incapaz de falar, fitando-me da cadeira no seu desinteresse vazio, o telefone mudo, a campainha da porta muda, a máquina de costura

(e eu sem dar por ela há meses)

no compartimento do fundo, se fosse espreitar apostado que não, sei como

521

A trabalhadeira que me deste meu Deus

e atrás dela, a seguir a um cacto, o mar, ondas amarelas, brancas, vermelhas, não azuis, não verdes, amarelas, brancas, vermelhas, uma enfermeira para a criatura

- O que estamos a inventar agora que não damos descanso às pessoas?

roubando-lhe o chapéu e desfazendo-lhe as ondas com um gesto, o meu genro de gravata preta na sala

(não amarela, não branca, não vermelha, não onda) nem um sorriso nem um cumprimento, por uma vez na vida (e já não era sem tempo) alterando uma caixinha de cobre na mesa (uma caixinha e um pedaço de corda num rochedo) e os búzios que a minha filha mais velha colecionava em Tavira, o meu genro tomando os búzios, movendo a boca, deixando-os, recomeçando a torná-los, o meu genro

- Cunhadinha

(ondas amarelas, brancas, vermelhas, não azuis, não verdes, a enfermeira para a criatura Continuamos a inventar é isso?)

o meu genro Cunhadinha

a enervar-se, a corar

- Enganei-me

a procurar um discurso remexendo os búzios, a caixita de cobre que um amigo do meu pai me ofereceu

- Uma recordação

em papel doirado com uma fita cor-de-rosa, uma libra num envelope lá dentro

(o som da libra)

e o meu nome no envelope, ao beijá-lo a agradecer um canto da sua boca.

(mais novo que eu agora)

a poisar o canto da boca na minha, desde que a irmã morreu um gato apenas, não amarelo, não branco, não vermelho, cinzento, passando num deslizar de tecido a correr-nos nos dedos, impossível estancar aquela água parda que se reunia, eriçando-se, sob uma mesa, uma cómoda, a vigiar-nos numa lentidão em que cresciam unhas

(pupilas que nos rasgavam mais que as unhas)

e desde então nunca me entendi com gatos, aqueles olhos egípcios que dão ideia de me ir revelar a mim mesma e se calam, caudas que se as acariciamos prolongam o corpo ao infinito, o braço ao afagá-los continua até deixarmos de o ver e então os olhos fechados guardando-nos nas pálpebras, não estamos aqui, existimos dentro do gato, fazemos parte dele, não somos, mostrem-me um gato e eu aferrolho-me na copa, apavorada, tenho medo, não quero, se o amigo do meu pai jantava connosco levava um cartucho de restos, espinhas, gordura

- Oxalá o gato não me falte

o gato a esposa dele

(a mãe?)

nunca percebi se um gato se uma gata

(será que as gatas como nós

- O que é isto?

a mesma surpresa, o mesmo terror)

o interesse do amigo do meu pai em mim, bochechas baloiçando no queixo costuradas de rugas, dedos que tremelicavam nos talheres antes de se engancharem neles

(e mesmo enganchando-se neles continuavam a tremer)

o guardanapo a proteger a camisa

(não o guardanapo, um lenço enorme que retirava do bolso, não supunha que um lenço tão grande lhe coubesse no fato)

o estore sem elástico de uma das pálpebras mais tombada que a outra quase ocultando a pupila

(ocultando a pupila)

523Estás a rasgar o quê?

e euVai arrepender-se mãe

(a enfermeira a sacudir a criatura, nenhuma onda a avançarTenho de me enfurecer contigo?)

não, eu rasgando o que já havia rasgadoUmas facturas quaisquer

(a enfermeira

Compreendes as complicações que arranjas idiota?)

eu continuando a rasgarAvisos de pagamento recibos ninharias

e por mais que rasgasse um pedacinho

não tenho o direito de
e não tinha, um velho de cinquenta e oito anos com um defeito na rótula
(sei que não tenho o direito de amá-la)
ao entregar-lhe os restos de comida
(sobeijos de borrego, batatas
vitelo
sobeijos de vitelo, a enfermeira para a criatura
- Não tens emenda tu)
ao entregar-lhe os restos de comida a pálpebra tombada a vibrar, um cochichozito
- Desculpe
e tanta solidão, tanta tristeza pareceu-me, o embrulho de comida do gato entre nós
(aquele enjoio de toucinho era da comida ou seu?)
passado uns tempos uma complicação na vesícula, a seguir ao funeral visitámos-lhe a casa
para alimentar o gato diluído nos garrafões da despensa
(chamámo-lo e não veio)
e topámos com dúzias de cartas.

524

não tenho o direito de
o meu pai a estudar-me, a estudar as cartas, a estudar-me melhor, a fechar a secretária
se fosse mais novo e pudesse aceitar-me
eu por gratidão, por não sei quê, porque também eu, prestes a responder
- Aceito
o focinho do gato surgiu da despensa não irado, viúvo, um cucozito de madeira piou vénias
de horas, cada hora um soluço, deve ter sido o único fragmento do mundo que chorou por ele
- O desgosto do cuco a levantar a asa num adeuzinho lá seu não o
anima senhor?
pratos com igrejas pintadas, uma caixa de fósforos (não de cobre)
bilhetes de eléctrico, chaves, o meu pai a alongar-se para as chaves, a aperceber-se de mim
- Estava a brincar
e a desistir das chaves
II
(não estava a brincar pai, era a sério, onde ficaria o cofre?) à cabeceira da cama a moldura da
irmã de pálpebra tombada igualmente a indignar-se
- Queriam o dinheiro do cofre vocês?
o colarzito dela

(demasiado baço para valer alguma coisa)

numa taça de vidro, a minha madraستا a experimentar o colar verificando-o no espelho

- Que tal?

apertando o fecho na nuca e o fecho a soltar-se, o gato pulou paraaa cama e o colar no chão, a minha madraستا

- Assustei-me

deixámos a janela aberta e talvez alguém na rua, esta semana, a próxima, se compadeça com o bicho ou pode ser que vasculhe com os crames os contentores da manhã, atirem-lhe uma pedra, faça favor.

525

não ousou entretecer a esperança

a menos que algum parente depois de reunir os trastes haja vendido esse lixo, se por acaso eu

- Aceito

o colar pertença minha hoje em dia, eu à espera do meu genro com brilhos no pescoço, não no Jardim Constantino, num quarteirão melhor

(ondas amarelas, brancas, vermelhas, não azuis, não verdes) edifícios altos, modernos, não comércios de que ninguém se servia, mulheres patrulhando sombras e a minha filha mais nova entre elas, o meu genro

- Cunhadinha

não, o meu genro a abandonar os búzios, a exhibir a gravata

- Já deve ter entendido

se pudesse recuperar as palavras ocultava-as de mim, eu que podia ter sido uma senhora

(não tenho o direito de amá-la)

e jóias, cuidados, atenções, de avental no banco equilibrando o alguidar, o meu genro, sem se alargar no sofá, a examinar o frigorífico, o fogão

(não a examinar, pedindo auxílio)

as árvores

(ocupadas com outro assunto)

nas quais nem uma folha o encorajava, o meu genro com pena de num, do meu chapéu de palha com cerejas de feltro de correr na praia

(a palma da enfermeira na boca da criatura)

- Acabou-se)

o meu genro a abotoar o casaco sobre a gravata preta e a seguir a abotoá-lo uma espécie de beijo que não senti na bochecha, senti que a minha filha mais nova

- Para quê tanto cheiro?

O meu crer

526

(ondas abram vermelhas)

o meu genro

- O seu marido

não para mim, a frase no alguidar

-Tome

no meio das favas

-Tome

ou antes

Se lhe apetecer tome

ou antes

Tenha paciência tome

o meu genro seu marido

regressando ao frigorífico e ao fogão que lhe não serviam de nada, à indiferença das árvores (as folhas quietinhas, não, uma delas na terceira copa a soltar-se, a permanecer indecisa, a baixar finalmente)

o meu genro despeitado com a má vontade das árvores

- O coração do seu marido

nunca calculei que algum alguidar pudesse ser tão leve mesmo com

- O coração do seu marido

no bojo e as artérias do cérebro, as veias, os diabetes, o doutor que enrolava o aparelho da tensão

- Lavo daí as mãos não me responsabilizo

o alguidar tão leve, deixá-lo no banco, deslaçar o avental

(o nó do avental pesado, alguém entende esta ironia?)

pendurá-lo no gancho

(se entenderem aprecio que digam)

pedir

- Um segundo

para mudar de sapatos, de roupa, o armário que se empenava, o vestido sem escolher nos cabides

527

Sou eu

as meias em cima, não por baixo das outras, o cabelo que obedecia à escova, nem uma troca num gancho, as minhas mãos viam melhor que os meus olhos, mais habituadas à casa, mais rápidas, os olhos atrás delas desejando aprender ou nem sequer aprender, aprender o quê, para

quê, o que havia a aprender, os meus olhos aceitando, a minha cabeça aceitando

- Mudar de roupa

tão simples, mudar de roupa somente, as mãos decidiram Vais mudar de roupa

e eu calada Mudar de roupa para sair

e mudo de roupa para sair, obedeço, as mãos a avaliarem Brincos não brincos?

a decidirem Brincos

e os olhos aceitam, brincos, não os do casamento, de coral, os grandes, eu, que gostava de me ter casado no padre, a segurar as lágrimas na Conservatória sem altar nem música, um senhor de jaquetão com pressa porque mais clientes à espera a mandar-nos assinar o nome num livro

- Ora aqui está parabéns

a cumprimentar-nos e andor, móveis desconjuntados, a bandeira, um escrivão a ler o meu nome tão rápido que deixou de ser o meu nome, eu

- De quem é esse nome?

o meu marido que não encontrava as alianças nas calças, apalpou algibeira, apalpou no colete (Onde pus esta gaita?) lá descobriu o estojo felizmente, que drama, o conservador

Serve-lhe de exemplo para a próxima amigo

528

Vamos ficar empanados?

a dor inteira do mundo não teria chegado para explicar o que sinto, nunca pensei que o casamento fosse uma coisa amarga, no corredor editais, decretos, fregueses que carimbavam testamentos, um pedreiro entre dois andares esburacando tijolos a designar um balde

- A calíça cuidado

a música do órgão que eu sonhava um martelo a bater, a asma da minha madrinha borbulhando o tempo todo, no meio das borbulhas, a custo

- Felicidade filha

e portanto não os brincos de coral, os grandes que o conservador

- Tanto luxo para quê?

da mesma forma que o penteado para quê, a minha madrinha a vasculhar o porta-moedas

- Acho que para o cabeleireiro chega

espreitei o porta-moedas e não sobrou um tostão

(praticamente não sobrou um tostão)

as borbulhas da asma

- Fica-se a dever deixa lá

(tive sorte em viver consigo, senhora)

por conseguinte não os brincos de coral visto que sempre, ao dar por eles

- A calíça cuidado

o martelo a sublinhar-me os passos a caminho da rua, escadas velhas, escuras, uma cigana num degrau a estender um tachinho

- Uma esmola senhora

sem que lhe tivesse reparado no cão em cujo pescoço em vez de trela um pedaço de corda (no rochedo um pedaço de corda, uma caixinha vazia, a enfermeira

- És de força palavra)

Foi a casa

529

(ondas amarelas, brancas, vermelhas)

- A calça cuidado

as pérolas pequeninas que me ofereceu quando fiz vinte anos e traziam por engano a etiqueta do preço, exhibi-lhe a etiqueta

- Tão caro?

a minha madrinha num assobio dos pulmões

- Fica-se a dever deixa lá

eu a conjecturar como convenceu o ourives senhora e enquanto pensava

- Como convenceu o ourives?

a apertar a rosca no espigão quatro, cinco, seis voltas enquanto o meu genro ao telefone na sala

- Não calculava que a velhota reagisse tão bem

e pelo tom de voz compreendi que não para a minha filha mais velha, para a minha filha mais velha a despachar, para a que não gosta de mim, a que não se rala connosco

- Não calculava que a velhota

o Jardim Constantino tranquilo (nenhum pardal, nenhuma febre nos canteiros) a velhota não, eu não uma pessoa, um corpo que funcionava sem mim, se exprimia sem mim

- Vamos lá

as fotografias da camilha, a rapariga das tranças, o militar, os outros, não hostis, amáveis

- Necessita de auxílio madame?

os reposteiros, os bibelots, a mobília amáveis também, a casa ao fim de tantos anos de me magoar Você é uma estranha

me tratar mal Cale-se

ameaçar-me com correntes de ar, ralos que entupiam de propósito, isqueiro do esentar

530

a procurar agradar-me alargando a passagem, nenhum prego vingativo, nenhuma falha no mogno;

- O que lhe for útil madame

a casa a confessar-se minha agora que não precisava dela, que me importava a casa

- Não preciso de ti

o segundo andar do Jardim Constantino não calculava que a velhota reagisse tão bem, o meu corpo a caminho do vestíbulo onde o bengaleiro com o sobretudo do meu marido em que um dos botões ia pendendo do fio, ao cruzar o sobretudo

(para além do botão que pendia uma crosta no ombro)

o corpo a despedir-se

- Adeus

no patamar, no capacho, nos degraus mais gastos no meio (na Conservatória os degraus mais gastos no meio) e o que me vinha à cabeça eram decretos, portarias, testamentos, não preocupações nem maçadas

- Vamos escolher que igreja para o velório?

nem cemitério nem urnas, o pedreiro

(que não usava aliança)

esburacando tijolos entre dois andares a anunciar

- A calíça cuidado

afastando a gente de um balde, um martelo, que não fechava um esquife, empurrando uma espécie de alavanca ou de prego, o que me vinha à cabeça era o meu marido a enganar-se na aliança, o conservador junto à bandeira e ao escrivão

- Vamos ficar empanados?

a minha madrinha que faleceu sem se dar conta, respirava na cadeira e embora nem ela nem eu nos apercebêssemos deixou de respirar, continuou a viver um bocadinho e apesar de continuar a viver entendi que me comunicava

531

- Não há azar filha morri íamos a falar de quê?

as pupilas demoraram a apagar-se, tive de lhe carregar nas pálpebras, ajudá-la a ir desistindo e pronto, o meu genro Sente-se bem senhora?

como se Sente-se bem senhora?

significasse Sente-se bem senhora?

quando na realidade significava que ele

- Tenho medo

não havia compreendido e era isso coitado, como podia não compreender Virgem Santa, o meu genro atrás de mim (o martelo a esburacar a parede)

no temor de falecer igualmente, escadas velhas, escuras, a cigana (o meu genro estendendo-me o tachinho

- Uma esmola senhora)

sem que eu tivesse reparado no cão em cujo pescoço, em vez de trela, um pedaço de corda
(um pedaço de corda, uma caixinha vazia, acho que um cacto num muro, uma arvéloa, ondas
amarelas, brancas, vermelhas, a enfermeira a sacudir não sei quem

sei quem, a criatura de chapéu de palha com cerejas de feltro

- Es de força caramba)

o meu genro no temor de falecer igualmente, era isso pobrezinho

- Não calculava que a velhota

não a velhota, ele, a velhota reage descansa consoante a minha madrinha reagiu, qualquer
coisa que se aparentava a uma despedida, um sorriso

- A gente encontra-se por aí não te rales

e claro que nos encontramos por aí, temo-nos encontrado por aí não temos, sempre que topo
com os brincos de coral vossemecê

- Ora viva

532

- Fica-se a dever deixa lá

e como explicar isto tudo ao meu genro, como serená-lo o infeliz (ele para a minha filha mais
nova, não divertido, incapaz de

- Cunhadinha

ou de se alargar no sofá Não se dá uma beijoca ao rapaz cunhadinha?

ele em ânsias Adivinha o que aconteceu ao teu pai

os lábios mudos repetindo, insistindo Adivinha o que aconteceu ao teu pai)

como explicar ao meu genro que não é difícil, não custa, pode mentir-me, não tem
importância

- O doutor acha que talvez

as ondas amarelas, brancas, vermelhas, uma após outra, tão rápidas, e o fato dele preto, a
gravata dele preta, a minha filha mais nova em casa sozinha

(- O teu pai)

escutando os cavalos do circo que galopavam à roda, durante horas a fio galopariam à roda,
não palhaços, cavalos que estacavam, mudavam de sentido, prosseguiam de penacho na
cabeça o seu galope à roda, a minha filha mais nova a apertar sete, onze, cinco vezes os dedos
no apoio da cadeira sem que o apoio da cadeira lhes apertasse de volta, todas as luzes
apagadas

(ela com tanto receio dos palhaços, do silêncio)

a minha filha mais nova de joelhos na boca

(não minha filha, tua filha, uma filha só tua)

sem precisão de descalçar-se no patamar, tomar cuidado com as tábuas, se de repente eu
diante dela só com um dos chinelos, desprendendo-me do meu marido a sacudir-lhe o braço, a
blusa da minha filha torta, a pintura desbotada, uma gargalhada de desafio a emergir da

vergonha, ela na escola ainda, há tão pouco tempo mulher, a fazer

533

não, ela à minha espera no portão do hospital junto aos canteiros de flores, nessa doçura de província que os hospitais têm sempre

não, ela à minha espera à entrada da morgue sem doçura de província nos canteiros de flores, um edifício com um arco à entrada, uma das janelas abertas e na janela ninguém, o algeroz descolado

(o que me lembra é o algeroz descolado, se me ordenassem escolhe uma coisa apenas escolhia o algeroz descolado, o conservador de quando me casei

- Vamos ficar empanados?

e o algeroz descolado)

um edifício numa espécie de travessa com hera sobre um gradeamento

(não acácias)

onde não poisavam os pombos, a minha filha mais velha a dirigir-se a mim

(- Não calculava que a velhota reagisse tão bem)

com o meu neto ao colo, nenhum pedreiro a esburacar tijolos

- A caliça cuidado

nenhum balde, nenhuma cigana, nenhum martelo a bater, uma mulher mais idosa que eu, mais curvada

(eu não curvada)

a subir a travessa enquanto eu pensava que devia ter arranjado o cabelo

(Tenho dinheiro para pagar não se inquiete madrinha)

posto os brincos de coral, os grandes, uns sapatos alegres, uma roupa bonita para que as minhas filhas contentes, orgulhosas de mim

(um dia a minha filha mais nova, mesmo que o não confesse, orgulhosa de mim)

sete da noite na fachada da morgue ou seja um losango de sombra na parede lateral logo abaixo do telhado engolindo uma varanda, duas, Uma terceira varanda

(a única com persiana)

534

(um tubo de flúor?)

pestando no tecto, o arco da entrada aprofundava-se e para além do arco, ainda ao sol, uma cabine de vidro em que dois empregados, um dentro e outro fora, se riam, uma furgoneta vermelha

(ondas amarelas, brancas, vermelhas)

cavalcando o passeio, a minha filha mais velha prestes a abraçar-me e desistindo de abraçar-me, as mãos aproximaram-se de mim, aumentaram

(lá estava a cicatriz de quando se cortou em Tavira, um gargalo acho eu)
suspenderam-se um instante e ao irem-se embora eu a dizer-lhe não utilizando palavras
(vozes que principiam antes que a boca se mova)

- Não chores

(se extinguem apesar dos lábios ainda)

a noite da fachada da morgue na minha filha mais velha também, o tubo de flúor, inteiro,
iluminando em redor florões de estuque, açafates, a minha filha mais nova nem um
cumprimento, um

- Senhora

arredada da gente, aposto que apertando os dedos sete, onze, cinco vezes a informar para
dentro (e eu a dar por ela)

- Apertei sete onze cinco vezes não viu?

amuada por os dedos se deslocarem em vão, o meu genro a conversar com os empregados da
cabine de vidro que lhe respondiam fosse o que fosse

(o do interior da cabine a segurar-lhe o cotovelo) apontando um cartaz, prolongado por uma
seta, a que faltavam letras, um terceiro empregado com um carrinho de limpeza, mais
pequeno que os colegas, dava ideia de emendá-los sugerindo o sentido oposto com uma
espécie de ancinho, o meu genro designou-nos de

535

e os empregados voltaram-se sem curiosidade para nós, o mais pequeno largou o ancinho e
desta feita a voz do meu genro não precedia os lábios, nenhum som sequer, apenas a gravata
preta

- Cunhadinha

os candeeiros da travessa acendendo-se um a um de início, todos juntos depois e dei-me conta
que a noite da morgue me dissolvia a mim, sobrava a minha filha mais nova encostada a um
tronco ou a beber água do jarro

(- Há copos no armário menina)

água no queixo, no chão, se eu um gesto

- Não me aborreça mãe

não, a minha filha mais nova encostando-se a um tronco arredada de nós a encolher os dedos
sete, onze, cinco vezes contra a casca da árvore, deu-me ideia que Pegue-me ao colo mãe

e não Pegue-me ao colo mãe

cavalos que giravam na pista, estacavam de súbito, giravam de novo, haveriam
(presumo eu)

de girar muito tempo com um penacho ou assim e o despeito da minha filha mais nova, de
joelhos na boca

- Porque é que foi o meu pai em lugar de você não se atreva a tocar-me

não, a minha filha mais nova não se incomodando connosco, incomodava-se consigo mesma,

tão egoísta, tão pouco amiga da gente, o meu genro vindo do arco, completamente invisível com o avanço da itiqueta, onde os florões do estuque teimavam lá em cima, cor de gesso (não cor de gesso, pardos)

açafates, relevos, cornucópias de frutos, o meu genro com uma senhora de bata, de sorriso debruçado

536

- Cunhadinha

não, o meu genro para mim

- Daqui a meia hora entregam-nos o seu marido

que faleceu há dois meses, junto aos colegas do emprego, numa dessas quartas-feiras em que saía contra a minha vontade e a vontade do doutor a reunir-se com os outros num café qualquer nunca soube bem onde, Campo de Ourique, Avenidas Novas, um bairro desse género com prédios em que gostaria de morar em vez do Jardim Constantino tão desmantelado, tão feio, tenho ideia que uma ocasião me falou na Graça a propósito da doença de um deles, um problema na anca obrigando-o a ficar perto de casa visto que meia dúzia de passos e a perna prendia-se, ainda argumentámos, o doutor e eu, que um problema na anca não era nada comparado com o coração em papas e o açúcar do sangue, o doutor graças a Deus competente preveniu logo

- Lavo daí as minhas mãos não me responsabilizo

a minha filha mais velha a chamar o meu marido à razão

- O doutor não se responsabiliza ouviu pai?

ele no problema das damas do jornal

(as brancas jogam e ganham)

sem atender à gente, quando as brancas ganhavam guardava a caneta no casaco, permanecia a fitar a página sem a ler e julgo que continuava a fitá-la sob o tecto de estuque, os florões, os relevos, um pombo tresnoitado cruzou o arco a chorar, não imaginava que os pombos soluços e no entanto é verdade, cruzou o arco a chorar, a voz do meu genro antes dos lábios

- Cunhadinha

não, a voz do meu genro a incomodar-se comigo

- Em vez de ficar aqui não lhe apetece descansar ou esperar por ele na igreja?

esperar por quem na igreja senhor, que história é essa de igreja, o meu marido com os colegas do emprego em Campo de Ourique, nas

537

pode muito bem ser que na Graça derivado

(cerejas de feltro, que é das cerejas de feltro, proíbo a enfermeira de me interromper agora) derivado ao colega doente, ao problema na anca

(julgo que fui clara, proíbo que me interrompam agora)

à dificuldade em andar, pode muito bem ser que num cafezito da Graça

(há-de haver cafés na Graça penso eu, o que não falta nesta terra é miséria e cafés

cafés, não bares, não hospedarias, cafés, que bares que hospedarias, que vizinhas de toldo, o que não falta nesta terra é miséria e cafés)

o meu marido com os colegas do emprego no cafezito da Graça isto é um largozinho a seguir ao miradoiro, aos bombeiros, no sítio em que os eléctricos uma curva a gemerem, a trepadeira

(não soluços de pombos, não a minha filha mais velha, a minha filha mais velha

-Mãe

no sítio em que os eléctricos uma curva a gemerem)

no sítio em que os eléctricos uma curva a gemerem a trepadeira, o café

(a hospedaria)

o café digo eu com os colegas do emprego em que o meu marido faleceu há dois meses, conversava com os compinchas

conversava com os compinchas, não me interrompam, proíbo-vos, quando uma dorzita

(o doutor

- Lavo daí as minhas mãos se uma dorzita)

a minha madrasta por exemplo um encolher de ombros se tanto, uma pausa, eu a perguntar com a testa mal a pausa acabou

Nada de especial morri estávamos a falar de quê?

e não falta contar muito, escusam de me fazer sinais, colocar a horizontal sobre a mão vertical, bater o polegar no relógio de pulso um mimo.

538

Sente-se bem senhora?

como se precisasse da compaixão dele, não preciso, a minha filha mais velha

- Mãe

como se precisasse do interesse dela e não preciso igualmente dado que o amigo do meu pai, um velho de cinquenta e oito anos com um defeito na rótula, tão dedicado, tão atento

sei que não tenho o direito de amá-la

o amigo do meu pai num cochicho

- Desculpe

para que o meu pai e a minha madrasta não atentassem nele, o amigo do meu paiSe fosse mais novo e pudesse aceitar-me

e eu por gratidão prestes a responderAceito

eu agora que sou viúva, estou sozinha

- Aceito

eu no segundo andar do Jardim Constantino, sem ligar ao militar da camilha e à rapariga das tranças

- Aceito

enquanto a minha filha mais nova leva os joelhos à boca não, enquanto a minha filha mais nova me aperta os dedos sete, onze, cinco vezes com força, o cabelo dela a roçar-me no peito (quase loiro em pequena) e lhe garanto

- Não há azar

sentando-a melhor no meu colo para que possa dormir.

QUINTA NARRATIVA

Sobretudo não podes cair na asneira de te enervar, perder a cabeça, hesitar, comover-te, sentir dó de ti mesma, tens de estar

(de ficar, de tornar-te?)

áspera, indiferente, tranquila, consolar-te pensando que é uma questão de minutos, não muitos, três ou quatro se tanto, um bocadinho apenas, um último esforço e acabou-se, nem a janela se distingue depois, a sala um reflexo de coisas mortas, objectos mortos, de imediato essa claridade vinda não se sabe de onde, da rua talvez, de uma varanda que se não percebe e contudo existe escondida, disfarçada de parede com os seus quadros e os seus móveis numa das paredes que te cercam e no entanto, apesar dos quadros e dos móveis, uma árvore

(uma única árvore, sem nome, um ou dois telhados embora não Os daqui, os de outrora que julgávamos perdidos e afinal regressam)

de imediato, após o último esforço, a claridade baça de poeira dos compartimentos que ninguém habita e onde um vizinho, a polícia, os bombeiros caminharão a medo, se calhar com uma lanterna, procurando-te, quer dizer tu não verás

540

círculo claro, mais oval que círculo, avançando para a direita e para a esquerda, cauteloso, no chão, explorando os tapetes, as cadeiras, a escrivaninha de antiquário, cheia de gavetas e mistérios, que desde há meses decidiste trocar por uma floreira e não trocaste nunca, a escrivaninha a queixar-se

- Eu destoo

portanto amanhã ou quinta-feira, sexta-feira no máximo, sem que te diga respeito porque com o último esforço, consoante prometi, acabou-se, gente no patamar, conversas, reconhecerias somente os passos e a voz da porteira pela primeira vez sem ralar com o filho a propósito de lama nos sapatos ou de plantas arrancadas do átrio, a porteira, de que te habituaras aos gritos, numa espécie de cochicho alarmado e as restantes vozes, os restantes passos, de estranhos, uma conferência, quase em segredo também, de criaturas diversas, terminada a conferência uma delas, que discordava ou concordava, a calar-se, silêncio

(a sala um reflexo de coisas mortas, objectos mortos, pequenos charcos de líquenes, a janela sumida

haverá uma janela, terá havido uma janela?)

no silêncio em que respirações

(não a tua)

as patas do cãozito três andares acima, rumor de nuvens lá fora, isto é, como sempre com as nuvens, um atrito de cordas e lonas atravessando em diagonal o vento, um arame

(ou seja o que for no género de um arame)

a insistir na fechadura rompendo-a, lacerando-a, buscando

(encontrou-a e perdeu-a)

a linguetazita do trinco, numa das nuvens, quase junto ao prédio, as tábuas mal ajustadas do convés que os tripulantes compensavam jogando baldes de ar da amurada, alguém no patamar

- Não sentem este cheiro?

e adivinhavam-se, para além do cansaço da nuvem a tentar escapar.

541

bisbilhotando sombras, o arame enganchou na linguetazita, percebeu-se uma bola nos degraus tocando-os um a um num xilofone de saltinhos, o som de uma vassoura num corpo à medida que a bola diminuía e o filho da porteira

(- Não tive culpa)

a chorar, a lingueta terminou por desistir num estalido de galho

(lembras-te de os pisares à ida para a escola nas manhãs em que choveu no Jardim Constantino, da madeira molhada que demorava a quebrar-se?)

a bola algures no átrio e como tu em paz, a porteira avançando para o interior da casa, mais passos, mais conversas, provavelmente os bombeiros, a polícia, o vizinho advogado a deliberarem indecisos na esperança que o teu apartamento agora aberto

(um ângulo de mesa, uma jarra e todavia o quê e em que sítio não contando com a mesa e a jarra?)

lhes respondesse por ti derivado ao facto de nenhuma resposta salvo uma suspeita de coisas mortas, objectos mortos, essa claridade vinda não se sabe de onde

(a rua, uma varanda escondida?)

em compartimentos que ninguém habita, o círculo da lanterna, mais oval que círculo, para a direita e para a esquerda, cauteloso, no chão, explorando tapetes, cadeiras, a escrivaninha de antiquário fechada e no interior da escrivaninha um parafuso enigmático, encontrado no soalho, que nunca entendeste a que gonzo ou aparelho eléctrico pertencia, de tempos a tempos examinavas o parafuso, grande, sem ferrugem, com o seu aspecto útil, procuravas um lugar que se ajustasse e os gonzos e os aparelhos eléctricos completos, tornavas a guardá-lo intrigada, um objecto morto a juntar-se às dúzias de objectos mortos que te cercam, o cheiro

(- Não sentem este cheiro?)

não teu, do canteiro do prédio, por exemplo, que regado aumenta

nenhum bem.

542

que nunca terias visto se os visses, a porteira a não compreender, a enxotar o filho que parecia

estender-te a bola oferecendo-a, o teu pescoço numa posição esquisita, o filho da porteira, apesar da mãe, quase a poisar-te a bola nos joelhos

-Tome

ao chegares do emprego ele minúsculo, descalço, respirando o teu perfume junto aos elevadores a olhar-te, não te respondia se falavas com ele, ocultava-se na bola

(uma bola de criança a que faltava o verniz)

continuava a olhar-te conforme olhavas ao lado do teu pai os cavalos à roda galopando assustados, de boca pendente, e que te não olhavam a ti, já no elevador percebias a bola cor de laranja

(não o miúdo)

contra o vidro fosco, descendo-te até aos pés antes de desaparecer, a lembrança do filho da porteira, com as suas mãos sempre sujas, entrava contigo em casa, receavas que se encostasse às cortinas e as manchasse, pedias-lhe

- Cuidado

antes de te aperceberes que filho da porteira algum a espantar-se, o infeliz, para os luxos da sala, tu sozinha, os avisos da empregada nas costas da factura do supermercado

(sexta não posso vir tenho consulta o marido da irmã da senhora ligou duas vezes a sua mãe uma)

entalada no cinzeiro, o jantar no micro-ondas, o mar de Oeiras

(ou rio ainda?)

por enquanto sem candeias

(penso que rio)

pode ser que arvéloas

(não)

pode ser que um pedaço de corda e uma caixinha vazia esquecidas num rochedo

543

(os aloendros gravados a canivete no céu roxo que antecede a noite)

e por causa dos aloendros

(por causa dos aloendros?)

tu no sofá, de sapatos tombados um sobre o outro como te acontecia em miúda e os joelhos na boca sem pensares no teu pai, sem pensares em ti, pensando que sobretudo não podes cair na asneira de te enervar, perder a cabeça, hesitar, comover-te, sentir dó de ti mesma, tens de estar (de ficar, de tornar-te?)

áspera, indiferente, tranquila, consolar-te pensando que é uma questão de minutos, não muitos, três ou quatro se tanto, um bocadinho apenas, um último esforço e acabou-se, nem a janela se distingue depois, a polícia, os bombeiros, pode ser que dê conta dos cavalos à roda, galopes com eles, mudes de sentido com eles, te sumas com eles, terminado o espectáculo, ao ritmo da música

(o teu número acabou)

na cortina do fundo que o círculo da lanterna

(mais oval que círculo)

ilumina um momento antes de se extinguir por seu turno, a porteira na tua sala sem acreditar

- Cavalos?

dado que as ferraduras ainda ou então uma nuvem que os grumetes não conseguem levantar roçando nas palmeiras, oscilando, detendo-se, despenhando-se à medida que se dissolve numa espumazinha, num sopro, no parque de estacionamento da praia, os cavalos que o teu pai te levou a visitar nas traseiras do circo onde as rulotes e a jaula dos tigres enrolados a um canto de tal modo que a jaula, com os restos de um frango, se te afigurava vazia, a senhora que apresentou o espetáculo, acocorada num tijolo com uma camisola de homem sobre o vestido prateado, retirava as unhas postiças, a velha da bilheteira, franseza,

ria, ria.

544

conforme mesmo hoje tinhas a impressão que no Jardim Constantino a tua mãe, apesar de inclinada para a tábua de passar a ferro ou entretida com as plantas da marquise, continuava a seguir-te ao passo que os cavalos, decorrido um instante, se distraíam do teu pai e de ti chamados por outros gestos, outras cores, outras presenças, quiseste apertar os dedos do teu pai

- Estou aqui

e não lhe achaste a mão, o sujeito que mandava nos cavalos espreitava-te de uma das rulotes desabotoando alamares

- Cunhadinha

isto é o sujeito que mandava nos cavalos, acompanhado da esposa

(não da tua irmã)

espreitava-te de uma das rulotes no modo como os homens te observam no trabalho, no restaurante, no cinema, cotoveladas, risinhos, o único que não te observou foi aquele senhor no metro, de manhã, no inverno, quando a cidade

(as casas, por exemplo)

é mais clara que o céu

(o céu ainda escuro e a cidade a empalidecer por sua conta)

escutava-se o comboio numa curva do túnel a alcançar a estação, o senhor ao teu lado na plataforma

(imensa gente ao teu lado na plataforma)

perguntou-te as horas ainda que um relógio no tecto, apontaste o relógio, disseste nove menos vinte e as orelhas da tua mãe, no Jardim Constantino, atentas, uma criatura colocando um chapéu de palha na cabeça

(com cerejas de feltro?)

junto ao que considerava o mar e mar nenhum, uns baldios, pássaros a que chamam arvêloas

e na realidade pardais

(viste bandos de corvos no Alentejo lembras-te, quase do tamanho de perdizes mas magros, ferozes, de luto, erguendo-se do feno)

bom. o senhor bem vestido, educado, simpático, perguntou-te

545

nove menos vinte com receio que não te houvesse entendido por causa do som das carruagens e das asas dos corvos desordenando o feno, esfarrapadas, soltas, os bicos negros igualmente

(não esquecer os cavalos, coloquem-lhes um penacho, enxotem-nos desta cerca de tábuas para a cortina da pista, prometam-lhes os quadrados de açúcar que o sujeito de alamares retirava do bolso e obriguem-nos, com a música, a galopar à roda)

disseste nove menos vinte no instante em que o impulso do ponteiro nove menos dezanove, não o traço grosso, um traço fininho, o relógio sem números, quatro traços fininhos entre dois traços grossos ou seja quarenta e oito traços fininhos e apenas doze grossos, não se escutavam os corvos, escutava-se o feno, o zunido da terra girando no seu eixo com todas as crinas soltas a imitar cavalos, a criatura do chapéu de palha, aborrecida contigo

- Não percas tempo despacha-te

antes que a enfermeira a ralhar-lhe, as semanas que não deve ter perdido, roubando-as à sua praia, a imaginar tudo isto, a fotografia dela na camilha do Jardim Constantino mas qual, a velhota de bengala, a rapariga das tranças, uma prima secundária em que ninguém reparava, disseste nove menos vinte, quiseste emendar para nove menos dezanove, a tua irmã com a alcofa do filho, o marido da tua irmã a explicar, de polegar e mindinho estendidos e os restantes dobrados, o polegar perto da orelha e o mindinho na boca

- Eu telefono-te

a criatura com um olho nas ondas e o outro em vocês aborrecida com ambos

- Vamos lá

acabem com as sinalefas meu Deus, esqueçam-se dos corvos, aviem-se, não me interessam os corvos, é o senhor do metropolitano se tivermos oportunidade talvez os corvos depois, as pessoas na estação não mencionando a tua irmã com a alcofa, o marido da tua irmã

546

a porteira a pasmar para o vizinho advogado

- Morreu?

a lanterna que permanecia acesa apesar dos abajures e do foco no tecto, quiseste tocar no braço do senhor que te sorria

- Obrigado

emendar para nove menos dezanove, quarenta e oito traços fininhos, doze traços grossos, o feno do Alentejo, sobreiros

(não podes enervar-te, perder a cabeça, hesitar, comover-te)

parte do telhado de uma ruína onde cobras, toupeiras ou animais desvalidos incapazes de sobreviverem por si mesmos

(não te comovas, não sintas dó de ti)

o filho da porteira a oferecer-te a bola

(disse: não sintas dó de ti)

o vizinho advogado uns serões quando a esposa no estrangeiro, tu

- Um momento

antes de lhe abrires a porta e o perfume das rosas entre tu e ele, um sibilo que te enervavaCucu

(enquanto pensavasPorque não se calam vocês?)

porque teimam em atormentar-me com os seus segredos ridículos, as suas mãos nunca delicadas, as suas caretas idiotas, porque não uma professora de geografia como a minha irmã e não apenas rosas, verduras, uma fita vermelha, as rosas à falta de lugar

(- Despachem-se)

no lava-loiças primeiro e no caixote depois

(a tua professora de geografia, por exemplo, não te recordas dela, sempre preferiste os corvos, o vento, a agitação do feno, um horizonte de azinheiras e muralhas antigas)

o teu pai incapaz de resolver o problema das damas na sequência dos diabetes, das artérias, do cérebro, a caneta parada no jornal ou

547

conforme não sabia o caminho para a hospedaria da Graça, ajudava-lo tu, o senhor do metropolitano

(doze traços grossos e a cidade, as casas por exemplo, mais claras que o céu)

- Obrigado

vestias-lhe o sobretudo, escolhias-lhe a gravata a enganares-te no nó

(- Esteja quieto senhor) endireitavas-lhe o cabelo Quer ir ao circo pai?

e ele a fitar-te oco, não

Obrigado

como o senhor do metropolitano, um abandono sonâmbulo excepto se por acaso a ideia de alguém a fumar num pontão, e se a ideia de alguém a fumar num pontão um trotezinho contente, sem força para apertar dedos ou sacudir as gaivotas que abandonavam as molduras do fotógrafo para bicarem manchas de óleo com os seus véus brancos, os cetins, as flores, o teu pai no largozinho da Graça onde os eléctricos curvam cuidando-se no Beato

- Morei ali

morei no topo de umas escadas de cimento entre dois becos conduzindo a hortazitas de província que os fumos da vazante impediam de crescer e o teu pai satisfeito, avançando na direcção da hospedaria da Graça para alívio da criatura de chapéu de palha

(sim, verificando melhor com cerejas de feltro)

- Já não era sem tempo

à medida que os corvos

(lembras-te?)

quase do tamanho de perdizes mas magros, ferozes, de luto, se iam erguendo do feno e o relógio do metropolitano prestes às nove menos dezoito que se percebia no ponteiro a vibrar para o salto, não mudava o ritmo.

548

cobria-o por completo, apoderava-se dele, anulava-o

(pertencer-lhe-ia o parafuso da escrivanhinha?

não creio)

de modo que deixavas o teu pai à entrada da hospedaria da mesma forma que o conduzas, aos domingos, ao apeadeiro de Sintra, o senhor do metropolitano agradeceu-te

- Obrigado

no instante em que as carruagens principiavam a travar, o senhor olhou para ti, para o relógio, tornou a olhar para ti e atirou-se à linha, a locomotiva empurrou-o, colheu-o mais adiante, empurrou parte dele, colheu-a mais adiante

(nove menos dezoito)

esmagou-a também e demoraste a compreender que gritavas, a tua boca aberta e gritos vómitos gritos, demoraste a compreender que à tua direita, à tua esquerda, além de ti gritavam igualmente sem que soubesses destrinçar quais os teus gritos e quais os gritos dos outros, eu que tanto recomendei não poderes cair na asneira de te enervar, perder a cabeça, hesitar, comover-te, sentir dó de ti mesma, tens de estar

(de ficar, de tornar-te?)

áspera, indiferente, tranquila, consolar-te pensando que é uma questão de minutos, três ou quatro se tanto

(prometo)

alguns traços finos, um só traço grosso, um último esforço

(vá lá)

e acabou-se, nem a janela se distingue depois, reflexos de coisas mortas, objectos mortos, um sapato castanho do senhor na plataforma à tua frente que os corvos do Alentejo disputarão às gaivotas, que os bebés da montra hão-de pedir aos soluços, se eu te colocar um penacho na cabeça, em vez de um chapéu de palha com cerejas de feltro, galopas não à roda, na direcção da saída, nove menos dez ou nove menos

cinco

549

e que diferença faz agora, essa claridade vinda não se sabe de onde, da rua talvez, de uma varanda que não se percebe e contudo existe, escondida com os seus quadros e os seus móveis numa das paredes que te cercam, o vizinho advogado deixava-te um cartão na caixa do correio, em maiúsculas sem assinatura a fim de que não o usasses contra ele depois

Para A Semana A Minha Esposa Em Londres

tu repetindo sem entusiasmo a minha esposa em Londres, a minha esposa em Londres, essas frases que por vezes se te agarravam à alma, sacudias e permaneciam ali, inamovíveis, tenazes, o que significa a minha esposa em Londres, o que querem dizer os corvos no feno, uma ou duas dúzias de corvos quase do tamanho de perdizes

(seriam perdizes?)

quando o automóvel passou, o vizinho advogado não tocava a campainha, usava os dedos

(sentias-lhe a respiração no capacho mais forte que os dedos)

antes dos dedos o perfume das rosas

- Cucu

enquanto tu corrias, de penacho na cabeça, até ao Jardim Constantino, te fechavas no quarto de joelhos na boca para calar os gritos

(as fotografias da camilha a gritarem também?)

sobretudo não podes cair na asneira de te enervar, o senhor a perguntar as horas

- Tem horas menina?

como se horas fossem coisa tua, as pudesses dar

- Pegue

fique com as minhas horas que não preciso delas, guarde-as, o teu Pai na hospedaria da Graça estranhando um tapume sobre o qual uma empena, um loureiro

- Já não sei

uns repentes de lucidez no seu espanto, o olhinho capaz de interessar-Lhe.

550

(percebiam-se os marujos nos mastros, um fulano gordo, de camisola às riscas, a esfregar o convés) >

e o teu pai <

- O que fazes aqui?

o que fazes aqui realmente, de luz apagada na sala, cercada de reflexos de coisas mortas, objectos mortos, reposteiros, almofadas, o vizinho advogado a pendurar o casaco nas costas de uma cadeira austríaca

- Ora bem

ocupando o mesmo lugar no sofá que o marido da tua irmã, poisando-te a mão no mesmo joelho, fitando-te com o mesmo vagar, conversando consigo próprio, não contigo

- Cunhadinha

nas caras deles, assim próximas, imperfeições e sinais que não lhes pertenciam, foi a criatura de chapéu de palha que entregou os seus, a mão dela no teu joelho, a voz a engrossar Ora bem a sua voz Cunhadinha

o seu Jardim Constantino diferente do teu, outros arbustos, outros bancos, dois castiçais no piano, não um, uma profundidade de sombras que se perdeu com os anos, chávenas então completas que conheceste sem asa, a terrina no aparador, não na cómoda, o teu pai a caminho

da hospedaria e tu sem dares por isso

-Pai

desejando que ele não ouvisse, tão vagaroso, tão frágil, certificando-se que o lenço no bolso
(não podes hesitar, comover-te)

II

e ao depositá-lo no bolso uma ponta de fora, o casaco gasto sobrando nas cavas, a tua mãe
para a tua irmã mais velha

- Não parece um espantalho?

e a tua irmã mais velha

551

(rosas no lava-loiças, nunca gostaste de rosas)

a descobrisse na sala, inútil entre trastes inúteis numa pontinha de assento, com o filho que
poderia ter sido teu se quisesse na alcofa, a descobrisse de olhos caídos, desajeitada, gorda,
ou então o teu pai a entrar na cozinha ele que não entrava na cozinha sobretudo desde que a
gaiola da arvéloa

sobretudo desde que a gaiola do estorninho deserta, quando o pássaro morreu ficou de bicho
na palma que séculos, não exactamente um bicho, penas sem matéria, uma garrazita de
arame, a ausência da segunda garra, da cabeça, do bico, o que devia ser uma asa que o teu pai
desdobrou, pareceu beijar, deu por ti e adeus beijo, ele direito, verteu o estorninho no lixo,
desapareceu na marquise de nariz para as árvores, até hoje as sementes no comedouro, não
amarelas, negras, a água a enegrecer num pratito de esmalte, o teu pai a entrar na cozinha
onde a tua irmã ajudava a tua mãe, a tua irmã desejando que ele

- Filha

segurando-a na palma não que séculos, não exigia séculos, um bocadinho somente, lhe
estudasse as penas, desdobrasse uma asa, o cartucho que anuncia alimentação vitaminada
prosegue na despensa, cada vez mais ao fundo na prateleira à medida que novos boiões,
novas conservas, novos frascos de doce, da mesma forma que a gaiola não no prego, sob o
cesto da roupa, já nem prego aliás, o orifício do prego de onde assomam formigas entre dois
azulejos, se o teu pai na cozinha a tua mãe para a tua irmã, a mostrar-lhe o casaco

- Não parece um espantalho?

um espantalho que julgava caminhar nos petroleiros do Tejo, julgava pedalar, coroados de
noivas, no sentido de Paris, o teu pai não na cozinha, na hospedaria da Graça

(um espantalho de facto)

em que talvez o marido da tua irmã, o vizinho advogado, o filho da porteira sem conseguir
crescer, uma nuvem sem tripulantes

552

(o cadáver do comandante na proa)

até se enredar numa cúpula, o que sobrava do leme quase solto da quilha, a gaiola do
estorninho com um dos poleiros no chão

(não bem chão, uma gaveta que a tua mãe puxava para limpar com a faca porque crostas agarrando-se ao metal, a tua mãe, de pernas afastadas, ganhava duplos queixos

- É preciso comer um bife para isto

ao procurar dissolvê-las, ficava um vestígio que ela

- Uma nódoa de ferrugem

se a tua irmã ou tu lha mostrassem com o dedo a tua mãe que ia perdendo os duplos queixos ao acertar a gaveta na calha

- Uma nódoa de ferrugem

exigindo

não exigindo, implorando-vos que aceitassem a nódoa de ferrugem ela que não acreditava na nódoa, a cara

- Não acredito na nódoa acreditem por mim

à beirinha das lágrimas, tu surpreendida com a facilidade

(sobretudo não podes cair na asneira de te enervar, perder a cabeça, hesitar, comover-te)

com que as pessoas choram, se não tivesses de estar

(de ficar, de tornar-te)

áspera, indiferente, tranquila, tu

-Mãe

o teu pai lá se decidia a entrar na hospedaria da Graça, apertavas-lhe os dedos sete, onze, cinco vezes para lhe dar coragem, informá-lo

- Espero aqui

garantir que o apoiavas, se lhe falasses em Tavira uma pureza de espanto

- O quê?

o teu pai um desses cães sem força para obedecerem ao dono, de focinho a amolecer nos ladrilhos, um arrepio da cauda, a frouxidão de

553

uns tantos traços finos, dois traços grossos no máximo e o metropolitano a empurrá-lo, a colhê-lo, a empurrá-lo de novo, um sapato castanho na plataforma junto a ti, o veterinário arrecadando a seringa

- Pelo menos poupa-se na injeção

e o teu pai nos ladrilhos, a cauda, o focinho, o coração, a recordar a ponte de Tavira e no instante em que a recordava a imobilizar-se e a perdê-la, o vendedor de bolos parado enquanto avançava, a tua mãe a meio da intenção de chamar-te, Tavira não uma lembrança, uma pagela, lá estão as cinco filas de toldos, a ilha, vocês na esplanada a seguir ao jantar, a tua irmã desejando que ele

- Filha

e o teu pai nunca

- Filha

calado, não no Algarve, no Beato, um indivíduo de mãos roídas pelos ácidos

- Pimpolho

outro a largá-lo no sobrado

- Estás a rir-te de quê?

um navio

(ou uma nuvem)

a afastar-se devagar para a América e o teu pai na fantasia que daqui a instantes duas canas de pesca no pontão a que faltava o cimento, com os ferros à vista, perto de um rolo de cordas, o indivíduo que o largou no sobrado a acenar do navio

(da nuvem?)

a acenar à sua mãe do navio

- Um dia volto pimpolho

chuva no cais e o indivíduo

(que coisa)

a secar a chuva dos olhos, depois do teu pai na hospedaria permanecer com ele na palma que séculos, o teu pai umas penas,

554

Trambolho

(não podes cair na asneira de te enervar) o veterinário

- Pelo menos poupa-se na injeção

o veterinário ou o doutor a mencionar os diabetes, as artérias, o cérebro, a explicar à tua mãe

- As pessoas envelhecem madame

se ao menos os corvos do feno as comessem por piedade, o teu

pai

(não te comovas, não sintas dó de ti mesma)

que desde que saíste do Jardim Constantino

(do piano, das terrinas, da máquina de costura)

continuava a esperar-te sem um protesto, um lamento, havia ocasiões em que a tua campainha chamava, ninguém e ias jurar que era ele, arrependia-se, fugia, se chegasses à varanda enxergava-lo a trotar no Estoril, não te tocava nunca

(- Não me tocava porquê?)

não fazia perguntas, não te olhava sequer, nãoFilha

felizmente que nãoFilha

silêncio, tu áspera, indiferente, tranquila, entre reflexos de coisas mortas, objectos mortos, essa claridade vinda não se sabe de onde, da rua talvez, de uma janela que se não distingue e

contudo existe escondida, disfarçada de parede, com os seus quadros e os seus móveis, numa das paredes que te cercam, o teu pai que cuidavas perdido e afinal regressa, trouxeram-te ao colo

(a tua mãe trouxe-te ao colo

- Não me aborreça senhora)

embrulhada num cobertor, da operação as anginas, o teu pai a segurar-te o calcanhar, são nove menos dezanove, é uma questão de minutos, não muitos, três ou quatro se tanto, um bocadinho apenas. o cacto, a proximidade do mar dado Que aí'

555

- Não sentem este cheiro?

e antenas de narizes avaliando, palpando, tapetes, cadeiras, a escrivanhinha de antiquário que não chegaste a vender, a criatura de chapéu de palha satisfeita

- E assim

as cerejas de feltro despegando-se da copa, a enfermeira a procurar tirar-lho

- Vou deitar fora esta bodega

enquanto as ondas mais próximas, amarelas, brancas, vermelhas, não em Tavira é evidente, não a ilha, não a ponte, uns limos, uns rochedos, num dos rochedos um pedaço de corda e uma caixinha vazia, tesouros que não valiam um tostão furado e as gaivotas

(preocupadas com o peixe e as sobras das traineiras)

desprezam, a tua irmã em Tavira, à noite

- Não ouves?

referindo-se não a um comboio ou a pessoas na rua, ao seu corpo

- Não ouves?

a carne a transformar-se, a crescer, o peito não liso como o teu, ancas não estreitas como as tuas, pedacinhos de lama que ferviam nela, exibiu-te o lenço

-Olha

e então sim, pessoas na rua, um comboio, foi a única altura em que te interessaste pela tua irmã, lhe fizeste perguntas, não inquieta com o que lhe acontecia, inquieta contigo, a percorreres-te com as mãos, a espiaries-te

- O que vai ser de mim?

uma tarde viste a tua mãe nua a mudar de roupa, um corpo esquisitíssimo tão diferente do teu, trancaste-te no chuveiro, não acreditaste

- E outra

a cara de sempre num corpo que não lhe pertencia

É outra

ou repetia nua.

556

os dedos morrias, afastavas-te dos teus pais evitando-os, desconfiavas das suas expressões,
dos seus modos

- Vocês quem são?

alcançavam as prateleiras mais altas sem necessitarem de bancos, a vizinha de toldo

(outro monstro)

no seu crochet o dia inteiro, alheada de vocês, ano após ano a mesma cadeirita de lona, o
mesmo vestido, um cumprimento de cabeça que mal se notava, cerimonioso, a custo

(o marido da tua irmã

- Adivinha o que aconteceu ao teu pai cunhadinha?

a tua mãe saberia, a tua irmã saberia, quem para além de ti e não contando as cerejas de feltro
estava ao corrente da hospedaria da Graça, de Sintra?)

rodeavas a hospedaria na direcção das traseiras em que prédios ao abandono, canos ao léu,
desperdícios, um velhote a endireitar uma colmeia com as abelhas a enfurecerem-se em torno
e numa janela do terceiro andar, que um ramo de trepadeira atravessava, o teu pai a fitar-te, a
expressão dele Tu compreendes

não Tu compreendes filha

somente Tu compreendes

e no Tu compreendes

escondido no Tu compreendes

oculto no fundo, só um cantinho à vista

- Tu compreendes filha

o velhote a perder o equilíbrio defendendo-se dos zangãos com as luvas, a vizinha de toldo a
explicar ao teu

557

a explicar ao teu pai

- Não me vou embora descanse

e o teu pai, não ralado com ela, a fitar-te a ti, agradece à criatura de chapéu de palha que ele a
fitar-te a ti, pode ser que te tenhas enganado e o teu pai a fitar um episódio remoto, um dedo
entre xailes por exemplo

- O pimpolho cresceu tanto este ano

ou o estorninho na palma, ao menos pelo estorninho interessava-se, desdobrava-lhe a asa e a
asa inerte, defunta, um lequezito de penas, a tua mãe a ofender-te

- Muito gostava ele do bicho

depois do teu pai se encostar à marquise a tua irmã a ajudá-la com

o almoço, de bochecha torcida

(são precisas duas pálpebras para uma lágrima vês?)

a enternecer-se com o estorninho conforme a criatura do chapéu
de palha enternecida com a arvêloa, anunciava

- O mar

isto é decidiu que o mar acolá, logo a seguir ao muro, quando na realidade mar nenhum,
baldios, um tractor invisível, se a tua irmã no Jardim Constantino o teu pai a interrogar-se

- Conheço-a?

a convidá-la para o circo no teu lugar dado que tu ausente, de joelhos na boca, pensando que
uma questão de minutos, não muitos, três ou quatro se tanto, um bocadinho apenas, um
último esforço e acabou-se, coisas mortas, objectos mortos, o marido da tua irmã a desdobrar-
te a asa

- Cunhadinha

e tu nessa claridade vinda não se sabe de onde, da rua talvez, de uma janela que se não
distingue e contudo existe, da nuvem que os grumetes conseguem levantar acima das
palmeiras conduzindo-a (percebia-se o mestre com um binóculo à popa) à bolina na direcção
de Lisboa, tu que nunca soubeste em que bairro

558

(o velhote continuava a endireitar a colmeia dado que se notavam os sons consoante se notava
um maçarico numa oficina algures, o eléctrico desapareceu na primeira esquina com a vizinha
de toldo, os corvos deviam permanecer no Alentejo erguendo-se do feno, verticais, ferozes,
de luto, desligaste o telefone antes de te sentares no sofá, trouxeste o jarro da água

- Vou ter de repetir toda a vida que há copos no armário menina?)

tu a sorrises à lembrança de que há copos no armário menina,

contaste os comprimidos do frasco, vinte e três, tornaste a contá-los e vinte e quatro, contaste
alinhando-os na mesinha e vinte e quatro de facto, em qual deles te enganaste, vinte e quatro
inteiros e metade de um outro, como qualquer pessoa no teu lugar começaste pela metade que
se te prendeu na garganta, raspar com uma faca, limpar (os duplos queixos da tua mãe

- É preciso comer um bife para isto)

ao esfregar a gaveta da gaiola a tua mãe substituí-a-lhe o fundo por uma página do jornal da
véspera com o problema das damas resolvido na margem

(riscos de caneta, números)

e o triunfo das brancas, colocada a gaveta na calha a tua irmã recolhia o jornal, chegaste a
procurá-los em Sintra, ao teu pai e à vizinha de toldo, sem que conseguisses achá-los, achavas
fetos, orquídeas, chalés onde os grumetes das nuvens habitavam nos intervalos das viagens
porque pavios de navegação flutuando nos quartos, a tua irmã dobrava às escondidas o jornal
na carteira, por vezes um dos grumetes costurava lonas num banco

(um bocadinho apenas, um último esforço, continua, dentro em breve o tal corredor, a tal luz)

e apesar das acácias e das flores nas acácias o teu pai noutro lado, porventura no Beato, na
estação dos comboios de França na mira de afastá-lo

559

com a criatura de chapéu de palha com cerejas de feltro (não somente fetos, orquídeas, mas tamargueiras, falenas, um herbário completo, dentro em breve o tal corredor, a tal luz)

conversando com o teu pai no Jardim Constantino e ele mostrando-lhe um retrato na camilha

- E você

não o da senhora da bengala nem o da rapariga de tranças, mais difuso, menos claro, quatro meninas de branco em torno de uma fonte ou um baloiço ou um avô bondoso tanto faz

(a película demasiado gasta impedia-te de perceber, quatro meninas portanto, e nesse aspecto há acordo, em torno não importa de quê escolhido pelo fotógrafo, o baloiço não, a fonte ou o avô bondoso ou um adereço de estúdio, o mais provável é que um adereço de estúdio, uma coluna por exemplo com um vaso no topo, digamos e siga a banda que não há tempo a perder que uma coluna com um vaso no topo)

não a senhora da bengala, não a rapariga de tranças, quatro meninas de branco com vestígios das assinaturas delas

(um rabisco, um tracinho, como tudo passa meu Deus, deixamos de existir tão depressa, nomes que já não são e por já não serem não foram nunca)

o teu pai a demorar-se na primeira

(não, na terceira, a mais alta, a do avental engomado)É você

(continua)A do a ai engomado

não adormeças ainda, prometo-te que falta pouco, o teu pai a demorar-se na do avental engomado se o teu cunhado

prometi que falta pouco e vou cumprir, ajuda-me, se o marido da tua irmã tocar à porta não te distraias, não oiças, um amen ai ma e o teu pai para mim

560

(não te preocupes com ele)

reparando na arvêloa sobre o cacto a dar-se conta do mar, não te preocupes com ele que trouxe uma lata de biscoitos, tenho jeito para crianças, sempre soube entretê-lo, basta que eu

- Pimpolho

para que o teu pai feliz, basta que eu

- Empresto-te esta caixinha este pedaço de corda

e ele sossegado

sossegado a brincar no momento em que este quarto um reflexo de coisas mortas, de

enganei-me, no momento em que nem a janela se distingue, deixei de distinguir a arvêloa, de distinguir o mar, distingo reflexos

coragem, distingo reflexos de coisas mortas

não hão-de impedir-me de chegar ao fim, distingo

distingo reflexos de coisas mortas

(estou a conseguir)

objectos mortos, um chapéu de palha com cerejas de feltro, para não ir mais longe distingo

uma nuvem com os seus marinheiros a aproveitarem o vento que principia a erguer-se, o farmacêutico

(farmacêutico?)

para mim

- És servida?

e a minha mãe

- Não lhe fales

não distingo o meu tio, não distingo a nossa casa, o homem da máquina de tripé no domingo de Páscoa, com um pano onde se escondia

- Ponham-se as quatro ali

as minhas primas e eu, a Filomena, a

como tudo passa meu Deus, depois digo, ponham-se as quatro ali, vocês duas deste lado, vocês duas daquele, a Filomena, a Alda, a Lurdes. uma blusa de botões de

561

as velas

umas flores

(acho que malmequeres)

na cabeça eu

Lucinda

disso estou certa, eu . •

Lucinda

visto que me roubou uma pluma de pavão encontrada na mata de que ainda hoje sinto a falta e ficava bem aqui, nesta claridade vinda não sei de onde, da rua talvez, de uma janela que se não distingue e contudo existe, o fotógrafo

Atenção

o senhor do metropolitano, os corvos, tu a gritares quando a locomotiva o empurrou, o colheu, o tornou a empurrar, tu de joelhos na plataforma embalando-te a ti mesma, pessoas à tua direita, à tua esquerda, além de ti que gritavam igualmente, o relógio nove menos dezassete, nove menos dezasseis, nove menos quinze e nas nove menos quinze um traço grosso, tu a correres para a saída, a deixares-me agora que me fazes falta para desamarrotares o lençol, trocades a almofada, mudades a posição em que estou, tu de joelhos na boca numa casa que inventei, não te pertence, inventei-a, é minha e na qual o vizinho advogado, a polícia, os bombeiros caminharão a medo, se calhar com uma lanterna, uma pilha vulgar procurando-te, quer dizer a luzita da lanterna

(ou da pilha vulgar)

um círculo mais oval que círculo para a direita e para a esquerda,

cauteloso no chão, explorando tapetes, a escrivanhinha de antiquário cheia de gavetas e mistérios que desde há meses decidiste

decidi trocar
(vender?)

562

fazia as somas das colheitas, tanto disto, tanto daquilo, a prova dos nove ao lado, o teu
o meu tio a reunir os papéis

- Que maçada)

por consequência estão aqui todos connosco, as minhas primas, o meu tio, o teu pai, tu, a
vizinha de toldo de modo que posso garantir com orgulho à enfermeira que a minha família
comigo a desamarrotar-me o lençol, a mudar-me a almofada

não consigo meu Deus

mofada, a mudar-me a almofada, a cuidar de mim, se eu disserA arvéloa

concordamA arvéloa

se eu disserO mar

aceitamO mar

reforçam inclusiveComo não dei pelo mar?

são meus amigos vocês, acotovelam-se, interrogam-se, acotovelam-se mais, compreendem,
dão-me razão

- O mar evidentemente como não dei pelo mar?

não um reflexo de coisas mortas, objectos mortos, o mar, essa claridade vinda não se sabe de
onde o mar, esse cheiro que vocês sentem

(- Não sentem este cheiro?)

o mar disfarçado de parede, escondido, não adormeças por enquanto, pega-me na mão que
não tenho, no braço que não tenho, na perna que principio a não ter, pega-me na perna

peguem-me na perna

auxilia-me isto é auxiliem-me com um chapéu de palha com cereijas de feltro, a tua mãe
comigo, a tua mãe comigo, a tua irmã

peço piedade, peço

563

Ave Maria que estais nos céus peço piedade, só espero santificado seja o vosso nome bendito
o fruto do só espero que o velho endireite a colmeia, pegue numa tábua e me feche lá dentro -
Ficas aí

só espero que o velho me permita ir embora com a nuvem, eu em cima, na amurada,
santificado seja, bem hajam, bem hajam, eu em cima, na amurada, a dizer-vos adeus.

PENÚLTIMA NARRATIVA

As coisas não acabam quando a gente pensa que ideia, supomos que terminaram e aí estão elas no interior de nós, a minha mãe por exemplo

(não vale a pena ir mais longe)

com quem nunca me dei, mesmo antes do falecimento do meu pai não me entendia com ela, o meu irmão que sempre desejou a família unida

(essas manias da província)

chamou-me da Beira Alta quando a senhora mais uma semana ou duas de vida e eu ao telefone

-Não

eu ao telefone

- Nem falar

e no entanto, sabe-se como é, Gouveia à minha frente na encosta

da serra e uma coisinha a moer-me feita de cheiros, invernos, zangas,

recordações, não saudades, quais saudades, não vontade de visitá-la,

Para quê visitá-la, eram mais as giestas, a casa, empregados que continuavam

566

- Menino

(estaria viva a Cândida?)

a querer beijar-me a mão, tão contente

- Menino

se me aborreciam escondia-me no avental dela para que não se apercebessem dos meus insultos, das lágrimas, era mais a sala aos domingos, o sabor da água na bilha com um prato, também de barro, ao contrário por cima, as colchas penduradas da janela durante a procissão, uma vontade de morrer, uma vontade de estar vivo, o tio Arquimedes que o coronel matou com um sacho por causa da sobrinha e, se falávamos nisso, ao dar com o coronel escarranchado na mula, de colarinho preso num alfinete de prata, o meu pai desviava a conversa, a infelicidade sem fim da chuva no inverno, comigo a sentir-me como o tuberculoso de Vinho

- Ai este frio senhores

os pirilampos enredados na cortina, no sítio do caminho antigo uma estrada agora, a Cândida defunta

(procurei o avental dela na arca, ia jurar que com os meus insultos e as minhas lágrimas ainda)

o coronel e a mula, que cuidava parte um do outro, em buracos separados na terra, a sobrinha hoje corcunda, de bengala, a entrar na igreja, atravessei-me à sua frente e os dentes escuros

(não muitos, um de vez em quando)

a meditarem

- O Arquimedes quem era?

a concluírem, não havendo encontrado

- Es parecido com ele

e não sou, o tio Arquimedes loiro, trágico, vigiando a limpeza do brasão na fachada, majestoso de anéis, apenas folhas no lago em que dantes peixes, um bairro igual aos de Lisboa, o Correio, sem a dona Cecília, transformado em café

alucrar

567

estar com os camponeses à minha espera nas escadas, imaginadas por mim com mais degraus, mais largas, e afinal estreitas, fáceis de galgar

- A mãezinha lá em cima

a mãezinha lá em cima perto da janela onde o pessegueiro continuava a florir mas cansado, por hábito, o lavatório com o seu balde, a saboneteira que era uma concha de zinco, a mãezinha de manta até ao pescoço no sofá vermelho em frente ao qual estaquei de súbito, uma manhã, ao dar com o meu pai e a afilhada do padre de queixo na direcção do tecto, eu a persignar-me, assustado

- Vai cantar em latim

instalava-se ao órgão mal começava a missa, a voz guiava as vozes das mulheres pelos caminhos terríveis, sempre à beira do Inferno

(uma desobediência e pronto)

de Deus

(o sacristão espanejava em agosto, de porta aberta, o sofrimento dos santos, a chaga de São Roque, São Sebastião a menear-se, a palma da mãezinha, feroz, empurrando-me o ombro

- Sacrificaram-se por ti ajoelha)

por um instante o meu pai e a afilhada do padre antes da minha mãe outra vez, o meu irmão a inclinar-se para lhe gritar ao ouvido

- O seu filho

a manta ondulou quase nada, apetecia-me pedir

- Não deixem secar o pessegueiro

o pessegueiro, os castanheiros, a capoeira que aumentaram até ao armazém das batatas, perus com um cordel na perna a engordarem cá fora, a manta imobilizou-se

(teria ondulado a sério?)

a mãezinha não sei o quê da manta, o meu irmão inclinando-se-"lhe na direcção dos lábios (faltava-lhe cabelo, perdera carne, energia, não era o meu irmão, era um velho, como é possível isto, não te conheço velho)

568

um dos quadros representando uma senhora com Um sinal na sobrancelha a indignar-se

- Chegas aqui e nem cumprimentas as pessoas?

ao tentar responder-lhe voltou-se na direcção das faianças na vitrine, amuada, tinha-me esquecido de tanta coisa que jurara não esquecer, a colecção de solitários com as túlipas de bronze, o pisa-papéis com um lírio, o velório do tio Arquimedes na casa de jantar e crepes nos armários, a Cândida dava-me o almoço

- Só mais duas

só mais duas durante uma infinidade de colheres (porque não há-de continuar a existir um avental que me esconda?)

os bois atrelados aos carros na vindima, a mãezinha um espasmo na manta, uma pausa, o meu irmão a argumentar

- Veio de Lisboa por si

amarrecando-se à escuta, de cabeça quase pegada aos lábios

(continuará a dormir com a viúva do notário mesmo enrugado, velho?)

ao endireitar-se os ossos desencaixaram-se, permaneceram a flutuar, uniram-se, o meu irmão não este, este um senhor descuidado que se barbeou mal, nenhum maço de cigarros roubado ao meu pai na algibeira, o pozinho

(comprava-se na drogaria)

que se espalhava na sopa e excitava as mulheres, embora me explicasse

- Faz-se assim

nunca acreditei nele

(- Não acredito é uma leria)

experimentei a medo na língua e um gosto de giz, o meu irmão

- Não sentes?

sentia as gengivas brancas, a garganta entupida, soltei-o conforme melros se libertam dos abetos

569

e o meu irmão escondeu o pó na algibeira, cheio de ofensas, mais alto que eu, mais forte, abria a porta do celeiro com um empurrão sem necessitar da chave, dúzias de leques de morcegos num frenesim de varetas, um dos anéis do tio Arquimedes no indicador dele, o pessegueiro segredava uma aflição indistinta

- Por onde andaste rapaz?

eu a acompanhar o meu irmão todo sinalefas, mistérios

- Depois conto serena

estes cheiros da serra, pinheiros sobretudo, raízes que uma trovoada queimou

(ou o granizo?)

despontando aqui e acolá sem encontrarem descanso, gabardinas que perderam o dono com uma penugem de bolor no bengaleiro da entrada, nem um objecto que me pertencesse no meu quarto, apenas a humidade, um pedaço de embrulho a vaguear no chão e no pedaço de

embrulho, de tábua em tábua, eu, a Cândida atraíçoou-me ao falecer, respirava nela carvão, massa tenra, fritos, relentos que continuam a misturar-se no meu sono e me dão paz, nunca pensei que a lembrança do refogado de cebola me ajudasse, há-de haver uma fotografia dela connosco, eu ao seu colo, o meu irmão ao lado

(detestava vestir-se igual a mim)

e em qual gaveta senhores, namorou o carteiro que nos passava bêbedo na rua e uma tarde vomitou sangue, informaram-nos que preto, do sangue ao frigorífico no hospital de Viseu foi um mês, os ossos do meu irmão ao unirem-se

- A mãe não te quer cá

a mãezinha não me quer cá e não posso deixar de cumprimentá-la, agradecido, pela sua constância no rancor, o pessegueiro calado, uma parte de mim a murchar, uma parte do meu irmão a murchar também, a decidir-se

(o olhar do meu pai na cara dele, a sua tendência para a piedade, coitado)

570

e no entanto tenho a certeza que dava, a manta a sacudir-se, a orelha do meu irmão na direcção dos lábios

- Ainda aí está o outro?

de modo que o automóvel cada vez mais rápido, mudanças de velocidade despeitadas

(Carregai do Sal, Coimbra)

no regresso a Lisboa, as feições sem luz do meu irmão

(- Perdeste a luz há muito tempo mano?)

- A doença percebes?

a sua roupa de camponês

(- És teu rendeiro tu?)

o colete do avesso, vestígios de óleo do tractor na camisa, não lhe apertei a mão, não o abracei, os pintarroxos no pomar os mesmos, anda-se um mês e geada, os pintarroxos mortos, não nos davam trabalho porque a água os levava para os regos e os insectos e as cobras comiam-nos, o olhar do meu pai na cara dele acompanhou-me ao automóvel

(a tal tendência para a piedade, coitado)

o meu cotovelo comprimido de repente e largado em seguida dado que emoções, pudores, que gaita sermos assim maninho

- Não te ofendas com ela

no retrovisor o meu pai e o meu irmão quietos, isto é o meu pai defunto há séculos, o meu irmão quieto, a bater com a chibatinha na anca, acabei por chamar pais

(não minto, chamar pais)

aos meus tios em Lisboa, não tenho irmão algum, não te conheço entendes, julgo que ficou no portão a envelhecer, a dobrar-se, o meu pai sem tirar nem pôr quando saí de Gouveia, com a bandeirita de um sorriso a abanar sem descanso, ainda que me escrevesse mudei de apartamento e perderam-me, felizmente que me perderam, perdi Gouveia, o meu pai defunto

no meu irmão, tão inquieto comigo, e digo felizmente porque, por exemplo, a Cândida,

571

e a troça das pessoas, o ridículo ;.- É tua amiga esta saloia?

relentos de carvão, massa tenra, fritos, eu logo, é que nem gemias

-Não

Gouveia, sei lá onde é Gouveia, em Trás-os-Montes, no Minho

(na Beira Alta não)

há uma fotografia nossa mas em que gaveta de qual armário bolas, a gente a supor que as coisas terminam e aí estão elas vivas, os meus pais vivos mesmo que duas pedras com datas e letras

(nunca estarei junto delas)

no cemitério da encosta, para lá do cemitério as árvores de janeiro aumentando as cruzes e aprofundando o vento, pergunto-me se o meu irmão com eles

(uma pedra mais pequena, menos letras, uma diferença menor entre as datas)

a desculpá-los

- A doença percebes?

e quem hoje em dia nos compartimentos da casa, tinha medo do chalé de um parente a curvar-se entre as ervas, mudava de passeio, persignava-me, não sobravam vidros nos caixilhos, cuidava que as almas do Purgatório no salão de baile a mendigarem auxílio, espreitei da varanda e silêncio, cadeiras tombadas em silêncio, um berço em silêncio, um gramofone em que um disco girava em silêncio, dava ideia que passos sem matéria soalho fora, brandos, talvez uma criança que para ali ficou ao desertarem, escutámo-la nessa noite no corredor da casa, o meu irmão e eu num só colchão a rezarmos, se falasse nisto a irmã da minha mulher faria troça de mim

(não falo)

eu no sofá da sua casa

- Cunhadinha

fingindo conversar com ela quando conversava com uma rapariga

572

(demorava-se a perceber que o papagaio falso)

por mal dos meus pecados não a tornei a ver, morreu em meia dúzia de dias de uma infecção nas meninges, pouco antes de me ir embora de Gouveia escutei os responsos e desde então arrepio-me só de pensar em Deus, a irmã da minha mulher

- Estás doente?

dado que eu amparado à escrivanhinha receoso de um desmaio, apenas vértebras e unhas,

dezenas de unhas que me rasgavam, doíam, a lembrar-me

(a Cândida saberia)

da máscara de pirata no clube desportivo enquanto eu bebia cerveja do gargalo, infelicíssimo, acho que foi nessa altura que decidi vingar-me da minha mãe, da Cândida, das filhas do caseiro que se embasbacavam com o meu irmão, não comigo, se eu

- Bom dia

elas a correrem na direcção do poço onde urtigas, vespas, cachorros vadios que me assustavam alçando a cauda, de maxilas enormes

- Não me façam mal senhores cães

o trote parecido com o dos lobos, travadinho, sem ossos, a partir do crepúsculo uivos na mata ecoando serra acima de penedo em penedo, quase todas as semanas a rede da capoeira quebrada e uma pedrês, um coelho, deixavam-lhes a cabeça no quintal, as tripas, o meu pai para o feitor

- Estes cães

no dia seguinte, por trás da casa, tiros, um rafeiro a ganir arbustos fora, as cartilagens da perna esbranquiçadas, em pingos, vinham curar as chagas no moinho de água da horta, dávamos com um cacho de animais a beberem, fêmeas grávidas, crias, juntamente com um guarda de rebanho nosso que o meu pai mal o bicho lhe rosnou derivado à vergasta

- Este é mau. submissos, o céu dos cães recompensa-os,

573

um cravo de ferradura em cada pata, a garganta quebrada e desapareciam oblíquos, murmurando vinganças, o meu irmão baixinho (o olhar do meu pai na sua tendência para a piedade, coitado)

- A mãe não te quer cá

a irmã da minha mulher, de joelhos na boca, tão diferente da Cândida

- Não és capaz some-te

se pudesse escolher mascarava-se de pirata igualmente sem se ralar comigo, eras mais corajoso que eu, mano, não consentias que me acontecesse mal, protegias-me, ir a Gouveia porque tenho medo que adoeças, morras, dar contigo no sofá vermelho em que a afilhada do padre

dúzias de braços, de dedos, uma coxa tão redonda que nunca mais a esqueci, o meu pai de joelhos

- Dá-me

não, tu sozinho com a manta a escorregar-te do peito, magríssimo, a procurares sorrir apontando-me a chibatinha que não acertava comigo

- Vieste ver-me miúdo?

o pai por uma pena, chapado

- Vieste ver-me miúdo?

o inverno aos soluços na serra, não o pessegueiro, não eu, ainda terás aquele pó das mulheres

que se mistura na sopa, as batatas enrugando-se no armazém, a vindima adiada, a minha orelha na direcção dos teus lábios e os lábios procurando-me cegos

- Ainda aí estás miúdo?

a casa igual ao chalé do parente que se curvava entre as ervas, não te preocupes, sossega, ainda aqui estou em Lisboa, não merece a pena perguntares por mim, enviares-me um recado, a secretária do emprego

- O seu irmão na linha dois atende?

e com a infância, que me sufocava de repente de pêssegos verdes.

574

Maricas

de modo que mal engoli eu faquir a tossir labaredas

(- Ajudem-me)

na primeira hora da manhã, isto é noite ainda, as lâmpadas acesas a aleijarem-me, precisava do avental da Cândida, dormi no quarto dela quando a minha avó faleceu e esqueci o enterro e os polegares entrelaçados no rosário que a minha mãe

- Não me apetece mãezinha

me obrigou a beijar, na primeira hora da manhã, desesperado de saudades de Gouveia, o meu corpo um montinho de cinzas que um dedo imenso remexia, empurrando-o no sentido do vómito Os reis da primeira dinastia depressa tu aí o pasmado >

não esquecer as orações na capela, o director Não vos oiço

e eu a pensar no Inferno onde nenhum avental me salvava, recreios fúnebres a tiritar à chuva, se me encostava a um plátano o vigilante sacudia-me logo

- Onde é que tens a mãozinha?

comigo a mostrar-lhe a inocência das palmas, a irmã da minha mulher a trocar-me Pensas que com a mãozinha consegues?

se o meu irmão Vieste ver-me miúdo?

a encostar-me a chibatinha à barriga e a lograr um sorriso

(que patetice chamar àquilo um sorriso, que injusto)

que para ser sincero não conseguia o pobre, pedia-lhe de imediato

- Não desapareças mano

a chibatinha descia devagar, a minha orelha contra os lábios abertos e não dos lábios, mais fundo, à medida que o pessegueiro (sempre simpatizei com ele) restolhava o meu nome

o meu faremos nós iá quem SOU?

575 Bem gostava de agradar-te não posso

no caso da secretária do emprego Tem o seu irmão na linha dois atende?

digo que não quero o inverno aos soluços na serra nem o colégio dos frades, os reis da

primeira dinastia um após o outro sob lâmpadas frouxas que avolumavam sombras, a minha mãe desgostosa a mostrar-me à família

- O que vai ser deste atrasado expliquem-me?

a irmã da minha mulher aproximou-se do plátano a examinar-me melhor e lá em baixo, não em mim, no canteiro do Estoril, as petúnias e as palmeiras do Casino concordando com ela, a minha mãe intrigada

- O que se passa contigo?

passa-se que um cachorro crucificado na extrema da quinta, martela-me um cravo em cada pata, mata-me

- É evidente que não consegues desiste

pêssegos verdes, lagartixas, assombros, o meu pai sempre com o mesmo livro na sala, interrompia-se a olhar-me

- Miúdo

aprovaria a minha mãeO que vai ser deste atrasado expliquem-me?

regressava ao livro ou demorava-se a pensarNão sei

portanto se o meu irmão na linha dois digam-lhe que me transferi para a sucursal no estrangeiro, deixei de trabalhar, não estou, mudei de nome e não respondo a ninguém excepto aos reis da primeira dinastia, de sapatos bicudos nas criptas dos mosteiros, D. Afonso III, D. Dinis, D. Pedro, e com muita Ave Maria e muito pelouro nos fomos a eles e em menos de um Credo os matámos a todos, a irmã da minha mulher a agarrar-me no pulso

- Estás a ser patético desiste

O

576

as coisas não acabam quando a gente pensa, que ideia, supomos que terminaram e aí estão elas dentro de nós a atormentar-nos, a minha mulher receosaAndas zangado connosco?

desajeitada, gorda, a diminuir no seu cantoNão te agrado pois não?

com o nosso filho aos domingos mais as suas peças de armar no Jardim Constantino, dei-lhe o nome do meu irmão na esperança de o ouvir, apertando-me o ombro

- Miúdo

mas o meu filho de gatas no tapete distante de mim, se alguma vez me procurar na linha dois não me interessa, quando naquela tarde o meu sogro na hospedaria estava justamente a recordar a Cândida e para além das galinhas à solta via brilhar os legumes

- Da parte do seu sogro na linha um dizem que é urgente responde?

como diabo a vizinha de toldo, que chegava com uma cadeirita de lona desbotada dos anos e não parecia dar por nós, toda no crochet a pateta, encontrou o meu nome, ondas amarelas, brancas, vermelhas na praia em Tavira, a democracia dá nisto, cada analfabeto um voto e o povo a permitir-se sem respeito incomodar as pessoas, a Cândida ao menos a consideração, a distância, levantava-se, ficava à espera

- Menino

não se atrevia a maçar-me, hoje em dia interrompem-nos, gastam das nossas lojas, tratam-nos por você na firma, a secretária cuja mãe foi costureira ou sei lá

- Da parte do seu sogro na linha um responde?

se isto em Gouveia, quando a minha mãe mandava e eu a chibatinha do meu irmão dizia-lhes, tudo a toque de caixa à minha frente mas onde é que isso vai, acabaram-se os bons tempos, somos criados deles, ainda bem que morreu mãe, esperteza sua aliás, arranjou maneira de não suportar isto, espero que no cemitério os defuntos lhe obedessam.

(mesmo as árvores negras, mesmo os cachorros vadios) a tratem por senhora, lhe beijem a mão (o que faz uma árvéola aqui?)

a vizinha de toldo em que se demoravam uns, por assim dizer, vestígios de hierarquia

- O seu sogro doutor

eu, a seguir a uma pausa, a compreender de repente, primeiro incrédulo e depois divertido, eu a sorrir ao telefone

- Adivinha o que aconteceu ao teu pai

e a minha mulher

-Não

a sabidona da irmã da minha mulher, como se não lhe dissesse respeito, num tonzinho distraídoAi sim?

conforme euAi sim?

quando a minha mãe, o meu pai, não é verdade que eu

- Ai sim?

quando o meu pai dado que o olhar dele

- Miúdo

e no interior de mim essa humidade (não mais que humidade)

das paredes no outono, os charcos de uma chuva distante em que a gente se interroga, esquecidosDe qual outono esta chuva?

a irmã da minha mulherAi sim?

comigo a meditar se lhe contava da vizinha de toldo, da hospedaria da Graça, curioso de saber se o

- Ai sim?

outra vez, vingar-me do

- Estás a ser patético desiste

alargando-me no sofá com a mão no seu joelho, o ombro contra o seu ombro, a minha perna na sua, eu neutro, casual

578

- Adivinha o que aconteceu ao teu pai

e sentir o corpo dela

(- Vais pagar vais pagar)

a endurecer à espera e então toma lá a vizinha de toldo, a hospedaria da Graça, nem sequer uma hospedaria

(engole esta)

um barraco ao abandono com uma tangerineira no quintal, umas estampas sujas, a proprietária de tubo na garganta, tão doente quanto o barraco, a cuspir-me vogais

- Por aqui

rapazes de cabeleira postiça, lixos que se amontoavam num bolor de trapos, raparigas de sobancelhas depiladas

(as testas delas tão nuas)

nos seus roupõezitos no fio, clientes de suspensórios que o meu fato apavorava

- É da polícia amigo?

eu que devia responder-lhes a afastar-me dos cubículos como o vigilante do plátano, de batina a arrastar nos calhaus

- Não admitimos porcarias aqui

e na miséria da hospedaria metade do teu pai no colchão, a outra metade no soalho, uma trepadeira na janela a respirar aos impulsos, em Gouveia a casa cobria-se de hera no verão ao passo que no inverno arames que a geada dissolvia, o meu pai mandou abater o castanheiro da época do pai dele

(o que faz uma arvéloa aqui?)

que agonizava há anos, recusou-se a utilizar a madeira no fogão

- O castanheiro não merece

exigiu que o enterrassem a seguir à vinha

(- Como uma coisa viva pai?)

o meu pai um gesto ao olhá-lo, deu-me ideia que as pálpebras mais grossas, uma corda de baloiço num ramo não de um irmão, não nossa, mais recuada no tempo

579

o padraсто do feitor, que o acompanhava à caça, a reter-se de falar com ele

- Sepultar uma árvore acha normal patrão?

pareceu-me que comovido igualmente ao tomar a enxada do enteado, invejei-o porque entre ele e o meu pai o que nunca tive, entendiam-se, o padraсто do feitor umas alturasPatrão

outras alturasMenino

uma manhã, era eu pequeno, por tu, a apreciar-lhe o tamanho

- Ficaste homem num segundo cachopo

comiam juntos na caça como se fossem amigos, concediam-se opiniões, pareceres

- Faça isto faça aquilo

e detestei aquele velho, afogou-se no poço

- Já não sirvo para nada

e o meu pai atrás da urna sozinho, precedendo a família, trancou-se no quarto dele de solteiro, não desceu para jantar, não respondeu a ninguém, a minha mãe pela primeira vez a respeitá-lo

- Deixem-no

a recomendar que nós calados, sem fazer barulho na sala, nessa noite escutámo-lo lá fora a passear na horta, demorou-se no lugar do castanheiro a rosar, no dia seguinte meteu-se às perdizes com duas caçadeiras, a sua e a que o feitor lhe emprestou embora nenhum parceiro o acompanhasse, sem cessar de dormir dei pelo meu pai a descer as escadas, metade do meu sogro no colchão, a outra metade no soalho, a vizinha de toldo sem pálpebras mais grossas, sem espingardas, sem um castanheiro de que se lamentar, por um triz eu não

- Cândida

por um triz que se achasse um avental

- Tome

580

direcção da rua, as cabeleiras postiças a adejarem num bater de mangas de susto, ganindo mato fora, coxeando

(em que moinho de água curarão as chagas, têm fome de uma pedrês, um coelho?)

a vizinha de toldo

(a Cândida senhores)

a vizinha de toldo

- O doutor leva-o daqui e a esposa não vai saber não é?

se tivesse um quarto de solteira trancava-se sozinha, não descia para jantar, não respondia a ninguém, a irmã da minha mulher de joelhos na boca

- Ai sim?

o queixo dela a engelhar-se, repete que não sou capaz anda, repete, desafia-me, agarra-me no pulso, vá

(- Estás a ser patético desiste)

faz pouco de mim

(- Claro que não consegues)

e desprezo, chacota, adianta que não sou homem, tu sempre tão segura, tão espertinha, o teu pai não no Beato nem no Jardim Constantino, a mirar o tecto na hospedaria da Graça, as brancas não ganharam desta vez que maçada, o jornal intacto na cadeira, a minha mulher

- Não pode ser

esmagando sem se dar conta as peças de armar do meu filho, abrindo e fechando ao acaso as gavetas do ar e nas gavetas Tavira, ela a escapar-se do pai com a máquina fotográfica

- E minha

correndo até à ponte, de chapéu de palha com cerejas de feltro que patetice, correndo até à

ponte sem chapéu nenhum, a máquina caiu na água, avariou-se e a minha mulher incapaz de chorar, isto é desejava chorar, preparou as feições para chorar e incapaz de chorar,

581

da mesma forma que se me informassem (não informam, quem poderia informar-me?)

- O teu irmão faleceu

não sou capaz de chorar, fico pairando sobre as lágrimas vendo-as acolá no meu corpo, prontinhas a sair, transparentes, esféricas, pedindo-me

-Vem

e eu incapaz de apanhá-las, apanho pálpebras secas, a expressão que não muda salvo os dentes que se alargam e crescem, me mastigam, me engolem Proíbo-os de engolirem as minhas lágrimas ouvem?

apanho os lábios na minha orelha Vieste ver-me miúdo?

o meu pai a sepultar o castanheiro numa pressa de fúria, uma das gavetas do ar tombou no chão e na gaveta as minhas cartas de namoro tão estúpidas, promessas, pedidos, um retrato da tropa com uma dedicatória

(imbecil)

que me indigna lembrar-me, exageros

(só exageros)

nunca gostei de ti, tinha medo, desejava que a Cândida

- Menino

contigo não exagerei Cândida, por muito que me esforce as lágrimas que te pertenciam não consigo apanhá-las, longíssimas, conforme as lágrimas da vizinha de toldo longíssimas dela, nem sequer me solicitava, ordenava, uma camponesa, uma criada a ordenar-me a mim

(você tinha razão mãe, educam-se a chicote)

- O doutor leva-o daqui e a esposa não vai saber conta-lhe que

desmaiou com os colegas o coração as artérias

(educavam-se a chicote até os tropas inventarem um golpe de Estado para estragar o país de forma que em lugar de criaturas como deve ser.

582

gentinha mal educada, bruta, que sorte o teu pai não assistir a isto, a minha mãe a enfeitar-lhe a campa com vasilhinhos, jacintos

- Foi-se embora o egoísta e eu que os ature senhores)

a esposa que não soube, o hospital, a morgue, o médico a aceitar, rubricando papéis

- Não se inquiete que estoitou aqui dá-se um jeito

no hospital uma criança num banco, essa sim com lágrimas autênticas, cuidava que duas pálpebras para uma única lágrima e estava errado, se lhas pudesse roubar dava-as ao meu irmão de presente

- Ora aí tens o meu desgosto maninho

na janela da morgue florões de estuque, açafates, pombos espreitando-nos do seu sono pelos reposteiros sujos das penas, as copas sem se destrinçarem dos prédios de modo que não se percebia a quem pertenciam as folhas, em Gouveia, ao escutá-las, a certeza que o meu pai a chamar-nos, cada galho a sua voz, os seus tiques

(aquele movimento de ombros antes de falar)

uma espécie de sorriso que não chegava a sorriso e no entanto ali

- A sério que tens tido juízo miúdo?

tenho tido juízo pai, porto-me como deve ser não se alarme, o meu sogro numa mesa de pedra, a gente à espera à entrada conforme se esperavam as rolas, desde as quatro da manhã, nos buxos, até que passada meia hora os nossos corpos buxos também, a incapacidade de deslocar um centímetro as raízes dos pés quando as primeiras gargantas, os primeiros voos, a minha mulher

- Não pode ser

a cara que suplicava

- Mente-me

continua a suplicar

- Sempre me mentiste não foi continua a aldrabar-me é tudo o

que te peço mente-me

imaginas que te mentia e não mentia, para quê mentir, o teu pai mentia?

583

a chibatinha quase à altura do meu peito e a descer sem força, o pessegueiro desprovido de frutos, o feitor

- Não quis tê-los

dizem que as árvores sentem como a gente, possuem uma inteligência qualquer, adivinham a morte delas, a nossa, compreendem, a chibatinha a soltar-se da mão e ele sem dar fé, tão cansado

- Vieste ver-me miúdo?

nós nos penedos da serra, na vinha, no milho, quem se preocupa com o pomar, coloca uma porta nova na adega, a criada que mandaste entrar no meu quarto, de pé à minha frente, eu mais nervoso que ela

(ela nervosa?)

treze anos julgo eu, catorze, a criada vinte e seis, vinte e sete, não morena como as outras, ruiva, magrinha

- Foi o seu irmão que me disse menino

uma ligadura no polegar com uma mancha cor-de-rosa de sangue

(uma tesoura ou isso)

lembro-me melhor da mancha e da ligadura que das feições desculpa, a minha mãe no rés-do-

chão, a carroça a guinar junto à cozinha

(faltavam eixos nas rodas)

como é que faço com ela, converso, desabotoo-lhe a farda, no caso de a abraçar abraço-a como, converso de quê, tenho medo, se a desabotoar, que se encabrite

- O que é isso?

e se exalte comigo, o meu irmão no estábulo em lugar de ajudar-me, a irmã da minha mulher

- Tão palerma desiste

não tinha nada para oferecer-lhe a não ser um selo da Inglaterra ou um selo do Congo, o das girafas e dos imbondeiros mais bonito que a rainha, tirei o selo do álbum

- Não gostas?

a criada de selo na palma sem se atrever a recusar, eu na esperança

584

família, sentados à mesa, de que assuntos se conversa com uma parola que serve os pratos miúdo, molhas o mindinho na língua, entregas-lhe o pó de excitar as mulheres

- Prova este dedo parola

e não te incomodes a ajudar com a mão, o meu irmão agarrando-me o braço com força a examinar o álbum onde faltava a girafa

- Aquele selo do Congo?

o que ele me tinha emprestado, não dado, o meu braço que estalava, eu a verificá-lo ao largar-me

- Aquele selo do Congo?

por que motivo não ficaste doente nessa altura, a chibatinha a soltar-se, o que julgavas um sorriso e não mais que uma careta

- Vieste ver-me miúdo?

dei por ele a discutir com a criada ruiva, isto é a discutir sozinho, a criada ruiva muda, a ligadura cor-de-rosa que não hei-de esquecer, a minha mãe

(mãezinha)

despediu-a

- Roubaste o selo ao meu filho

assisti do portão a ela a subir para a camioneta com a mala, o motorista ajudou, os castanheiros que o meu pai não sepultara desagradados comigo, se a encontrasse agora oferecia-lhe, sei lá, uma tesoura que não lhe fizesse mal Desculpa

não Desculpa

o

desculpa

para as pessoas da família, não se diz

- Desculpa

a uma parolá que serve os pratos à gente, entregava-lhe a tesoura

Guarda isso

„,“,

585

- O que pretendem vocês não me macem

(de forma que o meu pai que sem razão alguma concordava com eles a erguer a caçadeira e a matar-me)

eu para a minha mulher imaginas que te mentia e não mentia, para quê mentir, o teu pai numa mesa de pedra, não no Jardim Constantino, não com os colegas do emprego, o teu pai

(o meu pai sempre do lado dos camponeses não se percebe porquê, gentinha que nunca viu o mar, quase uns bichos, gosta mais dos bichos que de mim

Faltaste-lhe ao respeito miúdo obrigaste a tua mãe a expulsá-la

quis trazer a criada de volta e a minha mãe não deixou, uma vigarista, uma ladra, durante uma semana o velho como se eu não existisse, da única vez que existi foi para me cuspir no corredor

- eis um pulha)

o teu pai com a amante na hospedaria da Graça

(tinha razão pai sou um pulha)

não bem uma hospedaria, uma dessas coisas à hora, recordas-te por acaso da vizinha de toldo

(sou um pulha)

a cadeirita de lona, o crochet, o vendedor de bolos que a troçava fingindo pisá-la ou derramar-lhe o cesto a piscar-nos o olho, recordas-te da infeliz na esplanada a seguir ao jantar, o mesmo vestido, a mesma timidez, um refresco, uma água, uma coisa barata, um golinho ou a fazer de conta que um golinho para poupar na bebida enquanto ondas amarelas, brancas, vermelhas

enquanto ondas não amarelas nem brancas nem vermelhas que ideia, isto à noite caraças, as ondas cor de tinta na praia, uns pontinhos de luz, ao afastar-me do teu corpo tuNão te apeteço confessa

eu um mentiroso, um pulhaNão é isso é um dente uma espécie de peso lá atrás. não acendas a luz.

586

sabes, garanto-te que uma espécie de peso lá atrás, o teu pai com a vizinha de toldo às quartas-feiras na tal hospedaria da Graça, não um hotelzito, uma coisa a desfazer-se, um barraco, não imaginavas pois não, não acreditavas pois não, o teu pai (o meu pai a cuspir-me

no corredor

- És um pulha

e os castanheiros de acordo com ele, o pessegueiro, que eu supunha do meu lado, também, o meu irmão no estábulo e o meu pai

- Dois pulhas

a matá-lo igualmente, somos dois pulhas maninho

- Vocês não valem um chavo

não valem um chavo, a chibatinha que se desprende da mão um castigo de Deus)

o teu pai com a vizinha de toldo em Sintra no florir das acácias, nem para ele prestas sabias, tu desajeitada, tu gorda, alguma vez ele contigo no florir das acácias, se caíesses na asneira de

- Não se interessa por mim pai?

(o pessegueiro que eu supunha do meu lado desiludido comigo) ele a afastar-se de ti na direcção do problema das damas porque um dente lá atrás enquanto com a vizinha de toldo nenhum dente, o teu pai são, as acácias de Sintra perto de Seteais em abril, a irmã da minha mulher, de joelhos na boca, indefesa no sofá, a mobília incapaz de consolá-la, os reposteiros inúteis, mostrar-lhe que as coisas não acabam quando a gente pensa que ideia, supomos que terminaram e aí estão elas vivas, a irmã da minha mulher

- Não consegues calar-te?

e dou razão ao meu pai, a sério que lhe dou razão, não valho um chavo, sou pulha

(A mãe não te quer cá)

não consigo calar-me, Gouveia à minha frente, as casitas que começava a ver ao longe na encosta da serra, a névoa da manhã em Agosto.

587

angústia, falta de cheiros, invernos, zangas, recordações, a Cândida que perdoava tudo e me deixava fumar, não se queixava aos meus pais a cretina, a culpa de ser pulha é tua Cândida e a Cândida quase a beijar-me a mão

- Menino

devias golpear-me com um sacho como o coronel fez ao tio Arquimedes porque não consigo calar-me, o caixão na sala de jantar, o coronel compareceu no velório, de colarinho preso com um alfinete de prata, persignou-se junto das flores, dobrou-se para a minha mãe, as minhas tias

- A vontade do Altíssimo sempre acima das nossas com o auxílio

da Fé entenderemos os Seus desígnios um dia

o meu pai a chamar-nos

- Cumprimentem o senhor coronel rapazinhos

(não pulhas, que engraçado)

o coronel dedos vagarosos, breves, as rédeas da mula atadas na cancela, não consigo calar-

me, a sobrinha hoje corcunda, de bengala, a entrar na igreja, num internato em Viseu, um queixal escuro meditando

- O Arquimedes quem era?

não sei quem era, um senhor loiro, majestoso, a vigiar a limpeza do brasão na fachada, volta e meia um rebuçado saía-lhe do bolso

- Aproveitem

eis o que lembro dele mais a voz condescendente a pingar sobre mim

- Aproveitem

o ruído das botas do coronel ao ir-se embora da sala, o meu pai a acompanhá-lo

- Por aqui por aqui

as pétalas do pessegueiro que o vento dispersava, a ameixoeira mais tarde
(ou mais cedo.

588

Um dia palavra de honra quebro as patas à mula

pó e folhas no lago em que antigamente peixes, cada vez menos dinheiro derivado as partilhas e ao meu pai no Casino, explicava à minha mãe, com o empregado a levar-lhe a mala à estação, que negócios, terrenos

- Tenho de convencer o banco em Lisboa

(em que altura me segredaram que o coronel ia comprando as fazendas, os prédios, a hipoteca da casa não consigo calar-me

em que altura o coronel dono dele, nosso dono?) regressava de Lisboa sem sobretudo, sem mala

- Perdi-os

(afinal não apenas eu que minto, que aldrabo senhor, provavelmente herdei de si, provavelmente o seu sangue)

pegava na caçadeira, sumia-se na mata às rolas fora da época das rolas, os estampidos respondiam-se de pinhal em pinhal, ia jurar que disparava contra ratos, ouriços, contra a sua sombra no chão a acusá-lo Eis um pulha

a decidir, resoluto, num desgosto dele Não mereces viver

(em que altura me informaram que não pertencíamos a nós, pertencíamos a um alfinete de prata a fechar um colarinho, foi por esse motivo não foi pai que você

- Cumprimentem o senhor coronel rapazinhos

você o camponês, o criado, pode matar com o sacho a minha mulher, os meus filhos que eu aceito, que remédio aceitar as pétalas da ameixoeira mais tarde era isto pai, confere não consigo calar-me) a sobrinha do coronel a beliscar-me a bochecha

- Pareces-te com o teu tio

e falso, não pareço. o Correio, sem a dona Cecília, transformado

e afinal estreitinhas, fáceis de galgar, o meu irmão enrolado em promissórias, dívidas
(as pétalas

da ameixoeira rebentavam mais tarde)

a bater a chibatinha na anca

- A mãe deitada lá em cima

a mãe, que já foi rica, lá em cima, você deu cabo dela pai, não lhe compreendi o azedume, acho que a perdoo agora, você no terraço a beber, bebeu as fazendas uma a uma, a colheita do ano que vem, o azeite, o meu irmão a mostrar-me as cartas dos credores

- Olha isto

os registos de propriedade em Mangualde, na Guarda, a quinta de Pinhel que perdemos, o solar de Canas que não nos pertencia, nem uma carroça, uma alfaia, uma cómoda que se mantivessem nossas, as jóias da minha mãe evaporadas no Casino, dispare contra si mesmo, seja um homem senhor, desculpe que lhe diga

(e digo com respeito)

mas você um pulha como nós pai, você um pulha paizinho, por sua causa o meu irmão de Herodes para Pilatos a pedinchar, a jurar

(o que lhe deve ter custado, percebe?)

- Para o ano que vem no máximo satisfaço essa dívida

por sua causa o meu irmão incapaz de segurar a chibatinha

(as pétalas da ameixoeira cessaram de nascer, o sulfato tão caro)

- Vieste ver-me miúdo?

você não bebeu apenas as fazendas, as colheitas, o azeite, bebeu a minha mãe e de caminho, sem mudar de copo

(para quê mudar de copo connosco?)

bebeu-nos igualmente, pensando melhor não era a mim que a minha mãe detestava, era a si através de mim, as sobranceiras uma sobranceira apenas que media, avaliava, condenava

- Tens qualquer coisa do teu pai não sei o quê

mesmo depois do tiro de caçadeira na cevada, apesar de não existirem rolas nem

a gente à sua espera para o almoço e um tiro de caçadeira na cevada, os melros esparvoados, o meu irmão a imobilizar-se no escritório entre duas facturas, os olhos brancos, sem pupilas, e não a voz, um som nele a avisar

- Espera aí

o meu irmão sem olhos correndo quintal fora, a minha mãe a impedir-me de o seguir atravessando o cotovelo na porta

- Não te mexas

bastava-me empurrá-la e não empurrei, permaneci fitando-a apesar de você fraca coitada, sem energia mãezinha, os passos do meu irmão no quintal e eu parado com qualquer coisa do meu pai nas feições, nos tiques, dado que você confundindo-me com ele, a sua desilusão, o seu ódio e talvez nem desilusão nem ódio, serenidade, alívio

- Tinha de ser assim não era?

não leve a mal dizer isto mas se com apenas um tiro nos matássemos a ambos, eu de braços na cevada ao lado do meu pai ou então, de braços na cevada, o meu pai mais um prolongamento dele, eu senhora, tenho a sensação que se alegrava mãezinha

(no Alentejo os corvos

não conheço o Alentejo, sei que calor, miséria, passei a minha infância na serra, não me entendo com corvos)

sem o meu pai e eu você menos amarga, contente

(- A mãe não te quer cá miúdo)

você e o meu irmão em paz em lugar da ansiedade das dívidas, a casa pertencia-lhe, a fracção em Pinhel pertencia-lhe, Mangualde e a Guarda pertenciam-lhe, o pai chegou de Mortágua para a desinquietar confesse, declarou que o pai dele engenheiro e falso, professor primário acho eu, nem um retrato desse avô existia, teve-o de uma modista, não da esposa, o meu pai até à tropa num quartinho com a mãe dele em Lamego, manequins de pano, ferros de engomar, moldes, o meu oai mentiras, aldrabices tal como eu aldrabices, mentiras, imaginas que

591

(não consigo calar-me)

para quê mentir, o teu pai numa mesa de pedra é verdade, o meu pai, sem metade da testa, junto à caçadeira na cevada, o meu irmão de mãos nos bolsos a pasmar para o sangue, não corvos, um gavião algures, uma ave de rapina com um pinto nas unhas, o nariz do coronel igual ao bico delas

- Não me espantes a mula garoto

na tarde em que o meu irmão o esperou com a foice, sob o bico do gavião as pestanas a baterem

- Não me espantes a mula

o alfinete de prata do colarinho com um pingo vermelho, um segundo pingo no peito, a mula de freio pendurado deu com o trajecto do regresso sem necessitar que a levassem, um terceiro pingo na sela, a boca do coronel a explicar à Guarda

- Um cigano a caminho de Espanha desistam

e por conseguinte, na ideia de curar as minhas chagas, o teu pai cunhadinha na hospedaria da Graça com a vizinha de toldo, a amante, não enfies os joelhos na boca, não te escapes de mim, não

- Cala-te

visto que não consigo calar-me, é a tua vez de chorar, a minha mulher

- Não pode ser

e o pai dela resolvendo o problema das damas numa gaveta do ar
(as brancas jogam e ganham)
experimentando soluções afogado no jornal, recomeçando, insistindo, o meu pai
(não pretendas enganar-me)
não com a vizinha de toldo, com os colegas do emprego, todas as quartas-feiras com os
colegas do emprego desde que se reformaram, um golpe de foice até às vértebras do pescoço
senhor coronel, aí tem, a chibatinha, agora sim, a alcançar-me os ombros, a cara, decidida,
firme

592

o meu irmão não deitado no sofá vermelho, no sofá a afilhada do padre a reunir a saia, a
blusa, os sapatos

(as coxas dela tão redondas)

murmurando fosse o que fosse que não logrei ouvir, provavelmente

- Não se trata do que tu pensas pequeno

uma desculpa assim parva, no género de

- E um dente uma espécie de peso lá atrás escusas de espreitar que

não se nota daí

provavelmente nem sequer ele, o pessegueiro

- És um pulha

por sorte minha demasiado distante para o entender em Lisboa sobretudo porque um ventinho
no quarteirão da morgue a dispersar as palavras e é noite, uma varanda com florões de
estruque, açafates, relevos e sob os relevos eu numa mesa de pedra sem que a Cândida me
estendesse o avental para me esconder nele, não permitindo que vocês se apercebessem das
lágrimas.

ULTIMA NARRATIVA

Se calhar Tavira já não existe. Nem Sintra. Há quanto tempo isto foi? Terei inventado tudo?
Sonhado tudo? Demoro na resposta mas penso que não: completam-se três anos para o mês
que vem, no dia onze, que ele morreu. Nunca mais foi à Graça: para quê? E no entanto creio
não ter inventado porque me lembro da hospedaria, da janela diante da qual nos sentávamos,
à espera. Achava eu que à espera embora me perguntasse de quem dado não recebermos
visitas, nenhuma voz no corredor

Dá licença?

apenas passos, conversas que prescindiam da gente, nos ignoravam. Ouviram falar de nós?
Saberiam quem éramos? Duvido mas pode ser que os informassem do casal de idade às
quartas-feiras no primeiro andar, educados, tranquilos, partindo antes da noite, discretos,
se calhar um bocadinho ridículos, pelo lado das árvores, primeiro ele,
depois ela, tomando atenção aos degraus, de parede sempre ao alcance
dos dedos, imobilizando-se a descansar numa esquina fazendo de conta que se interessavam

por uma montra, um gato, o eléctrico iluminado, quase vazio, a descer para a Raiva Ainda.

594

obesservando por nós a trepadeira no caixilho: continuará ali, movendo-se devagarinho a assinalar o vento? Julgo que sim: certas coisas, nunca as que supomos mais interessantes, nunca aquelas que nos comoveram, permanecem intactas: a bailarina a girar numa mesa de pé-de-galo por exemplo, um empregado de que não recordo as feições a cavar na quinta, esqueci o nome dele e em contrapartida não me esqueci da enxada nem do rego onde semearam batatas, por via do rego chego a sentir uma crispaçãozita na terra que há em mim e aliás aumenta, crispação é exagero, direi melhor um regozijo brando, uma alegria pálida, eu quase só terra hoje em dia, umas ervas dispersas, umas pedras e no entanto, para surpresa minha, meia dúzia de músculos que teimam, o espasmo da pele a arrebatar-se ao sol, o olho esquerdo, praticamente intacto, vigiando, passeio de vez em quando no Beato presumo que nem sequer por saudade e acabou-se, a loja do fotógrafo acabou-se, o pontão nem um rolo de cordas para amostra quanto mais um sujeito a fumar, mantêm-se restos das hortas de província, uns pés de açafraão, uma oliveira, quando eu doente em Coimbra dava atenção aos pinheiros, não aos troncos em si, às respirações, aos apelos, ao sofrimento das cómodas futuras a protestar na madeira, passeio no Beato sem lhe sentir a falta, não dei por gaivotas em Coimbra e quase não dou aqui, em Coimbra pardais, tordos, aqui não o cheiro da água mas dos caniços, coisas insignificantes, palhinhas, uma bota muito direita e quase nova anteontem, lixos que tocam na muralha, recuam ou nem chegam a tocar, detêm-se exactamente antes de tocar, oscilam, vão-se embora, encontro-os dez metros abaixo, na direcção da foz, a oscilarem sempre, passou-me pela cabeça pegar numa vara e arpoar a bota, coscuvilhei em torno em busca de um anzol, um pau, medi os riscos de uma queda ou isso, apenas um casal com uma criança que nem dariam por mim, a criança num triciclo e o casal atrás, provavelmente não os pais ou só o pai ou só a mãe visto que se beijavam, pondo este trecho como deve ser a criança antes, saindo do triciclo para apanhar fosse o que fosse e levá-lo à boca ou sujar-se num charco e a mãe ou o pai,

595

a seguir, não excluo a possibilidade de a criança me apontar com o dedo, se debruçar inclusive para assistir ao afogamento que calculo não muito longo derivado às minhas limitações motoras, isto é um remexer breve, uma palavra confusa se tanto, não de pedido de auxílio nem de medo, uma palavra somente, não concebo bem qual, a única que criei ou a minha extinção me ofereceu

(- Aí tens uma palavra só tua que ninguém escutará)

a hipótese para que não me inclino, devido à espessura do lodo, de uns círculos enfim, a criança logo distraída por um novo charco ou uma nova descoberta no chão, um carço, um prego, pareceu-me entender que a mãe

(ou o pai)

a ralharem com ela

- Larga isso

uma ordem ilustrada pela imagem da criança a torcer-se de cólicas por via do prego junto ao triciclo tombado, eu daí a pouco dez metros abaixo na direcção da foz chegando-me à

muralha e recuando a oscilar, a bota, afinal minha, a dançar com as palhinhas, se calhar
Tavira nunca existiu nem a praia nem o vendedor de bolos nem a miúda de máquina
fotográfica a escapar-se de um homem que me olhou um instante e ao olhar-me um instante o
tempo coagulou-se, parou, a mãe

(ou o pai)

da criança a exibirem-lhe o caroço

(ou o prego)

dotado de propriedades tremendas, difíceis de imaginar num volume tão pequeno

- Queres morrer?

à medida que eu pensava

- Tavira?

e os toldos se me desvaneciam da ideia, ficavam as respirações e
apelos dos pinheiros em Coimbra, o sofrimento das cómodas futuras a
estalar.

596

em que só a meio do sono uma vaga, acordava sonhando ouvi-la, pedia

- Repete

e vaga alguma, silêncio, eu desperta, sozinha, resistindo a adormecer interessada no mar,
talvez o sinta, talvez venha e em lugar do mar percebia, desencantada, os pinheiros de
Coimbra, os abetos da infância, os legumes sempre desejosos de atenção

- E nós?

se caísse na asneira de lhes dizer

- Não são vocês é o mar que me apetece

uma exclamação de ofensa, um meneio zangado, a certeza que a exclamação de ofensa a
impedir-me uma onda, a única em toda a noite que se ralou comigo, eu danada com os
legumes Não me impeçam a onda

a minha mãe O que foi?

e não podia responder-lhe visto que se me queixasse dos legumes defendia-os logo

- Cala-te

a pensãozita

(se é que Tavira foi verdade e Sintra e a hospedaria da Graça da qual me escapava antes da
noite pelo lado das árvores)

no extremo oposto ao mar, piteiras, casas velhas, a linha do comboio de Espanha em que
talvez não se viva de maneira diferente e portanto triciclos, pregos, uma mulher que se afoga,
não bem uma pensãozita aliás, o andar de um reformado que desde o falecimento da esposa,
por necessidade de alguém capaz de chamar a ambulância

(e os legumes, sem descanso

- E nós?)

se lhe der um desmaio alugava quartos à época o que me leva à pergunta de como faria no inverno sem um único hóspede e o mar então sim. nas suas febres de outubro, entrando-lhe porta dentro de

597

mente instalava-se numa cadeira junto à porta da rua não fechada à chave, no trinco, atento ao coração e à cabeça dado ser pelo coração ou a cabeça que as desgraças começam

- Se me der um desmaio abro-a logo

com um prato de sopa no colo e uma almofada para os incómodos da noite nas alturas em que o equinócio desinquieta as marés e espumas negras levam os toldos para cavernas onde, segurando-os nas patas dianteiras, os devoram rasgando-os, largando cordas e pedaços de pano que sobejam no que sobeja da praia, ignoro porque não fazem o mesmo com os legumes da quinta impedindo-os de me incomodarem com irritações, ciúmes

E nós?

não me apareça a defendê-los mãe

Cala-te

quando sabe tão bem como eu que é verdade, você, o meu pai e o empregado a semearem-nos, a regarem-nos e eles de imediato

E nós?

não para os outros, para mim que sempre fui prudente e me mantinha afastada

E nós?

pegando-se à minha pessoa conforme o reformado da pensãozita em Tavira a desabotoar o punho da camisa, a estender o braço convidando-me a que eu dois dedos na pele, confrontando-lhe as batidas do sangue com o relógio

- Veja-me se este pulso está bom

o retrato da esposa impossível de perceber dado que uma jarra de

flores a cobri-lo e entre parêntesis, já que estamos nisso, deve ter experimentado o pulso durante trinta ou quarenta anos, de olho no ponteiro dos segundos, várias ocasiões por dia, emitindo no final de cada

exame um parecer que com o tempo se foi tornando mais sucinto até

se transformar num grunhido que em vez de contar o sangue se limitava a aguardar.

598

- Abotoa-te

no instante, quem sabe, em que a vaga que sempre esperei, que mesmo hoje, perdoe-se-me a inconfidência, espero, a que daria à minha vida uma razão que me escapa e que a decidir visitar-me me ajudará a fechar este livro

(sou eu que fecho este livro)

com a palavra fim, ou seja uma palavra não de pedido de auxílio nem de medo, uma palavra somente, quase nem um som, uma agitação breve derivado às minhas limitações motoras, uns círculos e pronto como no passeio do Beato

(a criança, o triciclo)

e nada mais na pagina vazia, talvez uma bota entre palhinhas, chegando-se e recuando sem tocar na muralha, a criança do triciclo a apontar com o dedo o sítio onde deixei de estar consoante Tavira, Sintra e o Jardim Constantino deixaram de estar, ficou não a hospedaria da Graça mas um chapéu de cerejas de feltro sobre uma cama deserta e um cacto num muro, um chapéu que me comoveria se me comovesse ainda, se persistisse em mim algo capaz de respirar no género de um remorso, uma dor, eu quase satisfeita observando o chapéu

- Olha um remorso uma dor

e a criança a fitar-me sem abandonar o triciclo, por um instante ela e eu da mesma idade, entendendo-nos, até a criança resolver disfarçar-se de criança metendo o carço ou o prego na boca e recomeçando a pedalar na plataforma de cimento para longe de mim, no sentido onde o pontão outrora com os seus restos de barcos, os seus rolos de corda, os bebés que em breve gritariam de fome alongando os pescoços nos ninhos das molduras, o senhor ao colo da mãe (nunca lhe aceitei o dinheiro, como poderia aceitar-lhe o dinheiro?)

numa fotografia de estúdio em que uma princesa de laçarote no cabelo remava num lago livre imediatamente, se me dessem liberdade.

599

remava num lago, não insistir na descrição dos telões

(poupava tanta coisa desnecessária a tanta gente se terminasse iá)

a ganharem pó a um canto

(a partir do momento em que cheguei ao chapéu sobre a cama vazia para quê continuar?)

numa cave entaipada, a insígnia Photo Royal Lda não sobre a montra, no chão, conservava as cartas dele na minha gaveta em Coimbra, hoje

(escrevia-me)

resolvi em menos de uma hora um problema de damas, orgulhe-se de mim por favor, e explicava-me com setas de várias cores os movimentos das pedras, na última carta, a seguir ao problema dos domingos, mais difícil que os problemas da semana, uma pergunta em letra miudinha, medrosa da resposta

a menina faleceu não foi?

e a despedida cheia de nove horas, o nome completo, os legumes ultrajados

- E nós?

o sacho do empregado não a cavar-me o corpo, a aleijar-me os pulmões, a bailarina ergueu o braço e parou, ergueu o braço mais um pouco, entortou-se preocupada

- Faleceste a sério?

e se faleci apontem-me depressa com o dedo onde deixei de estar dado que com o tempo tudo mais abaixo no sentido da foz, aproximando-se e afastando-se sem tocar na muralha conforme as recordações se aproximam e afastam, insignificantes, miúdas, eu a perguntar-me

- Serão minhas?

indecisa quanto a ele a espreitar-me à socapa em Tavira quando a família entretida com os bolos ou a visitar comigo as acácias de Sintra, flores amarelas, disso recordo-me, uma vereda em que um negrume dele

600

Afinal sou assim

tão diferente da que morou com os meus pais e se escondia no quarto derivado à enxada que lhe ameaçava o ventre enquanto na igreja deserta as imagens dos santos a condenavam ao Inferno, eu a pensar se calhar o Inferno é isto, uma majestade sombria, se calhar o Inferno é não haver mistério, quando eu era pequena davam corda à bailarina, uma musiquinha desafinada acompanhava os rodopios e a minha avó a lamentar-se

- Não aguento este barulho

a musiquinha exausta uma nota aqui, outra ali, julgávamos que muda e uma nota perdida, mesmo depois de muda tinha a impressão de escutá-la

(como fechar este livro?)

e não bem uma nota, passavam-se minutos, a gente descansados e vai daí, sem aviso, nós à mesa a comermos e desmesurado à força de microscópio

(os garfos a flutuarem, a minha avó de mão no peito)

um pinguito de som, um segundo pinguito a meio da noite enchendo a casa, apesar de tão ténue, num sobressalto de estrondo, a minha prima a impedir o marido de esmagar com o tacho a bailarina oblíqua, sem feições tirando o cantinho da boca que utilizava para comunicar comigo, se por acaso eu defronte da mesa de pé-de-galo a minha mãe logo

(como fechar este livro?)

- Sai daí

(a maçada com o fecho do livro é que não basta uma agitação antes do silêncio, esta bota quase nova, estas palhas)

não fosse ela decidir-se por um impulso oxidado, necessito antes do silêncio de uma palavra como deve ser, não um pedido de auxílio nem um sinal de medo, uma palavra somente

e o resto da página branca, o chapéu das cerejas de feltro orgulhoso de mim, uma palavra semelhante a um pinguito de som que não

sai. ,, à mesa em sossego.

601

Continua a valsar se te der gana o que me importa?

por conseguinte, onde é que eu ia, acho que no impulso oxidado que mal o mencionei me trouxe logo à memória os pinheiros de Coimbra, o senhor perto da cerca

(dizia-me)

na esperança de luz numa janela e nenhuma lâmpada nunca, lâmpada, aliás, que se eu

acendesse hoje ele não podia ver, vejo-a no seu lugar, empurrando sombras para o canto da sala, a minha, por exemplo, entre o armário e o baú e que daqui a bocado, com a vinda da manhã

(que horas são neste momento?)

começará a diluir-se transformando-se em calíça ao ponto de me interrogar onde estou até que o sol a traga de volta alongando-a no chão, os pinheiros de Coimbra ou a trepadeira da Graça em abril, agulhas, gavinhas sem energia que não prendiam o ar, o ourives

- És servida?

e a minha mãe obrigando-me a caminhar mais depressa

- Não respondas

não, enganei-me, isto não comigo, com a da arvêloa e da praia, a que me ordenou

- Tu é que fechas o livro

a que manda na gente ou a quem mandaram que mandasse na gente, um fulano que não conheço a desesperar-se connosco, a alterar, a trocar-nos

(- Não é assim que gaita)

a voltar ao princípio, o fulano que decidiu não há muito, acho eu

- Es tu que fechas o livro

e embora arrependido de eu a fechar o livro continua por teimosia a escrever, ou seja que eu neste andar não muito longe do Beato esperando quem não virá ou não esperando nada, não ouvindo nada, não falando, eu com a bailarina na mesa de pé-de-galo para a qual nem olho nunca

602

querido da minha prima trouxe-a da feira em Pombal onde ela com mais trinta, umas de saia azul, outras de saia verde, sobre um pano no chão, o marido da minha prima sem fechar a porta

(sinal de entusiasmo)

desembarçou-a do papel de seda, de um segundo papel de seda, de um terceiro papel, não de seda, uma folha de jornal

(as brancas jogam e ganham)

a chamar-nos

Vejam isto

deu sete ou oito jeitos com uma espécie de chave, mandou que recuássemos esvoaçando mãos

Esperem só

desamarrotou-lhe a saia com a pontinha dos dedos Havia azul e havia verde

a minha prima Tinha preferido o verde

e a bailarina, estremecendo a meio do percurso numa resistência qualquer, um aleijão do mecanismo, um espigão, um ressaltito, principiava a mover-se, o marido da minha prima para a minha prima num ódio manso, demorado, demasiado manso e demasiado demorado em que

se adivinhavam gritos, um pontapé numa cadeira, uma garrafa a tombar

- Tinhas preferido o verde porquê?

e antes que a minha prima enumerasse razões, à medida que a música não ainda pinguinhos, uma chuva de notas, essas que na primavera, quando por acaso uma nuvem, cantam nos gerânios, à medida que a música se ia tornando mais rápida, mais clara e a bailarina trepidava no ressalto, inclinando-se para a direita e para a esquerda de expressão impassível

(de início olhos, lábios, as feições completas, cerdas nuns furos, quatro ou cinco, a imitarem cabelo)

a bailarina uma sacudidela no aleijão do mecanismo

603

antes de o ultrapassar numa guinada, a minha prima, arrependeivos

Não penses que desgosto do azul

uma das garrafas do aparador a aproximar-se do rebordo, indecisa

Caio primeiro que as outras?

lágrimas sem dono penduradas na sala à procura de pálpebras

Estou mesmo a jeito prefiram-me

a bailarina rodopiando sempre a informar

Não é assunto que me diga respeito

o tacho do marido da minha prima também manso, demorado, quase tão manso e demorado quanto a voz

Tinhas preferido o verde não era?

dando ideia que de acordo com o verde, preferindo o verde igualmente

(Começo a dar-te razão sou mesmo parvo não sou é tão catita o verde)

a minha prima apoderou-se de uma das lágrimas e colocou-a às cegas entre a bochecha e o queixo, a lágrima mal ajustada, sem uma covinha de pele, desatou a descer, eu a ampará-la com o dedo

Segure-a senhora antes que caia no soalho

lágrimas mais ruidosas que cadeiras, garrafas, o meu pânico se a minha mãe a chorar, procurava-lhe o colo

Mãe

tão agitada, nervosa, a chorar igualmente, a cara dela nas palmas e eu a tentar despegá-las

Mostre-me a cara mãe

não uma cara de mulher, uma cara de criança, desarrumada, frágil, não azul, não verde

(o marido da minha prima a preparar o tacho

- Todos preferimos o verde)

quase roxa, vermelha, a sacudir os ombros porque uma resistência, um aleijão do mecanismo, um ressalto

- Deram-lhe corda mãe?

604

E melhor ao contrário sente-se ao meu colo senhora
(quantas vezes na hospedaria da Graça a cabeça do senhor no meu
ombro eu que não tenho ninguém, nem uma filha para amostra, nem um rolo de cordas num
pontão a quem possa dizer

-Pai

não interessa que não uma pessoa, um rolo de cordas num pontão e a ideia de um comboio
chegam para que a gente

-Pai

o meu pai a que nenhuma de nós ligava morou aqui comigo, tratava dele sem o ver)
quando a bailarina se imobilizou interrompendo a pirueta, orgulhosa, a fitar-nos, a minha avó
estarecida

Parece uma francesa

e mais lágrimas à espera que se servissem delas
(nunca aprendi a utilizá-las, não choro)

um galo tresnoitado soltou-se com ímpeto da própria garganta e riscou tudo de giz, traços que
queimavam na ardósia da janela cobrindo o vento, os legumes, os pinheiros de Coimbra, a
minha prima para o tacho ao mesmo tempo que o galo se calava e as pás do moinho da rega
farejavam brisas

(serão os barcos ao baloiçarem que fabricam a enchente?)

Não tive intenção de ofender

a bailarina já não verde nem azul, cor alguma, dando-lhe corda um arranco, dois arrancos e
cansada, o braço erguido a justificar-se

- É difícil

o meu pai morou aqui comigo, tratava dele sem o ver, trazia-lhe a comida, ajudava-o a
barbear-se, nenhum de nós falava, como diabo se percebe que uma pessoa falece se não fala
connosco, na hospedaria da Graça o senhor e eu lado a lado não deitados na cama, vestidos,
em silêncio também, uma ou duas tardes, se tanto, a mão dele sobre a minha, demorava-se um
momento, dava conta que se demorava, ia-se embora

605

a filha dele à espera no largo
(como fechar este livro?)

não descontente comigo, acolá simplesmente, em Tavira desviava-se da mãe e da irmã, do pai
não e no entanto se o pai uma frase, uma festinha

- Que é isso?

a morrer pela frase, a festinha e

- Que é isso?

o cotovelo de imediato

- Que é isso?

com três, quatro anos, a seguir dez, a seguir doze e o cotovelo sempreQue é isso?

ao perguntar-lheEla não gosta de si?

a mão apertando-me sete, onze, cinco vezes como se faz com as miúdas e só então a ir-se embora

- Perdão

espreitei de novo e a filha a abandonar o largo, deu-me ideia que a enxerguei em Sintra a espreitar-nos, seguia-nos até às acácias e mal as primeiras flores sobre o muro perdíamo-la, se me consentissem

- Fecha este livro como quiseres

terminava-o aqui, com pétalas amarelas descendo na sombra, colocava os taipais, batia a porta de casa e não se notava senão um prédio entre prédios e a rua vazia, pode ser que então, depois de tantos anos, um pinguinho de som, alguém que não era ele e tanto desejei que fosse ele ao meu ouvido

- Não sentes o mar?

o senhor que depois de o levarem da hospedaria da Graça não tornei a

(se depois de o levarem da hospedaria da Graça eu pudesse)

o senhor que depois de o levarem da hospedaria da graça não voltou.

606

da entrada impossíveis de subir, um dos rapazes de cabeleira postiça deu-me corda, ajudou-me, um impulso, outro impulso, um rodopio penoso, o rapaz de cabeleira postiça a segurar-me o sovacoEmpenou tiazinha?

(se lhe pedisseDê-me corda de novo

compreender-me-ia?)

não se sentia o mar mas sentia-se a trepadeira na fachada, o eléctrico equilibrando-se a custo ao desfazer a curva, costumava demorar-me na paragem como se os pinheiros de Coimbra, de quando em quando uma cotovia

(silvos curtos, rápidos)

mais próxima que os ramos, quase dentro do sanatório e a empregada dos almoços

Não te apetece a sopinha?

o pássaro quase a bicar-me o ombro, se me bicasse o ombro, apesar da febre, eu contente

(ora aqui está o fecho do livro, a tal palavra confusa, não há dúvida, encontrei-a, estou a aproximar-me dela)

a mulher do tubo na garganta mais magra, o sopro de vogais onde uma consoante anunciava

Piorei

o cabelo os furos da boneca a que faltavam cerdas, um restinho da boca, o dó dela por mim
(devia haver lágrimas na Graça que a gente alugasse)

O mesmo quarto madame?

o mesmo quarto senhora, mais pequeno três anos depois apesar do mesmo cabide no mesmo prego, a mesma colcha, as mesmas vozes em torno, uma gargalhada

(várias gargalhadas, tão fortes)

objectos que arrastavam no chão, de começo não dei por falta da trepadeira, percebia uma ausência sem entender o que era mas acontece-me tanto perceber uma ausência sem entender o que é, fico quieta a

607

- O que me falta senhores?

e a enxada do empregado do meu pai cavando, cavando, não desviou os olhos para mim, nunca a sua voz

- Menina

(ao chegar à janela verifiquei que tinham cortado o galho) ia ao seu encontro no alpendre com as sandálias do meu pai nos pés dificultando-me o andar e o empregado na latada a fugir-me, encontrei-o no fim da vinha, onde as laranjeiras começavam, de chapéu de palha sem cerejas de feltro, segurava um alicate, não a enxada, onde largou a enxada diga-me, abra-me não desagraftando o vestido, arrancando-o, as sandálias com intenção de correrem para casa e eu

- Não se mexam

não se atrevam a mexer-se, obedeçam-me, não distinguia as feições do empregado devido à aba do chapéu, distinguia a garganta a engolir como se uma espinha a rasgá-la, os dedos brancos no alicate apertando-o

(se me dessem corda girava)

os insectos da terra a ensurdecem tudo, mesmo que me gritassem

(a minha mãe por exemplo)

não podia dar fé, mesmo que o sino da capela ou cães ou os enguiços da nora, a minha prima, tão remota

- Tinha preferido o verde

os insectos a ensurdecem tudo menos a minha prima

- Tinha preferido o verde

ralos grilos besouros grandes larvas cinzentas na transparência dos ovos, essas feias, compridas, que vão surgindo das malvas, nos devorariam se nos deitássemos, se escondem nas raízes, tive a certeza que as sandálias

- Vou dizer ao teu pai

o empregado de cigarro apagado na orelha conforme os comerciantes

608 I

a impedir-me, morder a almofada na hospedaria da Graça, afundar-me no colchão à medida que o sangue ia proliferando em mim, não imaginava que tanto sangue no meu ventre, espesso, rápido, feroz, sempre pensei que tímido, doce, e espesso, rápido, feroz, uma manhã vi uma ovelha de banda na erva a parir, as patas amoleciam-lhe ao passo que as minhas patas não amolecem, as minhas coxas larguíssimas, as sandálias do meu pai

- E agora?

nunca dessa forma com o senhor em Sintra, em Tavira, somente

- Fico consigo descanse

e a mão dele sobre a minha, não incomodando-me, poisada, ele ao meu colo quase, porque não traz um cigarro na orelha senhor, se ao menos dedos brancos apertando o alicate, apertando-me, um joelho nos meus joelhos, prender-me o pescoço consoante a minha mãe as galinhas, os tornozelos vivos sob a cabeça morta continuando a correr, os olhos do empregado do meu pai, sem pupilas dentro, duas uvas apenas, esmagá-las, mordê-las, a terra menos dura que eu supunha afinal, se conseguisse romper a almofada da hospedaria da Graça, romper-me antes que a corda acabe, a musiquinha calada, eu uma sandália apenas a dar fé dos sinos, dos cães, dos enguiços da nora, a ovelha a lambar o cordeiro que tentava equilibrar-se, tombava, conseguia, achei a segunda sandália, vi o chapéu de palha afastar-se, o cabide, as estampas do quarto, a minha voz que teimava

- Fico consigo descanse

dirigindo-se a quem, a filha do senhor no largo (a minha voz, ajudem-me, dirigindo-se a quem?) o vendedor de bolos que troçava de mim, o senhor com a esposa apesar de

- Quero-te comigo no Algarve

sem olhar para mim, olhe para mim, estou aqui, sou uma bailarina repare, coloque a palma onde digo, note a espinha na garganta a arrancar-me, e aquele horror murasse na oensãozita não

609

(- Não o sentes o mar?)

ralos grilos besouros grandes larvas cinzentas, o reformado a estender-me o punho da camisa convidando a que eu veja se o pulso está bom

oferecia-me de jantar Bom apetite

e felizmente que a defunta não podia alcançar-nos atrás da jarra das flores, continuava a sorrir no lugar em que os mortos habitam, o reformado na despensa em que latas de feijão, geleias

- Um golito de vinho?

se as sandálias do meu pai no armário calçava-as sem me importar com as ameaças Vamos fazer queixa de ti

perguntava para a despensa Acha que a defunta se zanga?

a defunta indignada nas flores mas fico consigo, descanse, trago o saquinho do crochet, a cadeira de lona, não me vou embora prometo, não me mexo, não danço, um dos rapazes de cabeleira posticha a ajudar-me a acertar com os degraus

- Gripou tiazinha?

sem admirar a minha saia verde, não azul (a minha prima

Não sei porquê o azul)

avisem as lágrimas que não preciso delas, não me perguntem

- E eu?

escusam de ter esperança, não as quero, o doutor do hospital

- Está melhor da tristeza?

claro que estou melhor meu filho, obrigada, na pensãozita de Tavira o reformado a emocionar-se ao servir-me dado que o nariz lhe vibrava, uma aresta do assento beliscava-me a nádega, eu por educação a suportar a aresta de modo que no fim da sopa só a minha nádega existia com a aresta a adorná-lo. uma riunião

610

(não imaginava que tanta carne em mim) exigindo

Salva-me

a aresta a atormentar-me o osso, a subir pela espinha e nisto, nos antípodas, uma onda, o suspiro da água ao retrair-se na areia, a impressão de recolher devagarinho à algibeira do mar, de que o mar refluía

-Adeuzinho madame

levando as luzes consigo, as fileiras de toldos, a ponte, os rochedos que me intrigavam dado que num deles um pedaço de corda e uma caixinha vazia contendo o quê quem por que razão como, do lado oposto ao vento umas mimosas, uns ninhos, o reformado

- Madame

ridículo de esperança, o que deve ter demorado a compor o cabelo, a pensar num discurso

Desde que a minha esposa

a esposa atrás das flores a aprová-lo e sob a aprovação a aresta na minha nádega imensa, a cabeça minúscula, os membros minúsculos, a minha voz minúscula

- Dá licença que me levante senhor?

se a aresta se esquecesse de mim e não esquece, em catraia logo que um queixal me doía desatava a correr até escapar à dor, virar numa esquina, enfiar num portal, a dor sem encontrar-me

Onde te meteste vem cá

segura que eu lhe pertencia, se um galo abrisse a garganta de um único golpe, se elevasse de si mesmo e me riscasse de giz até que não me vissem, no sítio onde estive traços brancos de ardósia, ninguém, eu com o empregado onde as laranjeiras começam, as sandálias do meu pai

- Ai de ti

se as flores das acácias me ocultassem recomeçando a tombar,

611

A neve

não a voz dela, o tom dos sonhos que parecia pensar-se à medida que falava

A neve

eu quietinha, se as apanhasse pétalas desapareciam-me nos dedos, uma aguazinha de lágrimas ou nem aguazinha sequer, segurando-as morriam, a mão do senhor na hospedaria da Graça onde eu mordida a almofada, não desagrar o vestido, arrancá-lo, colocar os dois punhos na gola separando-os com força e o tecido a ceder, a garganta que engolia como se uma espinha a arranhar sem que o senhor entendesse conforme não entendia a minha boca na almofada, o sangue que ia proliferando em mim, espesso, rápido, feroz, o empregado a puxar o cigarro da orelha, a acendê-lo, ainda que se zangassem não podia dar fé, o sino da capela, os cães, os enguiços da nora, ralos grilos besouros grandes larvas cinzentas na transparência dos ovos, a mão do senhor a desligar-se da minha

E verdade?

e apesar dos insectos a ensurdecem tudo eu

Fico consigo descanse

a descobrir-lhe o ombro, o enchumaço do casaco, fosse o que fosse de seu, eu deitada de lado de patas a amolecerem (sou uma ovelha não sou?) eu

Por favor não chore não tive culpa não tem culpa

eu

(e a ovelha em paz a lambar o cordeiro que procurava equilibrar-se, tombava, conseguia, vi o chapéu de palha ao comprido da vinha, os dedos no alicate apertando-o)

eu

Fico consigo descanse

consigo nas acácias de Sintra, na cadeirita em Tavira, deixo-o olhar

612

eu uma ovelha, um bicho, mesmo que o meu paiCabra cabra

o reformadoMadame

e claro que estou melhor senhor doutor, entreguei a chave na hospedaria da Graça, nunca pensei que a filha à minha espera no largo difícil de separar das árvores, do sol, não um rapaz de cabeleira postiça, não um cliente, não os operários num dos prédios vizinhos, a filha, não a casada, a mais nova

- Não quero seja o que for de você só quero vê-la de perto

a que ele acompanhava ao circo, nunca se lhe referia e no entanto (- Ofendi-a madame?) nunca se lhe referia e no entanto (o senhor viúvo disse madame, eu madame) nunca se lhe referia e no entanto se por acaso o seu nome a expressão dele diferente, chamava pela filha enxotando-a, não era capaz de

- Filha

(- Não sou capaz)

não era capaz comigo tão pouco, o meu sangue parado

(- Não sou capaz contigo)

nenhuma garganta a engolir como se uma espinha arranhando-a, nenhum sangue no meu ventre, a trepadeira da hospedaria da Graça num vazio triste, acanhado, chamava pela filha enxotando-a

- Ajuda-me

enquanto à outra, a mais velha, a casada, chamamento nenhum, não me peça perdão, não se desculpe, não me prometa nada

(tanto dó em mim)

fico consigo descanse, o meu sangue não espesso, rápido, feroz, com o senhor tímido, doce, eu não rasgada, inteira, aceitando a sua palma na minha, no caso de um comboio de França ele

- Nunca é o meu pai

a filmar sobre um rolo de cordas

613

noivas que gritavam saindo das molduras a perseguir as traineiras, ao emergirem dos caniços os véus delas com lama, a mesma do meu vestido no extremo da vinha onde as laranjeiras começam, o reformado na pensãozita em Tavira

(não uma pensãozita, um andar, recebia hóspedes desde que a esposa faleceu)

- Dá licença madame?

de que faleceu a sua esposa senhor, será que eu falecida, defunta numa cadeira de lona sem me interessar pelas ondas abrindo o saquito deste crochet que detesto, as flores das acácias à minha volta a caírem quando o reformado

- Dá licença madame?

não o quarto da hospedaria da Graça, não existia cabide, estampas na parede, não existia a colcha, existia uma espécie de manta, um santinho

(São Jerónimo, Santo Eleutério, tanto faz)

num nicho, a suspeita que ralos grilos besouros grandes larvas cinzentas na transparência dos ovos, tentei equilibrar-me, tombei, consegui, o reformado

- Madame

(se eu pudesse dançar)

lembro-me dos sapos a cantarem no orvalho, eu não com as sandálias do meu pai, descalça, em busca da enxada contra a sebe ou no socalco da vinha, uma aldeia no horizonte do campo, julgo que cedros depois, nesses cochichos das árvores se não podemos vê-las, o barraco do empregado no escuro, se o meu pai adivinhasse trazia a poia, matava-o, o cigarro a soltar-se da orelha, sem o chapéu de palha as feições dele comigo, diversas do que eu pensava numa espécie de riso, dar com a enxada, abraçá-la, arrancar eu mesma o vestido

(a camisa de dormir?)
o vestido, a enxada a cavar, a cavar
(nunca desviou OS olhos para mim.

614

- Menina

e as minhas costas nuas, não morena como sou, pálidas, os dedos no alicate brancos, as
minhas costas pálidas, mau grado não conseguir vê-las as minhas costas branquíssimas)

felizmente não calcei as sandálias do meu pai demasiado grandes para os meus passos,
dificultando-me o andar ou nem dificultando-me, recusando-se a andar

- Estás arranjada connosco

eu tão leve, rodopiando, girando, o braço erguido, uma das pernas dobrada, nenhum aleijão
do mecanismo, nenhum ressaltado a impedir-me, a que manda na gente

- Ora aqui tens a arvéloa aqui tens o mar

morder a almofada na pensãozita em Tavira, afundar-me no colchão, o reformado sem dar
conta dos ralos grilos besouros grandes larvas cinzentas na transparência dos ovos, das flores
de laranjeira sobre nós repare, ia jurar que a filha do senhor, não a casada, a que ele chamava
enxotando-a, a ver-nos, a apertar-lhe os dedos sete, onze, cinco vezes

-Pai

não ouve a sua filha

(fico consigo descanse)

-Pai

-Pai

o reformado arrependendo o lenço e com o lenço chaves, moedas, o que se me afigurou um
recibo

- Ofendi-a madame?

quando lhe pagava às quintas-feiras

(ganhava coragem sem se atrever a encarar-me deslocando um cinzeiro, um boneco, o nariz
do boneco não a sério, pintado no verniz)Paga-se as quintas-feiras madame

pedia-me que saísse um momentoNão se importa madame?

615

(ficava mais alto, mais direito ao colocar a tampa de novo)

e nisto, sem que a esperasse, uma onda

(- Não sentes o mar?)

por que razão não o reformado comigo na hospedaria da Graça

(não sinto o mar desculpe, sinto aquele cheiro das parras, um noitibó do crepúsculo entre o
chiqueiro e os ciprestes, a impressão que o chapéu de palha a vogar quase amarelo entre
manchas castanhas)

por que razão não o reformado comigo na hospedaria da Graça, notar-lhe os passos entre clientes, mulheres, rapazes de cabeleira postiça

(- Mais um degrau tiazinha)

um deles com uma pulseira fosforescente que azulava as escadas, qualquer coisa como um riso ou assim e contudo não alegre, uma espécie

custa escrever a palavra, uma espécie de vômito, não bem vômito, resta-me esperar que se perceba, um riso não alegre, não de pessoa, muitas coisas

(não alegre ou talvez também alegre não sei)

que tombavam da boca, um riso não alegre, uma espécie de ameaça, se alguém risse dessa forma junto a mim eu com medo e por causa do medo eu para o reformado

- Fico consigo descanse

a sua mão sobre a minha a ajudar-me, pode ser que uma volta, duas voltas, ultrapassar o aleijão do mecanismo, o ressaltio, eu torta continuando a girar, quando doente em Coimbra dava atenção aos pinheiros, não às copas em si, às respirações, aos murmúrios

(oá, oá, oooááá)

ao sofrimento das cómodas futuras a protestar na madeira, segure-me na mão antes que eu dez metros abaixo no sentido da foz, aí está o triciclo, o casal, a criança a apanhar um carçoço ou um prego, a aperceber-se da minha queda, a

(- Ofendi-a madame?1)

616

(- Ofendi-a madame?)

para assistir ao afogamento que presumo não muito longo derivado à idade e limitações motoras, uma agitação breve, uma palavra não de pedido de auxílio nem de medo, uma palavra apenas à medida que os toldos e a ponte se me desvanecem da memória, eu quase a alcançar a muralha sem tocar na muralha, a avançar, a deter-me, a recuar, eu

- Fico consigo descanse

enquanto a música se cala em pinguinhos de som e um casal de idade

(eu e o reformado que depois de enfiar a lata mais alto, mais direito)

aqui sentados à espera até que uma criatura de chapéu de palha com cerejas de feltro

(a da arvéloa, a do cacto, a que manda na gente)

empurre a porta de súbito sem respeito por nós e nos expulse para a rua

(uma azinhaga de Sintra, o Beato, Tavira)

a informar mudei de plano, não preciso de vocês, sou eu que fecho o livro, vão-se embora, acabou-se.

Fim.

